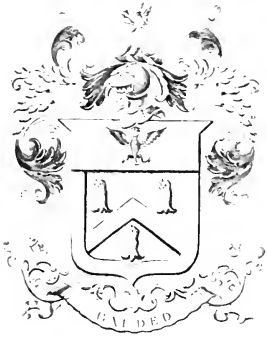
38



John Carter Brown
Library
Brown University

SERMOENS
DO
P. ANTONIO
VIEYRA.
TOMO XII.

SERMONES
DE
S. ANTONIO
PADUANO
TOMUS XII.

SERMOENS
DO
P. ANTONIO VIEYRA
Da Companhia de Jesu,

Prègador de Sua Mageſtade.

PARTE DUODECIMA
DEDICADA
A' PVRISSIMA CONCEIÇAÕ
DA VIRGEM MARIA
SENHORA NOSSA.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade.
Com todas as licenças neceſſarias. Anno de 1699.
A' cuſta de Antonio Leyte Pereyra.

LICENÇAS.

Da Religiaõ.

EU Alexandre de Guſmaõ da Companhia de JESU; Provincial da Provincia do Braſil, por commiſſaõ eſpecial, que tenho do N. M. R. P. Thyrſo Gonçales, Prepoſito Gèral, dou licença para que ſe poſſa imprimir eſte livro da Duodecima Parte dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da meſma Companhia, Prègador de Sua Mageſtade; o qual foi reviſto, examinado, & approvado por Religioſos doutos della, por nòs deputados para iſſo. E em teſtimunho da verdade dei eſta ſubſcrita com meu ſinal, & ſellada com o ſello de meu officio. Bahia aos 20. de Junho de 1697.

Alexandre de Guſmaõ.

Do Santo Officio.

VIſtas as informações, pode-ſe imprimir a Parte Duodecima dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da Companhia de JESUS, & depois de impreſſa, tornará para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella não correrá. Lisboa 8. de Agoſto de 1698.

Eſtevaõ de Brito Foyos. Sebaſtiaõ Diniz Velho.
Ioaõ Carneiro de Moraes. Ioaõ Moniz da Sylva. Fr. Gõçalo do Crato.

DO Ordinario.

VIstas as informações, pode-se imprimir a Duodecima Parte dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da Companhia de JESUS, & depois de impressa tornará para se lhe dar licença para correr, e sem ella naõ correrá. Lisboa 14. de Agosto de 1698.

Fr. Pedro Bispo de Bona.

Do Paço.

CENSURA DO ILLUSTRISSIMO, E REVERENdissimo Senhor Dom Diogo Justiniano, Arcebispo de Cranganor, do Conselho de Sua Magestade, &c.

SENHOR:

MAndame Vossa Magestade ver o Duodecimo Tomo dos Sermões do Padre Antonio Vieyra, dignissimo Pregador de V. Magestade, glorioso timbre da Naçaõ Portugueza, Mestre universal de todos os Declamadores Euangelicos, venturoso Alumno da sempre esclarecida Companhia de JESUS: & que entrepondo o meu juizo, diga o meu parecer sobre a estampa deste livro, que sendo na promessa do Author o ultimo dos seus Sermões, ainda não he o posthumo. Todas as composições deste grande homem parecem ultimas, porque depois de qualquer dellas, não se pòde esperar outra mayor, nem ainda igual. A sua eloquencia, porèm, vence de tal maneira a nossa admiraçaõ, que o vimos prorompper em doze partos iguaes, & tam perfeitos, que cada hum delles por consummado pareceo o ultimo: & se a maõ, que escreveo

eſcreveo eſtes diſcurſos ; tiverā actividade pāra depois das cinzas mover a penna , veriamos, que ſendo na perfeiçaõ cada hum dos ſeus Tomos ultimo , não poderia haver já mais ultimo algum em os ſeus Tomos , porque foi inexhaurivel a fecunda vea do ſeu genio. Tudo o que della correo , ſe pela perfeiçaõ foi ultimo , o não ter ultimo foi a ſua mayor perfeiçaõ.

Dos Sermões do Padre Antonio Vieyra ſó deſcubro em Job algũa analogia , ſe bem que não he proporcionada a ſemelhança, porque no Padre Vieyra foi a ſemelhança tam ſingular , que ſó nelle ſe deve buſcar o ſemelhante , Job foi tam grande Prègador , que confeſſandolhe dentro na ſua Provincia a ſuperioridade todos os ſeus contemporaneos , lhe reconheciaõ ſingularidade no talento para o miniſterio do Pulpito, querendo que ſó a elle em todo o lugar ſe lhe levantaſſe a cadeira, como a Meſtre: *In platea parabant cathedram mihi, ut Magiſtro , ac Doctori* , diſſe Pineda. Eſte grande Prègador , querendo deixar os ſeus Sermões para exemplo da poſteridade, deſejou muito eſtampalos no chumbo, ou nas pedras: *Quis mihi tribuat , ut ſcribantur ſermones mei ? Sermones ſuos deſiderat ſcribi in libro ad doctrinam poſterorum* , eſcreveo Hugo. O Padre Antonio Vieyra deixou aos ſeus Sermões mais glorioſa eſtampa , pois no juizo dos homens tem a poſteridade o papel mais perduravel para a leitura dos ſeus eſcritos. E teve mayor fortuna nos ſeus Sermões do que Job ; porque Job teve muitos mezes no anno a quem não correſpondèraõ os ſeus diſcurſos , porque ſe não igualáraõ ao numero dos mezes do anno os ſeus Sermões : *Ego habui menſes vacuos.* A eſtampa , porèm , deſte Duodecimo Tomo , fórma dos eſcritos do Padre Vieyra hum anno inteiro , porque a cada mez do anno correſponde hum Tomo : & ſe nòs pelas materias dos Tomos houveſſemos de contar os mezes do anno , ſeria neceſſario acreſcentar ao anno os mezes , porque nos ſeus eſcritos ha materia para muito mais Tomos.

Job cap. 29. n. 7. Pineda hic.

Job cap. 19. n. 23. Hugo hic.

Job cap. 7. n. 3.

Eſte inſigne homem , verdadeiramente, Senhor , foi hum

monſtro daquelles de quem diz o ſagrado Texto, que eraõ da geraçaõ dos Gigantes: *Vidimus monſtra quædam de genere Giganteo*; pois em tudo foi hum monſtro o Padre Antonio Vieyra. Nas eſpeculaçõcs Gigante, ſem ter a profiſſaõ das Cadeiras. Nas Theologias expoſitivas Gigante, como ſe para elle ſó foſſem as Eſcrituras. No zelo da honra de Deos Gigante, como ſe á ſua conta ſó eſtiveſſe a reforma do mundo. No amor do proximo Gigante, como ſe as Miſſões foſſem ſó para o ſeu talento. Nas politicas Gigante, como ſe as razões de eſtado foraõ ſómente a occupaçaõ dos ſeus eſtudos. Na honra da Patria Gigante, deſejando de Reyno, mudala em Imperio. Na emulaçaõ de muitos Gigante, mas tam ſingular, que ainda vencidos os oppoſtos, ficavaõ glorioſos, porque eraõ de tam deſmarcado monſtro vencidos. Nos infortunios do mar, & da terra Gigante, porque ſuperior a toda a diſgraça, & mayor que toda a fortuna. No conhecimento do mundo Gigante, porque meteo debaixo dos pès as ſuas promeſſas. Finalmente Gigante nos paſſos, pois correo quaſi toda a Europa, atraveſſou grande parte da America, pizou na Africa não pequena parte: & para que a Aſia não tiveſſe a diſgraça de lhe faltar a preſença de tam grande homem, ſe lá não chegou a ſua voz, lá ſe lhe ouvio o ſeu ecco: porque para em tudo ſer Gigante, a cuja preſença rendeſſe o mundo as veneraçõcs devidas ao ſeu talento, ſe converteo nos ſeus eſcritos, para que ao meſmo tempo, que no ſepulchro eſtá emudecida a ſua voz, atroe em todas as quatro partes do mundo o ſeu brado. E em materias tam differentes, ſer o talento igual para tudo, eſta foi hũa das monſtruoſidades do juizo do Padre Antonio Vieyra.

Numer. cap. 13. n. 34.

Principe houve, que na urna das ſuas cinzas poz os ſeus eſcritos, & mandou levantar hum mauſoleo tam grande, que de todo o ſeu dominio ſe pudeſſe ver o ſeu tumulo, de todos aquelles, a quem chegou a noticia dos ſeus diſcurſos. Mais faz V. Mageſtade ao Padre Antonio Vieyra, porque depois da ſua morte, por beneficio da eſtampa, lhe faz V. Mageſtade as

honras

grande novidade, que prometendo o Padre Antonio Vieyra em annos tem avançados hũa obra, que segundo a sua direçaõ, ao menos, pedia doze annos, assim mediſſe a sua vida pela sua obra, que acabou a obra, & mais a vida.

Cicero na morte de Cesar, dizia, q̃ tivera este Imperador hũa notavel disgraça, & fora, que vivendo para a idade muito, para o seu prestimo vivera pouco: *Vixisti ætati satis, parum certe reipublicæ.* Para tudo viveo muito o Padre Antonio Vieyra, porque se para a vida contou noventa annos, para o prestimo não foi menor a sua idade: antes medio a sua idade pelo seu prestimo, porque desde a puericia, viveo para servir á nossa admiraçaõ.

Commummente aos homens grandes, para as suas emprezas lhes falta nos ultimos annos, o que perdèraõ nos primeiros, & aquellas fabricas, que delinea a alteza do seu espirito, ficaõ informes, porque lhes faltaõ as forças primeiro que se acabem as emprezas. O Padre Antonio Vieyra como não só foi grande, mas tambem unico, as suas emprezas foraõ iguaes às suas forças: porque prometeo doze livros, & acabou doze Tomos. Não foi daquelles de quem dizia Christo, que principiando a abrir os fundamentos para a torre, não podèraõ acabar o edificio: *Hic homo cœpit ædificare, & non potuit consummare;* porque principiou, & acabou a sua fabrica, pondo com este Duodecimo Tomo a coroa à sua obra. Luc. c. 14. n. 30

Venturoso filho, que em annos tam crescidos ainda achou forças no pay, para que pudesse gerar obra tam estupenda! Abendiçoado filho, que tendo filho da velhice, tem o vigor da mocidade! E se o duodecimo filho de Jacob aliviou em o pay a saudade da mãy; nòs com a mãy, a quem ficou entregue este duodecimo filho, aliviaremos as saudades do pay, pois em ventre tam fecundo, ainda do pay morto poderemos esperar geraçaõ em a mãy viva: & aquellas grãdes obras, que o Author no Prologo da sua Primeira Parte nos diz, que se achaõ forjadas em os seus escritos como na tenda de Vulcano, mas ainda imperfeitas, porque já as forças as não po-

dem

dem bater para as aperfeiçoar: veremos nós, que depois da morte do Padre Antonio Vieyra, tem ellas com toda a perfeiçaõ o seu nascimento; porque ainda que a mãy he mais velha que o filho, com tudo tem mais forças que o filho a mãy. Nem se póde esperar menos da ditosa mãy do Padre Antonio Vieyra, sendo esta a Companhia de Jesus, porque só aqui póde ter o Padre Vieyra companhia.

Em duas sepulturas enterrou Abrahaõ a Sara em o campo de Hebron: *Sepelivit eam in spelunca duplici*: porque nestes dous sepulchros, diz Hugo, enterrou o contemplativo da alma do morto, & a vida activa do corpo do vivo: *Spelunca duplex, vita activorum, & contemplativorum*; & na sepultura de Hebron, que quer dizer companhia, *Hebron, societas*, costuma ter companhia o morto, cuja alma contempla com a vida activa do vivo, para que a actividade do vivo publique as contemplações da alma do morto.

Genes. cap. 23. n. 19. Hugo hic.

Na companhia o vivo faz sociedade ao morto, & o morto tem companhia no vivo, porque no vivo fica resuscitado o morto. E se o morto na companhia, he resuscitado no vivo, teremos em tantos vivos da Companhia, resuscitado o Padre Antonio Vieyra depois de morto. Já não he para admirar aquelle grande segredo, que todos ignoravaõ no tempo do Senhor Rey Dom Joaõ o IV. dignissimo Pay de V. Magestade; vendo todos as incansaveis diligencias com que o P. Antonio Vieyra renunciou as mayores dignidades, só por se conservar, & viver na Companhia: porque sabia, que se fóra desta grande, & generosa mãy, havia de ser resuscitado no ultimo dia como todos os homens, antes deste dia, era bem que este grande homem resuscitasse; & para ser resuscitado antes da resurreiçaõ commua, só em Hebron immediata á sua morte podia ter logo a resurreiçaõ.

Esta resurreiçaõ, que depois da morte esperamos ver no Padre Antonio Vieyra antes do dia do juizo, por meyo das suas obras, não só firma na Companhia de Jesus o seu complemento, mas tambem no singular cuidado com que V. Magestade.

geſtade, & a Rainha noſſa Senhora ſe applicáraõ para à conſervaçaõ dos eſcritos de hum vaſſallo, que neſte ſeculo nenhum Principe o teve mayor, & ſó Deos ſabe quando V. Mageſtade o terá igual. Applicou V. Mageſtade, & a Rainha noſſa Senhora a conſideraçaõ á fragilidade caduca de hũa vida a quem a inveja da ſorte quiz acabar com varios infortunios; ſe bem todos pequenos para hum animo tam grande, & por iſſo todos foraõ pequeno deſejo para o ſeu triunfo; & para que no pò de tam heroicas cinzas, não tiveſſem parte os metaes de tam ſoberana eſtatua, procuráraõ Voſſas Mageſtades preventivamente o reparo para a conſervaçaõ do trabalho dos ſeus eſtudos.

Os Reys da Perſia, para ſe não perderem as obras heroicas dos ſeus vaſſallos, coſtumavaõ antigamente mandalas lançar nos Archivos publicos: aqui ſe conſervavaõ, mas não ſe communicavaõ aqui a todos, porque toda a poſteridade não podia ler o livro do ſeu depoſito. Voſſa Mageſtade, & a Rainha noſſa Senhora com mais ſuperior impulſo mandaõ vir da America os eſcritos do Padre Antonio Vieyra, & para os conſervarem em Archivo commum para todos, em todo o mundo haõde lançar as ſuas noticias, para que todos os homens poſſaõ ler as obras de penna tam rara, & ſaberáõ, que ſe Portugal das ſuas minas deſenterra preciоſas pedras, tambem tem depoſitos onde conſerva ſugeitos, em quem, quando lhe he neceſſario, deſenterra theſouros.

Theſouro foi o Padre Antonio Vieyra, & theſouro de toda a riqueza, porque nelle não depoſitou Deos couſa, que não foſſe preciоſa, & tam preciоſa, que ſendo os ſeus Sermões tam unicos, elle os julgava como de nenhum valor em comparaçaõ do preço, que ſe devia ao demais, que conſervava no theſouro do ſeu engenho. Fallando o Padre Antonio Vieyra das preciоſas pedras dos ſeus eſcritos em hũa carta familiar eſcrita cõ toda a confiança, dizia, q̃ naõ ſabia qual furor o arrebatára nos primeiros annos para abrir alicerſes a grandes Palacios, os quaes vieraõ a acabar nas pobres chouparias

Eſcrita ao Doutor Sebaſtiaõ de Mattos &

dos

Souſa da Cõgregaçaõ do Oratorio.

dos ſeus doze Tomos. Se eſtes ſaõ pobres tũgurios da ſua eloquẽcia, quaes ſerão os edificios da ſua idea, em cuja ſumptuoſidade tiveſſe o Padre Antonio Vieyra Capitolio condigno do ſeu juizo? Se tanta ſingularidade no dizer, & tam unica no amplificar, era no conceito do Padre Antonio Vieyra indigno theatro para o ſeu nome; qual ſerá o carro capaz para o ſeu triunfo?

Os primeiros partos dos Authores coſtumaõ ſer o fronteſpicio do ſeu talento: mas como o Padre Antonio Vieyra foi Author unico em todos os ſeus eſcritos, baſtaõ as ſuas choupanas, para dar a conhecer os ſeus Palacios, porque para a ſuſpenſaõ de todos baſtaõ os abortivos partos do ſeu engenho. Para o conhecimento dos Pigmeos não baſta ainda todo o corpo; mas para os Gigantes baſta hum dedo: & como o Padre Antonio Vieyra foi Gigante deſmarcado em todo o genero de eſcritura, baſta o ſeu dedo para o conhecimento da ſua eloquencia.

Eſtas razoens, Senhor, me obrigaõ a dizer a V. Mageſtade, que eſta obra merece a Real attençaõ de V. Mageſtade, que he o que baſta para explicar a ſua grandeza, & que V. Mageſtade não ſó ſe ſirva de conceder a licença, que juſtamente ſe pede, mas de mandar aos Religioſos da Companhia, que aſſim como nos communicáraõ as noticias das choupanas, aſſim nos dem o incomparavel goſto de podermos admirar as ideas dos Palacios de hum Architeto, que não teve igual: & ſe de muitos delles ſe não achar mais que o fundamento, alicerſes do Padre Antonio Vieyra por ſi ſó baſtaõ, como ſe foraõ maquinas grandes. Se na ſua *Clavis Prophetarum* falta algũa guarda para poder abrir em algum Capitulo dos Profetas; do Padre Antonio Vieyra não ha chave, que não ſeja meſtra, para poder abrir a fechadura de toda a difficuldade: & ſe ao ultimo Tomo deſta celebre obra, ſegundo me diſſeraõ, faltaõ ſó duas diſputas, melhor he que duas diſputas nos faltem, do que pela falta de duas diſputas ficarmos perdendo a dous Tomos, que forçoſamente devem

devem ficar ſem a ultima maõ, porque ſó a lima do Padre Antonio Vieyra póde aperfeiçoar condignamente a guarda da ſua chave,

Poſſo affirmar a Voſſa Mageſtade pela noticia, que deu em Roma, quem teve a fortuna de ver eſta grande obra, & pelas conferencias, que tive na meſma Corte ſobre a materia do ſeu argumento, q̃ em quanto não apparecerem eſtes dous livros, ainda eſtá no mundo por ſaber quem he o Padre Antonio Vieyra, & qual foi a ſingulariſſima comprehençaõ com que Deos dotou a ſua agilidade, porque tudo o que ſe tem viſto das ſuas obras, he hum corpo ſem alma a reſpeito deſta grande empreza, & depois que ſe communicar á noticia publica, veraõ todos tal differença dos outros eſcritos a eſte commento, que ou Antonio Vieyra no commento he outro, ou as demais obras não ſaõ parto do ſeu juizo. E ſe o mundo paſmou no que já vio, ſendo tudo iſto ſem comparaçaõ algũa menor que hũa ſó regra da *Clavis Prophetarum*; vem a ſer eſtes livros ſem controverſia algũa ſuperiores a todo o genero de eſcritura.

Seus naufragios tem tido eſta obra primeiro que tenha apparecido na luz da eſtampa. Hum no furto, que já ſe lhe intentou fazer, & ſem duvida ſe effeituára, ſe V. Mageſtade com a ſua Real attençaõ não fizera reſtituir ao Padre Balthazar Duarte, como a Procurador do Padre Antonio Vieyra, o theſouro, que nos roubavaõ de Portugal: outro naufragio foi o juizo, que muitos fizeraõ deſta empreza, ſem ſaberem, nem o que ella he, nem o que ella contèm. E para V. Mageſtade evitar ſegundo furto, & impor perpetuo ſilencio a quem falla ſem ſaber o que diz, deve mandar logo publicar eſta obra, ordenando, que em quanto ſe eſtampa eſte Tomo, ſe prepare a impreſſaõ para eſtes dous livros, & para tudo o mais, que do Padre Antonio Vieyra eſcreveo a penna, ou dictou o juizo. E porque não ſei ſe V. Mageſtade ſe ſerviá de me continuar a mercè de me mandar ver as demais obras, aſſim como foi ſervido, que eu reviſſe o Undecimo, & Duodecimo Tomo, ſup-

pondo

pondo ser esta a ultima vez, que por escrito falle nas obras do Padre Antonio Vieyra, peço a V. Magestade, que por sua Real grandeza me permita o ter deixado correr a penna para dizer em tanto papel tam pouco, porque assim ao menos se não digo o que devo, profiro o que posso. E concluindo com o meu juizo, acabo dizendo, que de tam grande homem, não ha letra, que se possa perder, nem sillaba, que se não possa estampar. Este he o meu parecer: Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa 5. de Septembro de 1698.

D. Arcebispo de Cranganor.

QVe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 12. de Septembro de 1698.

Marchaõ. Ribeyro. Oliveyra.

Está

ESTá conforme com o ſeu original. Liſboa, S. Eloy 7. de Dezembro de 1699.

Franciſco de S. Maria.

VIſto eſtar conforme com ſeu original, póde correr. Lisboa 11. de Dezembro de 1699.

Diniz. Carneiro. Mouiz. Fr. Gonçalo.

POde correr.

F. P. Biſpo de Bona.

TAxaõ eſte livro em doze toſtoens. Lisboa 14. de Dezembro de 1699.

Duque P. Roxas. Marchaõ. Pereira. Oliveira. Coſta.

SER-

SERMOENS,

QVE CONTEM ESTA DVO-décima Parte.

Sermaõ I. *Da Conceiçaõ da Virgem Maria.* Pag. 1.
Sermaõ II. *De Saõ Roque.* pag. 22.
Sermaõ III. *Da Exaltaçaõ da Santa Cruz.* pag. 54.
Sermaõ IV. *Da Degollaçaõ de Saõ Joaõ Baptiſta.* pag. 78.
Sermaõ V. *De Sauto Antonio.* pag. 107.
Sermaõ VI. *Da quarta Dominga da Quareſma.* pag. 133.
Sermaõ VII. *Da Reſurreiçaõ de Chriſto.* pag. 148.
Sermaõ VIII. *No Naſcimento da Princeza noſſa Senhora.* pag. 170.
Sermaõ IX. *Da quarta Dominga da Quareſma.* pag. 203.
Sermaõ X. *Das Chagas de Saõ Franciſco.* pag. 229.
Sermaõ XI. *De Santo Antonio.* pag. 252.
Sermaõ XII. *Do Santiſſimo Sacramento.* pag. 295.
Sermaõ XIII. *Da primeira Dominga da Quareſma.* pag. 316.
Sermaõ XIV. *Das Chagas de Saõ Franciſco.* pag. 341.
Sermaõ XV. *De Saõ Joſeph.* pag. 362.
Sermaõ XVI. *De Santo Antonio.* pag. 380.

SER-

SERMAÕ

DA

CONCEYÇAÕ

DA VIRGEM SENHORA NOSSA

Prègado pelo Author, antes de ser Sacerdote, na Bahia, & na Igreja da mesma Invocaçaõ, que por estar na Praya, se julga extra muros, anno de 1635.

David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ. Matth. 1.

§. I.

1 COmeçar pelos fins, & acabar pelos principios, saõ primores da Omnipotencia de Deos, & sutilezas de sua Divina Sabedoria. E-

dificou o Creador esta grandiosa fabrica do mũdo, & diz o Texto sagrado, que primeiro fez o Ceo, & depois a terra: *In principio creavit Deus cælum, & terram.* He explicaçaõ, & admiraçõ juntamente de S. Joaõ Chry-

Genes. 1. 1.

A sostomo,

soſtomõ, õ qũal diz aſſim: *Deus præter humanum morem, ſuum perficiens ædificium, priùs cælum extendit, poſteà & terram ſubſternit: priùs culmen, & poſteà fundamentum. Quis tale vidit? Quis tale audivit?* Quem vio nunca tal architectura? Quem vio nunca tal traça, diz Chryſoſtomo, que para fazer hum edificio, primeiro ſe arme o tecto, do que ſe levantem as paredes; primeiro ſe fechem as abobadas, do que ſe abraõ os alicerſes? Pois iſto he o q̃ obrou na creaçaõ, & fabrica do mundo o ſupremo Architecto delle: *Creavit cælum, & terram.* Primeiro fez o Ceo, & depois a terra: primeiro levantou o tecto, & depois armou as paredes: primeiro correo eſſas abobadas, & depois fũdou eſtes alicerſes. *Sed ex ipſo opificii modo divinæ naturæ dignitas innoteſcit*, conclue o Santo: mas neſtes aveços do fraco poder humano conſiſte o direyto, o ſublime, o maravilhoſo da Omnipotencia Divina: em começar por onde os homẽs acabaõ, em acabar por onde elles começão.

S. Joan. Chryſ. Ibid.

2 Toda eſta traça tam milagroſa da creação do mundo nenhũa outra couſa foi, ſenão hũa planta, ou debuxo da Conceyção puriſſima de Maria, Mundo ſegundo, que para o ſegundo Adaõ Chriſto, ſingular, & milagroſamente foi edificado. Toda a architectura andou trocada neſte ſoberano edificio, toda andou às aveças. Nos outros edificios eſpirituaes, nas outras puras creaturas, por mais ſantas, & ſantificadas que ſejaõ, a primeira pedra he da Natureza, & a ſegunda da Graça. Primeiro ſe edificaõ pela parte da terra, & depois pela parte do Ceo. Primeiro naſcem tributarias ao peccado de Adam, & depois renaſcem juſtificadas pelos merecimentos de Chriſto. Não aſſim na Conceyçaõ de Maria. Começou-ſe eſte milagroſo edificio pelo muyto que tinha

nha do Ceo, & acabou-ſe pelo pouco que participava da terra. Primeiro ſe fechárão as abobadas do eſpirito, & depois ſe lançárão os fundamentos do corpo. Primeiro (ou quaſi primeiro) a ſantificou a Graça, & depois a produzio a Natureza. Que elegante, & que expreſſamente o diſſe S. Joaõ Damaſceno ! *Natura voluit in cõceptione Virginis gratiæ cedere, ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus naturæ tribueretur.* A Natureza, que em todas as outras conceyções coſtuma ſer a primeira, cedeo de ſeu direyto neſta obra, & concedeo-o á Graça. As prevenções da Graça puzeraõ a primeira pedra no edificio ; & as exceyções da Natureza a ſegunda. Primeiro foi em Maria o ſer Santa, que o ſer mulher. Começou Deos na Virgem Santiſſima, por onde acaba nos outros Sãtos, & acabou por onde começa. Lá começa pela Natureza, & acaba pela Graça : cá começou pela Graça, & acabou pela Natureza : manifeſtando as delicadezas de ſua Sabedoria neſtes trocados de ſua Omnipotencia: *Ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus naturæ tribueretur.*

3 Ora em dia, & em obra, em q̃ o meſmo Deos andou ás aveças, tambem eu não quero prègar ás direytas. Havemos de começar hoje pelo fim, & acabar pelo principio. Havemos de acabar por onde os outros começaõ, & começar por onde acabaõ. Os outros Sermões começaõ pela explicaçaõ do thema, & acabaõ pela prova do aſſumpto : eſte hoje ha de começar pela prova do aſſumpto, & acabar pela explicaçaõ do thema. Iſto poſto, não nos reſta mais que pedir a Graça á chea de graça.

Ave Maria.

§. II.

David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ.

POis havemos de prègar hoje ás aveças; pois se ha de começar este edificio pelo ar, seja pelo ar, & graça da mais fermosa de todas as mulheres. O Esposo sagrado nos Cantares fallâdo da fermosura de sua Mãy, & Esposa a Virgem purissima, diz assim no Capitulo sexto: *Pulchra es amica mea, suavis, & decora sicut Hierusalem.* Cant. 6. 3. Sois fermosa, & suave amiga minha, tam fermosa como a Cidade de Jerusalem. Galante comparaçaõ por certo! Já que o Esposo se não fizesse Astrologo, como se fazem commummente todos os amantes; já que não comparasse a fermosura, que adorava, ao Sol, á Lua, ás Estrellas; porque a não compara, como pastor, ás flores do campo, ás rosas, aos cravos, aos jasmins, ás açucenas? Comparar a fermosura de hum rosto a hũa Cidade, *Decora sicut Hierusalem*? Quem vio nunca tal comparaçaõ? Seguẽ varios pensamentos os Expositores: melhor que todos o Legionense: *Ea erat Sponsæ pulchritudinis magnitudo, ea oris & corporis totius maiestas, ut non posse declarari putaret, nisi similitudine earum rerum, quæ non solùm pulchræ, sed amplæ etiam, & multa rerum varietate præditæ sunt, quales sunt urbes regiæ.* Era tam grande a fermosura daquelle rosto; era tam grande a magestade daquella fermosura; havia tanto que ver naquelle pequeno espaço; havia tanto que admirar naquella breve esfera, que não achou o Esposo cousa algũa tam fermosa,

fermoſa, & grande, a que a comparar, ſenão ao emporio de muytas grandezas, quaes ſaõ as Cidades Reaes, & Metropoles do mundo,

5 Entra hum peregrino em hũa Cidade Metropoli, qual naquelle tempo era Jeruſalem, & hoje he Roma, vè Torres, vè Templos, vè Palacios, vè jardins artificioſos, em que vence a arte a Natureza; & por mais que veja, ſempre lhe fica mais que ver; por mais que admire, ſempre lhe fica mais que admirar; não lhe baſta hum dia, nem muytos dias: quando cuida q̃ acabou de notar tudo, ainda lhe fica muyto que obſervar de novo. Tal, diz o Verbo encarnado, he a fermoſura da ſua Eſpoſa: *Decora ſicut Hieruſalem.* Depois de viſto hũa vez, & outra vez, ſempre ha que ver neſſe roſto: depois de admirada hum dia, & outro dia, ſempre ha que admirar neſſa fermoſura. Chamou Santo Agoſtinho à fermoſura de Deos, *Pulchritudo nova, & antiqua*, fermoſura antiga, mas ſempre nova. As fermoſuras mortaes, no primeiro dia agradaõ, no ſegundo enfaſtiaõ; ſaõ livros, que hũa vez lidos, não tem mais que ler: não aſſim a fermoſura Divina. Mil & ſeiſcentos annos ha, que o Baptiſta eſtá vendo o roſto de Deos: mil & ſeiſcentos annos ha, que eſtá lendo por aquelle livro eterno, & ſempre acha de novo que ver, ſempre acha de novo que contemplar naquelle mar de fermoſura, naquelle abiſmo de perfeiçõeſ. Taes attributos reconhecia o Eſpoſo na fermoſura infinita de Maria; por iſſo a compara a hũa Cidade Real, em que ſempre ha que ver de novo: *Decora ſicut Hieruſalem.*

6 Com algum eſcrupulo levantei a comparaçaõ de Jeruſalem, & a da fermoſura da Virgem Maria á do roſto de Deos na Jeruſalem do Ceo; mas deſte eſcrupulo me livrou

Nazian. Saõ Gregorio Nazianzeno, (por antonomasia entre todos os Doutores da Igreja o Theologo) o qual commentando as mesmas palavras do Esposo, *Decora sicut Hierusalem*, as não entende da Jerusalem da terra, senão da do Ceo: *Decora sicut cælestis Hierusalem.* Ao mesmo Nazianzeno seguem; & o mesmo

Theod. Rupert. Beda. sentido approvaõ Theodoreto, Ruperto, Pselo, Beda, Apponio, & he o commum dos Doutores. Quer pois dizer este notavel elogio da Esposa segũdo o juizo de tam grandes entendimentos, que ha tanto que ver na fermosura da Virgem, quanto ha que ver na fermosura da Gloria. Se na Gloria não houvera fermosura mais que a dos Espiritos Angelicos, nenhũa difficuldade tinha a expoſiçaõ, porque o mais gentil-homem Serafim do Ceo se preza muyto de servir de chapins a esta soberana Rainha. O ponto da difficuldade esta, em que na Jerusalem celestial mostra-se o rosto de Deos aos Bemaventurados de cara a cara; & sendo isto de Fè, *Tunc autem facie ad faciem,* 1. Cor. como he possivel que haja 13. 12. tanta fermosura na Virgem, como na Jerusalem do Ceo: *Decora sicut cælestis Hierusalem?* Para a solução não temos menos q̃ o testimunho de vista do insigne Dionysio Areopagita, chamado, como o Platão da Igreja, o Divino. Foi este Santo tam venturoso, que mereceo ver com seus olhos a Virgem sacratissima, quando ainda vivia em carne mortal: & o que lhe succedeo nesta vista, escreveo o mesmo Sãto, fallando com Deos, por estas admiraveis palavras: *Nisi tua divina doctri-* D. Dio- *na me docuisset, ó Deus, hanc* nys. A- *verum Deum credidissem;* reopag. *quoniam nulla videri posset maior gloria Beatorum; quàm felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi.* Quando cheguei a ver o rosto de vossa Mãy Santissima, ó Deus eterno, se a doutri-

doutrina de voſſa Fè me não tivera de ſua mão, ſem duvida me poſtrára de joelhor, & a adorára por Deos. Repreſentava tam grande mageſtade aquelle roſto imperial: ſahiaõ rayos tam divinos daquella ſoberana preſença, que me pareceo, que já gozava o eſtado feliciſſimo da bemaventurança, & que não tinha mais quilates de gloria aquella ſobrenatural viſaõ, que faz aos Anjos bemaventurados: *Quoniam nulla videri poſſet maior gloria Beatorum, quàm felicitas illa, quam ego tunc feliciſſimus deguſtavi.* Os Bemaventurados, quando entraõ a ver a Deos, perdem a Fè; porque ver, & crer não ſe compadecem. Se entrára S. Dionyſio ſem Fè a ver Maria, parece a adorára com adoração de latria por Deos verdadeiro, ficando idolatra daquella imaginada Divindade: *Niſi tua divina doctrina me docuiſſet, ô Deus, hanc verum Deum credidiſſem.* Tãta razão como eſta, teve o Eſpoſo de comparar à fermoſura da ſua Eſpoſa à fermoſura da Jeruſalem do Ceo: *Decora ſicut cæleſtis Hieruſalem.*

§. III.

7 ASſáz ponderada ficava a fermoſuta de Maria, ſe parára aqui o Divino Eſpoſo; mas não parou aqui: *Averte oculos tuos â me, quia ipſi me avolare fecerunt.* Tem tanta reputação comigo eſtas palavras, que ainda que deceſſe hum Serafim do Ceo a ponderalas, não lhes ha de dar o pezo que ellas merecem. Apartai de mim voſſos olhos, Senhora, diz Chriſto a ſua Mãy; *quia ipſi me avolare fecerunt*; porque fico arrebatado quando os vejo, fico em extaſi. *Ult avertere illam oculos*, diz S. Ambroſio, *ne eam conſiderans elevetur, & cæteras animas derelinquat.* Pede Chriſto a ſua Santiſſima Mãy, que ponha tregoas à viſta, que aparte delle ſeus fermoſos olhos; porque ſe o não fi-

Cant. 6. 4.

Amb.

zer aſſim, ficará tam abſorto, tam enlevado na conſideração de ſua fermoſura, que não poderá tratar da ſalvação das outras almas; & ficará totalmente ſuſpenſo o myſterio, a que veyo, da Redempção. Eſpantoſo dizer! Queira Deos que acerte ao ponderar.

8 E bem, Chriſto Redemptor noſſo não goza a viſaõ clara de Deos, com o mais perfeito lume de gloria, que de ley ordinaria he poſſivel? Pois ſe a viſta perfeitiſſima daquelle abiſmo de fermoſura não embargava as attenções a Chriſto, & ſe occupava com tanto cuidado na ſalvação do mundo; como diz o meſmo Senhor á Virgem, q̃ eclipſe hum pouco o reſplandor de ſeus olhos, para que não fique ſuſpéſa a ſalvação das almas, *Ne eam conſiderans elevetur, & cæteras animas derelinquat?* Mais ainda. Chriſto em quanto Deos não ſe comprehende a ſi meſmo? Não abraça dentro da infinidade da ſua viſta aquelle mar immenſo da Divindade!? Pois ſe a viſaõ cõprehenſiva de Deos lhe não ſuſpende o attributo da Providencia: ſe comprehendendo-ſe a ſi, lhe ficaõ baſtantes advertencias para governar o mundo; como agora o meſmo Deos pedindo a Maria que aparte delle os olhos, dá por razão, que ſe cuidar em ſuas graças, & perfeições, não lhe ficaráõ cuidados para tratar de outras almas: *Ne eam conſiderans, cæteras animas derelinquat?* Aqui não ha ſenão ou dizer hũa hereſia, ou não reſponder nada. Mas eſte meſmo não ſaber reſponder, eſte meſmo encolher os hombros, eſte meſmo paſmar, he o mayor encarecimento, que ſe pòde dizer neſta materia. Que veja Chriſto, em quanto Homem, a fermoſura de Deos, & nem por iſſo perca a attenção de outros cuidados! Que cõprehenda Chriſto em quãto Deos toda a Eſſencia Divina,

Divina ; & nem por iſſo perca o uſo de ſua Providencia ; & que chegando a contemplar a fermoſura daquella Virgem puriſſima , fique tam arrebatado, fique tam ſuſpenſo , em tal calma de ſentidos , em tal extaſi de potencias , que para poder advertir a outra couſa, ſeja neceſſario divertir-ſe daquelles olhos : *Averte oculos tuos à me, ipſi me avolare fecerunt !*

9 Já agora me não eſpãto de hũa couſa , que eſtranhei ſempre muyto na corteſia de S. Martha. Eſtava a Magdalena aos pès de Chriſto ſeu Divino Meſtre ; & Martha , que andava muy ſolicita no adereço da meſa , chega , & diz: Luc. 10. 20. *Domine , non eſt tibi curæ , quòd ſoror mea reliquit me ſolam miniſtrare ?* E bem , Senhor , não tendes cuidado ? Paray ahi divertida Martha : Vòs ſabeis com quem fallais ? Eſſe, a quem chamais Senhor , não he aquelle , cuja Providencia cuidadoſa alcança atè ás aveſinhas do ar , & aos bichindos da terra ? Pois como vos atreveis a pòr deſcuido no meſmo Deos: *Domine , non eſt tibi curæ ?* Andou muito delgado neſte lugar hum Doutor grave da noſſa Companhia : *Umbra erat Mariæ Deiparæ , cujus gratiæ præ omnibus aliis creaturis ſic Deum capiebant, ut poſſet fieri quòd habens Deus ſecum Mariam, non multùm curaret cæteras creaturas.* Quando Martha fez aquella queixa a Chriſto , eſtava o Senhor fallando com Maria Magdalena , figura de Maria Mãy de Deos ; & como tinha diante dos olhos eſte fermoſo retrato , não he muito q̃ Martha chamaſſe a Chriſto deſcuidado : *Domine , non eſt tibi curæ ;* porque quando ſe poem eſte Senhor a contemplar as perfeiçõeſ , & graças de Maria , tanto o cativão , tanto o enlevão , tanto lhe roubão os penſamentos, & embargaõ os cuidados, que parece lhe não deixão attenção para cuidar de outra couſa : *Domine , non eſt tibi*

tibi curæ. E como o Verbo encarnado viera ao mundo com hum cuidado de tanta importancia, como a redempçaõ, & remedio delle, por isso pede á Senhora, que ponha tregoas á vista, que aparte hum pouco os olhos, que lhe descative os pensamentos, que lhe liberte os sentidos, & lhe desembargue os cuidados: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt.*

10 Estas ultimas palavras, *Ipsi me avolare fecerunt*, conforme a versaõ Hebrea ainda tem mais alma. Diz o texto Hebreo: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me superbire fecerunt.* Tirai de mim vossos olhos, Virgem Mãy minha, diz Deos, porque sua fermosura me faz ensoberbecer. Ensoberbecer? Que quer dizer isto? Na fonte de toda a sãtidade póde caber soberba? Na pureza da verdade eterna póde ter lugar a vaidade? Claro está que nem vaidade, nem soberba póde caber em Deos: mas foi o mais encarecido hyperbole, com que se podia subir de ponto a fermosura da Virgem Maria. Como se dissera Deos: A gloria que recebo da vista de vossos olhos he tanta, que se em mim coubera vangloria, sem duvida que me ensoberbecèra. De Lucifer diz o Profeta Ezechiel, que considerando a fermosura de sua natureze, se ensoberbeceo: *Elevatum est cor tuum in decore tuo.* Ezech. 28. 17. De Adonias se diz tambẽ no livro dos Reys, que se ensoberbeceo, & se dá por causa, sua grande fermosura: *Erat autem pulcher valdè.* 3. Reg. 1. 6. Só de Deos não ha Escritura algũa que diga, (não digo por verdade, que não póde ser) mas nem por figura, ou semelhança, que contemplando-se a si, que contemplando aquella fermosura immensa de seu ser, se ensoberbecesse. Pois Senhor, & Deos meu, se essa fermosura eterna, immensa, infinita, incõprehensivel: se essa fermosura, de que saõ hũas

hũas participações muy eſcaças tudo o que he fermoſura no Ceo, & na terra tudo o que he fermoſura nos homẽs, & nos Anjos: ſe não chega eſſa fermoſura a vos enſoberbecer por metaforas: ſe não chegais a dizer della que vos enſoberbeceo contemplãdo-a; como dizeis por voſſa boca, que a fermoſura dos olhos de Maria foi poderoſa a vos enſoberbecer: *Ipſi me ſuperbire fecerunt?*

11 Tudo ſaõ exaggerações, tudo ſaõ hyperboles, tudo ſaõ encarecimentos da fermoſura daquella ſoberana Virgem; mas exaggerações as mais levantadas, hyperboles os mais ſubidos, encarecimentos os mais ſobrelevados. A fermoſura de Eva chegaria a enſoberbecer a Adaõ; a fermoſura de Rachel chegaria a enſoberbecer a Jacob; a fermoſura de Eſther chegaria a enſoberbecer a Aſſuero; mas a fermoſura de Maria chegou a enſoberbecer, do modo q̃ ſe póde dizer, ao meſmo Deos. Chegou a confeſſar o meſmo Deos, que a fermoſura de ſeus olhos o enſoberbecia: *Ipſi me ſuperbire fecerunt.*

§. IV.

12 ORa vamos ao ponto. Vejo eſtá dizendo o auditorio todo: Eſte Prègador, como novo, & como moço, não ſabe o que prèga: hoje he dia de noſſa Senhora da Conceyçaõ, havianos o Prègador de provar como a Virgem puriſſima foi concebida ſem peccado original; que quanto he retratarnos as fermoſuras de noſſa Senhora, a q̃ propoſito? O propoſito eu o direi agora. Conta Plutarcho q̃ em Athenas impõdo-ſe hũ grave crime a hũa donzella fermoſiſſima chamada Frenes, para ſe ſentenciar a ſua cauſa appareceo em juizo com o roſto cuberto, como era coſtume apparecerem as accuſadas. Começou logo a allegar por ſua parte hum Orador com grande

grande copia de palavras, com grande numero de textos, com grande força de razões. Mas as preſunções eraõ tam forçoſas, & os indicios tam efficazes, que já nos roſtos dos juizes ſe eſtava lendo ſentença contra Frenes. Levanta-ſe neſte paſſo Pericles, outro Orador famoſiſſimo, lança mão ao manto da quaſi convencida donzella, & o meſmo foi apparecer a fermoſura de ſeu roſto, q̃ trocarem-ſe ſubitamente os pareceres de todos. Acclama todo o Senado: Victor, victor, pela parte de Frenes. Em tanta fermoſura, dizem, não póde haver culpas: em tanta fermoſura não póde haver culpas.

13 Eiſ-aqui a traça, Senhores, eiſ-aqui o penſamento, que me levou apoz ſi neſte Sermaõ. A queſtaõ mais altercada, ou das mais altercadas, que houve na Igreja Catholica, he eſta, em que eſtamos: Se foi, ou não concebida com culpa original a Virgem puriſſima Máy de Deos? Na eſpeculaçaõ deſte ponto tem ſuado os mais inſignes Theologos de toda a Igreja: na confirmaçaõ deſta verdade tẽ corrido felizmente as pennas mais engenhoſas de todo o mundo. Mas ainda eſtá a queſtaõ indeciſa, ainda eſtá a verdade em opiniões. Pois que remedio para ſahir com vitoria? Que remedio para tapar a boca de hũa vez a todas as razões contrarias? O remedio he, Virgem puriſſima, já que não poſſo ſer digno Orador de voſſa pureza, fazerme Sumilher de cortina da voſſa fermoſura. Appareça eſſe roſto mais fermoſo que a Jeruſalem da terra, mais fermoſo que a Jeruſalem do Ceo: appareção eſſes olhos baſtantes a enlevar a Deos, baſtantes a o enſoberbecer; & á viſta de tanto extremo de fermoſura, todos acclamaráõ a hũa voz, que ſois concebida, Senhora, ſem culpa original: que em tãta fermoſura não póde haver culpa.

Prè-

14 Prègando em tal dia como hoje hum Prègador de contraria opiniaõ, não duvidou dizer publica, & declaradamente que a Virgem Maria fora concebida em peccado original. Eſtava na meſma Igreja hũa Imagem da meſma Senhora de vulto, & veſtida como então ſe coſtumava mais; & em ſe ouvindo no auditorio aquella propoſição, que faria? (Eſcreve o caſo Bernardino de Buſtes.) Eſtendeo o braço direito a Imagem, pegou no manto, & cobrio o roſto. Qual ſeria o eſpanto, & aſſombro, & tambem o applauſo de todos, bem ſe deixa ver. A mim me eſtá lembrando neſte paſſo, o que aconteceo a Sara com ElRey Abimelech. Partio-ſe Abrahaõ de ſua patria, & fez concerto com Sara, que dalli por diante ſe chamaſſe irmaõ, & irmãa, & naõ mulher, & marido; porque aſſim levava a vida mais ſegura. Chegados ao Egypto, onde Abimelech reynava, levaraõ logo o alvitre ao Rey os miniſtros de ſeus appetites, dizendo, que era chegada á Corte hũa mulher de eſtranha fermoſura. Informou-ſe o Rey ſe era caſada, & dizendo-ſelhe que não, mandou que lha levaſſem a Palacio. Que boa occaſiaõ tinhamos aqui para hũa pequena de doutrina! Era Rey Abimelech, era Gentio, era poderoſo, & não tinha Fè, nem tinha hum mandamento da Ley de Deos, que lhe diſſeſſe: *Non concupiſces uxorem proximi tui:* Não deſejarás a mulher de teu proximo; & com tudo foi tam comedido que não tratou de Sara, ſenão depois que ſoube primeiro que era mulher ſem marido. E andou muito acertada Sara em ſe deſterrar para o Egypto, & não para outra de muitas terras, onde póde ſer que não achaſſe tanto comedimento nos homens. Deut. 5. 21.

15 Emfim, não chegou Abimelech a afrontar a Sara, porque Deos, que velava

zelava à honra de Abrahaõ mais que elle meſmo, appareceo a Abimelech em ſonhos muy ſevero, mandandolhe que reſtituiſſe logo a mulher a ſeu marido, ſob pena de lhe tirar a vida a elle, & lhe abrazar o Reyno. Executou-o aſſim o Rey no meſmo ponto; & mandando dar a Abrahaõ quatrocentos cruzados, diſſe aſſim a Sara:

Geneſ. 20. 16. *Ecce mille argēteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorum ad omnes, qui tecum ſunt*: Sara, aquelle dinheiro, que mandei a voſſo irmaõ, he para comprares hum manto, ou vèo, com que cobrir os olhos diãte daquelles, que vos conhecem. Cobrir os olhos Sara, porque razão? Não conſta da Eſcritura, que Abimelech não tocou

Ibid. 4. a Sara no fio da roupa: *Abimelech verò non tetigerat eam*? Não conſta que o Rey declarou logo o caſo, como paſſára, aos da ſua

Ibid. 8. Corte: *Locutus eſt univerſa verba hæc in auribus eorum*? Pois ſe Sara eſtava tam innocente, tam livre da culpa; porque havia de cobrir o roſto? Porque havia de tapar os olhos: *Hoc erit tibi in velamen oculorum*? Apenas ha lugar na Eſcritura, que tenha tantas expoſições dos Doutores; cada hum diz o que lhe parece, o meſmo hey de fazer eu.

16 Diz Abimelech cõ muito razaõ a Sara, que compre hum manto, com que cobrir os olhos; porque para hũa mulher da authoridade de Sara, não ſaõ neceſſarias culpas verdadeiras, baſtaõ culpas imaginadas, para não ter olhos, com que apparecer diante de gente. Ainda que o Rey ſabia a innocencia de Sara, & a publicára; como o mundo he tam máo, muitos imaginariaõ o que quizeſſem; & baſta que ſe imagine hũa culpa em hũa mulher tam ſanta, para que não tenha roſto com que apparecer, para que tape os olhos: *In velamen oculorum*. De Sara podèra a Virgem Maria herdar

dar eſte pundonor, como neta ſua que era; mas em ſi tinha mayores obrigações, que as herdadas. Corre o manto, tapa os olhos, quãdo ouve dizer de ſi, que foi concebida em peccado original: não porq̃ eſta culpa foſſe verdadeira não, mas porque para a pureza da Máy de Deos, baſtaõ culpas imaginadas, para cobrir o roſto; baſta hũa ſuſpeita, ainda que falſa, de culpa, para não ter olhos para apparecer: *Invelamen oculorum.*

17 Aſſim he, Senhora minha, aſſim he: mas neſte meſmo manto temos o remedio. Se porque vos condenão de culpa original, cobris o roſto; deſcobri-o, & todos vos abſolveráõ deſſa culpa. A termoſura deſſe roſto he a executoria de voſſa pureza. Não ſou eu o que volo digo, Senhora; nos Cantares volo diſſe voſſo Filho, & Eſpoſo ſagrado, quando o conſultaſtes deſte caſo: *Indica mihi ubi paſcas, ubi cubes in meridie.* Declaraime, Eſpoſo q̃erido meu, diz a Senhora, onde repouſais deſcanſando ás horas do meyo dia. Ide notando as propriedades do Texto, que ſaõ admiraveis. O peccado de Adaõ, que he, ou donde naſceo o original, foi cõmettido ao meyo dia. Aſſim ſe colhe do meſmo Texto, em que Deos arguhio a Adaõ, & elle ſe eſcondeo logo depois do meyo dia: *Et cùm audiſſet vocem Dei deambulantis ad auram poſt meridiem, abſcondit ſe.* E eſta he a razaõ, porque diſſe Rabano, & bem, que quiz ſubir o Redemptor á Cruz no pino do meyo dia: *Hora ſexta;* para que o peccado foſſe pago na meſma hora, em que fora cõmettido: *Crucem meridie aſcendit, ut qua hora primus homo lignum prævaricationis tetigerat, ſecundus homo lignum redemptionis aſcenderet.* Vem pois a ſer a pergunta da Senhora, que lhe declare o Eſpoſo Divino onde deſcanſava por graça no tempo em que Adaõ peccá-

Cant. 1. Genes. 3. 8.

peccára; & acreſcenta maravilhoſamente a noſſo intento: *Ne officiar ſicut adoperta.* Porque em quanto vós, Senhor, não declarares iſto, eſtarei eu com o roſto cuberto, como coſtumaõ eſtar as accuſadas de culpa: *Ne efficiar ſicut adoperta.*

Apud Septuaginta.

18 Ouvi agora o que reſpondeo o Eſpoſo, que he milagroſa prova do noſſo aſſumpto: *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres.* Perguntar iſſo, Eſpoſa, & Mãy minha, perguntar ſe eſtava eu em vòs por graça no tempo em q̃ peccou Adaõ, he ignorares vòs que ſois a mais fermoſa de todas as mulheres. Argumenta o Eſpoſo pelas meſmas conſequencias, em que o noſſo diſcurſo ſe funda. Diz que duvidar da graça original da Virgem, he ignorar que he a mais fermoſa de todas as mulheres; porque quem conhecer ſua fermoſura, impoſſivel he que crea que foi concebida em peccado; que em tanta fermoſura não póde haver culpa. Divinamente o Abbade Ruperto: *O pulcherrima mulierum! Talis, ac tanta cauſa tua eſt, ut ſi te ipſam non ignores, ſtatim ſcias illud, quod quæris.* Deſſa cauſa que perguntais, ô fermoſiſſima entre todas as mulheres: deſſa queſtaõ que moveis, comvoſco trazeis a repoſta, comvoſco trazeis a ſoluçaõ. Voſſa fermoſura he a prova de voſſa immaculada Conceyçaõ. Só poderá duvidar della, quem ignora as excellencias de voſſa fermoſura: *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres.*

Ibid. 7.

Rupert.

§. V.

19 ENtra agora o noſſo thema, & ſegũdo o que prometti, he bom final: acaba-ſe o Sermaõ. *David autem genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ.* David gerou a Salamaõ da mulher que foi de Urias. Altercaõ muito os Doutores, porque ſe poem eſta mulher no Catalogo da gera-

geraçaõ da Senhora. E tem muito mais lugar a duvida no dia de ſua puriſſima Conceyçaõ. Se ſe paſſa em ſilencio Sara, Rebecca, Rachel, & outras mulheres ſãtiſſimas primogenitoras da Virgem; porque ſe faz mençaõ deſta, que foi muito menos caſta, & menos ſanta? E já que ſe houveſſe de fallar nella, porque ſe não nomea por ſeu nome de Berſabè, ſenão por mulher que foi de Urias? Porque nomear a Urias, he trazer á memoria o aleyvoſo homicidio, com que lhe mandou tirar a vida David: & dizer que fora ſua mulher, he lembrar o adulterio, que com tanto eſcandalo do mundo commetteo. Por todas eſtas razões entra no Euangelho de hoje Berſabè; por iſſo meſmo a poem Deos no catalogo da geraçaõ da Virgem. Aſſim como para fazer Rainha a Berſabè, & para a fazer mãy de Salamaõ, quebrou David todas as leys Divinas, & humanas, matando a Urias, tirandolhẽ ã mulher, ſem reparar em homicidios, nem adulterios: aſſim Deos para fazer a Maria Rainha dos Anjos, & para a fazer Mãy do verdadeiro Salamaõ Chriſto, em nenhũa ley reparou, todas as leys quebrou, a quantas eſtavaõ ſugeitos os filhos de Adaõ.

20 Por filhos de Adaõ, naſcemos filhos da ira; por filhos de Adaõ, naſcemos eſcravos do demonio; por filhos de Adaõ, naſcemos desherdados da Gloria; por filhos de Adaõ, naſcemos ſugeitos áquella inclinaçaõ má, a que chamaõ *Fomes peccati.* Por todas eſtas leys cortou Deos no dia da Conceyçaõ de Maria, & a criou tam pura, tam immaculada, tam ſanta, quanto era bem que o foſſe, a que havia de ſer Mãy do verdadeiro Salamaõ Chriſto: *Genuit Salomonem ex ea quæ fuit Uriæ.* Bem eſtá atè aqui; mas dõde havemos de collegir eſſes privilegios, donde havemos de collegir eſſas

leys quebradas? Não nolo haõ de dizer Doutores, senão o mesmo Texto. Havemos de collegir estas leys quebradas, do mesmo fundamento, porque David as quebrou. O fundamento, porque David quebrou todas aquellas leys, não foi outro, como diz o Texto, senão a fermosura de Bersabè: *Vidit mulierem* 2. Reg. 11. 2. *se lavantem; erat autem mulier pulchra valde.* Pois deste mesmo fundamento havemos de collegir tambem que quebrou Deos todas as leys de Adaõ na Conceyçaõ de Maria: *Erat enim mulier pulchra valde*; antes, *Pulcherrima inter mulieres.* Porque he, como tam largamente temos visto, a mais fermosa de todas as mulheres. Digamos logo com o Esposo: Cant. 4. 7. *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te*: Toda sois fermosa, Senhora, & Mãy minha; & dahi se collige, que não contrahistes macula de peccado original. Digamos tambem com os Anjos: *Pulchra, ut Luna, electa, ut Sol:* Cant. 6. 9. Sois fermosa, Senhora, como a Lua; & dahi se collige bem, que fostes escolhida como o Sol. O Sol de justiça Christo, he de Fè que foi escolhido, & predestinado sem peccado original: o mesmo confessa de vòs, Virgem purissima, a nossa devaçaõ, & o fundamos em vossa fermosura: *Pulchra, ut Luna, electa, ut Sol*; que onde a fermosura he total, não póde haver mancha algũa: *Tota pulchra es, amica mea, & macula non est in te.* Assim o cremos, assim o confessamos. Cremolo com o coraçaõ, confessamolo cõ a boca, & o defenderemos sempre com o sangue, & com a vida, se for necessario.

§. VI.

21 FIxemos bem Christãos nesta protestaçaõ, & devaçaõ da Cõceyçaõ da purissima Senhora, & estejamos muito certos, q̃ nenhũa outra lhe agrada

agrada tanto à meſma Senhora, & que com nenhũa outra a havemos de obrigar tanto, como com eſta. Duvidaõ os Santos, porq̃ ſe moſtrou Chriſto tam liberal com o Bom Ladraõ, que lhe prometteſſe tam effectivamente o Reyno
Luc. 23. 43. do Ceo: *Hodie mecum eris in Paradiſo*: couſa que ſe não lè haver o Senhor feito outra vez? A razaõ dizem que foi, a que antecedentemente propoem o Texto. Quando crucificáraõ a Chriſto entre dous ladrões, o máo ladraõ, co-
Luc. 23. 39. mo diz S. Lucas: *Blaſphemabat eum*: blasfemava ao Senhor, dizendo que não era Filho de Deos, nem Meſſias, pois ſe não ſalvava a ſi, nem a elles, como tambem o diziaõ os outros ouvintes: *Prætereuntes blaſphemabant.* Acodio o Bom Ladraõ reprehendendo-o, dizendo: *Nos quidem juſtè, nam digna factis recipimus; hic verò nihil mali geſſit.* Os máos, & os culpados ſomos nòs, & aſſim juſtamente eſtamos aqui crucificados; que quanto he eſte Senhor, *Nihil mali geſſit*, nenhum mal fez, he juſto, he Santo, he innocente. E dizendo iſto, vira-ſe para Chriſto: *Domine, memento mei, cùm veneris in regnum tuum.* Pois homem, que quando me eſtaõ blaſfemando, impugna aos que me blaſfemaõ: homem, que quando todos me tem por malfeitor, elle me confeſſa por innocente: homem, que quando a minha honra eſtá em opiniões, com tam ruim opiniaõ, acode por mim, & diz que não tenho culpa: eſte homem, ainda que ſeja hum ladraõ, ha de entrar comigo hoje no Paraiſo: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* O meſmo digo eu da Virgem puriſſima. Todas as outras devações, que fazemos; todos os outros titulos, que damos a eſta Senhora, lhe agradaõ muito: mas nenhum a obriga, & rende tanto, como eſte de ſua puriſſima Conceyçaõ. Dizer da Senhora, que he

Ibd. 42.

Matth. 27. 39.

Luc. 23. 41.

Mãy de Deos; dizer que foi Virgem antes do parto, no parto, & depois do parto; dizer que he Filha do Padre, Mãy do Filho, & Eſpoſa do Eſpirito Santo: todos eſtes titulos agradaõ muito á Senhora; mas não a obrigaõ tanto, como dizer que foi concebida ſem peccado original; porque aquelles titulos, ainda que grandes, todos os crem, todos os confeſſaõ, ninguem já duvída delles. Porèm o titulo da Conceyçaõ immaculada, como anda em queſtaõ, como eſtá em opiniões, como ha quem o duvîda: que nos ponhamos nòs da parte da Senhora, que impugnemos os que ſentem o contrario, que a confeſſemos a pezar de todos por concebida ſem peccado original; iſto obriga tanto á Senhora, que ſem duvida, como Mãy de tal Filho, dirá a cada hum deſtes ſeus devotos: *Mecum eris in Paradiſo.* Bem cabia aqui o *Quam mihi, & vobis*; mas ainda digo mais hũa palavrinha.

22 Quando os filhos de Iſrael hiaõ caminhando para a terra de Promiſſaõ, adoecco de lepra Maria Irmãa de Moyſès. Parou logo o exercito, & não deu mais paſſo adiãte. Sara Maria outra vez, & fica purificada da lepra, & logo no meſmo ponto começou o exercito outra vez a marchar: *Et populus non eſt motus de loco illo, donec revocata eſt Maria.* Numer. 12. 15. Pois pergunto: Porque não marcha o exercito, em qnanto Maria eſtá cuberta de lepra; & tanto que ſara da lepra, porque marcha logo? Origenes reſponde a eſta duvida: Porque era figura de Maria Mãy de Deos. Onde Maria eſtá cuberta da lepra do peccado original; onde ha huns, que tem para ſi que foi a Senhora cõcebida em peccado, entendaõ & cuidem os que iſſo imaginaõ, que não haõ de ir por diante no caminho da terra de Promiſſaõ; não haõ de fazer jornada no caminho do Ceo.

Ceo. Porèm onde Maria eſtá pura da lepra original; onde ha almas, que tem para ſi, confeſſaõ, & proteſtaõ, que foi a Senhora concebida em graça; aſſim como lá os filhos de Iſrael logo marcháraõ para a terra de Promiſſaõ, aſſim caminháraõ logo felizmẽte pelo caminho do Ceo alcançandolhes a meſma Senhora tantos auxilios, & impetrandolhes tãtas graças, quantas lhes ſegurem, & façaõ certos os premios da Gloria: *Ad quam nos, &c.*

SERMAÕ

DE

SAÕ ROQUE,

Panegyrico, & apologetico, no Anniverſario do naſcimento do Principe D. Affonſo na Capella Real, anno de 1644.

Sint lumbi veſtri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus veſtris. Luc. 12. 35.

§. I.

23 FOra de ſeu dia Saõ Roque! E naõ em outro dia ſenaõ hoje! (Muy altos, & poderoſos Reys, & Senhores noſſos.) Torno a admirarme. Fóra de ſeu dia S. Roque! E naõ em outro dia ſenaõ hoje! Grãdes ſuſpeitas me dá eſte Santo que vem ajudarnos a celebrar a noſſa feſta, mais q̃ deſejoſo de celebrarmos a ſua. Hum anno faz neſte dia, & neſta hora, pouco menos, que em cõprimento da expectaçaõ, em deſaſſombro do temor, em ſatisfaçaõ do deſejo, em alvoroço dos corações, em

em applauſos de Lisboa, em gloria de Portugal, & em alegria de todos, amanheceo à luz cõmum, & naſceo ao mundo o ſexto Planeta do noſſo Emiſferio, a quarta Eſtrella dos noſſos dous Soes, o primeiro fruto da geraçaõ attenuada, reſtituida, o deſempenho profetizado dos olhos de Deos, a uniaõ dos dous primeiros Affonſos de Portugal, & Bragança, o perfeitiſſimo retrato dos ſoberanos originaes, que no lo deraõ; em fim o noſſo bello Infante D. Affonſo, que Deos nos crie, que Deos nos guarde, & que Deos nos faça o quarto, como hoje he o ultimo.

24 Não ſou de fazer myſterios dos acaſos; mas folgo de fazer doutrina da occaſiaõ. E já que S. Roque veyò a cahir neſte dia tam particular, em que Deos deſempenhou ſuas promeſſas, & lançou novas raizes a ſeus beneficios, quizera eu que S. Roque hoje nos enſinára aos conſervar. Roques a Reys, peças ſaõ que ſe ajudaõ. A eſte intento procurarei encaminhar todo o Sermaõ. O Euangelho nos dará documentos, o Santo nos dará exemplos, queira Deos que não reſiſtaõ aos ouvidos os corações.

§. II.

Sint lumbi veſtri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus veſtris.

25 MAnda Chriſto a ſeus Diſcipulos, que eſtejaõ com as roupas tomadas no cinto, & com tochas acceſas nas mãos; bem aſſim como os criados vigilantes, que eſperaõ por ſeu ſenhor no dia das vodas. Eſte exemplo me faz difficultoſa eſta doutrina. Se o Eſpoſo ha de vir, & não vem ainda,

para que haõ de eſtar todas as tochas acceſas? Que eſteja acceſa hũa, para que cõ ella ſe accendaõ as outras, pareceme muito bẽ; mas acceſas todas: *Lucernæ ardentes in manibus veſtris?* O que Chriſto Senhor noſſo pertendia, como ſe vè de todo o Euangelho, era vigilancia, & luz: para a vigilancia baſtava hũ criado, para a luz baſtava hũa tocha. Provo cõ o exemplo da milicia; porque nos olhos de hũa ſintinella, vigia todo o exercito, & na braza de hum murraõ, eſtaõ acceſas todas as armas. Pois ſe parece que baſtava hũa ſó tocha, para que mãda Chriſto accender tantas? Manda Chriſto accender muitas tochas, porque quer ſeguras as luzes. Hũa ſó luz baſta para accender, mas hũa ſó luz não baſta para aſſegurar; por iſſo manda Chriſto, que eſtejaõ muitas tochas acceſas, para em cada hũa deixar o remedio, & em todas juntas aſſegurar o perigo. Luz que ſe póde apagar com hum aſſopro, não eſtá ſegura ſem fiador: pois multipliquem-ſe as luzes, diz Chriſto, para que hũas ſejaõ fiadoras das outras: na primeira luz nos deu o remedio, nas outras luzes nos tirou o cuidado.

26 Porque cuidamos, Portuguezes, que ſe acabáraõ as luzes de Portugal? Que cauſa cuidamos que houve para padecermos aquella noite eterna de ſeſſenta annos tam compridos? A cauſa foi, porque como Deos queria eclipſar as glorias de Portugal, permittio que ficaſſe a luz pendente de hũa ſó tocha: hum Rey D. Sebaſtiaõ, outro Rey D. Henrique, ambos ſem ſucceſſaõ, ambos ſem herdeiros. Porèm hoje quando Deos foi ſervido de nos reſtaurar, & reſtituir, engroſſa a linha da geração attenuada com dobrados ſucceſſores, aſſegura o lume das tochas com multiplicadas luzes, para que aſſim como ſe interrompeo o ſceptro de Portugal por dous Reys

Reys ſem ſucceſſor, ſe perpetue em durações eternas por hum Rey já com dous ſucceſſores. Dous ſucceſſores temos, & quatro herdeiros. Ditoſo o dia, & ditoſo o naſcimento, em q̃ ſe cerrou, & aperfeiçoou eſte bem eſtreado numero.

27 Notou Saõ Joaõ Chryſoſtomo, que a Ley Eſcrita foi fundada em dous irmãos, & a Ley da Graça em quatro: *Primum populũ ædificavit ſuper unã fraternitatem, hunc autem ſuper duas.* Os dous irmãos, em que ſe fundou a Ley Eſcrita, foi Moyſés, & Araõ: os quatro irmãos, em que ſe fundou a Ley da Graça, foi S. Pedro, & S. Andrè, S. Joaõ, & Santiago. Pois ſaibamos: porque fundou Deos a Ley Eſcrita em dous, & a Ley da Graça em quatro? Que ſe fundaſſe hũa, & outra em irmandade, com grande providencia eſtá feito; porque os fundamentos da uniaõ, ſaõ os mais ſolidos aliceſſes do edificio eſpiritual, ou politico. Mas porque a primeira ley em dous irmãos, & a ſegunda em quatro? A razão foi: porque quiz Deos lançar os fundamentos a cada ley, conforme a duraçaõ que lhe determinava dar. A Ley Eſcrita, que finalmente ſe havia de acabar, fundou-a em dous irmãos; a Ley da Graça, que havia de ſer eterna, & durar ſem fim, fundou-a em quatro. Imperio fundado em dous irmãos dura muito, mas poderá ter fim; porèm Imperio fundado em quatro irmãos, aſſentado ſobre quatro columnas, allumiado com quatro tochas, ſerá perpetuo, ſerá perduravel, igualará a duração com a do mundo, medirá os annos com as eternidades: *Hunc autem ſuper duas fraternitates.*

D. Chryſoſtom.

28 Mas noto eu nas palavras de S. Joaõ Chryſoſtomo, que aos fundamentos da Ley perpetua da Graça não lhes chamou quatro irmãos, ſenaõ duas irmandades: *Super duas fraternitates.* Taes ſaõ os funda-

fundamẽtos do noſſo Reyno. Eſtá firmiſſimo Portugal, não ſó porque eſtá fundado em dous irmãos, ſenão porque eſtá fundado em duas irmandades: hũa irmandade malculina do noſſo Principe, & do noſſo Infante; outra irmandade feminina das noſſas Infantas, que Deos nos guarde. De maneira, que não ſó conſiſte a noſſa firmeza na multiplicaçaõ do numero, ſenão na repartição do ſexo: não ſó em ſerem quatro irmãos, ſenão em ſerem duas irmandades, hũa de irmãos, outra de irmãs: *Super duas fraternitates.*

29 Triſte,& deſcõſolada Anna por ſe ver eſteril, & muito mais deſconſolada, & triſte por ſe ver afrontada de Fenenna, mulheres ambas do Principe Helcana, & fecunda Fenenna, & mãy de muitos filhos, diz a Hiſtoria ſagrada, que foi ao Templo, & com muitas lagrimas fez oração, & voto a Deos deſta maneira: *Domine, ſi reſpiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederiſque ſervæ tuæ ſexum virilem: dabo eum Domino omnibus diebus vitæ ejus.* Se puzeres, Senhor, os olhos na minha afflição, & dor, & deres à voſſa ſerva hum filho varaõ, eu prometo de o dedicar a eſte meſmo Templo, para que nelle vos ſirva todos os dias de ſua vida. Aſſim orou Anna, & foi ouvida de Deos muito mais que aſſim; porque depois de lhe dar por filho ao Profeta Samuel, lhe deu mais outros dous filhos, & duas filhas. De todos diz juntamente o Texto: *Viſitavit ergo Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios, & duas filias.* Não admiro neſte famoſo caſo a liberalidade de Deos, que ſempre he mais largo em dar, do que nòs em pedir: he porèm muito digno de reparo, que dando cinco filhos a Anna, quando lhe pedio hum ſó, & eſſe varaõ, não foſſem ſó varões, & filhos, os que lhe deu demais, ſenão filhos, & filhas;

1. Reg. 1. 11.

1. Reg. 2. 21.

filhas; & em numero igual de hum, & outro ſexo: os filhos dous, & as filhas duas, que vem a ſer, como S. Joaõ Chryſoſtomo ponderava, não ſó quatro irmãos, ſenão duas irmandades, & hũa de irmãos, outra de irmãs, como nòs particularmente notavamos na preſente differença da ſucceſſaõ dos novos Principes. De ſorte, que não conſiſte a noſſa firmeza ſó na multiplicação do numero, ſenão tambem na repartição do ſexo. Iſto he, não ſó em ſerem quatro irmãos, & duas irmandades, ſe não hũa de filhos, outra de filhas. E porque? Porq̃ os Reynos, & os Imperios conſervaõ-ſe, & ſuſtentaõ-ſe em duas raizes: das portas adentro na ſucceſſaõ dos Reys naturaes; das portas a fóra com a confederação dos Reys eſtrangeiros. E por iſſo nos acabou Deos de dar, em tal dia como hoje, tantos filhos, como filhas: os filhos, para que não faltaſſem Reys ao Reyno proprio; & as filhas, para que poſſamos dar Rainhas aos eſtranhos.

30 O meſmo S. Chryſoſtomo, que nos quatro Apoſtolos notou as duas irmandades, nos quatro filhos, que depois de Samuel acreſcentou Deos a Anna, nota ſer hũa irmandade de filhos, outra de filhas, dizendo que neſta ſegunda lhe dera Deos para ultima ſatisfação do goſto, & do deſejo, todo o lucro, & augmento, que da ſucceſſaõ dos filhos póde ter hũa venturoſa familia: *Ex utroque ſexu lucrum illius cumulavit, ut illi jam plenum, ac perfectum contigerit gaudium.* Mas porque o Santo não individuou qual foſſe, ou haja de ſer eſte lucro: eu o direi, & provarei com admiravel propriedade do meſmo Texto; & he, que a ſegunda irmandade das duas filhas por beneficio, & extenſaõ dos caſamentos acreſcentaráõ outros tantos filhos à meſma geração. Aſſim o diſſe a meſma Anna Homil. 1.

na no Cantico da acçaõ de graças, que deu a Deos, pela mercè que de ſua tam liberal mão tinha recebido, declarando expreſſamente na lingua original Hebrea, ou Chaldaica em que fallava, que ella ſendo eſteril parira ſete filhos: *Donec ſterilis peperit ſeptem.* 1. Reg. 2. 5. Pois ſe a meſma Eſcritura ſagrada no vulgar Latino diz: *Viſitavit Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios, & duas filias*, que viſitou Deos a Anna, & pario tres filhos, & duas filhas, que ſaõ cinco por todos; como agora diz, que pario ſete? Aqui eſtá a propriedade, & maravilha que eu dizia. Porque como a ſegunda, & ultima irmandade foi de filhas, caſando eſtas em familia eſtranha, acreſcentavaõ cada hũa dellas hum filho à ſua propria, & ambas dous com que vinhão a fazer o numero de ſete: *Donec ſterilis peperit ſeptem.* Deſta maneira deſcreve Iſaías o augmento, & propagação de Jeruſalem, dizendo: *Filii tui de longe venient, & filiæ tuæ de latere ſurgent*, Iſai. 60. 4. que as filhas naſcendo a ſeu lado como proprias, lhe trariaõ de longe pelo vinculo da ſucceſſaõ outros tantos filhos; & ſe ella foſſe de Principes, como a de que falla Iſaias, & a noſſa, outros tantos Reys.

31 Vede agora ſe eſtá bem fundado Portugal neſtas duas irmandades. Vede ſe eſtá bẽ ſeguro neſtas quatro luzes, & ſe ſe deve feſtejar muito eſte dia, em que nos amanheceo a quarta. Querome apaixonar por eſte dia. Digo que o dia de hoje he o mais alegre que nunca teve Portugal; mais ainda que o dia feliciſſimo da acclamaçaõ. Razaõ. Porque então deu-nos Deos o Reyno, hoje moſtrou que elle nolo dera: entaõ comprìraõ-ſe as profecias, hoje provou-ſe que foi verdadeiro o comprimento dellas.

42 Quando ao Patriarca Abrahaõ lhe naſceo Iſaac de ſua mulher Sara, diz S. Baſilio de Selencia, que

que foi gemio este parto. Gemio? pois como assim? Leaõ-se as Escrituras, & acharseha que deste parto de Sara não nasceo mais que Isaac. Pois se só Isaac nasceo, como foi o parto gemio? Foi gemio, diz S. Basilio, porque deste parto de Sara esteril, se bem se nota, nascèraõ dous filhos: nasceo Isaac, & mais nasceo a fè das promessas, que Deos tinha feito a Abrahaõ: *Sara sterilis in partu suo fidem divinæ promissionis peperit.* Tinha Deos prometido a Abrahaõ, que lhe daria hum filho, & que em sua geraçaõ seria remido o mundo: & como Isaac foi este filho prometido; por isso veyo a ser, & poder-se chamar gemio o parto de Isaac; porque nasceo delle juntamente o filho das esperanças, & mais a fè das promessas: *In partu suo fidem divinæ promissionis peperit.* O mesmo passa no nascimento do nosso Infante D. Affonso. Nasceo hoje à geração Real Portugueza esterilizada o primeiro filho, & nasceo jũtamente com elle a fè das promessas Divinas feitas ao primeiro Rey. Estava esteril, pelos peccados de Portugal, a geraçaõ de seus Reys, como outra Sara; mas como Deos tinha prometido, que nessa geraçaõ esterilizada, & attenuada poria seus olhos, quando a geraçaõ Real Portugueza outra vez se vè fecunda, não ha duvida que como primeiro fruto desta fecundidade nos nasceo juntamente a fè daquellas promessas: *In partu suo fidem peperit.* Neste nascimento acabou o final do castigo. Com este nascimento nasceo a fè do remedio. Porque assim como foi final evidente de Deos querer acabar Portugal, fazer a geraçaõ Real esteril; assim he confirmaçaõ evidente de Deos querer estabelecer Portugal, fazer a geraçaõ Real fecunda.

D. Basil. de Seleucia.

33 E senaõ, pergunto: qual foi o termo com que Deos declarou, que restauraria Portugal? O

termo

termo foi: *Ego reſpiciam, & videbo*: Eu olharei, & verei. Pois no dia de hoje, & neſte feliciſſimo naſcimento ſe comprio o *Reſpiciam, & videbo*. E porque razão? Porque dar Deos a hũa geraçaõ eſteril hum filho varaõ, he o olhar, & o ver de Deos. Texto expreſſo, & continuado. Quando Anna, como vimos, & ainda não ponderamos, diſſe: *Si reſpiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederiſque ſervæ tuæ ſexum virilem*: Se olhares, Senhor, & vires a affliçaõ da voſſa ſerva, & lhe deres hum filho varaõ. Demaneira, que dar Deos hum filho varaõ a hũa geraçaõ eſteril, he o olhar, & o ver de Deos: *Si reſpiciens videris: Ego reſpiciam, & videbo*. A decima ſexta geraçaõ Real Portugueza eſtava, como Anna, eſteril: *Uſque ad decimam ſextam generationem, in qua attenuabitur proles*. Tinhanos prometido Deos, que neſſa meſma geraçaõ attenuada olharia, & veria: *In ipſa ſic attenuata ego reſpiciam, & videbo*. E quando olhou, & vio? Olhou, & vio, quando deu a eſſa geraçaõ eſteril hum filho varaõ: *Si reſpiciens videris, dederiſque ſexum virilem: Ego reſpiciam, & videbo*.

1. Reg. 1. 11.

34 Que reſta logo, ſenão darmos hoje infinitas graças a Deos, & infinitos parabens a Portugal, dizendo cõ o Profeta Iſaias: *Lauda ſterilis, quæ non paris, decanta laudem, & hinni quæ non pariebas*: Dà graças a Deos, Luſitania, alegrate, & triũfa, pois ſendo neſtes annos paſſados tam eſteril de Principes, hoje te vès tam fecunda? E ſe queres alegrarte com mais admiraçaõ, olha para a viſinhãça: *Quaniam filii deſertæ magis, quàm ejus, quæ habet virum*: porque a que era eſteril, ſe vè fecunda, & a que era fecunda, eſteril. Couſa he muito digna de reparar, que tendo Caſtella ha poucos annos dous Infantes varões, hoje não tem nenhum; & não tendo Portugal ha poucos annos

Iſai. 54. 1. Ibid.

nos nenhum Infante, hoje ſe vè com dous. Parece q̃ Caſtella enterrava os ſeus Infantes, para que os noſſos naſceſſem; porque ſe bem advertirmos, acharemos, que nas meſmas terras, onde ella enterrou os ſeus Infantes, nos naſcèraõ a nòs os noſſos. Enterrou Caſtella hum Infante em Alemanha, o Infante Fernando; & naſceolhe a Portugal outro Infante em Alemanha, o Senhor Dom Duarte, que Deos guarde, & livre, que naſceo Infante no dia feliciſſimo da acclamaçaõ. Enterrou Caſtella outro Infãte em Heſpanha, o Infante Carlos; & naſceolhe a Portugal outro Infante em Heſpanha, o Senhor Infante D. Affonſo, que naſceo já filho de Rey, no dia feliciſſimo de hoje faz hum anno. Que he iſto? He que quando Deos quer eccliſſar, como vimos em nòs, vai apagando as tochas; & como quer que reſplandeça outra vez Portugal, vainos dando as luzes às mãos cheas: *Et lucernæ ardentes in manibus veſtris.*

§. III.

35 MAs ſuppoſto q̃ Deos nos deu tantas luzes: *Lucernæ ardentes*; & ſuppoſto que as poz nas noſſas mãos: *In manibus veſtris*; que havemos de fazer para ſuſtentar eſtas luzes? Luzes acceſas gaſtaõ, & conſomem; pois que remedio para as ſuſtentar, & para as conſervar? O remedio como tam importante, & neceſſario já eſtá prevenido, & declarado nas palavras antecedentes do Evangelho: *Sint lumbi veſtri præcincti*: Cingivos, apertaivos, eſtreitaivos. Remedio para ſuſtentar as tochas, apertar os cintos: *Sint lumbi veſtri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus veſtris.* E que conſequencia tem apertar os cintos para luzirem as tochas? Muito grande. Porque para luzir he neceſſario arder, para arder he neceſſario

rio gastar, para gastar he necessario cingir. Cingivos primeiro, podereis luzir depois.

36 Muytas vezes tenho buscado em que consistio a locura das Virgens necias; porque à primeira vista eu não vejo mais milagres nas prudentes. Se as prudentes ornáraõ as alampadas, tambem as necias as ornáraõ: se as prudentes sahíraõ a receber o Esposo, tambem as necias sahíraõ: & se as necias adormecèraõ, tambem as prudentes não vigiáraõ: Matth. 25. 5. *Dormitaverunt omnes, & dormierunt.* Pois em que esteve a locura tam canonizada? Esteve em que as necias tendo menos cabedal de azeite que as companheiras, não soubèraõ poupar com a industria, o que as outras gastaváõ na abundancia. Quizeraõ luzir, quando haviaõ de poupar, & vierão a mendigar, quando haviaõ de luzir: Ibid. v. 5 *Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguũtur.* Apagàraõ selhes as luzes, porque não souberaõ estreitar os cintos; não souberaõ poupar antes, não podèraõ luzir depois. Que bem emendou esta ignorancia das Virgens necias, a prudencia, & a providencia de S. Roque! Cõtentou-se com satisfazer à necessidade, & não ao appetite; à natureza, & não à vaidade; por isso pode resplandecer em obras de caridade tam excellentes, & servir ao Rey do Ceo com tanta liberalidade, & grandeza, quanta eu agora quizera, mas não tenho tempo para ponderar.

37 Só não posso deixar de dizer, & de estranhar muito, q̃ se alarguem agora os cintos, quando era tempo de os estreitar; & que os tragão, & queiraõ trazer muito largos os mesmos, que noutro tempo os traziaõ assáz estreitos. No outro tempo tam estreitos, & tam delgados, como todos sabem; & agora tam largos, & naõ sei se tam inchados, que em nenhũa parte cabem, nem ha quem

quem cayba com elles. Cabelhes porèm, & vemlhes muito ao juſto a fraſe do ſoberbo Jeroboam, que ſaõ hoje mais groſſos pelo dedo meminho, do que eraõ antigamente pela cintura: *Minimus digitus meus groſſior eſt dorſo patris mei.* Levão hoje mais roda em hum annel, do que levavão antigamente no cinto. E o peyor he, que no cabo queixoſos, & mal contentes. Ora medi, medi os cintos, & vereis quanto mais largos andais agora, do que andaveis no outro tẽpo. Antigamente (ſe vos lembra) cabieis nos voſſos çapatos, & hoje não cabeis em hum coche, & mais outro coche. E ſobre tanta differença, queixas ainda? Eſtranho iſto, mas não me eſpanto, que quando anda prodigioſo o Ceo, vem-ſe ſemelhantes maravilhas na terra.

.Reg. 10.

38 Hia S. Paulo caminhãdo para Damaſco, deſce do Ceo hum rayo de luz, q̃ o derrubou do cavallo, & o deitou em terra. Eſtava Elias no Jordaõ, deſce do Ceo hum coche de quatro cavallos, que o levou por eſſes ares. Eiſ-aqui o que acontece na terra, quando anda prodigioſo o Ceo. A huns apea, a outros levanta: Paulo q̃ andava a cavallo, ficou a pe; Elias que andava a pè, ficou em coche. Com tudo, a mim me parece muito bem que Elias tenha coche, porque vejo a capa de Elias nos hombros de Eliſeo. Que ande em coche Elias zeloſo, que cobre a Eliſeo com a ſua capa, he muito juſto; mas que ande em coche Elias zelote, que cobre o coche com a capa de Eliſeo, não he bom zelo eſte. Zeloſo que não ſabe dar a capa, não tem bom zelo. Pois deſenganemonos, que quem quizer ſuſtentar as tochas nas mãos, não ha de ter a capa nos hombros. Por iſſo Chriſto nos manda ſer ſemelhantes aos criados, cujo eſtylo, & obrigaçaõ he largar a capa para tomar a tocha. Eſtava Jehú em hũa converſaçaõ

de fidalgos; veyo ſubitamente hum Profeta ungillo por Rey: & que fizeraõ os circunſtantes? No meſmo ponto, diz o Texto, que tiráraõ todos as capas dos hombros, fizeraõ dellas hum trono, aſſentárão nelle a Jehú, & diſſeraõ: Viva ElRey: *Regnavit Jehu.* Entaõ vive o Rey, quando ſe lhe faz o trono das capas dos mayores vaſſallos. Entrou Chriſto em Jeruſalem triunfando, começáraõ todos a acclamallo por Rey de Iſrael: & que fizerão os que eſtavaõ pelas ruas? No meſmo ponto, diz o Euangelho, que tiráraõ tambem as capas, & as lançavaõ por terra, para que o Senhor paſſaſſe por cima. Entaõ triunfa o Rey, quando tem poſtas a ſeus pès as capas dos ſeus vaſſallos. Em nada me aparto do noſſo Texto.

4 Reg. 9. 13.

39 A duas couſas ſe compara Chriſto Senhor noſſo neſte Euangelho: compara-ſe a Eſpoſo, & compara-ſe a ladraõ. A Eſpoſo: *Expectantibus dominum ſuum quando revertatur à nuptiis.* A ladraõ: *Si ſciret pater familias qua hora fur veniret.* Que ſe compare Chriſto a Eſpoſo, eſtá muyto bem, que o he de noſſas almas; mas comparar-ſe a ladraõ? a ladraõ, & a Eſpoſo juntamente? Sim. Compara-ſe Chriſto a ladraõ, & mais a Eſpoſo, para que entendamos que ha de ſer o noſſo amor, & que ha de ſer ſua a noſſa capa. Ao Eſpoſo deveis-lhe o amor, o ladraõ pedevos a capa. E como Chriſto he noſſo legitimo Rey, & Senhor, por iſſo ſe compara juntamente a ladraõ, & mais a Eſpoſo: porque ao Senhor natural, ao Rey verdadeiro, ha-ſelhe de dar o amor, & haſelhe de dar a capa por amor: oh como fica ayroſo quem o faz!

Luc. 12. 36.

Ibid. v. 39.

40 Mas advirtovos de caminho, que ſe deres a capa, dai-a dada, porque alguns daõ a capa no exterior, & por debaixo da capa tornaraõ a tomalla. Capas dadas, ſaõ as que eſtabelecem o trono ao Rey:

Rey : capas dadas, & tornadas a tomar, não. Pouco ha que diſſemos que os vaſſalos d' ElRey Jehú lhe fizerão o trono com as ſuas capas. Tambem diſſemos que os vaſſallos de Chriſto lhe puzerão as capas de baixo dos pès, quando o acclamáraõ por Rey. Porèm eu noto hũa grande differença, que o Reynado de Jehú (como conſta do Texto) durou vinte & oito annos; & o Reynado de JESU temporalmẽte, não durou mais que cinco dias. Pois qual he a cauſa porque o Reynado de JESU dura tam poucos dias, & o Reynado de Jehú dura tantos annos ? A cauſa Deos a ſabe; a conjectura eu a direi. Aquelles vaſſallos, que fizeraõ o trono de Jehú com as ſuas capas, não as tornáraõ a tomar; pelo contrario os que puzerão as ſuas capas aos pès de Chriſto, tanto que paſſou o triunfo, tornárão a pollas aos hombros. E Reynado como o de Chriſto, em que os vaſſallos daõ as capas, & as tornão a tomar, não he muito que dure pouco : porèm Reynado como o de Jehú, em que os vaſſallos daõ as capas dadas, durará por muitos annos, & perpetuarſeha em muitos ſucceſſores.

41 Pois por certo que merecia Chriſto aos ſeus vaſſallos, que lhe déſſem as capas dadas. Tanto que Chriſto tomou o titulo de Rey na Cruz, deu os ſeus veſtidos aos ſoldados, & não ſó os veſtidos exteriores, ſenão a tunica interior: *Milites ergo acceperunt veſtimenta ejus, & tunicam.* Joann. 19. 28. E que fizeraõ logo os ſoldados? Tomáraõ os dados, & puzeraõ-ſe a jugar. Grãdes dous documentos. Se o verdadeiro Rey ſe deſpe, para que os ſoldados tenhão que jugar; quanto mais ſe deve deſpir, para que tenhaõ que comer ? E ſe o Rey tira a tunica, para ſuſtentar os ſoldados; porque não tiraráõ os vaſſallos a capa, para ſuſtentar o Rey? Quereis poder dar as capas ? Sabei apertar as

roupas : *Sint lumbi veſtri præcincti.* E ſe não baſta a doutrina, baſte o exemplo. *Amen dico vobis quòd præcinget ſe.* Porque não fará o vaſſallo pelo Rey, o que o Rey faz pelo vaſſallo ? Notai a correſpondencia do Euangelho entre o criado, & o ſenhor. Diz o ſenhor aos criados, que ſe cinjaõ, & tomem as tochas
Luc. 12 37. nas mãos: *Sint lumbi veſtri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus veſtris.* E logo abaixo diz, que o ſenhor ſe cingirá tambem, & porá os criados à meſa :
Luc. 12. 37. *Præcinget ſe, & faciet illos diſcumbere.* Pois ſe o Rey ſe cinge, & ſe eſtreita para ſuſtentar a meſa dos criados: *Præcinget ſe, & faciet illos diſcumbere* ; porque ſe não cingiráõ, & eſtreitaráõ os criados para ſuſtentar as tochas do ſenhor : *Sint lumbi veſtri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus veſtris* ? Não vemos a moderação verdadeiramente de pay da patria, cõ que ElRey, que Deos guarde, eſtreita os gaſtos de ſua Real Peſſoa, & caſa? Não vemos a liberalidade verdadeiramente Real, cõ que a Rainha noſſa Senhora ſe priva de ſuas rendas, & as applica aos exercitos, & fronteiras ? Pois ſe aſſim ſe eſtreita a grandeza dos Reys ; porque não aprenderá a ſe eſtreitar a vaidade dos vaſſallos? Façamos como libertados, pois elles fazem como libertadores.

42 Ora ouvime hũa ponderaçaõ, em que vereis que neſte meſmo eſtreitarſe moſtra ſer Sua Mageſtade o noſſo verdadeiro Libertador. Quando eſtavaõ cativos os filhos de Iſrael no Egypto, deſceo Deos em figura de fogo, aſſentou-ſe em hũa C,arça: *Quòd rubus arderet, & non* Exod. 3. *combureretur* ; & a C,arça ardia, & não ſe queimava. Pois ſe o fogo he hum elemento tam activo, tam cõſumidor, tam voraz, porque não queimava a C,arça ? Portava-ſe a ſi o fogo não pelo que era, ſenão pelo a que vinha. Vinha Deos naquelle fogo a libertar

bertar os filhos de Iſrael como elle meſmo diſſe : *Deſcendi ut liberem eum.* E o fogo libertador ſuſtenta-ſe de ſi meſmo , não gaſta. Fogo em que Deos vem abrazar , como o do ſacrificio de Abel , conſome; mas fogo em que Deos vem a libertar, como o da C,arça de Moyſes, não gaſta , ſuſtenta-ſe de ſi meſmo. Bem o vemos no noſſo Libertador, q̃ ſe ſuſtenta do ſeu , que era , & não do noſſo , ſendo que o ſeu, & o noſſo , tudo he ſeu. E para que mais eſtimemos , & agradeçamos eſta moderação , notemos que os Reys da terra ſaõ como o Rey dos elementos, o fogo. Todos os outros elementos, temolos em caſa , ſẽ nos fazerẽ gaſto: a terra, a agua, & o ar não nos gaſtaõ nada; o fogo ninguem o teve em ſua caſa , ſenão cuſtandolhe. Aſſim ſaõ os Reys da terra. E ſe não baſtaõ os exemplos paſſados dos que tam abrazado deixáraõ Portugal , lea-ſe na Eſcritura , o que Deos diſſe por Samuel aõ povo , quando teimáraõ em pedir Rey. E q̃ ſendo eſta a qualidade, & condiçaõ de hum, & outro fogo , que naõ tome para ſi nada o milagroſo que vemos ! que não toque em hũa folha da C,arça ! que ſe ſuſtente de ſi meſmo ! he ſem duvida , porque eſtá Deos naquelle fogo , & porque eſtá nelle como Libertador : *Deſcendi ut liberem eum.*

Exod. 3. 8.

43 E não ſó como Libertador , ſenão como Reſtaurador , & Conquiſtador , que aſſim o pede a noſſa neceſſidade , & o prometem as noſſas profecias. E porque ? Pela meſma razaõ , que temos dito. Porque Principe , que quanto pede aos vaſſallos, nada toma para ſi , tudo deſpende com elles , ſerá Reſtaurador , & Conquiſtador do mundo. Diz S. Agoſtinho , & he authoridade recebida de toda a Igreja : *Sacramento Euchariſtiæ totus mundus ſubjugatus eſt*, que com o Sacramento da Euchariſtia rendeo , & ſugei-

tou Chriſto todo o mundo. Na Cruz alcançou a principal vitoria; mas com o Sacramento de ſeu Corpo, & Sangue foi reſtaurando, & reſtituindo a ſeu Imperio, quanto o demonio lhe tinha tyrannizado. Ora examinemos, & ſaibamos porque mais com o Sacramento da Euchariſtia, que com outro myſterio. Chriſto naſcido, Chriſto morto, Chriſto reſuſcitado não podèra reſtaurar o mundo? Pois porque mais Chriſto ſacramentado? Porque ſe tomou por inſtrumento da reſtauraçaõ, & conquiſta do mundo o myſterio ſagrado da Euchariſtia? Lavremos hum diamante cõ outro diamante, & expliquemos hum Santo com outro Santo. S. Thomás fallando do Santiſſimo Sacramento do Altar nota hũa couſa muito digna de ponderaçaõ, & he, que neſte ſoberano myſterio, quanto Chriſto recebeo de nòs, tudo deſpende com-

D. Tho. noſco: *Et hoc inſuper quod de noſtro aſſumpſit, totum nobis contulit ad ſalutem.* Que recebeo Chriſto de nòs na Encarnaçaõ? Recebeo carne, & recebeo ſangue. E que nos dá Chriſto na Euchariſtia? Dá-nos eſſa meſma Carne na Hoſtia, & dá-nos eſſe meſmo Sangue no Caliz. E eſte ſoberano Principe he tam juſto, & tam deſintereſſado, que quanto recebe de nòs, tudo deſpende comnoſco, & quanto toma dos homens, tudo deſpende com os homens para ſua ſuſtentaçaõ, & proveito: *Quod de noſtro aſſumpſit, totum nobis contulit ad ſalutem.* Logo com muito fundamento ao myſterio em q̃ ſe exercita eſta grande acçaõ, mais que a nenhum outro, ſe deve, & ſe attribue a reſtauraçaõ, & conquiſta do mundo: *Sacramento Euchariſtiæ totus mundus ſubjugatus eſt.* Porque Principe que gaſta com ſeus vaſſallos tudo o que recebe delles, não lhe compete menos conquiſta, que a do mũdo, menos Monarquia, que

que a do univerſo. Aſſim o prometem as noſſas profecias, o confeſſaõ as noſſas eſperanças fundadas no exemplo de tal Rey, & na liberalidade de taes vaſſallos, para grande augmento da Fè, para grande gloria da Igreja, para grande honra da Naçaõ Portugueza, & ainda para grande opulencia dos bens da fortuna, com mayor abũdancia dos bens da graça.

§. IV.

43 BEm acabava aqui o Sermaõ, & certamẽte aqui acabou a parte panegyrica delle. Mas porq̃ o dia, & a feſta propriamente he de S. Roque, o Santo, & o que reſta no Euangelho tomaráõ, & ſatisfaráõ por ſua conta a parte apologetica. Não declaro a materia da queſtaõ, porque he vulgar, ſabida, & praticada de todos neſta Corte, como ſegunda, & muy neceſſaria parte da meſma panegyrica, em que atè agora fallamos; ſuppondo ſó o util, & glorioſo della, ſem reparar no duvidoſo, & perigoſo da ſua conſervaçaõ. Baſte por unico fundamento na ſuppoſiçaõ, & circunſtancias do tempo preſente, que em todo o paſſado Caſtella, & Portugal juntos não podèraõ prevalecer aſſim no mar, como na terra cõtra Olanda; & como poderá agora Portugal ſó permanecer, & conſervarſe contra Olanda, & contra Caſtella? Em defenſa do zelo, que iſto duvida, & teme, ſe deterá hum pouco a noſſa apologia contra os juizos Portuguezes (ſe he que verdadeiramente o ſaõ) tam confiados, & bizarros, que impugnaõ como diſcredito os que ſuppoem a neceſſidade, & repreſentaõ o remedio.

44 Os remedios, dizem, ſuppoem perigos, os perigos cauſaõ temores, os temores arguem deſconfianças, & animos deſconfiados, nem ſaõ bens, nem ſaõ animos. Ora o noſſo Euangelho, quando me-

nos, não diſcorrẽ aſſim; dos meſmos principios tira mais honradas conſequencias. Todo o Euangelho, que hoje nos propoem a Igreja, eſtá fundado em temores, & em eſperanças; porque como trata da ſalvação, que he incerta, a eſperança anima, o temor acautela. Mas ainda que eſtes dous affectos, ambos ſaõ neceſſarios para obrar ao futuro; eu com tudo ſem ſer muito apaixonado do medo, acho melhores raizes ao temor, que á eſperança. Vamos ao Texto.

45 Exhorta Chriſto neſte Euangelho a todos os homens a que vigiem ſobre ſua ſalvação, & num lugar compara-os aos criados, noutro lugar compara-os ao pay de familias. Mas noto eu, que quando os manda vigiar como criados, diz que eſperem: *Similes hominibus expectantibus*; quando os manda vigiar como pay, diz que temaõ: *Si ſciret paterfamilias qua hora fur veniret, vigilaret.* Pois ſe o criado, & mais õ pay ambos vigiaõ, qual he a razão porque o criado quando vigia, eſpera, & o pay quãdo vigia, teme? Porq̃ o pay he pay, & o criado he criado. O criado quando vigia, eſpera; porque no criado vigia o intereſſe. O pay quãdo vigia, teme; porque no pay vigia o amor. Eſpera quem ſerve, teme quem ama. Grande confirmação no meſmo Euãgelho. Quãdo Chriſto manda vigiar como criados, promette a ſua meſa: *Faciet illos diſcumbere*: quando manda vigiar como pay, não promette nada. Pois porque ſe promette premio ao criado, & não ſe promette premio ao pay? Porque? Porque o criado ſerve, o pay ama. Quem ſerve, tem por premio a voſſa meſa: quem ama, tem por premio o ſeu cuidado. E quem tem os olhos na voſſa meſa, claro eſtá que ha de eſperar: quẽ tem o coraçaõ no ſeu cuidado, claro eſtá que ha de temer.

45 Ainda mais apertada-

tadamẽte no meſmo Texto. Quando Chriſto falla nas eſperãças dos criados, diz que eſperaõ por ſeu ſenhor: *Expectantibus dominum ſuum*: quando falla nos temores do pay, diz q̃ teme ao ladraõ: *Si ſciret paterfamilias qua hora fur veniret.* He certo, & averiguado entre todos os Doutores, que aſſim o ſenhor, como o ladraõ neſta parabola ſignificaõ a Chriſto na hora da morte. Pois ſe he a meſma peſſoa, & no meſmo tempo, como em reſpeito do criado ſe chama ſenhor, & em reſpeito do pay ſe chama ladraõ? Porque donde o criado tira razões de confiança, o pay, que ama, tira razões de temor. No meſmo tempo, & nas meſmas circunſtancias o meſmo que para o criado he ſenhor, para o pay he ladraõ. Ora queira Deos, que não haja algum criado, que eſpere como a ſenhor, o meſmo, que o pay, que ama, teme como a ladraõ! & ſe quem ama teme; porque não ha de imaginar perigos? & ſe quẽ teme, ama; porque não ha de ſolicitar remedios? Quẽ eſtranhar eſte zelo, perto eſtá de condemnar o de Chriſto.

46 Lea-ſe o noſſo Euangelho, & em todo elle não ſe achará outra couſa ſenão perigos, & mais perigos, remedios, & mais remedios. Virá o ladraõ: *Qua hora fur veniret*, poderá roubar a caſa, *perfodi domum ſuam*, buſcarnosha na hora em que eſtivermos mais deſcuidados: *Qua hora non putatis, Filius hominis veniet.* Eiſ-ahi os perigos. Por outra parte, roupas na cinta, tochas acceſas, portas fechadas, olhos abertos: eiſ-ahi os remedios. Pois Senhor, eſtes ſaõ os dous pólos da voſſa doutrina, & do voſſo cuidado? naõ imaginais noutra couſa ſenaõ em perigos? naõ fallais noutra couſa ſenaõ em remedios? Sim, ſim. O mais verdadeiro, & fiel amigo, que ha, nem póde haver no mundo, he Chriſto: & o fiel, & verdadeiro amigo,

amigo, ẽm materias q̃ não importaõ menos que a ſalvaçaõ, naõ ſabe imaginar ſenão em perigos, não ſabe fallar ſenão em remedios. Eſte he o zelo de Chriſto; & porque não ſerá eſte o zelo Chriſtaõ?

47 Mas vejo que me diz, ou q̃ me dirà alguem, que ha perigos, que ſaõ impoſſiveis, & ha remedios, que ſaõ perigoſos. Perigos impoſſiveis não ſe haõ de temer: remedios perigoſos não ſe haõ de aceitar. Admitto no perigo o impoſſivel, admitto no remedio o perigoſo, & reſpondo com tudo.

§. V.

48 QUanto ao primeiro. Falla Chriſto Redemptor noſſo dos tempos temeroſos do Antechriſto, & diz que ſerá tam univerſal a ruina, que atè os meſmos predeſtinados, em certo modo, não eſtaráõ ſeguros: *Ita ut in errorem inducantur, ſi fieri poteſt, etiam electi.* No-

Matth. 24. 24.

tavel dizer! Os predeſtinados não he impoſſivel perderem-ſe? Claro eſtá que os decretos Divinos ſaõ immutaveis, & ſeus effeitos nada os póde impedir. Pois ſe o perigo nos predeſtinados he impoſſivel, porque chega Chriſto a recear perigo aos predeſtinados: *Etiam electi?* Porque? Porque os ama muito. Chriſto Senhor noſſo ama muito os ſeus predeſtinados. E quem ama muito, atè perigos impoſſiveis teme. O perigo ſerá impoſſivel, mas o amor he muito verdadeiro. Quem chegou a temer impoſſiveis, chegou a amar quanto he poſſivel. Ha-ſe o amor no temer, como no deſejar; & aſſim como não ha mayor ſinal de amor, que impoſſiveis deſejados; aſſim não ha mayor ſinal de amor, que impoſſiveis temidos. Antes mais verdadeiramẽte ama quem teme impoſſiveis, que quem deſeja impoſſiveis; porque deſejarme impoſſiveis, ſempre he amor meu; mas temervos impoſſi-

impoſſiveis, não póde ſer ſenão amor voſſo.

49 Porèm dirmehaõ que os impoſſiveis ſerá amor temelos, mas não ſerá razão temerem-ſe. Temelosha o amor, que he hum cego; mas não os temerá a razaõ, que tem os olhos abertos. Tambem a razaõ.

50 Começáraõ a edificar os filhos de Membroth aquella ſoberba Torre chamada depois de Babel, com intento de que chegaſſem ſuas ameas a topetar com as Eſtrellas. E diz o Texto ſagrado, que deſceo logo Deos a impedir, & desfazer eſta obra; & que a razaõ que o moveo foi eſta: *Non deſiſtent à cogitationibus ſuis, donec eas opere compleant.* Que era neceſſario atalhar em ſeus principios a fabrica daquella Torre, porque os homens a não acabaſſem, & chegaſſem ao Ceo com ella. Galante razaõ por certo. He demonſtraçaõ Geometrica que ainda que o globo da terra fora vinte vezes mayor do que he, não podèra dar baſtante materia para ſe edificar hũa Torre, que chegaſſe à altura do Ceo. Quanto mais, (deixados outros mil impoſſiveis) que chegando à ſegunda regiaõ do ar, por ſer extremamẽte fria, haviaõ de morrer os homens congelados; & quando dalli eſcapaſſem, lá eſtava a eſfera do fogo, onde ſe haviaõ de abrazar, & conſumir todos, antes de chegar ao Ceo. Pois ſe a fabrica da Torre, & o intento daquelles homens era impoſſivel; como diz Deos, que deſce à terra ao impedir, porque não acertem de o executar: *Non deſiſtent, donec opere compleant?* A razaõ he; porque quem tem inimigos, que poſſaõ armar Torres contra os ſeus Reynos, como Deos tinha neſte caſo, ha de diſcurſar ſobre os perigos impoſſiveis, como ſe foraõ perigos provaveis. A Torre era impoſſivel, mas Deos diſcurſava, & obrava como ſe o não fora. Os perigos que ſaõ impoſſiveis

Eccleſ. 16.27.

possiveis para o effeito, haõ-se de imaginar possiveis para a cautela. Quem teme os perigos possiveis, estará acautelado; mas quem teme os impossiveis, está seguro. O melhor meyo de conservar a segurança, he temella. Assim a temia, ou obrava Deos, como se a temèra, dentro das muralhas do Ceo: *Non desistent à cogitationibus suis.* De maneira que recear perigos impossiveis, he amor; & acautelar-se de perigos impossiveis, he providencia. Quẽ persuade que se temaõ impossiveis, aconselha como Christo, que assim o aconselhou aos predestinados: & quem se acautela de impossiveis, obra como Deos, que assim se acautelou da Torre. Nem o receyo he discredito do amor, nem a cautela he discredito do poder. O receyo não he discredito do amor, pois assim recea Christo, que ama tanto: a cautela não he discredito do poder, pois assim se acautela Deos, que póde tudo.

§. VI.

51 TEnho satisfeito aos perigos impossiveis: respondo agora aos remedios perigosos. Para o primeiro ponderei o Euangelho; para o segundo contarei parte da vida de S. Roque.

52 Depois de S. Roque haver peregrinado por Italia, recolheo-se outra vez a França, & entrando em Mompelher patria sua, como entre França, & Italia havia naquelle tempo guerras, prendèraõ-no por espia. Por espia a Saõ Roque? Não faltará neste caso quem chame à patria de S. Roque desgraçada, ou quando menos desagradecida. Mas eu chamolhe ditosa, & bemaventurada. Bemaventurada a terra onde os que padecem, & os que fazem padecer, todos saõ zelosos! S. Roque zeloso, porque o zelo da patria o trouxe a ella. Os Fran-

Francezes tambem zelosos, porque o zelo da patria os fez maltratar a Saõ Roque. Terem todos o meſmo entendimento, não he obrigaçaõ; mas terem todos o meſmo zelo, ainda que em pareceres encontrados, he grande ventura. Preſumo certo da virtude de S. Roque, que ſó por conhecer o bom zelo de ſeus naturaes, levaria com muito bom animo a ſua deſautoridade. Mas ſe S. Roque era o remedio unico da ſua patria, & os Francezes eraõ tam zelosos della, porque o perſeguem, porque o accuſaõ, porque o condemnaõ? Iſto he zelo da patria? Sim. O zelo não tem mais obrigaçaõ, que de ſer bem intencionado. Póde ſer muito bom, & póde enganarſe. Os Francezes cuidavaõ hũa couſa, & era outra: cuidavaõ que em S. Roque lhes vinha o perigo, & em S. Roque vinhalhes o remedio. Quantas vezes ſuccede iſto no mundo?

53 Andavaõ os Apoſtolos na barquinha de S. Pedro lutando com as ondas: parte de terra Chriſto a ſoccorrellos: *At illi putaverunt phantaſma eſſe*, & elles começáraõ a tremer, cuidando q̃ era fantaſma. Fãtaſma? Pois como aſſim? Não era Chriſto, q̃ os hia ſoccorrer? Não era Chriſto que os hia remediar? Não era Chriſto, que os hia livrar do perigo? Pois como lhes pareceo que era fantaſma? Porque aſſim como ha fantaſmas que parecem remedios, aſſim ha remedios, que parecem fantaſmas. Couſa notavel, que o meſmo que lhes metia medo como perigo, os livrou da tempeſtade como remedio. Viſto ao longe entre as trevas parecia fantaſma, metido dentro na barca era JESU Chriſto. Mas he muito de reparar o tempo, & a circunſtancia em que Chriſto effectivamẽte ſoccorreo aos Apoſtolos. Partio Chriſto de terra, & ainda que os Apoſtolos andavaõ lutando com a tempeſtade, paſſou Marc. 6. 49.

fou o Senhor de largo : quando elles víraõ que paſſava , cuidáraõ que era fantaſma : tanto que cuidáraõ que era fantaſma , então voltou o Senhor a remedialos. Pois porque os não remediou Chriſto , quando elles temiaõ , & lidavaõ ſó com a tempeſtade , ſenão depois que chegáraõ a temer o meſmo Chriſto , cuidando que era fantaſma ? Porque Chriſto ſempre acode nos mayores perigos ; & o mayor perigo não he quando ſe teme o perigo , he quando ſe teme o remedio. Quando os Apoſtolos temiaõ a tempeſtade, temiaõ o perigo ; quãdo temèraõ a Chriſto , temèraõ o remedio;& como Chriſto coſtuma acudir ſépre nos mayores perigos , por iſſo não acudio, quando temiaõ o perigo , ſenão quando temèraõ o remedio. Não digo que não haja remedios perigoſos ; mas ſó moſtro que alguns o podem parecer que o não ſejaõ , como o de Chriſto , & o de S. Roque Quando S. Roquẽ veyo ã Mompelher , prendèraõno ; quando morreo , os meſmos, que o prendèraõ, o canonizàraõ. E he muito para notar, que o não canonizou o Papa , ſenão o Povo. Na vida não lhe baſtou vir de Roma para o aceitarem ; na morte não teve neceſſidade de Roma para o canonizarem. E ſendo quaſi de Fè o que canoniza o povo ; como ha de ſer caſo contra a Fè o que canonizar o Papa ?

54 O remedio temído , ou chamado perigoſo, ſaõ duas companhias mercantís , Oriental hũa , & outra Occidental , cujas frotas poderoſamente armadas tragaõ ſeguras contra Olanda as drogas da India, & do Braſil. E Portugal com as meſmas drogas tenha todos os annos os cabedaes neceſſarios para ſuſtentar a guerra interior de Caſtella , que não póde deixar de durar alguns. Eſte he o remedio por todas as ſuas circunſtancias não ſó approvado, mas

mas admirado das Nações mais politicas da Europa, excepta ſómente a Portugueza, na qual a experiencia de ſerem mal reputados na Fè alguns de ſeus cõmerciantes, não a união das peſſoas, mas a miſtura do dinheiro menos Chriſtaõ como Catholico, faz ſuſpeitoſo todo o meſmo remedio, & por iſſo perigoſo. Mas tornemos ao defenſor deſte perigo.

55 Herdou S. Roque por morte de ſeus pays hũ grande eſtado, & muitas riquezas, & quando os outros deſejaõ larga vida, & muitos annos para as lograr, elle as repartio logo aos pobres. Oh que grande politica do Ceo eſta! fazer do perigo remedio, & vencer ao inimigo com ſuas proprias armas. As armas com que o mundo faz mayor guerra aos homens, ſaõ as riquezas. Pois que fez S. Roque às ſuas? Tirou eſtas armas da maõ ao mundo, converteo-as outra vez contra elle, & deſta maneira o venceo, & meteo debaixo dos pès. Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens: hum bem, porque ſe diminue o poder contrario; outro bem, porque ſe accreſcenta o poder proprio. E de hum mal fazer dous bens he mal? Não he melhor que eſſas riquezas ſirvão a S. Roque contra o mundo, que ſervirem ao mundo contra S. Roque? Ao menos aſſim o entendeo ElRey David, hum varaõ tam ſanto, tam amigo de Deos, feito em fim pelos moldes de ſeu coraçaõ.

56 Quando Joab tomou a Cidade de Rabba, achou-ſe alli entre os deſpojos hum Idolo famoſo chamado Melchon, cujo ouro tomou ElRey David, & mandou que lhe fundiſſem delle, & lhe lavraſſem hũa Coroa. Pois pergunto: Hum Rey tam rico, & tam poderoſo como David, não tinha outro ouro de que mandar lavrar a ſua Coroa, ſenão o ouro de Mel-

Melchon ? Sim tinha muito. Pois que penſamento teve em querer que do ouro do Idolo ſe lhe fizeſſe a Coroa ? Hum Rey tam Catholico, como David, ha de fazer a Coroa da ſua cabeça do ouro dos Idolos ? Sim. Antes por iſſo meſmo ; porque não póde haver mais glorioſa induſtria em hum Rey, que ſaber paſſar à ſua Coroa o meſmo ouro, que enriquece os Idolos. Eſte ouro eſtá ſervindo à infidelidade : pois quero eu que ſirva à minha Coroa, diz ElRey David. Qual he melhor, que o ouro ſirva a David contra o Idolo, ou que ſirva ao Idolo contra David ? Se eſte ouro poſto da parte da infidelidade eſtá conquiſtando os Reynos de David, & propagando nelles a hereſia; porque não paſſará David eſte ouro á ſua Coroa, para ajudar a reſtaurar ſeus Reynos, & dilatar a verdadeira Fè ? Servir à Fè com as armas da infidelidade, oh que politica tam Chriſtãa! Alcançar a Fè as vitorias, & pagar a infidelidade os ſoldos, oh que Chriſtandade tam politica !

57 Não houve no mũdo dinheiro mais ſacrilego, que aquelles trinta dinheiros, porque Judas vẽdeo a Chriſto. E que ſe fez deſte dinheiro ? Duas couſas notaveis. A primeira foi, que daquelle dinheiro ſe comprou hum campo para ſepultura de peregrinos : *In ſepulturam peregrinorum*: aſſim o diz o Euangeliſta, & aſſim o tinha Deos mandado pelo Profeta. Houve no mundo mayor impiedade, que vẽder a Chriſto? Nem a póde haver. Ha no mundo mayor piedade, que ſepultar peregrinos? Não a ha mayor. Pois eiſ-aqui o que faz Deos quando obra maravilhas ; que o dinheiro, que foi inſtrumẽto da mayor impiedade, paſſe a ſervir às obras da mayor piedade. Servio eſte dinheiro ſacrilegamente à venda de Chriſto ? pois ſirva piedoſamente à ſepultura dos pere-

Matth. 27. 7.

peregrinos. Esta foi a primeira cousa, que se fez dos trinta dinheiros. A segunda foi, que mandou Christo a ElRey D. Affonso Henriques, q̃ destes trinta dinheiros, & mais das suas cinco Chagas se formassem as armas de Portugal: *Ex pretio quo ego genus humanum emi, & ex pretio quo à Judæis emptus sum, insigne tuum compones.* Comporeis o escudo das vossas armas, do preço com que eu comprei o genero humano, que saõ as minhas cinco Chagas; & do preço com que os Judeos me compráraõ a mim, que saõ os trinta dinheiros de Judas. Ha cousa mais sacrilega, que os trinta dinheiros de Judas? Ha cousa mais sagrada, que as cinco Chagas de Christo? E com tudo manda Deos ao primeiro Rey Portuguez, que componha as armas de Portugal das Chagas de Christo, & mais do dinheiro de Judas: para que entendamos, que o dinheiro de Judas christãamente applicado; nem descompoem as Chagas de Christo, nem descompoem as armas de Portugal. Antes compostas juntamente de hum, & outro preço podem tremolar vitoriosas nossas bandeiras na conquista, & restauraçaõ da Fè, como sempre fizeraõ em ambos os mundos. E se Deos compoz assim as armas de Portugal, se Deos não achou inconveniente nesta uniaõ; que muito he, que o imaginasse assim hũ homem? Ora perdoailhe quando menos, que tem bom fiador o pensamento.

58 Mais. Estava Saõ Roque doente ao pè de hũa arvore, & diz a Historia, que vinha alli hum caõ piedoso, o qual lhe trazia todos os dias hum paõ da mesa de seu senhor com que o sustentava. Lembrame que aos que carecem da verdadeira Fè chama Christo Senhor nosso cães: *Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus.* E com o mesmo nome de cães afronta justamente a Matt. 7. 27.

noſſa terra os convencidos do meſmo crime da infidelidade, não pelo naſcimẽto da Naçaõ, nem pelo exercicio do cõmercio, em que não ha culpa. Iſto poſto pois, & levando o caõ na boca o paõ de que ſe ſuſtentava S. Roque, pergunto: E he máo tirar o paõ da boca do caõ, para ſuſtentar o Santo? Ora eu não reparo em S. Roque comer o paõ da boca do caõ, que pareceria alqueroſo; mas reparo em que o caõ lho levaſſe. Se o caõ tirava o paõ da meſa a ſeu ſenhor, ſabia elle a quem o levava; & ſe o ſenhor ſabia que o levava a S. Roque, porque lho não leva elle, ou manda ao menos por hum criado? Hade dar o paõ o homem, & hade levar o paõ o caõ? Sim. Porque aquelles a quem ſuſtẽta a providencia Divina, quer Deos que o ſirvaõ os homens, & quer que o ſirvaõ os cães. A quem Deos ſuſtenta com ſua maõ, quer que o ſirvaõ todas ſuas creaturas, que o ſirvaõ os racionaes, & que o ſirvaõ os animaes.

59 Eſtava Elias em hum deſerto, quando foi a perſeguiçaõ de Jezabel, & veyo hum Anjo, que lhe deu paõ, com que ſe ſuſtẽtou quarenta dias. Eſtava outra vez Elias em outro deſerto, quando foi a fome do tempo de Achaz, & vinha todos os dias hum corvo, que lhe trazia tambem de comer. Pois valhame voſſa providencia, Senhor: que mudança he eſta? Já ſe acabáraõ as Jerarquias do Ceo? Já ſe variou o miniſterio dos Anjos? Pois ſe hũa vez ſuſtentaïs a Elias com Anjos, porque outra vez ſuſtentais a Elias com corvos? Porque Deos quando ſuſtenta os ſeus mimoſos, quer que os ſirvaõ todas ſuas creaturas. Sirvaõ hũa vez a Elias os Anjos, ſirvaõ outra vez a Elias os corvos. Suſtentar Deos a Elias por meyo dos corvos, nem era contra a providencia de Deos, nem cõtra a ſantidade de Elias.

Tam

Tam Deos era Deos, quando ſuſtentava a Elias por miniſterio de corvos, como quando o ſuſtentava por miniſterio de Anjos: & tam Santo era Elias, quando recebia o paõ das mãos dos Anjos, como quando tomava o paõ das unhas dos corvos.

60 E a razaõ diſto qual he? A razaõ he; porque a bondade das obras eſtá nos fins, não eſtá nos inſtrumentos. As obras de Deos todas ſaõ boas; os inſtrumentos, de que ſe ſerve, podem ſer bons, & máos.

61 A Job chamalhe Deos na Eſcritura ſervo ſeu: *Numquid conſideraſti ſervum meum Job?* E a Nabuchodonoſor chamalhe Deos tambem ſeu ſervo: *Nabuchodonoſor, quia ſervivit mihi.* Todo o mundo ſabe quam differentes eraõ os procedimentos deſtes dous homens. Job muito Santo, muito juſto, muito piedoſo; Nabuchodonoſor muito máo, muito cruel, muito idolatra. Pois ſe iſto he aſſim; como ſe chama ſervo de Deos Nabuchodonoſor? Que ſe chame ſervo de Deos Job, eſtá muito bem, era Santo: mas que ſe chame ſervo de Deos Nabucho, que era tam máo homem? Tãbem. Porque entre os ſervos de Deos ha eſta differença: huns ſaõ ſervos de Deos, porque ſervem a Deos; outros ſaõ ſervos de Deos, porque Deos ſe ſerve delles. Os que ſaõ ſervos de Deos, porque ſervem a Deos, neceſſariamente haõ de ſer bons: os que ſaõ ſervos de Deos, porque Deos ſe ſerve delles, bem podem ſer máos. Eiſ-aqui a differença com que Job, & Nabuchodonoſor, ſendo tam deſemelhantes na vida, ambos eraõ ſervos de Deos nas obras. Job, como Santo, era ſervo de Deos, porque ſervia a Deos? Nabuchodonoſor, como máo, era ſervo de Deos, porque Deos ſe ſervia delle. Bons, & máos, todos podem ſervir a Deos. Os bons ſirvaõ

Job 1.8.

a Deos; os máos ſirva-ſe Deos delles. Aſſim aconteceo a S. Roque no paõ com que ſe ſuſtentava. Servia-o o homem, em que havia piedade, & ſervia-o o caõ, que era incapaz de virtude. Hum ſervia por diſcurſo, outro ſervia por inſtinto: mas ambos ſerviaõ.

§. VII.

62 MUito tinha que dizer ainda neſta materia, mas porque ella ſe eſtampa tantos annos depois de ſe haver prègado, em que ſe póde confirmar com os meſmos effeitos, baſte por prova ſer o arbitrio, ou remedio, que no principio ſe duvidava como perigoſo, diſpoſto, & ordenado, & por vẽtura inſpirado pela providencia Divina. He conſequencia evidente. Porque não ſe executando todo eſte remedio, ſenão ſó ametade; nem ſe formando a companhia Oriental, (de que depois houve tãtos arrependimentos) ſe-não a Occidental unicamente, foraõ ſufficientes os ſoccorros, que as ſuas frotas trouxeraõ ao Reyno, não ſó para ſuſtentar a guerra interior, ſempre com mayor poder, & mayores augmentos; mas para reſtaurar ametade do meſmo Braſil. Com guerra de vinte & quatro annos eſtava occupada, & perdida, & já eſtampada nos mappas com nome de nova Olanda eſta ametade do que poſſuimos na America: & que baſtou para recuperar tanta terra, tantos mares, & portos tam invencivelmente fortificados, como ſuppunha não ſó a experiencia cõmum, mas a reſiſtencia de tantos, & tam grandes Generaes, não ſe atrevendo a aceitar hũa tal empreza? Aqui ſe vio o milagre da providẽcia. Appareceo a frota mercantil do Braſil de frõte do Recife, a que por ſua fortaleza poderamos juſtamente chamar a Rochella da America, & à oſtentaçaõ ſómente do numero de

de seus vasos; sem morte de hum homem, se rendèraõ dezasete Fortes reaes, guarnecidos de sobeja Infantaria, abastecidos de munições de boca para dous annos, & de guerra para muitos, & em espaço de tres dias se recuperou o que se não podia caminhar pacificamente em muitos mezes, & se tinha ganhado a palmos em vinte & quatro annos. Ao principio não creo tal milagre o mundo; mas estes foraõ os fins maravilhosos daquella unica companhia mercantil, que havendo mais de quarenta annos cessou a causa porque foi instituida, he tam util, importante, & necessaria, que ainda se conserva, & conservará por muitos. Assim se desfizeraõ os escrupulos em applauso, as duvidas em demonstrações, os impossiveis em milagres, & o imaginado perigo em acções de graças a Deos dadas na Corte, em todo o Reyno, & repetidas todos os annos naquellas Conquistas, triunfando os altissimos conselhos da Providencia, Sabedoria, & Omnipotencia, não só dos vãos temores, interesses, & pretextos, mas do mesmo bom, verdadeiro, & fiel zelo humano, para ultima exaltaçaõ, & gloria da bondade Divina.

SERMAÕ

DA EXALTAÇAÕ DA SANTA CRUZ,

No Convento da Annunciada em Lisboa, anno de 1645.

Nunc judicium eſt mundi : nunc princeps hujus mundi ejicietur foras : & ego ſi exaltatus fuero à terra, omnia trahan ad me ipſum.
Joann. 12.

§. I.

63 HUma pratica eſpiritual com accidentes de Sermaõ he o que temos hoje para ouvir. Encomendáraõ-me ao principio que fizeſſe neſte dia hũa pratica da Exaltaçaõ da Cruz, encaminhada ſómente a Eſpiritos Religioſos; & depois, mudandoſe de parecer, ou eſtendẽdo-ſe a caridade, & a devaçaõ, ordenáraõ que a cadeira ſe trocaſſe com pulpito, que as portas ſe abriſſem, & o que havia de ſer pratica particular, foſſe

Sermaõ

Sermaõ para todos. Assim será: prègaremos à Religiaõ, & prègaremos ao mundo, mas da Cruz espiritual a ambos.

64 Para intelligencia desta não ordinaria materia, havemos de presupor que ha dous generos de Cruzes neste mundo; hũa Cruz material, & outra espiritual. A Cruz material he aquelle sagrado lenho, em que Christo Salvador nosso obrou os mysterios Divinos da Redẽpçaõ do genero humano. A Cruz espiritual he a mortificaçaõ interior, & exterior do corpo, & alma, com que os verdadeiros Christãos, & particularmente os que professamos vida Religiosa, crucificaõ suas paixões, & appetites. Desta segunda Cruz fallava S. Paulo, quando disse: *Qui carnem suam crucifixerunt cum vitiis, & concupiscentiis suis*: que crucificáraõ sua carne com seus vicios, & desordenados desejos: & da mesma Cruz fallou Christo naquelle desengano, que deu à todos: *Si quis vult venire post me, tollat Crucem suam, & sequatur me*: Se alguem quizer vir apoz mim, tome a sua Cruz, & sigame. Galat. 5. 24. Matth. 16. 24. Marc. 8. 34.

65 Estas duas Cruzes com serem tam differentes, ambas saõ instrumentos de nossa Redempçaõ; porque, para hum homem se salvar, não bastaõ só os merecimentos de Christo; saõ necessarios tambẽ merecimentos proprios. Na Cruz material temos os merecimentos de Christo: na Cruz espiritual temos os merecimentos nossos. A Cruz material foi instrumento da Redempçaõ de todos, quanto à sufficiencia: a Cruz espiritual he instrumento da Redempçaõ de cada hum, quanto à efficacia. Donde se segue que, em certa maneira, importa mais para a salvaçaõ a nossa Cruz, que a Cruz de Christo: porque sem a Cruz de Christo ninguem se pòde salvar; mas com a nossa Cruz ninguem se pòde perder: depois de

Chriſto morrer na Cruz por amor de nòs, muitos ſe perdem: mas os que tomaõ a ſua Cruz em ſeguimento perſeverante de Chriſto, todos ſe ſalvaõ.

66 Iſto poſto, quinta feira celebrou a Igreja a feſta da Exaltaçaõ da Cruz material, quando o Emperador Heraclio a libertou do cativeiro da Perſia, onde a tinha levado Coſroas, tirando-a de Jeruſalem; porèm hoje celebraremos a Exaltaçaõ da Cruz eſpiritual, que bem conſiderada em ſuas circunſtancias, ſerá ainda maior, & mais Chriſtãa ſolemnidade: porq̃ ſe a Cruz material eſteve cativa quatorze annos; a Cruz eſpiritual eſtá cativa deſdo principio do mundo, que na arvore vedada, & na deſobediencia de Adaõ, ſe deu principio a ſeu cativeiro: & ſe a Cruz material eſteve cativa ſó em Perſia; a Cruz eſpiritual eſteve, & eſtá cativa em todos os Reynos, & em todas as Nações do mundo; porque não ſó os Judeos a tem por eſcandalo: *Judæis quidem ſcandalum*; nem ſó os Gentios a tem por ignorancia: *Gentibus autem ſtultitiam*; mas ainda os meſmos Chriſtãos, que adoraõ a Cruz material de Chriſto, a aborrecem, & vituperaõ a eſpiritual, como chorava S. Paulo: *Nunc autem & flens dico, inimicos Crucis Chriſti.* 1. Cor. 1. 23. Ibid. Philip. penſ. 3. 18.

67 E como o cativeiro da Cruz eſpiritual he tanto mais antigo, & tanto mais univerſal, que o da Cruz material de Chriſto; ſe eu hoje conſeguiſſe deſte auditorio com as palavras, o q̃ Heraclio antigamente alcançou dos Perſas com as armas: ſe hoje libertaſſemos a Cruz eſpiritual do cativeiro, em que a tem tam ſepultada, & abatida a opiniaõ, & obſtinaçaõ dos homens; não ha duvida que ſeria muito maior Exaltaçaõ da Cruz de Chriſto eſta. Mas tam grandes vitorias não ſe alcançaõ ſem grandes ſoccorros da graça Divina: peçamola primeiro ao Eſpirito

pirito Santo por interceſſaõ da Senhora. *Ave Maria.*

§. II.

Nunc judicium eſt mundi: nunc princeps hujus mundi ejicietur foras: & ego ſi exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipſum.

68 HOje, diz Chriſto, he o dia do juizo do mundo: hoje hade ſer o mundo lançado fóra: & eu ſe for crucificado, heide trazer a todos a mim. Notaveis palavras! O dia do juizo do mundo, he de Fè, que ha de ſer no fim delle: entaõ ha de vir Chriſto a julgar vivos, & mortos. Pois ſe o dia do juizo ha de ſer no fim do mundo, como diz Chriſto que hoje he o dia do juizo do mundo: *Nunc judicium eſt mundi?* A razaõ, poſto que a não tocaſſem os Expoſitores, he eſta. Neſte mundo quer Deos que haja dous dias do juizo: hum dia do juizo, em que os homens ſejaõ julgados; & outro dia do juizo, em que os homens julguem. No dia do juizo futuro hade julgar Chriſto entre homens, & homens; no dia do juizo preſente haõ de julgar os homens entre o mundo, & Chriſto. No dia do juizo futuro ha de Chriſto de lançar de ſi aos máos, & chamar a ſi aos bons; no dia do juizo preſente haõ os homens de lançar de ſi ao mundo: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras*: & haõ de trazer a ſi, ou ſer trazidos de Chriſto: *Omnia traham ad me ipſum.* Finalmente no dia do juizo futuro ha de ſahir a Cruz a julgar, & a condemnar: *Tunc parebit ſignum Filii hominis*; no dia do juizo preſente ha de ſahir a Cruz a

Matth. 24. 30.

ſer

ſer julgada, & exaltada : *Et ego ſi exaltatus fuero à terra.*

69 Para fazer eſte juizo entre o mundo, & Chriſto, entre a Cruz de hum, & a Cruz de outro, he neceſſario ſuppor primeiro, que aſſim os que ſeguem ao mundo, como os que ſeguem a Chriſto, todos neſta vida tem ſuas Cruzes. He eſte mundo como o monte Calvario, em que ſe vem todos os eſtados dos homens, & todos em Cruz. Todos os homens do mundo, ou ſaõ juſtos, ou peccadores, ou penitentes. Se ſois juſto, haveis de ter Cruz; porque Chriſto era juſto, antes a meſma juſtiça, & tinha a ſua. Se ſois peccador, haveis de ter Cruz; porque o máo ladraõ era peccador, & eſtava crucificado. E ſe ſois penitente, tambem haveis de ter Cruz; porque o Bom Ladraõ era penitente, & a Cruz era a mayor parte da ſua penitencia. Se fores Rey, haveis de ter Cruz; porque Chriſto tinhã hũm titulo; que dizia : *Rex Judæorum*; & o titulo, & mais o Rey ambos eſtavaõ pregados nella. E ſe fores dos que eſtaõ ao lado do Rey, tambem haveis de ter Cruz; porque ao lado de Chriſto eſtava Dimas, & Geſtas, & eſtavaõ cada hum na ſua.

70 Muito em ſeu lugar, & muito fóra de ſeu lugar eſtavaõ eſtes dous ladrões. Eſtavaõ muito em ſeu lugar, porque eſtavaõ crucificados com as mãos, & pès pregados na Cruz; & eſtavaõ muito fóra de ſeu lugar, porque eſtavaõ ao lado do Rey. Se viveres na Corte, haveis de ter Cruz; que pelas ruas de Jeruſalem levou Chriſto a Cruz ás coſtas : & ſe viveres no monte, tambem haveis de ter Cruz; que no monte Calvario teve a Cruz a Chriſto nos braços. Emfim, ſe tiveres võtade de levar a Cruz, levalaheis; que Chriſto deſejou muito levala, & levou-a : & ſe naõ tiveres vontade de a levar, tambem

bem a levareis; que o Cyreneo não queria levar a Cruz, & forçáraõ-no a q̃ a levaſſe. De maneira, que ou por acto de virtude, ou por remedio de neceſſidade, não ha paſſar eſta vida ſem Cruz. Antes a mayor felicidade dos vivos he como o enterro dos defuntos: quanto mais pompa, mais Cruzes.

72 Para ſabermos quaes devem ſer as eſcolhidas, & quaes as reprovadas, ajuſtando a feſta com o Euangelho, determino fazer hoje hum dia do juizo das Cruzes: *Nunc judicium eſt mundi.* Chamaremos a juizo as Cruzes de todo o mundo, & da maneira que no dia do Juizo final ſe haõ de pezar os merecimentos de todos os homens, aſſim o faremos neſte juizo das Cruzes, & julgaremos quaes dellas ſaõ mais, ou menos pezadas. Sentenciar, & examinar cada Cruz de por ſi, ſeria couſa muy dilatada, & impoſſivel. Pelo que acõmodandome ás duas partes do auditorio, ſecular, & Religioſo, & não me eſquecendo da Exaltaçaõ da Cruz de Chriſto, que he a ſolemnidade, reduzirei todos os generos de Cruzes univerſalmente a tres: Cruz de Chriſto, Cruz da Religiaõ, Cruz do mundo. O juizo dos homens ha-ſe de fazer no valle de Joſaphat: o juizo das Cruzes falohemos no monte Calvario: & aſſim como no dia do juizo do valle de Joſaphat Chriſto hade eſtar no meyo, & á maõ direita bons, á maõ eſquerda máos; aſſim neſte juizo do monte Calvario, no meyo poremos a Cruz de Chriſto, á maõ direita a Cruz da Religiaõ, á mao eſquerda a Cruz do mundo. Aſſentadas neſta fórma as tres Cruzes, começará o rigoroſo exame, & para q̃ cada hum de nòs conheça, & tome bem o pezo á ſua Cruz, faremos entre todas tres duas comparações. Na primeira compararemos a Cruz da Religiaõ com a Cruz de Chriſto; & examinare-

minaremõs qual he mais pezada, & mais eſtreita, ſe a Cruz de Chriſto, ſe a Cruz da Religiaõ. Na ſegunda compararemos a Cruz do mundo com a Cruz da Religiaõ; & examinaremos qual he mais eſtreita, & mais pezada, ſe a Cruz da Religiaõ, ſe a Cruz do mundo. Deſtas comparações, & exames aſſim feitos ſe ſeguiráõ no juizo de toda a boa razaõ as duas conſequencias, que Chriſto promete no noſſo Euangelho. Primeira, que o mundo ſeja condenado, & vá fóra: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras.* Segunda, que todos ſe abracem com Chriſto por meyo da ſua Cruz: *Et ego ſi exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipſum*

§. III.

73 ENtrando no primeiro exame, & comparando a Cruz da Religiaõ com a Cruz de Chriſto, ainda que a Cruz de Chriſto, abſolutamente fallando, foi a mais rigoroſa de todas as Cruzes; com tudo attendendo a muitas circunſtancias particulares, digo, que mais eſtreita he a Cruz da Religiaõ, que a Cruz de Chriſto. Parece propoſiçaõ atrevida, mas tenho fiador abonado della hum grande douto, & grande eſpiritual, Pedro Bleſenſe: *Audeo, & dico*: Petr. *In ſtrictiore Cruce pẽdet vir contemplativus, quàm Chriſtus.* Ouſo dizer, & digo, diz Bleſenſe, que a Cruz da Religiaõ he mais eſtreita que a Cruz de Chriſto: & provo. *Chriſto confixus ſum Cruci*: Eu, diz S. Paulo, eſtou crucificado na meſma Cruz com Chriſto. Donde ſe collige claramẽte, que mais eſtreito, & apertado eſtava na ſua Cruz S. Paulo, do que Chriſto eſtava na ſua: porq̃ Chriſto na ſua Cruz eſtava ſó; & S. Paulo na ſua eſtava acompanhado. Chriſto na ſua Cruz não eſtava com Paulo; & Paulo na ſua Cruz eſtava com Chriſto: logo mais eſtreita he a Cruz Bleſenſ. Galat. 2. 19.

Cruz para Paulo Religioſo, que para Chriſto crucificado.

74 Para prova deſta mayor eſtreiteza traz Pedro Bleſenſe hũa razaõ, & eu acho quatro. Comecemos pela ſua. He mais eſtreita a Cruz da Religiaõ, que a de Chriſto, (diz Bleſenſe) porque ſe bem advertis, Chriſto na Cruz tinha cravados os pès, & as mãos, mas não tinha cravada a lingua, porque fallava; porèm o Religioſo não ſó tem cravado o corpo na Cruz da Religiaõ com tres votos eſſenciaes de Pobreza, Caſtidade, & Obediencia; ſenão que tem cravada, & crucificada a lingua pela regra do ſilencio, que he outro cravo.

75 Quam terrivel circunſtancia ſeja eſta de não fallar, explicou melhor que todos David: *Quoniam tacui, inveteraverunt omnia oſſa mea.* Porque não fallei, ſe me envelhecèraõ os oſſos. Grande tormento deve de ſer o ſilencio, pois ſe compara á velhice, que tanto doe a tantos. Se diſſera David, que com o ſilencio ſe lhe fizeraõ brãcos os cabellos, ſe lhe enrugára o roſto, ſe lhe entorpecèrãõ os pès, grandes eraõ os poderes do ſilencio; mas o em que reparo he, que não ſó diz que envelheceo, porque callou, ſenão que lhe envelhecèraõ os oſſos: *Inveteraverunt oſſa mea*: ſim; que he tam grande violencia em hũa creatura racionaló callar, que chega a fazer em poucos dias, o que não pòde fazer a morte em muitos annos: he tam penetrante tormento o callar, q̃ calla atè os oſſos.

Pſalm. 31. 3.

76 E qual ſerá a razaõ? He porque a morte he violencia da vida animal, & o ſilencio he violencia da vida racional. Pela vida nos diſtinguimos dos mortos, pela falla nos differençamos dos brutos; por iſſo quando Deos infundio a alma no homem, em lugar de *Factus eſt homo in animam viventem*, Gem. 2. 7.

diz

diz o original Hebreo: *In animam loquentem.* E como o silencio violenta hũa parte superior mais delicada, que he a alma, & a morte violenta hũa parte inferior, que he o corpo; por isso saõ mais excessivos os rigores do silencio, que os da morte.

77 Entra o demonio a atormentar a Job, & cubrindolhe de chagas todo o corpo, só lhe deixa livre a boca, & sem lezaõ a lin-
Job 19. 20. gua: *Derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos.* Pergunto: Se o demonio tem tam pouca piedade, como quem elle he, & queria atormentar a Job com intensas crueldades; porque não lhe atormenta tãbem a boca? Porque lhe deixa sem lezaõ a lingua? Vede: Quando Deos deu poder ao demonio sobre Job, exceptuoulhe a alma:
Job 2. 6. *Verumtamen animam illius serva*; & como todo o direito do demonio se limitava ao corpo, & não se estendia à alma; por isso executando martyrios em todos os membros de Job, lhe deixou livre a lingua. Os outros membros saõ instrumentos do corpo, a lingua he instrumento da alma, como interprete do entendimento. E porque a lingua he parte da alma, bem dizia eu, que pela circunstancia do silencio, he mais rigorosa a Cruz da Religiaõ, que a Cruz de Christo. Na Cruz de Christo estaõ cravados os pès, & as mãos, que saõ membros do corpo; na Cruz da Religiaõ está crucificada tambem a lingua, que he membro da alma. E para fechar todo o discurso, digo, que na Cruz de Christo havia hum preceito q̃ não lhe tocassem nos ossos: *Os non comminuetis ex eo*, & por isso *Non fregerunt ejus crura*; porèm na Cruz da Religiaõ chegaõ os tormentos a penetrar os ossos, que he a efficacia do silencio: *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea.*
Joann. 19. 36. Ibid. 33

§. IV.

§. IV.

78 SO vejo que me replicaõ, que o silencio será grande martyrio, mas que as Religiosas (com quem, & de quem particularmente fallo) tãbem fallaõ. Pudèra tapar as bocas a todos com responder, que ainda que fallaõ as Religiosas, essas mesmas palavras sahem tam crucificadas, quantas saõ as Cruzes de hũa grade: mas não he isto o que respondo. Digo que o fallar das Religiosas não diminue o martyrio da Cruz, porque ainda que fallaõ algũa vez, fallaõ com taes circunstancias, que fazem mayor o tormento; porque o seu fallar he com escutas, & fallar com escutas he mayor pena, q̃ callar.

79 Veyo o Esposo nos Cantares a buscar a sua Esposa com alguns amigos, & disselhe desta maneira: Cant. 8. 13. *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* Vòs Esposa minha, que habitais nesse horto, fazeime graça de que eu ouça a vossa voz; porque estaõ aqui tambem alguns amigos, que vos escutaõ, & querem ouvir. Que responderia a Esposa a esta proposiçaõ? *Heu fuge dilecte mi.* O que eu vos peço, Esposo meu, he que por agora vos vades, em outra occasiaõ vos fallarei. Ibid. 14 *Non optando loquitur*, reparou bem Beda, que a Esposa neste lugar fallou contra o que queria, & bem o mostra aquelle ay, *Heu*; porque se era seu amado, *Dilecte mi*, claro está que havia de querer fallar, & estar com elle. Pois se a Esposa desejava fallar com o Esposo, porque lhe diz, que se vá, *fuge*? Não vedes o que dizia o Esposo: *Amici auscultant*? Ainda que o Esposo vinha a fallar, trazia os amigos por escutas: & houvese a Esposa discretamente, que muito melhor era não fallar. Idevos agora Esposo meu, que outro dia me fallareis, que quanto fal-

far

lar com eſcutas, melhor he o ſilencio, que o locutorio; & ſe iſto he quando os que eſcutaõ ſaõ amigos, *amici*; que ſerá quando as eſcutas forem deſaffeiçoadas?

8o A outra razaõ he; porque ainda que as Religioſas fallaõ, fallaõ com licença; & para os que ſabemos que couſa he Religiaõ, he certo que mais cuſta a licença, que o ſilencio. E a razaõ he clara; porque o ſilencio he callar, & a licença he pedir; & muito mais cuſta abrir a boca para pedir, que fechala para callar. Entrou o Rey da Parabola do Euangelho a ver os convidados, & achou hum á meſa ſem a veſtidura de feſta: mandou que o prendeſſem, & levaſſem logo a hum carcere eſcuro, donde os condemnados ſahiaõ a juſtiçar: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores.* Que faria o miſeravel neſte caſo? Diz o Texto, que emmudecèra: *At ille obmutuit.* Pois homem mal entendido, q̃ fazes? Porque não te poſtras de joelhos aos pès do Rey? Porque não lhe pedes perdaõ? Eſte Rey não he como Herodes, que corta cabeças em dia de convites. Pois ſe he Rey piedoſo, porque não pedes? porque emmudeces? Emmudeceo, porque não ſe atreveo a pedir. De maneira, que poſto hum homem entre a morte, & a vida, entre o callar, & o pedir, antes quiz callar cõ certeza da morte, que pedir com intereſſe da vida. Logo bem digo eu, que por todas as razões he mais penoſo nas Religioſas o fallar, que o não fallar; & por eſta circunſtancia, em animos pouco atrevidos, moſtra ſer mais rigoroſa a Cruz da Religiaõ, que a Cruz de Chriſto.

Matth. 22. 13.

Ibid. 12

§. V.

81 A Segunda circũſtancia de rigor, q̃ faz mais pezada a Cruz da Religiaõ, que a Cruz de

de Chriſto he, que a Cruz de Chriſto não tirava a viſta; mas a Cruz da Religiaõ, ainda que não tira a vida, cerra a viſta. A Cruz de Chriſto não tirou a viſta, ſendo que tirou a vida; porque eſtava deſcuberta em hum monte, onde Chriſto via o que queria; & aſſim vio a ſua Mãy, & ao Diſcipulo amado. *Cum vidiſſet Jeſus Matrem, & Diſcipulum ſtantem*: mas a Cruz da Religiaõ, ainda q̃ não tira a vida, he Cruz encerrada entre paredes, onde ſó ſe póde receber a luz do Ceo, & não ſe póde ver nada do mundo. Quam eſtreita circunſtancia de Cruz ſeja eſta, entendèraõ melhor que todos, a meu ver, os Filiſteos.

Joann. 19. 26.

82 Fez Samſaõ aos Filiſteos os mayores aggravos, que cabem na mayor crueldade. Em hum anno os matou, roubou-os, deſtruío-os, & afrõtou-os. Fizeraõ elles extraordinarias diligencias para o colher às mãos, & depois que o tiveraõ em ſeu poder, diz o Texto que lhe tiráraõ os olhos, & o deixáraõ vivo. Vivo Samſaõ? Pois ſe Samſaõ matou a tantos Filiſteos, porque não mataõ os Filiſteos a Samſaõ? Porque entendéraõ q̃ ſe vingavaõ delle melhor tirandolhe os olhos, & não tirandolhe a vida. Se os Filiſteos tiraſſem a vida a Samſaõ, não ficavaõ vingados; porque Samſaõ tinha tirado muitas vidas, & muitas vidas não ſe pagaõ ſó com hũa. Pois para que o rigor da vingança ſeja igual ao numero das injurias, que Samſaõ lhes tinha feito; que fazem? Tiraõ lhe os olhos, & deixaõ-no vivo; porque entendèraõ q̃ ficava mais caſtigado vivo ſem viſta, que morto ſem vida. Se matáraõ a Samſaõ, morria ſó hũa vez; mas deixaõ-no ſem viſta, para morrer tantas vezes, quantas queria ver, & não podia.

83 Bẽ o entendeo aſſim o meſmo Samſaõ. Depois q̃ lhe crecèraõ os cabellos, fez q̃ o levaſſem ao Tem-

plo, & lançando maõ ás columnas, dizendo: Aſſim ſe vinga Samſaõ dos olhos; que lhe tiráraõ; deu com o Templo em terra, matou-ſe a ſi, & a todos quantos alli eſtavaõ: *Pro amiſſione duorum luminum, unã ultionem recipiam.* Demaneira que eſtimou Samſaõ tanto menos a vida, que a viſta, que ſó por vingar a viſta quiz perder a vida. E ſe o ver he mais eſtimado dos homens, que o viver; não ha duvida que he mais facil Cruz aquella em que ſe vè, & ſe morre, do que aquella em que não ſe vè, & ſe vive. Mais ainda; A Cruz de Chriſto foi Cruz em que elle perdeo o ver, mas não o ſer viſto; porèm a Cruz da Religiaõ he tal, que nella não ſó não póde hũa Religioſa ver, mas nem ſer viſta; por iſſo tanto mais pezada, quanto vai de eſtar ſepultado a eſtar morto. Chriſto na morte perdeo o ver, na ſepultura o ſer viſto: porèm em quãto eſteve na Cruz, nem perdeo o ſer viſto, nem o ver: logo o eſtar na Cruz da Religiaõ ſem ver, nem ſer viſto, não ſó he eſtar crucificado, ſenão morto, & ſepultado. Donde ſe ſegue que he mais rigoroſa a Cruz, porque he Cruz com accidentes de morte, & com horrores de ſepultura.

Judic. 16. 28.

84 Toda a Paixaõ de Chriſto ſe inclue no Sacramento da Euchariſtia. Pois ſe Chriſto na Paixaõ padeceo tanto, & no Sacramento eſtá impaſſivel; porque hade ſer o Sacramento não ſó hũa cifra da Cruz, ſenão hum epilogo de todos os tormentos? Notai. Chriſto no Sacramento não póde ver, nem ſer viſto pelo impedimento dos accidentes; & he tam grande violencia eſtar hũ homem vivo ſem ver, nem ſer viſto, que neſte Sacramento ſe reduzem a compendio todos ſeus tormentos: *Recolitur memoria paſſionis ejus.*

§. VI.

§. VI.

85 A Terceira circũſtancia, que faz mais pezada a Cruz da Religiaõ, he, que na Cruz de Chriſto houve uſo do goſto, & exercicio da vontade; mas na Cruz da Religiaõ, nem o goſto tem uſo, nem a vontade exercicio. Joann. 19. 28. Diſſe Chriſto na Cruz, *Sitio*, Tenho ſede. Trouxeraõlhe fel, & vinagre: Matth. 27. 34. *Et cum guſtaſſet, noluit bibere*, & não quiz beber. Deſorte que na Cruz teve uſo o goſto, porque provou: *Cum guſtaſſet*; & teve exercicio a vontade, porque não quiz: *Noluit*: porèm na Cruz da Religiaõ nem o goſto tem uſo, porque não ha indifferença para provar; nem a vontade tem exercicio, porque não ha liberdade para não querer.

86 Mas a meu ver não he eſta a mayor differença de Cruz a Cruz. A mayor differença da Cruz da Religiaõ á Cruz de Chriſto he, que na Cruz de Chriſto eſteve a vontade livre, & na da Religiaõ eſtá o entendimento cativo. Manda Deos a Abrahaõ, que lhe ſacrifique o filho. Obedece o Patriarca, & ponderando o Texto eſta acçaõ, diz aſſim: *Credidit Abrahã Deo, & reputatum eſt illi ad juſtitiam*: Creo Abrahaõ a Deos, & ficou por iſſo com grande reputaçaõ de Santo. Reparo naquella palavra *credidit*, dizer o Texto que creo, havendo de dizer, obedeceo. Pois ſe obedecer he acto de obediencia, & crer he acto de Fè; porque pondera mais a Eſcritura a ſua Fè, que a ſua obediencia? Reſpondem os Doutores, que a obediencia de Abrahaõ teve hũa grande circunſtancia da Fè; porque tendolhe prometido Deos, que lhe daria em Iſaac grande ſucceſſaõ, & mandandolhe que lho ſacrificaſſe, encontrando-ſe tanto a promeſſa com o ſacrificio, em nada repara, & obedece Abrahaõ. E a razaõ porque Rom. 4. 3.

a Escritura ponderá mais a sua fé, que a sua obediencia, he; porque pela obediencia sugeitou a vontade, & pela Fè cativou o entendimento. E muito mayor foi o sacrificio de Abrahaõ por cativar o entendimento, q̃ por sugeitar a vontade. Matar a seu filho, era vencer repugnancias da vontade: crer a Deos em tal caso, era vencer contradições do entẽdimento: & muito mais fez Abrahaõ em sacrificar contradições do entendimento, que em sacrificar repugnancias da vontade.

87 Daqui se entenderá porque Christo Senhor nosso não quiz beber na Cruz o fel, & vinagre. Christo pelo muito que nos amava, nenhum tormento recusou, de quantos lhe deraõ seus inimigos. Pois se não recusou nenhum dos tormentos, porque não bebe o fel, & vinagre? Respondo, que os outros tormentos deraõlhos por tormentos; mas o fel, & vinagre deraõlho por alivio. A Cruz deraõlha por Cruz: o fel, & vinagre deraõlho por agua. Os tormentos dados por tormentos podem-se sofrer; porque saõ violencia da vontade; mas tormentos dados por alivio não se podem tolerar; porque saõ contradições do entendimento. Que me dem a mim Cruz por Cruz, tormento he, mas pode-se sofrer; porèm q̃ me dem fel por agua, he tormento que se não póde tolerar: taes saõ os tormentos da Religiaõ, haõvos de dar fel, & haveis de crer que he agua: o gosto ha de dizer que amarga, & o entendimento hade dizer que he doce. Póde haver mayor violencia? Pois isto he o que se padece na Cruz da Religiaõ.

§. VII.

88 A Quarta circunstancia da Cruz, que prometi, não quero ponderar, porque vai faltando o tempo: mas ella he

he tam evidente, que não ha miſter ponderaçaõ. Eſtando Chriſto na Cruz diſ-
Luc. 23. 46. ſe: *Pater, in manus tuas cõmendo Spiritum meum*: Padre, em voſſas mãos encomendo meu Eſpirito. Vedes aqui a ultima circunſtancia, em que a Cruz da Religiaõ excede á Cruz de Chriſto? Na Cruz de Chriſto houve liberdade para entregar o Eſpirito nas mãos do Padre; porèm na Cruz da Religiaõ, nem para entregar o Eſpirito nas mãos do Padre ha liberdade. Na Religiaõ tendes hum Padre, a quem entregais o voſſo eſpirito, a quem communicais voſſa alma; mas eſſe Padre não he de voſſa eleiçaõ. O mayor rigor da ley de Deos he haver de entregar hum homem ſeu eſpirito, & manifeſtar ſua alma a outro homem; mas eſte rigor eſtá tam apertado na Religiaõ, que eſſe homem, eſſe Padre não hade ſer aquelle, que vòs quizeres, ſe não aquelle que vos aſſinarem. Pode haver mayor circunſtancia de Cruz? Não ha paſſar daqui, nem eu direi mais.

§. VIII.

89 TEmos já comparada a Cruz de Chriſto como a Cruz da Religiaõ, para que as almas Religioſas conheçaõ ſeu merecimento. Agora para que conheçaõ ſua felicidade, comparemos a Cruz da Religiaõ com a Cruz do mundo. Materia he eſta em que o mundo anda muito enganado, como em tudo. Cuida o mũdo, que he muito pezada a Cruz da Religiaõ, & a ſua he muito mais pezada: Galat. 6. 14. *Mihi mundus crucifixus eſt, & ego mundo.* O mundo, diz S. Paulo, tem-me a mim por crucificado, & eu a elle: mayor he a ſua Cruz, que a minha. E para que vejamos quanto mais pezada he a Cruz do mundo, que a Cruz da Religiaõ, façamos eſta ſegunda comparaçaõ pelos meſmos pontos, que fizemos a pri-

primeirá, mas com brevidade. Primeiraméte arguimos a eſtreiteza da Cruz da Religiaõ, por eſtar nella Paulo com Chriſto: *Chriſto confixus ſum Cruci*; mas eſta circunſtancia, mais he de alivio, que de tormento. Chriſto não manda tomar a Cruz aos Religioſos, para que eſtejaõ nella, ſenão para que a levem: Matth. 16. 24. *Tollat Crucem ſuam.* E quãdo a Cruz he para eſtar, & ter companhia, faz a Cruz mais eſtreita; porèm quando he para a levar, & ter companheiros, faz a Cruz mais leve. Soph. 3. 9. *Serviant ei humero uno*, dizia o Profeta, fallando dos ſervos de Deos na Ley da Graça: que ſerviriaõ a Chriſto com hũ ſó hombro; porque os Religioſos ſó poem hum hõbro á Cruz, & Chriſto poẽ o outro. Oh ditoſo ſervir! & não o do mundo. Vede por quem, & com quem: com Chriſto, & por Chriſto.

90 Daqui infiro eu, que a Cruz da Religiaõ, ainda que tam pezada, nenhum pezo tem; porque como a Cruz ſe leva por Chriſto, & com Chriſto, hũa parte do pezo alivia a companhia, & a outra parte alivia a cauſa. Provou Jacob ſervir quatorze annos por amor de Raquel; & os primeiros ſete annos diz a Eſcritura que padeceo Jacob menos: *Videbantur illi pauci dies.* Genef. 29. 20. Nos ultimos ſete annos não diz o Texto que Jacob padeceſſe algũa couſa. Pois pergunto: Jacob não ſervio muito em todos os quatorze annos, que ſervio por Raquel? Sim ſervio, & trabalhou muito, como quem era paſtor. Pois ſe Jacob trabalhou tanto, porque ſe diz que nos primeiros ſete annos padeceo pouco? E ſe nos primeiros ſete annos padeceo eſſe pouco, porque ſe não ha de dizer que nos outros ſete padeceſſe muito, ou pouco? A razão he: porque nos primeiros ſete annos trabalhou por Raquel, mas ſem Raquel; & nos ſegundos ſete annos trabalhou

lhoũ por Raquel, & com Raquel: *Hanc quoque dabo tibi pro opere, quo ſerviturus es mihi ſeptem annis aliis.* Deſorte, que nos primeiros ſete annos, Raquel era a cauſa; & nos outros ſete era cauſa, & companhia do trabalho; & como ambos juntos trabalhavaõ, todo o trabalho dos ſegundos ſete annos não foi trabalho. O meſmo digo da Cruz da Religiaõ. He pezada? Sim, como o officio de Jacob: mas como neſta Cruz ſe padece por Chriſto, & com Chriſto, he Chriſto a cauſa, & a cõpanhia. Em quanto cauſa, alivia hũa parte do pezo; em quanto companhia, alivia a outra: & ambas aliviaõ todo o pezo, com q̃ vem eſta Cruz a não pezar. Quam differentes ſaõ as Cruzes do mundo! Nem as alivia a cauſa, porque o mundo he hum ingrato; nem as alivia a companhia, porque o mũdo vos poem a Cruz às coſtas, & deixavos. Ninguem ſervio ao mundo melhor que Chriſto, pois obroũ por elle as mais eſtranhas finezas. Deſterrou-ſe, padeceo, derramou ſeu ſangue, entregou ſua vida. E o mundo que alivios lhe deu neſtes trabalhos? Pozlhe a Cruz ás coſtas, & deixou-o: *Omnes, relicto eo, fugerunt.* Vedes aqui os premios, & ajuda que vos dá o mundo? ao fim de trinta & tres annos de ſerviço, poem-vos a Cruz às coſtas. E mais he de temer o deſemparo, que a Cruz. O meſmo he entregarvos á Cruz, que deixaremvos todos. E não he ainda eſta a mayor circunſtancia da ſem-razão. Diz o Texto, que ſobre eſtar Chriſto na Cruz, veyo hum miniſtro do mundo, & lhe meteo a lança pelo peito. Deſorte, mundo, que eſtá eſte homem morrendo por ti, derramando ſangue, & dando a vida, & tu ſobre o pòr na Cruz, ainda lhe metes a lança? Eſte he, Catholicos, o mundo. Chriſto morria por elle, & elle matava a Chriſto. Servi lá ao mun-

Ibid. v. 27.

Matth. 26. 56.

do. Para que he morrer, por quem vos ha de matar? Mas vamos ás mais circunſtancias.

§. IX.

91 A Outra circunſtancia, que faz pezada a Cruz da Religiaõ, diſſemos, que era ſer hũa Cruz, em que não ſe vê, nem ſe falla. E eu o entendo tanto ao contrario, que digo, que ſe no mundo não ſe fallaſſe, nem ſe viſſe, foraõ mais toleraveis as ſuas Cruzes. E ſenão pergunte o cada hum a ſi meſmo, & à ſua experiencia. Para fallar ao mũdo, que tam mal reſponde, não fora melhor ſer mudos? Oh bemaventurados os mudos! porque o mudo eſtá deſobrigado de fallar talvez a hum miniſtro incapaz, que dá a má repoſta; & deſobrigado de liſongear ao Principe, que não quer ouvir a verdade; deſobrigado de fazer bom quanto ouve, ſuſtentando a vida á cuſta da conſciencia. Finalmente; porquẽ não eſtá obrigado a mil deſgoſtos, & a mil arrependimentos; que de haver callado ninguem ſe arrependeo, & de haver fallado, ſim. Oh bemaventurados os cegos, porque eſtais livres de ver a cara ao mundo, & tantas falſidades, & erros, como nelle ſe vem! Que couſa he ver ao ignorante no lugar do ſabio? ao covarde comendo a praça do valente? ao entremetido com valimẽto, ao murmurador bem ouvido, aos bons gemendo, aos máos triunfando, a virtude a hum canto, & o vicio com authoridade? Oh que entremezes da fortuna! Oh que tragedias do mundo!

92 Certo, ſenhores, que para fallar o que aqui ſe ouve, & para ver o que aqui ſe vê, melhor he ter vêo para os olhos, & ſilencio para a boca. Se Eva trouxera vêo nos olhos, & guardára ſilencio, não botára a perder o mundo, como perdeo. Porque cuidais

dais que ſe perdeo o mundo? Porque houve hũa mulher, que quiz fallar, & ver. Fallou Eva com a ſerpente, & ficou enganada. Vio Eva a arvore, & ficou vencida. Não lhe fora melhor a ella, & a nòs todos, não ter boca para fallar, nem olhos para ver? Eſtas ſaõ as liberdades do mundo, eſtes ſeus perigos.

93 Porèm noto, (& quizera que todos o notaſſem) o que fallou Eva, & o que vio. O que fallou, foi ſobre o preceito de Deos: Genes. 3. 2. *Cur præcepit vobis Deus.* O que vio, foi a arvore da Sciencia: *Vidit lignum.* Pois Ibid. 6. ſe ſaõ taes os perigos da lingua, que fallar aqui ſobre os preceitos de Deos baſta para perder ao genero humano: & ſe ſaõ taes os perigos dos olhos, que ver as arvores do Paraiſo, foi occaſiaõ para abrir as portas do inferno; que arriſcadas ſeraõ no mundo as praticas livres, em que não ſe falla dos preceitos? Que perigoſas ſeraõ no mundo as viſtas liſongeiras, em que não ſe olha para as arvores, ſenão para as Serpentes? Jacte-ſe embora o mundo, que ſe tem Cruzes, ſaõ Cruzes em que ſe vè, & ſe falla: mas lembre-ſe o mundo de quantos por hũa palavra perdèraõ a vida, & por hũa viſta perdèraõ a alma.

§. X.

94 SO parece que na ultima circunſtancia he mais facil a Cruz do mundo, que a da Religiaõ: porque na Cruz do mundo, he cada hum ſenhor da ſua vontade; porèm na da Religiaõ, todos eſtaõ ſugeitos á vontade alhea.

95 Para iſto ſei hũa couſa, que parece nova. Digo, que por iſſo meſmo he mais leve a Cruz da Religiaõ, que a do mundo. Porque mayor cativeiro he eſtar ſugeito à vontade propria, que à alhea. Peccou o Povo de Iſrael não querendo obedecer a Deos; trata Deos de

de caſtigallo ; & diz : já que os homens não querem fazer minha vontade, ordeno que façáo a ſua. Expreſſamente o diſſe Da-
Pſam. 80. 12. 13. vid : *Non audivit populus meus vocem meam , & Iſrael non intendit mihi : & dimiſi eos ſecundum deſideria cordis eorum.* Pois , Senhor , que modo de ſentença he eſte ? Os homens de nenhũa couſa goſtaõ mais , que de fazer ſua võtade; & com nenhũa couſa vos offendem mais , que em não fazer a voſſa. pois ſe eſtes homens vos offendèraõ , & não quizeraõ fazer voſſa vontade , como lhes permitis por iſſo , que façaõ a ſua? he iſto premio, ou caſtigo ? Premio , não ; porque não ſe dá premio por culpas. Caſtigo? parece q̃ não ; porque não ſe daõ goſtos por penas. Pois que he iſto ?

96 O mayor tyranno , que ha no mundo, he a võtade de cada hum de nòs. Os tyrannos atormentaõ por fora , eſte tyranno affligе por dentro. Daqui ſe argue , q̃e q̃ando Deos quer dar hum caſtigo , entrega a hum homem nas mãos da ſua propria vontade ; por iſſo lhes deu por caſtigo , que fizeſſem a ſua. Deſorte que he mayor mal eſtar ſugeito aos appetites da vontade propria , que aos imperios da vontade alhea : pois quando a culpa he não querer obedecer á vontade alhea , da-ſelhe por caſtigo fazer a propria. Veja agora o mundo , qual he mais rigoroſa Cruz , ſe eſtar ſugeito á vontade propria , ou à võtade alhea. Mas ainda que hũa deſtas vontades ſeja mais tyranna que a outra , não ha duvida , que ambas moleſtaõ : a propria por dentro , a alhea por fóra. Porèm a Cruz da Religiaó he tam ſuave , que de ambas as couſas livra ao Religioſo. Ouvi.

97 Digo que o Religioſo eſtá livre de toda a vontade humana : da propria , porque a ſua vontade he a do Prelado ; da alhea , porque a vontade do Pre-

Prelado, he de Deos. Aſſim que o Religioſo não eſtá ſugeito á vontade humana, ſenão á Divina. E de eſtar o Religioſo ſugeito ſo à vontade de Deos, que ſe ſegue? Segue-ſe que em premio de deſpir-ſe de ſua vontade, a eſtá ſempre fazendo. Não he paradoxo, ſenão verdade clara. Que remedio para fazer hum homem ſempre ſua vontade? O remedio he querer o que Deos quer; porque em tudo ſe faz a vontade de Deos; & ſe eu quero o que Deos quer, ſempre faço minha vontade. Eſte he o premio dos verdadeiros Religioſos, no qual a ſua Cruz leva muita ventagem à do mũdo; porque na Cruz do mundo vivem os homens à ſua vontade, a qual em muitas couſas não conſeguem, & por iſſo andaõ todos deſcontentes. Na Cruz da Religiaõ em tudo ſe faz a vontade do Religioſo; porque he força, que em tudo ſe faça a vontade de Deos, com quem elle tem unida a ſua.

§. XI.

98 MAs vejo que me replicaõ, que a vontade do Prelado he verdade, que he a de Deos; mas vem às vezes paſſada por taes Prelados, que não póde deixar de ſer muy penoſa. Deos noſſo Senhor no Teſtamento Velho cõmumente fallava por Anjos. Aſſim fallou a Abrahaõ, a Jacob, a Iſaac, & a outros. E tal vez fallou de hũa C,arça como a Moyſés; tal vez de hũa tempeſtade, como a Job: *De turbine.* O meſmo coſtuma ſucceder nos Prelados. Em todos, & por todos nos falla Deos, mas hũa vez falla de hum Anjo, como a Abrahaõ, Iſaac, & Jacob; porque tal vez he o Prelado prudente, benigno, & aprazivel. Outras vezes falla de hũa C,arça, ou Eſpinheiro, como a Moyſés; porque ſe o Prelado he aſpero, & mal acondicionado, nunca vos Job 38. 1.

chegais

chegais a elle, q̃ē não venhais ferido ; outras vezes falla de hũa tempeſtade, como a Job ; porque ſe o Prelado he furioſo, como trovaõ, não ha em caſa quem ſe entenda com elle. Pois ſe a vontade de Deos vem executada por tal homem, que importa que ſeja de Deos ?

99 Muito importa para padecer mais no mundo : porque ſe cá ha hũa C,arça, & hũa tempeſtade, ha muitos Anjos : porèm ſe lá ha hum Anjo, ha muitas C,arças, & muitas tempeſtades. Mas quando em tudo o demais fora o mũdo como a Religiaõ, ha hũa grande differença no modo de obedecer ; porque no mundo ſe o Superior he C,arça, ſente-ſe como C,arça, & ſe he tempeſtade, como tempeſtade: mas na Religiaõ não he aſſim ; ainda que o Superior ſeja C,arça, aceita-ſe como Deos, q̃ aſſim o fez Moyſés : ainda que ſeja tempeſtade, aceita ſe como Deos, que aſſim o fez Job. E vai tanto neſta differença de obedecer, que aſſim como as obediencias do mundo accreſcentaõ novas violẽcias ao ſentimento, aſſim as obediencias da Religiaõ accreſcentaõ novos merecimentos ao ſacrificio. Mayor fineza he obedecer á voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo.

100 Antes digo que chegaõ os obſequios da obediencia em crediros da verdade, onde chegáraõ os erros da Idolatria em deſcreditos della. A Idolatria chegou a conhecer Divindade nos ventos, plantas, & animaes ; & a obediencia dos Religioſos em hũ Eſpinheiro, & em hũa tempeſtade chega a reconhecer a Deos em ſua voz.

101 Eia pois, Senhor, deixaime que corra por minha conta eſta pleito, & eſte juizo entre as Cruzes. Façamos todos o meſmo, pois já temos viſto que as Cruzes do mundo não tem mais que apparencia de leves ; & verdadeiramẽ-

te

te saõ pezadas: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras* : fique-se o mundo embora, & atormente sua Cruz aos cegos, que a desconhecem, & aos insensiveis, que a não sentem. E pois a Cruz de Christo, ainda q̃ no exterior estreita, & pezada, he tam larga pela causa, & tam leve pela companhia: atemos nossos corações a esta Cruz, como prisioneiros do carro de seu mayor triunfo. Seja esta Exaltaçaõ a do instrumento sagrado, com que nos remio Christo, para que em seguimento de suas penas, seja este desterro meyo para que cheguemos a gozar suas glorias. Amen.

SER-

SERMAÕ

NA DEGOLLAC, AÕ DE

S JOAÕ BAPTISTA,

Em Odivelas, anno de 1653.

Misit Herodes, ac tenuit Joannem, & vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat eam... & decollavit eum in carcere. Marc. 6.

§. I.

102 NAso foi dos antigos Hebreos, (de quem o tomáraõ os Gentios mais sabios, Gregos, & Romanos, & sem perigo da Fè, antes com louvor dos costumes o deveraõ imitar os Christãos.) Uso foi, digo, nos famosos cõvites, não só saborearem as mesas com pratos regalados, & exquisitos, mas tambem com problemas discretos, & proveitosos. Lembravaõ-se aquelles homens que eraõ racionaes, & parecialhes cousa indigna de hũa natureza tam nobre, que ficassem em jejum

jejum as potencias da alma, quando tanto se estudava, & despendia em dar pasto, & delicias aos sentidos do corpo. Entre outros exemplos deste celebre costume (muito antes de Salamaõ compor para elle as suas Parabolas) temos o das vodas de Samsaõ, o qual com nome de problema propoz na mesa aos convidados o enigma da sua vitoria, dizendo: *Proponam vobis problema.* O mesmo digo eu, & farei hoje. Temos à mesa ElRey Herodes com os Grandes da sua Corte; & assim como Herodias tomou por sua conta pòr nella o mais exquisito prato; eu quero que corra pela minha propor o mais proveitoso problema. O prato foi a cabeça do Baptista: o problema não será indigno de que o mesmo Baptista o prègasse.

udic. 4. 12.

Ave Maria.

§. II.

103 NEsta grande tragedia do mayor dos nascidos fazem o primeiro, & segundo papel dous homens, que tambem nascèraõ grandes: hum Herodes, outro Filippe: hum Rey, outro seu irmaõ: hum sem honra, outro sem consciencia: hũ casado, mas sem mulher; outro com mulher, mas não casado. E de toda esta violencia, de todo este escandalo, de todo este vituperio de hum, & outro, não foraõ duas mulheres a causa, senão hũa só, & a mesma, a infame Herodias. A tanto se atreve hũ amor poderoso, a tanto se delibera hũa ambiçaõ impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Filippe propria, & de Herodes alhea; ambos por ella infelices, ambos por ella afrontados, ambos por ella em diverso modo perdidos. Nesta historia se funda o meu problema; como

como o de Samſaõ na ſua, & ſerá eſte: Quaes mulheres ſaõ mais perniciosas aos homens, ſe as proprias, ou as alheas? Se as proprias, como Herodias era de Filippe; ou as alheas, como a meſma Herodias era, ou não era de Herodes? Já ſabeis que quem diſputa problemas, não tem obrigaçaõ de os reſolver. E porque cada hum deve ſeguir a parte que mais lhe contentar; todos devem attençaõ a ambas.

104 Mas antes que entremos na diſputa, vejamos brevemente primeiro quam problematica he a materia. Propoz-ſe em outro convite, que refere Eſdras, aquella famoſa queſtaõ, qual era a couſa mais poderoſa do mundo. E huns Filoſofos diſſeraõ que a mulher; outros que o vinho. Não me detenho nas razões de cada hum; mas ſó reparo na diſcrepancia dos extremos, & na concordia dos votos. Em que ſimbolizaõ o vinho, & a mulher, para ſe attribuir a ambos o mayor poder? Simbolizaõ, diſſeraõ os meſmos Filoſofos, em que o vinho, & a mulher, ambos rendem o dominio de tal ſorte aos homens, que lhes tiraõ o juizo. Adaõ, o primeiro pay do genero humano, & Noe, o ſegundo, ambos perdèraõ o juizo: & quem lho tirou? Ao primeiro a mulher, ao ſegundo o vinho. E aſſim como o vinho para tirar o juizo a hum homem, não importa que ſeja da ſua vinha, ou da vinha do outro; aſſim tambem a mulher: tanto lhe pòde tirar o juizo a alhea, como a propria. Demos a Adaõ outro companheiro. Perdeo Adaõ o juizo, perdeo o mundo: & por quem? Por amor de Eva. Perdeo David o juizo, & perdeo o Reyno: & por quem? Por amor de Berſabè. Berſabè era mulher alhea, Eva era mulher propria. Mas que importou que hũa foſſe propria, & outra alhea, ſe ambas perdèraõ a ambos?

O

105 O Eſpirito Santo, que não póde errar, diz que as mulheres fazem apoſtatar da Fè, & idolatrar aos ſabios: *Mulieres apoſtatare faciunt ſapientes.* Não diz aos homens, ſenão aos ſabios, que ſaõ aquelles homens, que atè ſobre as Eſtrellas tem dominio. Dictou eſte Oraculo o Eſpirito Santo por boca de Salamaõ, & no meſmo Salamaõ, que foi o mais ſabio de todos os homens, ſe vio provado. As mulheres Gentias lhe depravárão o juizo de tal ſorte, que o famoſo edificador do Templo de Jeruſalem, não ſó adorou os ſeus Idolos, mas tambem lhe edificou templos. E porque chegou a cahir em tal cegueira hum tal homem? Porque antes de adorar os Idolos, adorava as Idolatras. Primeiro foraõ ellas Idolos de Salamaõ, do que Salamaõ adoraſſe os ſeus Idolos. E hũa vez que as mulheres ſaõ Idolos, tanto monta que ſejão proprias, como alheas. Que importa que o Idolo ſeja, ou não ſeja meu, ſe eu o adoro? Rachel, quando ainda era Gentia, furtou os Idolos de ſeu pay Labaõ: & qual dos dous era mais idolatra? Os Idolos, que adorava Labaõ, eraõ ſeus; os que adorava Rachel eraõ roubados: mas tam idolatra era Rachel adorando os Idolos alheyos, como Labaõ os proprios. Daquelles Idolos diz David, que tinhão olhos, & não viaõ, ouvidos, & não ouviaõ, boca, & não fallavaõ. Vede, ſe ſerá o meſmo nos Idolos que fallaõ, que vem, & que ouvem? Tanto importa que ſejão proprios, ou alheyos, para vos fazerem apoſtatar.

Eccleſ. 19. 2.

106 Finalmente o meſmo homem que nos deo o exemplo com o ſeu problema, ſem o dividirmos em dous ſugeitos, & ſem o declararmos por metaforas, he a mayor prova do noſſo. Teve Samſaõ duas mulheres, hũa propria, outra alhea; porque hũa

era legitima, & outra não. A alhea ſe chamava Dalila, a propria não tem nome na Eſcritura. E que lhe ſuccedeo com ambas? Taõ alhea foi do ſeu amor a alhea, como a propria; & tam propria para os enganos a propria, como a alhea. Ambas o enganáraõ, ambas lhe foraõ infieis, ambas ingratas, ambas traidoras, ambas crueis, ambas inimigas. A propria o rendeo com lagrimas, & caricias a que lhe deſcobriſſe o ſegredo do ſeu enigma, & o revelou a ſeus competidores, & tomou por marido a hum delles. A alhea comprada por dinheiro lhe roubou com as meſmas artes as chaves do theſouro de ſeus cabellos, os quaes cortados, & enfraquecido Samſaõ, o entregou nas mãos dos Filiſtheos. Eſtes foraõ os favos, que tirou da boca daquelles dous Leões o ſabio, & valente moço; o qual agora podia trocar o ſeu problema com o noſſo, & perguntar com mayor razaõ; quaes mulheres ſaõ mais perniciosas ao homem, ſe as proprias, ou as alheas. Mas já he tempo que entremos na tea da diſputa, & diſcorramos por hũa, & outra parte os fundamentos tam verdadeiros, como fortes, com que ambas ſe combatem, ou ſe defendem.

§. III.

107 COmeçando pelas mulheres alheas, qual era Herodias em reſpeito de Herodes; a razaõ, a experiencia, as leys de todas as Nações, ainda barbaras, os eſcandalos particulares, & publicos, a ruina das caſas, a infamia das peſſoas, as mortes violentas na paz, o ſangue correndo a rios nas guerras, a deſtruiçaõ de Cidades, a aſſolaçaõ de Reynos inteiros; em fim a voz, & conſenſo do genero humano, continuado por todas as idades do mundo, tudo iſto he hum teſtimunho univerſal, & de

de mayor authoridade, que a de todos os Eſcritores, (tambem concordes na meſma opiniaõ) o qual affirma, defende, & ſem cõtradiçaõ pronuncía que as mulheres mais perniciosas aos homens ſaõ as alheas. As proprias ſaõ companheiras no matrimonio, as alheas ſaõ complices no adulterio: & ſendo o adulterio peccado, & o matrimonio Sacramento, mais parece ſacrilegio, que aggravo, a comparaçaõ per ſi ſó entre hũas, & outras; quãto mais o pór em queſtaõ, & em duvida, quaes ſejaõ mais danoſas ao homem. O matrimonio foi inſtituido por Deos no eſtado da innocencia; o adulterio foi machinado pelo demonio depois da natureza corrupta: o matrimonio ainda antes de ſer Sacramento ſempre foi licito, honeſto, & ſanto; o adulterio ſempre illicito, ſempre injuſto, ſempre abominavel: & ſendo qualquer peccado o mayor mal de todos os males, & eſte por ſua malicia tam grave, que Job profeſſor ſómente da Ley da Natureza, lhe chamou a maxima das maldades: *Quæ eſt iniquitas maxima*; quando as mulheres alheas não foraõ occaſiaõ, & cauſa aos homens de outro mal, mais que o peccado; ſó por eſte, que ſempre he inſeparavel do adulterio, ſe lhes devia em gráo ſuperlativo, & ſobre toda a comparaçaõ o nome de perniciosas. Job 31. 28.

108 Para ſerem perniciosas, & cauſadoras de graviſſimos males as mulheres alheas, não baſta ſerem mulheres; (como indiſcretamente dizem muitos ſem o reſpeito, & reverencia devida ao ſexo de que todos naſcemos) mas o que eu digo he, que baſta ſerem alheas. Alhea era aquella mulher, que David tomou occultamẽte a Urias, abuſando do poder Real: exemplo em que tem mais imitadores, que no de ſuas virtudes. Mandou Deos ao Profeta

Nathan qũe lhe foſſe eſtranhar de ſua parte hum tam grande, & nelle tam novo exceſſo: & que fez o Profeta? Para que o Rey em terceira peſſoa reconheceſſe melhor a fealdade do ſeu peccado, repreſentoulho primeiro na parabola, ou accuſaçaõ de hum poderoſo, o qual tomára a hum pobre hũa ſó ovelha, que tinha, para com ella agazalhar hum peregrino, que ſe viera hoſpedar em ſua caſa. O poderoſo era David; o pobre, Urias; a ovelha, ſua mulher Berſabè; & o peregrino, o máo appetite, que caſualmente, & fóra do que David coſtumava, ſe lhe introduzio no coraçaõ, & elle o recebeo, como não devera. Mas ſe o peccado era de adulterio, porque o repreſentou o Profeta em parabola, & figura de furto? Porque o furto, & o adulterio ambos tem o meſmo objecto, que he o alheio. He penſamento de S. Ambroſio em differente caſo, mas muito proprio do preſente. Chama o Santo Doutor elegantemente á cubiça luxuria de dinheiro: *Æris libido*: & S. Amb. proſeguindo na meſma metafora, diz que os furtos ſaõ adulterios da cubiça: *Æris libido ſic igne ſuo paſcit animum, ut hoc ſolo à luxuria diſtet, quòd hæc formarum adultera ſit, avaritia terrarum.* Aſſim como o torpe póde ſer torpe, ſem ſer adultero, aſſim o cubiçoſo póde ſer cubiçoſo, ſem ſer ladraõ: mas quando chega a ſer ladraõ, logo juntamente he adultero: & porque? Porque aſſim o furto, como o adulterio tem por objecto o alheyo: o adulterio, a mulher alhea; o furto, a fazenda alhea: & aſſim como o tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza; aſſim o tomar a fazenda alhea, he o adulterio da cubiça.

109 Vede agora ſe ſe infere bem, que ainda que a mulher alhea não fora mulher, ſó por ſer alhea, ſeria cauſa de grandes males ao homem. E para que o meſ-

o meſmo caſo que nos deu a ſemelhança de hum, & outro adulterio, nos dè tambem a prova de hum, & outro effeito, ponhamos em parallelo ao meſmo Rey David com ElRey Achab, & veremos as calamidades, & deſventuras a q̃ ambos ſe condemnáraõ, hum, porque tomou o alheio, outro, porque tomou a alhea. Tomou Achab a vinha de Naboth; & que ſe ſeguio deſta violencia, (para que não percamos o decoro ao nome Real com lhe chamar furto?) Lá diſſe Saõ Paulo, que hum pequeno fermento corrompe toda a maſſa: *Modicum fermentum totam maſſam corrumpit*; & taes ſaõ os effeitos do alheio, ainda que a maſſa com que ſe ajunta, ou miſtura ſeja hũa Monarquia inteira. Que comparaçaõ tinha a vinha de Naboth com o Reyno de Achab? Mas era alhea, poſto que tam pequena. E como ſe Naboth com as vides da ſua vinha lhe puzera o fogo, aſſim ardeo em hum momento a caſa de Achab, a Coroa, o Reyno, a vida ſua, & de ſua mulher, a honra, a fama, o eſtado, a ſucceſſaõ, & atè os oſſos de ambos. E ſe iſto faz o alheio em materia de tam pouco preço; que faria na mais precioſa, na mais prezada, na mais eſtimada de todas, & que o homem não diſtingue de ſi meſmo, qual he a mulher? Diga-o Berſabè: (para que voltemos os olhos à outra parte do parallelo) diga-o Berſabè, que foi a Elena de Iſrael; & chore-o o Caſa de David, que foi a Troya daquella Elena.

. Cor. 6.

110 De Troya finjiraõ os Poetas, que fora fundada pelos Deoſes: *Cælitum egregius labor.* Mas depois que nella entrou Elena, roubada a ſeu marido Menelao por Paris filho d'ElRey Priamo, não lhe valeo a divindade de ſeus fundadores, para que não ardeſſe, deixando ſepultada em ſuas cinzas a flor de toda a Aſia, & Europa,

Senec. in Troa.

ropa, consumida no sitio de dez annos. Tam perniciosa he aos homẽs, & tam fatal pòde ser aos mesmos Reynos hũa mulher alhea. A Casa de David he certo que foi fundada pelo verdadeiro Deos, & com os mais altos, & solidos fundamentos de quantas houve, nem haverá no mundo, como aquella, de cuja prosapia havia de nascer feito Homem o Filho do mesmo Deos: mas tanto q̃ nella entrou hũa mulher tomada a seu marido, posto q̃ não publica, senão occultamente: este fogo occulto foi o que a abrazou, & destruio, como notou S. Chrysostomo: *Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* Que desgraças, que infortunios não succedèraõ a David, & àquelle grande Heroe, entre todos os da fama famosissimo, depois deste erro tam lamentavel, & tam chorado por elle? Mas nem os rios de lagrimas, que continuamente corriaõ dos mesmos olhos; com que vira a Bersabè, bastáraõ a apagar o incendio, que com ella se ateou á sua casa, sendo a justiça do mesmo Deos, que a fundára, a quem a hum homem tam amigo, & tam do seu coraçaõ, castigou tam severamente.

S. Chrysostom.

111 Quatro eraõ as columnas principaes sobre que se sustentava a Casa Real de David: Salamaõ, Adonias, Amon, Absalaõ: & excepto o primeiro, (que sómente se conservou na promessa, & juramento de Deos) todos os outros acabáraõ desestrada, & tragicamente; porque Salamaõ matou a Adonias, Absalaõ matou a Amon, & contra o preceito do mesmo David, Joab matou a Absalaõ. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceo de Bersabè morto por sentença Divina antes de ter nome. Nem fallo na desgraça de Thamar viva para perpetua dor do pay, & epitafio immortal de sua deshonra.

Afron-

Afrontou-a ſeu proprio irmaõ Amon com mayor crueldade, que ſe a matára: mas não paráraõ aqui as mortes violentas, & laſtimoſas na Caſa de David; porque em quanto duraſſe no mundo a ſua deſcendencia, ſempre a eſpada da Divina juſtiça ſe veria tinta no ſeu ſangue em caſtigo, & pena poſthuma daquelle peccado. He couſa que de nenhum modo ſe podèra crer, ſe aſſim o não diſſera a meſma ſentença: 2.Reg. 12.10. *Quamobrem non recedet gladius de domo tua uſque in ſempiternum.* Ah Rey Profeta, que ſe aſſim como vieis outros futuros, antevireis os eſtragos, que com aquella mulher, como nuvem prenhe de rayos, trazieis à voſſa caſa, & ſobre voſſa peſſoa, antes quereríeis perder os olhos, que polos nella!

112 Era David Rey ungido por Deos; mas onde eſta a Coroa? Lá a leva tyrannicamẽte uſurpada, & poſta ſobre a cabeça o impio, & rebelde Abſalaõ, acclamado com trombetas, & ſeguido de todo o Reyno. Era o valente de Iſrael, que matava Leões, & Gigantes, & vencia exercitos de Filiſtheos; & agora vai fugindo pelos montes, de hum moço mais conhecido das damas pelos cabellos, que dos ſoldados pela eſpada. Era o venerado, applaudido, & adorado das gentes; & agora apedrejado de Semey, ouve os opprobrios, as injurias, as calumnias, & as maldições de hũa lingua tam vil, & infame, como o meſmo que ſe atrevia a dizellas. Era o mais rico Monarca de quãtos dentro, & fóra de Paleſtina, accumuláraõ theſouros; & agora pobre, deſterrado, faminto vive das migalhas de Berzellai. Sobre tudo era aquelle Sãto varaõ, cuja alma por ſuas virtudes era louvada em Deos: *In Domino laudabitur anima mea*; & agora pelo ſeu peccado he Deos blasfemado nelle: *Quoniam blasphemare feciſti inimicos* Pſalm. 33.3. 2.Reg. 12.14.

inimicos Domini. Ha ainda mais desgraças? Ha ainda mais afrontas? Ha ainda mais castigos sobre David? Ainda. E os que na opiniaõ dos homens saõ os mais afrontosos. *Ecce ego*
Ibid. 11. 12. *suscitabo super te malum de domo tua, & tollam uxores tuas, & dabo proximo tuo, & dormiet cum uxoribus tuis in oculis solis hujus: tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam verbum istud in conspectu omnis Israel.* Se cuidas David (diz Deos) que com todos estes castigos tens purgado a tua culpa, enganaste. Nem a morte dos filhos, nem a usurpaçaõ da Coroa, nem a perda do Reyno, nem o desterro, nem a pobreza, nem a miseria, nem as injurias, & infamias com que te vès não só perseguido, mas abominado de teus vassallos, saõ bastante satisfaçaõ ao teu peccado: *Ecce ego suscitabo super te malum*: ainda te resta por padecer outro mal mayor que todos esses males, que he a pena de Taliaõ: *Dabo uxores tuas proximo tuo.* Assim como tu tomaste a mulher alhea, assim permitirei que tomem outros as tuas, & não com a mesma, senão com muito mayor afronta: *Tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam in oculis solis hujus in conspectu omnis Israel.* Porque tu tomaste a mulher alhea secreta, & escondidamente, as tuas sertehaõ tomadas, & profanadas á vista de todo o mundo, & nos olhos do mesmo Sol.

§. IV.

113 VErdadeiramẽte, que se não podèraõ pintar com cores de mayor horror os danos, & calamidades, de que saõ causa aos homens, aos Reynos, & ao mundo as mulheres alheas, ou hũa só mulher alhea, que he mais. Mas ainda não está ponderada a mayor circunstancia do caso. Não diz o relatorio da sentença de Deos, notificada pelo Profeta;

feta ; que foi condemnado David a todos eſtes caſtigos, porque tomou a mulher alhea, ſenão porque tendo ſido alhea, a fez ſua, caſando-ſe com ella. Aſſim o pronuncía expreſſamente o Texto : *Uxorem illius accepiſti in uxorem tibi*, & aſſim o torna a repetir outra vez com a meſma expreſſaõ : *Et tuleris uxorem Uriæ Hethæi, ut eſſet uxor tua.* E aſſim o tinha já advertido na hiſtoria, & narraçaõ do caſo. *Miſit David, & introduxit eam in domum ſuam, & facta eſt ei uxor : & diſplicuit verbum hoc coram Domino.* Onde ſe deve notar, que eſte matrimonio, poſto que nas leys Chriſtãs ſeria illicito, & invalido ; nas leys Hebreas porèm não tinha prohibiçaõ algũa : & por iſſo o meſmo David depois de reconciliado com Deos teve ſempre aquella mulher por legitima, & a tratou como tal. Pois ſe Berſabè, quando David a tomou a Urias, ſendo elle vivo, era alhea, & depois da ſua morte, quando ſe caſou com ella já era propria ; porque ſe fulminão todos os caſtigos contra David, não tanto pelo adulterio, quanto pelo caſamento ? E não tanto por tomar a mulher alhea, quanto pela fazer ſua ? Theodoreto fundado nos textos, que allegamos, diz, que delles ſe colhe que mais ſentio Deos o matrimonio de David cõ Berſabè, do que o adulterio: *Tacite ſignificat oratio, quòd Deus magis ſuccenſuit ob matrimonium, quàm ob prius commiſſum adulterium.* E do meſmo parecer hè Procopio, a Gloſſa, & outros graves Authores ; com que mais ſe acreſcenta a duvida, ou admiraçaõ de tam extraordinarios caſtigos.

2. Reg. 12. 9.

Ibid. 10.

2. Reg. 11. 27.

Theodoret.

114 Mas antes que demos a razaõ deſte caſo, ponhamos à viſta delle outro por ventura mais admiravel. Entra Abrahaõ no Egypto tendo primeiro concertado com Sara, que ſe nomee, não por mulher,

mulher, ſenão por irmãa ſua. Chega a fama de ſua fermoſura a ElRey Faraó, & a fim de ſe caſar com ella (como era licito, & uſado naquelles tempos) mãda que lha levem ao Paço, & que a Abrahaõ como irmaõ ſeu ſe façaõ grandes mercès. Executou-ſe aſſim com aquella diligencia, com que os appetites dos Reys coſtumaõ ſer obedecidos; mas o caſtigo do Ceo ainda foi mais apreſſado, porque no meſmo ponto, ſem offenſa da honeſtidade de Sara, veyo o açoute de Deos ſobre Faraó, & ſobre todos ſeus vaſſallos: *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis, & domum ejus propter Sarai uxorem Abraham.* As pragas, ou calamidades de que conſtou o açoute, que a Eſcritura chama maximas, foraõ eſtas: cahio de repente o meſmo Faraò mais morto, que enfermo, com acerbiſſimas dores, que ſem poder aquietar, nem de dia, nem de noite, o atormentavaõ mortalmente. Começáraõ a tumultuar, & rebellarſelhe os vaſſallos: ateou ſe peſte em todo o Reyno: eſterilizáraõſe não ſó os campos, mas com prodigio inaudito, atè os animaes, & homens, ceſſando totalmente em huns, & outros a geraçaõ, & uſo della: & tudo iſto ſó porque Faraò teve intento de ſe caſar com hũa mulher alhea. Mas ſe Sara dizia que era irmãa de Abrahaõ, & Abrahaõ que era irmaõ de Sara, & Faraò o ſuppunha aſſim, ignorando totalmente que foſſe ſua mulher; ſobre que cahia eſte açoute do Ceo cõ tantos, & tam extraordinarios caſtigos, & não por outra cauſa, ſenão por ſer Sara mulher de Abrahaõ: *Propter Sarai uxorem Abraham?*

Geneſ. 12. 17.

Ibid.

115 Aqui vereis em hum, & outro caſo, não ſó quam perniciоſas ſaõ aos homens ſobre toda a imãginaçaõ as mulheres alheas, mas quam pouco baſta para ſerem criminadas

das diante de Deos por alheas, ainda que o não pareçaõ. Berſabè, ainda q̃ caſada com David, tinha ſido mulher de Urias: Sara, ainda que reputada por irmãa, era mulher de Abrahaõ: & poſto que David ſe caſára com Berſabè, & Faraò ſe queria caſar cõ Sara, ambos legitimamente, nem a David o livrou dos caſtigos o matrimonio, nem a Faraò o eſcuſou a ignorancia; a hum, porque a mulher verdadeiramente era alhea; a outro, ſó porque o tinha ſido. Sara, ainda que foſſe irmãa de Abrahaõ, podia ſer caſada, & mulher de outro: & Faraò foi culpado em não fazer naquelle caſo o exame devido. Berſabè, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha ſido alhea no tempo do adulterio: & David foi culpado em continuar o amor de quem lhe fora occaſiaõ do peccado. E eſtas circunſtancias, & conſiderações, que no juizo dos homens parecem leves, & veniaes; no de Deos ſaõ tam graves, & tam pezadas como moſtráraõ os açoutes, com que as caſtigou.

116 Oh quantos Reys; & quantos Reynos ſe arruinaõ, quantos exercitos, & quantas armadas ſe perdem, quantas fomes, quãtas peſtes, & quantos infortunios, & calamidades geraes ſe padecem, não pelas cauſas imaginadas que vãmente diſcorrem os Politicos, mas pelas injurias, que cometem os mayores, ou contra o proprio, ou contra o alheio matrimonio, não ſendo neceſſario que as mulheres ſejaõ de outrem, mas baſtando que não ſejaõ proprias! Por amor de Dina ſe perdeo o Principe Sichem, & todo o ſeu Eſtado: por amor de Judith ſe perdeo o General de Nabuchodonoſor, & a potencia formidavel dos ſeus exercitos. E porque? Não porque em Dina, ou Judith ſe violaſſe a fé devida ao thalamo conjugal; porque Dina era donzella;

donzella, & Judith viuva; mas baſtou que não foſſem mulheres proprias, para que deſarmadas de todo o outro poder foſſem ambas a occaſiaõ, & cada hũa ſó a cauſa de tamanhos eſtragos.

117 O intento de Nabuchodonoſor, era ſugeitar todo o mundo a ſeu imperio, & o poder, que ajuntou, & expedio para eſta vaſtiſſima empreza, era tam ſuperior a todas as forças do meſmo mundo, que não houve Cidade tam forte, nem Reyno tam poderoſo, nem Naçaõ tam bellicoſa, que ſe atreveſſe a o reſiſtir, ſugeitando-ſe tudo ſem guerra, nem batalha, ou de perto ſó com a viſta, ou de longe ſó com a fama de tam inſuperavel potencia. Sahe porèm Judith de Bethulia, & não violentada, ou tomada por força, mas ſolicitada por amor, & por rogos, ella ſó, & com a eſpada do meſmo General Holofernes lhe cortou a cabeça, ella ſó, & com hum ſó golpe, degollou todo o ſeu exercito, deſarmou todo o ſeu poder, aniquilou todas as ſuas vitorias, emmudeceo toda a ſua fama, & a converteo em deſprezo, confuſaõ, & afronta de toda a Monarquia de Nabuchodonoſor.

118 Não era tam poderoſo como Nabucho o Principe Sichem, mas de mayor titulo, que Holofernes, com ſoberania de eſtado. Vivia nas ſuas terras, & á ſua ſombra como peregrino, & eſtrangeiro Jacob pay de Dina: pediolha por mulher Sichem, tendolhe feito primeiro hum daquelles aggravos que coſtuma deſculpar o amor, & ſarar o matrimonio: offereceolhe por dote quanto pediſſe: veyo em condiçõeſ tam aſperas, & difficultoſas, como o mudar de Religiaõ, & circuncidar-ſe primeiro, não ſó elle, mas todos ſeus vaſſallos. E que ſe ſeguio daqui? Hum engano verdadeiramente injuſto, mas hum caſtigo, ſe merecido, atroz, &

& hum exemplo por todas as ſuas circunſtancias temeroſo, & horrendo. No meſmo tempo em que todos voluntariamente ſe tinhaõ ferido, & no dia em que as dores da circunciſaõ ſaõ mais inſoportaveis, como nota o Texto, dous irmãos de Dina, Simeaõ, & Levi, moços, que nenhum delles chegava a vinte & dous annos, entraõ armados pela Cidade, mataõ ao Principe, & a ſeu pay, & a todos os Sichimitas miſeravelmente prezos, & ſem ſe poderem defeder por cauſa das feridas, & força das dores, levaõ cativos todas ſuas mulheres, & filhos, aſſolaõ a Cidade, deſpojaõ as caſas, devaſtaõ os campos. Eſte foi o deſeſtrado, & laſtimoſo fim daquelle Principe, & de todo o ſeu Eſtado, & vaſſallos, não tanto por ſocegar da ſua paixaõ, quanto por ſe apreſſar na meſma cegueira. Que mais podia deſejar Jacob, que caſar hua filha com o Principe da terra em que vivia? Mas porque Sichem, como poderoſo, não quiz eſperar pela bençaõ do matrimonio, encorreo tam miſeravelmente a maldiçaõ, que leva comſigo toda a mulher, que não he propria. Com eſta maldiçaõ quero dar fim á primeira parte do problema, & para que todos acabem de conhecer quam grande maldiçaõ he, & de todos os modos a temaõ, ſobre os dous caſos de hũa ſó mulher, acreſcento outro de muitas.

119 Deſejou ElRey dos Moabitas Balac amaldiçoar os arrayaes, & exercitos do Povo de Deos, (os quaes ordinariamente ſe perdem, & tem infelices ſucceſſos, porque vaõ carregados de maldições) & o meyo, que para iſſo tomou, foi rogar por ſeus Embaixadores ao profeta Balaõ (profeta, & feiticeiro juntamente) que os quizeſſe amaldiçoar. As inſtruções deſtes Embaixadores hiaõ acompanhadas de outras de ouro, & prata, que

que tambem saõ boa parte da maldiçaõ. Mas como Deos hũa, outra, & tres vezes provocado com os sacrificios do máo Profeta lhe não permitisse amaldiçoar o seu Povo; elle q̃ tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o Rey de o não poder servir, como desejára, porèm que em lugar da maldiçaõ, que lhe pedia, lhe daria hum conselho tam effectivo, como ella. Tambem não he cousa nova haver conselhos, que sejaõ maldições, & tam vendidos, & comprados, como se foraõ Oraculos de Profetas. Qual foi pois o conselho de Balaõ? Foi que o Rey não sahisse em campanha com exercito de homens armados, & ordenados, senão com tropas de mulheres mandadas à desfilada; porque tanto que estas chegassem a se avistar com os Capitães, & soldados do exercito de Israel, logo elles se lhe renderiaõ sem duvida debaixo das condições, que quizessem. E cõmetido este grave peccado, (diz Balaõ) o mesmo Deos que agora me não consentio que eu amaldiçoasse o seu Povo, fará nelle tal estrago, que vós, ó Balac, vos deis por muy satisfeito, & não lhe desejeis mayor maldiçaõ. Este foi o conselho do máo profeta, & se aconselhou como máo, tambem como profeta adivinhou o successo. Sahem as Madianitas em demanda dos arrayaes de Israel, chegaõ primeiro á vista, & depois à falla, & não com outros feitiços, que lhes dèsse Balaõ, senão com os da sua presença, de tal maneira prendèraõ, & sugeitáraõ os Capitães, & soldados Israelitas, que se Deos não acodíra com prompto, & exemplarissimo castigo, o exercito, à jornada, a terra de Promissaõ, & tudo se perdèra. Foraõ degollados naquelle dia vinte & quatro mil, que a tantos tinha já corrupto a peste das Moabitas. Fazia horror a immensa mortanda-

de;

de, & corria o ſangue a rios: não ſe guardou reſpeito à dignidade, nem foro à qualidade, nem exceiçaõ a peſſoa: & ſó houve de differença, que os q̃ a Eſcritura chama Principes, os mandou Deos enforcar em forcas altas com os roſtos voltados ao Sol, para que foſſem mais conhecidos, & a ſua infamia mais publica. Foi boa maldiçaõ eſta? Pois eſta he a que nos particulares arruina as caſas, & no cõmum as Reſpublicas. Para q̃ os Principes, & os que o não faõ, ſe acautelem, & temaõ: para que ninguem poſſa duvidar, & fique aſſentado por concluſaõ, que as mulheres mais perniciosas aos homens ſaõ as alheas.

§. V.

120 ENtrando na ſegunda parte do noſſo problema à viſta da maldiçaõ com que acabei a primeira, lembrame que quando ſe promulgou a ley na terra de Promiſſaõ, foi com tal ceremonia, que as maldições, que na meſma ley ſe fulminaõ cõtra os quebrantadores della, ſe publicáraõ deſde o monte Hebal, o qual por iſſo ſe chamou o monte das maldições: & do meſmo modo as benções, & felicidades, que ſe prometem aos que a guardarem, ſe publicáraõ deſde o mõte Garizim, ao qual, pela meſma cauſa, chamáraõ o monte das benções. Suppoſto pois que ſegundo o merecimento dos autos nenhũa injuria faremos às mulheres alheas em lhes chamarmos o monte das maldições; parece que às proprias, & legitimas lhes he devido o nome de monte das benções, pois eſtas acompanhaõ ſempre o Sacramento do matrimonio, & ſabemos que em ſua primeira inſtituiçaõ, ainda antes de ſer Sacramento, o abendiçoou Deos, lançando ſua bençaõ a Adaõ, & Eva: *Maſculum, & fœminam creavit eos, benedixit-* Genef. 1. 27.

que

que illis Deus. Mas porque Eva correſpondeo taõ mal às obrigações de ſeu eſtado, q̃ em lugar de ajudar o marido à conſervaçaõ do morgado, que ambos recebèraõ em dote, não ſó o deſtruhio, & perdeo a elle; mas com elle a todos nós, como herdeiros, que haviamos de ſer ſeus, poſto que ainda não eramos. Todos os trabalhos, & calamidades que padecemos na vida; toda a corrupçaõ, & miſerias a que eſtamos ſugeitos na morte, todos os males, penas, & tormentos, que depois da morte nos aguardaõ, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiveraõ ſeu principio, & trazem ſua origem deſde o peccado, por iſſo chamado original. De toda eſta infelicidade foi cauſa hũa mulher: & que mulher? Não alhea, mas propria; & não criada em peccado, mas innocente, & formada pelas mãos do meſmo Deos. Nota Theodoreto, que todas as maldições ameaçadas, & prometidas no monte Hebal, ſe comprìraõ, & executáraõ no povo, & gente Hebrea; parte na deſtruiçaõ, & excidio de Jeruſalem por Tito, & pelos Romanos; parte pelos Macedonios em tempo de Alexandre Magno; parte por Nabuchodonoſor no cativeiro de Babylonia; & parte multiplicadamente pelos Aſſyrios na invaſaõ de Senacherib, na de Salmanazar, & nas dos outros Reys inimigos.

121 Mas que comparaçaõ, ou ſemelhança tem os trabalhos, & vexações, poſto que tantas, & tam varias, padecidas pelos Hebreos na ſua hiſtoria, com as immenſas, & quaſi infinitas, que o genero humano tem padecido, padece, & hade padecer atè o fim do mundo, effeitos tudo daquelle primeiro peccado, & daquella primeira mulher naſcida innocente, & ſem elle? Todas as dores, todas as enfermidades, todos os deſgoſtos, & infortunios particulares,

ticulares, & geraes, todas as fomes, peſtes, & guerras, toda a exaltação de hũas Nações, & cativeiro de outras, todas as mudanças, & tranſmigrações de gentes inteiras, das quaes ou ſó ficou a memoria nos nomes, ou tambem elles com ellas ſe perdèraõ: todas as deſtruições de Cidades, & Reynos, todas as tempeſtades, terremotos, rayos do Ceo, & incendios, & todo o meſmo mundo afogado, & ſumido em hum diluvio, que outro principio, ou cauſa tiveraõ, ſenão a intemperança, & caſtigo daquella mulher, não tomada, ou roubada a outrem, ſenão propria, & dada pelo meſmo Deos ao homem: *Mulier, quam dediſti mihi?* Geneſ. 3. 12.

122 Dira porèm algum entendimento critico, que a cauſadora de tantos males foi aquella mulher fatal, primeira, & univerſal origem do genero humano, & não algũa particular, & do tempo preſente, que ſaó as de que fallamos. Mas oüça quem aſſim o imaginar ao antiquiſſimo, & doutiſſimo Tertulliano. Falla ha mais de mil & quatro centos annos com qualquer das mulheres caſadas do ſeu tempo, & diz aſſim: *Et Evam te eſſe neſcis?* E cuidas tu, q̃ por naſceres tam longe da primeira mulher, não es tam Eva como ella? *Vivit ſententia Dei ſuper ſexũ iſtum in hoc ſæculo, vivat & reatus neceſſe eſt.* Poſto que haja tantos ſeculos, que morreo aquella Eva, vive com tudo em toda a mulher a ſentença, com que Deos a condemnou em todo o meſmo ſexo; & aſſim vivirá para ſempre, & ſerá immortal nelle, iſto he em ti, o caſtigo da meſma culpa. *Tu es diaboli janua*: Tu es a porta por onde entra o diabo ao homẽ. *Tu es arboris illius reſignatrix*: Tu es a que abriſte a porta á morte, que naquella arvore eſtava encerrada, & occulta. *Tu es divinæ legis prima deſertrix*: Tu es a primeira que Tertul. de habit. mulieb. cap. 1. lib. 11.

desprezaste, & quebraste a Ley Divina. *Tu es, quæ eum fuasisti, quem diabolus aggredi non valuit:* Tu es, a que te atreveste a perſuadir o homem, a quem o demonio não foi ouſado a acometer por ſi meſmo. *Tu, imaginem Dei, hominem tam facile elisisti*: Tu a que tam facilmente não ſó apagaſte, mas deformaſte, & afeaſte a imagem ſoberana, que Deos nelle tinha impreſſa. *Propter tuum meritum, id est, mortem, etiam Filius Dei mori habuit: & adornari tibi in mente est supra pelliceas tuas tunicas?* Finalmente pelo teu merecimento, iſto he, pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deos: & tu com eſte triſte, & formidavel eſpelho diante dos olhos, não te pejas, nem envergonhas de buſcar, & inventar novas, & precioſas galas, com que ornar indecentiſſimamente as pelles, ou ſambenito da penitencia, de que elle te veſtio? Tudo iſto, que ſó na primeira Eva ſe podia verificar, applica Tertulliano às de ſeu tempo, poſto que menos vans, que as do noſſo, não duvidando chamar a cada hũa, não outra, ſenão a meſma antiga Eva; nem reſuſcitada, ſenão a meſma, que em cada hũa dellas ainda vive, & neceſſariamente vivirá ſempre: *Vivat & reatus neceſſe eſt.*

§. VI.

123 HUma das mais notaveis couſas da Eſcritura he a vida da mulher de Job. Tinha Deos concedido ao diabo, que naquella grande caſa pudeſſe fazer, ou desfazer contra elle tudo o que ſeu odio, ſua aſtucia, & maldade julgaſſe conveniente para o vencer, excepta ſómente a vida do meſmo Job: *Verumtamen animam illius ſerva.* Começou pois o demonio matando, & degollando tudo quanto vivia na meſma familia: os boys, que eraõ quinhentas juntas, & as jumentas outras Job 2. 9.

tras tantas, pelos Sabeos: os camelos, que eraõ tres mil, pelos Chaldeos, divididos em tres eſquadras: as ovelhas, que eraõ ſete mil, por rayos cahidos do Ceo: mortos juntamente todos os paſtores, & criados, que guardavaõ eſtes grandes rebanhos, excepto ſomente hum, que levaſſe as triſtes novas, atè que chegou o ultimo dizendo, que juntos todos os ſete filhos, & tres filhas do meſmo Job, convidados á meſa do ſeu Primogenito, batidos os quatro cantos da caſa por hum fortiſſimo pè de vento, & cahindo ſobre todos, juntamente ficáraõ mortos, & ſepultados nas ſuas ruinas. Mas o que he mais digno de nota em tam commum, & univerſal eſtrago, he, que entre tantas mortes ficaſſe com tudo viva a Senhora da caſa, a mãy dos filhos, & a mulher do pay? Que morraõ todos os gados, tantos, & de todo o genero: que morraõ os criados, & guardas deſtas riquezas naturaes, que eraõ os theſouros daquella idade, grande golpe foi da ira, & aſtucia do demonio; mas todo contra a grandeza da caſa, & opulencia da numeroſa familia; porèm que morrendo todos os filhos, & filhas, atè o meſmo Primogenito, que era o que de mais perto, & mais interiormente tocava à peſſoa do meſmo Job, o demonio com tudo lhe reſervaſſe viva a mulher, cuja vida não eſtava exceptuada por Deos, não podendo ſer para alivio, & conſolaçaõ do marido; qual ſeria a cauſa deſta ſingular indulgencia na impiedade de tam cruel, & empenhado inimigo? Saõ Baſilio, S. Chryſoſtomo, os dous Gregorios, & todos os Santos Padres, commumméte dizem por hũa parte, que a fortaleza, & conſtancia de Job era hũa columna, hum muro, & hũa torre de diamante; & que aſſim como o demonio ſe não atreveo a acometer a Adaõ por ſi meſ-

S. Baſil. S. Chryſ.

mo, senão pela primeira Eva; assim agora entendeo que para derrubar aquella torre, para arrazar aquelle muro, & para dobrar, & torcer aquella columna de diamante, (que seria mais que desfazela em pò) não poderia por si mesmo: & por essa razaõ deixára viva a Job a sua segunda Eva, para que por meyo della perseguido o quebrantasse, ou persuadido o rendesse, que saõ os dous modos, hum duro, outro brando, com que o demonio (diz o grande Gregorio) forte, & suavemente costuma conseguir o q̃ intenta: *Diabolus duobus modis impugnat, tribulatione, ut frangat; persuasione, ut molliat*: & como Job pelo pacto, qua tinha feito com seus olhos: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine*, estava já livre, & superior a todos os combates das mulheres alheas, ou não suas; só lhe ficava este da propria, que como lhe chama Chrysostomo, he a lança mais forte do demonio, & o tiro mais certo de todas as suas armas. Mas vejamos, o que fez, & o que disse.

Gregor. lib. 3. c. 6.

Job 31. 1.

124 Estava Job coberto de chagas, ou de hũa só chaga, que desde os pès atè a cabeça o cobria, & atormentava; não em sua casa, ou na cama, mas no desemparo, & miseria quasi incrivel, a que o demonio o tinha reduzido, de hum muladar publico, ajudando a correr com hũa telha o pestifero, & hediondo humor, que das feridas manava; quando chega a propria mulher, & em lugar das lagrimas, & das lastimas com que se devia compadecer de hum homem, & tal homem, quando não fora seu marido, & Rey, tendo-o conhecido em tam differente estado; quaes foraõ as palavras que lhe disse? *Adhuc tu permanes in simplicitate tua? Benedic Deo, & morere.* He primor, ou cortesia sagrada da lingua Hebrea, não se atrevendo a pronunciar

Job 2. 9.

nũnciar maldiçoens de Deos, em lugar da palavra *maledicere*, amaldiçoar, dizer totalmente a contraria, *benedicere*. He poſſivel pois, (diz a infame, & crueliſſima mulher conſervada viva pelo demonio, que dentro nella fallava) he poſſivel, que ainda poſto em tal lugar, que não tem nome a lingua para o pronunciar decentemente, neſſe equleo de dor, de afronta, de miſeria, de deſemparo, a que nunca reduzio a fortuna o mais vil eſcravo do mundo; he poſſivel que ainda ahi te não deſenganas? Eſta he a gratificaçaõ da tua innocencia, eſte o premio, das que tu chamavas boas obras? Pois ſe tu com ellas offendeſte a Deos, & elle aſſim tas paga; porque não acabas já de as conhecer? porque não acabas de as amaldiçoar, & ao meſmo Deos offendido? E porque não acabas de acabar a triſte, & miſeravel vida, entregando o corpo neſſe meſmo ſepulchro hediondo aos bichos; & a alma ſacrilega, & obſtinada ſepultandoa no inferno? Eſte he o ſentido, como diſcorre com todos os Padres Olympiodoro, daquellas breves palavras; & eſta a ſegunda Eva, tanto mais injurioſa a ſeu marido, do que a primeira a Adaõ, como dizia Tertulliano. Mas ainda nos Textos ſagrados temos outra comparaçaõ mais horrivel de hũa mulher, não alhea, mas propria; & de hum homem não menos Santo, & grato a Deos que Job.

§. VII.

125 OUvindo Tobias, que era cego, a voz de hum animalinho balando, pouco uſada na pobreza, & abſtinencia de ſua caſa, advertio como pio, & juſto que acaſo não foſſe furtado: *Videte ne furtivus ſit.* E eſta ſó palavra exaſperou, & ferio tanto o coraçaõ de Anna ſua mulher, que Tob. 2. 21.

que irada não só contra Tobias, mas impia, & injuriosa contra o mesmo Deos, respondeo desta sorte, diz o Texto, ao marido: *Manifestè vana facta est spes tua, & eleemosynæ tuæ modò apparuerunt.* Tob. 2. 22. Agora sim, q̃ já apparecèraõ manifestamente quaes saõ as vossas esmolas, & obras de piedade, & o que mais he, a vossa esperança em Deos. Oh ira de mulher, quam facilmente concebes o fogo! Oh lingua de mulher, quam facilmente abrazas a terra, & mais o Ceo! Em duas palavras condemnou Anna todas as virtudes de Tobias, & todos os attributos de Deos. De Tobias as esmolas, as sepulturas dos defuntos, & a todas as obras de misericordia, em que deixando o necessario á propria vida, acodia não só aos proximos vivos, mas tambem aos mortos. Em Deos, arguindo de falsa a esperãça do marido, condemnou a justiça, a providencia, & o premio dos Santos. E como Tobias o era, & o mayor daquelles tempos, sentio tãto a injuria, que sua mulher fazia a Deos, & ficou tam envergonhado, & corrido de ter hũa mulher, que debaixo de verdadeira fè assim afrontava as virtudes humanas, & Divinas, que levantando as mãos ao Ceo, porque os olhos não podia, pedio a Deos humilde, & instantemente lhe tirasse a vida: *Et nunc Domine secundùm voluntatem tuam fac mecum, & præcipe in pace recipi spiritum meum, expedit enim mihi magis mori, quàm vivere.* Tob. 3. 6.

126 Esta foi a reposta de Tobias, da qual dá a razaõ o Texto, não menos admiravel. Refere toda a causa que Tobias teve para fazer a Deos hũa petiçaõ tam extraordinaria; como a de lhe pedir a morte, & diz que o intento da parte de Deos foi: *Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut & Sancti Job.* Tob. 2. 12. Para que os vindou-

ros

rõs tiveſſem outro exemplo de paciencia em Tobias, aſſim como os paſſados os haviaõ tido no Santo Job. Mas Job perdeo a riqueza dos gados de todo o genero, em que era mais rico, & opulento que todos os Orientaes. Job perdeo os filhos, & filhas mortos, & ſepultados de hum ſó golpe no meſmo dia. Job, ſendo Rey, perdeo a Coroa, a obediencia dos vaſſallos, & o uſo dos proprios membros cõ tam exceſſivas dores, ſem familia, ſem caſa, ſem cama, no ultimo deſemparo, na immundicia, nos aſcos, & na ſumma afronta de hum muladar publico. E ſe nenhum deſtes trabalhos padeceo Tobias, como foi a ſua tentaçaõ, & a ſua paciencia ſemelhante, & de igual exemplo á de Job? Porque o fino da tentaçaõ de ambos, & o que mais vivamẽte lhes penetrou os coraçoẽs, foi a crueldade, & impiedade de hũa, & outra mulher propria; não ſó deshumanas contra ſeus maridos, mas atrevidas, & blasfemas cõtra o meſmo Deos. Não diga logo Tertulliano, nem cuide alguem que diſſe muito em chamar Evas a todas as que deſcendèraõ daquella primeira; porque ainda que foi a cauſa original de tantos trabalhos, & miſerias em ſeus filhos, foi tam fiel, & demaſiadamente amiga de ſeu marido, que não podendo comer hũa maçã ſem lhe dar ametade, ella ſem querer o perdeo, & elle querendo ſe perdeo a ſi meſmo, por não entriſtecer, como diz S. Ambroſio, nem ſe moſtrar menos grato às ſuas delicias: *Ne delicias ſuas contriſtaret.* S. Amb.

§. VIII.

127 MAs já he tempo de darmos a razaõ, porque as mulheres proprias ſejaõ, ou poſſaõ ſer mais infauſtas; como diz Seneca, & mais perniciosas ao homem, q̃ as alheas. Notavel foi a

variedade com que Deos deſde o principio, ou deu, ou negou as mulheres aos homens. A Adaõ deu hũa só mulher: *Maſculum, & fœminam creavit eos.* A Abrahaõ, Iſaac, & Jacob concedeo depois, como já tinha permitido a Lamech, que tiveſſem muitas mulheres: Jacob teve quatro, & duas dellas irmãs: David teve mais de vinte: Salamaõ ſeu filho ſó Rainhas, & eſſas com pompa, & eſtado Real, ſeſſenta: & finalmente a todos os Hebreos permitio Moyſés o libello de repudio, para que deixando hũa pudeſſem tomar outra: permiſſaõ que Chriſto emendou, reſtituhindo o matrimonio á ſua antiga ſingularidade, & pureza, como fora inſtituido por Deos em Adaõ, & Eva. Deſte ultimo eſtado, que he hoje o ſómente licito na Ley Chriſtãa, inferiraõ os Apoſtolos, que ſuppoſto elle, melhor era não caſar: *Si ita eſt cauſa hominis cum uxore, non expedit nubere.*

Geneſ. 1. 27.

Matth. 19. 10.

Reſpondeo Chriſto approvando o ſentimento dos Diſcipulos, que nem todos o entendiaõ aſſim: *Non omnes capiunt verbum iſtud, ſed quibus datum eſt.* V. 11. Palavras que ſe todos ſe conformaſſem com ellas, ſe acabaria brevemente o mundo; mas não he elle tal, que mereça tam honrado, & ſanto fim. Sendo o matrimonio antigamente ſó contrato, o meſmo Chriſto o fez Sacramento, para lhe aliviar o pezo, & as penſões com a força, & virtude da ſua graça. Mas ainda aſſim ſendo hoje a mulher hũa ſó, & por iſſo livre o homem dos inconvenientes de muitas: qual he, ou ſerá a razaõ, ou razões, porque do vinculo do matrimonio forme tãtos laços a natureza ao homem, & lhe ſeja tam difficultoſo no matrimonio o guardar a devida fé a hũa mulher, & propria è A familiaridade domeſtica, o trato continuo, o dominio commum de todos os bens, & o ſerem como duas

duas almas em hum ſó corpo, como o meſmo Deos lhes diſſe: *Erunt duo in carne una*; parece hum concurſo de cauſas, que todas conformemente influem uniaõ, paz, & contentamento: mas de todas, & de cada hũa dellas naſce a meſma difficuldade. O trato domeſtico, & cõmum de todos os dias deſcobre pouco, & pouco os defeitos, que cauſaõ o deſagrado. O ſer a mulher a meſma ſem a variedade que remediava o repudio, he a occaſiaõ do faſtio. Enfaſtiavaõ-ſe os Hebreos do Manná, poſto q̃ continha todos os ſabores; porque ſempre viaõ o meſmo: *Nihil aliud reſpiciunt oculi noſtri niſi Man.* A uniaõ que ao principio do matrimonio eraõ cadeas de ouro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as meſmas couſas deixaõ de ſer as meſmas: porque a mocidade ſe faz velhice, a fermoſura fealdade, a ſaude doenças, & achaques de toda a vida, que na obrigaçaõ de ſe tolerarem, & ſofrerem atè a morte, ſaõ hũ cativeiro inſeparavel, que ſó nella tem o fim.

Num. 11. 6.

128 Todas eſtas couſas juntas, & cada hũa per ſi em hum coraçaõ humano, que não he de bronze, fazem nelle por hũa certa força natural, & quaſi ſem querer a vontade, os meſmos effeitos, que no bronze a continuaçaõ do tempo. E não ha duvida, que de todas eſtas cauſas divididas, ou juntas, ſe compoem aquella fortiſſima, com q̃ a mulher mais como propria, que como mulher, he tam perigoſa, & perniciosa ao homem: mas ſobre todas a principal, & por ſi ſó poderoſa a fazer toda a differença do noſſo problema, he ſer a mulher propria licita, & a alhea vedada. O ſer Herodias mulher alhea, & vedada por Deos, & por iſſo illicita, era o que o Baptiſta prègava: *Non licet, non licet tibi*: & como ſe em lugar deſtas palavras lhe afearem o adulterio, o confirmaſſem

Marc. 6. 8.

maſſem no motivo cego, & impio do appetite, obedecendo em muitas couſas ao que ouvia, & enſinava o Prègador, neſta ſó com a meſma amoeſtaçaõ de que era illicita, ſe endurecia, & obſtinava mais. Entre Eva, & Adaõ em tam poucos dias, ou horas, quantas ſe conſervaraõ no Paraiſo, nenhũa deſtas cauſas, que dependem da continuaçaõ, & do tempo, teve lugar: mas baſtou a prohibiçaõ do fruto vedado, ſendo hum ſó, & por vedado illicito, para que foſſe mais inſofrivel a ſatisfaçaõ, & contentamento daquelle feliciſſimo eſtado; que a licita conceſſaõ, & faculdade de comerem de todas as outras arvores, ſendo a multidaõ, & a variedade dos goſtos dellas quaſi infinita. Tal he a fome, que não póde ſoportar o appetite em hũ ſó goſto illicito, & vedado; & tal o faſtio, que não póde evitar a variedade, poſto que infinita, de todos os concedidos, & licitos. Iſto he o que na meſa de Herodes deſde hum prato eſtá prègando a grãdes brados a cabeça, & lingua muda do Baptiſta, prometendo a Filippe, poſto que neſte mundo ofendido, & afrontado, a facilidade da ſalvaçaõ, cõ que no venturoſo roubo ſe vio livre da mulher propria; & ſegurando a Herodes, no infeliciſſimo logro da alhea, a certeza que hoje eſtá experimentando dos tormentos eternos, na differença ſómente de ſer a meſma mulher, ou licita por propria, ou illicita por alhea.

SER-

SERMAÕ
DE
S. ANTONIO,

Na Dominga infra octavam de Corpus Christi, com o Santissimo Sacramento exposto, em S. Luis do Maranhaõ, anno de 1653.

Transferio-se da festa feira para o Domingo.

Homo quidam fecit cœnam magnam. Luc. 14. 16.
Vos estis sal terræ : Vos estis lux mundi.
Matth. 5. 13. 14.

§. I.

129 ADmiravel he Deos em si mesmo, & admiravel em seus Santos; & por estas duas razões de admiraçaõ duas vezes admiravel neste grãde dia. David diz que fez Deos hũa só memoria de suas maravilhas; & eu hoje sou obrigado a dizer q̃ fez duas. A primeira memoria das maravilhas de Deos, he o Santissimo Sacramento do Altar: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam dedit timentibus se.* A segunda memoria Psalm. 110.

ria de ſuas maravilhas, he aquella grande maravilha de todas as memorias do mundo, o noſſo prodigioſo Portuguez Santo Antonio. Ambas eſtas memorias ſe vieraõ a enlaçar neſte dia. Todas eſtas maravilhas ſe vieraõ a encontrar, & acumular neſta feſta. E bem era neceſſaria toda a graça da primeira, & toda a eloquencia da ſegunda, para ſatisfazer a tamanhas obrigações. Ora eu prevendo que tinha duas feſtas para prègar, & querendo reduzilas, como coſtumo, a hum ſó diſcurſo, achey-as taõ unidas ambas entre ſi, & os ſugeitos dellas tam ſemelhantes, & parecidos, que mais trabalho me deu o podellas diſtinguir, que havellas de ajuntar. Se olhava para aquella Cuſtodia, & conſiderava as maravilhas do Santiſſimo Sacramẽto, pareciame que via as de Santo Antonio: ſe voltava os olhos, & os punha neſte altar, & conſiderava as maravilhas, & prodigios de Santo Antonio; pareciame que eſtava vendo as do Santiſſimo Sacramento. E ſe não fora pelos accidentes, com ſer hum ſugeito Divino, & outro humano, quaſi me podèra perſuadir que eraõ o meſmo. Elias era meſtre, & Elizeu diſcipulo: Elias era ſenhor, & Elizeu ſervo; mas eraõ tam parecidos ambos nas maravilhas, que ſó na capa ſe diſtinguiaõ. Deu Elias a capa a Elizeu, & ficou Elizeu outro Elias. Aſſim o notou S. Joaõ Chryſoſtomo: *Elias ſurſũ, Elias deorſum.* Não nego que Antonio he ſervo, & Chriſto Senhor; não nego que Antonio he diſcipulo, & Chriſto Meſtre: *Magiſter, & Domine:* mas quando olho para aquelle Elias Divino, & para eſte Elizeu, poſto que humano, vejo-os nas maravilhas tam parecidos, vejo-os nos milagres tam equivocados, que ſó parece que ſe diſtinguem na capa. Se Chriſto daquelle Sacrario tirára a capa dos acciden- Joann. 13. 13.

accidentes, & a lançára ſobre Santo Antonio, quaſi poderamos adorar nelle outro Sacramento.

130 Outro Sacramẽto diſſe, & melhor diſſera o meſmo Sacramento; porque comparadas as maravilhas, que ſe crem daquella Hoſtia conſagrada, com as maravilhas que ſe lem, & ſe vem em S. Antonio, ſó ha de differença entre hũas, & outras, que na Hoſtia eſtá o Sacramẽto com as cortinas cerradas, em S. Antonio eſtá o Sacramento com as cortinas corridas. Na Hoſtia eſtaõ as maravilhas do Sacramento ſecretas; em S. Antonio eſtaõ publicas. Na Hoſtia eſtaõ eſcondidas, em S. Antonio manifeſtas. Na Hoſtia eſtaõ encubertas, em S. Antonio patentes. Na Hoſtia crem-ſe, & não ſe vem; em S. S. Antonio crem-ſe, & vem-ſe. Finalmẽte na Hoſtia eſtá o Sacramento com cortinas, em S. Antonio ſem cortina. O Manná, figura mayor do Sacramento, fóra da Arca do Teſtamento eſtava cuberto com a cortina do Sancta Sanctorum, que cubria todo o Propiciatorio; mas dentro da Arca do Teſtamento não tinha cortina algũa. E quem he a Arca do Teſtamento? Já o Papa Gregorio IX. diſſe que era S. Antonio. Só em S. Antonio eſtá o Sacramento ſem cortina, ſó em S. Antonio eſtaõ patentes, & deſcubertas as maravilhas daquelle ſacroſanto myſterio. Em qual daquelles altares cuidais que eſtá o Sacramẽto propriamente expoſto? Não eſtá expoſto naquelle Altar Mayor, ſenão neſte. Expoſto, quer dizer manifeſto, & declarado. E o Santiſſimo Sacramento naquella Cuſtodia eſtá deſencerrado ſim, mas expoſto não; porque não eſtá manifeſto, nem declarado. Só onde eſtá S. Antonio, eſtá o Santiſſimo Sacramento propriamente expoſto; porque elle he a expoſiçaõ, & declaraçaõ das maravilhas

do

do Santiſſimo Sacramento. Valhame Deos, quanta couſa tenho dito, antes de começar a dizer! Ora por aqui ha de ir o Sermaõ, ſeguindo o caminho que nos abrio o Euangelho, poſto que parece bem fechado. E pois havemos de fallar do Myſterio onde Deos he mais admiravel, & do Santo onde Deos ſe moſtrou mais admiravel, recorramos pela graça à Mãy tambem admiravel, *Mater admirabilis. Ave Maria*

---

§. II.

Vos eſtis ſal terræ : Vos eſtis lux mundi.

VOs ſois o ſal da terra, vòs ſois a luz do mundo. Em dia, em que Deos aſſenta comſigo à meſa os homens: em dia em que os homens renovaõ a memoria ſuaviſſima da Cea de Chriſto: *Homo quidam fecit Cœnam magnam*, muito a tempo vem o ſal, & muito a tempo a luz: o ſal para a meſa, a luz para a cea. Mas eſtes a tempos ſó em tempo de Santo Antonio os logrou a Igreja. Em quanto S. Antonio não veyo ao mundo, o Myſterio do Sacramento do Altar era como meſa ſem ſal, & como cea ſem luz; (logo direi o porque) mas depois que S. Antonio ſahio ao mundo, & o aſſombrou, & eſclareceo com os prodigios de ſeus milagres, elle foi o ſal daquella meſa: *Vos eſtis ſal*: elle foi a luz daquella cea: *Vos eſtis lux*. Mas antes que eu diga como iſto he, vejo que me dizeis todos que não póde ſer. Dizeis que na meſa do Santiſſimo Sacramento não póde haver ſal, nem pode haver luz; porque o ſal he para o goſto, & a luz para a viſta: & no myſterio

Luc. 14. 19.

rio do Sacramento nem tem lugar o ſentido de goſtar, nem tem lugar o ſentido de ver. Não tem lugar o ſentido de goſtar; porque comemos o Corpo de Chriſto, mas não o goſtamos. Não tem lugar o ſentido de ver; porque comemos o Corpo de Chriſto, & não o vemos.

132 Na parabola do Euangelho de hoje em q̃ hum Principe chamou cõvidados para hũa grande cea, que fizera: *Homo quidam fecit cœnam magnam*, hum dos convidados diſſe, que não podia vir, & dous eſcuſáraõ-ſe. A eſcuſa de hum foi: *Juga boum emi quinque, & eo probare illa*: que comprára cinco juntas de boys, & que as hia provar. A eſcuſa do outro foi: *Villam emi, & neceſſe habeo exire, & videre illam*: que comprára hũa quinta, & que a hia ver. Toda eſta hiſtoria, como dizem commummente os Santos Padres, he hũa allegoria do que paſſa no myſterio da Euchariſtia. E ſe tomarmos as palavras deſtes dous Textos aſſim como ſoaõ na noſſa lingua, vede que admiravelmente dizem cõnoſco. Hum diſſe que hia provar: *Eo probare*; outro diſſe que hia ver: *Neceſſe habeo videre*; & ambos ſe eſcuſáraõ do banquete cõ muito razaõ; porque na Cea do Santiſſimo Sacramento quem tem appetite de provar, ou quem tem curioſidade de ver, bem póde eſcuſar-ſe de ir lá; porque naquella meſa ſecretiſſima, & ſacratiſſima, onde tudo he occulto, & encuberto, não tem lugar o ſentido do goſto, que he o que prova; nem tem lugar o ſentido da viſta, que he o que vè. E como não tem lugar naquella meſa, nem o ſentido do goſto, nem o ſentido da viſta, pelo ſentido do goſto fica excluido o ſal, & pelo ſentido da viſta fica excluida a luz.

133 Tudo iſto era aſſim antes de S. Antonio vir ao mundo; mas depois que

uc. 14. 9.

bid. 18.

que S. Antonio melhorou, & illuſtrou o mundo com ſuas maravilhas, já na meſa do Sacramento tem lugar o ſal, porque tambem tem lugar o ſentido do goſto: já na Cea do Sacramento tem lugar a luz, porque tambem tem lugar o ſentido da viſta. Antes de S. Antonio apparecer no mundo, era o Sacramento ſó Myſterio da Fè; mas depois que veyo ao mundo S. Antonio, já o Sacramento he tambem Myſterio dos ſentidos. Diſputando S. Antonio com hum Herege obſtinado ſobre a verdade do Sacramento: depois que não valèraõ razões, Eſcrituras, nem argumentos contra a ſua obſtinaçaõ, veyo a hum partido, que todos ſabeis: Que elle fecharia a ſua mula tres dias ſem lhe dar de comer; que ao cabo delles a traria á preſença de S. Antonio, quando eſtiveſſe com a Hoſtia nas mãos, & que ſe aquelle animal aſſim faminto deixaſſe de ſe arremeçar ao comer, que elle lhe offereceſſe, por adorar, & reverenciar a Hoſtia, elle entaõ creria, que eſtava nella o Corpo de Chriſto. Aſſim o propoz obſtinadamente o Herege, & aſſim o aceitou S. Antonio, não ſó ſobre todas as leys da razaõ, ſenão ainda parece que contra ellas. O Myſterio da Euchariſtia diſtingue-ſe de todos os outros myſterios, que confeſſamos, em ſer elle por antonomaſia o Myſterio da Fè. Os brutos diſtinguem-ſe dos homens, em que os homens governaõ-ſe pelo entendimento, & os brutos pelos ſentidos. Pois ſe o Santiſſimo Sacramento he o Myſterio da Fè, como deixa S. Antonio a prova delle no teſtimunho de hum animal, que ſe governa ſó pelos ſentidos? Porque era S. Antonio. Antes de S. Antonio vir ao mundo, era o Santiſſimo Sacramento Myſterio ſó da Fè, & ſó podia teſtimunhar nelle o entendimento; mas depois de

de S. Antonio vir ao mundo, ficou o Sacramento mysterio tambem dos sentidos; & por isso podião já os sentidos dar testimunho nelle: bem se vio nos mesmos dous sentidos de gostar, & ver.

134 Amanheceo o dia aprazado, veyo a mula faminta, & apoz della toda a Cidade de Tolosa, assim Catholicos, como Hereges, para ver o succesſo. Posto o bruto á porta da Igreja, apparece S. Antonio com a Hostia consagrada nas mãos; & o Herege com os manjares do campo, naturaes daquelle animal, que tinha prevenidos. Mas, oh poder da Divindade, & Omnipotencia! Por mais que o Herege applicava o comer aos olhos & á boca do bruto, elle como se fora racional, dobrou os pès, dobrou as mãos, & metendo entre ellas a cabeça, com as orelhas baixas, esteve postrado, & ajoelhado por terra, adorando, & reverenciando a seu Creador. Vede se dizia eũ bem, q̃ S. Antonio he o sal, & a luz da Mesa do Santissimo Sacramẽto; & sal para o sentido do gosto, & luz para o sentido da vista. O Herege tentava aquelle animal pelo sentido da vista, & pelo sentido do gosto: pelo sentido da vista, pondolhe o comer diante dos olhos: & pelo sentido do gosto, quasi metendolhe o comer na boca. Mas aquelles dous sentidos, posto que irracionaes, estavaõ tam suspensos, & tam satisfeitos no manjar Divino, que tinhaõ presente: o sentido do gosto com tal sabor, & o sentido da vista com tal luz, que nem quiz ver com os olhos, nem tocar com a boca o comer, que o Herege lhe offerecia. Confessando porèm a mesma boca, & os mesmos olhos; confessando o mesmo sentido de gostar, & o mesmo sentido de ver, a verdade, & presença real de Christo no Sacramento. Julgai agora, se he já o Sacramento mysterio dos

ſentidos. Atè agora dizia a Igreja: *Præſtet Fides ſupplementum ſenſuum defectui*: Supra a Fè o que falta aos ſentidos; mas á viſta de S. Antonio mude o Hymno, & diga: *Præſtet ſenſus ſupplementum Fidei defectui*: Supraõ os ſentidos o que faltar á Fè: porque, a Fè, que faltou ao Herege, a ſupriraõ os ſentidos do animal. O goſto laboreado naquelle ſal: *Vos eſtis ſal*; a viſta alumiada por aquella luz: *Vos eſtis lux.*

135 Oh que grande paſſo eſte para parar aqui o Sermaõ á viſta deſte bruto, & deſte Herege! A viſta deſte Herege, que dirá quem tem nome de Catholico? A viſta deſte bruto, que dirá quem tem nome de homem? A reverencia do bruto, & a irreverencia do Herege, tudo he confuſaõ noſſa. O bruto venera ſem conhecer; o Herege não venera, porque não conhece. Se o bruto venera o Santiſſimo Sacramento ſem conhecer, eu que ſou homem racional, que conheço, porque tenho tam pouca reverencia? Se o Herege não venera, porque não conhece, & porque não crè; eu que creyo, & que conheço, porque tenho tam pouca reverencia? Ah Portugal! Ah Eſpanha! que por eſte peccado te caſtiga Deos. Quem vio os templos dos Hereges, & o ſilencio, & reſpeito, q̃ nelles ſe guarda, póde chorar mais eſta miſeria. Nos templos dos Hereges, ainda que exterior, ha reverencia, & falta o Sacramento; nos Templos de muitos Catholicos, ha o Sacramento, & falta a reverencia. Vede qual he mayor infelicidade! Os dous ſentidos, que no bruto moſtráraõ mayor reverencia, faõ os que em nòs moſtraõ mayor devaſſidaõ. Os olhos, onde eſtá o ſentido do ver, a lingua, onde eſtá o ſentido do goſtar, que he o que fazem na preſença do Santiſſimo Sacramento? Que he o que fallaõ aquellas linguas ſacrilegas, quando deveraõ

deveraõ venerar aquelle Sacramento com a Oraçaõ, & com o ſilencio? Que he o que olhaõ, & para onde, aquelles olhos inquietos, & loucos, quando deveraõ eſtar enlevados naquella Hoſtia de amor, ou prègados na terra, de modeſtia, & de confuſaõ. Que fazeis ó Divino ſal, & Divina luz do Sacramento? Saboreai como ſal eſtas linguas; alumiai como luz eſtes depravados olhos. Sarai eſtas linguas, como ſal; poſto que linguas tam ſacrilegas, mais mereciaõ ſalmouradas: alumiai eſtes olhos como luz; poſto que olhos tam deſcompoſtos, mais mereciaõ ſer cegos.

§. III.

136 MAs vamos vẽdo as maravilhas do Sacramento ao ſabor deſte ſal, & ao reſplandor deſta luz; & veremos quam merecidamente demos a S. Antonio o titulo de ſal, & luz deſta meſa: *Vos eſtis ſal: vos eſtis lux.* A primeira maravilha do myſterio do Sacramento he, que eſtando Chriſto verdadeira, & realmente no Ceo, eſteja por milagre natural deſte myſterio, tambem verdadeira, & realmente na terra, & não ſó em hum lugar da terra, ſenão em muitos lugares, ſendo hum ſó, & o meſmo. Iſto era o de que ſe aſſombrava antigamente o entendimento, & que era neceſſario á Fè animar-ſe, & esforçar-ſe muito para o crer. Mas depois que S. Antonio veyo ao mundo, já o confeſſaõ, & o ſabem atè os ſentidos. Duas vezes eſtava S. Antonio prègando, quando lhe occorreo, que tinha àquella hora obrigaçaõ de officio no Coro da ſua Religiaõ, & inclinando-ſe ſobre o Pulpito, como quem dormia, no meſmo tempo foi viſto, & ouvido no Coro cãtar o que lhe tocava. Tambem eſtava outras duas vezes prègando em Italia, (como quem o tinha por

exercicio de cada dia) quando ſeu pay em Liſboa ſe vio em dous grandes trabalhos, hum de fazenda, outro de vida. Torna-ſe a inclinar ſobre o Pulpito o milagroſo Prègador, & piedoſo filho, & no meſmo tempo apparece ao lado do pay, defendendo ſua innocencia, & livrando-o daquellas duas injuſtiças, que tam antigas ſaõ, não ſó naquelle Reyno. Pois he certo, que por injuſtiças tira Deos os Reynos a hũas Nações, & os paſſa a outras: *Regnum à gente in gentem transfertur, propter injuſtitias.* Mas deixemos de chorar as calamidades dos Portuguezes, & tornemos ás glorias daquelle grande Portuguez, cujas maravilhas chegaõ a fazer menos admiraveis as do myſterio mais admiravel, & a tirar o merecimento á Fè, pela evidencia dos ſentidos. Se os olhos vem que Antonio eſtá em Italia, & em Eſpanha, em Padua, & em Liſboa, no Pulpito, & no Coro; dentro da ſuã Religiaõ, & fóra della; que muito he que crea a Fè, que eſtá o meſmo Chriſto em differentes Provincias, em differentes Cidades, em differentes Igrejas, & ainda na meſma Igreja em differentes Altares? Se eſtas maravilhas obrou a Omnipotencia de Deos no ſervo, que muito que as obraſſe no Filho?

Eccleſ. 10. 8.

137 Mas ſatisfaçamos a hũa duvida curioſa, que com razaõ póde vir a todos, neſte modo de milagres de S. Antonio. Todas as vezes que S. Antonio eſteve no meſmo tempo em differentes lugares, porque razaõ ſe inclinava, como dormindo, ſobre o Pulpito? He certo entre os Filoſofos, que ſuppoſto o primeiro milagre de eſtar hum homem preſente em dous lugares, póde em ambos elles obrar differẽtes acções. E he Filoſofia eſta provada com a experiencia em S. Franciſco Xavier, o qual navegando nos mares da India, & deſappa-

deſaparecendo o batel da Nao com ſete homens por eſpaço de tres dias, eſtava o Santo na Nao, & mais no batel, & em ambas as partes fallava, & obrava tudo, o que era neceſſario para o remedio dos perdidos. Pois ſe S. Antonio podia eſtar prègando no Pulpito, & mais cantando no Coro; ſe S. Antonio podia eſtar prègando em Italia, & mais avogando por ſeu pay em Portugal; porque razaõ quando eſtava fallando, & acordado em hũa parte, eſtava ſempre callado, & como dormindo na outra? Porque S. Antonio neſtes mil gres obrava ao modo de Chriſto no Sacramẽto; & Chriſto no Sacramento eſtá dormindo. *Comedite amici, & bibite, & inebriamini chariſſimi: ego dormio, & cor meum vigilat:* Comei amigos, bebei cariſſimos, que eu durmo. Eſte Texto entende S. Bernando, & S. Gregorio Niſſeno do Santiſſimo Sacramento, & bem o provaõ as palavras

Cant. 5. 1. 2.

antecedentes: *Comedite, & bibite.* Diz pois Chriſto, que comaõ, & que bebaõ: & he de advertir, que aos que manda comer, chama amigos: *Comedite amici*; & aos que manda beber, chama cariſſimos: *Bibite, & inebriamini chariſſimi*; porque neſte Sacramento nẽ todos os que tem licença para comer, & cõmungar a Hoſtia, tem tambem authoridade para beber o Caliz. Os que tem licença para comer, ſaõ os leigos, & a eſtes chamalhes amigos; porque todos os que haõ de cõmungar, tem obrigaçaõ de ſer amigos: & por iſſo antes do Sacramento da Communhaõ precede o da Penitencia, em que nos reconciliamos com Deos, & nos fazemos ſeus amigos. E os que tem authoridade para tambem beber, ſaõ os Sacerdotes, & a eſtes chamalhes cariſſimos; porque para os Sacerdotes tomarem o caliz, não ſó he neceſſario que tenhaõ com Deos qualquer amizade, ſenão hũa

amizade muito particular, muito familiar, & muito affectuosa. Mas não está aqui a duvida. O que faz a difficuldade, saõ as palavras que se seguem : *Ego dormio , & cor meum vigilat.* Bebei amigos , & comei carissimos : eu durmo , & o meu coraçaõ vigia. Que consequencia he dizer que comaõ sua carne , & bebaõ seu sangue, & acrescentar logo que dorme : *Ego dormio ?* Muito grande consequencia, porque Christo no Sacramento está dormindo. Ora vede.

138 Hum homem dormindo, & acordado distingue-se , em que o homem acordado tem uso de seus sentidos ; & o que está dormindo , tem sentidos , mas não tem uso delles. Assim está Christo no Ceo , & no Sacramẽto. No Ceo tem o uso dos sentidos, falla , vè , ouve , com os sentidos corporaes. No Sacramento tem os sentidos tam perfeitos , como no Ceo ; mas não tem o uso delles. E a razaõ he , como dizem os Theologos; porque como Christo está na Hostia pelo modo sacramental , a que chamaõ *Ubi definitivo*, todo em todo,& todo em qualquer parte , não tem a organizaçaõ dos sentidos , & extensaõ , que haõ mister, para obrar. E como Christo no Sacramento não tem uso dos sentidos , com toda a propriedade se diz , que está dormindo debaixo da cortina dos accidentes : *Ego dormio.* E acrescenta : *Et cor meum vigilat* : que ainda q̃ dorme com os olhos , vigia com o coraçaõ , porque ainda que Christo no Sacramento nos não vè cõ os olhos exteriores do Corpo , estános vendo , & vigiando sempre com os olhos interiores da Alma , & da Divindade. Ah Christãos , que se daquella Hostia não só nos está Christo vendo , mas vigiando , vede lá como estais nas Igrejas! E como S. Antonio era hum Santo Euchariſtico , hum Santo em que

Deos

Deõs depositoũ as maravilhas do Sacramento, por isso, quando milagrosamente se punha em dous lugares, em hum tinha o uso dos sentidos, como Christo no Ceo; em outro estava dormindo, como Christo no Sacramento: *Ego dormio.* Estes foraõ os primeiros sabores, que gostáraõ os sentidos daquelle sal: estes os primeiros resplandores, que recebèraõ daquella luz: *Vos estis sal: vos estis lux:* mas não foraõ só estes.

§. IV.

139 OUtra grãde maravilha do Santissimo Sacramento he, que no dia do Juizo todos havemos de resuscitar em virtude sua. No dia do Juizo haõ de resuscitar todos os nossos corpos, tam perfeitos, & inteiros, como hoje vivem. E quem ha de dar esta virtude de resuscitar a tantos corpos depois de feitos, ou desfeitos em cinza? O Corpo de Christo sacramentado, q̃ cõmungamos. Assim o disse, & prometeo o mesmo Senhor: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam æternam, & ego resuscitabo eum in novissimo die.* Joann. 6. 55. Entendèraõ-no tanto assim os Christãos da primitiva Igreja, que costumavaõ enterrar os defuntos, huns com o Santissimo Sacramento nõ peito, outros na boca, em fe, ou esperança de que por virtude daquelle Divino Sacramento haviaõ de resuscitar todos. Donde judiciosamẽte Tertulliano chamou ao Divino Sacramento, *Semen resurrectionis,* Semente da resurreiçaõ; porque o mesmo he cõmungar, que semear cada hum de nòs dentro em si mesmo aquella virtude Divina, & omnipotente, que no dia do Juizo nos hade tirar outra vez da terra vivos, renascidos, & resuscitados.

140 Isto se vio clara-

mente no ſepulcro de Chriſto. Diz o Euangeliſta que ſe abríraõ entaõ as ſepulturas, & que reſuſcitáraõ, & foraõ viſtos em Jeruſalem muitos corpos de Santos: *Monumenta aperta ſunt, & multa corpora Sanctorum, qui dormierant, ſurrexerunt; & venerunt in Sanctam Civitatem, & apparuerunt multis.* Pois ſe reſuſcitáraõ, porque não reſuſcitáraõ no dia da Reſurreiçaõ de Chriſto, ſenão no da ſua ſepultura? Porque no da ſua ſepultura foi ſeu Corpo Santiſſimo lançado à terra, & como ſemeado; & ſendo, como diz Tertulliano, *Semen reſurrectionis*, entaõ naturalmente, como effeito, ou fruto natural, ſahíraõ logo muitos reſuſcitados, ſem eſperarem pelo dia da Reſurreiçaõ: não reſuſcitando, porque Chriſto reſuſcitou; ſenão porque ſeu Corpo Sãtiſſimo (paſſemos de hũa metafora a outra) foi entaõ comido, & commungado. Eu, diz o meſmo Senhor, eſtarei três dias no coraçaõ da terra, aſſim como eſteve outros tantos Jonas no ventre da Balea: *Sicut fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, ſic erit filius hominis in corde terræ.* Matth. 12. 40. De maneira que no meſmo tempo eſteve Chriſto ſepultado, & comido: ſepultado no coraçaõ da terra tres dias, em reſpeito de ſua Reſurreiçaõ, que foi ao terceiro dia depois de reſuſcitado; & comido, como Jonas no ventre da Balea, em reſpeito da noſſa reſurreiçaõ futura, que hade ſer no dia do Juizo, depois de comido por nós, & commungado: *Qui manducat meam carnem, habet vitam æternam, & ego reſuſcitabo eum in noviſſimo die.* Aſſim o notáraõ, ſobre o meſmo Texto, com breve, & admiravel propriedade, S. Jeronymo, dizendo: *Monumenta aperta ſunt in ſignum futuræ reſurrectionis*: & com mayor largueza de todo o ſentido univerſal, Santo Ambroſio:

Matth. 27. 52. 53.

D. Hier

Ambr. lib. 10. sio : *Monumentorum referatio quid aliud, nisi clausstris mortis effractis, resurrectionem significat mortuorum* ? O mesmo confirmaõ S Hilario, Beda, Theofilacto, & Ruperto.

141 Com isto ser assim, & o prometer Christo tam claramente, houve muitos, que negáraõ esta verdade ao Santissimo Sacramento, não só daquelles Hereges, que negaõ o Sacramento, nem só daquelles, que negaõ a resurreiçaõ; mas de outros, que confessando a resurreiçaõ, & o Sacramento, não querem entender, que a resurreiçaõ haja de ser por virtude sua. Porèm depois que S. Antonio sahio ao mundo, & o alumiou com os rayos de sua luz, não saõ necessarios argumentos para provar, & facilitar esta verdade; bastaõ os sentidos, que o experimentáraõ, para o persuadir. Assim como no dia do Juizo haõ de resuscitar os mortos de todas as quatro partes do mundo, & de todos os elementos, & de todos os generos de mortes: assim S. Antonio, como se a sua voz tivesse a virtude da trombeta do Anjo, que se ha de ouvir no dia do Juizo, não ha parte do mundo, nem elemento, nem genero de morte, de que não tenha resuscitado muitos: huns afogados no mar, outros abrazados no fogo, outros despedaçados no ar, outros sepultados na terra: huns de mortes naturaes, outros de mortes violentas: huns de mortes dilatadas, outros de mortes repentinas. Em fim, não houve genero, nem invençaõ de morte, de que S. Antonio não tenha resuscitado muitas vidas. Pois se a voz de S. Antonio, se o toque de suas mãos, se a applicaçaõ de suas reliquias resuscita tantos mortos; que muito faz a Fè em crer, que o Corpo de Christo; ou Christo com todo o Corpo fará o mesmo ? Basta o aceno de hum dedo de Antonio

tonio para reſuſcitar mortos ; & a virtude de todo o Corpo de Chriſto não os reſuſcitará, tendo-o prometido ?

142 Só dirá algum incredulo , (que iſto de reſurreições tem muitos) dirá algum incredulo , que não ſe faz bom argumento das reſurreições do tempo de S. Antonio para ás reſurreições do dia do Juizo ; porque muito mayor maravilha he reſuſcitar hum homem depois de muitos centos de annos morto, do que reſuſcitalo quando acaba de morrer. Não arguis bem. Tanto obra he da Omnipotencia reſuſcitar hum morto de hum dia , como hum morto de cem annos. E ſe de hũa reſurreiçaõ a outra ha algũa ventagem , mayor maravilha he reſuſcitar hum morto de hum dia , que hum morto de muitos annos. Chriſto reſuſcitou tres mortos , Lazaro , o filho da Viuva de Naim , & a filha do Principe Jayro. A filha do Principe Jayro era morta de poucas horas , porque ainda eſtava na cama : o filho da Viuva era morto de mais tempo , porque já hia na tumba a enterrar : Lazaro era morto de muito mais tempo ainda, porque já eſtava ſepultado , & penetrado da corrupçaõ. E qual reſurreiçaõ deſtas foi mais famoſa , & admirada ? a do ſepultado de muitos dias ? a do que hia na tumba a enterrar ? ou a da que eſtava ainda na cama , onde tinha eſpirado ? O meſmo Euangeliſta o notou , eſcrevendo ſó deſta ultima reſurreiçaõ : *Exiit fama hæc in univerſam terram illam.* Deſorte, que quanto a morte era de menos tempo , tanto mais celebrada foi a reſurreiçaõ. Tomai a razaõ por hum exemplo. Se hum Rey tomou hũa Cidade a outro Rey , qual he mayor maravilha , tornarlha a tomar dahi a dez , ou vinte annos , ou tomarlha outra vez no meſmo dia ? Não ha duvida que eſta. Aſſim o enten- Matth. 9. 26.

o entendeo David, como grande Capitaõ, da vitoria, & despojos de Siceleg, os quaes tornou a recuperar no mesmo dia em que lhos tinhaõ tormado os Amalecitas, dizendo, & acclamando todos: Esta sim, que he vitoria digna de David: *Dixeruntque, hæc est præda David.* Tal foi tambem a de Abrahaõ, vencendo na mesma noite os quatro Reys Gentios vencedores, descativando a Lot, & tornandolhes a tomar todos os despojos da vitoria, que tinhaõ alcançado naquelle dia. Emfim que em serem os mortos resuscitados depois de mais, ou menos tempo, se ha differença, ou ventagem, a tem só aquellas resurreições, em que os mortos saõ tirados, & como arrancados das mãos da mesma morte, quando ainda as tem ensanguentadas, & mal acaba de os despojar da vida. Assim q̃ por esta parte não tem q̃ se negar ás resurreições de S. Antonio as consequencias que dellas tiraõ os sentidos, para as do Santissimo Sacramento no dia do Juizo.

1. Reg. 30. 20.

Genes. 14.

143 A difficuldade, que tem este ponto, he a que eu agora direi. No dia do Juizo he certo que haõ de resuscitar todos; mas he tambem certo, que não commungáraõ todos; porque não commungáraõ os meninos, nem os Hereges, nem os Gentios, nem os que foraõ antes da vinda de Christo. Logo não havemos de resuscitar todos no dia do Juizo em virtude do Santissimo Sacramento, que cõmungamos. Nego a consequencia; porque basta que o merecimento do beneficio esteja em alguns, para que Christo sacramentado o communique a muitos: assim disse aos Apostolos, que eraõ sómente alguns, que o mesmo caliz, que se dava a elles, se communicaria a muitos: *Qui pro vobis, & pro multis effundetur.* Antes he tal a liberalidade de Christo no Sacramento, Matth. 26. 28. Luc. 22. 20.

cramento ; q̃e baſta, que ſeja devido o beneficio a hum , para que o eſtenda a todos. Por iſſo os Theologos com S. Joaõ Chryſoſtomo chamaõ ao meſmo Sacramento extenſaõ da Encarnaçaõ ; porque a Divindade communicada na Encarnaçaõ a hũa ſó humanidade , no Sacramento a eſtende Chriſto , & communica a todos os homens : *In me manet , & ego in illo* ; & aſſim o fez S. Antonio no meſmo genero de reſurreiçaõ. Andavaõ folgando em hum rio de Italia dez meninos , arrebatou-os a corrente , & morrèraõ todos. Hum pay , porque tinha recebido o ſeu por orações de S. Antonio , veyo pedir ao Santo , que lhe tornaſſe a dar o ſeu filho. Eſtava neſta oraçaõ , quando entraõ dançando pela Igreja , não ſò aquelle menino , ſenão os outros nove reſuſcitados. Pois ſe hum ſó era o por quem ſe orou , como reſuſcita S. Antonio a todos ? Porque baſta que haja merecimento em algũ, para que S. Antonio , ao modo do Santiſſimo Sacramento , eſtenda o beneficio a todos. Aſſim eſtendeo aqui a reſurreiçaõ a todos os dez meninos mortos , ſendo que a oraçaõ do pay para hum ſó a pedia. E ſe iſto viraõ os olhos em S. Antonio ; porque o não creràa Fè no Santiſſimo Sacramento ? Crea-o a Fè, & ajude-ſe, ſe lhe he neceſſario , dos ſentidos , que ſaboreados , & alumiados com eſtas maravilhas , publicaõ que he S. Antonio o ſal , & a luz daquella meſa : *Vos eſtis ſal : vos eſtis lux.*

§. V.

144 OUtra maravilha ſe crè vulgarmente do Santiſſimo Sacramento , em que he mais neceſſario o ſal , & a luz , porque verdadeiramente he tal que não ſó cauſa algum diſſabor ao goſto , & grande horror á viſta , ſenão ainda à imaginaçaõ.

ginaçaõ. Não debalde era ceremonia da cea do Cordeiro, figura deſte Divino Sacramento, que ſe comeſſem com elle algũas amarguras : *Cum lactucis agreſtibus.* E que amargura, que diſſabor, que horror he eſte do Santiſſimo Sacramento ? He amargura miſturada com doçura ; mas amargura em fim, & grande amargura : *Mors eſt malis, vita bonis.* Com eſte manjar ſer vida para huns, he morte para outros. Aquella Hoſtia, que recebemos, he hum papel fechado, em que vem eſcrita a noſſa ſentença, ou de vida, ou de morte. Vede ſe póde haver meſa mais temeroſa que eſta. Na meſa da Propoſiçaõ havia huns paens, que eſtavaõ diante do Propiciatorio, os quaes no Texto Hebreo ſe chamaõ, *Panes facierum*, Paens de faces. Tal he o paõ do Sacramẽto do Altar, paõ de duas faces : hũa benigna, outra temeroſa : hũa amavel, outra terrivel : hũa de miſeri-

Exod. 12. 8.

cordia, outrã de juſtiça : hũa de vida, outra de morte. E paõ, que de hũa face me convida com a vida, de outra me ameaça com a morte : paõ, que ſendo triaga, póde ſer veneno, & não ſei ſe me ha de dar ſaude, ou me ha de matar ; vede ſe póde parecer deſabrido.

145 Mas ſabeis porque attribuis áquella meſa eſtes diſſabores ? He porque comeis aquelle paõ ſem o ſeu ſal, & porque vos chegais àquella Cea ſem a ſua luz, que he S. Antonio. Tocai eſſe paõ naquelle ſal ; & vede-o àquella luz, & logo conhecereis, que Chriſto no Sacramẽto ſempre he paõ de vida, & nunca de morte. Hia o pay de S. Antonio a juſtiçar com ſentença diffinitiva de morte, por ſe lhe imputar que havia tirado a outro homem a vida : & quando hia paſſando junto á Sè de Liſboa, apparece no Adro della S. Antonio, pede á juſtiça que pare, manda

abrir

abrir a ſepultura ; onde eſtava ſepultado o morto: dizlhe o Santo que ſe levante , & que teſtimunhe diãte de todos,ſe era aquelle homem o que o matára. Levantou-ſe o morto com aſſombro de todos, & diſſe que não era aquelle homem o ſeu matador. Entaõ replicáraõ as juſtiças a S. Antonio , quẽ lhe perguntaſſe quem era o matador ; mas o Santo reſpondeo , que elle viera dar vida ao innocente , & não dar morte a culpados. Pois ſe S. Antonio , quando vem dar vida , tem por acçaõ indigna de ſua peſſoa , dar tambem morte , ainda que a vida ſeja a bons , & a morte a máos ; porque havemos nòs de cuidar , que Chriſto no Sacramento ſeja morte dos máos , quando he vida dos bons ? Não ha tal couſa. Chriſto ſempre he vida , & nunca morte. He verdade que quando chegamos a cõmungar ; (& iſto he ſó o que quer dizer S. Thomás , & a Igreja ; q̃ por iſſo eũ dizia ; que S. Antonio he expoſiçaõ do Sacramento) he verdade que quando chegamos a commungar , os bons recebem vida , & os máos encorrem morte: mas deſſa morte não he cauſa o Sacramento. Os bons recebem a vida , porque o Sacramẽto lha dá ; os máos recebem a morte , porque elles meſmos ſe mataõ a ſi. Deſorte , que da vida que recebem os bons , não ſaõ cauſa os bons , ſenão o Sacramento ; & da morte , que encorrem os máos , não he cauſa o Sacramento, ſenão os máos.

146 Amanhece a brãca flor chea do orvalho doce , que deſtillou nella a Aurora , chega a beber a abelha, & leva mel ; chega a beber a aranha , & leva veneno. Mas donde naſce eſte veneno , & eſte mel ? O mel não naſceo da abelha , ſenão da flor ; o veneno não naſceo da flor , ſenão da aranha. Nem mais, nem menos ; eſtá aquelle Sacramento feito hum favo

vo de vida, & de doçura. Chega o justo, & chega o peccador áquelle manjar Divino: o justo leva vida: *Vita bonis*; o peccador leva morte: *Mors est malis.* Mas donde nasceo esta morte, & esta vida? A vida não nasceo do Justo, senão do Sacramento; & a morte não nasceo do Sacramento, senão do peccador. Desorte que o Santissimo Sacramento sempre para todos he vida, & nunca morte.

147 E senão, diga-o o mesmo Christo: Lede o Capitulo sexto de S. Joaõ, que he onde Christo falla do Sacramento, & achareis que nove vezes se chama paõ de vida: *Panis enim Dei est, qui de cælo descendit, & dat vitam mundo*; *Ego sum panis vitæ*: *Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi*: *Panis quem ego dabo, Caro mea est pro mundi vita*: *Si quis manducaverit ex hoc pane vivet in æternum*: *Nisi manducaveritis Carnem filii hominis, non habebitis vitam*: *Qui manducat meam Carnem, & bibit meum Sanguinem, habet vitam æternam*: *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem*: *Et qui manducat me, & ipse vivet propter me*: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Pois se Christo diz nove vezes que he paõ de vida, porque não diz hũa vez que he paõ de morte? Porque Christo he summa Verdade, & não podia dizer o que não era. Disse tantas vezes, que era paõ de vida; porque dá vida: não disse que era paõ de morte, porque não da morte. O que tómente disse acerca da morte foi, que era paõ de não morte: *Hic est panis, qui de cælo descendit, ut si quis ex ipso manducet, non moriatur*: *Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna, & mortui sunt.* Tam longe está aquelle Divino Mysterio de dar vida, & morte, que antes o fim, para que foi instituido, he para dar vida, & para impedir a morte: *Ut si quis ex ipso manducet,*

oann. 33.

Ibid. 50.

Ibid. 59.

cet; *non moriatur*. Bem assim como neste caso fez S. Antonio, o qual ao morto, que resuscitou, deu vida, & ao pay, que hia para morrer, impedio a morte. Podendo dizer com galharda applicação: *Ego vivo propter Patrẽ, & ipse vivet propter me*. Vede agora se fica bem clara aquella mal entendida verdade, á vista daquella luz: *Vos estis lux*. Vede se fica bem saboreado aquelle mal entendido dissabor, á vista daquelle sal: *Vos estis sal*.

§. VI.

148 FInalmente porque não nos detenhamos mais, grande maravilha he do Santissimo Sacramento, que sendo Carne, seja meyo para Deos communicar espirito: *Ego sum panis vivus: Verba, quæ ego locutus sum vobis, spiritus & vita sunt*. Joann. 6. 51. 64. Grande maravilha do Santissimo Sacramento, que sendo Carne, seja remedio contra as tentações da carne, & faça os homens castos, & puros: *Frumentum electorum, & vinum germinans virgines*. Zachar. 9. 17. Grande maravilha he do Santissimo Sacramento, que sendo Carne, que tanto cega, & precipita o entendimẽto, seja paõ que dá juizo, que dá siso, & entendimẽto: *Cibavit illum pane vitæ, & intellectus*. Eccles. 15. 3. Mas que muito he, que a Fè crea todas estas maravilhas de Christo sacramentado, se os sentidos as vem em S. Antonio? Que muito, que o Santissimo Sacramento faça estes milagres com a substancia, se S. Antonio os faz com os accidentes? Todas estas maravilhas, que faz o Sacramento, não as faz com os accidentes de paõ, senão com a substancia do Corpo de Christo. Mas estas mesmas maravilhas fallas S. Antonio, não com a substancia, senão com os accidentes de seu Corpo. Se a Carne de Christo no Sacramento dá espirito, S. Antonio só cõ hum assopro, por ser alento

to da ſua carne, deu eſpirito. Eſtava hum Noviço tentado a deixar a Religiaõ, aſſoproulhe S. Antonio no roſto, dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum*; & ficou confirmado na vocaçaõ. Se a carne de Chriſto no Sacramento he remedio contra as tentaçoes, & appetites da carne: a Tunica de S. Antonio, por ſer tocada na ſua, tirou as tentações da carne. Era hum Religioſo muy moleſtado de tentações deshoneſtas, deulhe S. Antonio a ſua Tunica, para que a veſtiſſe, & no ponto que a veſtio, não ſentio mais tentaçaõ. Se a Carne de Chriſto no Sacramento dá juizo, & entendimento; o Cordaõ de S. Antonio, por cingir cõ elle a ſua carne, deu juizo, & entendimento. Eſtando o Santo prègando, havia na Igreja hum doudo, que inquietava o auditorio; lançoulhe o Santo o ſeu Cordaõ ao peſcoço, & no meſmo ponto recuperou o entendimento, & ficou ſeſudo. Quem não dirá, á viſta deſta ſemelhança de maravilhas, que he S. Antonio hum Santo ſacramẽtado? Pois ainda falta a mais admiravel de todas.

149 A mais admiravel de todas as maravilhas do Santiſſimo Sacramento he, que dentro de hũa quantidade tam pequena eſteja toda a Humanidade, & Divindade de Chriſto, & que eſtejaõ eſtas grãdezas tam grandes, eſcondidas, & tam encubertas, q̃ de nenhum modo appareçaõ, nem ſe poſſaõ ver, nem ſẽtir: *In Cruce latebat ſola Deitas, at hîc latet ſimul & humanitas*, diz S. Thomás. Mais disfarçado, & mais encuberto eſtá Deos no Sacramento, do que eſteve na Cruz; porque na Cruz eſteve eſcondida a Divindade, mas a Humanidade eſteve patente. No Sacramento a Humanidade, & Divindade, tudo eſtá eſcondido. Em S. Antonio, (não o quero dizer com nome tam grande) naquelle Fradinho

Menor, que alli vedes, havia grandes grandezas humanas, & grandes grãdezas Divinas. As grandezas Divinas eraõ as ſuas virtudes; as grandezas humanas eraõ as ſuas letras, & a ſua ſciencia admiravel. E todas eſtas grandezas, não ſó eſtavaõ reduzidas, & reſumidas a hum ſugeito tam pequeno, mas eſtavaõ tam encubertas, tam eſcondidas, & tam ſumidas dentro nelle, que (em quanto Deos as não deſcobrio) nenhum ſentido humano as podia conhecer, nem deſcobrir, nem ainda conjecturar. Veyo S. Antonio ao Capitulo Geral, que celebrava em Aſſiſi o Padre S. Franciſco, & acabado o Capitulo, repartiraõ-ſe os Prelados por todas as Provincias da Chriſtandade, pedindo cada hum os Religioſos, que lhe parecia os podiaõ ajudar. No cabo ficou ſó o Santo engeitado, & deſeſtimado de todos, porque ninguem o quiz levar comſigo. Vede quem he o mundo, ainda onde não ha, nem devia haver mundo, que he a Religiaõ! Mas iſto não he maravilha nos homens; em S. Antonio o foi, & a mayor de todas. Se em S. Antonio ſe conhecèraõ ſuas virtudes, he certo que todos o haviaõ de querer levar por Santo: ſe em S. Antonio ſe conhecèraõ as ſuas letras, he certo que todos o haviaõ de querer levar por letrado. Mas eſtavaõ eſtas maravilhas todas tam ſumidas, & eſcondidas em S. Antonio, que ſendo tam letrado, parecia idiota; ſendo tam grande Santo, não parecia virtuoſo.

150 O que mais me admira neſte caſo he, que nem S. Franciſco conheceſſe o que nelle havia. Que os outros Religioſos o não conheceſſem, ainda que muitos eraõ Santos, paſſe; mas S. Franciſco, aquelle Seraſim, que não penetraſſe o que eſtava eſcondido em S. Antonio! Daqui infiro eu, que ſoube encobrir S. Antonio as ſuas

ſuaſ maravilhas muito mais, do que Chriſto no Sacramento encobrio as ſuas. Provo: porque as maravilhas, que eſtaõ encerradas no Sacramẽto, via-as muito bem S. Franciſco. E quando S. Franciſco cõ os ſeus olhos de Serafim pode ver, & penetrar as maravilhas que eſtaõ eſcondidas no Sacramento, não pode ver, nem penetrar as maravilhas q̃ eſtavaõ eſcondidas em S. Antonio. E porque? Porque as de S. Antonio eſtaõ mais eſcondidas. Julgai agora ſe he S. Antonio ſal, & luz da Meſa do Santiſſimo Sacramento. Sal, pois provado em ſi, a nenhũa couſa ſabe, ſenão a Sacramento: *Vos eſtis ſal:* Luz, porque viſto o Sacramento nelle, tudo o que ha no Sacramento fica alumiado, & deſcuberto: *Vos eſtis lux.*

§. VII.

151 MAis tinha que ir por diante; mas acabo com pedir a todos com todo o affecto, que devemos a eſte noſſo Santo, & que nòs devemos a nòs meſmos, que pois Deos o fez tam maravilhoſo, que façamos tambem noſſas as ſuas maravilhas. Aproveitemonos dellas, & não as deſperdicemos. Muitos cuidaõ, que ſe aproveitaõ das maravilhas de S. Antonio, empregando a valia deſte Sãto para o remedio das couſas tẽporaes, & iſto he deſperdiçallas. Se vos adoece o filho, Santo Antonio; ſe vos foge o eſcravo, Santo Antonio; ſe mandais a encomenda, Sãto Antonio; ſe eſperais o retorno, Santo Antonio; ſe requereis o deſpacho, Santo Antonio; ſe aguardais a ſentença, Santo Antonio; ſe perdeis a menos miudeza de voſſa caſa, Sãto Antonio; & tal vez ſe quereis os bens da alhea, Santo Antonio. Homem houve no Maranhaõ, menos ha de cinco annos, que tendo induzidas duas teſtimu-

ſtimunhas para lhe jurarem falſo em materia de liberdade, ou cativeiro, no dia em que houveraõ de jurar, mandou dizer hũa Miſſa a S. Antonio, para q̃ juraſſem contra a verdade; & porque juráraõ como hiaõ inſtruhidos, veyo o pleiteante a eſta meſma Igreja dar as graças ao Sãtiſſimo Sacramento, & a S. Antonio. Ha tal barbaria como eſta? Ha tal maldade? Baſta monſtro do inferno, indigno do caracter de Chriſtaõ, & do nome de homem, que não contente de roubar a liberdade a eſtas duas creaturas mais livres, que tu, pois não naſcèraõ como tu, vaſſallos do teu Rey, a primeira liçaõ q̃ lhes déſte da doutrina Chriſtãa, foi enſinarlhes a dizer em juizo hum falſo teſtimunho contra ſi meſmos, ſugeitando-ſe a ſi, & a toda a ſua deſcendencia a perpetuo cativeiro; & para fazeres a Deos complice neſta tua maldade, lhe ofereceſte o ſacrificio do Corpo, & Sangue de ſeu Filho, & tomaſte por medianeiro deſta perdiçaõ de tua alma o Santo, a quẽ o meſmo Deos deu o officio de reparar todas as perdidas! Mas para que ſaiba o mundo, & tome exemplo neſte tam eſcandaloſo caſo do rigor, com que o caſtigou a Divina juſtiça, andando o meſmo homem á caça de cativeiro de Indios no rio das Almazonas, elles lhe tiràraõ a vida ás frechadas, morrendo ſem Sacerdote, nem Sacramentos, com tam pouca eſperança de ſua ſalvaçaõ, antes com manifeſta, & clara evidencia da condemnaçaõ eterna aquelle, que não ſó com tal cubiça, injuſtiça, & crueldade, mas com hum ſacrilegio tam eſtolido, inaudito, & barbaro, tinha abuſado impiamente do Santo, & do Santiſſimo.

SER-

SERMAÕ

DA QUARTA DOMINGA DA QVARESMA,

Na Igreja da Conceiçaõ da Praya da Bahia, o primeiro que prègou na Cidade o Author antes de ser Sacerdote, anno de 1633.

Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant. Joann. 6.

§. 1.

152 COmo he uſo antigo, & ſempre praticado na guerra depois das batalhas, principalmẽte vitorioſas, tocar a recolher os exercitos, para que deſcancem os ſoldados, & ſejaõ viſtos, como em triũfo, & conhecidos os vencedores: aſſim o General ſupremo da Igreja Militante manda hoje a ſeus Apoſtolos, que recolhaõ as reliquias, & fragmentos dos cinco pães, que vencèraõ, para que ſe não perca no eſquecimento a memoria de tam illuſtre combate: *Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant.* Joann. 6. 12. Eſte he com novo, &

ſublime penſamento, o ſentido das palavras, que propuz, & eſte o primeiro reparo, que podem fazer nelle os doutos, por não dizer os criticos. A palavra, *ſuperaverunt*, tẽ igualmente dous ſentidos naturaes: quando ſe falla de batalha, ſignifica vencer; & quando de banquete, ou convite, que he a materia do preſente Euangelho, quer dizer, ſobejar: logo, fallando com propriedade, parece que havia eu de dizer, ſobejáraõ, & não, vencèraõ. Eſta replica pede hũa razaõ; eu a ſatisfarei com duas. Hũa das mayores eſcolas de Marte, que hoje tem o mundo, he a noſſa Bahia; & porque o Meſtre unico deſta bem exercitada milicia, ſobre querer authorizar com ſua illuſtriſſima preſença o auditorio, advertio que ſendo o dia de banquete, foſſem procionadas as iguarias; que outra proporçaõ lhe podia eu achar mais accõmodada aos ouvidos tam coſtumados ao ſom das caxas, & trombetas, ſenão fazellas tambem bellicas, marciaes, & de guerra? Taes foraõ as vozes com que o Profeta Iſaias, tendo ElRey Balthazar convidado a mil Principes do ſeu Imperio, lhes tocou não eſperadamente a rebate, & que trocaſſem os pratos com os eſcudos: *Comedentes, & bibentes: ſurgite Principes, arripite clypeum.* Iſai. 21. 5.

153 Eſta he a primeira razaõ, com que não póde deixar a minha obediencia de reſponder ao favor do offerecimento, que em todas as leys da cortezia devia eu aceitar, como mandado. A ſegunda, & que pertence á bem fundada duvida dos criticos, não he, como não deve ſer, minha, mas de hum tam grande, & judicioſo Interprete, como he entre os antigos Padres, o ſutiliſſimo Euſebio Emiſſeno. As palavras do ſeu novo, & maravilhoſo cõmento ſaõ eſtas: *Non ſunt panes niſi* Euſeb. Emiſſen

niſi quinque, manducantes autem plus millibus quinque: Os pães ſaõ ſómente cinco, os que comem ſaõ mais de cinco mil. *Illi manducant, panes creſcunt*: Os homens comem, os paens creſcem. *Certamen fit inter panes, & homines.* Que he iſto, ſenão hũa batalha campal entre paens, & homens? E qual o fim della? Milagroſo, & que de nenhum modo ſe podia eſperar. *Vincunt panes, ſuperantur homines*: Os paens, ſendo comidos, vencem; & os homens, que os comem, ſaõ vencidos. Iſto diſſe com tam maravilhoſa novidade, como he a do caſo, o grande Emiſſeno: & iſto he, com mayor largueza, o que nòs ouviremos em hum ſó diſcurſo, mas tal, que deſde o principio atè o fim nos moſtre em toda a narraçaõ do Euangelho os verdadeiros preceitos de Marte; & o que deſde o tomar as armas, atè o recolher os deſpojos, devem deſejar os vencedores ſoldados.

Ave Maria

Colligite quæ ſuperaverunt fragmenta, ne pereant.

§. II.

154 ALtamente diſſe Salamaõ, q̃ as guerras ſe haõ de governar com o leme: *Gubernaculis tractanda ſunt bella.* E qual ſerá, não digo nas guerras navaes, mas nas terreſtres, o leme? Não ha duvida, que he o conſelho. Por iſſo os cultos da grammatica militar dizem acertadamente, que as batalhas ſe daõ na campanha, mas as vitorias ſe alcançaõ no gabinete. Chriſto Redemptor noſſo não perguntava para ſaber, ſenão para enſinar; & para enſinar, que nos caſos ſemelhantes

Prov. 20. 18.

ao preſente, ſe ha de tomar conſelho, & de quem. Apontando primeiro para a grande multidaõ dos que o ſeguiaõ, perguntou a Filippe: *Unde ememus panes, ut manducent hi?* Donde compraremos paõ, para dar de comer no deſerto a tanta gente? Antes de ouvir a repoſta, he muito de notar, a quem Chriſto fez a pergunta, & a quem a não fez. Parece q̃ o conſultado em primeiro lugar havia de ſer Judas, como aquelle que tinha cuidado do provimento, & ſuſtento do Collegio, & era o Theſoureiro das eſmolas, de que a ſua pobreza ſe valia: & do meſmo modo parece que ſe não devia conſultar Filippe, por ſer entre todos os Diſcipulos de Chriſto o menos provecto nas ſciencias do ſeu eſtudo, ſegundo o que o meſmo Senhor lhe tinha dito: *Tanto tempore vobiſcum ſum, & non cognoviſtis me? Philippe, qui videt me, videt & Patrem meum.* Mas aſſim na peſſoa perguntada, como na que não perguntou, nos deu Chriſto dous ſoberanos documentos. Não perguntou a Judas, porque era traydor; & de hum miniſtro de pouca fè, & verdade, tal vez ſe podem diſſimular os furtos da fazenda; mas os ſegredos da guerra, de que depende a conſervaçaõ do Eſtado, por nenhum modo ſe lhe devem fiar. Conſultou porèm, & perguntou Chriſto a Filipe, porque era natural de Bethſaida, & pratico daquelle paiz, de cuja experiencia em qualquer lavrador, ou paſtor ruſtico, depende muitas vezes o acerto das reſoluçõesmais, que da agudeza, & diſcurſo dos ſabios, que entendem, mas não adivinhaõ. Porèm Filippe como ſe vio chamado a Conſelho, ſendo que ſó ſe lhe perguntava o lugar, donde ſe podia comprar o paõ: *Unde ememus panes*; meteo-ſe a Miniſtro, difficultando, & impoſſibilitando a compra, & exagerando

Joann. 6. 5.

Joann. 14. 9.

rando a summa de dinheiro necessario para ella : Joann. 6. 7. *Ducentorum denariorū panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicum quid accipiat.* E se o seu voto se seguira, sem duvida morreria à fome toda aquella multidaõ de homens, como outras vezes acontece pelo mal entendido zelo de Ministos tam acanhados no animo, como Filippe o era na Fè. Não ha votos mais perniciosos na paz, & na guerra, nem mais bem aceitos commũmente aos que governaõ o leme, que os que por poupar a fazenda impossibilitaõ as acções, com que o que havia de ser trabalho, he ociosidade, & o que havia de importar muito, se resolve em nada.

155 De Filippe passou o Senhor a S. Andrè, o mais antigo de todo o Apostolado, & por isso com a principal qualidade de Conselheiro. Mas tambem aqui se póde com razaõ duvidar, porque não consultou antes a S. Pedro. Direi : S. Pedro era tam destemido, & arrojado, que elle só se atreveo a tirar pela espada, & investir com hum esquadraõ armado de soldados Romanos : & homens de espiritos tam alentados saõ mais para desfazer as difficuldades na execuçaõ, que para cõsultar se se devem, ou não, emprender. Duas partes teve o voto de Santo Andrè, & a primeira de grande juizo, & acerto. Aqui ha, disse, hum moço, que tem cinco paens : *Est puer unus hic, qui habet quinque panes.* Joann. 6. 9. O voto verdadeiro ha-se de fundar no que he, & no que ha, ou seja muito, ou pouco ; & não votos muy elegantes, & discretos, mas fundados no impossivel, que dizem o que fora bem haver, & não ha, & fora bem ser, & não he. Na segunda parte reconheceo Andrè a difficuldade, & desproporçaõ dos cinco paens para sustentar a tantos mil : *Sed hæc quid inter tantos ?* Ibid. E tambem aqui acertou, como

mo bom Conſelheiro de guerra, ſem advertir porèm qual era o General, debaxo do qual militava. Conſiderando Chriſto Senhor noſſo eſta meſma proporçaõ do numero que hade haver dos combatentes de hũa, & outra parte, diſſe aſſim: *Quis Rex iturus committere bellum adverſus alium Regem, nos ſedens priùs cogitat ſi poſſit cum decem millibus ocurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad ſe?* Que Rey ha, diz o Senhor, o qual ſabendo que vem outro a acometello com hum exercito de vinte mil ſoldados, não cuida primeiro muito devagar, ſe póde ſahir ſó com dez mil a pelejar com elle em campanha? Boa conſolaçaõ, & tam neceſſaria, como animoſa para os Capitaens mais verſados na Aritmetica, que na milicia, os quaes dizem, quaſi hereticamente, que Deos ſempre ſe coſtuma pòr da parte onde ha mais moſqueteiros. Hereſia muitas vezes condemnada na ſagrada Eſcritura, onde ſe diz, que tam facil he a Deos vencer com poucos, como com muitos: *Non eſt differentia in conſpectu Dei cæli liberare in multis, vel in paucis.* Mach. lib. 1. 3. 18.

Luc. 14. 31.

156 Deſta ſentença de Chriſto póde inferir, não digo o noſſo temor, mas o noſſo cuidado, que ainda que os inimigos, que nos infeſtaõ, tenhaõ dobradas bocas de fogo, nem por iſſo devemos recear, ou deſconfiar da vitoria. Mas não he iſto ſó o q̃ aquella ſentença ſignifica, ſendo a noſſa guerra puramente defenſiva. Quando Chriſto diz que pòde hum Rey eſperar, que com dez mil combatẽtes reſiſta, & prevaleça contra o que o acomete com vinte mil, falla expreſſamente de batalha campal, & guerra em campanha, como ſe colhe claramente das palavras: *Si poſſit cum decem millibus occurrere ei*: & a noſſa guerra, nas circunſtancias preſentes, póde com dez mil reſiſtir,

resistir, & defender-se, não só de vinte, senão de cem mil; porque na campanha peleja hum homem contra outro homem de peito a peito; porèm os q̃ se defendem cubertos, & armados das suas fortificações, com hũa muralha diante, ainda que sejaõ Pigmeos, em respeito dos outros homẽs saõ Gigantes. Assim o diz o Profeta Ezechiel da confiança, ou desprezo, com que os soldados da Cidade de Tyro zombavaõ, sendo pigmeos, de todos os seus sitiadores, mostrandolhes os arcos, & as aljavas penduradas da altura dos muros, donde comparados com os outros homens eraõ Gigantes: *Sed & Pigmæi, qui erant in turribus tuis per gyrum: ipsi compleverunt pulchritudinem tuã.* Ezech. 27. 11

§. III,

157 MAs que he o q̃ ouço? Saõ as trombetas, & caxas da nossa guerra, do nosso Euangelho, que tocaõ a arma. Pede Christo os cinco paens, & com elles nas mãos, & os olhos nos cinco mil homens, diz o Euangelista, que levantando-os ao Ceo deu as graças a Deos, antes de partir, nem distribuir os paens: *Et cùm gratias egisset, distribuit discumbentibus.* Esta anticipada acçaõ nos obriga, posto que já com as armas nas mãos, a reparar nella, & a não passar em silencio, sendo tam nova, & ainda encontrada com a razaõ. As graças daõ-se depois da guerra, da batalha, & da vitoria: entaõ se canta o *Te Deum*, & se fazem as outras solemnidades. Pois se isto, segundo o pensamento q̃ seguimos de Emisseno, era hũa batalha entre os pães, & os homens: *Certamen fit inter panes, & homines*; como anticipa Christo as graças antes de se dar a batalha? Porque era sua. Nas guerras de Christo primeiro he o vencer, que o pelejar. Arrebatado S. Joaõ Joann. 6. 11.

nas

nas visões do Apocalypse ouvio hũa voz, que lhe dizia: *Veni, & vide*: Vem, & vè: abrio os olhos, & vio sobre hum cavallo brãco hum mancebo de gentil disposiçaõ, armado de arco, & aljava: *Ecce equus albus, & qui sedebat super eum habebat arcum*; & não tinha bem admirado o ar, & bizarria, com que o cavalleiro do Ceo vinha sahindo, quando vio, que lhe punhaõ na cabeça hũa Coroa: *Et data est ei Corona.* Coroa? Logo já tinha vencido. Mas como tinha vencido, se só trazia na maõ o arco, & ainda não tinha disparado as settas? Porque este galhardo mancebo, como diz Santo Agostinho, era o Verbo Eterno, que sahia do Ceo a conquistar o mundo; & nas conquistas, & batalhas de Christo, primeiro he o vencer, que o pelejar; primeiro a vitoria, que a batalha: o mesmo Texto o diz expressamente: *Et exivit vincens, ut vinceret*: Sahio vencedor para vencer: se vencedor, já tinha vencido; se para vencer, ainda não tinha dado a batalha. Mas isto mesmo era ser Christo, que só elle, antes de pelejar, vence, & antes de dar a batalha, já he Senhor da vitoria. Por isso estando ainda com os cinco paens nas mãos, antes do famoso, & nunca visto combate, pondo os olhos na multidaõ, que havia de ser vencida, & levantando-os juntamente com as mãos ao Ceo, dá as graças a Deos, como vencedor.

Apoc. 6. 2.

Apoc. 6. 2.

158 Primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze Apostolos, como a outros tantos Sargentos Mayores de Batalha, que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras, cada hũa de cincoenta; & porque a batalha havia de ser comendo ao modo, & ao uso, com que se punhaõ á mesa os Hebreos, os fizessem recostar sobre o feno, de que havia muito naquelle deserto. Se o paõ se houvesse de

de dar juntamente a tanta multidaõ de homens famintos de tres dias, qual seria o tumulto, & labyrintho? Por isso mandou, que se dividissem, & puzessem primeiro em ordem. Multidaõ desordenada he confusaõ; com ordem, he exercito. Desordenada serve só de levar despojos ao inimigo; com ordem, na mesma ordẽ, & em si leva já segura a vitoria. Esse he o respeito, porque Salamaõ pintando hum exercito formidavel, & terrivel, não o encareceo pelo numeroso dos combatentes, ou pelo luzido das armas, senão pela ordem de todo elle: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Ordenada, & disposta assim a campanha, entaõ repartio Christo aos doze Apostolos os cinco paens, lançandolhes primeiro a sua bençaõ, & divididos em igual proporçaõ com os homens, sahiraõ os paens ao combate por todos os modos novo, elles cinco, & estes cinco mil.

Gant. 6. 3.

159 Agora se verá a muita razaõ, que teve S. Andrê, & a pouca fè com que disse: *Quid hæc inter tantos?* Quanto à razaõ: os mesmos, que haviaõ de comer se podiaõ rir, ou chorar dos poucos bocados de paõ, com que os Apostolos queriaõ tapar tantas bocas. Quando Josuè, & Caleb tornáraõ de explorar a terra de Promissaõ, differaõ que não havia que temer na conquista, porque os filhos de Israel aos Amorreos os podiaõ comer a bocados, como paõ: *Neque timeatis populum terræ hujus, quia sicut panem ita eos possumus devorare.* Devorar, differaõ & engulir, q̃ he muito mais facil que comer, zombando da difficuldade do paõ, em que não ha osso, nem espinha. O mesmo podiaõ dizer neste caso os cinco mil comedores, não havendo para a sua fome paõ, senão tam pouco para tantos. Nem lhes falta o exemplo da Escritura muito mais proprio, & encarecido

Num. 14. 28.

recido aos meſmos paens, que haviaõ de ſer comidos. Eſtando em campo, ou tendo inundado todos os campos, contra os Hebreos, o exercito dos Madianitas, cujo numero cõpara o Texto ſagrado não menos que às areas do mar: ſonhou hum ſoldado que via cahir, & rodar do Ceo hum paõ, o qual dando no meſmo exercito o desbaratava todo, & deſtruhia: & contando o ſonho a hum companheiro, inſpirado eſte por Deos diſſe com eſpirito profetico: *Non eſt hoc aliud niſi gladius Gedeonis.* Iſſo, que viſte, não he outra couſa, ſenão a eſpada de Gedeaõ. E aſſim foi; podendo dizer os cinco paens daquella batalha, em que agora entravaõ, não ſó o meſmo, mas com mayor propriedade, & mais ajuſtada a todas ſuas circunſtancias; porque o paõ, que deſcia do Ceo, ſegundo a Verſaõ que refere Abulenſe, não ſó era hum, ſenão *caniſtrum panis*, que vem a ſer a ceſta; em que trazia o menino os cinco paens: *Eſt puer hic, qui habet quinque panes.* Os Setenta Interpretes lem: *Menſa panis*, Meſa de paõ; & tal era a que os cinco mil divididos eſperavaõ aſſentados já, ou recoſtados á meſa: *Diſcumbentibus*, & todos ſem diſcrepancia, que era paõ de cevada: *Hordeaceus*; & aſſim o diz o Euangelho: *Ex quinque panibus hordeaceis.* Finalmente Vatablo com novo reparo: *Strepitus panis*: & Caetano: *Tremor panis*: Eſtrõdo, & tremor de paõ Pois ſe o paõ era hum, ou tam pouco, que o trazia hum menino em hũa ceſta, como ſe chama eſtrondo, & tremor de paõ: *Strepitus, & tremor panis?* Porque tam eſtrondoſa, & taõ formidavel havia de ſer eſta batalha dos cinco paens comidos, contra os cinco mil comedores, de que elles ſe riaõ, ou choravaõ de ſer tam pouco paõ contra tantos homens.

Judic. 7. 14.

Abul. quæſt. 16.

§. IV.

§. IV.

160 ASſim ſe começou o combate, cuidando todos que havia de acabar em hum momento ſendo tantos os gaſtadores, & tam pouco o que ſe havia de desbaſtar. Mas depois que os Apoſtolos começando pela primeira, acabáraõ pela ultima das cem eſquadras, entaõ comendo todos, ſe ouvio o eſtrepito, ou eſtrondo da marcha, & pareceo que a terra, & todo o deſerto tremia: *Strepitus, & tremor panis.* Paſſou a admiraçaõ a eſpanto, & a primeira, & mais que admirada foi a natureza Eu, dizia a Natureza, tambem ſei, & poſſo fazer do pouco paõ muito paõ; mas iſto quando mais apreſſadamente, em tres mezes. Ha-ſe de arar a terra, ha-ſe de ſemear, & gradar o trigo, ha de regallo o Ceo, ha de amadurecello o Sol, haõ de colhello ſuando os ſegadores; poſto em paveas na eyra, depois de calcado, & limpo, hade ſer moido, depois amaſſado, & leve dado, depois finalmente cozido, atè que ſe poſſa comer. Mas iſto quando menos, como dizia, em tres mezes; & ordinariamente deſde as neves de Dezembro atè as calmas de Agoſto. Mas em hum momento, creſcer das mãos á boca! S. Agoſtinho diz que creſcia nas mãos de Chriſto; S. Chryſoſtomo, que nas dos Apoſtolos; S. Hilario, que nas dos que comiaõ; & tudo era; mas principalmente neſtes ultimos; porque partido o paõ, que a cada hum coube, em quanto a maõ direita o partia, & levava à boca, já na eſquerda ficava outro tanto, que ſe podia tornar a partir, & deſta maneira, quanto mais partiaõ os comedores, tanto mais creſciaõ os paens comidos. Oh ſe o mundo ſoubeſſe entender, & aprender eſta traça de multiplicar o paõ! *Parvuli petierunt panem, &* Thren. 4. 4.

non

non erat, qui frangeret eis, diz Jeremias: Pediraõ paõ os pequenos, & não havia quem lho partisse. Partisse, diz; porque a falta de não haver paõ he, porque não ha quem o parta, & reparta. Grande prova no mesmo Euangelho. Neste milagre, como veremos, sobejáraõ doze alcofas de paõ; em outra semelhante sete; & porque menos paõ naquelle, que neste?

Matth. 11.

161 Naquelle eraõ mais os paens, & menos os comedores; porque eraõ os paens sete, & quatro mil os comedores: neste os paens eraõ cinco, & os comedores cinco mil: logo lá onde os paens eraõ mais, & os comedores menos, haviaõ os paens de crescer mais; & cá onde os paens eraõ menos, & os comedores mais, haviaõ os paens de crescer menos. E porque não foi assim, senão pelo contrario? Pela razaõ expressa, & infallivel, que tenho dito. Onde os pães eraõ sete, & os comedores quatro mil, foi necessario, q̃ os pães se partisse, & repartissem menos; & onde se partíraõ, & repartíraõ menos, tambem crescèraõ menos: porèm no nosso caso, em que os paens eraõ menos, & os homens mais, foi necessario, & forçoso, que os paens se partissem, & repartissem mais, & por isso crescèraõ mais. Não vos cresce o paõ em casa, porque o não sabeis partir, & repartir com os que carecem delle. Se o partisseis, & repartisseis, elle creceria, assim como cresceo, sendo tam pouco, & os comedores tantos, nesta batalha. Nas outras guerras, huns vivem, outros morrem, & dos vivos saõ vencedores os mais valentes; & vencidos os mais fracos: aqui nenhum morreo, porque os comidos só matavaõ a fome dos comedores, mas os mesmos comedores ficando sem fome mais alentados, & inteiros foraõ os vencidos; & os poucos paens comidos, desbaratados, & feitos em

em pedaços, os vencedores: *Vincunt panes, superantur homines.* Hũa das mayores vitorias, que vio o mundo, & na realidade a mayor de todas, foi a de Samsaõ, quando elle sendo hum só, venceo, & matou a mil: *Percussi mille viros.* Tal foi a vitoria de cada hum dos cinco paens, elles só cinco, & cinco mil os vencidos. Mas porque a vitoria tanto he mais gloriosa, quanto menos proporcionados os instrumentos, o mesmo Samsaõ ponderou na sua, que vencèra os mil homens com hũa queixada: *In mandibula delevi eos, & percussi mille viros.* Assim o fizeraõ tambem, ou fez cada hum dos cinco paens; porque cada hum venceo a mil, & não com queixada alhea: *In mandibula pulli*, senão com as mesmas queixadas dos que os comiaõ: *Illi manducant; panes crescunt: vincunt panes; superantur homines.*

162 Vencida a batalha, & nenhũa tam gloriosamente como esta, mandaõ os Generaes tocar a recolher os soldados vencedores; & assim mandou Christo a seus Discipulos, que em final da vitoria recolhessem as reliquias, & fragmentos della, para que se não perdessem: *Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant.* Fizeraõ-no assim os Apostolos, & admira-se com razaõ S. Joaõ Chrysostomo, que recolhessem cheas doze alcofas, nem mais, nem menos: *Quia nec plus, nec minus fecit superfluum esse.* Doze, & só doze! Bem; porque eraõ doze os Apostolos. Mas porque não treze, para que chegasse tambem a Christo a sua? Porque era Christo o General. As alcofas tecem-se de palmas, as palmas significaõ as vitorias, as alcofas cheas de paõ, os despojos dellas: & o General de sublimes pẽsamentos, qual Christo, da vitoria só que a honra;

dos interesses della, nada para si, tudo para os seus soldados. Assim o fizeraõ generosamente, sem conhecimento do verdadeiro Deos, hum Agesilao, hum Alexandre, hum Vespasiano, & dos que o conhecèraõ antes de ser homem, David, Josuè, Jepte, Gedeaõ, Samsaõ, & Judas Machabeo, dos quaes disse com não menos levantado pensamento S. Bernardo: *Nemo eis communicavit in gloria* Vêdo os vencidos o milagre, & parecendolhe acçaõ verdadeiramente Real a de hum Capitaõ, que não só não mata os homens à fome para comer elle, mas mata a fome aos homens, para os vencer; que resolvèraõ entre si? Resolvem, & determinaõ todos de acclamar a Christo por Rey, ainda que elle o repugnasse: *Ut raperent eum, & facerent eum Regem.* Entendeolhe o Senhor os pensamentos, & para ultima prova do seu desinteresse deixando-os com o titulo de Rey quasi na boca, se retirou só para o monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

Joann. 6.15.

§. V.

163 AQui acaba o Euangelho, & eu tambem tenho acabado o Sermaõ. Mas se he verdade, como he, o que diz Santo Agostinho, que os milagres depois de entendidos fallaõ: *Habent miracula, si intelligantur, linguam suam*, ainda que o Euangelista se nos calou, não deixa o milagre de fallar. Ouçamoslhe duas palavras. Em Christo Sabedoria eterna pedir conselho: *Unde ememus panes?* diz que sem conselho nenhũa cousa façamos; porque nenhum homem he tam sabio, que não esteja sugeito a errar. Em ser errado o dos Apostolos, por não recorrerem aos poderes de Christo: *Sed hæc quid inter tantos?* diz que elle deve ser o Oraculo, a que em todas nossas duvidas, & difficuldades devemos

mos recorrer. Em o Senhor dar as graças antes da mercè recebida: *Et cùm gratias egisset*, diz que, ao menos depois de as receber, não sejamos desconhecidos, & ingratos. Em partir, & repartir o paõ para o multiplicar: *Distribuit discumbentibus*, diz que a melhor traça de a crescentar os nossos bens he soccorrer com elles aos pobres. Em finalmẽte não querer Christo nada para si, senão tudo para os seus: *Collegerunt duodecim cophinos*; que he o que diz? Sem duvida que nos diz o Senhor, o que lá disse Abrahaõ a outro Rey sobre os despojos de hũa victoria: *Da mihi animas, cætera tolle tibi.* Tudo o mais vos dou, daime as almas. Exhortar este só ponto he o q̃ aqui cabia; mas porq̃ fio mais do bom juizo, com que os que me ouvem o poderáõ considerar, do q̃ das razões, com que eu o posso persuadir, acabo com desejar a todos nesta vida a graça, & na outra a Gloria: *Ad quam nos perducat, &c.* Gene. 14. 11.

SERMAÕ
DA
RESVRREIÇAÕ DE
CHRISTO,

Na Matriz da Cidade de Belem do Pará, anno de 1658.

Nolite expavescere: JESUM quæritis Nazarenum. crucifixum: surrexit, non est hic.
Marc. 16.

§. I.

164 QUe parecidas saõ as obras de Christo, ainda as que menos se parecẽ! As tristes, & as alegres: as dolorosas, & as glorioſas: as de sua morte, & as de sua Resurreiçaõ; todas causaõ os mesmos effeitos. Pasmadas deixamos as Marias olhando para o sepulcro de Christo, quando se fechou, & pasmadas por deixarem alli morto a seu Senhor: *Erat autem ibi Maria Magdalene, &* Matth. 28. 61. *altera*

altera Maria ſedentes contra ſepulchrum. Paſmadas acho hoje outra vez as meſmas Marias no meſmo ſepulcro : & paſmadas de o acharem reſuſcitado : *Nolite expaveſcere: Jeſum quæritis : ſurrexit.* Demaneira que Chriſto morto faz paſmar com a ſua morte : & Chriſto reſuſcitado faz paſma com a ſua Reſurreiçaõ , ſendo a Reſurreiçaõ , & a morte duas couſas tam encontradas. Entráraõ as Marias no ſepulcro , viraõ hum Anjo veſtido de neve , & luz, que lhes deu novas da Reſurreiçaõ do Senhor , a quem buſcavaõ morto ; & ficáraõ tam aſſombradas , & paſmadas do que ouviaõ , & do que viaõ , que por muito tempo não tornáraõ em ſi de aſſombro , & de temor , por mais que o Anjo as animava a que não temeſſem : *Nolite expaveſcere.* A hora em que iſto ſuccedeo tambem tem contradições no Euangelho. Diz o Euangeliſta , que quando as Marias vieraõ ao ſepulcro , era muito de madrugada , mas já depois do Sol naſcido: *Valde mane , orto jam Sole.* Se era muito de madrugada , como era já naſcido o Sol? E ſe era já naſcido o Sol , como era muito de madrugada ? Tudo era. Era muito de madrugada ; porque ainda não era naſcido eſte Sol natural , que nos allumia: *Valde mane :* & era já o Sol naſcido ; porque já o verdadeiro Sol Chriſto era reſuſcitado : *Orto jam Sole.* Marc. ibi 2.

165 Nas obras da natureza , & nas obras da graça tem grandes ſemelhanças a Reſurreiçaõ de Chriſto ; mas nenhũa tam ſemelhante como a do Sol. Poem-ſe o Sol no ſeu Occaſo, deixa o noſſo emiſferio eſcuro , em quanto deſce , & vai allumiar os Antipodas ; torna outra vez a naſcer claro , reſplãdecente , & coroado de rayos : enxugando as lagrimas da Aurora : reſtituindo a cor , & a fermoſura aos campos : deſpertando as muſicas das aves :

dourando os Ceos, & alegrando a terra. Tal o Divino Sol Chriſto no dia de ſua Reſurreiçaõ. Anoitecèra no Occidente do ſeu ſepulcro amortalhado em nuvens, deixando todo o mundo ás eſcuras na triſteza de ſua Paixaõ: deſceo a viſitar, & allumiar os lugares do Limbo, onde os Santos Padres, como deſconſolados Antipodas, havia tantos annos eſtavaõ eſperando a chegada daquelle dia: & voltou outra vez á hora determinada, fazendo Oriente do ſeu meſmo Occaſo: amanhecendo claro, & fermoſiſſimo, veſtido, & coroado de reſplandores de gloria. Enxugou primeiramente as lagrimas daquella Aurora Divina a Virgem Santiſſima: reſtituhio a cor, & a fermoſura á ſua Igreja, mudando os lutos, de que eſtava cuberta pela ſua morte, em cores, & galas de feſta: trocou as lamentações em muſicas alegres, & os heus ſentidos em alleluyas: dourou os Ceos como moſtráraõ os Anjos, que hoje appareceràõ veſtidos de branco, & ouro: finalmente alegrou a terra, dando a todos os homens muy alegres Paſchoas: as quaes o meſmo Senhor dè a Voſſa Senhoria, & a todo eſte nobre, & muy devoto auditorio, com tãtos dos verdadeiros bẽs, como o meſmo Author delles deſeja. Para q̃ nòs vejamos os verdadeiros meyos, por onde havemos de conſeguir, & ſegurar eſtes bens, & tiremos deſta grande ſolemnidade o proveito de noſſas almas, que ella nos offerece: peçamos áquella Senhora, a quem tocou a melhor, & a mayor parte das glorias deſte dia, nos aſſiſta neſtas memorias delle com o favor de ſua graça.

Ave Maria.

Nolite

§. II.

Nolite expaveſcere: JESUM quæritis Nazarenum, crucifixum: ſurrexit, non eſt hic.

166 NAõ temais, diſſe o Anjo ás Marias: *Notite expaveſcere*; mas ellas nem por iſſo deixáraõ de temer. Antes diz o Euangeliſta, que fugíraõ do ſepulcro não ſó temendo, mas tremendo: *At illæ exeuntes fugerunt de monumento, invaſerat enim illas pavor, & tremor.* Foi tal o ſeu temor, & aſſombro, que dizendolhes o Anjo que levaſſem a nova aos Diſcipulos, nem a fallar ſe atrevèraõ de puro medo: *Et nemini quidquam dixerunt, timebant enim.* Notaveis effeitos por certo em tal lugar! Notaveis effeitos com tal nova! E notaveis affectos em tal dia! Em dia da Reſurreiçaõ temor? Em dia da Reſurreiçaõ pavor, & aſſombro? Alegrias, feſtas, prazeres ſaõ os effeitos, & os affectos proprios deſte dia; mas temor, & tremor? Notaveis effeitos, torno a dizer, em tal dia! E ſe repararmos em quem eraõ as que temèraõ, ainda nos admiraremos mais. Eraõ as Marias hũas mulheres tam pouco mulheres, eraõ hũas mulheres tam varonis, hũas mulheres tam homens, que de noite ſahíraõ de ſuas caſas, de noite paſſáraõ pelas portas da Cidade, de noite andáraõ por lugares deſertos, & deſpovoados, & tam medonhos como coſtumaõ ſer os cemeterios dos defuntos, & os lugares onde padecem os juſtiçados. O monte Calvario, chamava-ſe Calvario, por eſtar ſemeado das caveiras, & dos oſſos dos que ahi hiaõ a juſtiçar. Pois mulheres tam deſtemidas, &

Marc. bi 8.

Ibid.

tam animoſas, que vaõ a eſtes lugares de noite, quãdo achaõ a Chriſto reſuſcitado do ſepulcro, & quando lhes diz hum Anjo, que reſuſcitou, temem, & tremem? Sim; porque não ha couſa mais temeroſa, & mais tremenda neſta vida: não ha couſa mais para fazer temer, & tremer os coraçõens mais valentes, & animoſos, que a certeza da Reſurreiçaõ. He certo, & de Fè, que Chriſto reſuſcitou: he certo, & de Fè, que eu tambem heide reſuſcitar: oh que temeroſa conſideraçaõ! Eſtas meſmas Marias, quando eſtavaõ defronte do ſepulcro de Chriſto morto, paſmáraõ, mas não tremèraõ: agora no meſmo ſepulcro com Chriſto reſuſcitado, paſmaõ, & tremem; porque muito mais he para temer hum reſuſcitado, que hum morto: muito mais para aſſombrar he a conſideraçaõ da Reſurreiçaõ, que a conſideraçaõ da morte. Hum ſepulcro de Chriſto com hum *Hic jacet*, Aqui jaz, muito para temer he; mas hum ſepulcro de Chriſto com hum *Non eſt hic*, não eſtá aqui, porque reſuſcitou, *ſurrexit*, muito mais he para temer.

167 Ao menos eu em mim experimento q̃ muito mais temo o reſuſcitar, que o morrer: muito mais medo me cauſa a reſurreiçaõ, que a morte; antes ſe temo a morte, he ſó por medo da reſurreiçaõ. E porque? A razaõ he clara. A morte he o fim da vida que acaba: a reſurreiçaõ he principio da vida, que não hade acabar: com a morte acaba-ſe a vida; com a reſurreiçaõ começa a eternidade; & muito mais para temer he o principio da eternidade, que o fim da vida. Com o fim da vida acabaõ os males temporaes: com o principio da eternidade podem começar os males eternos: os males da vida tem o remedio na morte, que os acaba; os males da eternidade ſaõ males ſem remedio; porque

porque ninguem lhes pode dar fim. A meſma terra inſenſivel nos enſinou eſta razaõ na morte, & Reſurreiçaõ de Chriſto. Na morte: *Terra mota eſt*; na Reſurreiçaõ: *Terræmotus factus eſt magnus.* E porque moveo mais a terra a Reſurreiçaõ, que a morte? Porque a morte deve fazer muito abalo nos noſſos corações de terra: *Terra mota eſt*; mas a Reſurreiçaõ muitõ mayor: *Terræmotus factus eſt magnus.* E aſſim ſe vio por experiencia. A morte de Chriſto ſendo acompanhada de tantos prodigios, não fez mais que: *Omnis turba eorum, qui ſimul aderant, percutientes pectora ſua revertebantur.* Não fez mais, que tornarem para Jeruſalem batendo nos peitos os que o guardavaõ na Cruz. Porèm na Reſurreiçaõ: *Exterriti ſunt cuſtodes*: temèraõ, & tremèraõ aſſombrados os que o guardavaõ no ſepulcro. A's Marias, *Invaſit eas tremor, & pavor.* Os Apoſtolos no Cenaculo tremendo: *Mulieres ex noſtris terruerunt nos.* Em fim tudo medo, & tudo temor.

Matth. 27. 51. Matth. 28. 2.

Luc. 23. 48.

Matth. 28. 4.

Luc. 24. 22.

§. III.

168 POis que havemos de fazer no dia da Reſurreiçaõ de Chriſto? entriſtecernos? tremer? temer? encerrarnos? ſepultarnos? meternos vivos na ſepultura, donde Chriſto ſahio? A eſta pergunta não ſe póde reſponder do Pulpito; do Confeſſionario ſim. Se eſtais em eſtado de peccado mortal, temei, & tremei, & cauſevos grande triſteza a reſurreiçaõ; mas ſe eſtais em graça de Deos, & tendes propoſitos firmes de a conſervar, alegraivos, ponde a voſſa alma, & o voſſo coraçaõ muito de feſta, & não temais. Aſſim o diſſe o Anjo às Marias: *Nolite expaveſcere.* Notai. Quãdo o Anjo deſceo do Ceo, & revolveo a pedra da ſepultura, ficáraõ aſſombrados todos os guardas

guardas do ſepulcrõ, & o Anjo nãõ lhes diſſe : *Nolite expaveſcere*; & ás Marias ſim. E porque diz ás Marias, que não temaõ ; & porque não diz o meſmo aos ſoldados ? Porque as Marias hiaõ buſcar a Chriſto ao ſepulcro para o ſervir: os ſoldados hiaõ guardar o ſepulcro para o perſeguir, & para o afrontar. E aquelles q̃ perſeguem, & que offendem a Chriſto : eſſes he bem que temaõ na Reſurreiçaõ, porèm aquelles que o amaõ, & que o ſervem, eſſes não tem que temer : *Nolite expaveſcere.* Tema Pilatos, que o condemnou : tema Herodes, que o afrontou ; tema Judas, que o vendeo : tema Caifas, que o blasfemou ; & temaõ todos os que o perſeguíraõ, & o crucificáraõ, quando ſabem que elle reſuſcitou, & que elles tambem haõ de reſuſcitar. Porèm a Magdalena, & as outras Marias : a Magdalena, & as outras Marias, que o buſcaõ, & que o ſervem, que ſe não podem apartar delle ; eſſas não tem que temer : *Nolite expaveſcere.* Não he eſta razaõ menos que do Anjo : *Nolite expaveſcere : Jeſum quæritis Nazarenum.* Se vòs buſcais a Jeſu Nazareno, não temais. A energia deſtas palavras ainda eſtá mais clara em S. Matheus, que neſte paſſo he Cómentador de S. Marcos: *Nolite timere vos; ſcio enim quòd Jeſum, qui crucifixus eſt, quæritis.* Não temais vòs : (notai muito a palavra vòs) vòs que buſcais a Jeſu, não temais ; porèm aquelles, que o não buſcaõ : aquelles, que o não amaõ : aquelles, que o offendem, eſſes temaõ, & tremaõ em ſua Reſurreiçaõ. A Reſurreiçaõ para elles ſerá morte, & tormento eterno, aſſim como para vòs ſerá eterna vida, & eterna gloria. Os máos, porque haõ de reſuſcitar mal, tem muita razaõ de temer; mas os bons, que haõ de reſuſcitar bem, não tem para temer razaõ algũa.

E que

169 E que grande alegria, & que grande consolaçaõ he para hum verdadeiro Christaõ na festa da Resurreiçaõ de Christo considerar que tambem elle hade algum dia resuscitar! Que grande seria a alegria da Magdalena, quando visse a seu irmaõ Lazaro resuscitado! A nossa alma he a nossa Magdalena: o nosso corpo he o nosso Lazaro. Que alegria será a de hũa alma cõsiderar agora, & ver depois este seu corpo, este seu cõpanheiro resuscitado! Ainda esta cõparaçaõ não explica. Que alegria seria a da Virgem Senhora, quando hoje visse resuscitado em tanta fermosura, & gloria a seu bemditissimo Filho! Esta comparaçaõ he a propria. A Magdalena vio seu irmaõ resuscitado, mas resuscitado para tornar a morrer. A Senhora vio resuscitado a seu Filho, mas para não morrer já mais: *Mors illi ultra non dominabitur.* A Magdalena via a seu irmaõ resuscitado, mas em corpo passivel; como o que dantes tinha. A Senhora vio resuscitado a seu Filho em corpo immortal, & impassivel, & ornado com todos os quatro dotes gloriosos. E taes haõ de ser estes nossos costaes de terra depois do dia da Resurreiçaõ. Cuidais que estes nossos corpos depois de resuscitados haõ de ser como agora, ainda os de mayor gentileza? De nenhum modo. A Feniz morre Feniz, & resuscita Feniz: o homem entra no banho do Bautismo homem, & sahe homem: o graõ de trigo semea-se trigo, & nasce trigo. Na Resurreiçaõ não he assim: *Seminatur corpus animale, surgit corpus spirituale*: o que se semea na terra da sepultura, he hum corpo com condições de corpo; & o que nasce na Resurreiçaõ, he outro corpo, ou o mesmo corpo cõ condições de espirito, que saõ os quatro dotes do corpo resuscitado. Havemos de ficar tam differentes depois de resuscitados, que

1. Corinth. 15. 44.

Rom. 6. 9.

que he neceſſario Fè para crermos, que ſeremos entaõ os meſmos. Com eſta Job 19. 16. 27. Fè dizia Job: *Scio quòd in noviſſimo die de terra ſurrecturus ſum: & rurſum circumdabor pelle mea, & in carne mea videbo Deum, quem viſurus ſum ego ipſe, & non alius.*

170 Eſtes quatro dotes ſaõ os meſmos, com q̃ Chriſto hoje reſuſcitou: dote de ſutileza, de agilidade, de impaſſibilidade, de claridade. Hũ corpo cõ o dote da ſutileza ſe quer paſſar deſta Igreja para eſte pateo, não ha miſter porta; penetra por eſſa parede, aſſim como o Sol paſſa por hũa vidraça ſem impedimento. Os Judeos mandáraõ pòr grandes guardas ao ſepulcro, para que não tiraſſem delle a Chriſto; & elle com a porta fechada, & ſellada, por virtude do dote da ſutileza ſahio da ſepultura. Quãdo o Anjo abrio a porta do ſepulcro, já o Senhor não eſtava nelle; mas abrio-a, para que as Marias podeſſem entrar, & ver. Da meſma ſorte entrou o meſmo Senhor no Cenaculo: *Cum fores eſſent clauſæ*, com as portas fechadas; porque os corpos reſuſcitados ſaõ corpos com propriedades de eſpirito, a quem não reſiſte, nem fazem impedimento as paredes. O ſegundo dote he a agilidade; o qual conſiſte em hũ homem poder, quaſi em hum momento, eſtar aqui, em Lisboa, & na India, & noutras mayores diſtancias. Chriſto no dia de hoje appareceo à Magdalena no ſepulcro; às Marias no caminho de Jeruſalem, aos Diſcipulos deſeſperados no do Caſtello de Emaús, aos Apoſtolos no Cenaculo, a S. Pedro não ſe ſabe onde: & todas eſtas jornadas fez o Senhor, & fizera outras muito mayores em muito poucos momentos. Do Ceo Empyreo à terra ha tanta diſtancia, que ſe do principio do mundo lançáraõ de lá hũa bolla de chumbo, que correſſe todos os dias oitocentas Joan. 20. 19.

centas legoas, ainda não teria chegado cá abaixo. E todo eſte caminho andou o Corpo de Chriſto reſuſcitado na ſua Aſcenſaõ em hum momento. O dote da impaſſibilidade faz a hũ corpo incapaz de dor, de enfermidade, de morte: Joann. 20. 27. *Infer digitum tuum huc, & vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum.* Reſuſcitou Chriſto com as cinco Chagas; mas ſe quatro o matáraõ, como eſtá agora vivo com cinco? & principalmente com a Chaga do lado: *Mitte in latus meum?* He porque hum corpo immortal, & impaſſivel, he incapaz de padecer, & morrer: & ſaõ as feridas, & as chagas nelle, como rubis ſobre neve, que eſmaltaõ a fermoſura. O dote da claridade he ficar hũ corpo reſuſcitado muito mais fermoſo, & reſplandecente que o Sol. Chriſto cobrio ſeus rayos hoje, para poder ſer viſto, como ſe eſcreve de Moyſes; porque ſe o viraõ como elle era, morrèraõ todos de paſmo, & de contentamento. Aos Apoſtolos no Cenaculo appareceo no proprio habito, & figura em que andava neſte mundo, ſó com as Chagas de mais: à Magdalena, & aos Diſcipulos de Emaùs appareceo transfigurado; mas de tal maneira, que o não podèraõ conhecer, nem pelo roſto, nem pelo veſtido; porque à Magdalena ſe repreſentou como Hortelaõ, & aos de Emaùs, como peregrino. Só no monte Thabor foi viſto com o dote de claridade no roſto reſplandecente como o Sol, & nos veſtidos tam alvos como a neve: *Reſplenduit facies ejus ſicut Sol: veſtimenta autem ejus facta ſunt alba ſicut nix.* Matth. 17. 2. E que ſuccedeo a S. Pedro? Vio os veſtidos de Chriſto com a mudança da cor, & o roſto ſoberano com a de rayos ſemelhantes ao Sol: & baſtou eſta viſta, ſendo ſó de dous accidentes exteriores, para ficar o Apoſtolo fóra de ſi:

Luc. 9. 33. si: *Nesciens quid diceret;* & não querer mais vida, nem mais gloria: *Bonum est nos hîc esse.* E para que depois entendesse elle, & os outros dous Discipulos, que este era hum dos quatro dotes com que haviaõ de resuscitar, lhes disse o Senhor: *Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis à mortuis resurgat*: que guardassem silencio do q̃ viraõ, atè que o vissem resuscitado. Esses saõ os dotes gloriosos, com que hoje resuscitou Christo, & com os mesmos haõ de resuscitar estes nossos corpos.

Ibid.

Matth. 17. 9.

171 Esta consideraçaõ nos deve animar, & consolar muito em nossos trabalhos, considerando que este corpo mortal, que agora padece, virá tempo em que resuscite immortal, & glorioso. Porque vos parece que padecia Job com tanta alegria tantos trabalhos, perdas de fazenda, de filhos, desgostos da mulher, dores nos ossos, nos nervos, nas arterias, nos olhos, na cabeça, na respiraçaõ: cuberto de chagas, comido de bichos; & com tudo sempre alegre, & sempre contente: porque? Porque trazia hũa Nomina ao pescoço com hũas certas palavras, que lhe davaõ fortaleza para sofrer tudo isto. E que palavras eraõ estas? *Scio quòd Redemptor meus vivit, & in novissimo die de terra surrecturus sum.* E a Nomina era: *Reposita est hæc spes mea in sinu meo.* Algũs consolaõ-se nos trabalhos com a morte, como Elias: *Petivit animæ suæ ut moreretur.* Não hade ser assim, senão com a resurreiçaõ. Consolar com a morte, he consolaçaõ de desesperados; com a resurreiçaõ, he de quem espera: *Reposita est hæc spes mea.* Olhava Job para si, & dizia: Padeces corpo? consolate com a resurreiçaõ, que entaõ serás impassivel: estás feyo, & disforme? contentate, que terás o dote da impassibilidade: estás entrevado sem te poder bulir:

Job 19. 25.

3. Reg. 19. 4.

Job 13. 27. bulir: *Posuisti in nervo pedem meum?* consolate, que terás o dote da agilidade: estás em hum muladar, porque todos te fechaõ a porta? consolate, que terás o dote da sutileza, & não haverá para ti porta fechada. E vòs meus olhos, não fazeis senão chorar? consolaivos, porque vereis a Deos: *In carne mea videbo Deum.*

§. IV.

172 ORa supposto, que para não temermos a resurreiçaõ o meyo he buscar a Christo; que meyo ha para o buscar seguramente? O meyo que ha para buscar a Christo seguramente, he fazer o que hoje fizeraõ as Marias. Quatro cousas fizeraõ as Marias hoje buscádo a Christo; primeira: buscáraõ a Christo com presupposto de que buscando-o a elle, se achariaõ a si; segunda: buscáraõ a Christo fazendo o que tinhaõ de obrigaçaõ, & o que tinhaõ de devaçaõ; mas o que tinhaõ de obrigaçaõ, fizeraõ-no primeiro; terceira: não guardáraõ o buscalo para o fim do dia, senaõ logo no principio delle; quarta, & ultima: buscaraõ a Christo não reparando em trabalho, nem em gasto, nem em credito, nem em perigo, nem em difficuldade. Vejamos tudo brevissimamente, & comecemos pela primeira.

173 A primeira cousa por onde começáraõ as Marias, foi comprar aromas para ungirem ao Senhor: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum.* Marc. 16. 1. E se bem se adverte, já entaõ Christo estava ungido por Joseph, & Nicodemos com cem livras de unguentos: *Ligaverunt illud linteis cum aromatibus.* Joann. 19. 40. Pois se Christo estava ungido, para que o vem ungir ainda mais? Ora vede. As Marias não vinhaõ ungir a Christo, porque Christo tivesse necessidade de ser ungido; senaõ porque

porque ellas tinhaõ neceſſidade de o ungir. Para Chriſto eſtar ungido, baſtava que o ungiſſem Joſeph, & Nicodemos; mas para as Marias terem o merecimento de o ungir, não baſtava que Joſeph, & Nicodemos tiveſſem ungido a Chriſto: era neceſſario que ellas o ungiſſem tambem; & por iſſo compráraõ aromas, para o ungirem, depois de tam ungido: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent.* De maneira que em certo modo não vieraõ ungir a Chriſto por amor de Chriſto; vieraõ ungir a Chriſto por amor de ſi. Não porque Chriſto tiveſſe neceſſidade daquella unçaõ; ſenão porque ellas tinhaõ neceſſidade daquelle merecimento.

174 Cuidaõ alguns, que fazem grande fineza, & grande ſerviço a Deos em o ſervirem. Deos não tem neceſſidade de nada, nem de ninguem: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges*; não tem neceſſidade de que nós o ſirvamos: nós he que temos neceſſidade de o ſervir a elle. S. Franciſco de Borja recebendo em ſeu ſerviço os criados da caſa de ſeu pay defunto, & conſervando juntamente os que tinha da ſua, reſpondeo aos que lhe diziaõ que eraõ ſuperfluos: *Eſtos queden; que tengo neceſſidad dellos: y eſſotros queden tambien; porque tienen neceſſidad de mi.* Deſte ſegundo genero he que ſaõ todos, os que ſervimos a Deos. Não ſe ſerve Deos de nós, porque tenha neceſſidade de nós; ſenão, porque nós temos neceſſidade delle. Ouçamos ao meſmo Deos: *Nunquid manducabo carnes taurorum, aut ſanguinem hircorum potabo?* Cuidais que me fazeis grande ſerviço em me offerecer grandes ſacrificios? Por ventura hei eu de comer a carne dos voſſos bezerros, ou beber o ſangue dos voſſos cordeiros? Da meſma maneira não tenho neceſſidade

Pſalm. 15. 2.

Pſalm. 49. 13.

de

de do voſſo jejum ; porque eu não como o que deixais de comer : nem muito menos tenho neceſſidade da voſſa reza ; porque tenho Anjos , que com melhores vozes continuamente me louvaõ. Finalmente , não hei miſter que deis eſmola aos pobres ; porque eu os ſuſtentarei com a meſma facilidade , com que ſuſtento as aves do ar , & os bichinhos da terra : mas vòs ſois , os que tendes neceſſidade de dar eſmola, de rezar, de jejuar, & de me fazer ſacrificios. Aſſim que havemos de buſcar, & ſervir , & amar a Deos com preſuppoſto , que quando o buſcamos a elle , nos buſcamos , & nos achamos a nòs; que , quando o ſervimos , nos ſervimos ; quando o amamos , nos amamos ; & quando gaſtamos com elle , gaſtamos , & deſpendemos cõnoſco. Bem ſe vio nas Mãrias : compráraõ aromas : & quem ſe ungio com elles ? Ellas , & não Chriſto ; porq̃ tudo lhes ficou em caſa. E o meſmo fora ſe ungíraõ ao Senhor , como lhe acontecco a hũa dellas, a Magdalena , que quando ungio ao Senhor : *Capillis capitis ſui tergebat*, dava cõ as mãos , & recebia outra vez com os cabellos; ſenão que o recebia melhorado, como tocado em tam ſoberanas reliquias. Luc. 7. 38.

175 Com eſte preſuppoſto havemos de paſſar ás obras , que ſaõ obras de obrigaçaõ , & obras de devoçaõ ; mas às de obrigaçaõ primeiro : *Cum tranſiſſet Sabbatum , Maria Magdalene, & Maria Jacobi , & Salome , emerunt aromata , ut venientes ungerent Jeſum.* Diz o Euangeliſta, que depois de paſſado o Sabbado , madrugáraõ muito as Marias , para virem ungir a Chriſto com os aromas , que tinhaõ cõprado , & prevenido. E porque não vieraõ ao Sabbado , ſenão depois que o Sabbado paſſou , iſto he, ao dia ſeguinte , que era Domingo ? Porque o Sabbado naquelle tempo , & naquella Marc. 16. 1.

quella Ley, era dia Santo, & prohibido nelle o caminhar mais que certo numero de paſſos: *Quod eſt juxta Hieruſalem, Sabbati habens iter.* E como a obſervancia do Sabbado era de preceito, & o ungir a Chriſto era davaçaõ, dilatáraõ a obra da devaçaõ, para acudirem primeiro à do preceito: *Cum tranſiſſet Sabbatum.*

Act. 1. 12.

176 A' obra do preceito ſe hade acudir primeiro, & deixar a Deos por amor de Deos, exercitando a obra de ſeu mayor agrado, & poſpondo qualquer outra, ainda que boa, & ſanta, de que poſſa ſer offendido. Vejamolo em Elias. Eſtava Elias em hum deſerto metido numa cova orando a Deos, & fazendo penitencia, quando por mandado do meſmo Deos lhe apparece hũ Anjo, & lhe diz: *Quid hic agis Elia?* E bem Elias: vós aqui? que he o que fazeis? reprehendeo-o pelo que fazia, & pelo lugar, onde eſtava: *Quid hic agis?* Pois eſtar Elias num deſerto enterrado vivo numa cova, fazendo penitencia, orando a Deos, & contemplando, he lugar, & acçaõ digna de reprehençaõ? Em Elias ſim; porque Elias era Profeta d' ElRey Acab, & tinha obrigaçaõ de lhe prègar, & de lhe dizer o que convinha; & eſtar no deſerto era devaçaõ, eſtar na Corte era obrigaçaõ. E deixar a obrigaçaõ pela devaçaõ, era obra digna de ſer reprehendida, & caſtigada. Deos não quer que o ſirvamos com offenſa ſua. Servir a Deos com offenſa de Deos, he offendelo, não he ſervilo E quanto ha diſto hoje? Vai o outro, gaſta quinhentos cruzados na feſta de hum Santo, & não paga o que deve, nem aos officiaes que trabalháraõ. Iſto não he ſerviço de Deos. Pagai o que deveis, que he obrigaçaõ; & entaõ fareis feſtas, que he devaçaõ. Vemſe confeſſar hũa devota. Jejuais? Não. E porque? Deſmayos, fraquezas, dores

res de eſtamago, & outras eſcuſas deſte genero. Dizlhe o Confeſſor: Minha irmãa, tratai de vos conſervar na graça de noſſo Senhor; & para iſſo encomendaivos muito á Virgem noſſa Senhora. Ah Virgem Mãy de Deos, nunca eu deixo de lhe jejuar o ſeu Sabbado! Por iſto eſperava. Pois vinde cá: não jejuais veſpora de S. Mathias, ou de Saõ Thomè, & jejuais o Sabbado? Melhor he jejuar veſpora de S. Pedro, & S. Paulo, que jejuar todos os Sabbados: porque o jejum dos Santos Apoſtolos he preceito; & o jejum do Sabbado he devaçaõ. Mas ſabeis porque acudimos antes á devaçaõ, que ao preceito? He porque no preceito faz-ſe a vontade de Deos; na devaçaõ faz-ſe a vontade noſſa. E nòs queremos antes fazer a noſſa vontade, que a de Deos. *In die jejunii veſtri* ui. 58. *invenitur voluntas veſtra*: Nos voſſos jejuns fazeis a voſſa vontade, diz Deos: & eu quero qũe façais a minha. Tudo ſe póde, & deve fazer, como fizeraõ as Marias. Guardáraõ o Sabbado, q̃ era o preceito, & fizeraõ a ſua devaçaõ, & ceremonia ao Domingo, que era devaçaõ: *Cum tranſiſſet Sabbatum, ut venientes ungerent Jeſum.*

§. V.

177 SIm; mas quando ſe hade fazer? No tempo em que he licito, & logo, como fizeraõ as Marias: *Valde mane*, muito de madrugada, ſem o guardar para a tarde. Chriſto entra em noſſas almas, ou naſcendo, ou reſuſcitando: na primeira graça naſcendo, na ſegunda reſuſcitando. Naſceo á meya noite ao cantar do gallo, & reſuſcitou antes de ſahir o Sol. E porque? Para q̃ entendamos, q̃ para Chriſto naſcer, ou reſuſcitar em noſſas almas, he neceſſario madrugar, & não o deixar para depois. Quem era aquelle

Pay de familias, que ſahio a alugar os operarios, que haviaõ de trabalhar na ſua vinha? & quando ſahio a alugalos? O Pay de familias era Chriſto; o quando, foi muito de madrugada: Matth. 20. 1. *Exiit primo mane conducere operarios in vineam ſuam.* Parece que o podèra fazer mais tarde ſem nenhum perigo, porque a todas as horas daquelle dia achou ſempre os operarios prõptos para trabalharem nella. Porque madruga logo, & tam cedo? Para nos enſinar com ſeu exemplo. A noſſa vinha he a noſſa alma; & o que he neceſſario para a cultivar, & colher della o fruto, que Deos eſpera de nòs, não o havemos de dilatar, nem tardar em lhe applicar os meyos, ſenão madrugar como fez o Pay de familias, não aguardando para outras horas, ainda que os meyos ſejaõ certos, & não duvidoſos, como he a noſſa vida. Pſalm. 55. 14. *Ab altitudine diei timebo.* Eu, diz David, ſendo hum homem tam pouco mẽdroſo; ſempre me temi muito do alto dia. E que lhe fazia medo a David entaõ, pois confeſſa eſſe temor? Fazialhe medo ſer o alto dia o meyo delle, & terem-ſe paſſado já tantas horas naquillo que ſe hade fazer antes de ſahir o Sol: *Valde mane.*

178 E que faremòs nòs, os que já himos tam perto de elle ſe nos pór? Fazer como os Diſcipulos de Emaùs. A tarde daquelle dia moſtrou Chriſto q̃ ſe queria apartar delles, & ſeguir ſeu caminho como peregrino; mas elles não ſó lhe rogáraõ que ficaſſe alli; mas diz o Euangeliſta, que por força o obrigáraõ a iſſo: *Coegerunt illum, dicentes: Mane nobiſcum, quoniam adveſperaſcit, & inclinata eſt jam dies.* Luc. 24. 29. Miſeraveis daquelles; que o guardaõ para o fim da vida, para a ultima hora, & para o ultimo momento do dia! *In articulo diei illius ingreſſus eſt Noe in Arcam.* Genes. 7. 13. Para o ultimo momento

do

do dia, em que Noe se havia de embarcar na Arca, & Deos a havia de fechar por fora, esteve Noe esperando com ella aberta. E que lhe succedeo? Caso verdadeiramente maravilhoso, & digno de grande horror! Dilatou-se tanto, & esteve esperando, para ver se havia algum, que se convertesse, & quizesse socorrer a Arca; mas nenhum houve, que chegasse; porque quem nos annos em que se fabrica a Arca se não converte, não se converte no ultimo artigo. E para que nos não descuidemos, advirtamos, que neste dia de nossa vida muitas vezes nos parece que nos restaõ muitas horas: & temos chegado ao ultimo artigo, em que se nos está ponde o Sol. Supponde que estaõ tres homẽs condẽnados à morte, & q̃ mandou ElRey q̃ hũ o lançassem ao mar na altura do Cabo Verde, outro na Linha, outro no Cabo de Boa Esperança; mas qual houvesse de ser o primeiro, o segundo, & o terceiro, q̃ o levasse quem havia de fazer a execuçaõ, em hũa carta cerrada, a qual se abrisse naquelles mesmos lugares. Dizeime: Haveria algum destes homens, que em qualquer altura destas não fosse tremendo? Pois o mesmo passa comnosco. Todos estamos condemnados á morte: huns para o Cabo Verde, que saõ os q̃ morrem na flor dos annos; outros para a Linha, qne saõ os que morrem de meya idade; outros para o Cabo de Boa Esperança, que saõ os que morrem na velhice; mas em toda a parte havemos de hir com grande medo, por não sabermos quando chegará o nosso Cabo. Pois para isso preparemonos logo em sahindo da barra, que isso he o *primo mane.*

179 Assim o devemos fazer, & assim o fizeraõ as Marias, sem reparar em trabalho, nem em perigo, nem em gasto, nem em discredito, nem finalmente

te em difficuldade algũa. Não reparáraõ em trabalho ; porque ſe levantáraõ muito de madrugada , ſahiraõ de caſa , andáraõ pelas ruas da Cidade , & ſahíraõ della atè o monte Calvario , & valle do ſepulcro. Nem reparáraõ em perigo , que eraõ muitos , pela eſcuridade da noite , pelo horror natural dos lugares deſertos , & medonhos , & pelo temor das guardas dos muros , & principalmente pelos que guardavaõ a entrada cerrada , & ſellada do monumento. Nem reparáraõ em gaſto ; porque deſpendèraõ o dinheiro , & muito dinheiro em comprar os aromas precioſos ; pois hũa, & principal dellas era a Magdalena , tam coſtumada a deſpender muito em ſerviço de Chriſto. Nem reparáraõ em credito , ſendo a Magdalena Senhora tam illuſtre , & acompanhando as q̃ eraõ mulheres , & mãys de peſcadores ; & nem ella, nem as demais em ſerem viſtas naquelles lugares tam ſuſpeitoſos , como ſaõ á honra , & á virtude os adros , & cemeterios áquellas horas. Finalmente não reparáraõ em difficuldade ; porque dizendo , & duvidando entre ſi : *Quis revolvet nobis lapidem* : quem lhe havia de tirar da porta da ſepultura a pedra muito mayor que ſuas forças: *Erat quippe magnus valde* ; nem por iſſo paráraõ , ou tornáraõ atráz , antes foraõ por diante ſeguindo animoſamente ſeu intento , & confiando em Deos. Marc. 16. 3.

180 O meſmo havemos de fazer nòs; nem nos engane o mundo com a falſa aprehenſaõ do deſcãço ; porque com hum pequeno trabalho alcançaremos deſcanço eterno. Nẽ nos engane com os ſeus falſos perigos ; pois quando muito podem chegar atè a morte deſta vida , que neceſſariamente hade acabar. Nem nos engane com o ſeu falſo intereſſe ; porque por hũa pequena deſpeza alcançaremos os

inte-

intereſſes do Ceo. Nem nos engane com a ſua falſa honra; porque por hum pequeno diſcredito com os homens, alcançaremos eterna gloria entre os Anjos. E finalmente não nos acovarde difficuldade algũa; porque quanto mayores, tanto mais nos facilita Deos o vencelas. Eu antes quero grandes difficuldades, que as pequenas; porque as pequenas correm por minha conta, as grandes por conta de Deos. Na reſurreiçaõ de Lazaro mandou Chriſto aos que eſtavaõ preſentes que levantaſſem a campa da ſepultura: *Tollite lapidem.* E porque? Não ſeria muito mayor circunſtancia de hum milagre, que tantas teve de aſſombro, ſahir Lazaro de dentro eſtando a ſepultura cerrada? Sim ſeria: pois porque manda o Senhor, q̃ tirem primeiro a campa, q̃ a cobria? Porque a campa podiaõ-na tirar os homẽs; & reſuſcitar a Lazaro defunto ſó Chriſto podia. Para nos enſinar, que ſe fazemos o que eſtá em noſſa maõ, & o que podemos, elle fará o demais, que ſó elle póde. Bem ſe vio no caſo preſente. As Marias reconhecèraõ que de nenhũa maneira podiaõ abalar, nem tirar da porta da ſepultura a grande pedra, que a fechava: *Quis revolvet nobis lapidem ẽrat quippe magnus valde.* E como ellas tinhaõ feito o que podiaõ para ungir o ſagrado Corpo; tomou o Senhor por ſua conta, o que elle ſò podia fazer. E que foi? *Angelus enim Domini revolvit lapidem; & ſedebat ſuper eum.* Acháraõ a ſepultura aberta, & a pedra tirada, & hum Anjo, que a tirára, aſſentado ſobre ella, que lhe deu as alegres novas da Reſurreiçaõ.

ann. 39.

Matth. 28.2.

§. VI.

181 DIzeime; & acabemos com o mayor exemplo. Não vos parece que Chriſto

hoje reſuſcitado fez bem em morrer ? Que difficuldades, que trabalhos, que afrontas, & deſcreditos, que amarguras, & dores não experimentou em ſua Payxaõ? As bofetadas, os açoutes, os eſpinhos da Coroa, o pezo da Cruz, a companhia dos ladroens, as feridas dos cravos, a ancia, a anguſtia, o tormento mortal de eſtar pregado, & ſuſpenſo, derramando todo o ſangue das veas atè lhe faltar a vida, & vender a alma: tudo iſto ſe lhe repreſentava vivamente na Oraçaõ do Horto, repugnando a natureza, & pedindo remedio ao Padre tantas, & tam repetidas vezes, ſe foſſe poſſivel. E ſe o meſmo Padre condeſcendeſſe com a ſua petiçaõ, & elle deixaſſe a empreza, & vivo ſem morrer tornaſſe para o Ceo; parecevos, torno a perguntar, q̃ ficaria bem reputado ſeu credito, & ſua honra entre os homẽs, & Anjos ? & que teria roſto (digamolo aſſim) para lá apparecẽr entre elles, & cá entre nòs? Mas porque não fez caſo de trabalhos, de dores, de ignominias, & afrontas, & da meſma morte tam chea de tormẽtos; por iſſo tam confiadamente apparece hoje a todos reſuſcitado, & com tãtos applauſos do Ceo, & da terra, entre os meſmos homens, & Anjos, & muito mais á dextra de ſeu Eterno Padre ſerá por todas as eternidades glorificado.

182 Iſto he o que ſobre tudo devemos imitar todos neſte ſoberano Myſterio da Reſurreiçaõ, lembrandonos ſempre, & põdo como em balança de hũa parte as poucas horas que duráraõ aquellas penas, & tormentos, & os infinitos ſeculos, & eternidades ſem fim, que ha de durar ſua gloria, & a noſſa, pela qual padeceo Chriſto com grande alegria : *Propoſito ſibi gaudio, ſuſtinuit Crucem.* Oh como dirá entaõ cada hum de nòs fallando comſigo, em tanta Hebr. 12. 2.

ta differença de eſtado: Oh bemaventurados trabalhos, que me trouxeraõ a tam grande deſcanço! Bemaventurada deſpeza, que me trouxe tam grandes intereſſes! Bemaventurado deſcredito, que me trouxe a tam grande honra! Bemaventurados perigos, que me trouxeraõ a tam grande ſegurança! E bemaventurada vitoria de todas as difficuldades, que me trouxe a hum tam grande premio como he o da Gloria *Ad quam nos, &c.*

SER-

SERMAÕ

GRATULATORIO, E PANEGYRICO na manhãa de dia de Reys, ſendo preſente com toda a Corte o Principe noſſo Senhor ao *Te Deum laudamus*, que ſe cantou na Capella Real em acçaõ de graças pelo feliciſſimo naſcimento da Princeza Primogenita, de que Deos fez mercè a eſtes Reynos na madrugada do meſmo dia do anno de 1669.

Te Deum laudamus, te Dominum confitemur : te æternum Patrem omnis terra veneratur.

§. I.

183 A Dous Coros de louvores Divinos : (muito Alto, & muito Poderoſo Principe, & neſte dia feliciſſimo Senhor noſſo) A dous Coros de louvores Divinos, divididos em alternadas vozes, mas concordes em reciproca harmonia, cantaõ hoje a Deos eſte Hymno de acçaõ de graças, no Ceo os Anjos, & na terra os homens. A parte, que toca ao Coro dos homens, he o verſo que propuz : a que pertence ao Coro dos Anjos,

jos ; he a que se continúa no verso que se segue: *Tibi omnes Angeli , tibi cæli , & universæ potestates.* Este Coro Celestial , & Angelico , que nòs não podemos ouvir , nem acompanhar, ficará (pois Deos assim o quiz) para os nossos gloriossimos Reys Dom Joaõ, & Dona Luiza , que estaõ no Ceo ; cuja gloria accidental considero eu hoje muy crescida no felicissimo nascimento da Primogenita de seus netos , novas, & segundas primicias de sua Real descendência. Sendo certo (como piamente devemos crer) que lá desde esse throno de mayor magestade, onde reynaõ , estaõ , nesta mesma hora , lançando mil bençõens sobre a recem nascida Infante, melhores, & mais efficazes que as de Jacob sobre o primogenito de seus netos , o venturoso Efraim. No Ceo ainda não tenho averiguado se se consentem saudades : mas assim como a sepultura he a terra do esqueci-

Genes. 28.

mento , assim o Ceo he a Patria da memoria , & das lembranças. A morte, ainda que esfria o sangue,naõ acaba os parentescos, nem a differença da vida faz mudança nas obrigações do amor. Sonhou Joseph em sua primeira idade,que o Sol,a Lua, & onze Estrellas o adoravaõ: o Sol era seu pay Jacob , a Lua era Rachel sua mãy , as onze Estrellas de mayor, & menor grandeza, eraõ os seus onze irmãos , desde Ruben a Benjamim. Cumprio-se a verdade da profecia , quando reynando Joseph no Egypto , o adoráraõ seus irmãos, & seu pay; mas não o adorou sua mãy ; porque já era morta Rachel. Pois se Rachel era morta , & não adorou a Joseph com os demais; como vio Joseph , que sua mãy o adorava? Porque ainda que o não adorou nesta vida , adorou-o na outra : ainda que o não adorou no Egypto onde Joseph estava , adorou-o lá desde seyo de Abrahaõ.

Genes. 37.

Chrysol Ser. 121. Vide Maldon. ad illud Luc. 23. *Hodie mecum eris in Paradiso.*

(que

(que erã a Bemaventurança daquelles tempos) aonde eſtava Rachel. Rachel tambem na outra vida he mãy : Jacob tambem na outra vida he pay. E como a morte não tem juriſdiçaõ nas almas , lá amaõ os pays , & de lá adoraõ aos filhos ; lá ſe gozaõ de ſeus bens; lá ſe alegraõ com ſuas felicidades. Renovaõ-ſe mais em ſemelhantes occaſiões as ſaudades , & memorias dos noſſos bons Reys;& dizemos com ſentimento : Oh ſe vivèraõ ainda hoje , (como podèraõ ſer vivos) que gloria ſeria a ſua em tam fermoſo dia , vendo as felicidades do filho, &, neta , do Reyno, & vaſſallos , que tanto amáraõ ! Mas o engano piadoſo deſta noſſa conſideraçaõ mais neceſſita de Fè , que de alivio. Demos o parabem a noſſos Reys , não lhes tenhamos laſtima. De lá eſtaõ vendo melhor , o que nòs vemos : de lá eſtaõ gozando melhor , o que nòs gozamos : & lá eſtaõ louvando , & dando graças a Deos , entre o Coro do Ceo , muito melhor , & mais altamente , do que nòs o ſaberemos fazer neſte noſſo da terra.

184 O verſo que pertence a eſte Coro , he o que propuz : *Te Deum laudamus* , *te Dominum cõfitemur* : *te æternum Patrem omnis terra veneratur*. As palavras ſaõ muito cõmuas para dia tam particular , & para aſſumpto tam ſubido muito vulgares. Mas ſe o Artifice não eſtivera tam eſquecido do exercicio, & da Arte,ſobre alicerſes toſcos bẽ ſe póde levantar alto , & luſtroſo edificio: ſobre a pedra fundamental delle , que he , *Te Deum laudamus*, determino perguntar , ou ponderar tres couſas : Quem louva ? A quem louva ? E porque louva ? Quem louva, ſomos nòs , & toda a terra:nòs: *Laudamus*:toda a terra : *Omnis terra veneratur*. A quem louva, he Deos em quanto Deos , & em quanto Senhor : em quanto

to Deos : *Te Deum* : em quanto Senhor : *Te Dominum.* O porque louva, he, porque o Eterno Padre, em quanto Pay, fez hoje pay ao nosso Principe; & em quãto Eterno, o começa tambem a fazer eterno: *Te Æternũ Patrem.* Não diz mais o canto chaõ das palavras; nem eu sei dizer mais, do que ellas dizem. O concurso do Euangelho, & do mysterio, em dia tam singular, nada desdizem da presente acçaõ de graças, antes a ajudaõ, & acompanhaõ. O Euangelho diz, que offerecèraõ os Reys ao Rey nacido, ouro, incenso, & myrrha: *Obtulerunt ei aurum, thus, & myrrham.* E o mysterio foi, que no incenso reconheciaõ a Christo como Deos; no ouro como Senhor; na myrrha como mortal: *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem*, diz S. Gregorio Papa. Se offerecem adorações de incenso, como a Deos: *Te Deum laudamus*: se offerecem tributos de ouro, como a Senhor: *Te Dominum confitemur*: se offerecem myrrha de mortalidade, como a mortal, ao que he immortal, & eterno: *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.* Vamos ao que promettemos.

Matth. 2.

Greg. Homil. 10. in Matth.

§. II.

185 COmeçando pela primeira pergunta: quem louva? Digo, ou torno a dizer, que louvamos nòs, & toda a terra. E toda a terra? parece que esta voz vem fóra do nosso Coro: que louvemos nòs: *Laudamus*, muita razaõ he; mas toda a terra: *Omnis terra veneratur?* Porque? Que obrigaçaõ tem toda a terra á Primogenita de Portugal, para vir dar graças a Deos pelo seu nascimento? Se Portugal não conhece esta obrigaçaõ, não se conhece: toda a terra tem a mesma obrigaçaõ de Portugal, porque Portugal he toda a terra. Portugal quanto ao Reyno, he parte de hũa

parte

parte da terra na Europa: mas Portugal quantõ á Monarchia, he hum todo composto de todas as quatro partes da terra, na Europa, na Africa, na Asia, na America. Fazer esta demonstraçaõ com os compassos Geometicos em hum mapa, ou esfera do mundo, he muito facil: mas eu hei-a de fazer nas Escrituras sagradas, porque parece difficultoso; & para que saibamos os Portuguezes quantas obrigações devemos a Deos, & quam antigas.

Principe Dom Pedro filho ultimo d'ElRey D. Joaõ

Genes. 9. Vide S. Amb. de Noe & Arca cap. 33.

186 Desafogado o mundo das aguas do diluvio: erma, & despovoada toda a terra, dividio-a toda Noe em tres partes, & repartio-as entre os tres filhos, que com elle se salváraõ na Arca: hũa parte deu a Sem, que era o primogenito; outra a Cham, que era o segundo; & a terceira a Japhet, que era o ultimo: grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos: tem Deos por brazaõ, & honra de sua justiça, fazer dos primeiros ultimos; & de sua grandeza, fazer dos ultimos primeiros. Assim succedeo a Japhet: lançoulhe a bençaõ seu pay Noe, & disse desta maneira: *Dilatet Deus Japhet*: Filho meu Japhet, Deos te dè a ventura conforme o nome. O teu nome de Japhet, quer dizer, *Dilatatio*, Dilataçaõ: & tal será a tua bençaõ; porque Deos te dilatará tam estẽdidamente por toda a terra, que não só lograrás a parte, que coube na tua repartiçaõ, senão tambem a de teus irmãos: dominarás as terras de Cham, & habitarás as de Sem: *Dilatet Deus Japhet, & habitet in tabernaculis Sem: sit servus ejus Chanaan.* Pois se Cham havia de possuir só a sua parte da terra, & não a de Japhet, nem a de Sem: & se assim mesmo Sem havia de possuir só a sua parte, & não a de Cham, nem a de Japhet; porque razaõ Japhet havia de possuir a sua, & mais habitar

habitar a de Sem, & dominar a de Cham, & por consequencia toda a terra ? Porque o primeiro era repartiçaõ , o segundo foi bençaõ : o primeiro era distribuiçaõ da justiça , o segundo foi favor , & privilegio da Providencia. Olhou a Divina Providencia para Japhet com olhos tam benignos , & liberaes , que limitando a seus irmãos certas , & determinadas partes da terra , a elle só o quiz estender , & dilatar por todas as partes della , sem termo , nem limite : *Dilatet Deus Japhet.*

186 Bem está : mas sobre quem cahio esta bẽçaõ de Noe ? Quem logrou esta promessa feita a Japhet ? E em quem se cumprio a grandeza de toda esta profecia ? Cumprioſe no primeiro Portuguez , que houve no mundo , & na sua descendencia, q̃ somos nòs. O primeiro Portuguez , que houve no mũdo, foi Thubal: sua memoria se cõserva ainda hoje , não lõge da fóz do nosso Tejo , na povoaçaõ primeira , q̃ fundou cõ nome de *Cætus Tubal* , & cõ pouca corrupçaõ , Cetuval. Este Thubal , este primeiro Portuguez (como se lê no Capitulo decimo do *Genesis*) foi filho quinto de Japhet : que tambem he boa a fortuna dos filhos quintos) *Filii Japhet, Gomer, & Magog, & Madai,* Principe D. Pedro filho quinto. *& Javan , & Thubal.* E finalmente neste filho quinto de Japhet , neste primeiro Portuguez , neste Thubal , se verificou a bençaõ de seu avò Noe , & se cũprio a profecia , & promessa feita a seu pay Japhet ; porque só os Portuguezes , filhos , descendentes ; & successores de Thubal , saõ , & foraõ (sem controversia) aquelles , que por meyo de suas prodigiosas navegações , & conquistas, com o Astrolabio em hũa maõ , & a espada na outra, se estendèraõ , & dilatáraõ por todas as quatro partes do immẽso globo da terra. Portuguezes na Europa , Portu-

Gen. 10.

Portugüezes na Africa, Portuguezes na Asia, Portuguezes na America: & em todas estas quatro partes do mundo com portos, com Fortalezas, com Cidades, com Provincias, com Reynos, & com tantas Nações, & Reys tributarios. Houve algum filho de Noe, houve algũa Naçaõ outra nas idades, por bellicosa, & numerosa que fosse, & celebrada nas trombetas da fama, que se dilatasse, & estendesse tanto por todas as quatro partes da terra? Nenhũa. Nem os Assyrios, nem os Persas, nem os Gregos, nem os Romanos. E porque? Porque esta bençaõ, esta herança, este morgado, este patrimonio era só devido aos Portuguezes, por legitima succesſaõ de pays, & avós; derivado seu direito de Noe a Japhet, de Japhet a Thubal, de Thubal a nòs, que somos seus descendentes, & succesores.

Constat ex toto

187 Naõ posso deixar de confirmar esta bençaõ, ou doaçaõ (porque me não ponhaõ pleito) com hũa Escritura publica, & tambem sagrada. Os Patriarcas antigos, como eraõ alumiados com espirito de profecia, punhaõ a seus filhos taes nomes, que nelles significavaõ a boa, ou má fortuna sua, & de seus descendentes. Assim o fez Adaõ nos nomes de Caim, & Abel: assim Jacob nos nomes de Joseph, & Benjamin: assim Joseph nos nomes de Efraim, & Manasses. Seguindo este estylo Japhet, houve de pòr nome àquelle seu filho quinto, & chamoulhe Thubal. Mas que quer dizer Thubal? Prodigioso caso! Thubal, como dizem todos os Interpretes daquella primeira lingua, (que era a Hebraica) quer dizer: *Orbis, & mundanus*: Homem de todo o mundo; homem de todo o robe; homem de toda a redondeza da terra. Pois de todo o mundo, de todo o orbe, de toda a redondeza da terra hum homem?

lib. Geneſis. Ambr. Theod. & alii. De benedict. Patriarc Euseb. 10. de præparat. 2. Hieron. Damasc Augusſt. Euch. Abul. Genebr. Bellarm. Oleastr Sanct. Pagn. & alii.

homem? Sim: porque este homem era o primeiro fúdador de Portugal, era o primeiro Portuguez, era o primeiro pay dos Portuguezes: aquelles homés notaveis, que não haviaõ de ser habitadores de hũa só terra, de hum só Reyno, de hũa só Provincia, como os outros homens; senão de todo o mundo, de todo o orbe, de todas as quatro partes da terra E assim como o Romano. se chama Romano, porque he de Roma; & o Grego se chama Grego, porque he de Grecia; & o Alemaõ se chama Alemaõ, porque he de Alemanha: assim o Portuguez se chama *Mũdanus*, porque he de todo o mundo; & se chama *Orbis*, porque he de toda a redondeza da terra. E como toda a terra he synonymo de Portugal, & os Portuguezes saõ parte dominadores, parte habitadores de toda a terra; por isso no dia felicissimo, em que o Principe, & Corte de Portugal, em nome, & representaçaõ de toda a Monarquia, vem louvar, & agradecer a Deos solemnemente o felice nascimento da sua Primogenita: razaõ he, & obrigaçaõ, que à mesma acçaõ de graças venha, & concorra tãbem toda a terra. Vimos nòs, vimos todos os Portuguezes louvar a Deos: *Laudamus*? pois venha tãbem comnosco toda a terra veneralo: *Omnis terra veneratur.*

188 No nascimento de Christo, quando o vieraõ adorar hoje os Reys do Oriente, cada hum dos Reys representava hũa parte do mundo. O mundo naquelle tempo constava só de tres partes; porque ainda os Portuguezes lhe não tinhaõ accrescentado, & descuberto a quarta. Esse he o mysterio, porque os Reys foraõ sómente tres. O primeiro Cetro representava a soberania de Asia, a segunda Purpura a potencia da Africa, a terceira Coroa a magestade da Europa. *Tres Magi*

Bed. hîc Rupert. lib. 2. in Matth. D Thom in Catena.

tres partes mundi significãt, Asiam, Africam, Europam: diſſe o Veneravel Beda, S. Thomás, & Ruperto. De maneira, que no naſcimento de Chriſto, quando o mundo o vem adorar, hum Rey repreſenta hũa parte do mundo, mas no naſcimento da noſſa Primogenita, quando Portugal vem adorar ao meſmo Chriſto, hum ſó Principe repreſenta todas as quatro partes. Mais tem hoje Chriſto a ſeus pès em hum Cetro, do que teve naquelle dia em tres Coroas. Se neſta madrugada houveſſe de deſpachar Portugal correyos de luz a levar a felice nova por toda a Monarquia, não havia de hir hũa ſó Eſtrella, ſenão quatro Eſtrellas: hũa Eſtrella para o Oriente à Aſia; outra Eſtrella para o Occidente à America; outra Eſtrella para o Setentriaõ á Europa; outra Eſtrella para o Meyo dia à Africa. Oh que fermoſas Eſtrellas! Oh que alegres, & feſtejadas novas para aquelles fideliſſimos vaſſallos, tam amantes do ſeu Reyno, & do ſeu Rey, eſpalhados por toda a terra! Mas pois as Eſtrellas não vão, nem elles podem vir tam depreſſa: vem em nome de todos elles, & como cabeça de todos, o noſſo Monarca em preſença, com toda a ſua Corte, para que todos louvemos a Deos: *Laudamus*: & em repreſentaçaõ, com toda a terra, (em que tanta parte he ſua) para que toda o venere: *Omnis terra veneratur.*

§. III.

189 TEmos ſatisfeito á primeira pergunta, & já ſabemos, quem louva. Segue ſe a ſegunda: A quem louva? Digo, que louva Portugal, & louva toda a terra a Deos em quanto Deos, & a Deos em quanto Senhor: em quanto Deos: *Te Deum*: em quanto Senhor: *Te Dominum*. Deos he nome de liberalidade; Senhor, he

he nome de poder: chama-se Senhor, porque póde; & chama-se Deos, porque dá. E por isso louvamos a Deos, em quanto Deos, & em quanto Senhor, neste dia, em que deu successaõ a nossos Principes; porque lhes deu Deos, o que só Deos póde dar.

en. 50 190 Carecia Rachel de filhos, & era esta dor para ella a mayor de todas as dores, como verdadeiramente he. Todos os Profetas nas suas commina-ções, quando querem encarecer muito hũa grande dor, chamaõ lhe dor como
fal. 47 dor de parto. David: *Ibi*
sai. 13. *dolores ut paturientis.* Isaias: *Quasi parturiens, dolebunt.*
erem. Jeremias: *Dolores ut parturientem.* Mas posto que a dor do parto seja tam encarecida nas sagradas letras, ainda ha outra dor mayor. E qual he? A dor de não ter essa dor; a dor de não ter filhos. A dor de parto, he dor da mãy; a dor de não ter filhos, he dor da mãy, & mais do pay, ou dos que o desejaõ ser, & não saõ. A dor do parto, he dor de hũa hora; a dor de não ter filhos, he dor de toda a vida: antes na mesma morte he mayor dor; porque haõ de deixar por força os bens, & não tem, a quem os deixem. A dor do parto, como põderou Christo, he dor que Joann. 16. se converte em alegria: a dor de não ter filhos, he dor sem consolaçaõ, sem alivio, sem remedio. Finalmente, a dor do parto, he dor, com que póde a vida; a dor de não ter filhos, he dor, que mata. Estes saõ os termos, por onde Rachel explicou a sua dor: *Da mihi liberos, alioquin moriar.* Jacob, daime filhos, senão heide morrer. Que responderia Jacob? *Nunquid pro Deo ego sum?* Rachel, sou eu por ventura Deos? Discreta reposta! Demaneira q̃ Rachel diz a Jacob, que lhe dè filhos: & Jacob responde a Rachel, que não he Deos. Como se dissera Jocob: Dizeisme que vos dè filhos, Gen. 30 *Nũquid Deus ego sum, aut vice, & parte Dei fungor?* Cornel. hic.

porque delejais ſer mãy ; & eu digovos , que não ſou Deos, porque ſó Deos os póde dar : ſó Deos os póde dar , porque he Senhor; & ſó Deos os dá , quando he ſervido , porq̃ he Deos. Para ter filhos , não baſta ſó Jacob , & Rachel ; he neceſſario Jacob , Rachel, & mais Deos. He verdade que Deos não dá filhos ſem Jacob , & Rachel; que por iſſo inſtituhio o vinculo ſagrado do matrimonio : mas tambem he verdade , que Jacob , & Rachel ſem Deos , não podem ter filhos ; porque reſervou Deos ſó para ſi eſſe poder como Senhor : *Te Dominum* ; & reſervou ſó para ſi eſſa data , como Deos : *Te Deum* E quando Deos concede hoje ao noſſo Principe , o que negou a Jacob ; & á noſſa Princeza , o que negou a Rachel; razaõ , & obrigaçaõ temos de lhe render infinitas graças : de o louvar como Deos : *Te Deum laudamus*: & de o confeſſar como Senhor : *Te Dominum confitemur*.

191 Grandes mercès de ſua liberalidade , em quanto Deos , grandes , & maravilhoſos favores de ſeu poder , em quanto Senhor , tinha Deos feito aos noſſos Principes, & ao noſſo Reyno atè eſte dia: mas he tanto mayor mercè , & tanto mais relevante favor , o que hoje nos fez na ſucceſſaõ , que lhes deu ; que em comparaçaõ deſte ſoberano beneficio , em todas eſſas mercès , ſem eſta, nenhũa couſa lhes tinha dado ; & em todos eſſes favores , & outros ainda mayores ſem eſte , nenhũa couſa lhes podia dar. Parece que digo muito : ſe o não provar , não me creaõ.

192 Appareceo Deos a Abrahaõ , ſatisfeito do bem que o ſervio, & diſſe-lhe : *Ego protector tuus, & merces tua magna nimis.* Eu deſde eſte dia te tomo debaixo de minha protecçaõ , & ſabe que te hei de fazer grãdes mercès. Mercès a mim ? (reſpondeo Abrahaõ) *Domine Deus , quid dabis mihi ?* Deos , & Senhor Geneſ. 15.

Senhor meu, que tendes vòs que me dar a mim, ou que podeis darme? Esta he a energia literal das palavras. Porèm eu heide mostrar a Abrahaõ, que se implicou nellas. Nas primeiras palavras, *Domine Deus*, confessais, que he Senhor, & Deos: nas segundas, *Quid dabis mihi*, dizeis, que não tem que vos poder dar? Senão tem que vos poder dar, não he Senhor, & Deos: & se he Senhor, & Deos, darvosha como Deos, o que póde como Senhor. Mas não argumentemos de possivel, senão *de facto*. Sabeis, Abrahaõ, o que vos póde dar Deos? Podevos dar tudo o que vos deu. Deos deu a Abrahaõ grandes riquezas, deulhe prodigiosas vitorias, deulhe honra, deulhe fama, & sobre tudo, deulhe a terra de Promissaõ, & a Coroa de Israel, que era hũa Monarquia de doze Reynos. Pois se Deos vos deu tanto, & vos póde dar muito mais; como dizeis a Deos: Senhor, que me haveis de dar? Ou, que podeis darme? O mesmo Abrahaõ se explicou, & me explicou: *Domine Deus, quid dabis mihi? ego vado absque liberis.* Deos, & Senhor meu, que me haveis vòs de dar? Ou, que me podeis dar, se eu não tenho filhos? Quãdo Deos fez aquella promessa a Abrahaõ, Abrahaõ não tinha filhos, nem esperança de os ter; porq̃ Sara era de noventa annos, & elle ainda mais velho: & por isso diz resolutamente a Deos, que não tem que lhe dar; porque tudo o que Deos dá, ou póde dar nesta vida, senão deu filhos, he como se o não dera. E porque? Porque o que se me dá a mim para outrem, não se me dá a mim. Esta he a enfase, & alma daquelle *mihi*; conheço, que sois Senhor no poder, & que sois Deos na liberalidade; mas *mihi*? a mim, que não tenho filhos? *Mihi*? à mim que nem esperança tenho de os ter? Nenhũa cousa me

Genes. 17.

Quid dabis mihi: quæ merces ista tua homini cui prolem denegas: Bened Terd. hic.

pòde dar vòſſa liberalidade ; nenhũa couſa tem que me dar voſſo poder ; porque tudo quanto me derdes a mim , não he para mim , ſenão para os eſtranhos , que o haõ de lograr: & iſſo he dallo a elles , & não a mim. Se vós, Senhor, me tivereis dado filhos , podereiſme dar muito ; mas como não me fizeſtes em ſeu tempo eſta mercè, já agora por minha incapacidade , não tendes que me dar ; porque nos filhos, que me negaſtes , me tendes já tirado quanto me derdes.

193 Eiſ-aqui , Portugal porque eu digo , que ſe Deos nos não dera ſucceſſaõ , por mais mercès q̃ nos tenha feito , nenhũa couſa nos tinha feito ; nenhũa couſa nos tinha dado , nem tinha que nos dar. Seja prova deſta pura verdade , a memoria do tempo paſſado. Tirounos Deos o Reyno por tantos annos : tirounos o Imperio , a ſoberanía , a liberdade : o Imperio trocou-ſe em ſugeiçaõ , a ſoberanía em vaſſallagem , a liberdade em cativeiro. E quando nos tirou Deos tudo iſto ? Quando nos deu hum Rey ſem ſucceſſaõ : ſe o Rey naquella infelice batalha tivera ſucceſſor , perdera-ſe o Rey , mas não ſe perdèra o Reyno : mas porque Deos , por noſſos peccados , queria tirar ao Rey , & ao Reyno tudo o que lhe tinha dado , por iſſo lhe não deu ſucceſſaõ. Não podèra agora ſuccéder o meſmo ? Não podèra ſer hum irmaõ , como outro irmaõ ? Sim podèra. E neſſe caſo , em todas as mercès , que Deos nos fez, nenhũa couſa nos tinha feito ; & em todas as felicidades , que nos deu , nenhũa couſa nos tinha dado: antes poderamos dizer com Abrahaõ , que nem tinha que nos dar : *Domine Deus , quid dabis mihi ? ego vado abſque liberis.*

194 Alegremos o diſcurſo , que parece hia ſendo triſte para dia tam de feſta. Vede o q̃ digo agora.

Aſſim

Assim como Deos, se não dera successaõ, não tinha que nos dar: assim hoje, que nos tem dado successaõ, já não temos que lhe pedir. O mayor auge, que se pòde imaginar de fortuna, he chegar hum Rey, & hum Reyno a taes circunstancias de felicidade, que não tenha mais que pedir a Deos: & tal he o ponto altissimo, em que hoje se vè Portugal, & seu Principe. O fiador deste segundo pensamento he tam abonado, como o do primeiro.

195 Mandou Deos recontar a David, por boca do Profeta Nathan, as mercès que lhe tinha feito, & notificarlhe tambem, as que de novo lhe determinava fazer: & todas se reduziaõ a estas tres. A primeira, que sendo filho ultimo da casa de seus pays, o puzera no Throno Real de Israel, de que tinha privado a ElRey Saul, & o confirmaria nelle: *Thronus tuus erit firmus jugiter: misericordiam autem meam non auferam ab illo, sicut abstuli à Saul.* 2. Reg. 7. A segunda, que assim como lhe tinha dado maravilhosas vitorias, lhe daria tambem paz universal com todos seus inimigos: *Omnes inimicos tuos interfeci à facie tua: & requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis.* A terceira, que lhe daria filho herdeiro, que succedesse em sua casa, para que o mesmo Cetro se perpetuasse por longos annos na sua descendencia: *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo: & firmabo regnum ejus.* Ouvida, David, esta tam grandiosa relaçaõ, como Principe tam pio, & religioso que era, fez o que faz hoje o nosso Principe. Vai-se á Capella Real, (porque naquelle tempo, como notou Abulense, estava a Arca do Testamento em Palacio, em hum lugar separado, & consagrado a Deos) postra-se diante do Divino Propiciatorio, & depois de confessar com humilde reconhecimento

Abulenf. hic q. 11. *Ut daret gratiarũ actiones Deo, intreivit in domum, ubi erat Arca, quia illa erat in quodam loco segregato domus sua.*

as mercès qũe da maõ de Deos tinha recebido, chegando á do filho ſucceſſor, diſſe aſſim : *Sed & hoc parum viſum eſt in conſpectu tuo, niſi loquereris de domo ſervi tui in longinquum : iſta eſt enim lex Adam, Domine Deus.* E como ſe foraõ poucas nos olhos de voſſa Divina liberalidade as mercès tantas, & tam grandes, que me tendes feito, Senhor; ainda ſobre todas ellas, foſtes ſervido de me dar ſucceſſor, & herdeiro, em que minha caſa ſe conſerve, & perpetue; porque eſta he a unica conſolaçaõ daquella dura ley da mortalidade, com que os filhos de Adaõ naſcemos. *Quid ergo*, (ouvi agora a conſequencia, & concluſaõ de David) *quid ergo addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?* Depois deſta ultima mercè, que me fizeſtes, Senhor, já David não tem que vos pedir. Notavel dizer de hum homem, Rey, & Santo! E onde eſtá, David, aquelle *Domine Deus*, que agora acabaſtes de confeſſar? He Senhor; & já não tem que pedir o ſervo ao Omnipotente Senhor? He Deos; & já não tem que pedir a creatura ao Infinito Deos? Neſta vida não, diz David. Não falla dos bens da graça como Santo; falla dos bens da fortuna, como Rey: & deſtes achou David, que já não tinha neſta vida que pedir a Deos : *Quaſi dicere* (commenta o meſmo Abulenſe) *cùm tanta bona mihi dederis atque promiſeris, nihil manet, quod ego petere poſſim.* Abul. ibid. Tal era o ſummo da felicidade humana, em que aquelle graõ Rey ſe reconhecia, depois de ſe ver com ſucceſſaõ ſobre tantas outras mercès do Ceo.

196 Antes deſta ultima felicidade, em todas as outras ſuas, ſempre David tinha algũa couſa que pedir a Deos: & ſenaõ, vamos ſubindo hum pouco pelos degraos da ſua fortuna, que ſaõ os meſmos da noſſa. Antes de David ſer Rey, ainda que era o ultimo

ultimo filho da casa de seus pays, animado do sangue Real, que lhe pulsava nas veas, podia pedir a Deos, que lhe désse o Reyno. Depois de David estar sublimado ao Throno Real, adorado, obedecido, & confirmado nelle: *Thronus tuus erit firmus jugiter*; vendo-se cercado por todas as partes de tantos, & tam poderosos inimigos, podia pedir a Deos, que o livrasse do tumulto das armas, & oppressões da guerra, & lhe désse paz, & descanço. Depois de David possuir o Reyno quieto, & pacifico, & se ver reconhecido, & respeitado de todos seus inimigos: *Requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis*, podia ainda pedir a Deos, que lhe désse successaõ, para q̃ o Reyno, & essas mesmas felicidades se perpetuassem em sua casa, & na posteridade de seus descendentes. Mas depois de Deos lhe conceder esta ultima graça, & lhe dar successor à Coroa para depois de seus dias: *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo*: vendo-se David com Reyno, com paz, & com successaõ, parou o desejo, fez alto a fortuna, & resolveo David com ella, & comsigo, que já não tinha nesta vida, que pedir a Deos: *Quid addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?*

197 Não fazia conta de applicar o caso, por ser tam semelhante: mas quero que me entendaõ todos, porque não haja algũa ingratidaõ, que possa ter escusa com Deos, nem com os homens. O Principe D. Pedro nosso Senhor, que Deos guarde, (como David em tudo) era o ultimo filho da Real casa de seus pays: o primeiro degrao da sua fortuna foi, porlhe Deos na maõ o Cetro de Portugal, & assentallo no Throno Real, não depois da morte, senão em vida do Rey, bem assim como David em vida d'ElRey Saul. Quando Sua Alteza tomou as redeas

deas do governo, estava o Reyno opprimido, & carregado de tributos; as Provincias, & campanhas fervendo em armas; os vassallos dentro, & fóra, no mar, & na terra, padecendo os trabalhos, & oppressões das guerras. Aqui subio sua fortuna o segundo degrao. Vem hũa paz, & outra paz, não buscadas, senão trazidas a Portugal; cessaõ as armas, levantaõse os tributos, (como tambem os tirou David: *Tulit David frænum tributi de manu Philistiim*:) respira o Reyno, descançaõ os povos, colhem-se as novidades, & frutos da terra em tanta abundancia, recolhem-se os cõmercios, & riquezas do mar em tantas frotas, em tantos thesouros. Tens mais que desejar? Tens mais que pedir a Deos, Reyno de Portugal? Ainda tinhamos que desejar, ainda tinhamos que pedir; porque nos faltava a ultima, & mayor felicidade de todas, que era a successaõ. Tinha-nos dado Deos o Reynõ, tinhanos dado a paz; mas paz sem successaõ, he guerra; Reyno sem successaõ, he despojo. Bem o experimẽtàmos, & bem lamentavelmente, no caso d' ElRey D. Sebastiaõ. Tinhamos naquelle tempo Reyno, tinhamos naquelle tempo paz; mas a paz, para ser mayor guerra, foi guerra de poucos dias: & o Reyno, para ser mayor despojo, foi despojo de sessenta annos. A paz foi guerra de poucos dias; porque em poucos dias nos vimos sugeitos, sem resistencia: o Reyno foi despojo de sessenta annos; porque sessenta annos estivemos cativos, sem liberdade, & sem honra. No mesmo perigo, na mesma contingencia, no mesmo receyo estavamos atè este dia, posto que tam assistidos de felicidades. A successaõ Real, ainda que enthronizada, estava no ultimo fio; o baxel, ainda que tremolando victoriosas bãdeiras, estava sobre hũa só

2. Reg. 8.

só amarra. Faltavanos segundo fiador para a vida, faltavanos segunda ancora para a segurança: & tudo isto nos nasceo hoje. Já temos a succesiaõ em duas vidas; já temos o Galeaõ sobre duas amarras. Esta foi a altissima mercè, que hoje nos fez o Ceo; este o ultimo auge, a que hoje vemos subida nossa fortuna: por hũa parte tam necessaria, & por outra tam excessiva; que nem Deos sem ella (em sentença de Abrahaõ) tinha que nos dar: nem nòs com ella (em sentença de David) temos, que pedir.

198 A este Deos tam bom vimos louvar como Deos; & a este Senhor tam liberal vimos confessar como Senhor: & vem tambem comnosco os Reys do Oriente, ou nòs com elles. Canta a Igreja neste dia, como os Reys haviaõ de offerecer a Christo seus doens, & acrescentando à Arpa de David duas vozes suas, como se a letra fora composta para o nosso Coro, diz assim: *Reges Arabum, & Saba dona Domino Deo adducent.* Viràõ os Reys do Oriente, & offereceràõ seus doens a Christo, como a Deos, & como a Senhor: *Domino Deo.* E que doens saõ, ou haviaõ de ser estes? Isaias cõmentando a David, diz, que haviaõ de ser ouro, & incenso: o ouro em tributos, como a Senhor, o incenso em adorações, como a Deos: *Omnes de Saba venient, aurum, & thus deferentes.* Os successores destes mesmos Reys do Oriente, que hoje vieraõ ao Presepio de Christo, & os Senhores do cõmercio destas mesmas drogas ricas, que lhe offereceràõ da Arabia, da Persia, da India, saõ os Reys de Portugal. E pois herdamos as suas Coroas, bem he que paguemos tambem a Deos os seus tributos. Assim o fazemos hoje, & muito melhor. Elles offereceràõ o incenso, & nós o cheiro; elles offereceràõ o ouro, & nós o preço. O mais precioso Isai. 60.

cioſo daquelle ouro, & o mais cheiroſo daquelle incenſo, eraõ os louvores, que juntamente deraõ a Deos, como acreſcenta o meſmo Profeta: *Aurum, & thus deferentes, & laudem Domino annuntiantes.* Tambem vieraõ com *Te Deum laudamus.* Aſſim q̃ em louvores lhe offerecemos o incenſo, como a Deos, & em louvores lhe tributamos o ouro, como a Senhor; & aſſim o ouro, como o incenſo trazidos tambem de Sabá. De Sabá, que dizer, *De converſione*, Da converſaõ. E que he, o que acabamos de ver em todo eſte diſcurſo, ſenão hũa converſaõ admiravel de todas as couſas em Portugal? O cativeiro, convertido em liberdade; a vaſſallagem, convertida em Reyno; a guerra convertida em paz: & ſobre tudo a eſterilidade convertida em ſucceſſaõ. Eſte he pois, o Poderoſiſſimo Senhor, reparador de tantas ruinas; a quem vimos louvar como Deos: *Te Deum laudamus.* Eſte he o liberaliſſimo Deos, Author de tantas felicidades, a quem vimos confeſſar como Senhor: *Te Dominum confitemur.*

§. IV.

199 TEmos ponderado, quem louva, & a quem louva. Reſta a ultima pergunta: porque louva? Eſte porque, já eſtá reſpondido em commum, mas não eſtá dito, nem ponderado em particular. Digo, que louvamos em particular a Deos; porque o Eterno Padre, em quanto Pay, fez hoje pay ao noſſo Principe; & em quanto Eterno, começa hoje ao fazer eterno: *Te æternum Patrem.* Mas porque razaõ, (começando pela primeira parte deſte ponto) porque razaõ pertence mais eſte beneficio á Peſſoa do Eterno Padre, que à do Filho, ou do Eſpirito Santo? Eu o direi. Entre as tres Peſſoas da Santiſſima Trin-

Trindade, o Espirito Santo he Pessoa infecunda; não gera, nem produz: por isso não ha quarta pessoa. O filho he Pessoa fecunda; produz, mas não gera: por isso o Espirito Santo he produzido, & não gerado. Só o Padre Eterno, por propriedade particular, & Nocional sua, tem fecundidade para produzir gerando: por isso só a Pessoa do Padre tem filho. E porque só a Pessoa do Padre póde gerar, & ter Filho; essa he a razaõ, porque o beneficio da geraçaõ, da succesaõ, & dos filhos, pertence por attribuiçaõ particular, & proprijssima, só á Pessoa do Eterno Padre. Texto expresso de S. Paulo: *Hujus rei gratiá flecto genua mea ad Patrem, ex quo omnis Paternitas in cælis, & in terra nominatur.* Por esta causa, diz S. Paulo, (como se fallára por nós, & comnosco neste dia) por esta causa me postro de joelhos diante do Padre, porque delle procede toda a Paternidade, assim no Ceo, como na terra. De maneira, que não ha Paternidade, nem ser de Pay, ou no Ceo, ou na terra, que não seja derivado do Eterno Padre. No Ceo; porque o Eterno Padre se faz Pay a si mesmo, & tem Filho Deos na terra; porque o Eterno Padre faz aos homens pays, & lhes dá filhos homens. *Paternitas in cælo est generatio Filii: Paternitas in terra est generatio hominum: quæ omnis à Dei Paternitate manat; omnes enim ab eo habent vim generandi, ut sint, & nominentur Patres,* disse, cómentando a S. Paulo, o Doutor Maximo S. Jeronymo. Assim que ao Eterno Padre deve hoje o nosso Principe o ser pay. S Hieronym. hic.

200 Mas porque este beneficio, & graça, que nos outros pays he commum, na soberanía de tal pay tivesse tambem prerogativas soberanas; que fez o Eterno Padre? Fez, que não só lhe devesse o nosso Prin-

Principe a fecundidade da ſucceſſiõ, ſenão tambem a ſemelhança da fecundidade. Fez, que foſſe pay em tempo, ao modo (quanto póde ſer) com que elle he pay ſem tempo. Hũa das grandes differenças, que ha entre a fecundidade Divina, & a fecundidade humana; & entre hũa, & outra geraçaõ, he eſta. A fecundidade humana, ordinariamente obra com dilaçaõ de tempo, & com tanta dilaçaõ muitas vezes, que ainda quando ha geraçaõ, & filhos, vem depois de muito annos. Não aſſim a fecundidade Divina: no meſmo ponto, em que a primeira Peſſoa da Trindade *ab æterno* he conſtituhida Peſſoa, logo juntamente he Pay; logo juntamente tem filho, ſem demora, nem precedencia de tempo, ſó com prioridade de origem. Computemos agora pelo dia do naſcimento da noſſa Primogenita, o dia de ſua geraçaõ, & acharemos phyſicamente, que foi prõptiſſimo, & que ſem vagares de dilaçaõ, nem intervallos de tempo; logo, logo nos fez Deos a mercè, que deſejavamos. E porque tam promptamente? Por ventura, para nos livrar das ſuſpenſões da duvida, dos receyos da incerteza, dos cuidados da eſperança, & ainda de outros penſamentos? Eſſa ſó razaõ baſtava; mas não foi ſó por eſſa: ſenão, que quiz o Eterno Padre, (quanto cahe na proporçaõ do creado ao increado) que a fecundidade dos noſſos Principes foſſe muy ſemelhante à ſua fecundidade; & a geraçaõ da noſſa Primogenita, muy parecida á do ſeu Unigenito. O ſeu Unigenito gerado ſem prioridade de tempo, a noſſa Primogenita gerada ſem dilações de tempo. Nem façaõ duvida os tres dias, que contamos ſobre os nove mezes; porque eſſe he o eſtilo particular, q̃ a natureza obſerva nos partos Reaes, & heroicos. Na formaçaõ dos

Sapient. 7. *De decimo mẽſe inchoati intelligi ortum* Salom. Bengus de numeris. 45.

partos

partos vulgares, gasta a natureza nove mezes, & menos muitas vezes: mas nos partos não só Reaes, mas heroicos (ou seja Providencia, ou Magestade) parece que poem a mesma natureza mais arte, & mais cuidado, & tarda na formaçaõ, & perfeiçaõ delles, atè entrar no mez decimo. Assim o disse de si mesmo ElRey Salamaõ: *Decem mensium tempore coagulatus sum.* Assim o Principe dos Poetas da mãy do seu Augusto: *Matri longa decem tulerunt fastidia menses.* E assim (o que he mais) Saõ Joaõ Damasceno, contando os dias da geraçaõ, & nascimento temporal do Primogenito do mesmo Padre: *Novem menses complens, decimum attingens, nascitur.*

201 Mas poderá replicar a curiosidade (por não dizer a ingratidaõ) de algum ouvinte máo de cõtentar: que para esta graça ser inteira, & propria do Eterno Padre, havia de ser Primogenito, o de que nos fez mercè; & não Primogenita: porque o mesmo Padre, *A quo omnis Paternitas in cælis, & in terra*, assim no Ceo, como na terra, só tem Primogenito: Primogenito no Ceo, o Verbo; Primogenito na terra, Christo. Agradeço o reparo pela reposta; ou a ferida pelo reparo: ouvi o q̃ a muitos parecerá novidade. Digo, q̃ foi graça propria, & propriissima do Eterno Padre, darnos no primeiro nascimento Primogenita, & nãõ Primogenito; porq̃ em Deos assim no Ceo, como na terra; assim no Divino, como no humano, primeiro he a Primogenita, que o Primogenito. Fallo pela boca das Escrituras sagradas, & pelos termos de que usaõ os Authores Canonicos de hum, & outro Testamento. Comecemos pelo Ceo. O Ecclesiastico no Capitulo 24. *Ego ex ore Altissimi prodivi Primogenita ante omnem creaturam.* Eis aqui a Primoge-

Ecclesiast. 24. De Sapientia essentiali interpretãtur S. Gregor. Naz. Tert. Hier. Cornel. Jans. Corn. Alapid.

pid. Caiet. Tirin. Menoch. Salaz. Oliveri. Bona t. Gordon. & alii. Quam expositionem solum aguoscit litteralẽ Janſen. Salaz. vero literaliſsimam appellat. Eam optime intelliges in ſententia cõmuniſsima PP. & TT. qui integram Dei eſſentiam conſtituunt in intellectivo radicali, à quâ tamquam à radice, & principio virtuali diſtincto emanat, & prodit ſapientia eſſentialis, ut primũ attributũ. Auguſt. Cyril. Damaſ. Baſilius, Vaſq. Molin. Salas, Fonſec. & alii

mogenita. S. Paulo no Capitulo 1. aos Coloſſenſes: *Qui eſt imago Dei inviſibilis Primogenitus omnis creaturæ.* Eiſ-aqui o Primogenito. De ſorte, que já temos em Deos Primogenita, & Primogenito. E qual he primeiro, o Primogenito, ou a Primogenita? Primeiro he a Primogenita. Porque a Primogenita, he a Sabedoria eſſencial: o Primogenito he o Verbo, Sabedoria peſſoal, & Nocional: & em Deos (como enſinaõ todos os Theologos) primeiro he o eſſencial, que o Nocional. Por iſſo a Primogenita tem antes, & o Primogenito não tem antes. A Primogenita tem antes: *Primogenita ante omnem creaturam*: o Primogenito não tem antes: *Primogenitus omnis creaturæ.* Hũa, & outra ſabedoria em Deos ſaõ *ab æterno*, antes de todo o creado, mas a ſabedoria eſſencial com prioridade virtual antecedente, *ante.* Não me detenho em diſtinguir eſtas prioridades, & virtualidades, porque fallo entre doutos, & todos ſabem, que no Divino, & Eterno, entre antes, & depois, não cabe tempo. Paſſemos á terra. Na terra tambem Deos, & o Padre tem Primogenito, & Primogenita; & ainda com mais rigoroſo nome, Filho, & Filha. O Filho he Chriſto: *Miſit Deus Filium ſuum*: a Filha he Maria Santiſſima: *Audi Filia, & vide.* E qual foi primeiro, o Filho, ou a Filha? Não ha duvida, quanto á humanidade, que a Filha foi primeiro, & o Filho depois.

Ad Gal. 4. Pſal. 44. Maria Patris Primogenitam vocat S. Laurẽt. Juſtin. Simon. Caſſ. & RR. paſſim. Gen. 3.

202 E porque, ou para que foi primeiro a Filha, que o Filho? Para que quando vieſſe o Filho, achaſſe já quebrada a cabeça, & pizado o veneno da Serpente: *Ipſa conteret caput tuum.* Couſa he vulgar

gra na Historia sagrada, & advertida commummente dos Padres, que os Primogenitos, se saõ filhos, pela mayor parte sahem mordidos, ou abocanhados da fortuna, & tocados de seu veneno, & trazem cõsigo não sei que dezar, ou azar da natureza. Por isso geralmente lemos delles, que foraõ reprovados, ou menos queridos de Deos, que he o mayor azar de todos. O Primogenito de Adaõ, Caim, desgraciado: o Primogenito de Abrahaõ, Ismael, desgraciado: o Primogenito de Isaac, Esaù, desgraciado: o Primogenito de Jacob, Ruben, desgraciado: o Primogenito de David, Amnon, desgraciado: o Primogenito de Job, não lhe sabemos o nome, mais que pela desgraça; a qual foi tanta, que de hum golpe em sua casa, acabou elle, a casa, & todos seus irmãos. E como este he o fado commum dos Primogenitos, & costuma nascer com elles, ou seguilos a desgraça; para desfazer este azar, & tirar este tropeço á má fortuna, sahe hoje diante com particular Providencia, a nossa Primogenita, franqueando, & deixando o passo livre ao venturoso irmaõ, que embora vier; para que sendo o segundo no lugar, seja, sem estorvo, o primeiro na felicidade. *Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis!* Cant. 7. Oh que fermosos saõ vossos passos, filha do Principe! E porque fermosos seus passos? Porque os soube adiantar ao perigo do irmaõ, quebrandolhe o azar de Primogenito. E por isso finaladamente, *in calceamentis*: porque com esses passos adiantados calcou, pizou, & meteo debaixo do pè toda a má fortuna. Com tam bom pè, & com tam ayrosos passos, entra hoje no theatro do mundo, a fazer o primeiro papel, a nossa galharda Princeza: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia Principis!*

203 Mas para que buſco eu ſatisfaçoens á noſſa Primogenita, ſe ella traz comſigo a ſatisfaçaõ? Matth. 2. *Vidimus Stellam ejus in Oriente, & venimus adorare eum.* Tanto que os Magos viram a Eſtrella no Oriente, logo, como ſabios, vieraõ adorar o Rey naſcido: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex?* Porq̃ o naſcimento da Eſtrella, era ſinal certo do naſcimento do Rey. Quando a Eſtrella appareceo no Oriente, ainda o Rey não era naſcido, nem concebido ainda; mas do naſcimẽto da Eſtrella, que já naſcèra, inferiram com evidencia o naſcimento do Rey, que havia de naſcer. Naſceo a Eſtrella? pois após ella naſcerá logo o Rey. He mageſtade do Sol, trazer diante o luzeiro: Sam Chryſoſtomo, & Santo Agoſtinho fundados no texto, *A binatu, & infra, ſecundùm tempus, quod exquiſierat à Magis*, dizem, que naſceo a Eſtrella dous annos antes. Nam he neceſſario tamanho intervallo. Hoje vemos a Eſtrella no Oriente, daqui a hũ anno (fiquem todos aviſados) viremos adorar ao Rey naſcido. Galante couſa he por certo, que quizeſſemos nòs, contar todas as leys do Ceo, & da terra, que o Sol naſceſſe primeiro que a Aurora; & o fruto primeiro que a flor! Hoje amanheceo em purpuras a Aurora; após ella ſahirá o Sol: hoje deſabotoou em mantilhas a belliſſima flor; após ella ſe ſeguirá o fruto; que ſempre o fruto vem pegado no pè da flor. Naſcèram à fecunda Rebecca dous partos de hum ventre, & o ſegundo, que era Jacob, ſahio pegado no pè do primeiro. O primeiro parto he a flor do ſegundo; & o ſegundo, como fruto, ſahe pegado no pé da flor. Virá o ſegundo, & feliciſſimo parto após o primeiro: antes digo, que no primeiro já tem começado a vir; porque a flor he parto inchoado do fruto. Genes. 25.

Chryſ. Homil. 7. in Matth. Auguſt. ſerm. 7. de Epiphan.

Aſſim

Assim o entenderaõ aquelles discretos lavradores, bem ensinados da natureza, quando disseraõ: *Egrediamur in agrum, & videamus si flores fructus parturiunt.* Cant. 7.

204 Deixem nossos desejos fazer a Deos, que elle sabe melhor fazer, do que nòs sabemos desejar. Lá diz o Euangelho dos nossos mayores: *Na casa de bençam primeiro he a filha, que o varam.* Filha era do Infante Dom Duarte, & naõ filho, a Sereníssima Senhora Dona Catherina, & nesta filha sustentou Deos a esperança, & depositou o remedio de Portugal. Em quanto naõ vier o Primogenito, já temos Herdeira: como o primogenito lhe tomar a vanguarda, batalhará Europa, sobre quem a hade levar por Senhora. He Estrella deste dia, que andaràõ apòs ella nam só hum Rey, senão muitos. E quanta razaõ teraõ todas as Coroas do mundo, de a pertender para Rainha, pois he Princeza de tantas partes, como jà hoje começamos a ver! Muito benigna, muito discreta, muito vigilante, muito liberal, & sobre tudo muito favorecida do Ceo. Tam benigna, & de taõ Real condiçaõ, que em nove mezes, q̃ esteve tam de portas a dentro com a Rainha nossa Senhora, nunca lhe deu a menor molestia. Tam discreta, & de tam alta eleiçaõ, que escolheo o melhor, & mayor dia do anno, & mais sem ninguẽ lho ensinar: porque nunca ouve em Portugal exemplo semelhante. Tam vigilante, & diligente, que sendo hoje dia feriado, madrugou às duas horas depois da meya noite, & espertou toda a casa. Tam liberal, & grandiosa, que para fazer a mayor mercè aos vassallos, sem esperar memoriaes, lhes deu de Reys a si mesma. Finalmente, tam favorecida do Ceo, & da mesma Mãy de Deos, que fazendo a

Novena que fez a Rainha visitando nove Igrejas de noſſa Senhora.

Rainha que Deos guarde, aquella tam devota Novena pela felicidade de ſeu naſcimento; porque o ultimo dia foi dedicado à Senhora da Eſtrella, nos deu eſta Eſtrella por Senhora: *Vidimus Stellam ejus.* Eſta he a Primogenita, que hoje naſceo a Portugal: eſta he a Princeza que hoje naſceo para o mundo: tam digna do pay, a quem ſe deu, como do Pay, q̃ a deu: *Te Æternum Patrem.*

§. V.

205 ISto fez o Eterno Padre, em quanto Pay. E em quanto Eterno, que fez? Fez que o noſſo Principe comece tambem hoje a ſer eterno por beneficio da ſucceſſaõ. Os pays homens, ainda q̃ ſejaõ Principes, todos ſaõ mortaes; mas por meyo da vida dos filhos ſe immortalizão, & por meyo da poſteridade da ſucceſſiõ ſe fazem eternos. Falla ElRey David de ſi meſmo, & diz aſſim no Pſalmo 60. *Dies ſuper dies Regis adjicies: annos ejus uſque in diem generationis, & generationis.* Pſalm. 60. Vós, Senhor, acrecentareis dias ſobre os dias do Rey, & por meyo deſtes dias acrecentados, os ſeus annos duraráõ de ſeculo em ſeculo, & ſerão eternos. Difficultoſo Texto! He certo, que Deos tem decretado a cada homem o numero dos dias da vida, com hum termo, & hum limite tam preciſo, que de nenhum modo podem creſcer, nem paſſar adiante: *Conſtituiſti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* Job 14. Pois ſe o numero dos dias decretados de nenhum modo pòde paſſar adiante, nem creſcer; como diz David a Deos, que acrecentará dias ſobre os dias do Rey: *Dies ſuper dies Regis adjicies?* Que dias acrecẽtados ſaõ eſtes? Saõ os dias dos filhos, acrecentados ſobre os dias do pay. E por meyo deſte acrecentamento de dias a dias,

dias, os annos dos pays, que pela mortalidade humana craõ finitos, pela poſteridade da ſucceſſaõ vem a ſer eternos: *Annos ejus uſque in diem generationis, & generationis.* Ajunta-ſe hũa geraçaõ com outra geraçaõ, & hũa vida com outra vida; & deſta uniaõ de vidas a vidas ſucceſſivamente continuadas, ſe tece o fio daquella eternidade, que faz os annos eternos. Sim: mas eſſes annos acrecentados, ſaõ dos filhos, & não ſaõ do pay. Sim ſaõ do pay; que aſſim o diz o Texto: *Dies ſuper dies Regis adjicies: annos ejus*: annos ſeus: porque aſſim os annos do pay, como os dos filhos, todos ſaõ do pay.

206 Mas eſta compoſiçaõ de annos com annos, & eſta uniaõ de dias a dias, como ſe faz, & quando? Faz-ſe no dia do naſcimẽto do filho. Porque no dia, em que naſceo o filho, torna o pay a renaſcer. Antes de o filho naſcer, vai a vida do pay caminhando para o Occaſo; mas no dia, em que naſce o filho, torna a vida do pay a naſcer, & por-ſe no Oriente. Prometteo Deos a ElRey Ezechias, que lhe acrecentaria os annos da vida: pedio Ezechias ſinal; & o ſinal foi eſte: Que o Sol voltaſſe ao Oriente, & que a ſombra ſubiſſe dez linhas no Relogio d' ElRey Acház. A duraçaõ da noſſa vida mede-ſe pelo curſo do Sol. Pois ſe o curſo do Sol he a medida da vida humana, & Deos queria acrecentar a vida ao Rey; parece que o Sol havia de hir adiante, & não tornar atráz; parece que havia de caminhar ao Occaſo, & não voltar ao Oriente. Eſſe he o myſterio, & a eſtremada pintura do que vou dizendo. O modo natural, com que Deos acrecenta os annos aos homens, he unindo a vida dos filhos á vida dos pays, & renaſcendo outra vez os pays no naſcimento dos filhos: & por iſſo a vida dos pays, que ſeguindo o curſo do

Iſai. 38. S. Hier. Cyril.. Procop. Aym. Lyran. Hugo Adam. Cornel. Sanch. & alii.

Sol vay caminhando ao Occaſo ; pelo milagre natural do naſcimento dos filhos torna de repête atráz , & ſe poem outra vez no Oriente. A traça daquelle Relogio de ElRey Achaz era hũa eſcada fabricada com tal artificio , que a ſombra do Sol em cada hora hia deſcendo hum degrao. Eſta eſcada , ou a ſombra della , he a noſſa vida : de degrao em degrao vay deſcendo ſempre, & caminhando para o Occaſo. Mas a vida dos pays , no dia do naſcimento dos filhos , torna outra vez a ſubir a eſcada , & a ſe repor de novo no primeiro degrao. Tal he, com natural maravilha , o eſtado, em que neſte venturoſo dia ſe acha a vida , que Deos guarde , do noſſo feliciſſimo Principe. Hontem á tarde hia pondo Sua Alteza os pès nos degraos vinte & hum da vida : hoje com o naſcimento da belliſſima Succeſſora , eſtá outra vez repoſto no primeiro degrao della , para começar a viver de novo. Hontem hia ſubindo o noſſo Sol para o Zenith dos annos com paſſo lento : hoje com o naſcimento da nova Aurora , desfazendo ſubitamente as linhas, que tam felizmente tinha andado , amanhece ſegunda vez renaſcido em novo , & reciproco Oriente. Demos logo o parabem neſta duplicada felicidade a noſſo Auguſtiſſimo Monarca , não ſó do naſcimẽto da ſua Primogenita, ſenão tambem do ſeu naſcimento ; pois hoje naſce outra vez nella , & com ella: hoje dá novo principio á vida com a ſua vida : & hoje começa a contar aquelles felices , & continuados annos , que por meyo de ſua Real ſucceſſaõ haõ de ſer eternos.

207 Conta Moyſes no livro do Geneſis os annos das vidas dos antigos Patriarcas : & he muito digno de ponderaçaõ o eſtilo de contar, que ſegue; porque faz duas contas : hũa dos annos , que tinhaõ, quando

quando lhes nasceo o Primogenito ; & outra dos annos, que tinhaõ, quando morrèraõ. Ponhamos o exemplo em Seth , filho de Adaõ : *Vixit Seth centum, & quinque annis, & genuit Enos.* Viveo Seth cento & cinco annos, & gerou a seu Primogenito Enós. Esta he a primeira conta: *Et facti sunt dies Seth nongentorum duodecim annorum, & mortuus est.* E viveo Seth novecentos & doze annos , & morreo. Esta he a segunda conta. Pois se para ficarem em memoria, & sabermos os annos , que vivèraõ os Patriarcas , bastava só esta segunda conta ; porque fez Moyses tambem a primeira ? Porque faz hũa cõta dos annos, em que morrèraõ , & outra dos annos em que lhes nascèraõ os filhos ? Porque os homens, que saõ pays , tem duas vidas : hũa vida, que acaba; outra vida , que continua. A vida que acaba, conta-se no dia da morte do pay : a vida que continúa , conta-se do dia do nascimento do filho. Porque no dia do nascimento do filho, a vida do filho ata-se com a vida do Pay ; & destas duas vidas assim atadas , (atando-se tambem entre si as que lhe succedem) de muitas vidas , que não saõ perpetuas, se vem a fazer hũa vida perpetuada. Saõ Paulo chamou judiciosamente á morte , desatadura da vida: *Tempus resolutionis meæ.* A morte he desatadura da vida ; & o nascimento he atadura das vidas ; porque na morte do pay desata-se hũa vida ; no nascimento do filho ataõ-se duas. Ata-se a vida do filho com a vida do pay , & destas atadas hũa na outra, seguindo-se vidas a vidas , & annos a annos, os annos do pay, q̃ em si mesmos eraõ mortaes, & finitos , na successaõ dos filhos se fazem immortaes ; & eternos. Este he o attributo daquella eternidade , que o Eterno Padre por meyo da Real successaõ , começa a communicar hoje ao nosso re-

Gen. 5.

2. ad Timoth. 4.

naſcente Principe ; fazendo-o ſem interpoſiçaõ de morte , Feniz de multiplicadas , & mais felices vidas : para que aſſim como em quanto Pay , o fez pay; aſſim em quanto Eterno , o faça eterno : *Te Æternum Patrem.*

208 A myrrha , que he o ultimo obſequio , que hoje offerecèraõ os Reys a Chriſto , não ſignifica ſimplezmente o mortal , ſenão o mortal immortalizado ; porque a morte mata os corpos , & a myrrha depois de mortos, preſervando-os da corrupçaõ, os faz immortaes. Eſte foi o penſamento (diz S. Maximo) com que os Magos ſabiamente dedicáraõ a Chriſto a myrrha , como a Reparador da ſua , & noſſa mortalidade , profeſſando o myſterio no tributo : *In myrrha , qua exanima ſolent corpora conſervari , præfiguratur carnis noſtræ reparatio.* Mas ſe a mortalidade ſe repara deſte modo pela myrrha , muito melhor ſe repara pela ſucceſſaõ: porque a myrrha immortaliza o mortal depois da morte; & a ſucceſſaõ immortaliza, & eterniza o mortal cõ novas , & continuadas vidas. Razaõ he logo , que no dia , em que teve principio eſta felicidade , nòs todos, & toda a terra comnoſco, demos immortaes , & eternas graças ao Eterno Padre, pela immortalidade , & eternidade do noſſo Principe : pois com os primeiros penhores da felicilſima ſucceſſaõ , aſſim como em quanto Pay , o fez pay; aſſim em quando Eterno , o começa a fazer eterno : *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.* Acabou-ſe o verſo do noſſo Coro , & eu tenho acabado.

S. Maxim. homil. 3. in Matth.

§. VI.

209 Estas ſaõ em breve ſumma (Corte , Nobreza, & Povo venturoſiſſimo de Portugal) as mercès , & felicidades, porque neſte illuſtriſſimo , & Real Congreſſo nos ajuntamos todos em ſolemne

ne acçaõ de graças, a louvar, & glorificar ao supremo Author de todos os bens neste ditosissimo, & tam desejado dia, coroa de todos os que temos visto, tendo visto tantos, & tam grandes. Tres dias notavelmente grandes teve Portugal neste seculo tam cheyo de novidades, em annos a que todos quasi fomos presentes. O primeiro foi o dia da Acclamaçaõ: o segundo, o dia das Pazes: o terceiro, este Dia sobre todos felice, do nascimento da nossa Primogenita. No dia da Acclamaçaõ, deunos Deos o Reyno duvidoso: no dia das Pazes, deunos o Reyno seguro: no dia de hoje, dá-nos o Reyno perpetuado. No primeiro dia, deunos o Reyno que foi: no segundo, o Reyno que he: neste terceiro, o Reyno que hade ser. No primeiro dia, deunos o Reyno de nossos pays: no segundo dia, deunos o Reyno para nós: neste terceiro, dá-nos o Reyno para nossos descendentes. Os passados já não podem gozar este bẽ, porque foraõ: os futuros ainda o não podem gozar, porque não saõ: nòs somos só, os que o gozamos, porque fomos tam venturosos, que vivemos nesta era. Não sejamos ingratos a hum Deos tam bom, que sem merecimentos nossos, antes sobre tantas offensas, nos faz tam singulares favores. Já que nos ajuntamos ao louvar, louvemolo muito de coraçaõ, & louvemolo todos. Assim como o Sol, & à Lua louvaõ a Deos: *Laudate eum Sol, & Luna*; louvem a Deos hoje os nossos soberanos Planetas, & reconheçaõ o fruto da successaõ, como benignidade das influencias Divinas. Assim como as Estrellas louvaõ a Deos: *Laudate eum omnes Stellæ*, louve a Deos o bellissimo Luzeiro, que hoje amanheceo nos nossos Orizontes, esclarecendo, & alumiando com a mesma luz, a que lhe, este seu, & nosso emisferio. Assim como os Reynos

Psalm. 148.

Ibidem.

Reynos louvaõ a Deos : Psal. 67. *Regna terræ cantate Deo* ; louve a Deos o Reyno de Portugal , pois entre todos os do mundo ſe vè delle tam amado , tam favorecido , tam ſublimado. Aſſim como toda a terra louva a Psal. 65. Deos : *Omnis terra adoret te , & pſallat tibi* ; louvem a Deos todas as partes da terra de noſſa Monarquia , & lembrem-ſe , pois ſe não podem eſquecer , dos trabalhos, das perdas, das oppreſſões , das ruinas , que padecèraõ por falta de ſucceſſaõ.

210 Mas porque todos os louvores humanos ſaõ limitados, & as mercès que nos fazeis, Senhor, ſaõ infinitas ; louvaivos vós meſmo a vós , infinito Deos , & aceitai em acçaõ de graças tambem infinitas , o infinito merecimento deſſe ſacrificio ſacroſanto , que hoje vos offerecemos ; pois o inſtituiſtes para ſupprir os defeitos de noſſo agradecimento com nome de ſacrificio de louvor : *Sacrificium laudis honorificabit me.* Pſal. 49 Neſſe ſacrificio de louvor vos louvamos , em quanto creaturas voſſas , como a noſſo Deos: *Te Deum laudamus* ; neſſe ſacrificio de louvor vos confeſſamos , em quanto ſervos voſſos , como a noſſo Senhor : *Te Dominum confitemur* ; neſſe ſacrificio de louvor vos reverenciamos , em quanto filhos voſſos , & vos reverenciaremos eternamente como a noſſo Pay : *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.*

SER-

SERMAÕ

DA

QVARTA DOMINGA DA

QUARESMA,

Na Matriz da Cidade de S. Luis do Maranhaõ, anno de 1657.

Ut autem impleti ſunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cóphinos fragmentorum.
Joan. 6.

§. I.

BEm me podeis ouvir hoje deſaſuſtadamente, porque vos heide prègar muito á vontade. E juſto he que entre tantos diſcurſos triſtes, metamos tambem algum menos funeſto, para deſenfaſtiar a Quareſma. Queixa-ſe de mim o corpo, que todos os Domingo paſſados prèguei ſómente da alma. Deos aſſim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primei-

primeiro; pois porque se não tratará tambem do corpo algũa vez? Sou contente. O Sermaõ de hoje todo será do corpo, & para o corpo. Nos passados tratámos de como havemos de alcançar os bens espirituaes: hoje ensinaremos como se haõ de alcançar, & ainda acrecentar os temporaes.

212 A mayor penlaõ, com que Deos creou o homem, he o comer. Lançai os olhos por todo o mundo, & vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o paõ para a boca. Que faz o Lavrador na terra, cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca paõ. Que faz o Soldado na campanha, carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca paõ. Que faz o Navegante no mar, içando, amainando, sondando, lutando com as ondas, & cõ os ventos? Busca paõ. O Mercador nas casas de cõtrataçaõ, passando letras, ajustando cõntas, formando companhias? O Estudante nas Universidades, tomando postillas, revolvendo livros, queimando as pestanas? O Requerente nos Tribunaes, pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, anullando? Busca paõ. Em buscar paõ se resolve tudo, & tudo se applica ao buscar. Os pobres daõ pelo paõ o trabalho; os ricos daõ pelo paõ a fazenda; os de espiritos generosos daõ pelo paõ a vida; os de espiritos baixos daõ pelo paõ a honra; os de nenhum espirito daõ pelo paõ a alma; & nenhum homem ha, que não dè pelo paõ, & ao paõ todo o seu cuidado. Parecevos que tenho dito muito? pois ainda não está discorrido tudo.

213 Tirai o pensamento dos homens, & lançai-o por todas as outras cousas do mundo, achareis que todas ellas estaõ servindo a este fim, ou pensaõ do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim

fim creſcem as plantas, a eſte fim florecem as arvores, a eſte fim produzem, & amadurecem os frutos, a eſte fim trabalhaõ os animaes domeſticos em caſa, a eſte fim paſcem os manſos no campo, a eſte fim ſe criaõ os ſilveſtres nas brenhas, a eſte fim os do mar, & os dos rios nadaõ em ſuas aguas; em fim tudo o que naſce, & vive neſte mundo, a eſte fim vive, & naſce. Que digo eu o que vive, & o que naſce? Os Elementos não ſaõ viventes, & a eſte meſmo fim cançamos, & fazemos trabalhar aos porprios Elementos. O fogo nas forjas, & nas fornalhas, a agua nas levadas, & nas azenhas, o ar nas velas, & nos moinhos, a terra nas vinhas, & nas ſearas; & atè o Sol, & a Lua, & as Eſtrellas, não deixamos eſtar ociosas deſta penſaõ; porque o que todos aquelles orbes celeſtes fazem, andando em perpetua roda, & voltando ſem nunca deſcançar, he produzir, & temperar cõ ſuas influencias o que ha de comer o homem. Ha mais para onde ſubir? Ainda ha mais. Subi do Ceo acima atè o meſmo Deos, & achareis que elle he o que mais occupado eſtá que todos, em noſſo ſuſtento; porque todas as outras couſas, cada hũa trabalha em ſi: & Deos, ainda que ſem trabalho, obra em todas.

214 De maneira, ſenhores, que a occupaçaõ do Ceo, & da terra, & de todo eſte mundo, a mayor penſaõ, o mayor cuidado, & o mayor trabalho dos homens, he buſcar o paõ para a boca. Pois iſto, porque todos trabalhaõ, heide enſinar hoje o modo, com que ſe poſſa alcançar ſem trabalho. Todos os homens querem ter paõ, & muito paõ: dous alvitres lhes trago hoje para iſſo: hum para terem paõ, outro para terem muito. Eſta ſerá a materia do Sermaõ. Como he toda do corpo, parecerá a alguem, que não he neceſſario pedir graça

graça para elle; antes he o contrario; nenhũas materias tem mais neceſſidade de graça, que aquellas, que tem mais de corpo. Peçamola ao Eſpirito Santo por interceſſaõ da Senhora.

Ave Maria.

§. II.

215 PRopoem-nos hoje a Igreja aquelle famoſo milagre, tam famoſo, como ſabido, em que com cinco paens, & dous peixes em hum deſerto deu Chriſto de comer a cinco mil homens, afóra mulheres, & meninos, & ſobejáraõ doze alcofas de paõ. Duas couſas fez Chriſto neſte milagre, deu paõ, & deu muito: deu paõ; porque todos comêraõ à vontade: *Manducaverunt, & ſaturati ſunt*: & deu muito; porque a todos ſobejou: *Et tulerunt duodecim cóphinos fragmentorum.* Eſtas duas couſas, que Chriſto fez naquelle milagre, ſaõ as que vos prometi ſem milagre: alvitre para ter paõ: alvitre para ter muito. Vamos ao primeiro.

Matth. 14.20.

216 Mas que alvitre vos parece que ſerá eſte? Que meyo vos parece, que ſe póde dar, para hum homem em toda a ſua vida ter o paõ certo, ſem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? trabalhar mais? lavrar mais? negociar mais? deſvelar mais? poupar mais? mentir mais? adular mais? Alguns cuidaõ, que eſtes ſaõ os meyos de ter paõ; mas enganaõ-ſe. Sabeis qual he o meyo ſeguro de ter paõ, ſem nunca haver de faltar? He ſeguir a Chriſto. Aſſim lhe aconteceo a eſtes cinco mil homens; porque ſeguiaõ a Chriſto, tiveraõ paõ no deſerto. Se cinco mil homens com mulheres, & filhos, entraſſem de repente em hũa grande Cidade, não haveria promptamente, que lhes dar a comer; quanto mais em hum deſerto? Em hum deſerto porèm ſe achavaõ

chavaõ estes homens, sem cata, sem venda, & sem dinheiro para comprar o mantimento, ainda que o houvesse, & sobre tudo com fome de tres dias; mas porque seguiaõ a Christo, tiveraõ que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, q̃ tam desvelados andais todos, & tam esfaimados por ter de comer, & por deixar de comer a vossos filhos; segui, & servi a Christo, & eu vos seguro de sua parte, que nem a vós, nem a elles lhes faltará paõ.

217 Ora porque este ponto, em que estamos, assim como he muito para desejar, & para aceitar, não he facil de persuadir; eu volo quero mostrar evidente por todos os meyos, com que se pòde hũa cousa fazer certa. A Escritura sagrada divide-se em livros Historiaes, Sapienciaes, Psalmos, Profetas, Euangelhos, Epistolas Canonicas. Com textos de todas estas Escrituras hei de provar primeiramente o que digo, logo com figuras do Testamento Velho, depois com exemplos, ultimamente com a experiencia Daime attençaõ.

§. III.

218 COmeçando pelos livros Historiaes, no Capitulo vinte & seis do Levitico diz Deos: *Si in præceptis meis ambulaveritis, & mandata mea custodieritis, dabo vobis pluvias temporibus suis: & terra gignet germen suũ, & pomis arbores replebuntur: & comedetis panem vestrum in saturitate: comedetis vetustissima veterum, & vetera novis superveniẽtibus projicietis.* Se guardardes a minha ley, & os meus preceitos, darvos hei a chuva a seu tempo: & os frutos de todo genero seraõ tantos, que quando colherdes os novos, para os recolher lançareis fòra dos celleiros, & das adegas os velhos. *Quod si non audieritis me, nec feceritis omnia mandata mea: dabo* Levit. 26. 3. 4. 5. 10. Ibid. 14. 19. 20.

vobis

vobis cælum desuper sicut ferrum, & terram æneam: consumetur incassum labor vester, non proferet terra germen, nec arbores poma præbebunt. Pelo contrario, se me não ouvirdes, nem guardardes meus Mandamentos, o Ceo será para vós de ferro, & a terra de bronze: aralaheis, & trabalhareis debalde; porque as sementeiras não nascerãõ, & as arvores não daraõ fruto. Isto mesmo repete Deos no livro do Deuteronomio, & em outros muitos lugares dos Historiaes.

219 Nos Sapienciaes: *Non affliget Dominus fame animam justi.* Não affligirá Deos com fome a alma do justo. Parece que havia de dizer: Não affligirá o Senhor com fome o corpo do justo; mas não diz senão a alma; porque a fome, & a pobreza affligem o corpo, & mais a alma: ao corpo com a falta do comer, & à alma com o cuidado donde hade vir. E Deos tem tanto cuidado, & providencia com os quẽ o servem, que não só os sustenta com tal abundancia, que lhes livra o corpo da fome, mas com tal certeza, que lhes livra a alma do cuidado.

Prov. 10. 3.

220 Nos Psalmos diz assim, Psalmo trinta & tres: *Timete Dominum omnes Sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum. Divites eguerunt, & esurierunt: inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.* Temei a Deos todos, os que o servis; porque os que o temem, elle os livrará da pobreza. Os ricos empobrecerãõ, & padecerãõ fome; porèm os que servem, & temem a Deos, & o buscaõ, não sentiráõ falta de bem algum. No Psalmo trinta & seis: *Spera in Domino, & fac bonitatem, & pascéris divitiis suis.* Esperai em Deos, & fazei boas obras, & elle vos sustentará com suas riquezas. E dá a razaõ no Psalmo trinta & dous: *Ecce oculi Domini super metuentes eum, & in his, qui sperant*

Psalm. 33. 10.

Psalm. 36. 3.

Psal. 32. 18. 19.

sperant in misericordia ejus, ut eruat à morte animas eorum, & alat eos in fame: Porque os seus olhos estaõ postos sobre os que o temem, para os livrarem da morte, & os sustentarem no tempo da fome.

221 Nos Profetas, Isaías, primeiro: *Si volueritis, & audieritis me, bona terræ comedetis: quòd si nolueritis, & me ad iracundiam provocaveritis, gladius devorabit vos.* Se quizerdes servirme, comereis os bens da terra: & senão quizerdes, & me provocardes a ira, a minha espada vos comerá a vós. Notai o *comedetis*, & o *devorabit*: se me servirdes, comereis: se não me servirdes, sereis comidos. Quantos ha, que não tem que comer, & se andaõ comendo? Pelo Profeta Oseas: *Seminate vobis in justitia, & metite in ore misericordiæ*: Semeai boas obras, & colhereis misericordias. E quantas? Quantas vós pedirdes pela boca, que isso que dizer, *in ore misericordiæ*. Vamos aos Euangelhos.

Isai. 1. 9. 10.

Oseas 10. 12.

222 Saõ Mattheus: *Quærite primùm Regnum Dei, & justitiam ejus: & hæc omnia adjicientur vobis:* Buscai primeiro o Reyno de Deos: & tudo, o que vos for necessario, vos buscará a vós. *Beati, qui esuriunt, & sitiunt justitiam; quoniam ipsi saturabuntur.* Bemaventurados, os que tem fome, & sede da justiça, isto he da virtude, que faz justos; porque essa fome, & sede se lhes converterá em fartura. Quam errados vaõ, os q̃ para a ter, andaõ esfaimados após as riquezas! Tende vós fome, & sede do serviço de Deos, & elle vos sustentará abundantemente. *Fiat voluntas tua: panem nostrũ da nobis hodie.* Façamos nós a vontade de Deos, & elle nos não faltará com o paõ de cada dia; porque a disposiçaõ para ter o *panem nostrum*, he o *fiat voluntas tua.*

Matth. 6. 33.

Matth. 5. 6.

Matth. 6. 10. 11.

223 Finalmente nas Epistolas Canonicas. Saõ Paulo ad Romanos Capi-

AdRom. 8.15.17 tulo oitavo: *Accepistis spiritum adoptionis filiorum: si autem filii, & hæredes.* Os que ſervem a Deos, & eſtaõ em graça, ſaõ ſeus filhos adoptivos; ſe ſaõ ſeus filhos, logo ſaõ ſeus herdeiros. Vede agora ſe aos herdeiros de Deos todo poderoſo, lhes póde faltar algũa couſa. O meſmo S. Paulo na primeira ad Corinthios: *Omnia veſtra ſunt: vos autem Chriſti: Chriſtus autem Dei.* Chriſto he de Deos; vòs ſois de Chriſto: logo todos as couſas ſaõ voſſas; porque quem ſerve a Chriſto, naõ lhe póde faltar couſa algũa.

1. Ad Cor. 3. 22.23.

224 Eiſ-aqui como todas as Eſcrituras conformemente eſtaõ dizendo que o meyo mais certo, & mais ſeguro de ter paõ, & de nos não faltarem os bens temporaes, he ſeguir a Chriſto, & ſervir a Deos. Agora quizera eu perguntar pela voſſa cubiça à voſſa Fè, & pela voſſa Fè à voſſa cubiça. Se tendes Fè, & tendes cubiça; porque não encaminhais a voſſa cubiça pelos caminhos, que vos enſina a Fè, para alſegurar os intereſſes, que pertendeis? Nem Chriſtãos, nem cubiçoſos ſabemos ſer. Mas he que não temos Fè. Ouvi a S. Pedro Chryſologo: *Homo homini exiguæ cartulæ obligatione conſtringitur: Deus tantis. ac tantis voluminibus cavet, & debitor non tenetur?* Ides daqui para Portugal, não embarcais nada comvoſco; que haveis de comer? Reſpondeis: Levo hũa letra de tantos mil cruzados. Pois tendes por certo que não vos póde faltar paõ, porque levais a letra de hum mercador; & não tendes por certo com tantas eſcrituras de Deos, que vos não hade faltar nada? Apertemos mais eſte ponto. Na Praça de Londres quereis hir para Leorne, levais letra de hum Hereje: na de Amſterdaõ para Alemanha, levais letra de hum Judeo: na de Veneza para Conſtantinopla, levais letra de hum Turco; & ides ſeguro

D. Petr. Chryſolog.

seguro de que vos não ha-de faltar pão. Pois com as letras de hum Hereje, de hum Judeo, de hum Turco cuidais que ides muito seguro; & com as de Deos não? Ah *modicæ fidei*, que não temos Fè!

§. IV.

225 VAmos ás figuras do Testamento Velho. O Manná deu o Deos aos filhos de Israel, quando caminhavão para a terra de Promissão, & não quando estavão no Egypto. Parece que no Egypto fora mais razão que Deos os soccorresse por afflictos. Ora vede: A terra de Promissão significava o Ceo, o cativeiro do Egypto significava o peccado; pois por isso lhes não dá Deos o Manna, senão depois que sahirão do Egypto, & quando caminhavão para a terra de Promissão; porque aos que se tirão do peccado, & aos que caminhão para o Ceo, a esses tem Deos promettido de sustentar, & de lhes não faltar em nenhum tempo, & em nenhum lugar com o necessario. Oh quantos, & quantas ha neste mundo, que quando vão ao Confessionario, chorão mais as suas pobrezas, que os seus peccados, devendo ser ás aveças! Sahi vós do peccado, em que estais; resolveivos a caminhar para o Ceo, & vereis como vos chovem os bens de Deos, & vos não falta nada. E se estiverdes em lugar, ou em estado, que não possais buscar de comer: o mesmo comer vos buscará a vòs, como buscava aos filhos de Israel todos os dias. Mas vòs quereis estar no Egypto do peccado, que vos tem cativo, & cativa ha tanto tempo; quereis caminhar para o inferno a vèlas tendidas, & no cabo que vos faça Deos a matalotagem? Isso não póde ser: dar volta à vida, deixar o caminho do inferno, & tomar o do Ceo, & vereis como vos não falta

Pſalm. 22.1. couſa algũa : *Dominus regit me, & nihil mihi deerit.*

226 Segunda figura. Quiz Iſaac dar a bençaõ a Eſaú ſeu Primogenito, & diſſelhe que foſſe primeiro caçar, & que lhe trouxeſſe algũa couſa. Em quãto Eſaú foi ao monte, veyo Jacob, & fingindo ſer Eſaú, como Iſaac era cego, furtoulhe a bençaõ. Abendiçoou pois Iſaac a Jacob, & diſſe deſta maneira : *Det tibi Deus de rore cæli, & de pinguedine terræ* Dete Deos das influencias do Ceo, & da abundancia da terra. Levada aſſim a bençaõ, veyo Eſaú com a caça, & conhecendo o engano, pedio ao pay que ao menos lhe dèſſe outra bençaõ ; ao que reſpondeo o velho, q̃ outra bençaõ já lha não podia dar, mas para o cõſolar o abendiçoou tambẽ com eſtas palavras : *In pinguedine terræ, & in rore cæli, erit benedictio tua.* A voſſa bençaõ ſerá da abũdancia da terra, & das influencias do Ceo. Notavel caſo ! As meſmas palavras, que Iſaac diſſe a Jacob, diſſe tambem a Eſaú. A Jacob diſſe : *De rore cæli, & de pinguedine terræ* ; a Eſaú diſſe : *De pinguedine terræ, & de rore cæli.* Pois ſe em Jacob foraõ bençaõ, como em Eſaú o não foraõ, antes maldiçaõ ? Ora notai: Ainda que as palavras foraõ as meſmas, a ordem dellas foi trocada. Na bençaõ de Jacob poz no primeiro lugar os bens do Ceo, & no ſegundo os da terra : *De rore cæli, & de pinguedine terræ* ; na bençaõ de Eſaú poz primeiro os bens da terra, & depois os do Ceo: *De pinguedine terræ, & de rore cæli.* E eiſ-aqui em que eſteve ſer bençaõ a de Jacob, & não ſer bençaõ a de Eſaú. Os meſmos bens dados por Deos, ou não dados por Deos, ſaõ bençaõ, ou maldiçaõ.

Geneſ. 27.28.

Ibid. 39.40.

227 Senhores meus, todos havemos miſter os bens da terra, & mais os do Ceo ; os da terra para eſta vida, & os do Ceo para a outra ; & ainda que eſta vida he primeiro que a outra,

outra; o buscar os bens dellas hade ser às aveças. Os bens da outra haõ se de buscar no primeiro lugar, & os desta no segundo; porque nisto consiste termos bençaõ, ou termos maldiçaõ. Quem busca primeiro os bens do Ceo, & depois os daterra, tem bençaõ; porque logra os da terra, & mais os do Ceo: quem busca primeiro os da terra, & depois os do Ceo, tem maldiçaõ; porque nem logra os do Ceo, nem os da terra. Eu não vos digo que não busqueis os bens da terra: que isso de os deixar, & de os desprezar, he espirito, que Deos dá só a quem he servido: não vos digo que os não busqueis; só vos digo que os busqueis por caminho, em que seguramente os possais achar, que he buscando em primeiro lugar os do Ceo, & servindo a Deos. Servi a Deos, & estai seguros que he impossivel faltar o necessario. E senão, vamos aos exemplos.

§. V.

228 QUem parece que tinha menos fundamento para ter; q̃ Abrahaõ, a quem Deos mandou sahir de sua Patria, & viver desterrado della? & com tudo, porq̃ tratou de servir a Deos, & particularmente, porque teve tanta Fè, & obediencia, qne chegou a lhe sacrificar seu filho, veyo a ser tam rico, & poderoso, que sendo necessario soccorrer a seu sobrinho Loth, levou só de sua casa trezentos & dezoito criados. Jacob desemparado, & fugitivo de casa de seu pay; & com tudo, porque servio a Deos, & particularmente, porque foi tam dado à Oraçaõ, & contemplaçaõ, que chegava a andar a braços com os Anjos, veyo a ter tanta fazẽda, como elle mesmo disse, que sahindo da Patria só com o seu bordaõ: *In baculo meo transivi Jordanem*, depois se recolheo a ella Genes. 32. 10.

com a familia de gente, & gados dividido em duas esquadras: *Et nunc cum duabus turmis regredior.* Joseph vendido para o Egypto, & lá escravo; com tudo, porque foi tam casto, que resistio aos requerimentos, & violencias de sua má Senhora, veyo a ter tanto paõ, que não sò sustentou a seus irmãos, & a toda a casa de seu Pay, senão a todo o Egypto, & a todo o mundo. David da menor familia, & o menor de seus irmãos, como elle mesmo confessava; & com tudo, porque foi grande perdoador de injurias, cresceo a tanta opulencia, que os thesouros, de que testou, não se contáraõ por mil cruzados, nem por contos, senão por milhoens. Eil-aqui o que fez Deos a estes; & se acaso volo não faz a vòs, não he, porque Deos não seja o mesmo, que era: mas porque vòs não sois quaes elles foraõ. Seja o soldado como foi David: seja o lavrador como foi Jacob: seja o desterrado como foi Abrahaõ: seja o desemparado, & perseguido como foi Joseph; & eu vos prometto que lhes não falte Deos cõ muitos bens. Mas concluamos com a nossa prova, & vamos à experiencia.

Ibid.

§. VI.

229 A Experiécia verdadeiramẽte parece que a tenho contra mim. Porque não ha duvida que vemos muitas pessoas virtuosas, que padecem grandes necessidades: logo não he verdade que o caminho de ter paõ he servir a Deos. Primeiramente eu heide crer mais ao testemunho de David, que ao vosso. Olhai o que diz David: *Junior fui, etenim senui, & numquam vidi justum derelictum, nec semen ejus quærens panem:* Eu fui moço, & tambem fui velho, & nunca vi hum justo desemparado, & a sua familia sem o paõ para a boca. Se vós tivereis os olhos tam allumiados como David,

Psalm. 36. 25.

vid, pòde ſer que diſſereis o meſmo. A's vezes os que nós cuidamos que ſaõ juſtos, não ſaõ juſtos: às vezes os que nós cuidamos que ſervem verdadeiramente a Deos, não o ſervem verdadeiramente; & por iſſo lhes falta Deos cõ os bens. Serem os homens hũa couſa, & parecerem outra, he facil; faltar a palavra de Deos, he impoſſivel. Em reſoluçaõ: todos aquelles, q̃ parecem bons, & padecem neceſſidades, he hũa de duas: ou he que o não ſaõ; ou he que quer Deos provar ſe o ſaõ.

230 Faz hum criado d'ElRey hũa petiçaõ a Sua Mageſtade, & diz deſta maneira: Diz Fulano, que elle he criado da Caſa de Voſſa Mageſtade; & porque ha tanto tempo, que ſerve, & não ſe lhe paga ſua moradia: Pede a Voſſa Mageſtade ſeja ſervido de lha mandar pagar com effeito, & receberà mercè. Reſponde ElRey pelo ſeu Mordomo Mór: Prove o foro, & deferirſe-lhehà. O meſmo paſſa no noſſo caſo. Serve hum homem, ou hũa mulher a Deos: ve-ſe em neceſſidade: recorre áquelle Senhor: allegalhe com ſuas palavras, & com ſuas promeſſas, & pedelhe que o ſoccorra; com tudo vemos que o não ſoccorre Deos logo, & que padece. Que he iſto? He que o mãdou Deos provar os ſerviços, & eſtá fazendo as ſuas provanças; & como tiver provado, logo ſe lhe deferirá com grande abundancia. Chriſtãos, & Chriſtãs da minha alma: ſe ſervis a Deos, & ſentis falta do neceſſario, tende maõ, que vos prova Deos: *Expecta Dominum, viriliter age*, diz o meſmo David, *& cõfortetur cor tuum, & ſuſtine Dominum* He eſtylo eſte da caſa de Deos. Vede-o nos meſmos exemplos. Abrahaõ rico por ſervir a Deos; mas provado primeiro com o deſterro: Joſeph rico por ſervir a Deos; mas provado primeiro com o cativeiro: Pſalm. 26.14.

David [illegible] pro servir a Deos, mas provado primeiro com as perseguições: Jacob rico por servir a Deos; mas provado primeiro com os trabalhos. E aos do Euangelho lhes succedeo o mesmo. Não lhes deu Christo de comer ao primeiro dia, nem ao segundo, senão ao terceiro: *Quia jam triduo sustinent me.* Depois que provou a constancia, & paciencia, com que o seguiaõ, entaõ lhes deu o paõ milagroso: primeiro os provou, depois os proveo. Em Deos não ha prover sem provar.

Marc. 8.2.

231 Sabeis senhores, & senhoras, porque Deos nos não provè bem? Porque nós provamos mal: & a quem o não serve verdadeira, & constantemente, não tem elle obrigação de sustentar. Somos Christãos, servimos a Deos, vemonos em pobreza, & necessidade; em lugar de entaõ o servirmos melhor para que nos soccorra, tomamos por meyo de nos remediar o offé dello. Quãtos, & quantas ha, que tanto que se vem em necessidade, vendem a consciencia, vendem a alma, & às vezes o corpo? E que faz Deos entaõ? Como justissimo Juiz em lugar de lhes dar a abundancia, que lhes havia de dar se perseverassem constantemente, tiralhes esse pouco remedio, que tinhaõ, com q̃ fiquem perdidos de todo. Porque assim como o caminho certo de ter paõ he servir a Deos; assim o caminho certo de se perder o paõ, que se tem, he desservillo. Não vos quero trazer disto mais que dous exemplos em dous Mandamentos, hum da primeira taboa, outro da segunda. Da primeira taboa o terceiro, da segunda o septimo.

232 Diz Deos no septimo Mandamento: Não furtarás; & vós com cubiça de acrecentar fazenda, ajuntais a alhea à vossa por todas as artes, que podeis. E que se segue daqui? Que pelo mesmo caso vos tira

Deos

Deos a que tinheis, & mais a que lhe ajuntastes. Dos thesouros do Ceo dizia Christo taxando os da terra, que não os come a ferrugem, nem a traça, nem os roubaõ os ladrões: *Thesauros in cælo: ubi neque ærugo, neque tinea demolitur, & ubi fures non effodiunt.* Quaes sejaõ os ladrões, já o sabemos; mas qual he a ferrugem, & a traça dos bens deste mũdo? A ferrugem he o alheyo. Assim como a ferrugem come, & consume os metaes: assim o alheyo come o proprio, se se lhe ajunta. E qual he a traça, que tambem o roe, & o come? A traça saõ as traças. Buscais mil traças, & invenções para ajuntar o alheyo ao vosso; & essas saõ as que em lugar de volo acrecentar, volo roem, & volo desbaratañ. He o alheyo pontualmente como o vomitorio. Receita-vos o Medico hum vomitorio: & q̃ vos acontece depois que o tomais? Lançailo a elle, & tudo o mais que tinheis dentro. Assim he o alheyo; guardaivos de o meter no estamago; porque primeiramente não volo hade lograr, & ha vos de puxar, & levar comsigo o mais, que tiverdes nelle. E vede quam pouco basta para fazer estes effeitos. Achab era Rey, tomou a Nabot hũa vinha; & tanto que a vinha se ajuntou ao Reyno, perdeo o Reyno, & mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho: vomitou-a Achab, & com ella tudo o mais.

Matth. 20.

233 Conta Tito Livio de hum Principe dos Piezenigos chamado Cures, que querendolhe tomar suas terras Suatislao Principe dos Ruthenos, elle o houve às mãos em hũa emboscada, & mandandolhe tirar a cabeça, fez da sua caveira hũa taça encastoada em ouro, por onde bebia, com esta letra: *Quærendo aliena, propria amisit:* Buscando o alheio, perdeo o proprio. Oh q̃ boa lembrança para a mesa dos Principes, & dos que o

Livi. lib. 23. cit. a Fabr. Dom. 8. post Pẽtecost.

não ſaõ. Se em todas as meſas ſe bebèra por eſta taça, não ſe comèra em tantas o paõ alheyo; & ſe no Braſil deramos em deſenterrar caveiras, em quantas poderamos eſcrever a meſma letra! Cuja he eſta caveira? He de Fulano. Viveo rico, & morreo pobre: teſtou de muitos mil cruzados, & ſeus filhos pedem eſmola. Pois que foi iſto? que ar máo deu por eſta fazenda? *Quærendo aliena, propria amiſit*: Miſturou a ſua fazenda com a alhea, perdeo a alhea, & mais a ſua. Fazenda acquirida com deſſerviço de Deos, & contra ſeus Mandamentos! Deos nos livre. O ſervilo he o verdadeiro caminho de a acquirir, & de a conſervar.

234 Vamos ao ſegundo exemplo da primeira taboa. Diz Deos no terceiro Mandamento: Guardarás os Domingos, & as feſtas; & vós, porque aquelle dia vos não fique ſem grangear fazenda, não mandais à Miſſa os voſſos eſcravos, antes mandais; ou quando menos permitís, que trabalhem. Pois ſabei, & deſenganaivos, q̃ tudo quanto ſe trabalha ao Domingo, he deſtruiçaõ de tudo o que ſe acquire pela ſemana. Dirvos hei agora hum lugar, que ha muitos annos tenho notado para os homens do Braſil: *Quando fueritis in terra hoſtili, ſabbatizabit, & requieſcet in ſabbatis ſolitudinis ſuæ, eóquod non ſabbatizaverit in ſabbatis veſtris, quando habitabatis in ea.* Se fizerdes trabalhar a terra aos dias Santos, eu a entregarei aos inimigos, & entaõ guardará os dias Santos a terra. Perguntemos aos noſſos viſinhos da Paraìba, & da Guyâna, quanto ha que ſe não cultivaõ as ſuas canas, & que não moem os ſeus Engenhos. Pois que he iſto. He que eſtaõ agora as terras, & os Engenhos guardando os dias Santos, que ſeus donos antigamente lhes não deixavaõ guardar: *Sabbatizabit, & requieſcet.* Levit. 26. 34. 34.

He

235 He peccado geral do Brasil deitar a moer ao dia Santo. Deos deu á terra hum dia na somana para descançar: vós não quizestes que descançasse, & louvasse a Deos hum dia; pois descançará agora toda a somana, & todo o mez, & todo o anno, & tantos annos. Senhores, porque cuidais qne vos morrem as peças? porque cuidais que vos fogem, & desapparecem? porque cuidais que se arruinaõ, & desfabricaõ, & estaõ feitos táperas tantos Engenhos? Eu volo direi: Por descuido, & pouco zelo desta Capitania. Não mandais o vosso escravo ao Domingo á Igreja? pois que faz Deos? Já que vós não obedeceis ao meu preceito, & não quereis que o vosso escravo venha hum dia na somana à Igreja, eu volo matarei, & virá estar toda a somana no adro. Sabeis que fazem alli os vossos escravos? Estaõ para ouvirem as Missas, que vòs lhes não fizestes ouvir. Por cubiça de lavrar, & grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia Santo: que faz Deos? Deixa-o fugir para o mato, & que nunca mais appareça: & agora anda folgando sete dias da somana, porque vòs não quizestes que descançasse hum sò. Por fazer as seis tarefas redondas, mandastes deitar a moer ao Domingo à tarde: & Deos que faz? Dispoem q̃ tenhais taes perdas no mar, & na terra, que não possais sustentar a fabrica, & que não moais nem hũa só tarefa. Sabeis que faz agora a tápera do Engenho? Está guardando os dias Santos, que seu dono lhe não deixou guardar.

236 Eis-aqui, Senhores, como anda enganada a vossa cubiça. Cuida que pode avançar fazẽda quebrando os Mandamentos de Deos, & he tanto pelo contrario, que não só se não acquire fazenda por este caminho, antes se perde a que estava acquirida. O caminho certo, & seguro

ro de ter fazenda, he fazer o que Deos manda; o caminho certo, & seguro de ter paõ, he seguir a Christo, como experimentáraõ os do nosso Euangelho: *Manducaverunt, & saturati sunt.*

§. VII.

237 TEmos dito o primeiro alvitre, que prometemos, que he como havemos de alcançar o paõ: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh que ponto este para os cubiçosos, & para os avarentos! Se eu os consultasse a elles do remedio para acrecentar paõ, para multiplicar fazenda: huns haviaõ de dizer que negociar; & melhor que tudo, negociar para o Maranhaõ; porque o que em Portugal val dous, aqui se vende por vinte. Este meyo será muito bom, quando no mundo não houver quatro cousas: quando em Zelanda não houver Pechilingues: quando em Argel não houver Turcos: quando na Agulha de marear não houver Suestes: & quando na costa do Maranhaõ não houver baxios. Mas em quanto ha estas quatro cousas, he muito arriscado modo de ganhar esse.

238 Outros diráõ que he bom meyo servir a ElRey em algum posto grãde, ou muito junto a elle, ou muito afastado delle; que estes saõ os postos, em que os homens se aproveitaõ. Dizem que o Rey se hade tratar como o fogo; nem tam perto, que queime; nem tam longe, que não aquente. A's aveças hade ser. Do Rey ou muito perto, ou muito lõge. Se tendes posto muito perto ao Rey, tudo se vos sugeita, tudo vos vem ás mãos: & se tendes posto muito longe do Rey, tudo vós sugeitais, & em tudo vós meteis a maõ. Este modo de acrecentar fazenda não ha duvida que he muito prompto, & muito effectivo,

effectivo, & tambem me atrevèra eu a dizer que era bom, se neste mundo não houvera hũa conta, & no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno, & neste mundo não houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida limoeiro, & na outra vida fogo eterno: nesta vida confiscado, & na outra vida queimado, não he bom modo de ganhar.

239 Outros dirão que para ter muito, o melhor remedio he tello, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome, & matar à fome; porque dizem que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meyo eu confesso que he muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, & não para si; porque o que eu poupo, & o que não gasto, não he meu, he daquelles a quem eu o hei de deixar, & depois o haõ de gastar muito alegremente. E poupar, & morrer de fome, para que outros vivaõ, & alardeem, he hũa avareza muy louca.

240 Pois que remedio para acrecentar a fazenda, util, discreta, & muito seguramente? O remedio he muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deos. De maneira que ambos os nossos pontos se vem a resumir a Deos. Quereis ter paõ? Servi a Deos: quereis ter muito? Dai por amor de Deos. Pois o dar, o tirar de mim he caminho de acrecentar? antes parece caminho de diminuir. Se fora dar por amor dos homens, ou por outro respeito sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deos, não ha mais certa negociaçaõ, não ha mais certo modo de ajuntar fazenda. Vede-o no nosso Euangelho *Unde ememus panes, ut manducent hi?* Perguntou o Senhor, onde acharíaõ paõ, para que comessem todos. Respondeo Santo Andrè, que todos os paens, que havia, não passavaõ de cinco: Joann. 6.5.

Ibid. 9. cinco: *Eſt puer unus hîc, qui habet quinque panes;* & com eſtes, ſendo ſò cinco, quiz Chriſto dar de comer a todos. Pois, Senhor, não vedes q̃ tendes doze Diſcipulos, que ſuſtentar, & que os paens não ſaõ mais q̃ cinco? Se tiveſſeis muito paõ, entaõ eſtavaõ bem eſſas liberalidades; mas ſendo tam poucos? Antes por iſſo meſmo: ſe os Apoſtolos tiveraõ doze paens, entaõ não era neceſſario mais; porèm como não tinhaõ mais que cinco, era força buſcar algum modo de os acrecentar: & não podia haver meyo mais breve, nem mais certo, que dallos aos pobres. E aſſim foi; que os Apoſtolos, porque deraõ cinco paens, não ſó recebèraõ doze paens, ſe não doze alcofas: *Duodecim còphinos.* Se os Apoſtolos foraõ de animo avarento, & acanhado, & quizeraõ comer os ſeus cinco paens, ſahíra menos de meyo paõ a cada hum; mas porque cada hum deu o ſeu pedaço de paõ, ficou com hũa alcofa chea. Dizia o Sabio fallando de hũa mulher ſabia: *Manum* Prov. *ſuam aperuit inopi, & pal-* 31.20. *mas ſuas extendit ad pauperem:* Abrio a maõ, & eſtendeo as mãos. Mas porque, ou para que? Porque quãdo abris hũa maõ para dar por amor de Deos, he neceſſario abrir duas para receber: quando o que dais cabe numa maõ, o que recebeis não cabe em duas. Aſſim lhes aconteceo hoje aos Apoſtolos. O paõ, que deraõ (que era o que tocava a cada hum) cabia em tres dedos, & o que recolheo cada hum, não cabia em duas mãos; por iſſo foi neceſſario tomarem alcofas: *Duodecim còphinos.*

241 Tudo temos em hum caſo do Teſtameato Velho. Acabado o diluvio, ſahio Noe em terra com ſeus filhos, & todo os animaes: & lançoulhes Deos a benção, dizendo *Creſci-* Genes *te, & multiplicamini ſuper* 8.17. *terram:* Creſcei, & multiplicai ſobre a terra. E que Ibid. fez Noe? *Ædificavit al-* 20. *tare*

tare Domino, & tollens de cunctis pecoribus, & volucribus mundis obtulit holocausta: Levantou hum altar, & começou a degollar de todos os animaes, de que era licito fazer sacrificio, & queimou-os sobre elle. Parece que de repente se esqueceo aqui Noe do que Deos tinha dito, & mandado. Não tinha dito Deos que crescessem, & multiplicassem sobre a terra todos os animaes? pois como os degolla Noe, & queima, & sacrifica sobre o altar? Olhai: Noe não matou as rezes para as comer, matou-as para as offerecer, & sacrificar a Deos; & para as cousas crescerem, & multiplicarem, o meyo mais certo, & mais seguro he dellas a Deos.

242 E de que modo as daremos a Deos? Bemdita seja sua infinita Magestade, & bondade, pois se servio ensinarnos por sua propria boca, o que nem imaginar nos atreveriamos. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* Tudo o que dais ao pobre, dailo a mim. Vedes Christãos como podemos dar a Deos tudo; tudo o que damos ao pobre, damolo a Deos; & se quereis que as vossas cousas cresçaõ, & se multipliquem, reparti-as com os pobres. Dous modos ha no mundo, com que as cousas crescem, & se multiplicaõ muito: hum natural, ou da arte, como na lavoura; outro industrial, como na mercancia. Na lavoura, semeais hum alqueire de paõ, colheis quinze, colheis vinte, & se a terra he muito boa, colheis trinta. Na mercancia, empregastes cinçoenta, ganhastes cento, ganhastes duzentos, & ás vezes mais. Tudo isto tendes na esmola. Dar esmolas he semear, & he negociar, mas com grandes ventagẽs. Para semear não ha melhor terra, que as mãos do pobre; & para negociar não ha melhor correspondente, que Deos. Não saõ considerações minhas, tudo he Fè,

th. 40.

& ſagrada Eſcritura. Vamos ao negociar.

§. VIII.

243 NOs Proverbios Capitulo dezanove diz aſſim o Eſpirito Santo : *Fœneratur Deo, qui miſeretur pauperis.* Prov. 19.17. Sabeis que couſa he dar eſmola ? Quem dá eſmola ao pobre, dá a cambio a Deos. Cuida o outro que quando dá eſmola, que a dá para a perder , & engana-ſe, porque a dá a cambio ; & dar a cambio não he perder o que ſe dá , antes he acrecentallo. Quem dá a cambio , ſempre tem o ſeu capital ſeguro , & ſobre iſſo recebe as ganancias. Aſſim lhe acontece a quem dá eſmola : ſegura tudo, o que deu , & ſobre iſſo recebe as ganancias. Mas que ganancias ? não como as dos homens ; porque Deos paga muito melhor. Os homẽs , ſe lhes dais dinheiro a cãbio , daõvos quando muito a ſeis & quarto por cento : & Deos não dá a ſeis por cento , ſenão a cento por hum : *Centuplum accipiet , & vitam æternam* ; no outro mundo a vida eterna , & neſte , cento por hum. Matth. 19.29.

244 Quereilo ver por xperiencia ? ora ouvi hum graõ caſo. S. Joaõ Eſmoler mandou dar a hum homẽ pobre , & honrado quinze livras : deraõ os criados ſómente cinco. Ao outro dia veyo hũa mulher com hum eſcrito de quinhentas livras. Eſtranhou o Santo o eſcrito : chamou o Theſoureiro , perguntoulhe quanto dera. Diſſe que quinze livras ; mas replicou o Santo: Não póde ſer, que Deos paga cento por hum : & por quinze livras, haviaõ de vir mil & quinhentas , & aqui não vem mais que quinhentas. Confeſſou entaõ o criado a ſua avareza. Ficáraõ todos admirados ; mas muito mais quando ouviraõ o que acrecentou a mulher: Eu, Senhor Biſpo , tinha intençaõ de trazer mil & quinhentas livras , & aſſim o eſcrevi

escrevi hontem neste papel; mas esta manhãa não achei mais que quinhentas com grande admiraçaõ minha, porque não sabia a causa, & agora a sei. Dizeime: Se no monte da Piedade de Roma, ou no banco de Veneza se dera a cento por hum, houvera quem alli não metèra o seu dinheiro? Pois os pobres saõ os banqueiros de Deos. Dá-se naquelle banco a cento por hum; & sendo nós tam amigos de accrecentar, não metemos todo o nosso cabedal naquelle banco. Pois credeme que o banco de Veneza póde quebrar, como está hoje menos seguro com a guerra do Turco; & o de Deos não ha de quebrar, nem quebrou nunca.

245 He boa mercancia a esmola? pois ainda he melhor lavoura. O Ecclesiastes no Capitulo onze: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas: quia post tempora multa invenies illum.* Semeai o vosso paõ em terra regada cõ aguas, & eu vos prometo que, ainda que pareça perdido, o achareis depois. Que terra he esta regada cõ aguas, diz S. Basilio, senão as mãos dos pobres? Estaõ os pobres chorando a sua miseria, & regando as suas mãos, assim como a Magdalena regava os pès de Christo; pois nesta terra assim regada semeai o vosso paõ, & vereis quam abundantemẽnte o recolheis. O Hebreo diz: *Mitte panem tuum super faciem aquarum*: sobre a face das aguas; & eu digo: sobre a agua das faces. Está a viuva, a donzella honrada padecendo necessidade; póde chorar, porque padece; mas não póde pedir, porque he nobre: estaõlhe correndo as lagrimas pelas faces abaixo; pois, *Mitte panem tuum super faciem aquarum*, semeai alli a vossa esmola, semeai alli o vosso paõ, & vereis quam bem vos rende a seara, porque não ha terra mais fertil. Semeai o vosso paõ nesta terra, & vereis que vos rende

mais de centõ por hũm. S. Paulino Biſpo, antes de o ſer foi caſado: pediolhe eſmola hum pobre: diſſe à mulher que lhe dèſſe dous paens, que havia em caſa; mas ella não deu mais que hum. Ao outro dia chegou hũa barca de paõ mandada ao Santo, & juntamente nova que outra, que vinha com ella, ſe perdèra. Admirou-ſe não da que chegou, mas da que ſe perdéra: a mulher entaõ confeſſou que não dera os dous paens, ſe não hum ſó. Pois eſſe, que dèſtes, nos trouxe a barca de paõ, que chegou a ſalvamento; & o que deixaſtes de dar, meteo no fundo a que ſe perdeo. Quantas vezes perdeis muito paõ, porque não dais hum paõ? Nas outras terras colhe-ſe o trigo aos alqueires, aqui às barcadas.

246 Pois Senhores, ſe tendes tam boa terra, em que ſemear, porque a deixais eſtar muitas vezes erma, & devoluta? S. Joachim, cujo dia celebramos hoje, repartia a ſua fazenda em tres partes, & hũa era para os pobres. Com menos me contento. Aquelle ſemeador do Euangelho ſemeou em quatro partes, nas pedras, nas eſpinhas, no caminho, & na terra boa. Já que ſe ſemea tanto nas eſpinhas, que ſaõ os vicios; já que ſe ſemea tanto na rua, que he a vaidade; já que ſe ſemea tanto nas pedras, que he o q̃ levaõ os ingratos; porque ſenão ſemeará a quarta parte na terra boa, que ſaõ as mãos dos pobres? porque ſenão ſemeará alguma parte dos bens neſta terra boa, que multiplica cento por hum: *Fecit fruſtum cẽtuplum?* Luc. 8. 8.

§. IX

247 ORa Senhores, o tempo, em que ſe faz eſta lavoura, he eſte da Quareſma. Eſte he o tempo de ſemear. Não faltaõ pobres. Para que cuidais que ſe fez a Quareſma? Para duas couſas: para

para jejuar, & para dar esmola. O que agora direi he de S. Agostinho, de S. Ambrosio, & de todos os Doutores. Nos dias, que não saõ de jejum, comemos duas vezes: jantamos, & ceamos; nos dias, que saõ de jejum, comemos hũa só vez: jantamos, & não ceamos. E para que? Para que demos aos pobres o q̃ haviamos de cear. Jejuar, & guardar paõ, não he abstinencia, he avareza. Pois assim como a avareza tira o merecimento ao jejum, a esmola lho acrecenta. Demos esmola, & todos; q̃ todos a podem dar. Os q̃ tem muito, dem do muito: os q̃ tem pouco, do pouco; & os que não tem, que dar, tenhaõ paciencia de não ter, & desejo de poder dar por amor de Deos.

248 Bem sei que ha muita caridade nesta terra; mas não posso deixar de estranhar hũa muito grande falta, que aqui ha. He possivel que numa Cidade tam nobre, & cabeça de hum Estado, não haja hum Hospital, & que a Misericordia não sirva mais que de enterrar os mortos? Vede o que ha de dizer Christo no dia do Juizo: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis Regnũ: esurivi enim, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere: hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* Notai primeiro, que não fez mençaõ do enterro dos mortos, porque a principal misericordia he com os corpos vivos: *Esurivi, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere.* Segundo: que fez mençaõ da casa de Hospitalidade para os peregrinos, & enfermos: *Hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* Terceiro: que não disse: foraõ enfermos os outros; senão, fui enfermo eu: não disse: foraõ peregrinos os outros; senão, fui peregino eu, & hospedastesme, & visitastesme: *Hospes eram, infirmus: & collegistis me, & visitastis me.* Pois seria bem Matth. 25. 34. 35. 36.

que vieſſe Chriſto a eſta Cidade com fome, com ſede, deſpido, peregrino, enfermo; & não haver hũa caſa, onde o hoſpedar? Melhor fora não haver na Miſericordia Igreja, que não haver Hoſpital; porque a Imagem de Chriſto, que eſtá na Igreja, he Imagem morta, que não padece: as imagens de Chriſto, que ſaõ os pobres, ſaõ imagens vivas, que padecem. Senão houver outro modo, converta-ſe a Igreja em Hoſpital, que Chriſto ſerá muy contente diſſo. Fazei caſa aos pobres, que Deos vos fará caſa a vòs: tirai de voſſas caſas, com que a fazer, que Deos voz lançará ſobre ellas hũa bençaõ, como a que hoje lançou ſobre o paõ dos Apoſtolos, com que tudo ſe acrecente, & ſe multiplique com grandes augmentos de bens temporaes, & da graça, penhor da Gloria: *Ad quam, &c.*

SER-

SERMAÕ
DAS CHAGAS DE
S. FRANCISCO,
Em Lisboa na Igreja da Natividade, anno de 1646.

Si quis vult post me venire, abneget semetipsum: tollat Crucem suam, & sequatur me.
Matth. 16

§. I.

249 SE alguem quizer alistar-se debaixo das minhas bandeiras, diz Christo Redemptor nosso, ha de negar-se a si mesmo, tomar a sua Cruz às costas, & seguirme.

250 Cinco cousas; se bem advertimos, faz Christo nas palavras deste Texto, as quaes não sem grande mysterio no dia, & solemnidade em q̃ as lemos, saõ nem mais, nem menos, contadamente cinco: duvîda hũa, suppoem outra, & aconselha tres. Duvîda se haverà quem o queira seguir: *Si*

quis vult post me venire. Suppoem que todos tem sua Cruz : *Crucem suam.* E aconselha que nos neguemos a nòs mesmos ; *Abneget semetipsum* : que tomemos nossa Cruz às costas : *Tollat Crucem suam* : & que vamos em seguimento seu: *Et sequatur me.*

§. II.

251 *Si quis vult.* Cuidava eu , que não havia cousa mais universal no mundo , que quererem todos salvar-se, mas parece que devem de ser muy poucos os que o querem ; pois Christo poem em duvida , se haverá alguem: *Si quis vult.* O certo he , que todos nòs nos queremos salvar , mas salvarnos , como queremos ; & isto não he querer salvação. Quereis saber se vòs quereis salvar ? vede se fazeis pela salvaçaõ , o que costumais fazer pelo que muito quereis. E se esta he a verdadeira regra do querer , poucos somos os que verdadeiramente queremos salvarnos. Queremos , & não queremos. Em nenhum entendimento cabe esta contradiçaõ , & cabe nas nossas vontades. *Vult* , *& non vult piger* , diz o Espirito Santo : O homem preguiçoso , & irresoluto quer , & não quer. Quer , porque quer o fim , *vult* : não quer ; porque não quer applicar os meyos : *Non vult.* Assim somos nòs : queremos, & não queremos. Queremos hir ao Ceo , mas não queremos hir por onde se vai para o Ceo. No caminho do inferno se vè isto melhor. Ninguem vai ao inferno por sua vontade , & ninguem vai ao inferno, senaõ por sua vontade. Por isso Christo não duvida do querer , senão do querer hir apòs elle : *Si quis vult post me venire.* O querer , & o seguir hade ser conformemente para a mesma parte : que hir a vontade para hũa parte , & os passos para outra , he não querer seguir. Não vistes

Prov. 13.4.

os

os que remaõ nas Galès, como levaõ os olhos em hũa parte, & a proa em outra? Aſſim ſomos nòs ao remo deſta vida. Se pergũtarmos aos noſſos deſejos onde tem os olhos: No Ceo. Se olharmos para noſſas acções, onde levaõ a proa: No inferno. Eiſaqui como queremos.

252 *Abneget ſemetipſũ*: Se alguem quer hir apòs mim, diz o Senhor, negue-ſe a ſi meſmo. Por vẽtura que he eſta a mais notavel ſentença, que Chriſto diſſe. Que quer dizer, que nos neguemos a nòs meſmos? Quer dizer que nos hajamos comnoſco, como ſenão foramos nòs. Eu que me haja comigo, como ſe não fora eu: vòs, que vos hajais comvoſco, como ſenão foreis vòs. Oh que documento tam Divino para o bem, & para o mal! Se as noſſas proſperidades nos vieraõ como ſe foraõ de outrem, que pouco nos haviaõ de deſvanecer! E ſe as noſſas adverſidades as tomaramos como ſe não foraõ noſſas, q̃ pouco nos haviaõ de moleſtar! O verdadeiro amigo dizem que he outro eu: o verdadeiro Chriſtaõ, diz Chriſto, que hade ſer hum não eu: *Abneget ſemetipſum.* O verdadeiro amigo, he outro eu; porque ſe hade haver nas couſas do amigo, como ſe foraõ proprias: o verdadeiro Chriſtaõ, he hum não eu; porque ſe hade haver nas couſas proprias, como ſe foraõ alheas. Ao proximo diz Chriſto que tratemos como a nòs meſmos; & a nòs, que nos tratemos como ſe não foramos nòs. Neſtes dous põtos ſe encerra toda a perfeiçaõ Euangelica: Aos outros, como ſe fóra eu; a mim, como ſe eu fora outro. E que vida tam deſcançada fora a noſſa, ſe aſſim viveramos! Que facil fora a paciencia nas injurias! Que igual a conformidade nos trabalhos! Que moderado o appetite nas pertençoẽs! Que comedido o deſejo nos affectos!

Em fim, quẽ ſenhores foramos de nòs meſmos, & da fortuna! Mas porque não nos deſpegamos de nós, vimos a andar pegados a tudo; & por iſſo nos embaraça tudo. Negar-ſe a ſi meſmo, dizem que he a mayor fineza: & não ſei eu commodidade mayor: dizem que he o mayor acto de amor de Deos, & eu o tenho pela mayor deſtreza do amor proprio. Só ſe ſabe querer bem, quem ſe ſabe livrar de ſi.

253 Ao *abneget ſemetipſum*, ajunta Chriſto o *tollat Crucem ſuam*. E que leve ſerá a Cruz, a quem ſe tiver negado primeiro! A noſſa Cruz não tem mais pezo, que o que nós lhe damos. Se na noſſa Cruz nos não levaramos a nós, pouco teriamos que levar. Do pezo de ſi meſmo, & não do da Cruz, ſe queixava Job: *Factus ſum mihimetipſi gravis.* E não foi Job, o que menos Cruz levou neſte mundo. *Tollat Crucem ſuam.* Sò a noſſa Cruz nos manda levar Chriſtõ: bẽditõ ellè ſeja. E quantos ha, que todos ſe cançaõ em levar as Cruzes alheas? Atè nas Cruzes ha ambiçaõ, onde parece que tinha ſó lugar a paciencia. Que aliviado andára o Mundo, & que bem governado, ſe cada hum ſe contentára com levar a ſua Cruz! Se Deos vos cortou a voſſa Cruz pela medida dos voſſos hombros, para que quereis tomar outras, com q̃ póde ſer que não poſſais? Mas he engano natural eſte, com que naſcemos, que ſempre ou as Cruzes alheas nos parecem as mais leves, ou os hombros proprios os mais robuſtos. Aſſás fará cada hum em levar a ſua Cruz, ſem cançar, nem cahir. Chriſto houve miſter quem o ajudaſſe a levar a ſua; & nòs cuidamos, que podemos levar as noſſas, & mais as alheas. A cauſa cuido eu que he, porque olhamos para os titulos das Cruzes, & não para o pezo dellas. Pois credeme, que as que parecem

Job 7. 20.

cem mais para cubiçar, ſaõ as que tem mais q̃ temer. Não vedes q̃ as mais precioſas, ſaõ as mais pezadas?

254 *Crucem ſuam.* Suppoem Chriſto, que todos tem ſua Cruz, & ſe com olhos deſapaixonados dermos hũa volta ao mundo, acharemos que he aſſim. Que eſtado ha no mundo deſdo mais alto ao mais humilde, deſdo mais livre ao mais ſugeito, deſdo mais abundante ao mais pobre, deſdo mais appetecido ao mais deſprezado, que ou por fóra, ou por dentro, não tenha ſua Cruz? Hũas vemos, outras não vemos; & as menos viſiveis ſaõ ordinariamente as mais pezadas; porque ſaõ as mais interiores, & as que carregaõ ſó na alma. He eſte mundo como o monte Calvario, em que ſe achaõ todos os eſtados, & todos com Cruz, como noutra occaſiaõ ponderamos. Mas ſomos nòs tam mal aconſelhados, que não podendo deixar de a levar, (pois todos a temos) ſofremos o pezo, & perdemos o merecimento; porque a não queremos levar em ſeguimento de Chriſto. Se por deixarmos de ſeguir a Chriſto, tiramos a Cruz dos hombros, ainda tinha algũa deſculpa a noſſa ingratidaõ, ou a noſſa fraqueza; mas a deſgraça he, que quanto mais nos afaſtamos do ſeguimento de Chriſto, tanto mais creſce o pezo á noſſa Cruz. Nenhũa couſa quizera no mundo ſenão hũa balança fiel, em que os que ſeguem a vaidade, & os q̃ ſeguem a Chriſto vieraõ pezar ſuas Cruzes. Oh q̃ enganados ſe haviaõ de achar huns, & que conſolados outros! *Mihi mundus crucifixus eſt, & ego mundo.* Paulo tem Cruz, & o mundo tem Cruz; mas quanta differença vai da Cruz do mundo á Cruz de Paulo? Se os homens acabaramos de conhecer eſta verdade, eu vos prometo, que o mundo trocára a ſua Cruz pela Cruz de Paulo. Mas a cegueira he, Galat. 6. 14.

he, que entre os que tem a profiſſaõ de Paulo não falta (ainda mal!) quem queira trocar a ſua Cruz, pela Cruz do mundo. Géte duas vezes moſina, que por não levar hũa Cruz com Chriſto, vem a levar ambas ſem Chriſto.

255 Que differentemente entendeo eſta Filoſofia aquelle Seraſim humano, aquelle vivo crucificado, aquelle Cruz, & Crucifixo de ſi meſmo, o glorioſo Patriarca S. Franciſco! Negou-ſe a ſi, tomou a ſua Cruz às coſtas, & ſeguio tam de perto a Chriſto, que de muito chegado, & unido, appareceo hoje como hũa viva eſtampa ſua, com as cinco Chagas abertas. Paſmou o mundo aſſombrado de tam nunca viſta maravilha: paſmou a natureza, & paſmou a meſma graça: & nòs para q̃ poſſamos tambem paſmar, vamos ponderando clauſula por clauſula o noſſo Texto, ſem ſahir delle.

§. III.

256 A Primeira em que reparo he, o *Tollat Crucem ſuam.* Mãdanos Chriſto, que tomemos a noſſa Cruz, & o ſigamos a elle. O exemplo ha de ſer ſeu, & a Cruz hade ſer noſſa. E não ſeria melhor, que aſſim como a peſſoa, a que havemos de ſeguir, he a de Chriſto, aſſim a Cruz, que havemos de levar, foſſe tambem de Chriſto? Parece que ſim: pois porque não diz Chriſto: Quem me quizer ſeguir, tome a minha Cruz; ſenão, tome a ſua: *Tollat Crucem ſuam?* A razaõ he; porque eſtima Chriſto tãto a ſua Cruz, que a não quer dar a outrem. Como ſe diſſera o Senhor: Quem quizer ſeguirme, tome a Cruz, mas eſſa Cruz hade ſer a ſua, que a minha não a dou a ninguem. Não eſtimo eu tam pouco os tormentos, & inſtrumentos de minha Paixaõ, que os haja de dar a outrem.

Diz

257 Diz o mesmo Senhor, q̃ a sua gloria não a ha de dar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.* Parece difficultoso este Texto; porque Christo offerece a sua gloria a todos os que a quizerem, & dá a a todos os que a ganhaõ; antes só para nos dar a sua gloria, veyo do Ceo á terra, & a gloria que mereceo, foi para nòs, & não para si, porq̃ para si não a podia merecer. Pois porque diz que não hade dar a sua gloria: *Gloriam meam alteri non dabo?* Com outro lugar entenderemos este. Antes de Christo entrar na batalha de sua Paixaõ, fez oraçaõ ao Padre, & disse: *Glorifica me Pater*: Padre meu, glorificai-me. Christo não estava glorificado, & não era glorioso desde instante de sua Conceiçaõ? Sim era: pois se tinha já á gloria, como pedia ao Padre que lha désse? Direi: Christo Senhor nosso neste mundo tinha duas glorias; hũa gloria que se gozava, outra gloria que se padecia. A gloria, que se gozava, era a gloria da visaõ, que consistia na bemaventurança de ver a Deos: a gloria, q̃ se padecia, era a gloria da Paixaõ, que consistia nos tormentos, que Christo padeceo pelos homens; & ainda que Christo teve a primeira gloria desde instante de sua Conceiçaõ; a segunda não a teve, senão no dia de sua Paixaõ: & esta he a gloria, que pedia a seu Padre: *Pater glorifica me.*

Isai. 42.

258 Mas como póde ser, que a Paixaõ de Christo fosse para elle gloria? Esta duvida teve S. Joaõ Chrysostomo, & perguntou assim ao mesmo Christo: *Ad Crucem raperis cum prædonibus, & hoc gloriam appellas?* He possivel, Senhor, que ides a ser pregado em hũa Cruz entre dous ladrões, & a isto chamais gloria? *Ita quidem; pro dilectis enim patior.* Sim, responde Christo; he minha gloria essa Cruz, & esses tormentos, porque os padeço

pann. 7. 5. a Syis, & rabiis.

padeço por aquelles, a quem amo. Quem padece muito pelo que muito ama, a ſua Cruz he a ſua gloria. De maneira que Chriſto era duas vezes glorioſo, hũa vez pela gloria da viſaõ, com que ſempre via, & gozava a Deos: outra vez pela gloria da Paixaõ, com que padecia pelos homens. E eſtimava Chriſto a gloria, que padecia, tanto mais que a gloria, que gozava; que da gloria, que gozava, era tam liberal, que a dava a todos; & da gloria, que padecia, era tam avarento, que a quiz ſó para ſi: *Gloriam meam alteri non dabo.* A gloria da viſaõ, a gloria de ver a Deos, eſſa ſeja gloria voſſa, gozai-a todos quãtos quizerdes; mas a gloria da Payxaõ, a gloria de padecer pelos homens, eſta he gloria ſó minha, não a hei de dar a ninguem. Por iſſo quando falla na Cruz, diz: Tome cada hum a ſua, que a minha he ſó para mim: *Tollat Crucem ſuam.*

§. IV

259 E Sendo iſto aſſim, ſendo Chriſto tam avarento (deixaimo outra vez dizer com eſta palavra) de ſeus tormentos, & das glorias de ſua Payxaõ, amou o Senhor tanto a S. Franciſco, que lhe deu a melhor parte da ſua gloria, & a mayor gloria de ſua Payxaõ, que ſaõ as cinco Chagas, que lhe imprimio no corpo. Lingua Serafica era neceſſaria para ponderar eſte favor: mas para que a capacidade humana o raſtee de algũa maneira, vede o que digo. Digo que em conceder Chriſto a S. Franciſco eſta parte de ſua Payxaõ, o admitio a hũa gloria, a que não quiz admitir, nem aos homens, nem aos Anjos, nem ao meſmo Deos. Ora daime attençaõ.

260 Vaõ os ſoldados prender a Chriſto ao Horro, onde o Senhor eſtava com ſeus Diſcipulos, & dandolhes licença, para que

que o levassem prezo, disse, olhando para os Apostolos: *Si ergo me quæritis, finite hos abire*: Se me buscais a mim, deixai hir a estes. Pergunto: E porque não deixou Christo que os Judeos prendessem alguns de seus Discipulos, para que morressem juntamente com elle? Não era muy conveniente, que houvesse algum dos que seguião sua doutrina, que désse a vida pela verdade della? E que já que havia hum Judas, que o vendeo, houvesse hum Pedro, que o acompanhasse? Se Christo havia de morrer entre dous ladrões, se havia de ter de hũa parte a Dimas, & da outra a Gestas, não fora mais decente, que morrèra entre dous Apostolos, & que tivera de hũa parte a Joaõ, & da outra parte a Pedro? Logo porque não quiz Christo a nenhum dos Discipulos comsigo em sua Payxaõ? Porque queria toda a Paixaõ para si. Se algum dos Discipulos fora prezo juntamente com Christo, repartira-se com elle parte do odio dos tyrannos; pois para que as penas, ou a gloria de as padecer seja toda minha, diz o mesmo Christo, vaõse os Discipulos embora: *Sinite hos abire.* Foi lanço de ambicioso de glorias, não querer companhia nos tormentos. Vede aonde chegou o amor de Christo para com os Discipulos, & aonde não chegou. Chegou a padecer por elles todas as penas da Paixaõ; mas a darlhes parte dessas penas, não chegou a tanto. Que tenha eu por gloria o padecer por meus Discipulos, isso sim; mas que os haja de admitir a serem comigo companheiros desta gloria, isso não. Só esta exceiçaõ tem a liberalidade de meu amor: *Sinite hos abire.*

oann. 8. 8.

261 Mais: Quando o Senhor mandou a S. Pedro, que embainhasse a espada, disse: *An putas quia non possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones* Matth. 26. 53.

giones Angelorum? Imaginas, Pedro, que não posso rogar a meu Padre, & me mandará logo do Ceo mais de doze legiões de Anjos? Notavel razaõ! Não estava mais achado dizer Christo: Embainha, Pedro, a espada: porque para me defender a mim não saõ necessarias nenhũas armas, & muito menos as tuas? Não vès como só com hũa palavra acabo de postrar por terra meus inimigos? Pois se esta razaõ estava tanto á flor da terra, porque vai Christo buscar outra ao Ceo? E porque faz mençaõ dos Anjos nesta occasiaõ? Porque como os Anjos costumaõ assistir, & ajudar invisivelmente as acçõens humanas, soubessem os homens por esta advertencia, que nem os Anjos do Ceo admitia Christo á companhia de suas penas. Saõ os Anjos impassiveis por natureza, saõ espiritos, que não podem padecer corporalmẽte; & era Christo tam amante das penas de sua Payxaõ, que atè dos impossiveis as ciava. Por isso naõ quiz ter Anjos por companheiros em sua Paixaõ, porque ainda que lhe naõ podiaõ participar dos tormentos pela paciencia, podiaõlhe levar parte da gloria pela companhia. Parte da gloria de suas penas nem aos Anjos a dá Christo: *An putas quia non possum rogare Patrem meũ, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum?*

262 Ultimo encarecimento sobre todos. Antes de espirar na Cruz o Senhor, poem os olhos no Ceo, & diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Deos meu, Deos meu, para que me desemparaste? Todos perguntaõ aqui, porque razaõ o Padre desemparou ao Filho, & porque quiz o Filho, que o Padre o deixasse. Mas eu pergunto mais: Porque fez Christo esta queixa de publico? O que passa entre os pays, & os filhos (& muito mais se Marc. 15.

saõ

são razões de queixa) não he justo, que saya á praça; quanto mais, que onde o Pay era Deos, não lhe era necessario ao Filho fallar, para declarar seu sentimẽto. Pois porque diz Christo publicamente, que seu Pay o desamparou? Porque quiz o Senhor, que soubesse o mundo, que foi tam só em padecer pelos homens, que nem a companhia de seu proprio Padre aceitou em seus tormentos. A Pessoa do Pay, & a do Filho nenhũa cousa tem, que se não communiquem, & que não seja commum entre ambos; mas quiz Christo ser tam singular nas penas de sua Payxaõ, que nem a seu proprio Padre (da maneira que podia ser) quiz ter por companheiro nellas. Tinha Christo dito pouco antes a seus Discipulos: *Me solum relinquatis: & non sum solus, quia Pater mecum est.* Ainda que vòs fujais todos, & me deixeis só, eu não ficarei só, porque meu Padre está sempre comigo. E para que soubessem os Discipulos, que atè em respeito do Padre quiz ser só em sua Paixaõ, por isso disse ao mesmo Padre, que o desemparára: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

263 Pedisme Doutores, que o digaõ? Mais q̃ Doutores vos hei de dar: David, & Isaias, ambos em pessoa de Christo. David: *Singulariter sum ego, donec transeam.* Acheime só, & sem estar alguem comigo, no tempo em que passei desta vida para a outra. Isaías: *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum.* Quando fui espremido no lagar de minha Payxaõ, nenhũa pessoa se achou comigo. Ambos disseraõ bem, mas melhor David. Isaias fazendo mençaõ dos homens, excluío só aos homens da companhia de Christo em sua Paixaõ: *De gentibus non est vir mecum.* David não fazendo mençaõ de alguem, excluío a todos: *Singulariter sum ego.* E assim

Psalm. 140.10

Isai. 63. 3.

ſim foi; porq̃ Chriſto na gloria de ſua Cruz não foi ſó hũa ſó vez, ſenão tres vezes ſó: ſó, ſem companhia de homens: *Sinite hos abire*: ſó, ſem companhia de Anjos: *Exhibebit mihi pluſquam duodecim legiones Angelorum*: ſó, ſem cõpanhia do meſmo Deos: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me?*

264 E ſobre eſta ponderaçaõ (oh aſſombro da grandeza de Franciſco!) naquella gloria, em que Chriſto não admitio a cõpanhia dos homens, nem a dos Anjos, nem a do meſmo Deos, neſſa meſma gloria deu tanta parte a S. Franciſco, que lhe deu ſuas proprias Chagas, que he a principal gloria de ſua Paixaõ. Prova? Sim.

265 Quando Chriſto ſubio triunfante ao Ceo, os Anjos, que o acompanhavaõ, diſſeraõ aos que eſtavaõ de guarda: *Attollite portas, Principes, veſtras, & introibit Rex Gloriæ.* Abri, o Principes, as portas, para que entre o Rey da Gloria. Eſtranhàraõ elles o termo, & o nome; & antes de abrirem perguntáraõ: *Quis eſt iſte Rex Gloriæ?* Eſte, que chamais Rey da Gloria, quem he? A huns Anjos, & por outros reſpondeo Santo Agoſtinho com eſtas excellentes palavras: *Viderunt cælites cuncti ſpecioſum vulneribus Chriſtum, & admirantes fulgentia divinæ virtutis vexilla talibus concrepant hymnis: Quis eſt iſte Rex Gloriæ?* Quer dizer Agoſtinho, que a cauſa, porque os Anjos chamaõ Rey da Gloria a Chriſto, he proque lhe viaõ as cinco Chagas abertas. Grande dizer! Chriſto Senhor noſſo no dia de ſua Aſcenſaõ hia veſtido dos dotes glorioſos, como Bemaventurado, que era; mas os Anjos não lhe chamáraõ Rey da Gloria, porque o viraõ glorioſo, ſenão porque o viraõ chagado. Porque mayor gloria craõ para Chriſto, & para os Anjos os ſinaes de ſua Paixaõ, q̃ os dotes de ſua bemaventurança,

S. Aug.

Pſal. 23.

turança. E sendo esta gloria das Chagas mayor gloria de Christo, que sua mesma gloria; esta gloria communicou Christo a S. Francisco, & lhe deu a elle, o que prometteo de não dar a outrem; *Gloriam meã alteri non dabo.*

§. V.

266 MAs se Christo prometteo de não dar sua gloria a outrem, como a deu a Saõ Francisco? A palavra de Deos, ou promettendo, ou negando, he inviolavel; pois porque deu a S. Francisco, o que tinha prometido de não dar a outrem? Porque? Porque S. Francisco não era outrem. Parece paradoxo, mas no nosso Texto o temos, & entra a segunda clausula delle.

267 *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum.* Se alguem me quizer seguir, diz Christo, negue-se a si mesmo. E que quer dizer, negue-se a si mesmo? Quer dizer que cada hum ha de deixar de ser o que he. Nem eu hei de ser eu, nem vòs haveis de ser vòs. E assim o fez S. Francisco. Negou-se de tal maneira a si mesmo, q̃ deixou totalmente de ser o que dantes era. Pois se Francisco não era Francisco; que era? Era Christo. Claramente por palavras de S. Paulo: *Vivo ego, jam non ego.* Vivo eu, mas já não eu: eis-aqui negar-se a si mesmo. Eu não eu. Pois se vòs não sois vòs, quem sois? *Vivit verò in me Christus.* Eu sou Christo por transformaçaõ. De maneira, que deixou Francisco de ser o que era, & passou a ser o que não era. Por força da abnegaçaõ deixou de ser o que era, deixou de ser Francisco: *Vivo ego, jam non ego.* E por força da transformaçaõ passou a ser o que não era, passou a ser Christo: *Vivit verò in me Christus.* E como Francisco já não era Francisco, senão Christo; daqui veyo, que dandolhe o Senhor a

Gal. 2. 20.

Ibid.

gloria de ſuas Chagas a não deu a outrem, como tinha prometido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

268 Iſto não tem exéplo na terra, nem nas couſas humanas; tem-no ſó no Ceo, & nas Divinas. Saõ Jeronymo entende eſtas meſmas palavras ditas pelo Padre Eterno: *Gloriam meã alteri non dabo*; & aſſim ficaõ muito mais difficultoſas. E ſenão, vede. O Eterno Padre he de Fè que dá toda a ſua gloria ao Filho, & ao Eſpirito Santo. Pois como diz, que a não ha de dar a outrem? Porque ainda que o Filho, & o Eſpirito Santo ſe diſtinguem realmente do Padre, ſaõ a meſma couſa com elle, porque ſaõ o meſmo Deos. E dar a gloria a quem he a meſma couſa comigo, não he dalla a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.* O meſmo digo no noſſo caſo. Diz Chriſto, que não ha de dar as glorias da ſua Paixaõ a outrem; & com tudo deu-as a S. Franciſco; porque como S. Franciſco por força da abnegaçaõ deixou de ſer Franciſco, & por força da uniaõ, ou unidade, paſſou a ſer Chriſto: ainda que Chriſto dè a ſua gloria a Franciſco, não a dá a outrem: *Alteri non dabo.*

269 Cuidareis q̃ ſaõ iſto penſamentos; não ſaõ ſenaõ verdades ſolidas, & Theologia rigoroſa. Não a achareis vòs nos Vaſques, nem nos Soares, nem nos outros Theologos Eſcholaſticos; mas achalaheis nos que tratáraõ a Theologia myſtica, & muito mais nos que a experimẽtáraõ. Lede Dionyſio Areopagita, lede Taulero, lede Rusbrochio, lede Cãfil, lede S. Tereſa; os quaes todos querem que eſta transformaçaõ do homem com Deos, ſeja por uniaõ real, & verdadeira. E ſenão, explicaime bem aquellas palavras de Chriſto: *Sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipſi in nobis unum ſint.* Aſſim como vós, Pay meu, ſois hũa meſma couſa comigo, & eu Ioann. 17.21.

eu comvosco; assim sejaõ os homens comnosco a mesma cousa. Poem os Cõtemplativos cinco graos para subir onde chegou S. Francisco: Aniquilaçaõ, Conformidade, Transformaçaõ, Identidade, & Deificaçaõ. Por todos estes subio Francisco: subio pela Aniquilaçaõ, deixando de ser o que era: subio pela Conformidade, conformando-se com a vontade Divina: subio pela Transformaçaõ, transformando-se em Deos: pela Identidade identificando-se cõ elle; & pela Deificaçaõ, ficando endeosado todo, ou ficando todo hum Deos. E como era a mesma cousa com Deos, & com Christo, dandolhe Christo a sua gloria, não a deu a outrem, como tinha prometido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

§. VI.

270 DAqui se segue, (& he a terceira clausula do nosso Texto) q̃ dizendo Christo aos outros que o seguissem, só a S. Francisco consentio que o igualasse. Ora notai. *Tollat Crucem suam, & sequatur me.* Tome a sua Cruz, & sigame. Pergunto: Porque diz, sigame, & não diz, acompanheme? Porque quem segue, fica sempre atráz, & quem acompanha, bem póde ir igual; & Christo nas materias de sua Cruz, & Paixaõ, ainda que queria que o seguissem todos por imitaçaõ, não queria que alguem se lhe emparelhasse por igualdade. Mãda Deos a Abrahaõ que lhe sacrifique seu filho: toma Isaac a lenha às costas, sobe ao monte, deixa-se atar para o sacrificio; & quando já o pay hia a descarregar o golpe, diz Deos: *Non extendas manum tuam super puerum.* Tem maõ: Não mates a teu filho. E porque não quer Deos q̃ se execute o sacrificio, que inda agora tinha mandado fazer? Se he porque tinha prometido, que em Isaac Genes. 22. 12.

ſe continuaria a deſcendẽcia de Abrahaõ, havia mais que reſuſcitar outra vez a Iſaac? Pois ſe era tam facil o remedio, porque não quer Deos que Iſaac morra? Clemente Alexandrino: *Ut primas partes Verbo cederet.* O ſacrificio de Abrahaõ era figura do ſacrificio, & Paixaõ de Chriſto; pois por iſſo não permitio Deos, que Iſaac chegaſſe a morrer, para que nas materias da Paixaõ tiveſſe Chriſto o primeiro lugar, & naõ ſe puzeſſe Iſaac hombro por hombro com elle. Iſaac levou a lenha às coſtas, como Chriſto levou a Cruz: ſubio ao monte, como Chriſto: deixou-ſe atar para o ſacrificio ſem fallar palavra, como Chriſto: ſe lhe tiráraõ tambem a vida, como a Chriſto, ficava em tudo com Chriſto hombro por hombro. Pois para que fique atráz, & naõ iguale, para que ſiga, & não empareIhe; morra Chriſto, & elle fique vivo, & faltelhe da Paixaõ a melhor parte; que ſó a S. Franciſco conſente Chriſto que o iguale; os demais ſigaõ, & fiquem atráz: *Si quis vult poſt me venire.*

271 E ſenaõ, reſpondaõme: Se Chriſto queria dar Chagas a S. Franciſco, porque lhe não deu quatro ſómente, ou porque lhe naõ deu ſeis, ſenaõ cinco, nem mais, nem menos? Porque naõ ſó lhe quiz dar a imitaçaõ, ſenaõ a perfeita igualdade. Oh que grande favor! Quiz Deos fazer favor a Joſeph de q̃ foſſe vendido como Chriſto; mas, ſe bem repararmos, acharemos que Chriſto foi vendido por trinta dinheiros, & Joſeph ſó por vinte: *Vendidernut eum Iſmaelitis viginti argenteis.* Genes. 37. 28
Pois ſe foi figura de Chriſto, & Chriſto foi vendido por trinta, porque o vendèraõ a elle por vinte? Ouvi a S. Paſchaſio: *Quia ſervus non debebat eſſe pretioſior Domino ſuo.* Porque era ſervo, & naõ havia de ſer igual com ſeu Senhor. Concedeolhe a imitaçaõ na

na venda, mas negoulhe a igualdade no preço. Fallando porèm determinadamente do mesmo Christo: quiz Christo fazer favor a Lazaro de que fosse sepultado, & depois resuscitado, como elle; mas Christo esteve na sepultura tres dias, & Lazaro quatro. Pois se lhe concedeo que resuscitasse depois de morto á sua imitaçaõ; porque lhe não concede a igualdade nas circunstancias? Disse-o Saõ Pedro Chrysologo: *Ne æqualis Domino videretur*: porque tivesse differença o servo de seu Senhor. De maneira que Joseph figura de Christo vendido, & Lazaro figura de Christo sepultado: mas Joseph vendido por menos dinheiros, & Lazaro sepultado de mais dias, para que hum por mais, & outro por menos, nenhum igualasse a Christo. Só Francisco o igualou, porque as suas Chagas naõ foraõ menos que as de Christo, nem foraõ mais, senaõ justamente cinco, nem mais, nem menos. Joseph foi retrato de Christo vendido, mas naõ foi retrato ao natural; porque Christo foi vendido por trinta dinheiros, & Joseph só por vinte. Lazaro foi retrato de Christo sepultado, mas naõ foi retrato ao natural; porque Christo esteve tres dias na sepultura, & Lazaro quatro. Só S. Francisco foi retrato ao natural de Christo chagado; porque se Christo teve cinco Chagas, S. Francisco, nem mais, nem menos, teve outras cinco. Francisco igualou, os outros seguiraõ: *Et sequatur me.*

D. Petr. Chrys.

§. VII.

272 MAs que Chagas foraõ estas, que Christo deu a S. Francisco? A pergunta parece mal fundada, mas a reposta vos diá que fundamento tem. Todos dizem, que as Chagas, que Christo deu a S. Francisco, foraõ as Chagas de seu

Corpo. Eu digo q̃ as Chãgas de S. Franciſco não foraõ as Chagas do Corpo de Chriſto, ſenão as Chagas da ſua alma.

273 Para intelligencia deſte tam extraordinario penſamento havemos de ſuppor duas couſas: primeiramente ſupponho, que aſſim como a Humanidade de Chriſto ſe compoem de Alma, & Corpo; aſſim as Chagas de Chriſto ſe compoem de Chagas do Corpo, & Chagas da Alma. Eſta ſuppoſiçaõ he de S. Bernardo: *Judæi non ſolùm manus, ſed & pedes, & latus quoque, & ſanctiſſimi cordis intima furoris lanceâ perforaverunt, quod jam dudum amoris lãceâ fuerat vulneratum.* As Chagas dos pés, das mãos, & do lado de Chriſto fellas o odio dos Judeos; mas já as tinha feito o amor dos homens muito tempo antes. O odio fellas no Corpo; o amor tinha-as feito na Alma. Prova o meſmo S. Bernardo o novo penſamento com o paſſo dos Cantares: *Vulnerasti cor meum Soror mea, Sponſa, vulneraſti cor meũ.* Feriſte-me o coraçaõ, Eſpoſa minha, diz Chriſto à Synagoga, feriſte-me o coraçaõ. Chriſto Senhor noſſo no lado não teve mais que hũa Chaga; pois ſe no lado foi ferido hũa ſó vez, como diz que lho ferîraõ duas? Porque cada ferida de Chriſto foraõ duas feridas, & cada Chaga duas Chagas: hũa, que lhe fez o odio no Corpo; outra, que lhe tinha feito o amor na Alma: *Quid neceſſarium fuit illud ab inimicis vulnerari, ſi jam vulneratum eſt?* Conclue o meſmo S. Bernardo. De maneira q̃ Chriſto teve Chagas dobradas; hũas no Corpo, outras na Alma.

D.Bern.

Cant.4. 9.

274 A ſegunda couſa, que havemos de ſuppor, he, que as Chagas do Corpo de Chriſto ſe imprimiraõ na Alma da Senhora. Eſta ſegunda ſuppoſiçaõ he de Arnoldo Carnotenſe: *Fugientibus Apoſtolis, in faciem Filii ſe oppoſuerat Mater,*

Arnold. Carnot.

Mater, & gladio doloris animæ ejus infixo vulnerabatur spiritu, & crucifigebatur affectu: & quod in carne Christi agebant clavi, & lancea, hoc in ejus mente cõpassio naturalis, & affectionis maternæ angustia. Quer dizer, que fugindo os Apostolos, a Senhora se poz em pè diante do Filho, retratando-se tam vivamente nelle, que ambos estavaõ crucificados: elle crucificado em carne, ella crucificada em espirito: *Vulnerabatur spiritu, & crucifigebatur affectu.* E como os Crucifixos eraõ dous, as Chagas tambem eraõ duas, ou dobradas: só com esta differença, que as Chagas do Filho faziaõ nas os cravos, & a lança; mas as Chagas da Mãy fazia-as a dor, & a compaixaõ: *Et quod in carne Christi agebant clavi, & lancea, hoc in ejus mente compassio naturalis, & affectionis maternæ angustia.* Prova o mesmo Arnoldo o seu pensamento com a profecia de Simeaõ: *Et tuam ipsius animam pertrãsibit gladius.* Foi tam aguda a espada da Paixaõ, que traspassou Corpo, & Alma; mas o Corpo estava em hũa parte, & a Alma noutra; porq̃ o Corpo era de Christo, & a Alma da Mãy: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.* Luc. 2. 35.

275 Desorte (resumindo todo o discurso) q̃ Christo tinha Chagas da Alma, & Chagas do Corpo; & assim como as Chagas do Corpo as imprimio na Alma da Senhora, assim as Chagas da Alma as imprimio no corpo de Francisco. Quiz Christo fazer hũa como encarnaçaõ, & uniaõ de suas Chagas em duas creaturas dignas de tanto favor: as Chagas de seu Corpo espiritualizou-as na Alma da Virgem Maria; & as Chagas de sua Alma encarnou-as no corpo de S. Francisco. O corpo naturalmente appetece unir-se à alma; & a alma naturalmente appetece unir-se ao corpo. Assim aconteceo às Chagas do Corpo,

& Alma de Chriſto: as do Corpo pediaõ Alma, & deulhes Chriſto a Alma de Maria: as da Alma pediaõ Corpo, & deulhes Chriſto o corpo de Franciſco. Quereis prova? No meſmo caſo a temos. Quãdo Chriſto imprimio as Chagas a S. Franciſco, veyo em figura de hum Serafim. Eporque não veyo em propria figura? Se para receber as Chagas ſe fez o Verbo Homem; porque razaõ para as imprimir ſe fez Chriſto Anjo? Mais: Se Chriſto imprimio as Chagas na Alma da Senhora na realidade de ſeu proprio Corpo; porque razaõ para as imprimir em S. Franciſco toma a tranſformaçaõ de Eſpirito? A razaõ he: porque Deos, ainda quando obra ſobrenaturalmente, uſa dos inſtrumentos mais proporcionados aos effeitos; & para imprimir Chagas no Corpo, he mais proporcionado inſtrumento o Eſpirito; & para imprimir Chagas no Eſpirito; he mais proporcionado inſtrumento o corpo. Por iſſo quando imprimio as Chagas no corpo de Saõ Franciſco, veyo em figura de hum Eſpirito, aſſim como quando as imprimio na Alma da Virgem, eſtava em realidades de Corpo.

276 Sim; mas porque foi eſte Eſpirito Serafim, & não outro Anjo das outras Hierarchias? Porque as Chagas da Alma de Chriſto fellas o amor: *Quod jam dudum amoris lanceâ fuerat vulneratum.* E como entre todos os Anjos os Serafins ſaõ os Eſpiritos do amor; ao Serafim, & não a outro competia eſta glorioſa execuçaõ. Para Deos receber as Chagas tomou a natureza humana; & para as imprimir tomou a natureza Angelica, para que já que a natureza Angelica não teve parte na Encarnacaõ do Verbo, tiveſſe parte na encarnaçaõ das Chagas de Franciſco. E haverá Eſcritura, que nos diga eſta meſma

mesma impressão das Chagas de Christo, não por outrem, senão por hum Serafim, que tambem veremos ser o mesmo, de que Deos fiou esta grande obra? Vai a Escritura, & seja a ultima de tantas, & a mais admiravel.

277 Quando Zorobabel, depois do cativeiro de Babylonia, estava reedificando o Templo, reveloulhe Deos por hum Anjo, que naquelle mesmo Templo havia de pôr hũa pedra tam maravilhosamente lavrada, que levaria após si os olhos, & admiraçaõ do mundo, & que a escultura desta pedra havia de ser duas vezes lavrada, & duas vezes esculpida: *Super lapidem unum septem oculi sunt: ecce ego cælabo sculpturam ejus.* Este he hũ dos mais difficultosos lugares da Escritura: & o Texto original aclara, ou escurece mais a difficuldade; porque onde a Vulgata tem, *cælabo sculpturam ejus*, lê Aquila: *Aperiam aperturam ejus*: Abrirei as suas abertũras: & Simacho, & Theodosion: *Sculpam sculpturam ejus.* Esculpirei as suas esculturas. Abrir-se, & esculpir-se hũa pedra, bem se entende: mas depois de estar aberta, & esculpida, abrirem-se as mesmas aberturas, & esculpirem-se as mesmas esculturas, como pòde ser? Saibamos qual era a pedra, & quaes eraõ as esculturas, & logo entenderemos o mysterio. A pedra, como declara o mesmo Texto, era Christo: *Ecce enim ego adducam servum meum Orientem, id est, Christum.* Ibidem. Por isso prometeo o Anjo que esta pedra seria trazida ao Templo de Zorobabel, & não ao Templo de Salamaõ; porque o Templo que estava em tempo de Christo, & em que Christo tantas vezes entrou, & prègou, não era o Templo de Salamaõ, senão o de Zorobabel. Esta era a pedra. E as esculturas desta pedra quaes eraõ? Todos os Padres, & Interpretes respondem, & a mesma

a meſma experiẽcia o moſtrou, que as eſculturas da pedra Chriſto foraõ as Chagas, que com os cravos, & lança ſe abríraõ, & entalháraõ em ſeu Corpo Santiſſimo: *Iſtum lapidem clavis Crucis, & lanceâ militis faciam vulnerari*, commentou S. Jeronymo. E como as Chagas, que hũa vez ſe abríraõ, & eſculpíraõ no monte Calvario, ſe haviaõ de abrir, & eſculpir outra vez no monte Alvernio; por iſſo diz o Anjo, que não ſó ſe havia de abrir, & eſculpir a pedra, ſenão que ſe haviaõ de abrir as meſmas aberturas, & que ſe haviaõ de eſculpir as meſmas eſculturas; hũa vez abertas, & eſculpidas em Chriſto, outra vez abertas, & eſculpidas em Franciſco. Em Chriſto aberta, & eſculpida a pedra: em Franciſco abertas, & eſculpidas as eſculturas: *Aperiam aperturam, & ſculpam ſculpturam ejus.* E quem foi o Anjo que iſto diſſe? Milagroſo caſo a noſſo intento. O Anjo que iſto diſſe foi o Serafim S. Miguel, o meſmo que imprimio as Chagas a Saõ Franciſco. Eſtava Franciſco naquelle monte contemplando a Paixaõ de Chriſto, & jejuando hũa Quareſma em honra de S. Miguel, & por iſſo com muita razaõ foi o meſmo S. Miguel o Miniſtro, & inſtrumento, que Chriſto eſcolheo, & o Serafim de que ſe veſtio para a impreſſaõ das Chagas. Aſſim o affirmaõ, & provaõ graves Cõmentadores do Apocalypſe ſobre aquellas palavras: *Vidi alterum Angelum habentem ſignum Dei vivi.* E como o meſmo S. Miguel, que fallava como Profeta, era o que havia de fazer eſta impreſſaõ, por iſſo não ſó diſſe, que haviaõ de ſer impreſſas, & reſtampadas aquellas Chagas, ſenão que elle meſmo havia de ſer o que as imprimiſſe: *Ego cælabo ſculpturam ejus*: Eu, Eu ſou, o que depois de abertas eſtas aberturas no Corpo de Chriſto, as hei de tornar

D.Hier.

Apoc. 7. 2.

tornar a abrir : *Ego aperiam aperturam.* Eu ſou o que depois de eſculpidas eſtas eſculturas, as hei de tornar a eſculpir : *Ego ſculpam ſculpturam ejus.*

§. VIII.

278 OH quantas, & quam glorioſas conſequencias ſe poderão daqui tirar em aſſombro das glorias de Franciſco! Mas fiquem para outros, q̃ eu tenho dito mais do que quizera; porque de tudo quanto ouviſtes, não temos nada q̃ imitar. Nas outras feſtas dos Santos, concluem-ſe os Sermões, com exhortar a q̃ os imitemos. Neſta, a que vos hei de exhortar? A que peçais a Chriſto que vos imprima tambem as ſuas Chagas? Eiſ-aqui quem he S. Franciſco; que nem à ſua imitaçaõ he bem que aſpirem noſſos deſejos. Com tudo quero deixar dous pontos á voſſa meditaçaõ, que ſaõ os principaes, que devemos conſiderar neſtas Chagas, em quanto dadas, & em quanto recebidas: em quanto dadas, & em quanto Chagas de Chriſto, conſiderai quãto amou Deos aos homens: em quãto recebidas, & em quanto Chagas de Franciſco, conſiderai quanto póde hum homem amar a Deos. A confuſaõ, que daqui devẽ tirar noſſas ingratidões, fique ao juizo de cadà hum. Oh ſe o temos, que paſmo ſerá o noſſo do immenſo, que devemos a Deos, & do mal que lhe correſpondemos! Não ſei que contas havemos de dar a Deos quando nolas pedir á viſta de S. Franciſco! Eſtou para dizer, que não nos haõ de accuſar menos no dia do Juizo as Chagas de S. Frãciſco, que as Chagas de Chriſto. Em fim Chriſto era Deos, & Franciſco era homem; & á viſta de tanto dever da parte de Deos, & de tanto poder da parte noſſa, não ſei q̃ ha de ſer de nòs, q̃ tam pouco fazemos! Valhanos a graça Divina, penhor da Gloria.

SER-

SERMAÕ
DE
S. ANTONIO,

Em Roma na Igreja dos Portuguezes, ſegunda parte do impreſſo no ſegundo Tomo a folhas 126.

Avia-ſe de prègar no anno ſeguinte, & por enfermidade do Author ſe não prègou.

Sic luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant opera veſtra bona & glorificent Patrem veſtrum, qui in cælis eſt. Matth. 5.

§. I.

279 ASſim como ha dias claros, & eſcuros, aſſim o ſerá o dia de hoje em comparaçaõ do paſſado. Hoje faz hum anno (porque aſſim o pedia a occaſiaõ, & as circunſtancias da ſolemnidade) prèguei aos Portuguezes as luzes da ſua Naçaõ: agora lhes deſcobrirei a elles, & a todos as ſombras deſſas meſmas luzes: para que ſe veja

veja nõ q̃e diſſe, & no que direi., que não foi liſonja, ou affectaçaõ o louvor, pois eu meſmo, & aos meſmos não callo, nem diſſimulo o que nelles ſe não deve louvar. Inventou a Mathematica aquella famoſa Piramide, a qual ferida perpendicularmente do Sol, de tal maneira recolhe em ſi todas as luzes, que não deixa lugar á ſombra. Mas eſte milagre da natureza ſó tem ſemelhante no mayor milagre da graça, Maria ſempre immaculada, da qual com tam admiravel propriedade como verdade ſe diz: *Non habet umbra locum.* Nas outras couſas porèm, por mais illuſtres, & illuſtradas que ſejaõ, nenhũa luz viraõ já mais os olhos humanos tam pura, & tam ſincera, que não ande junta com ſombras.

280 O dia mais claro, & reſplandecente, que amanheceo ao mundo, foi o da Transfiguraçaõ de Chriſto; porque nelle ſe vio o monte Tabor allumiado juntamẽte cõm doũs Soes, hum no Ceo, outro na terra: no Ceo com o Sol natural, que todos viaõ; na terra com o Sol do roſto do meſmo Senhor, que ſó viraõ os que com elle ſubíraõ ao monte: *Reſplenduit facies ejus ſicut Sol.* E neſte dia tam eſclarecido, & neſte monte tam allumiado poderia tambem haver ſombras? Parece que não; porque a ſombra, que fizeſſe hum Sol, a deſfaria o outro. Com tudo he certo que aquelles meſmos olhos, que pela parte do Ceo, & pela da terra não ſó eſtavaõ allumiados, ſenão cercados de Soes; no meſmo dia, & na meſma hora ſe viraõ cubertos de ſombras: *Ecce nubes lucida obumbravit eos.* Atraveſſou-ſe de repente hũa nuvem, que tomando em ſi a enveſtidura dos rayos de ambos os Soes, ſe não eclipſou de todo, aſſombrou hũa, & outra luz; porque não ha neſte mundo luz ſem ſombra. Eſtas ſombras pois, que ſempre ſeguem, &

Matth. 17. 2.

Ibid. 5.

& acompanhaõ a luz, ſeraõ hoje a ſegunda parte daquellas meſmas luzes, que não ſei ſe com tanto applauſo como verdade, inculquei o anno paſſado aos ouvidos Romanos. Entaõ ouvíraõ o que ſomos; agora ouviràõ o que não deveramos ſer. E poſto q̃ para perſuadir o bem he neceſſaria mayor eloquencia, que para declamar, ou declarar o mal; tambem para eſte triſte aſſumpto me he neceſſaria a graça.

Ave Maria

Sic luceat lux veſtra coram hominibus.

281 NA primeira parte, & panegyrica das duas, em que continuo, & divido eſtes dous Sermões, nos moſtrou o Euangelho como o noſſo Sancto Portuguez foi luz do mundo: *Vos eſtis lux mundi.* Neſta ſegunda, que como já inſinuei, ſerá mais declamatoria, que panegyrica, nos diná o meſmo Euangelho o modo, com que luzio eſta luz: *Sic luceat lux veſtra.*

282 Queixava-ſe o anno paſſado (ſe bem vos lembra) a ſua, & noſſa Patria, de ſe ver deixada de hum filho, & tal filho como Antonio. Juſtificava a ſua queixa com o exemplo de Joſeph, que ſe mandou levar morto á terra propria; & agora repete, & aperta a meſma queixa com outro exemplo mais vivo, mais domeſtico, & mais ſeu. Lembra-ſe Liſboa do ſeu famoſo fundador Ulyſſes, tam amante da terra onde naſcèra, que ſendo natural de Itaca, o mais aſpero, & deſconhecido lugar de toda Grecia, antepoz a dureza de ſeus rochedos às delicias, & grandezas mais celebradas do mundo, & depois de o ter viſto, & rodeado todo, o deixou todo por ella. Tanto

Tantõ aſſim, (diz Homero) que prometendo a Deoſa Calypſo a Ulyſſes de lhe conceder a immortalidade ſó com condiçaõ, que ſe deixaſſe ficar, & viver nas terras, que lhe offerecia ; pode tanto com elle o natural ámor da ſua, que não aceitou hũa tal promeſſa ; querendo antes, (como pondera Cicero, & depois delle o ponderou tambem S. Chryſoſtomo) querendo antes morrer na terra propria, que ſer immortal na eſtranha. A' viſta pois deſta fermoſa medalha do amor da Patria, cançada para memoria, & exemplo nos primeiros aliceſſes de ſua fundaçaõ, & não ſe podendo já mais eſquecer della, pois a traz impreſſa no nome ; como ſe não queixaria Lisboa, & como ſe não tornará a queixar da ſequidaõ, por não dizer crueldade, com que ſe vè deixada de hum filho gerado, naſcido, & creado, não ſó no mais alto lugar, mas no mais interior de ſi meſma, como filho do ſeu coraçaõ ? Só póde dizer contra iſto Antonio, que deixa a Patria por ir buſcar o martyrio ; & que ſe moſtra menos humano com os de ſeu proprio ſangue, porque o quer derramar todo por Chriſto. Mas a eſta ſatiſfaçaõ reſponderei depois. O que agora ſó digo ſobre o que já diſſe, he, que aſſim como S. Antonio foi obrigado a deixar Portugal, para ſer Portuguez ; aſſim foi neceſſario, que ſe tiraſſe dentre os Portuguezes, para ſer tam grande homem, & tam grande Santo como foi. Hum dos mayores homens, q̃ houve no mundo, foi Abrahaõ, & a eſte mãdou Deos q̃ ſahiſſe da ſua Patria, & de entre os ſeus para ſer mayor. O mayor Sãto de todos os Sãtos foi o Filho de Deos: & nem iſto baſtou para q̃ podeſſe obrar na ſua Patria as maravilhas, com que aſſombrava as alheas. Para que nem os naturaes ſe eſcandalizem, nem os eſtranhos eſtranhem a diffe-

ferença

ferença do que hoje direi. Mas vamos ao Euangelho.

§. III.

283 *Sic luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant opera veſtra bona, & glorificent Patrem veſtrum, qui in cælis eſt.* De tal modo ha de luzir a voſſa luz diante dos homens, que vejaõ elles as voſſas boas obras, & glorifiquem a Deos. Iſto he o que diz Chriſto a S. Antonio. E iſto não o podia fazer hum Portuguez entre Portuguezes. A primeira couſa, que ſe lhe encarrega neſtas palavras, he que hade luzir a ſua luz: *Sic luceat lux veſtra*: & luzir Portuguez entre Portuguezes, & muito menos luzir com a ſua luz, he couſa muito difficultoſa na noſſa terra. Com a luz alhea vi eu lá luzir alguns; mas com a propria: *Lux veſtra*, nem Santo Antonio, quanto mais os outros. Toda a terra (porque toda he tocada deſte vicio) tem oppoſiçaõ com a luz. A Lua quem a eclipſa? A terra; porque chegaõ lá as ſuas ſombras. E o Sol, onde não chegaõ as ſombras da terra, quem o eſcurece, & encobre cada hora a noſſos olhos? Tambem a terra. Levanta o Sol com ſeus rayos os vapores da terra, & eſſes meſmos vapores, que elle levantou, condenſando-ſe em nuvés, ſaõ os que o não deixaõ luzir. Tomaõ em ſi os reſplandores do meſmo Sol, & dourando-ſe com elles ou o eſcurecem de todo, ou nolo tiraõ dos olhos. Preze-ſe, ou não ſe preze o Sol de eſcurecer as Eſtrellas do Ceo; que lá eſtaõ os vapores da terra, que o eſcureceçaõ a elle.

284 Sendo eſta a condiçaõ natural de toda a terra, como groſſeira em fim, rude, & opaca, & naſcida debaixo das trevas: *Terra erat inanis, & vacua, & tenebræ erant ſuper faciem abyſſi*; nenhũa terra ha com tudo entre todas as do mundo, que mais ſe Genes. 1. 1.

opponha

opponha à luz; que a Lusitania. Outra etymologia lhe dei eu no Sermaõ passado, mas como ha vocabulos, que admitem muitas dirivações, & alguns, que significaõ por antifrasi o contrario do que soaõ; assim o entendo deste nome, posto que tam luzido. O mundo, dizem os Grammaticos, que se chama mundo, *Quia minime mundus*; & a morte Parca, *Quia nemini parcit*. E assim como o mundo se chama mundo, porq̃ he immundo, & a morte se chama Parca, porque a ninguem perdoa; assim a nossa terra se póde chamar Lusitania, porque a ninguem deixa luzir. Não he S. Isidoro, nem Marco Varro o Author desta funesta etymologia, senão a mesma natureza, & o mesmo Ceo com o curso, & occaso de suas luzes. A terra mais occidental de todas he a Lusitania. E porque se chama Occidente aquella parte do mundo? Por ventura, porque vivem alli menos, ou morrem mais os homens? Não; senão porque alli vaõ morrer, alli acabaõ, alli se sepultaõ, & se escondem todas as luzes do firmamento. Sahe no Oriente o Sol com o dia coroado de rayos, como Rey, & fonte da luz: sahe a Lua, & as Estrellas com a noite, como tochas accesas, & scintillantes contra a escuridade das trevas, sobem por sua ordem ao Zenith, daõ volta ao globo do mundo, resplandecendo sempre, & allumiando terras, & mares; mas em chegando aos Orizontes da Lusitania, alli se affogaõ os rayos, alli se sepultaõ os resplandores, alli desapparece, & perece toda aquella pompa de luzes.

285 E se isto succede aos lumes celestes, & immortaes; que nos lastimamos, senhores, de ler os mesmos exẽplos nas nossas Historias? Que foi hũ Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi hum Duarte Pacheco? Que foi hum D. Joaõ de Castro?

Que foi hũm Nuno da Cunha, & tantos outros Heroes famoſos, ſenão huns Aſtros, & Planetas lucidiſſimos, que aſſim como allumiáraõ com eſtupendo reſplandor aquelle glorioſo ſeculo, aſſim eſcurecèraõ todos os paſſados? Cada hum era na gravidade do aſpecto hum Saturno, no valor militar hum Marte, na prudencia, & diligencia hum Mercurio, na altiveza, & magnanimidade hum Jupiter, na Fè, & na Religiaõ, & no zelo de a propagar, & eſtender entre aquellas vaſtiſſimas Gentilidades hum Sol. Mas depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo eſtes Aſtros, ou indigites da noſſa Naçaõ, onde foraõ parar, quando chegáraõ a ella? Hum vereis privado com infamia do governo, outro prezo, & morto em hum Hoſpital, outro retirado, & mudo em hum deſerto, & o melhor livrado de todos, o que ſe mandou ſepultar nas ondas do Oceano, encomendando aos ventos levaſſem à ſua Patria as ultimas vozes, com que della ſe deſpedia: *Ingrata Patria non poſſidebis oſſa mea.*

286 Vede agora ſe tinha eu razaõ para dizer, que he natureza, ou má condiçaõ da noſſa Luſitania não poder conſentir q̃ luzaõ os que naſcem nella. E vede tambem ſe podia S. Antonio deixar de deixar a Patria, ſendo filho de hũa terra, onde ſe não conſente o luzir, & tendolhe mandado Chriſto, que luziſſe: *Sic luceat lux veſtra.*

287 Eu não direi que S. Joaõ no ſeu Apocalypſe levantou figura aos q̃ naſcem em Portugal; mas ha muitos dias que naquellas ſuas viſões de Patmos tenho obſervado hũa notavel pintura, na qual eſtaõ retratadas ao vivo as fortunas, ou influencias deſte fatal naſcimento. *Signum magnum apparuit in cælo mulier amicta Sole, & Luna ſub pedibus ejus; & in capite ejus corona Stellarum duodecim* Apoc. 12.1.2. 3.4.

duodecim: & in utero habens, clamabat parturiens. Visum est & aliud signum in cælo: & ecce Draco magnus: & Draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset, filium ejus devoraret. Esta he em summa a historia da visaõ, na qual diz o Euangelista, q̃ vio primeiramente hũa mulher vestida do Sol, coroada de Estrellas, & cõ a Lua debaixo dos pès, a qual estava de parto, & dava vozes. E que logo appareceo diante desta mulher hum grande Dragõ, o quál com a boca aberta estava esperando, que sahisse a luz o filho para lho tragar, & comer, tanto que nascesse. Infelice menino, antes destinado às unhas, & dentes do Dragaõ, que nascido! Mas que Dragaõ, que mulher, & que filho he este? O enigma he tam claro, que pelas figuras sem letra se póde entender. A mulher vestida de luzes, o mesmo nome diz, q̃ he a Lusitania: as luzes saõ as que ouvistes o anno passado; & o ter à Lua debaixo dos pès, he a mayor expressaõ da mesma figura; porque a Lusitania foi a primeira em toda Espanha, que sacudio o jugo dos Sarracenos, & tantas vezes entaõ, & depois meteo debaixo dos pès as Luas Mahometanas. O parto, que a fazia bradar, saõ os filhos, ou partos da Lusitania, não todos, senão aquelles, com que ella dá brado no mundo. E o Dragaõ finalmente já preparado, & armado para tragar esses filhos, he aquelle mesmo Dragaõ, que Portugal tem por timbre das suas armas; porque he timbre da nossa Naçaõ tanto que sahe à luz quem pòde luzir, tragalo logo, para que não luza. De maneira que a mulher, & o Dragaõ em taõ differentes figuras, hũa humana, outra sem humanidade, ambas vem a ser a mesma cousa; porque como mulher pare os filhos, & como Dragaõ os traga depois de nascidos.

288 Os explorado-

res, qũe foraõ deſcobrir, & informar-ſe da terra de Promiſſaõ, de tal maneira a deſcrevèraõ, que parece definíraõ a noſſa. **Tres** couſas diſſeraõ, todas grãdes, & notaveis; mas a terceira aſſombroſa, & terrivel, & para todos fugirem de tal terra. Diſſeraõ que era tam fertil, & de clima tam benigno, que os rios manavaõ mel, & leite: *Venimus in terram, ad quam miſiſti nos, quæ revera fluit lacte, & melle.* Num. 15.28. 29.33. Diſſeraõ mais, que viraõ nella homens da geraçaõ dos Gigantes: *Stirpem Enoc vidimus ibi.* E ſobre eſtas duas prerogativas tam ſingulares, a terceira, que acreſcétáraõ, foi, que era hũa terra, que comia, & tragava os ſeus naturaes: *Terra, quam luſtravimus, devorat habitatores ſuos.* Julgai ſe quadra bem toda a definiçaõ à noſſa terra. He tal na benignidade dos ares, na fertilidade dos campos, na affluencia dos rios, que chamando-ſe antigamente Lethes, o que hoje ſe chama Limã, hẽ opiniaõ de muitos Authores, que o temperamento, & delicias da Luſitania foraõ as que deraõ motivo à fabula dos campos Elyſios. Que na meſma terra ſe conſerve a geraçaõ dos Gigantes, iſto he, de homens mayores q̃ os outros homens, tambem o não póde negar, quem tiver lido as antiguidades do mundo. Baſta por exẽplo ſerem os Luſitanos, os que com ſeu Rey Siculo, filho de Luſo, debellãraõ em Sicilia os Cyclopes, & deixáraõ eternizada eſta vitoria no meſmo nome de ſeus habitadores, os quaes deſde entaõ ſe chamáraõ Siculos. Mas que importaõ eſtas excellencias, & outras que ſe podèraõ dizer ſem liſonja, ſe o clima, ou conſtellaçaõ natural da meſma terra he tam alhea de humanidade que come ſeus proprios filhos? Que importa que como mãy ſeja tam felizmente fecunda nos partos, que os gere de tam eminente eſtatura; ſe como

Dragaõ

Dragaõ peçonhento, com raiva de os ver tam grandes, os morde, os roe, os abocanha, os ataçalha, & não deſcança atè os engolir, & devorar de todo: *Terra devorat habitatores ſuos.*

§. IV.

289 AGora ſim que já poſſo reſpõder a S. Antonio, & confutar a ſua eſcuſa. De maneira, meu Santo, que deixais Portugal, & vos embarcais para Africa, porque dizeis, que ides buſcar o martyrio? Antes por iſſo meſmo vos não deveis ſahir da voſſa Patria. Não tendes vòs já encerrado no peito aquelle grande theſouro de ſabedoria, & eloquencia, com que depois haveis de eſclarecer, & aſſombrar o mundo, & agora a voſſa modeſtia, & humildade encobre, & diſſimula, & quaſi contra o conſelho deſte meſmo Euangelho tem eſcondido debaixo do meyo alqueire: *Neque enim accendunt lucernam, & ponunt eam ſub modio?* Eſcuſado he logo ir buſcar o martyrio incerto por mar em terras eſtranhas, ſe o tendes mais breve, & mais ſeguro na meſma, onde naceſtes. Amanheçaõ em Coimbra os reſplandores deſſa Theologia, que depois hade ter a primeira cadeira na ſegunda Religiaõ, de que tendes tomado o habito: paſſai com os eccos deſſa fama a Lisboa, & começai a levar apòs vós a Corte com a eloquẽcia mais que humana deſſa lingua immortal, & eu vos prometo (não tanto que ella fallar, ſenão depois q̃ for fallada) que não faltem naturaes voſſos, que vos façaõ martyr. Não vos aſſeguro rodas de navalhas, nem boys de metal, porque la não ſe martyriza com tanto engenho. Mas ſe vos contentais com martyrio mais aparelhado, & mais vulgar, de ſeres logo hum S. Sebaſtiaõ não o duvideis. Todos os rayos, que de ſi deſpedir a

vossa luz, se haõ de converter em settas, que se empreguem em vòs. O vosso nome hade ser o aplauso de todas as vozes, & o vosso corpo o alvo de todas as settas. Não vos hade valer seres filho de S. Francisco, hũa vez que mostrardes que sois geraçaõ de Gigante: *Stirpem Enoc vidimus ibi.*

290 Appareceo Saul no meyo do Povo de Israel em occasiaõ, que estava junto em Cortes, & diz o Texto sagrado, que era de tam alta, & agigantada estatura, que do hombro para cima excedia a todos: *Stetitque in medio populi, & altior fuit universo populo ab humero, & sursum.* 1.Reg. 10.23. E vós Saul sois tam grande na terra onde nascestes, que os mayores, quando muito, vos daõ pelo hombro, & com toda a cabeça sobrepujais a todos? ora esperai pelos effeitos desta vossa tam bizarra estatura, & vereis a fortuna, que com ella vos aguarda. Deu-se a fatal batalha dos campos de Gelboe, & posto que na confusaõ dos grandes exercitos, quando se combatem, apenas se conhece distinçaõ de homẽs a homens, como Saul avultava tanto entre a multidaõ, sobre elle carregou todo o pezo da batalha, & nelle se empregáraõ todas as settas: *Totum pondus prælii versum est in Saul: & vulneratus est vehementer à sagittariis.* 1.Reg. 31.3. Os sete montes daquella Cidade, em hum dos quaes nasceo S. Antonio, todos saõ montes de Gelboe. Alli está encantada a fatalidade dos que fez a natureza, ou a fortuna mayores que os outros. Contra elles se armaõ as batalhas, contra elles se tiraõ as settas, & sobre elles descarrega todo o pezo da guerra: porque a enveja, como filha primogenita da soberba, peza para cima, & todos seus tiros se assestaõ contra o mais alto. Não debalde domina sobre Portugal o Sagittario; porq̃ este he o signo, em q̃ lá nascem todos

dos os que saõ apontados com o dedo, para que cõtra elles se apontem as settas. Escusadamente vai logo provocar as dos arcos Turquescos a Africa, quẽ as tinha tam aparelhadas na Patria, & tam certas na sua propria grandeza.

291 Essa foi, se eu me não engano, a providencia daquella inopinada enfermidade, com que apenas tinha posto os pès S. Antonio nas prayas Africanas, quando foi outra vez obrigado a se embarcar para os ares patrios, como se lhe differa Deos: Vens buscar o martyrio a Berberia, deixando Portugal, & Lisboa? Torna, torna para donde viesse, q̃ tambem lá ha Marrocos, & Tituões. Para a terra de seu nascimento mandou Deos tornar o Adaõ: *In terram de qua sumptus es*: & não porque aquella terra da sua Patria fosse mais sádia, senão para que nella morresse com dobrada dor, em pena de ter comido da arvore da Sciencia. Não havia outra terra para onde o desterrar, senão para aquella mesma, em que nascèra? A sua Patria hade ser o seu desterro? O tiralo della foi o mayor favor, & o tornar para ella hade ser castigo? Sim; porque sendo aquella terra tam felice no primeiro parto, que gerou, o primeiro homem do mundo; foi tam maldita no segundo, que não produzio mais que abrolhos, & espinhos contra esse mesmo homem, que della nascèra: *Spinas, & tribulos germinabit tibi.* Deixe-se ficar Antonio no cãpo Damasceno da sua Patria, & se já a tem deixado, torne para ella, que nella achará, se souber o que sabe, quanto hia buscar tam longe. Quando S. Antonio depois de comer da arvore da Sabedoria em tam profundos estudos, se escondeo como Adaõ, bem sabia que na sua Patria tãbem he delito o muito saber, posto que não seja por desobediencia, mas por mais obedecer, & servir a

Genes. 3. 19.

Ibid. 18.

Deos. Manifeſte pois á ſua terra o que ſabe, deixe luzir (pois aſſim lho manda Chriſto) a ſua luz, & experimentará logo que eſta meſma terra, que o fez o primeiro homem, em lugar de lhe tecer coroas de louro, ſe arma de eſpinhos, & abrolhos, com que o martyrize: *Spinas, & tribulos germinabit tibi.*

§. V.

292 MAs como Deos não queria de Antonio o ſeu martyrio, a nova providencia de hũa furioſa tempeſtade o derrotou da Patria, para onde tornava, & o levou a tomar porto em Italia. E porque, ou para que? Porque Deos lhe tinha mandado que luziſſe a ſua luz diante dos homens: *Sic luceat lux veſtra coram hominibus.* E para a ſua luz luzir diante dos homens, era neceſſario que o meſmo Deos o levaſſe a terra, onde houveſſe homens, diante dos quaes ſe podeſſe luzir. Oh terra verdadeiramente bemdita, Patria da verdade, aſylo da razaõ, Metropoli da juſtiça; que não debalde te eſcolheo Deos para collocar em ti o ſeu eterno ſolio! Quaſi eſtou para dizer, que aquella figura do Apocalypſe, que expliquei enigmaticamente, não ſó he, ou foi enigma, ſenão hiſtoria, ou profecia literal deſte ſucceſſo de S. Antonio. Diſſemos que a mulher veſtida de luzes era a Luſitania: diſſemos que o Dragaõ, que eſtava eſperando com a boca aberta, para tragar o parto, que della naſceſſe, era o timbre das ſuas armas, & a deshumanidade natural, com que trata ſeus filhos: agora vede como o filho, que entaõ naſceo, & eſcapou dos dentes do Dragaõ, foi S. Antonio. *Et peperit filium maſculum, qui rectturus erat omnes gentes in virgâ ferreâ, & raptus eſt filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* E pario (continua o Texto) hum filho varaõ, o qual havia Apoc. 12. 5.

de

de reger todas as gentes com vara de ferro, & logo foi arrebatado da preſença da Mãy, & do Dragaõ, & levado a Deos, & ao ſeu throno.

293 Primeiro que tudo, não faça duvida dizer o Texto que eſte filho havia de reger as gentes com vara de ferro; porque he propriedade dos termos, ou titulos, com que na Eſcritura ſe deſcrevem os q̃ Deos elege, & conſtitue (como elegeo, & conſtituhio a S. Antonio) para Prègadores univerſaes do mundo: *Ego autem conſtitutus ſum Rex ab eo ſuper Sion montem ſanctum ejus prædicans præceptum ejus: Reges eos in virgâ ferreâ, & tamquam vas figuli confringes eos.* Aſſim regia, & encaminhava S. Antonio cõ a ley, & preceitos Divinos todas as gentes a que prègava. E aſſim confundia, & quebrantava os rebeldes com vara, & efficacia propriamente de ferro: que por iſſo foi chamado por excellencia Martello das Hereſias; *Perpetuus hæreticorum malleus.* Eſte filho pois, prodigioſo parto da Luſitania, que Deos tinha deſtinado a tam glorioſos fins, para o livrar aſſim da meſma Mãy, como das unhas do Dragaõ, de que não podia eſcapar, depois de ſahir à luz do mundo; diz o Texto, que foi arrebatado com violencia, *raptus eſt*; porque o arrebatou do caminho, que levava para a Patria, a violencia da tempeſtade. E diz mais, que foi levado a Deos, & ao ſeu throno, *ad Deum, & ad thronum ejus*; porque a meſma violencia dos ventos o levou a Italia, & a Roma, onde Deos tem ſeu throno na terra.

Pſalm. 26.9.

294 Já agora, meu Santo, pòde luzir a voſſa luz diante dos homens: *Sic luceat lux veſtra coram hominibus*; porque já eſtais em terra de homens, diante dos quaes ſe pòde luzir. Tanto vos era neceſſaria a auſencia de huns, como a preſença dos outros. Já os meſmos

meſmos Summos Pontifices vos chamaõ Arca do Teſtamento: já as voſſas vozes ſaõ ouvidas como oraculos: já as voſſas razões, & ſentenças ſaõ recebidas, & veneradas como Divinas. E não porque vòs hoje ſejais outro do q̃ dantes ereis, nem outros os documentos da voſſa doutrina; mas porque tanto vai de lugar a lugar, & de homens a homens, *Coram hominibus.*

295 Eſta felicidade de achar S. Antonio homens, diante dos quaes luziſſe a ſua luz, como o Senhor lhe mandava, foi na minha opiniaõ hũa das mayores graças, que o meſmo Senhor lhe concedeo; porque ſendo muito poucos no mundo os homens, que podem luzir; aquelles, diante dos quaes ſe poſſa luzir, ainda ſaõ muito menos. Todos os dias ouvimos no Euangelho de S. Joaõ hũa couſa, em que eu não acabo de reparar. *Fuit homo miſſus à Deo, cui nomen erat Joannes: hic venit in teſtimoniũ, ut teſtimonium perhiberet de lumine.* Ouve, diz, naquelle tempo hum homem, mandado por Deos, o qual veyo para ſer teſtemunha, & teſtemunhar da luz. A luz não ha miſter teſtemunhas; porque ella por ſi meſma, & ſem mais prova demoſtra o que he. Quanto mais que a luz, de que fallava o Euangeliſta, (como elle meſmo acabava de dizer) era a luz verdadeira, & fonte de toda a luz, Chriſto, que allumia todos os homens: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* Pois ſe todos os homens viaõ eſſa meſma luz, porque foi neceſſario que mandaſſe Deos hum homem como o Baptiſta, para que teſtemunhaſſe della? Porque tam raros ſaõ como iſto no mundo os homens, que poſſaõ teſtemunhar da luz. Poder ver a luz, & ſer allumiado della, he de todos os homens: *Quæ illuminat omnem hominem.* Mas fazer verda-

Joann. 1. 6. 7.

Ibid. 9.

verdadeiro conceito deſſa meſma luz, & dizer, & teſtemunhar o que ella he, *Ut teſtimonium perhiberet de lumine*, para iſſo apenas ſe acha no mundo hum homem, & eſſe mandado por Deos: *Fuit homo miſſus à Deo.* Teſtemunhar o Baptiſta de Chriſto, como diſcretamente notou Saõ Gregorio Nazianzeno, era allumiar o Sol com hũa candea; & ſendo iſto hũa couſa, que não ſó parece ſuperflua, mas ridicula, teve neceſſidade o Sol deſta candea, para que entre os homens houveſſe hum, que teſtemunhaſſe da ſua luz como merecia: *Ut teſtimonium perhiberet de lumine.*

296 E ſe quizermos examinar a cauſa deſte effeito tam contrario à natureza da meſma luz, acharemos que todo procede não da luz, ſenão dos homens. O meſmo S. Joaõ o diſſe: *Lux venit in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* Veyo a luz ao mundo, & os homens (quem tal havia de imaginar?) amaraõ mais as trevas, que a luz. Quantas vezes ſe vè iſto no mundo, & eu o tenho viſto? Ver aos que luzem, he para rir; & ver os que não luzem, para chorar: *Dilexerunt magis tenebras, quàm lucem.* As trevas amadas, veneradas, & applaudidas, como ſe foraõ luz, & a luz aborrecida, deſeſtimada, & perſeguida, como ſe fora trevas. Tal he, & tal coſtuma ſer o juizo dos homens, ou ſeja por ignorancia, ou por malicia. Mas que remedio terá a luz para não ſer aborrecida de tal gente? Se he aborrecida, porque veyo ao mundo, *Lux venit in mundum*, vá-ſe do mundo, & não ſerá aborrecida. Aſſim o cuidava eu, & aſſim creyo que baſtára para com alguns homens, mas não para com todos.

297 Diz Plinio, que os homens do monte Atlante todos os dias amaldiçoaõ o Sol duas vezes; hũa

hũa quando naſce, & outra quando ſe poem: *Solem orientem, occidentemque dirâ imprecatione intuentur.* O monte Atlante he aquelle tam bem opinado entre os homens, que delle ſe diz, & celebra que ſuſtenta o Ceo com ſeus hõbros, & que o meſmo Ceo havia de cahir, ſe aquella forte columna o não ſuſtentára. Pois ſe com tanto trabalho, & tanto zelo ſe ſuſtenta neſte monte o Ceo, para que não caya; a melhor joya, & mayor luſtre do meſmo Ceo, que he o Sol, como he tam aborrecido, & anatematizado no meſmo monte? Dirmeheis que tudo iſto he fabula, & mentira: & que a verdadeira razaõ deſte odio he; porque os moradores do monte Atlante ſaõ os Ethiopes mais aduſtos, como mais viſinhos, ou menos defendidos do Sol, & por iſſo aborrecem tanto a luz dos ſeus rayos, porque aos outros homẽs allumia, & a elles queima. Mas ſe iſto aſſim he, como he; aborreçaõ os do monte Atlante ao Sol, quando naſce, & não quando ſe poem. Se o recebem com maldições, quando vem, demlhe graças, & louvores, quando ſe vai. Mas quando vem, & apparece diante deſtes homẽs, aborrecido na preſença; & quãdo ſe vai, & os deixa, tambem aborrecido, & perſeguido na auſencia: *Orientem, occidentemque?* Sim; porq̃ o Sol, ainda q̃ ſe vai, vai para tornar, *A ſummo cælo egreſſio ejus, & occurſus ejus uſque ad ſummum ejus.* Vá-ſe pois o Sol, & deſappareça de hũa vez para ſempre, & logo nem os do Atlante terão quem os queime, nem o Sol quem o injurie.

Plin. l. 5. c. 8.

Pſalm. 18. 6.

§. VI.

298 ISto he o que fez S. Antonio: não ſó ſe foi da ſua terra, ſenão para ſempre, & para nunca mais tornar a ella. Nem o Santo podia deixar de o fazer aſſim, ſuppoſto o preceito

preceito Divino, & o fim, & intento delle. O fim, & intento do preceito de Chriſto era : *Ut videant opera veſtra bona* : que de tal maneira luziſſe diante dos homens, que elles viſſem ſuas obras boas, & nada diſto podia ſer ſe Santo Antonio ficaſſe na Patria, & quizeſſe luzir nella. E porque razaõ, ou ſemrazaõ ? Por tantas, quantas ſaõ as palavras do meſmo preceito : *Ut videant opera veſtra bona.* Elle havia de fazer as obras, *Opera veſtra* : os homens haviaõ-nas de ver, *Ut videant :* & eſſas obras viſtas haviaõ de ſer boas, *bona* : & nenhũa deſtas couſas podia S. Antonio conſeguir entre os da ſua Patria, por outras tantas razões. Primeira ; porque não havia de poder fazer eſſas obras : Segunda ; porque ainda que as fizeſſe, não as haviaõ de ver os homens : Terceira ; porque ainda que as fizeſſe, & elles as viſſem, não haviaõ de ſer boas: *Ut videant opera veſtra bona.* Daime agora attençaõ.

299 Primeiramente digo, que aquellas obras, que o Euangelho recomẽda a S. Antonio, elle as não havia de fazer, nem as podia fazer na ſua Patria, & não por falta de virtude no Santo, ſenão por defeito, ou eſterilidade natural da terra, em que naſceo. Não he couſa nova na natureza haver terras, que ſaõ fecundas para as plantas, & eſtereis para os frutos. Saõ fecundas para as plantas, porque ellas produzem as arvores : & ſaõ eſtereis para os frutos, porque eſſas meſmas arvores não podem produzir os frutos, em quanto eſtaõ nellas. Por eſta razaõ, & experiencia inventou a Agricultura o remedio do tranſplantar, arrancando, ou deſterrando as plantas da terra onde naſcèraõ, & paſſando-as a outras, onde frutifiquem. Iſto he o que fez, ou ſuccedeo a S. Antonio, do qual parece que profetizou David, quando no Texto Hebreo, em que fallava, diſſe : *Erit*

tamquam

Pſalm. 1. 3. *tamquam lignum ; quod tranſplantatum eſt, & fructum ſuum dabit.* Os milagres, & obras prodigioſas, com que S. Antonio admirava, & convertia o mundo em Italia, & França, eraõ frutos daquella generoſa planta, mas tranſplantada: *Tamquam lignũ, quod tranſplantatum eſt.* Porque ſe Deos (que tambem he Agricultor, *Pater meus Agricola eſt*) o deixára ficar na terra onde naſceo, nenhũa deſſas maravilhas havia de obrar, nenhum deſſes frutos havia de produzir, não por defeito da planta, ſenão por vicio da terra.

Joann. 15. 1.

300 He a noſſa terra, (porque ſe não queixe de que lhe digo injurias) como a Patria de Chriſto. Obrava Chriſto Senhor noſſo por toda a parte aquella multidaõ de milagres, tantos, tam continuos, & tam eſtupendos como ſabemos; mas tanto que chegava à ſua Patria, (aſſim como o Manná ceſſou, tanto que chegou á terra de Promiſſaõ) aſſim ceſſava, & ſe ſuſpendia, & ficava totalmente parada aquella corrente celeſtial, & benefica de maravilhas; com que ſoccorria, remediava, & admirava a todos. S. Marcos chegou a dizer que Chriſto na ſua Patria não podia fazer milagre algum: *Abiit in Patriam ſuam, & non poterat ibi virtutem ullam facere.* Ainda na boca de hum Euangeliſta parece duvidoſa eſta propoſiçaõ. Chriſto, em quanto Deos, não era omnipotente por natureza, & em quanto homem, não era tambem omnipotente por communicaçaõ, & por graça? Aſſim o crè, & confeſſa a noſſa Fè. Pois como he poſſivel que hum Homem Deos, & por hum, & por outro modo omnipotente, não podeſſe fazer milagres na ſua Patria? Aqui vereis q̃ couſa he a Patria. E ſe tanta reſiſtencia, & contradiçaõ experimentou a omnipotencia ordinaria; q̃ ſeria a delegada de S. Antonio?

Marc. 6. 1. 5.

Reſpon-

301 Reſpondeo Chriſto a eſte eſcandalo com aquelle Proverbio univerſal: *Non eſt Propheta ſine honore, niſi in patria ſua*: Não ha Profeta ſem honra ſenão na ſua Patria: Deſorte que toda eſta repugnancia, ou todo eſte impoſſivel topava na honra. E como he vicio natural da Patria não ſofrer, nem poder ver mais honrado a quem naſceo nella; porque a Patria naõ podia ſofrer a hõra de Chriſto, não podia Chriſto na Patria fazer os milagres. Para os milagres honrarem a Chriſto na ſua Patria, era neceſſario que os da meſma Patria creſſem, que eraõ verdadeiros milagres. Mas elles, diz o Euangeliſta, eraõ tam duros, & tam incredulos, que não criaõ que hum homẽ ſeu natural podeſſe fazer obras ſobrenaturaes, & por iſſo o Senhor as não podia fazer: *Non poterat ibi ullam virtutem facere: & mirabatur propter incredulitatem eorum.* Reparemos muito neſta ultima clauſula, & na connexaõ della com a antecedente. Diz o Euangeliſta, que não podia Chriſto fazer milagres na ſua Patria, & que o meſmo Senhor ſe admirava muito, de que a incredulidade dos ſeus naturaes foſſe a cauſa de não poder fazer os milagres: *Et mirabatur propter incredulitatem eorum.* Pois porque elles não criaõ que Chriſto podeſſe, por iſſo Chriſto não podia? Sim & o meſmo Meſtre Divino declarou o ſegredo deſte impoſſivel noutra occaſiaõ.

302 Pediolhe hum pay a ſaude milagroſa para hum filho, dizendo: *Si quid potes, adjuva nos*: Se he que podeis, favoreceime a mim, & a eſte filho. E o Senhor reſpondeo: *Si potes credere, omnia poſſibilia ſunt credenti*: Se tu podes crer, tudo he poſſivel a quem crè. Notai, que não diſſe, tudo me he poſſivel a mim, porque ſou omnipotente; ſenão, tudo te he poſſivel a ti, ſe cres, que eu poſſo. E a razaõ he; porque ſegundo

Marc. 9. 21.

Ibid. 22.

do a diſpoſiçaõ condicional da Providencia Divina, para ſe fazer hum milagre ſaõ neceſſarias duas poſſibilidades; hũa activa, da parte de Deos, que faz o milagre, que he a Omnipotencia; & outra paſſiva, da parte do homem, a quem ſe faz, que he a credulidade. E como nos naturaes de Chriſto faltava eſta ſegunda poſſibilidade, & pela enveja natural, que naſce com os que naſcem na meſma Patria, não podiaõ crer (nem querer) que Chriſto naſcido entre elles fizeſſe milagres; por iſſo o meſmo Senhor não podia na ſua terra, o que podia em todas: *Non poterat ibi.*

303 Oh Patria tam naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tam grandes, & tam illuſtres terias, ſe aſſim como naſcem de ti, não naſcèra juntamente de ti, & com elles a enveja, que os affoga no meſmo naſcimento, & os não deixa luzir, nem creſcer! Aquelle trigõ mal-logrado do Euangelho, que cahio entre eſpinhas, diz o Texto, que as eſpinhas, que juntamente naſcèraõ com elle, o affogáraõ: *Et ſimul exortæ ſpinæ ſuffocaverunt illud.* Note-ſe muito muito o *ſimul exortæ.* Não ha couſa, que mais pique, nem de que mais ſe piquem os naturaes, que da emulaçaõ, & enveja. Eſtas ſaõ as eſpinhas, que affogaõ logo deſde ſeu naſcimento os que naſcem na meſma terra: & eſtas ſaõ as que haviaõ de affogar na noſſa a S. Antonio, para que naõ obraſſe fóra della o que obrou, nem obraria, ſenão fugiſſe della. Luc. 8. 7.

304 Mas que muito que houveſſe de ſucceder a S. Antonio com os da ſua, o que ſuccedeo ao meſmo Deos, depois que teve Patria? Impugnavaõ, & contradiziaõ os de Nazareth Patria de Chriſto a fama das maravilhas do Senhor; & houve hum, que ſe atreveo a lhe dizer em preſença:

Luc. 4. 23. ça : *Quanta audivimus facta in Capharnaum, fac & hîc in patriâ tuâ.* Iſto que ouvimos de voſſas maravilhas ao longe, não o veremos ao perto ? Deſſes milagres tantos, & tam famoſos, que fazeis nas outras partes, não fareis tambem algum aqui na voſſa Patria ? Não ; & por iſſo meſmo. Na terra, onde naſcem os milagroſos, não naſcem, nem ſe daõ os milagres. O que ſó não póde eſtorvar a Patria, he, que cheguem lá os eccos da fama, & que de boa, ou má vontade ſejaõ ouvidos : *Quanta audivimus.* Aſſim chegavaõ, & ſe ouviaõ de longe em Portugal as maravilhas do ſeu grande Portuguez : & poſto que não ſei ſe eraõ tam cridas, & applaudidas entaõ, como mereciaõ; o que ſó poſſo affirmar ſem eſcrupulo, he, que não ſeriaõ taõ bem ouvidas na terra propria, como elle era ouvido nas eſtranhas. Ouviaõ, que quando prègava Antonio, ceſſavaõ todos os outros exercicios mecanicos, civís, & politicos ; porque os Lavradores deixavaõ os arados, os Mercadores as tendas, os Miniſtros os Tribunaes, os Cortezaõs os Palacios, & os theatros : *Quanta audivimus!* Ouviaõ que ſe deſpovoavaõ as Cidades; & que não cabendo a multidaõ immenſa nos Templos, era obrigado a prègar nos campos, & que prègando em hũa ſó lingua, ſendo de differentes Nações os ouvintes, todos o entendiaõ, como ſe fallára na ſua : *Quanta audivimus* ! Ouviaõ, que veſtido de burel, & deſcalço hia cercado de guardas, & defendido de homens armados, os quaes mal podiaõ reſiſtir o pezo, & tumulto das gentes, que concorriaõ a lhe beijar o habito, & roubar algum fio delle, como precioſa reliquia : *Quanta audivimus* ! Ouviaõ, que ſe o não queriaõ ouvir os Hereges obſtinados, para cõfundir ſua dureza, & rebeldia, hia prègar aos peixes;

xes, & q̃ẽ elles chamados da ſua voz concorriaõ de todo o mar em cardumes, grandes, & pequenos, & poſtos por ſua ordem com as cabeças fóra d'agua, como ſe tiveraõ o uſo de razaõ, que faltava aos homens, eſcutavaõ attentos o que o Santo lhes dizia, & aſſentiaõ a tudo: *Quanta audivimus*! Ouviaõ, que armando-ſe hũa horrenda tempeſtade ſobre o povo innumeravel, que no campo deſcuberto ouvia ao Santo, elle os aſſegurou que ninguem ſe inquietaſſe, ou moveſſe, & voltado para o Ceo eſcuro, & medonho, com o aceno ſómẽte de hũa maõ emmudeceo os trovões, apagou os relampagos, & ſuſpendeo as nuvens, as quaes não tiveraõ licença para chover, ſenão depois de recolhidos todos a ſuas caſas: *Quanta audivimus*! Ouviaõ, que encomendando-ſe a Antonio, os cegos viaõ, os ſurdos ouviaõ, os mancos andavaõ, os mudos fallavaõ, os enfermos de todas as enfermidades ſaravaõ, & atè os mortos, invocado o Santo por boca dos vivos, reſuſcitavaõ: ſendo muito mais admiraveis reſurreições as de infinitos peccadores, que mortos, & ſepultados em todo o genero de vicios, por força da palavra Divina pronunciada pela boca de Antonio, ſe convertiaõ à penitencia, & reſtituhiaõ à graça: *Quanta audivimus*! Todas eſtas, & outras muitas maravilhas ſe ouviaõ em Portugal, & Liſboa, onde as levava a fama: mas que o meſmo Santo, que tantos, & tam prodigioſos milagres obrava nas terras eſtranhas, os fizeſſe tambem na ſua: *Fac hìc in patria tua*, iſſo não; porque não podia ſer: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

305 Vejo com tudo que todos eſtaõ reclamando contra eſta doutrina, & argumentando contra a verdade della, não menos que demonſtrativamente, & com a experiencia. Porque

que ſabemos, que S. Antonio foi a Lisboa para livrar a ſeu pay condemnado falſamente por hum homicidio; & que em preſença de todo o povo, & Miniſtros da juſtiça, que o levavaõ ao ſupplicio, reſuſcitou o meſmo morto; & que eſte declarou a verdade, & depoz juridicamente q̃ não era aquelle o homem, que o matàra. Pois ſe S. Antonio fez eſte eſtupendo milagre em Liſboa, & dentro dos muros della, & no adro da meſma Sè, junto ás caſas, onde o meſmo Santo naſceo; como digo eu, nem poſſo provar com verdade, que S. Antonio não havia, nem podia fazer milagres na ſua Patria? Agradeçovos muito a inſtancia, que he bem apertada; & tambem eſpero que me haveis de agradecer a ſoluçaõ. Reſpondo, & concedo que S. Antonio fez eſte milagre, & tambem outro ſemelhãte em Lisboa; mas o Santo Antonio, que fez os milagres em Lisboa, não era o naſcido em Lisboa. Ora vede. Quando hum Santo apparece realmente em algũa terra diſtante, póde ſer por hum de deus modos: ou levado lá, como levou o Anjo ao Profeta Abacuc a Babylonia: ou reproduzindo-o Deos, & ficando onde eſtava, como Chriſto eſtá no Ceo, & juntamente no Sacramento. Deſte ſegundo modo he que fez S. Antonio os milagres em Lisboa, não levado, ſenão reproduzido; porque no meſmo tempo ficou, & eſtava em Italia, prègando, & inclinado ſobre o Pulpito, como diz a Hiſtoria. E como o Santo, que fez os milagres, era S. Antonio reproduzido, não era Santo Antonio naſcido em Lisboa. O Santo Antonio naſcido em Lisboa, eſſe ficou cá em Italia: o que obrou lá o milagre, era o meſmo S. Antonio ſim, mas reproduzido, & naſcido de novo nas mãos da omnipotencia. De ſorte q̃ para S. Antonio fazer mi-

lagres em Lisboa, foi necessario que Deos lhe désse outro segundo, & novo nascimento, & assim segũda vez nascido fizesse o milagre na terra, onde não nascèra.

306 Quando chegou aos ouvidos d'ElRey Herodes a fama dos grandes milagres, que Christo obrava, entrou o Rey em hum pensamento notavel. Presumio, & disse, que aquelle homem não era Christo, senão o Baptista resuscitado, & que por isso fazia tantos milagres: *Joannes Baptista surrexit à mortuis, & ideo virtutes operantur in eo.* Consta do Euangelho que o Baptista não fez milagre algum em sua vida: *Joannes nullum signum fecit.* Pois se o Baptista não fez milagres em quanto vivo; donde se colhe, que os faria depois resuscitado? Porque a resurreiçaõ he hum segundo nascimento do mesmo homem, que por isso se chama regeneraçaõ: & a graça, que não teve o mayor dos nascidos no primeiro nascimento, era verisimil que a tivesse no segundo. Isto pois que em S. Joaõ reproduzido era verisimil, em S. Antonio foi certo. Não porque o segundo nascimento lhe désse a virtude de fazer milagres, que já a tinha; mas porque lhe tirou o impedimento de ser a terra, em que nascèra: & como Lisboa não era Patria de Antonio assim reproduzido, por isso pode fazer milagres em Lisboa, o que do outro modo não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

Matth. 14.2.

Ioann. 10.41.

§. VII.

307 MAs dado, que S. Antonio fizesse milagres na sua Patria; a segunda cousa, que prometi, & digo, he, que os homens da mesma terra não os haviaõ de ver. O que Christo encomenda a S. Antonio no nosso Texto, he, que a sua luz resplãdeça de tal modo diante

te dos homens; que elles vejaõ as ſuas obras illuſtres, & glorioſas: *Sic luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant opera veſtra bona.* E eſtas obras illuſtres, & glorioſas, ſe o Santo as fizeſſe na ſua Patria, como ſuppomos, parece que não podiaõ os homens deixar de as ver. O não as verem, ſó podia ſer, ou por falta das obras, ou por falta da luz. Aſſim o notou S. Agoſtinho, dando a razaõ, porque não vemos a Deos, eſtando elle preſente em toda a parte: *Eſt quod videas, ſed non eſt unde videas.* Para ver he neceſſario objecto, & luz: o objecto, que he Deos, ſempre o temos preſente; a luz com que elle ſe póde ver, eſſa he a que nos falta, & por iſſo o não vemos. Mas no noſſo caſo, nem faltava o objecto, que ſaõ obras: *Opera veſtra bona:* nem faltava luz, que era a meſma de quem as obrava: *Sic luceat lux veſtra.* Logo como póde ſer, que os homens as não viſſem? Digo que ſim póde ſer, & que aſſim havia de ſer, não por falta das obras, nem por falta da luz, ſenão por falta dos olhos.

308 Naſceo no primeiro dia do mundo a luz, a qual não era outra coula, que hum globo daquelle luminoſo accidente creado na ſegunda, ou terceira regiaõ do ar, dentro da qual fazia ſeu curſo dividindo o dia da noite, & dando deſde logo à duraçaõ compoſta de ambos, o periodo natural, que hoje obſervaõ. He porèm couſa muito digna de admirar, que em quanto aquella primeira luz ſe conſervou no lugar, ou regiaõ onde foi creada, não ouve olhos creados, que a viſſem; porque nem a terra, & a agua creados no primeiro dia, nem o firmamento no ſegundo, nem as plantas, & ervas no terceiro tinhaõ olhos. Luzia a luz, & não havia olhos, que a viſſem luzir: allumiava ella ſó o univerſo, & não havia em todo o univerſo olhos, que

ſe allumiaſſem com ella, nem a viſſem allumiar: diſtinguia as noites, & os dias, mas não havia olhos, que notaſſem a igualdade, & concerto deſta diſtinçaõ, nem ſe alegraſſem cõ a preſença da meſma luz, ou ſentiſſem ſua auſencia. Não ſei ſe chame a iſto deſgraça da luz, ſe natureza do lugar, ou regiaõ, em que naſceo ao mundo. Deſenganaivos luz, ainda que ſejais a primogenita do Creador, & a primeira de todo o creado, que em quanto não ſahires do lugar onde naſceſtes, não ha, nem haõ de haver olhos, que ſe ponhaõ em vòs. Sahi, ſahi deſte berço natural, em que naſceſtes, paſſai a outros lugares eſtranhos, & remontados, & logo tereis olhos, que vos vejaõ, que vos admirem, que vos amem, que vos celebrem, que vivaõ de vòs, & morraõ por vòs. Aſſim foi. Ao quarto dia da creaçaõ tirou Deos a luz da regiaõ do ar, onde a creára, repartio-a pelas eſferas celeſtes com fórma, & nome de Sol, de Lua, & de Eſtrellas; & logo no quinto dia, & no ſexto ſe deſfez o mundo todo em olhos, que ſe allumiaſſem com a luz, & a feſtejaſſem: olhos no mar, olhos no ar, olhos na terra; olhos nas aves, olhos nos peixes, olhos nos animaes terreſtres; & ſobre tudo olhos no homem, que não ſó lograſſe os reſplandores da luz, mas déſſe os devidos louvores ao Creador della. Demaneira, que eſta meſma luz, que hoje vemos, & com que vemos todas as couſas, em quanto eſteve, & não ſahio do lugar, & regiaõ, em que naſcèra, nem ella ſe via, nem ſe viaõ com ella as outras obras admiraveis da Omnipotencia, & não por falta das obras, nem por falta da luz, ſenão por falta de olhos. E iſto he o meſmo, que eu digo, & ſupponho que havia de ſucceder a S. Antonio.

309 Hum dos mais famoſos milagres, que fez Chriſto

Chriſto Senhor noſſo, foi o vulgarmente chamado do diabo mudo; porq̃ foraõ quatro milagres em hũ milagre. O miſeravel homem era mudo, & fallou: era ſurdo, & ouvio: era cego, & cobrou viſta: era endemoninhado, & ficou livre do demonio. Póde haver mayor fecundidade de milagres? As arvores muito fecundas, como diz a noſſa lingua, daõ os frutos em pinha. Mas vede qual era a terra, onde naſciaõ. Começavaõ a ſe admirar as turbas à viſta de tanto milagre junto; eiſque no meſmo ponto chegàõ-ſe os Eſcribas, & Fariſeos ao meſmo obrador daquelles milagres, & dizemlhe aſſim: *Magiſter volumus à te ſignum videre.* Meſtre, quizeramos ver hum milagre voſſo. Ha tal pedir, & em tal occaſiaõ, & naquelle meſmo lugar? Não acabavaõ eſtes homens de ver hum milagre, & quatro milagres? Não. Chriſto era o que tinha acabado de os fazer; mas elles não tinhaõ acabado, nẽm ainda começado a os ver: & porque? Não por falta dos milagres, ſenão por falta de olhos. *Volumus videre*: Queremos ver, diſſeraõ: & diſſeraõ bem; porque o que lhes faltava, não eraõ milagres que ver, eraõ olhos, com que viſſem os milagres. Aſſim lhe havia de ſucceder a S. Antonio: a elle não lhe haviaõ de faltar os milagres, mas aos milagres haviaõlhe de faltar os olhos. Logo em tal terra, & entre taes homens não podia o Santo fazer o que Chriſto lhe mandava, que era luzir de maneira, que os homens o viſſem: *Sic luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant.*

Matth. 12. 38.

310 E ſe me perguntares a razaõ, porque naquella terra ha tanta falta de olhos, ou de olhos, que vejaõ a luz; nas meſmas palavras a temos. A luz hade luzir: *Sic luceat*: os homens haõde a ver: *Ut videant*: & olhos que vejaõ luzir a luz, não o póde haver em hũa terra, onde

a meſmã lũz õs faz cegar. Ouçamos ao meſmo S. Antonio, que como pratico do Paiz conhecia bem as cauſas deſte terrivel effeito: *Invidus, ſi eſſet in cælo, ibi totaliter excæcaretur gloriâ proximi, & à luce beatitudinis ipſorum.* Saõ tam incapazes os olhos do envejoſo de ver luzir, (diz S. Antonio) que ſe hum envejoſo foſſe ao Ceo, logo havia de ficar totalmente cego; porque a luz da gloria, & bemaventurança do proximo o havia de cegar. Do proximo diſſe, & não do bemaventurado, com grande elegancia, & energia; porque a enveja ſendo dor de olhos, he de olhos, que olhaõ ao perto, (*proximi*) & não ao longe. E ſe iſto em ſentença de S. Antonio havia de ſucceder no Ceo; porque lhe não ſuccederia a elle o meſmo na terra, & mais na ſua?

311 Sahio David cõtra o Gigante, applaudioſe a vitoria como merecia, & diz o Texto que deſde aquelle dia nũnca mais Saul pode ver a David: *Non rectis ergo oculis Saul aſpiciebat David à die illâ, & deinceps.* Vede os contrarios effeitos dequella animoſa, & venturoſa pedrada. O tiro foi hum, & as feridas duas: ao Gigante ferio na teſta, & a Saul quebroulhe os olhos. Tudo lhe ſobejou a David para os applauſos, ſó lhe faltáraõ os olhos de quẽ mais o devia eſtimar, & applaudir. Mas ſe Saul era tam envejoſo, porque envejou hũa vitoria de David, & não quarenta vitorias do Gigante? *A die illâ*, Deſde aquelle dia, diz o Texto, que começou a enveja de Saul; & eu cuidava que havia de começar quarenta dias antes. Quarenta dias continuos ſahio o Gigante a deſafiar elle ſó os exercitos de Saul; & em todos eſtes quarenta dias ſe recolheo para a ſua tenda com outros tantos triunfos, não ſò vencedor das mãos, & das armas, ſenão dos corações, & do proprio

1. Reg. 18. 9.

proprio conhecimento dos Iſraelitas, não ſe atrevendo nenhum a ſahir a campo com elle, & confeſſando com o temor a ventagem, que he a mayor victoria de todas. Pois ſe Saul he envejoſo, porque não enveja a Golias, ſenão a David? Porque Golias era Filiſteo, & David Iſraelita. Golias era de outra terra, & doutra Naçaõ: David era da ſua Patria, & do ſeu proprio ſangue. Por iſſo não teve coraçaõ para o eſtimar, nem boca para o applaudir, nem olhos para o ver, ou poder ver. Para que ſe veja, ſe acharia S. Antonio olhos na ſua Patria, que com a luz de ſuas maravilhas, (como elle meſmo diz) ſe não cegaſſem de enveja, & totalmente as não viſſem: *Totaliter excæcarentur.*

312 Tambem contra eſte diſcurſo vejo que póde haver quem argumente, & tambem com a mais calificada prova, que he a da experiencia. Todos ſabemos quanto Lisboa ſe honra de ter hũm filho como S. Antonio; os theatros, & jogos publicos, com que o feſteja, os applauſos, os panegyricos, os poemas, com que celebra eſtas meſmas maravilhas, q̃ obrou nas terras eſtranhas. Logo não he de tam má condiçaõ a ſua Patria, que não houveſſe de eſtimar as meſmas obras glorioſas, ſe foſſem feitas nella; nem ſaõ tam máos, ou tam cegos os ſeus olhos, que as não houveſſem de ver. Aceito outra vez, & eſtimo a inſtancia; porque tam longe eſtá de impugnar o meu diſcurſo, que antes o confirma mais. Ainda não tendes advertido, que a enveja faz grande differẽça dos mortos aos vivos, & dos preſentes aos paſſados? Os olhos da enveja ſaõ como os do Sacerdote Helí, dos quaes diz o Texto ſagrado que não podiaõ ver a luz do Templo, ſenão depois que ſe apagava: *Oculi ejus caligaverant, nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.* 1. Reg. 3. 2. Em

quanto

quanto as luzes saõ vivas, cada reflexo dellas he hum rayo, que cega os olhos da enveja : porèm depois que ellas se apagáraõ, & muito mais se se metem largos annos em meyo, entaõ abre a enveja, como ave nocturna, os olhos ; entaõ vè, o que não podia ver ; entaõ venera, & celebra essas mesmas luzes, & levanta sobre as Estrellas seus resplandores. Por isso disse com grande juizo S. Zeno Veronense, que todo o envejoso he inimigo dos presentes, & amigo dos passados: *In omnibus se inimicum præsentium servat, amicum verò pereuntium.* Os mesmos que agora amaõ, & veneraõ tanto a S. Antonio, se vivèraõ em seu tempo, o haviaõ de aborrecer, & perseguir ; & as mesmas maravilhas, que tanto celebraõ, & encarecem, se foraõ obradas na sua Patria, as haviaõ de escurecer, & aniquilar. Não tenho menos fiador desta, que só parece conjectura, que a verdade do mesmo Christo. He hum lugar da Historia Euangelica, antes de bem entendido, escuro ; mas depois de entendido, singularmente admiravel.

313 Os Escribas, & Fariseos do tempo de Christo, que eraõ os mais doutos, & religiosos, em nenhũa cousa se esmeravaõ tanto, como em edificar mausoleos aos Profetas, & ornar, & renovar os sepulchros dos Santos antigos. A' vista pois destas fabricas, & do que sobre ellas diziaõ, reprehẽdeo-os o Senhor asperamente, & exclamou contra elles desta maneira: *Væ vobis, Scribæ, & Pharisæi hypocritæ, qui ædificatis sepulchra Prophetarum, & ornatis monumenta justorum, & dicitis: si fuissemus in diebus patrũ nostrorum, non essemus socii eorum in sanguine Prophetarum!* Ay de vòs Escribas, & Fariseos hypocritas, q̃ edificais sepulchros aos Profetas, & ornais os monumentos dos justos, & dizeis que se vòs viverèis no tempo de vossos pays, que Matth. 23. 29. 30.

que os perſeguíraõ, & matáraõ, não havieis de ſer complices nas ſuas mortes, nem ter parte no ſeu ſangue! Atèqui parece que não havia materia de reprehenſaõ, ſenão de louvor; porq̃ tudo era honrar, & venerar os Santos, & deteſtar o ſacrilegio, & tyrannia dos que os tinhaõ perſeguido, & morto. Mas o que mais acrecenta a difficuldade, & admiraçaõ, he o motivo da meſma reprehenſaõ, que o Senhor proſegue, & a concluſaõ, que infere daquellas meſmas obras. *Itaque teſtimonio eſtis vobiſmetipſis, quia filii eſtis eorum, qui Prophetas occiderunt: & vos implete menſuram Patrum veſtrorum.* E da qui ſe prova bem, (diz o Senhor) & vòs meſmos teſtimunhais contra vòs, que ſois filhos, & imitadores daquelles, que mataraõ os Profetas, & que em edificar, & ornar os ſeus ſepulchros acabais de encher as medidas do que voſſos pays começáraõ. Não póde haver mais notavel cõſequencia, nem mais difficultoſo modo de inferir! Se o Senhor diſſera: Vòs matais os Profetas, & perſeguis os juſtos, como voſſos Pays os matáraõ, & perſeguiraõ, bem ſe inferia, que como filhos de ſeus pays, eraõ tambem ſeus imitadores. Mas ſe os Pays matáraõ os Profetas, & os filhos lhes edificavaõ magnificos ſepulchros: ſe os pays derramáraõ o ſangue dos juſtos, & os filhos os veneravaõ, & honravaõ: ſe os meſmos filhos condenavaõ o que ſeus pays tinhaõ feito, & proteſtavaõ, que ſe vivèraõ no ſeu tempo haviaõ de fazer o contrario, como affirma a verdade de Chriſto, que tudo iſto era hypocriſia, & falſidade, & que as meſmas obras preſentes, poſto que tam diverſas, eraõ teſtemunho, & prova de que haviaõ de fazer o meſmo, que ſeus pays fizeraõ? Se nas ſentenças Divinas póde haver ſuperlativo, eſta verdadeiramente foi Diviniſſima. Todos aquelles Pro-

Ibid. 31. 32.

fetas, & Santos antigos, cujos ſepulchros agora veneravaõ tanto, tinhaõ ſido perſeguidos, & mortos por enveja de ſeus proprios naturaes, como homens em fim mayores, & mais eminentes que os outros na ſua Patria: & daqui ſe ſeguia, como inferio a ſumma Verdade, que todo o culto, & veneraçaõ, com que os deſcendentes daquelles meſmos pays agora os celebravaõ, não era prova de que elles não houveſſem de fazer o meſmo, ſe viveſſem no ſeu tempo: antes provava, & teſtemunhava contra elles, que tambem os haviaõ de perſeguir, & matar; porque he conſequencia propria, & natural da enveja perſeguir os preſentes, & eſtimar os paſſados, matar os vivos, & celebrar os mortos. Aſſim que todas eſſas feſtas publicas, todos eſſes panegyricos, & applauſos, com que hoje celebra Lisboa, & Portugal o ſeu Portuguez, tam longe eſtaõ de provar, que no tempo, em que vivia Santo Antonio, houveſſem de fazer o meſmo, que antes ſaõ teſtemunhos publicos, & autenticos do contrario: & que eſſas meſmas maravilhas, que hoje tanto celebra, & feſteja a ſua Patria, ſe elle as obrára na meſma Patria, hoje faz quatro centos annos, quando vivo, nem entaõ haviaõ de ſer maravilhas, nem haviaõ de luzir como taes, nem haviaõ de ſer viſtas, quanto mais celebradas; porque os olhos da enveja ſaõ como os de Helî, que em quanto ſe não apagaõ as alampadas, não vem as luzes: *Nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.*

§. VIII.

314 TEmos viſto q̃ as obras illuſtres, & glorioſas, que S. Antonio obrou nas terras eſtranhas, não as havia de fazer na ſua, & que ainda que as fizeſſe nella, não haviaõ de ſer viſtas; agora digo,

digo, & concluo, que ainda que foſſem feitas, & viſtas, por iſſo meſmo não haviaõ de ſer boas: *Ut videant opera veſtra bona.* A razaõ deſta laſtimoſa verdade em ſumma he, porque em havendo olhos máos, não ha obras boas. Boa obra era, & canonizada por boa derramar a Magdalena os unguentos precioſos ſobre os pès do Salvador: *Opus enim bonũ* Matth. 26.10. *operata eſt in me.* Mas como eraõ máos os olhos de Judas, logo eſſa meſma obra boa foi murmurada, & reputada por não boa: Ibid.8. *Ut quid perditio hæc?* Boa obra era, & tambem canonizada por boa, a graça, que o pay de familias fez aos ultimos, que vieraõ trabalhar à ſua vinha; mas tambem a murmuràraõ, & ſe eſcandalizáraõ della os Matth. companheiros: *Murmurabant adverſus patremfamilias.* E porque? Porque ainda que a obra era boa, os Ibid.15. olhos eraõ máos. *An oculus tuus nequam eſt, quia ego bonus ſum?* Baſta que porque eu ſou bom, haõde ſer os voſſos olhos máos? Sim: & não he neceſſario outro porque. Antes deſte meſmo porque, & deſta meſma cauſa reſulta outro effeito ainda peyor. Porque eu ſou bom, os voſſos olhos ſaõ máos; & porque os voſſos olhos ſaõ máos, eu heide deixar de ſer bom. Aſſim ſuccedeo ao pay de familias; porque elle era bom, & a graça que fez era boa, os olhos, que a viraõ, foraõ máos: & porque os olhos, que a viraõ, foraõ máos, a graça, & quem a fez, deixáraõ de ſer bons; & por iſſo foraõ murmurados. Notai eſte terrivel, & diabolico circulo, que a enveja faz com cauſalidade reciproca entre a potencia de ver, & o objecto viſto. A viſta ou ſe faz por eſpecies, que o objecto manda à potencia, ou por rayos, que a potencia manda ao objecto: & eſtas duas opiniões contrarias dos Filoſofos, conciliou, & ajuntou a enveja para fazer guer-

guerrá ao bem; qũe não póde ver. Pelas eſpecies, que ſahem do objecto, faz que ſendo o objecto bom, os olhos ſejaõ máos: & pelos rayos, que ſahem dos olhos, faz que ſendo os olhos máos, o objecto não ſeja bom. Demaneira que a bondade do objecto faz a maldade da potencia, & a maldade da potencia deſfaz a bondade do objecto. Porque eu ſou bom, os teus olhos ſaõ máos: & porque os teus olhos ſaõ máos, eu não heide ſer bom. Vede ſe metidas entre tal caſta de olhos, podiaõ ſer as obras de S. Antonio boas: *Ut videant opera veſtra bona.*

315 E ſe algum curioſo admirado de taes effeitos me perguntar, qual he o ſegredo deſta maldita Filoſofia, reſpondo que o ſegredo he, porque os olhos da enveja nunca vẽ, ſem dar olhado. Oh que bello menino! (diz o que dá olhado) & no meſmo ponto ſe murchou aquella belleza, & o menino definhou, atè qùe morreo de todo. Se o olhado chegára ao Ceo, tanto que eſtes máos olhos ſe fitaſſem no Sol, logo aquella immenſa, & fermoſa luz, que doura, & allumia o univerſo, ſe havia de eclipſar, & eſcurecer. E iſto meſmo que o olhado não póde fazer no Sol do Ceo, ſem duvida o havia de fazer no Sol da terra, ſe a luz, & obras glorioſas de S. Antonio foſſem viſtas na ſua. Mandoulhe Chriſto, que a ſua luz reſplandeceſſe de tal modo diante dos homens, que elles viſſem as ſuas obras boas: *Sic luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant opera veſtra bona*: & ſe a luz de ſuas obras, ou as ſuas obras de tanta luz, com que eſclarecia o mundo, foſſem feitas, & viſtas na ſua Patria; logo a luz havia de ficar eclipſada, & a bondade das obras eſcurecida; porque os meſmos olhos, que as viſſem, lhes haviaõ de dar olhado; & as meſmas obras boas, & tam boas, aſſim viſtas,

ſtas ; ou olhadas ; haviaõ de deixar de ſer boas. Não he conſideração , ou malicia minha , ſenão oraculo
Sapient. 4.12. expreſſo do Eſpirito Santo. *Faſcinatio nugacitatis obſcurat bona.* O olhado dos olhos máos eſcurece todas as obras boas. E chama-ſe eſte olhado , o olhado da zombaria : *Faſcinatio nugacitatis* ; porque os envejoſos zombaõ do que haviaõ de admirar , & fazem farça do que deviaõ applaudir. E he traça de desfazer , & deſmentir o meſmo bem , que reconhecem , rirem-ſe por fóra , do que os faz chorar por dentro. Obrigaçaõ tinha logo S. Antonio de buſcar outros olhos mais benignos , & menos venenoſos ; porque ſe o effeito do olhado he eſcurecer : *Faſcinatio obſcurat* ; como podia a luz de S. Antonio luzir : *Sic luceat lux veſtra?* E ſe o que eſcurece o olhado ſaõ as boas obras: *Obſcurat bona* : como podiaõ as obras de S. Antonio viſtas por taes olhos parecer boas : *Ut videant opera veſtra bona ?*

326 Para q̃ vejamos nas meſmas obras boas, & tam glorioſas de S. Antonio como iſto havia , & podia ſer ; he neceſſario que advirtamos primeiro hũa notavel habilidade, & aſtucia, que uſa a enveja para deſluzir , & eſcurecer as boas obras , & para lhes avenenar , & deſtruir a meſma bondade. E qual vos parece que ſerá eſta habilidade , & aſtucia ? He que nunca olha para toda a obra boa de claro em claro, aſſim como he em ſi meſma ; ſenão que ſempre a procura tomar por hum lado , & por aquella parte , ou ponta donde menos claramente ſe deſcobre a ſua bondade , para ter em que morder , & que arguir. Balac Rey dos Moabitas tendo à viſta os arrayaes do Povo de Deos , de que era capital inimigo , ſubornou com grandes promeſſas ao Profeta Balaam, para que os amaldiçoaſſe. Subio-ſe o Profe-

ta

ta a hum monte, donde se descubriaõ todos os arrayaes, & vio nelles tal ordem, tal concerto, tal grãdeza, & magestade, que em lugar de os amaldiçoar, os abendiçoou, & disse, & profetizou delles grandes maravilhas. Que faria o Rey ouvindo isto? Queixou-se muito a Balaam de que fizesse tanto pelo contrario o que entre ambos estava concertado: & como elle se escusasse q̃ não podèra fallar contra o que vira, nem dizer mal do que lhe parecèra mais que bem; o meyo, que de novo lhe offereceo, & aconselhou o Rey, foi este: *Veni mecum in alterum locum, unde partem Israel videas, & totum videre non possis, inde maledicito ei.* Num. 23.13. Vinde comigo a outro lugar, donde vejais só parte de Israel, & não o possais ver todo, & dahi o amaldiçoareis. Deforte que entendeo sagazmente o Rey, que aquillo mesmo, que vendo-se todo, & como he, não se póde amaldiçoar; visto só por algum lado, póde ser capaz de maldiçaõ. E este he o dictame, & a astucia da enveja. Olha para as cousas grãdes de modo que se não vejaõ todas, senão algũa parte, & essa a menos luzida; & desta sorte não ha obra boa tam boa, que por mal vista não possa ser maldita.

317 Ninguem fez neste mũdo tam boas obras, nem tam manifestas, nem tantas, como o Filho de Deos: *Multa bona opera ostendi vobis ex Patre meo.* Joann. 10.32. Mas vede porque lado as via, & como olhava para ellas a enveja, que por ellas o poz na Cruz. Se tirava a Mattheos do Telonio, & Zacheo das usuras, não dizia que convertia os peccadores, senão que tratava com Publicanos. Se dada vista ao cego de seu nascimento, fazendo hum pequeno de lodo, & pondolho nos olhos; & se ao Paralitico de trinta & oito annos mandava levantar do leito, & tomalo ás costas,

ſtas, não dizia que fazia milagres, ſenão que quebrantava o Sabbado. Se nas vodas de Caná perſuadia o celibato a Joaõ, & convidado pelo Fariſeo defendia a penitencia da Magdalena, & no banquete do outro Principe reprehendia a ſoberba dos primeiros lugares, & louvava a modeſtia, & humildade dos ultimos, não dizia que das meſas fazia eſcola de virtudes, ſenão que andava em convites. Se via o concurſo das gentes, hũas ſobre outras, a tocar as veſtiduras ſagradas, & receber ſaude, não dizia que ſarava os enfermos, ſenão que perturbava, & inquietava a Republica. E ſe deſte modo eraõ viſtas as boas obras de Chriſto pelos olhos dos ſeus naturaes; como veriaõ as de S. Antonio ſer boas: *Ut videant opera veſtra bona?*

318 Daime licença q̃ eu me reviſta hum pouco de humor envejoſo, & vede como haviaõ de ſer avaliadas na ſua Patria as obras boas, & tam boas de S. Antonio. Quando viſſem, que deixava a ſobrepeliz, & murça de Santa Cruz, & ſe paſſava ao habito de S. Franciſco: & que trocava o nome de D. Fernando, pelo de Fr. Antonio; não haviaõ de dizer que buſcava mayor aſpereza, & humildade, ſenão que era hum moço vario, & inconſtante, & que não podia ſer bom eſpirito, o que deixava a primeira vocaçaõ. Quando ouviſſem que tendo deixado Portugal para ir buſcar o martyrio a Africa, ſe embarcava outra vez da Africa a Portugal para buſcar, & recuperar a ſaude nos ares patrios, bem ſe vè o que diriaõ: que os martyrios viſtos de perto ſaõ muito mais feyos, que de longe: que aquelles fervores de ſer martyr, com as aguas do Mediterraneo ſe tinhaõ apagado: & que mal teria coraçaõ para dar a vida, quem tam amigo era da ſaude. A paſſagem,

ou arribada á Sicilia, & Italia, claro he, que se havia de atribuir á tempestade, & acaso, & não a mysterio da Providencia, que o levava, onde tanto se queria servir delle. E quãdo se visse, que com tam poucos annos de habito, & de idade se punha em campo contra Fr. Elias, que relaxava a pobreza, & primitiva Regra Serafica; não haviaõ de dizer, que aquillo era zelo da Religiaõ, senão *divisio à capite*: que era desobediente, & rebelde ao seu Geral: que era sedicioso, & perturbador da Ordem: em fim que obrava como filho de seu pay, & não como filho de Saõ Francisco; & para mayor energia, & propriedade da satyra, aqui lhe haviaõ de encaixar o sobrenome de Bulhaõ, que tinha deixado no mundo. Quando ouvindo a confissaõ do outro moço, que tinha pizado a sua mãy, lhe affeou a enormidade daquelle desacato com tal efficacia, que o moço assombrado se foi cortar o mesmo pè; não haviaõ de reparar, em que o Santo lho restituhira outra vez milagrosamente; mas que era tam indiscreto nas reprehençõens dos peccadores, que não merecia ter assento no tribunal da benignidade, & misericordia de Christo, & que devia a Religiaõ privalo do Confessionario. Se se disesse, que homens, & mulheres se levantavaõ de noite para ir tomar lugar no campo, onde havia de prègar S. Antonio, & que a outra mãy pela mesma causa deixára só o filhinho, que innocentemente se deitou em hũa caldeira de agua fervendo; que motivos tam apparentes teria a enveja para dizer, que aquellas prègações, & aquelles concursos mais eraõ para destruiçaõ das almas, & dàs vidas, que para edificaçaõ? Que direi do partido, em que o Santo veyo com os Hereges, de q̃ a mula esfaimada de tres dias, com o pasto natural diante, & o paõ do

Ceo

Cco à viſta, decidiſſe a cõtroverſia ? Qual temeridade (diriaõ) póde ſer mayor, & mais precipitada, que no myſterio mais ſagrado da noſſa Fè fiar a demoſtraçaõ da ſua verdade da contingencia de hũ ſucceſſo tam difficultoſo, & do appetite irracional, & da fome irritada de hum bruto ? Outra vez tendo fugido hum Noviço do Convento, mandou o Santo ao demonio, que com hũa eſpada nua o eſperaſſe ao paſſar de hũa ponte, & o fizeſſe tornar para donde viera : & não haviaõ de dizer que atè o inferno obedecia a Antonio, ſenão que era homem de taes artes, que tinha trato ſecreto, & familiar com os demonios, & ao menos, que uſava de meyos tam ſuſpeitoſos, que deviaõ ſer delatados ao Santo Officio. Já ſe lhe ſuccedeſſe entaõ o que depois exprimẽtou Roma na Igreja antiga de S. Pedro, quando o Pontifice mandou, que em lugar de hũa imagem de S. Antonio, ſe puzeſſe a de S. Gregorio ; que diria a piedade, & devaçaõ Portugueza ? Foi o caſo, que ſubindo o Pedreiro para picar a parede, levantou (diz a Hiſtoria) o picaõ, & dando o primeiro golpe *in capitio*, no capello do Santo, elle deſpregou a maõ pintada, & deitando a rodar o Pedreiro, & o andaime com hum fracaſo ; que fez tremer toda a Baſilica, meteo outra vez a maõ na manga, & defendendo deſta ſorte o ſeu poſto, ninguem ſe atreveo mais ao tirar delle. E Fradeſinho Menor, que não cede o ſeu lugar nem a hum Santo, como S. Gregorio Papa, nem por mãdado de outro Papa ; & que tanto que lhe tocaõ, & o picaõ, dá com tudo a rodar ; & que à primeira picada não eſpera pela ſegunda, porque não ſabe levar duas em capello ; pintado Portuguez ſerá elle, mas Santo, iſſo não.

319 E ſe as boas obras de S. Antonio aſſim ha-

viaõ de ſer; õũ aſſim podiaõ ſer interpretadas na ſua Patria, (como ella coſtuma interpretar, & accuſar outras verdadeiramente boas, & tanto mais, quanto mais tem de maravilhoſas) fez muito bem, & andou muito prudente o Santo em as vir obrar em terra, onde foſſem eſtimadas, como mereciaõ, & viſtas como Deos lhe mandava: *Ut videant opera veſtra bona.* Naquelle ſeu Cantico triunfal introduz o Profeta Abacuc a Deos ſahindo a obrar maravilhas em Babylonia, não por ſi meſmo, ſenão por ſeus Miniſtros, & inſtrumentos, & diz eſtas notaveis palavras: *Deus ab Auſtro veniet, & Sanctus de monte Pharan: ſplendor ejus, ut lux erit, cornua in manibus ejus.* Diz como couſa nova, & rara, que ſerá o ſeu reſplandor à medida da ſua luz: *Splendor ejus, ut lux erit*; porque ordinariamente vemos grandes reſplandores, onde não ha luz, & grandes luzes ſem nenhum reſplandor. O proverbio da noſſa terra diz: *Nem tudo o que luz he ouro*: melhor diria, ſe diſſeſſe: *Nem tudo o que he ouro luz*: & como S. Antonio na ſua Patria era ouro quando menos arriſcado a não luzir, & luz arriſcada a não reſplandecer; como ſe havia de expor a eſtas cõtingencias, ſe Chriſto lhe mandava, que luziſſe a ſua luz: *Sic luceat lux veſtra?* Diz mais o Profeta que eſta luz reſplandecente levava nas mãos o que os touros trazem na cabeça: *Cornua in manibus ejus.* E ſe vos admira a fraſe, & quereis ouvir a interpretaçaõ propria deſta, que parece impropriedade; ſabei que a palavra *cornua*, referindo-ſe, como aqui ſe refere, à luz, quer dizer reſplandores. Por iſſo dos reſplandores, que lançava de ſi o roſto de Moyſes, ſe diz no Texto ſagrado: *Cornuta erat facies ſua.* E eſtes reſplandores naſciaõ, & eſtavaõ nas mãos, *in manibus ejus*; porque nas mãos,

Abac. 3. 3.4.

Exod. 34.29

mãos, & nas obras ſe haõ de ver, como ſe viaõ as de S. Antonio : *Ut videant opera veſtra bona.* Finalmẽte diz, que eſta meſma luz, ou eſte meſmo Santo, ſahio do monte Faran : *Et Sanctus de monte Pharan*, com grande myſterio; porque o monte Faran, como declaraõ, & tresladaõ os Setenta, he o meſmo, que o monte das ſombras, *De monte umbroſo* : & para a luz luzir, & os boas obras reſplandecerem, he neceſſario que ſayaõ, & ſe apartem da terra das ſombras, onde ellas as podem eclipſar, & eſcurecer. Por iſſo S. Antonio ſahio da ſua cõ Divina prudẽcia, & providencia: & porq̃ eſteve fóra da terra das ſõbras; por iſſo a luz das ſuas obras luzio, & reſplandeceo de maneira, que os olhos dos homens podèraõ ver obras de tanta luz : *Sic luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant opera veſtra bona.*

§. IX.

320 TAl foi, ſenhores, hoje faz hum anno, a luz, & taes faõ hoje as ſombras, que nos deraõ materia à primeira, & ſegunda parte deſte Sermaõ, ou deſtes dous Sermões. O primeiro todo de luz, & o ſegundo todo de ſombras. E tendo eu dado fim, como tenho, a hum, & outro diſcurſo; que colherei de tam eſtranho aſſumpto para dizer ao noſſo Santo Portuguez, & a todos os Portuguezes? A vòs, meu Santo, ſó digo, que vos dou o parabem, & os devidos louvores, não por outro motivo, ſenão pelo meſmo, com que ſe queixava de vòs a Patria, envejoſo de Italia : & não por outro exemplo, ſenão pelo meſmo, que ella allegava de Joſeph, ao qual mais generoſamente antes quizeſtes emendar, que ſeguir. Elle mandou tresladar ſeu corpo do Egypto para a

ſua Patria : & quẽm o poderá livrar de ingrato neſta eleiçaõ , & de injuſto neſta preferencia ? Na Patria foi perſeguido , foi prezo , foi vendido , & para dizer tudo em hũa palavra , foi envejado de ſeus proprios irmãos. No Egypto foi amado , foi eſtimado , foi adorado , & preferido pela meſma Mageſtade a todos os naturaes , ſendo eſtrangeiro. E ſe a Patria, em ſumma , de livre , & ſenhor o fez eſcravo , & o Egypto de eſcravo Principe ; devendo Joſeph eternizar a memoria de tamanhas obrigações , quando menos nos marmores do ſeu ſepulchro ; que as eſqueça , as deſconheça , & quaſi as deſpreze , pelo amor tam mal merecido da terra indigna , em que naſcèra ! Não ha duvida que ſe póde pòr em queſtaõ ſe foi mais ingrato Joſeph com o Egypto , ou a ſua Patria com elle. Não aſſim o generoſo , & fiel ānimō de Antonio , & por iſſo antes de Padua , que de Lisboa. Não teve aggravos que perdoar à Patria ; porque os anticipou com fugir della : foi porèm tam reconhecido , & tam agradecido às honras , que recebeo da devaçaõ , da piedade , & da nobreza de Italia , poſto que terra eſtranha , que não tendo outra couſa , que lhe deixar (como aquelle , que tinha deixado tudo) por prenda de ſeu amor , por memorial de ſua gratidaõ, & por fiador perpetuo de ſeu patrocinio , deixou nella o depoſito de ſeus ſagrados deſpojos ; para que tambem entendaõ todos os que amaõ , veneraõ , & ſervem a S. Antonio, de qualquer Naçaõ, ou condiçaõ ; que ſejaõ ; que ſervem a tam bom pagador , que não ſabe dever o que deve; & que ſó he natural das ſuas obrigações , porq̃ não reconhece outra Patria.

SER-

SERMAÕ
DO
SS. SACRAMENTO,

Em Santa Engracia, anno de 1642.

Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit.
Joann. 6.

§. I.

322 ESte he o paõ, q̃ deſceo do Ceo, diz Chriſto Redemptor noſſo por S. Joaõ, affirmando a real, & verdadeira preſença de ſeu Corpo Santiſſimo debaixo das eſpecies ſacramentaes. Aſſim o entende a Igreja, aſſim o confirmaõ as Eſcrituras, aſſim o definem os Concilios, aſſim o cremos firmemente os fieis Catholicos: mas neſte lugar, & neſtas circunſtancias, na memoria do atrevimento ſacrilego, na conſideraçaõ da ouſadia heretica, que hoje glorioſamente deteſtamos, quaſi parece que não he eſte o paõ, que deſceo do Ceo.

323 Duas couſas teve eſte caſo, ou duas circunſtancias conſidero nelle, hũa da parte de Deos, outra da parte dos homens;

as quaes ãmbas vistas a pouco lume de Fè, parece que deixaõ duvidosa a verdade deste Sacramento. Que podessem chegar os homens por summa irreverencia a pòr mãos injuriosas na quella Hostia consagrada, & que creamos que está alli Deos! Deos, diante cujo acatamento as potestades do Ceo, as columnas do Firmamento tremem! Deos, cuja Omnipotente Magestade os mesmos animaes brutos, dobrando os joelhos irracionaes, adoraõ! Deos, cuja infinita grandeza atè as creaturas insensiveis, dentro na incapacidade do seu ser, confessaõ mudas, & reconhecem sugeitas! E que aos ministros hereticos de tãta maldade, nem lhes pasmassem os braços sacrilegos, como ao impio Jeroboaõ, quando levantou a maõ para o Profeta! Nem chovesse sobre elles rayos, & diluvios de fogo o Ceo, como sobre os soldados atrevidos, que intentáraõ prender à Elias! Nem a terra indignada se abrisse em bocas vingativas, & os tragasse vivos, como a Dathaõ, & Abiron! Nem cahissem subita, & temerosamente mortos, como Ananias, & Zafira aos pès de Pedro! Nem apparecessem feitos pedaços nesta Igreja, como amanheceo o Idolo Dagon à vista da Arca do Testamento! Que tenhaõ tanto atrevimento os homens, & que seja Deos, a quem offendem! Que tenha tanto sofrimento o offendido, & que seja Deos quem não resiste! Suspendem tanto a admiraçaõ, & saõ tam grandes circunstancias estas, que não só deixaõ pasmado o juizo, que as considera, se não que vistas com olhos humanos, parece que metem em escrupulos a mesma Fè, & querem fique duvidosa a verdade Divina deste Sacramento.

324 Por parte desta verdade, & em defensa da Fè Catholica deste mysterio

myſterio determino ſahir hoje a campo, ou ſeja cõtra os erros da hereſia, ou ſeja contra a fraqueza do entendimento humano. E para que a vitoria da Fè fique mais glorioſa vencendo a ſeus inimigos com ſuas proprias armas, ſatiſfarei ás admiraçõens do entendimento com os meſmos motivos dellas, & ſocegarei os eſcrupulos da razaõ pelos meſmos fundamentos, de que ſe levantaõ. O meſmo atrevimento dos homens, & o meſmo ſofrimento de Deos neſte caſo ſerá a prova (q̃ não quero hoje outra) da verdade do myſterio, que adoramos. Neſte ſentido verificarei as palavras do thema, não tomadas abſolutamente, ſenão trazidas em particular, & applicadas às circunſtancias do caſo. *Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit. Hic*, Eſte; contra o qual ſe moſtráraõ tam atrevidos os homens offendendo-o com injurias. *Hic*, Eſte, no qual ſe moſtrou taõ ſofrido Deos, não os caſtigando com prodigios. ¶ *Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit.* Eſte meſmo, & por iſto meſmo, he o verdadeiro paõ, que deſceo do Ceo, Chriſto Deos, & Redemptor noſſo. Eſta he a materia, ſobre que havemos de fallar, & ainda que na caſa em que eſtamos de S. Engracia parece que he devida a graça, peçamola ao Eſpirito Santo por interceſſaõ da Mãy da Graça.

Ave Maria.

Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit.

§. II.

325 DO atrevimento dos homẽs, & do ſofrimento de Deos, que ſaõ as duas circunſtãcias deſte caſo, prometi confirmar a Fè do Santiſſimo Sacramento, que adoramos; & as conſequencias em

em que me fundo saõ estas. Prova-se do atrevimento humano; porque a infidelidade dos Hereges he argumento da nossa verdade. Prova-se do sofrimento Divino; porque a paciencia de Christo he argumẽto de sua presença. Os Hereges negaõ-o? Logo he verdade. Christo sofre-os? Logo está presente. Estas duas consequencias saõ as que havemos de provar. Vamos primeiro ao caso.

326 Consagrou Christo seu Corpo na Cea, deu o paõ consagrado a todos os Discipulos, para que o cõmungassem. E fallando o Euangelista de Judas, diz assim: *Cùm accepisset ille buccellam, exivit continuo. Cùm ergo exisset, dixit Jesus: Nunc clarificatus est filius hominis.* Tanto que Judas recebeo o bocado de paõ, levantou-se logo da mesa, & sahio do Cenaculo; & no ponto em que sahio, disse Christo: Agora começaõ as minhas glorias, agora será manifesta a Fè de minha Divindade, agora serei cõhecido no mundo, & reverenciado por filho de Deos. Este he o verdadeiro sentido das palavras: *Nunc clarificatus est filius hominis*, & assim as declaraõ conformemẽte todos os sagrados Interpretes. Mas antes que pẽderemos a consequencia admiravel deste Texto, he necessario saber como se houve Judas com o Sacramento, quando a elle chegou. Christo Senhor nosso não commungou aos Discipulos, applicando á boca de cada hum o Sacramento, como agora fazemos; mas como eraõ todos Sacerdotes, ou alli os consagrava por taes, deulhes o paõ sacramentado, para que elles o repartissem entre si: assim o diz o texto de S. Lucas: *Accipite, & dividite inter vos.* Chegoulhe pois às mãos de Judas a parte, que lhe coube de paõ consagrado: & agora pergunto eu: que fez Judas desta sua parte, commungou-a, ou não a commungou? He opiniaõ de

Joann. 13. 30.

Luc. 22. 17.

de Theophylacto, & de muitos Doutores daquelle tempo, que Judas, ainda que recebeo nas mãos o Sacraméto, que o não meteo na boca, nem o cõmungou. E dizem que a isso alludio Christo, quando dãdo o caliz aos Discipulos, acrecentou aquella palavra *omnes*: *Bibite ex eo omnes*: Bebei todos; porque não tinhaõ comido todos: os onze sim; Judas não. Supposto pois que Judas tomou nas mãos, como os demais, o Sacramento, & o não commungou, como os demais; que fez delle? Diga-o Theophylacto cõ suas mesmas palavras: *Judas panem accepit, sed non comedit; & occultavit illũ, ut monstraret Judæis, quòd panem corpus suum vocaret Jesus.* Judas ainda que tomou na maõ o paõ consagrado, que Christo deu a todos, não o comeo, nem o commungou como os demais, senão levou-o cõsigo furtado, & escondido para o mostrar aos Judeos, & arguir, & condemnar a seu Mestre; dizẽdo que aquelle paõ affirmava elle que era seu Corpo. Este foi o fim, & o intento, com que Judas sahio do Cenaculo, não com o Santissimo Sacramento commungado, senão roubado, como no caso presente, não o levando dentro no peito, senão nas mãos: *Cum accepisset buccellam, exivit continuo.*

327 Vamos agora á consequencia de Christo, á vista deste sacrilegio, & desta impiedade de Judas. *Et cùm exisset, dixit Jesus*: E tanto que sahio Judas, disse Jesus: *Nunc clarificatus est filius hominis.* Agora serei conhecido, agora serei honrado, agora serei crido, agora serei glorificado. Ha mais notavel cõsequencia? Quando Judas nega a verdade do Santissimo Sacramento, quando Judas o leva roubado para com os Judeos zombar delle, & o afrontar, entaõ diz Christo, que está a opiniaõ da sua Fè mais gloriosa, & as glorias de sua Di-

Divindade mais declaradas : *Nunc clarificatus eſt filius hominis?* Se diſſera , q̃ entaõ ficavaõ eſcurecidas , mais coherente ficava ; mas affirmar , que mais declaradas ? Sim. Porque ainda que os atrevimentos , & infidelidades dos Hereges ſe ordenaõ a eſcurecer , & infamar as glorias da Fè de Chriſto , por eſſe meſmo caminho fica ella mais declarada , & mais acreditada. Quanto a authoridade do myſterio perde de reſpeito , tanto a verdade da Fè ganha de authoridade. Encontraõ-ſe nos Hereges com hũa glorioſa implicaçaõ ſeus intentos , & noſſa Fè ; porque o credito , que lhe negaõ , he credito , que lhe daõ. Negaõlhe o credito , porq̃ a não crem ; daõlhe credito , porque a acreditaõ : quanto por elles menos crida, tanto para com todos mais acreditada. Ouçamos a Origenes , cujas palavras , ſe eu acerto a ponderallas , ſaõ valente teſtemunho deſta verdade.

328 *Poſt evenientia ex prodigiis , necnon ex transfiguratione præconia , initium glorificandi filii hominis fuit exitus Judæ.* Depois de confirmada a Fè de Chriſto (diz Origenes) com o teſtemunho dos milagres , & com o teſtemunho da Transfiguraçaõ , quando Judas ſahio do Cenaculo , entaõ a deu o Senhor por verdadeiramente acreditada. Grande dizer, mas difficultoſo em Theologia. Os dous mayores fundamentos da noſſa Fè , ſaõ , primeiro a authoridade Divina , ſegundo , a manifeſtação dos milagres. Na authoridade Divina ſe fũda, como em razão formal de crer; com os milagres ſe confirma como com obras ſobrenaturaes , teſtemunhas ſem ſuſpeita da meſma authoridade. Aſſim o eſcreveo S. Paulo aos Hebreos fallando da noſſa Fè : *Quæ cùm initium accepiſſet enarrari per Dominũ , ab eis , qui audierunt , in nos confirmata eſt , conteſtante Deo ſignis , & portentis.* Cõ Hebr. 2. 3. 4.

eſtes

eſtes doũs teſtemunhos tinha Chriſto fundado, & confirmado a Fè de ſua Divindade, quando Judas ſahio da Cea. Com o teſtemunho dos milagres nos ultimos tres annos da vida, em que obrou tantos como ſabemos. Com o teſtemunho da authoridade Divina na Transfiguraçaõ em que foi ouvida claramente a voz do Padre, q̃ dizia: *Hic eſt Filius meus dilectus, in quo mihi complacui:* Eſte he meu Filho amado, em que muito me agradei. Pois ſe a Fè da Divindade de Chriſto eſtava fundada, & demonſtrada com os dous mayores argumentos, & teſtemunhos della; com o teſtemunho da Omnipotencia nos milagres, com o teſtemunho da authoridade Divina na Transfiguraçaõ: *Poſt evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione præconia*; como ſe diz, que entaõ acabou de ficar acreditada, & declarada, quando Judas ſahio do Cenaculo? Quando Judas levou roubado o Santiſſimo Sacramento, para elle, & os Judeos deſprezarem como vãa, & negarem a Fè deſte myſterio? Não ſe poderá mais encarecer a verdade do que dizemos. He tam forte argumento, & tam evidente teſtemunho de noſſa Fè a meſma infidelidade dos Hereges, & daquelles principalmente, que neſte ſacroſanto Myſterio o offendem, & negaõ, que depois de confirmada com o teſtemunho dos milagres, com o teſtemunho da authoridade Divina: *Poſt evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione præconia*; em quanto lhe faltava o teſtemunho da infidelidade dos Hereges, em quanto lhe faltava o teſtemunho dos deſprezos, & zombarias de Judas, & dos Judeos, achou Chriſto que não eſtava cabalmente acreditada ſua Fe, & depois diſſo, ſim: *Nunc clarificatus eſt Filius hominis: initium glorificandi Filii hominis, fuit exitus Judæ.*

Matth. 3.17.

III.

§. III.

329 AGora entraõ as particulares demonstrações, com que prometi provar a evidencia deste mysterio. Os Hereges negaõ-no ? Logo he verdade. Christo sofre-os? Logo está presente. Começando pela primeira, parece cousa difficultosa, & ainda impossivel, que o erro, & infidelidade, com que os Hereges negaõ o mysterio da Fè Catholica, seja argumento certo, & consequẽcia infallivel da mesma Fè. Toda a razaõ formal, & motivo da nossa Fè, como já disse, he a authoridade Divina. Deos disse-o: logo he verdade. Mas que tambem seja motivo de crer os mysterios da Fè, a authoridade, ou asseveraçaõ contraria ? & que se infira por boa consequencia: o Herege nega-o: logo he verdade ? Sim. E a razaõ, em que se funda esta consequencia, he; porque andaõ os eyxos do lume da razaõ tam encontrados nos entendimentos dos Hereges, que crem pelos motivos de negar, & negaõ pelos motivos de crer. Texto expresso de Christo Redemptor nosso. Fez Christo aquella celebre pergũta aos Judeos: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi ?* Se vos digo verdade, porque me não credes ? Não respondèraõ á questaõ os perguntados, mas o Senhor lhes respondeo no mesmo Capitulo, por estas palavras: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mihi.* Sabeis incredulos, porq̃ me não credes? he porque eu vos digo a verdade. Clara sentença, mas difficultosa. A causa formal objectiva, (como fallaõ os Filosofos) ou a razaõ, & motivo, porque damos credito ás cousas, he o ser, & verdade dellas. Assim o ensina Aristoteles, o dicta o lume natural, & o obra a experiencia de cada hum. Pois se a verdade das cousas he a razaõ, & o motivo porque os entendimentos

Joann. 8.46.

Idid.41.

mentos racionaes ſe perſuadem a crer ; como diz Chriſto , que os Judeos o não criaõ, porque lhes dizia verdade : *Si veritatem dico vobis , non creditis ?* A verdade , que he razaõ de crer, póde ſer razaõ de não crer ? Nos entendimentos dos Hereges , ſim. Anda tam perturbado o lume racional nos entendimentos dos Hereges , & os dictames do diſcurſo tam encõtrados com as conſequencias da razaõ , que crem pelos motivos , porque haviaõ de negar , & negaõ pelos motivos , porque haviaõ de crer : & como o motivo de crer , he a verdade, & o motivo de negar he a mentira; por iſſo crem a mentira , ſó porque he mentira , & negão a verdade , ſó porque he verdade: *Ego autem ſi veritatem dico, non creditis mihi.* Não he ſentido imaginado , ſenão germano,& literal do Texto ; aſſim o entende com S. Agoſtinho , & S. Chryſoſtomo aquelle grande Cõmentador dos Euangeliſtas , & na minha õpiniaõ, o mais literal, & mais ſolido do noſſo ſeculo , o doutiſſimo Maldonado. *Mihi ideo non creditis* , (diz elle) *quia ego non mendacium, ſicut pater veſter diabolus , ſed veritatem loquor : ſi enim mendacium loquerer, crederetis utique mihi aſſueti credere diaboli mendaciis : ſed ob hoc ipſum mihi non creditis, ob quod maxime credere deberetis, quia veritatem nimirum vobis dico.* Notemſe muito eſtas ultimas palavras, nas quaes ſe diz claramẽte, que o *propter quod*, & a razaõ formal de crer , he nos Hereges razaõ de negar: *Sed ob hoc ipſum mihi non creditis , ob quod maxime credere deberetis.*

330 Poſto que as palavras, & oraculos da boca de Chriſto ſaõ maiores que todo outro teſtemunho , ou exemplo humano ; para que nós entendamos melhor , & mais claramente o Texto referido , o quero confirmar com dous famoſos caſos hum do Velho , outro do Novo Teſtamento;

ſtamento. Sahiraõ os filhos de Iſrael do Egypto com tantos, & tam portentoſos milagres, como ſabemos: chegáraõ aos deſertos do monte Sinay tres mezes depois; ſobe Moyſes ao monte a receber de Deos a Ley, & porque ſe deteve quarenta dias; cançados de eſperar, os que agora ſe não cançaõ depois de mil & ſeiſcentos annos, pedírão a Arão, que lhes fizeſſe hum Deos, a quem ſeguiſſem, pois de ſeu irmaõ Moyſes não ſabiaõ o que era feito. Deteve-ſe Araõ alguns dias; inſtáraõ fortemente; pede em fim as arrecadas de ouro ſuas, & de ſuas mulheres, & filhos; (ſegundo o uſo da Naçaõ naquelle tempo) as quaes derretidas, & fundidas, ſahio a imagem de hum bezerro; & poſta eſta ſobre hum altar, com pregão publico por todos os arrayaes ſe lhe dedicou ſolemnidade para o dia ſeguinte, dizendo que aquelles eraõ os deoſes, que tinhão libertado o povo do cativeiro do Egypto: *Hi ſunt dii tui Iſrael, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* Atè aqui parece iſto fabula, ou farça: o que ſe ſegue he, q̃ verdadeiramente adoráraõ o bezerro, & lhe offerecèraõ ſacrificios, & com jogos, & feſtas o celebráraõ. Se o não diſſera aſſim a Eſcritura ſagrada, ninguem podèra crer tal locura de homens com juizo. Dizeime: quando ſahiſtes libertados da terra do Egypto, & quando foi feito eſte Deos, a quem vòs chamais deoſes? o bezerro com quatro pès, & duas pontas na teſta, foi fundido hontem; do Egypto (como conſta do meſmo Texto) ha mais de quatro mezes, que ſahiſtes: pois como póde eſte Deos, ou como podèraõ eſtes deoſes, que ainda não eraõ, libertarvos do Egypto tantos mezes antes? Não eraõ, & podèraõ libertar? não eraõ, & podèraõ fazer tantos milagres? Aquelle ouro, de que forão fundidas eſtas divindades, não o trazieis pendurado Erod. 32.4.

durado das voſſas orelhas todo eſte tempo ? pois como antes de ter fórma , nem figura, nem vida, nem ſentido , nem ſer, podèraõ obrar o que credes ? Póde haver maiş clara , & manifeſta implicaçaõ ? Não pòde. E ſe vós tivereis uſo de razaõ, ao pregoeiro, & ao que mandou apregoar eſta nova divindade, havieis de queimar no meſmo fogo, em que ella foi fundida. Mas iſto meſmo he ſerdes vòs, como entaõ começaſtes a ſer , Hereges da verdadeira Fè. Negaſtes a verdade , & creſtes a mais clara , & manifeſta mentira ; porque he natural inſtinto do voſſo entendimento crer pelos motivos de negar , & negar pelos motivos de crer.

331 O caſo do Teſtamento Novo, ainda em certo modo he mais notavel. Mandou o Senado de Jeruſalem Embaxadores a S. Joaõ Baptiſta no deſerto , pedindolhe que declaraſſe ſe era elle o Meſſias eſperado , & prometido na Ley; porque eſtavão aparelhados para o adorar , & reconhecer. Foi eſta embaxada dos Miniſtros da Synagoga muito acertada no tempo , mas muito errada na peſſoa : foi acertada no tempo ; porque cerradas as hebdomadas de Daniel , & traſpaſſado o Sceptro de Judá aos Romanos , ſegundo a verdade das profecias , era certo , que eſtava o Meſſias no mundo : & foi errada na peſſoa ; porque eſta embaxada havia de ir dirigida a Chriſto , & não ao Baptiſta , como as meſmas profecias , que erão mais vulgares entre os Hebreos , o gritavão claraméte. A profecia de Jacob dizia , que o Meſſias havia de ſer do Tribu de Judá : Chriſto era do Tribu de Judá , o Baptiſta do Tribu de Levi. A profecia de Micheas dizia , que o Meſſias havia de naſcer em Bethlem, & o Baptiſta naſceo nas montanhas de Judea. A profecia de Iſaías dizia , que o

Meſſias havia de dar pès a mancos, viſta a cegos, falla a mudos, &c. Chriſto fez infinitos milagres deſte genero, & o Baptiſta nenhum: *Joannes nullum ſignum fecit.* Pois ſe todas as razões dictavaõ que Chriſto era o verdadeiro Meſſias, & nenhũa eſtava por parte do Baptiſta; porque ſe reſolvem eſtes homens a crer, & adorar o Baptiſta, & não querem reconhecer, antes negão a Chriſto? Porque? Por iſſo meſmo. Negavão a Chriſto, porque tinhão motivos de o crer; & criaõ no Baptiſta, porque tinhão motivos de o negar. Erão aquelles de quem diz o Profeta: *Eraverunt ab utero, loquuti ſunt falſa:* & quem erra por natureza, não acerta por razão. Se os entendimentos deſtes homens ſe governáraõ humana, & delapaxonadamente pelos dictames da razão, crendo, & negando, creraõ em Chriſto, & não crerão no Baptiſta. Mas como elles eraõ infieis, & como taes procediaõ cega, & irracionalmente, crendo pelos motivos de negar, & negando pelos motivos de crer; por iſſo encontráraõ aqui a reſolução com os motivos; & ao Baptiſta, a quem tinhão razaõ de negar, criaõ; & a Chriſto, a quem tinhão razão de crer, negavão.

Pſalm. 57.4.

332 E porque os Hereges, (fechemos agora o noſſo argumento) porque os Hereges negaõ pelos motivos de crer, & crem pelos motivos de negar, bem ſe ſegue, que he mayor credito de noſſa Fè ſer negada por elles, que ſer crida. Por iſſo Chriſto Senhor noſſo mandou calar ao demonio, quando lhe chamava Filho de Deos; porque ha peſſoas, que afrontaõ com os louvores, como cõ as injurias acreditão. Tal foi a de Nero, de quem diſſe Tertulliano, que não podia ter mayor abono a ſantidade da noſſa Fè, que ſer perſeguida por tam máo homem: *Tali dedicatione damnationis noſtræ*

ſtræ etiam gloriamur ; qui enim ſcit illum intelligere , patet non niſi aliquod grande bonum à Nerone damnatum. Saõ as palavras de Tertulliano merecedoras de virem a tempo que nos poderamos deter em as ponderar. Aſſim que os erros da perfidia heretica, ſaõ argumentos da Fè Catholica; os ſoleciſmos da ſua infidelidade, ſaõ ſyllogiſmos da noſſa verdade ; mas ſyllogiſmos , & argumentos , que a Logica de Ariſtoteles não alcançou , porque ſe prova nelles o que ſe nega ; antes o meſmo negarſe he concluir que ſe deve conceder. Daqui ſe entenderá a energia com que S. Joaõ Euangeliſta referio no caſo acima a repoſta q̃ o Baptiſta deu aos Embaxadores de Jeruſalem : *Cõfeſſus eſt , & non negavit ; & confeſſus eſt : quia non ſum ego Chriſtus.* Confeſſou o Baptiſta , & não negou ; & confeſſou que não era elle Chriſto. Pergũto : Não baſtava dizer , que confeſſou ? para que acrecenta que confeſſoũ, & não negou : *Et confeſſus eſt , & non negavit ?* He ſem duvida pelo que himos dizendo; porque os Sacerdotes , & Levitas , que offereciaõ a Divindade ao Baptiſta , tambẽ confeſſavaõ a Chriſto; mas com eſta differença, que o Baptiſta confeſſava confeſſando , & elles confeſſavaõ negando : como ſe diſſera, ou inſinuára o Euangeliſta : Confeſſou o Baptiſta a Chriſto , & tãbem os q̃ negavão o confeſſáraõ , bem que por differente modo , como com diverſa intenção ; porque os Judeos , quando negavão , confeſſárão ; & o Baptiſta confeſſou , & não negou : *Confeſſus eſt , & non negavit.*

333 Não ſe eſcandalize logo a Fè por ſe ver negada por Hereges no mayor de ſeus myſterios ; antes ſe glorie na memoria , & na preſença, vendoſe confirmada com dobrados teſtemunhos : com o dos Hereges ſacrilegos , q̃ injurioſamente a negarão ;

& com a dos fieis Catholicos, que tam firme, tam devota, & tam glorioſamente a confeſſaõ. Notou S. Pedro Damiaõ advertidamente, que em abono da Divindade de Chriſto não ſó teſtemunhárão as luzes, mas tambem as trevas: *Habuit teſtimonium lucis, & habuit teſtimonium tenebrarum: Habuit teſtimonium lucis, quia claritas ſtellæ illuſtravit Magos; habuit teſtimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebræ factæ ſunt ſuper univerſam faciem terræ.* Teſtemunharaõ pela Fè de Chriſto em ſeu naſcimento as luzes; em ſua morte as trevas: as luzes guiando com hũa Eſtrella aos Magos; as trevas eſcurecendo com univerſal eclipſe o mundo; mas ainda que com tam differentes effeitos, hũas allumiavaõ, outras eſcurecião, todas conformemente teſtemunhavão. Tam claro teſtemunho derão as trevas cõ ſeus eclipſes, como as luzes com ſeus reſplandores. O meſmo digõ do Santiſſimo Sacramento neſta caſa, & neſte caſo: *Habuit teſtimonium lucis, & habuit teſtimonium tenebrarum.* Aqui teve Chriſto o teſtemunho das luzes, & aqui teve o teſtemunho das trevas. As trevas da hereſia eſcurecèrão, as luzes da nobreza illuſtrárão, que cada hũa havia de obrar como quem era; mas tam illuſtre teſtemunho derão as trevas eſcurecendo, como dão as luzes illuſtrando. Grande teſtemunho he da preſença de Chriſto, que a confeſſe a mayor nobreza da terra; mas não he menor teſtemunho deſſa meſma verdade, que a negue a mayor cegueira do mundo. As luzes no naſcimento arraſtáraõ as purpuras dos Reys; mas as trevas na morte perſuadiraõ os entendimentos dos Filoſofos: & aſſim como daquellas trevas naturaes collegio o Areopagita, que era Deos o que padecia; aſſim deſtas trevas hereticas devemos collegir nòs, que

D. Petr. Dam.

qũe he Deos, o que offendèraõ: *Hic eſt panis, qui cælo deſcendit.*

§. IV.

334 O Segundo argumento deſta verdade de noſſa Fè, era o ſofrimento Divino; porque a paciencia de Chriſto no Sacramento he prova de ſua preſença. Sofreo Chriſto que os Hereges puzeſſem as mãos naquella Hoſtia, & não os caſtigou? Sinal he que eſtá alli preſente. Caminhava em hũa corroça a Arca do Teſtamento para a Cidade de David, & como em hum máo paſſo eſtiveſſe a perigo de cahir, acudio o Sacerdote Oza para a ſuſtentar; mas apenas tinha applicado a maõ, quando cahio em terra ſubitamente, & dalli o leváraõ para a ſepultura. Iſto ſe refere no ſexto Capitulo do ſegundo livro dos Reys: & ſe da hiſtoria do Teſtamento Velho paſſarmos à do novo, acharemos no Capitulo dezoito de Saõ Joaõ, que hum miniſtro do Pontifice levantou ſacrilego a maõ para Chriſto, & imprimindo-a com furia no ſagrado roſto, ficou vivo, & ſem caſtigo. Notavel deſigualdade! Se porque ſe atreve a pòr a mão na Arca, morre Oza; como fica o miniſtro infame com vida depois de taõ horrendo atrevimento? Todo o reſpeito que ſe devia, & ſe dava à Arca do Teſtamento, não era por ſer figura do Verbo encarnado? Pois ſe as injurias feitas ao retrato aſſim ſe caſtigaõ, como ſenão caſtigaõ tambem as injurias feitas á Peſſoa? Porque cá era a Peſſoa; lá era o retrato. Na Arca do Teſtamẽto eſtava Deos por preſença figurativa; na Humanidade de Chriſto eſtava Deos por preſença real, & verdadeira; & onde tinha mais verdadeira preſença; ahi havia de dar mayores moſtras de paciencia. Não pode ſofrer acenos a Arca, porque não tinha de Deos

mais q̃ ā figūra; pode ſofrer injurias em ſeu roſto Chriſto, porque tinha de Deos a realidade. Oh Senhor, que bem moſtrais, que debaixo deſſes accidentes de paõ eſtá voſſa real, & verdadeira preſença! Os Hereges obráraõ como quem ſaõ; vòs obraſtes como quem ſois: os homens negáraõvos, vòs naõ vos negaſtes. Cõſagraraõ os Hebreos Divindade á ſemelhança bruta de hum bezerro, teve impulſos Deos de caſtigar tam grande atrevimento aſſolando-os a todos, como mereciaõ; mas deixouſe vencer a ira Divina das orações de Moyſes; não os caſtigou. Poz os olhos neſta acçaõ S. Paulino, como os podèra pòr no caſo preſente, & vendo os offenſores na terra ſem caſtigo, & Deos no Ceo offendido ſem vingança, depois de larga admiraçaõ reſolveoſe aſſim: *Deum homines negaverunt, & Deus ſe ipſum non negavit.* O caſo he que os homens negáraõ a Deos, mas Deos não ſe negoũ ā ſi: os homens negáraõ a Deos; porque idolatráraõ: Deos não ſe negou a ſi; porque os ſofreo. Cuidaria alguem que ſe portou Deos naquella occaſiaõ menos cuidadoſo dos fóros de ſua honra, menos zeloſo dos pundonores de ſua Divindade; mas não foi aſſim, diz S. Paulino: não levar da eſpada cõtra os homẽs, foi defender, & acudir por ſua honra poderoſamente; porque na paciencia, com que os ſofreo, refutou a falſidade, com que o negáraõ. Vòs dizeis que não ſou Deos? pois hei de moſtrar que o ſou, heivos de ſofrer: *Deum homines negaverunt, & Deus ſe ipſum non negavit.*

335 E ſenão, pergunto, & reſpondame o entendimento mais eſcrupuloſo: Se quando os ſacrilegos chegáraõ a pòr a maõ na Hoſtia, fizera Chriſto algum portentoſo milagre, ou derrubando-os por terra, ou enterrando-os vivos, não diſſeramos que era

era argumento grande de ſua Divindade, & preſença ? Sim : pois tanto moſtrou Chriſto a verdade do ſeu ſer, & de ſua preſença em ſe deixar maltratar, como ſe caſtigára ſe vera, & prodigioſamente os que aſſim o tratáraõ. Vieraõ os Judeos prender a Chriſto Redemptor noſſo ao Horto ; perguntoulhes o Senhor a quem buſcavaõ, & como diſſeſſem que a Jeſu Nazareno, reſ-
foann. pondeo : *Ego ſum* : Eu ſou.
8.5. E foi tam poderoſa eſta palavra, que no meſmo inſtante cahiraõ por terra todos os ſoldados : *Abierunt retrorſum.* Não deſiſtiraõ com eſte deſengano os perfidos Miniſtros; (que não ſabe eſcarmentar a infidelidade) vendo-os reſolutos tornou o Senhor a lhes perguntar quem buſcavaõ, & como reſpondeſſem que a Jeſu Nazareno,
foann. diſſe o Senhor : *Dixi vobis,*
18.8. *quia ego ſum*: Já vos diſſe q̃ eu ſou : & dizendo iſto lhe
Ibid.12. puzeraõ as mãos, & o prendèraõ : *Cohors ergo, & miniſtri comprehenderũt Ieſum, & ligaverunt eum.* O que aqui pondero, & o em que muito reparo he, que com hum *Ego ſum*, derrubou Chriſto a ſeus inimigos, & com hum *Ego ſum*, lhes deu licença para que puzeſſem nelle as mãos ſacrilegas. Se a palavra, *Eu ſou*, foi tam poderoſa, que derrubou hum exercito de ſoldados ; porque toma Chriſto por meyo de ſe entregar, & ſe deixar prender, a meſma palavra, *Eu ſou ?* A razaõ he ; porque quiz enſinar Chriſto áquelles Hereges, que tanto moſtrava ſer elle em os ſofrer, como moſtrava ſer elle em os derrubar. Não cuideis, Hereges, que fica menoſcabada a verdade de meu ſer na temeridade de voſſos atrevimentos ; porque eu ſou, quando vos derrubo ; & eu ſou, quando vos ſofro : quando dou comvoſco por terra : *Ego ſum* ; quando vos dou licença para q̃ me ponhais as mãos tambem, *Ego ſum*; porque tanto ſe prova a

verdade de meu ſer nos milagres de minha Omnipotencia, como nas permiſſões de minha paciencia. *Ego ſum*, nos milagres de minha Omnipotencia: *Et abierunt retrorſum: Ego ſum*, nos extremos de minha paciencia: *Et manus injecerunt in Jeſum.*

§. V.

336 ANtes ſe entre a Omnipotencia, & paciencia quizermos fazer comparaçaõ, mais moſtra Chriſto que o he na fortaleza de ſofrido, q̃ na grandeza de todo poderoſo. Eſtava Chriſto pregado na Cruz, chegáraõ os Judeos, & fizeraõ-lhe eſte partido: *Si Filius Dei es, deſcende de Cruce*: Eya Senhor, venhamos a concerto: ſe ſois Filho de Deos, como dizeis, deſcei deſſa Cruz, & creremos que o ſois. Quando iſto li, pareceome que o Senhor aceitaſſe logo o partido; mas eu leyo, que não lhes reſpondeo palavra, & ſe deixou eſtar crucificado. Pois ſe Chriſto não pertendia outra couſa mais que a Fè dos homens, & os homens queriaõ crer, ſe ſe deſceſſe da Cruz; porque ſe não deſceo? Deixou de deſcer Chriſto da Cruz, não por não querer dar motivos de Fè aos homẽs, ſenão porque lhes quiz dar os mais qualificados. O Senhor eſtava padecendo na Cruz, elles queriaõ que deſceſſe della; & era menor prova de ſua Divindade o deſcer, qne o padecer. S. Athanaſio: *Non deſcendendo, ſed permanendo in Cruce Filius Dei agnoſci voluit; multo enim magis mors Salvatoris fidem hominibus attulit, quàm deſcenſus atuliſſet.* Admiravelmente! Não quiz o Senhor deſcer, para que creſſem nelle; mas para que creſſem nelle deixou-ſe padecer; porque muito mais provava ſer Filho de Deos padecendo, do que deſcendo. Deſcendo, moſtrava-ſe ſobrenaturalmente poderoſo; padecendo, moſtrava-ſe

Matth. 27. 40.

va-ſe ſobrenaturalmente ſofrido ; & mais prova de Divindade eraõ os milagres de ſua paciencia, que os milagres de ſua Omnipotencia. Bem ſe vio ; porque depois de moſtrar ſua Omnipotencia no Horto, derrubando-os, crucificáraõ-no : & depois de moſtrar ſua paciencia no Calvario, adoráraõ-no : *Verè Filius Dei erat iſte*, diſſe o Capitaõ dos meſmos ſoldados. Mal argumenta logo a infidelidade em duvidar da preſença de Chriſto no Sacramento, pelo ver tam ſofrido em ſuas injurias, porque antes da ſua paciencia ſe prova evidentemente ſua preſença. *Hoc eſt Corpus meum.* Eſte he meu Corpo, diſſe Chriſto na inſtituiçaõ do Santiſſimo Sacramento eſtando com o paõ nas mãos; & ſendo hũa couſa tam nova, & tam difficultoſa, com q̃ o provou ? Ouvi as palavras ſeguintes: *Hoc eſt Corpus meum, quod pro vobis tradetur.* Eſte he o meu Corpo, que por vòs hade ſer entregue. Allegou as injurias futuras, que os Judeos haviaõ de fazer em ſeu Corpo, quando affirmava a verdadeira preſença, com que o deixava encuberto, & inviſivel no Sacramento. Depois de dizer : *Hoc eſt Corpus meum*, quando parece havia de dar provas de ſua preſença, deu provas de ſua paciencia : *Quod pro vobis tradetur.* Porq̃ a paciencia de Chriſto he a mais qualificada prova de ſua preſença. Deume confiança para o dizer aſſim S. Cyrillo, que em ſemelhantes palavras filoſofou da meſma maneira. O que Chriſto diſſe na Cea conſagrãdo ſeu Corpo, tinha já dito no Capitulo ſexto de Saõ Joaõ prometendo de o cõſagrar : *Panis quem ego dabo, caro mea eſt pro mundi vita.* O paõ q̃ hei de dar a comer aos homens, he o meſmo Corpo, que hei de entregar à morte pela ſalvaçaõ do mundo. Diz agora S. Cyrillo: *Panis, quem ego dabo ad manducandum, eſt illa*

atth.

int.

S. Cyril.

illa ipſa caro, quam in morte pro mũdi vita daturus ſum; eo enim ipſo quòd bis dicit dare, indicat ſe diverſis dandi modis loqui; nec enim poſterius prioris (ut quidam putant) explicatio eſt , ſed potiùs probatio. Grandes palavras eſtas ultimas! Quando Chriſto diz que hade deixar ſeu Corpo debaixo das eſpecies de paõ , acrecenta que he o meſmo Corpo , que havia de entregar nas mãos dos homens; & iſto, diz S. Cyrillo , não foi explicaçaõ de ſer , o que deixava, ſeu Corpo , ſenão prova de que o era: *Nec enim poſterius prioris explicatio eſt , ſed potiùs probatio.* A evidencia com que padeceo , fez prova da inevidencia com que ſe deixou : encobrem-no os accidentes , deſcobre-o a paciencia : atè agora era myſterio encuberto , agora he Sacramento manifeſto : para que entendamos que ſe não encontra a magnanimidade de ſua paciencia com a verdade de ſua preſença , antes de hũa ſe infere outra. Sofre? pois eſtá preſente : *Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit.*

§. VI.

337 ESte ſois, Senhor, eſte ſois ; eſte he o ſummo de voſſa grandeza , eſte he o ſummo de voſſa Mageſtade , eſte he o ſummo de voſſo poder. Pouco conhece a Omnipotencia de voſſa Divindade, quem a não reconhece , & adora mais deſcuberta, & manifeſta na voſſa paciencia. Podeis desfazer, podeis deſtruir , podeis aſſolar , podeis aniquilar o mũdo em caſtigo , & vingança de voſſas offenſas, & parecendo q̃ eſte he todo o voſſo poder , ainda podeis mais : & que? Podeis perdoar , podeis não caſtigar , nem vingar eſſas meſmas offenſas. Aſſim o crè , & canta ſem adulaçaõ voſſa meſma Igreja : *Qui omnipotentiam tuam parcendo maxime , & miſerando manifeſtas.* Vòs ſois , diz , aquella Omnipotente Divindade ,

vindade, que em perdoar, & não caſtigar, em ſofrer, & não vingar, oſtenta mais o ſummo poder de ſua Omnipotencia. Muito nos peza de que houveſſe entre nòs tam pouca Fè, que ſe atreveſſe a offender voſſa occulta Mageſtade debaixo da ſombra deſſes accidentes inviſivel. Porèm nòs que inviſivel, & ſem a vermos a cremos tam claramente, como ſe a viramos, em diſtinguir o caſtigo da ſatisfaçaõ, imitamos, quanto nos he poſſivel, os primores ſoberanos de voſſa juſtiça. Aſſim como caſtigaſtes a infidelidade de Adaõ com a ſentença de morte, aſſim caſtigou eſta o zelo vigilantiſſimo de Portugal com a morte mais ſevera. Mas porque Adaõ, & hum ſugeito de barro não podia ſatisfazer á infinita Mageſtade de Deos offendido, aſſim como mandou Deos ſeu proprio Filho, para que elle em Peſſoa ſatisfizeſſe por aquella culpa; aſſim o fez, & faz neſtes tres dias Liſboa, no modo que lhe he poſſivel. Os Reys, os Principes, a primeira, & mais illuſtre nobreza ſaõ as Deidades cá da terra; eſſas tendes Senhor poſtradas diante deſſe Throno, todas cõnome de perpetuos Eſcravos deſſe ſacroſanto Myſterio; para que voſſa meſma Mageſtade offendida, ſe digne de aceitar a ſua Fè, a ſua adoraçaõ, & o ſeu profundiſſimo conhecimento, & obſequio, em ſatisfaçaõ, & deſaggravo deſta offenſa.

SER-

SERMAÕ

DA PRIMEIRA DOMINGA DA

QUARESMA,

Na Cidade de S. Luis do Maranhaõ, anno de 1653.

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.
Matth. 4. 9.

§. I.

338 OH que temeroſo dia! Oh que venturoſo dia! Eſtamos no dia das tentações do demonio, & no dia das vitorias de Chriſto. Dia, em que o demonio ſe atreve a tentar em campo aberto ao meſmo Filho de Deos: *Si Filius Dei es*; oh que temeroſo dia! Se atè o meſmo Deos he tentado; que homem haverá, que não tema ſer vencido? Dia, em que Chriſto com tres palavras venceo, & derrubou tres vezes ao demonio, oh que venturoſo dia! A hum inimigo tres vezes vencido quem não terá eſperanças de o vencer? Tres foraõ

rão as tentações, com que o demonio hoje acometeo a Christo: na primeira offereceo: na segunda aconselhou: na terceira pedio. Na primeira offereceo: id. 3. *Dic ut lapides isti panes fiãt*: que fizesse das pedras paõ: na segunda aconselhou: *Mitte te deorsum*: que se deitasse daquella torre abaixo: na terceira pedio: id. 9. *Si cadens adoraveris me*: q̃ cahido o adorasse. Vede que offertas, vede que cõselhos, vede que petições. Offerece pedras, aconselha precipicios, pede cahidas. E com isto ser assim, estas saõ as offertas, que nòs aceitamos, estes os conselhos, que seguimos, estas às petições, que concedemos. De todas estas tentações do demonio, escolhi só hũa para tratar; porque para vencer, & convencer tres tentações, he pouco tempo hũa hora. E quantas vezes para ser vencido delas basta hum instante! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira, & ultima; porque ella he a mayor, porque ella he a mais universal, ella he a mais poderosa, & ella he a mais propria desta terra, em que estamos. Não de balde a reservou o demonio para o ultimo encontro, como a lança, de que mais se fiava; mas hoje lha havemos de quebrar nos olhos. Demaneira Christãos, que temos hoje a mayor tentaçaõ; queira Deos, que tenhamos tambem a mayor vitoria. Bem sabeis que vitorias, & contra tentações, só as dá a graça Divina; peçamola ao Espirito Santo por intercessaõ da Senhora; & peçovos que a peçais com grande affecto, porque nos hade ser hoje mais necessaria, que nunca.

Ave Maria.

Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me.

§. II.

339 QUe offereça o demonio mundos, & que peça adorações! Oh quanto temos, que temer: oh quãto temos, que imitar nas tentações do demonio! Ter que temer, & muito que temer nas tentações do demonio, couſa he muy achada, & mũy ſabida: mas ter nas tentações do demonio que imitar? Sim; porque ſomos taes os homens por hũa parte, & he tal a força da verdade por outra, que as meſmas tentações do demonio, que nos ſervem de ruina, nos podem ſervir de exemplo. Eſtai comigo.

340 Toma o demonio pela maõ a Chriſto, leva-o a hum monte mais alto q̃ eſſas nuvens, moſtralhe dalli os Reynos, as Cidades, as Cortes de todo o mundo, & ſuas grandezas, & dizlhe deſta maneira: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me*: Tudo iſto te darei, ſe dobrando o joelho me adorares. Ha tal propoſta? Vem cá demonio, ſabes o que dizes, ou o q̃ fazes? He poſſivel que promete o demonio hum mundo por hũa ſó adoraçaõ? He poſſivel que offerece o demonio hum mundo por hum ſó peccado? He poſſivel que não lhe parece muito ao demonio dar hum mundo ſó por hũa alma? Não; porque a conhece, & ſó quem conhece as couſas, as ſabe avaliar. Nòs os homens, como nos governamos pelos ſentidos corporaes, & a noſſa alma he eſpiritual, não a conhecemos; & como não a conhecemos, não a eſtimamos, & por iſſo a damos tam barata. Porèm o demonio, como he eſpirito,

rito, & a noſſa alma tambem eſpirito, conhece muito bem o que ella he; & como a conhece, eſtima-a, & eſtima-a tanto, que do primeiro lanço offerece por hũa alma o mundo todo; porque val mais hũa alma, que todo o mundo. Vede ſe as tentações do demonio, que nos ſervem de ruina, nos podem ſervir de exemplo. Aprendamos ſe quer do demonio a avaliar, & a eſtimar noſſas almas. Fiquenos, Chriſtãos, que val mais hũa alma, que todo o mundo. E he tam manifeſta verdade eſta, q̃ atè o demonio, inimigo capital das almas, a não póde negar.

341 Mas já q̃ o demonio nos dá doutrina, querolhe eu dar hum quinao. Vem cá demonio, outra vez. Tu ſabio? tu aſtuto? tu tentador? vaite dahi, que não ſabes tentar. Se tu querias que Chriſto ſe ajoelhaſſe diante de ti, & ſouberas negociar, tu o rendèras. Vaslhe offerecer a Chriſto mundos? Oh q̃ ignorancia! Se q̃ando lhe davas hum mundo, lhe tiráras hũa alma, logo o tinhas de joelhos a teus pès. Aſſim aconteceo. Quando Judas eſtava na Cea, já o diabo eſtava em Judas: *Cùm jam diabolus miſiſſet in cor, ut traderet eum Judas.* Joann. 13. 2. Vendo Chriſto que o demonio lhe levava aquella alma, poem-ſe de joelhos aos pès de Judas, para lhos lavar, & para o converter. Tá, Senhor meu, reparai no que fazeis: não vedes q̃ o demonio eſtá aſſentado no coraçaõ de Judas? não vedes que em Judas eſtá reveſtido o demonio, & vós meſmo o diſſeſtes: *Unus ex vobis diabolus eſt?* Joann. 6. 71. Pois ſerá bem que Chriſto eſteja ajoelhado aos pès do demonio? Chriſto ajoelhado aos pès de Judas, aſſombro he, paſmo he; mas Chriſto ajoelhado, Chriſto de joelhos diante do diabo? Sim. Quando lhe offerecia o mundo, não o pode conſeguir: tanto q̃ lhe quiz levar hũa alma, logo o teve a ſeus pès. Para

ra que acabemos de entender os homens cegos, que val mais a alma de cada hum de nós, que todo hũ mundo. As couſas eſtimaõ-ſe, & avaliaõ-ſe pelo que cuſtaõ. Que lhe cuſtou a Chriſto hũa alma, & que lhe cuſtou o mundo? O mundo cuſtoulhe hũa palavra: *Ipſe dixit, & facta ſunt*; hũa alma cuſtoulhe a vida, & o ſangue todo. Pois ſe o mundo cuſta hũa ſò palavra de Deos, & a alma cuſta todo o ſangue de Deos; julgai ſe val mais hũa alma, que todo o mũdo. Aſſim o julga Chriſto, & aſſim o não póde deixar de confeſſar o meſmo demonio. E ſó nòs ſomos tam baixos eſtimadores de noſſas almas, que lhas vendemos pelo preço, que vòs ſabeis.

Pſalm. 148.5.

342 Eſpantamonos que Judas vendeſſe a ſeu Meſtre, & a ſua alma por trinta dinheiros; & quantos ha, que andaõ rogando com ella ao demonio por menos de quinze! Os irmãos de Joſeph eraõ onze, & vendèraõ nõ por vinte dinheiros; ſahiolhe por menos de dous dinheiros a cada hum. Oh ſe cõſideraramos bem os nadas, porque vendemos a noſſa alma! Todas as vezes, que hum homem offende a Deos mortalmente, vende a ſua alma: *Venumdatus eſt, ut faceret malum*, diz a Eſcritura fallando de Achab. Eu, Chriſtãos, não quero agora, nem vos digo que não vendais a voſſa alma, porque ſei que a haveis de vender; ſò vos peço que, quando a venderdes, que a vendais a pezo. Pezai primeiro o que he hũa alma, pezai primeiro o que val, & o que cuſtou; & depois eu vos dou licença que a vendais embora. Mas em que balanças ſe ha de pezar hũa alma? Nas balanças do juizo humano não; porque ſaõ muy falſas: *Mendaces filii hominum in ſtateris.* Pois em que balanças logo? Cuidarieis q̃ vos havia de dizer que nas balanças de S. Miguel o Anjo, onde as almas ſe pezaõ;

3. Reg. 2 125.

Pſalm. 61.10.

zaõ ; naõ quero tanto : digo que as pezeis nas balanças do meſmo demonio, & eu me dou por contente. Tomai as balanças do demonio na maõ : ponde de hũa parte o mundo todo, & da outra hũa alma, & achareis que peza mais a voſſa alma, que todo o mundo. *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me:* Tudo iſto te darei, ſe me deres a tua alma. Naõ lhe tirou com menos bala a Chriſto, que com o mundo inteiro. Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos eſte contrato do demonio em pratica, & vejamos ſe he bom o partido.

343 Supponhamos primeiramente que o demonio no ſeu offerecimento fallava verdade, & que podia, & havia de dar o mũdo: ſupponhamos mais que Chriſto naõ foſſe Deos, ſenaõ hum puro homem, & tam fraco, que podeſſe, & houveſſe de cahir na tentaçaõ. Pergunto: ſe eſte homem recebeſſe o mundo todo, & ficaſſe ſenhor delle, & entregaſſe ſua alma ao demonio, ficaria bom mercador? faria bom negocio? O meſmo Chriſto o diſſe noutra occaſiaõ: *Quid prodeſt homini, ſi mundum univerſum lucretur: animæ verò ſuæ detrimentum patiatur?* Que lhe aproveita ao homem ſer ſenhor de todo o mundo, ſe tem a ſua alma no cativeiro do demonio? Oh que Divina conſideraçaõ! Alexandre Magno, & Julio Ceſar foraõ ſenhores do mundo; mas as ſuas almas agora eſtaõ ardendo no inferno, & arderaõ por toda a eternidade. Quem me dera agora perguntar a Julio Ceſar, & a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem ſido ſenhores do mundo, & ſe acháraõ que foi bom contrato dar a alma pelo acquirir. Alexandre, Julio, foi bom ſeres ſenhores do mundo todo, & eſtares agora, onde eſtais? Já que elles me naõ podem reſponder, reſpondeime vòs. Matth. 16.26.

Perguntõ: Tomareis agora algum de vòs ſer Alexandre Magno? Tomareis ſer Julio Ceſar? Deos nos livre. Como: ſe foraõ ſenhores de todo o mundo? He verdade, mas perdèraõ as ſuas almas. Oh cegueira! E para Alexandre, para Julio Ceſar, parecevos máo dar a alma por todo o mundo; & para vòs parecevos bem dar a alma pelo que naõ he mundo, nem tem de mundo o nome? Sabeis de que naſce tudo iſto? De falta de conſideraçaõ; de naõ tomares o pezo à voſſa alma. *Quid prodeſt homini?* Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo, & perder a ſua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima ſua?* Ou que couſa ha no mundo, pela qual ſe poſſa hũa alma trocar? Ibid.

343 Todas as couſas deſte mundo tem outra, porque ſe poſſaõ trocar. O deſcanço pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela honra, a honra pela alma; ſó a alma naõ tem porque ſe trocar. E ſendo que naõ ha no mundo couſa tam grande, porque ſe poſſa trocar a alma: naõ ha couſa no mundo tam pequena, & tam vil, porque a naõ troquemos, & a naõ demos. Ouvi hũa verdade de Seneca, que por ſer de hum Gentio, folgo de a repetir muitas vezes. *Nihil eſt homini ſe ipſo vilius*: Naõ ha couſa para comnoſco mais vil, que nòs meſmos. Revolvei a voſſa caſa, buſcai a couſa mais vil de toda ella, & achareis que he voſſa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a caſa, o canaveal, o eſcravo, ou o cavallo, naõ lhe pondes hum preço muito levantado, & naõ o vendeis muito bem vendido? Pois ſe a voſſa caſa, & tudo o que nella tendes, o naõ quereis dar, ſenaõ pelo que val; a voſſa alma, que val mais que o mundo todo; a voſſa alma, que cuſtou tanto como o Sangue de Jeſu Chriſto, porq̃ a haveis de vender taõ vil, & tam baxamente? Que Senec.

vos

vos fez? que vos desmerecco a triste alma? naõ a tratareis se quer como o vosso escravo, & como o vosso cavallo? Se vos perguntaõ acaso, porque naõ vendeis a vossa fazenda por menos do que val, dizeis que a naõ quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque a haveis de queimar, & porque hade arder eternamente.

344 Ora Christãos; naõ seja assim: aprendamos ao menos do demonio a estimar nossa alma. Vejamos o que o demonio hoje fez por hũa alma alhea, para que nòs nos coramos, & confundamos do pouco, que fazemos pelas proprias. Vai-se o demonio ao deserto, esta se nelle quarenta dias, & quarenta noites, como se fora hũ Anacoreta: & em todo este tempo esteve vigiando, & espreitando occasiaõ, & tanto que a teve, naõ deixou pedra por mover para a conseguir. Vendo que naõ lhe succedia, parte para Jerusalem, & sendo tam inimigo de Deos, vai-se ao Templo, para persuadir a Christo que se arrojasse do pinaculo: *Mitte te deorsum* Matth. 4. 6. Estuda livros, allega Escrituras, interpreta Psalmos: *Scriptum est enim, quia Angelis suis mandavit de te, & in manibus tollent te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* Ibid. Resistido tambem aqui, & vencido segunda vez o demonio, nem por isso desmaya: corre valles, atravessa montes, sobe ao mais alto de todos; & só por ver se podia fazer cahir a Christo, naõ repara em dar de hũa só vez o mundo todo. E que o demonio faça tudo isto por hũa alma alhea; & que façamos nòs tam pouco pela propria! Que se ponha o demonio quarenta dias em hum deserto para me tentar; & que eu nos quarenta dias da Quaresma naõ tome hum quarto de hora de retiro para lhe saber resistir! Que vigie o demonio, & espreite todas as occasioens para me conde-

nar; & que deixe eu paſſar tantas de minha ſalvaçaõ; & occaſioens, que hũa vez perdidas, naõ ſe podem recuperar! Que vá o demonio ao Templo de Jeruſalem diſtante tantas legoas, para me deſpenhar ao peccado; & que tendo eu a Igreja à porta, naõ me ſaiba ir meter em hum canto della, como o Publicano, para chorar meus peccados! Que o demonio para me perſuadir eſtude, & allegue os livros ſagrados; & q̃ eu naõ abra hũ ſó eſpiritual, para q̃ Deos falle comigo, á q̃ eu naõ ſei fallar cõ elle! Que o demonio vẽcido a primeira, & ſegunda vez, inſiſta, & naõ deſmaye para me render, & que ſe comecei acaſo algũa obra boa, à primeira difficuldade deſiſta, & naõ tenha cõſtancia, nem perſeverança em nada! Que o demonio para me fazer cahir deſça valles, & ſuba montes; & que eu naõ dè hum paſſo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente que o demonio para grangear a minha alma, naõ repare em dar no primeiro lanço o mundo todo; & que eu eſtime a minha alma tam pouco, que baſtem os mais vis intereſſes do mundo para a entregar ao demonio! Oh miſeria! Oh cegueira!

245 A que differente preço compra hoje o demonio as almas, do que offerecia por ellas antigamente! Já neſta noſſa terra vos digo eu! Nenhũa feira tem o demonio no mundo, onde lhe ſayaõ mais baratas: No noſſo Euangelho offereceo todos os Reynos do mundo por hũa alma: no Maranhaõ naõ he neceſſario ao demonio tanta bolta para comprar todas: naõ he neceſſario offerecer mundos: naõ he neceſſario offerecer Reynos: naõ he neceſſario offerecer Cidades, nem Villas, nem Aldeas. Baſta acenar o diabo cõ hum tujupàr de pindòba, & dous Tapuyas; & logo eſtá adorado com ambos os joelhos:

lhos: *Si cadens adoraveris me.* Oh que feira tam barata! Negro por alma; & mais negra ella, que elle! Eſſe negro ſerá teu eſcravo eſſes poucos dias que viver; & a tua alma ſerá minha eſcrava por toda a eternidade, em quãto Deos for Deos. Eſte he o contrato, que o demonio faz comvoſco: & naõ ſó lho aceitais, ſenaõ q̃ lhe dais o voſſo dinheiro em cima.

§. III.

346 SEnhores meus; ſomos entrados à força do Euangelho na mais grave, & mais util materia, que tem eſte Eſtado. Materia, em que vai, ou a ſalvaçaõ d'alma, ou o remedio da vida; vede ſe he grave, & ſe he util. He a mais grave, he a mais importante, he a mais intricada, & ſendo a mais util, he a menos goſtoſa. Por eſta ultima razaõ de menos goſtoſa, tinha eu determinado de nunca vos fallar nella; & por iſſo tambem de naõ ſubir ao Pulpito. Subir ao Pulpito para dar deſgoſto, naõ he de meu animo, & muito menos a peſſoas, a quem eu deſejo todos os goſtos, & todos os bens. Por outra parte ſubir ao Pulpito, & naõ dizer a verdade, he cõtra o officio, contra a obrigaçaõ, & contra a conciencia; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, & com tanta liberdade, & a tam grandes ouvidos. Por eſta cauſa reſolvi trocar hum ſerviço de Deos por outro: & irme doutrinar os Indios por eſſas Aldeas.

347 Eſtando neſta reſoluçaõ atè quinta feira, houve peſſoas, a que naõ pude perder o reſpeito, que me obrigaraõ a que quizeſſe prègar na Cidade eſta Quareſma. Prometi-o hũa vez, & arrependime muitas; porque me tornei a ver na meſma perplexidade. He verdade que no juizo dos que tiveſſem juizo, ſempre a minha boa intençaõ parece que eſtava ſegura. Perguntovos: Qual he melhor amigo: aquelle,

que vos aviſa do perigo, ou aquelle, que por vos naõ dar pena, vos deixa perecer nelle? Qual Medico he mais Chriſtaõ: aquelle, que vos aviſa da morte, ou aquelle, que por vos naõ magoar, vos deixa morrer ſem Sacramentos? Todas eſtas razoens tinha por mim, mas naõ acabava de me deliberar. Fui à ſexta feira pela manhãa dizer Miſſa por eſta tençaõ, para que Deos me alumiaſſe, & me inſpiraſſe o que foſſe mais gloria ſua; & ao ler da Epiſtola me diſſe Deos, o que queria que fizeſſe, com as meſmas palavras della. Saõ de Iſaias no Capitulo cincoenta & oito.

Iſai. 58. 1. 348 *Clama, ne ceſſes: quaſi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo ſcelera eorum.* Brada, ó Prègador, & naõ ceſſes: levanta a tua voz como trombeta, deſengana a meu povo, annuncialhe ſeus peccados, & dizelhe o eſtado, em que eſtaõ, Já o pregaõ do Rey ſe lançou com tambores: agora diz Deos, que ſe lance o ſeu com trombetas: *Quaſi tuba exalta vocem tuam.* Naõ vos aſſombre, ſenhores, o pregaõ, que como he pregaõ de Deos, eu vos prometo que ſeja mais brando, & mais benigno, que o do Rey. E ſenaõ, vede as palavras, que ſe ſeguem; *Me etenim de die in diem* Ibid. 2. *quærunt, & ſcire vias meas volunt: quaſi gens, quæ juſtitiam fecerit, & judicium Dei ſui non dereliquerit.* E ſabes porque quero que deſenganes eſte meu povo, & porque quero que lhe declares ſeus peccados? Porque ſaõ huns homens, diz Deos, que me buſcaõ todos os dias, & ſabem muitas couſas em meu ſerviço, & ſendo que tem graviſſimos peccados de injuſtiças, vivem tam deſaſſuſtados, como ſe eſtiveraõ em minha graça: *Quaſi gens, quæ juſtitiam fecerit.* Pois, Senhor, que deſengano he o que hei de dar a eſta gente, & que he o que lhe hei de annunciar

da

da parte de Deos?

349 Vede o que dizem as palavras do mesmo Texto: *Non ne hoc est magis jejunium, quod elegi? dissolve colligationes impietatis, & dimitte eos, qui confracti sunt, liberos.* Sabeis Christãos, sabeis Nobreza, & Povo do Maranhaõ, qual he o jejum, que quer Deos de vòs esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, & que deixeis ir livres, os que tendes cativos, & opprimidos. Estes saõ os peccados do Maranhaõ: estes saõ os q̃ Deos me manda que vos annuncie: *Annuntia populo meo scelera eorum.* Christãos, Deos me manda desenganarvos, & eu vos desengano da parte de Deos. Todos estais em peccado mortal: todos viveis, & morreis em estado de condenaçaõ, & todos vos ides direitos ao inferno. Já lá estaõ muitos, & vòs tambem estareis cedo com elles, senaõ mudardes de vida. Ibid.

350 Pois valhame Deos! hum povo inteiro em peccado? hum povo inteiro ao inferno? Quem se admira disto, naõ sabe q̃ cousa saõ cativeiros injustos. Descèraõ os filhos de Israel ao Egypto, & depois da morte de Joseph, cativou os ElRey Faraò, & servia-se delles como escravos. Quiz Deos dar liberdade a este miseravel povo, mandou lá Moyses, & naõ lhe deu mais escolta, que hũa vara. Achou Deos que para pòr em liberdade cativos, bastava hũa vara, ainda que fosse libertalos de hum Rey taõ tyranno como Faraò, & de hũa gente tam barbara como a do Egypto. Naõ quiz Faraò dar liberdade aos cativos; começaõ a chover as pragas sobre elle. A terra se convertia em rans: o ar se convertia em mosquitos: os rios se convertiaõ em sangue: as nuvens se convertiaõ em rayos, & em coriscos: todo o Egypto assombrado, & perecendo. Sabeis quem traz as pragas às terras!

Cativeiros injustos. Quem trouxe ao Maranhaõ a praga dos Olandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome, & a esterilidade? Estes cativeiros. Insistio, & apertou mais Moysés, para que Faraó lárgasse o povo; & que respondeo Faraò? Disse hũa cousa, & fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Naõ conheço a Deos: naõ heide dar liberdade aos cativos. Ora isso me parece bem; acabemos já de nos declarar. Sabeis porque naõ dais liberdade aos escravos mal havidos? Porque naõ conheceis a Deos. Falta de Fè he cauſa de tudo. Se vòs tivereis verdadeira Fè, se vòs crereis verdadeiramente na immortalidade da alma, se vòs crereis que ha inferno para toda a eternidade: bem me rio eu que quizesseis ir lá pelo cativeiro de hum Tapuya. Com que confiança vos parece que disse hoje o diabo: *Si cadens adoraveris me?* Com a cõfiança de lhe ter offerecido o mundo. Fez o demonio este discurso: Eu a este homem offereçolhe tudo; se elle he cubiçoso, & avarento, hade aceitar; se aceita, sem duvida me adora idolatrando; porque a cubiça, & avareza saõ a mesma idolatria. He sentença expressa de Saõ Paulo: *Avaritiam, quæ est simulacrorum servitus.* Tal foi a avareza de Faraó em querer reter, & naõ dar liberdade aos filhos de Israel cativos, confessando juntamente que naõ conhecia a Deos: *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Isto he o que disse.

Exod. 5. 2.

Coloss. 3. 5.

351 O que fez foi, que fugindo todos os Israelitas cativos, sahe o mesmo Rey Faraò com todo o pòder de seu Reyno para os tornar ao cativeiro; & que aconteceo? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os cativos a pè enxuto; (que sabe Deos fazer milagres para libertar cativos.) Naõ cuideis que merecèraõ isto os Hebreos

breos por ſuas virtudes; porque eraõ peyores que eſſes Tapuyas: dahi a poucos dias adoráraõ hum bezerro; & de todos, que eraõ ſeiſcentos mil homens, ſó dous entraraõ na terra de Promiſſaõ: mas he Deos tam favorecedor de liberdades, que o que deſmereciaõ por máos, alcançavaõ por injuſtamente cativos. Paſſados à outra banda do mar Vermelho, entra Faraò pela meſma eſtrada, que ainda eſtava aberta, & o mar de hũa, & outra parte como em muralhas, cahem ſobre elle, & ſobre o ſeu exercito as aguas, & affogáraõ a todos. O em que aqui reparo, he o modo com que conta iſto Moyſes no ſeu Canti-

Exod. 15. 10. 12.

co: *Operuit eos mare: ſubmerſi ſunt quaſi plumbum in aquis vehementibus. Extendiſti manum tuam, & devoravit eos terra*: que cahio ſobre elles, & os affogou o mar, & os comeo, & engulio a terra. Pois ſe os affogou o mar, como os tragou a terra? Tudo foi: aquelles homens, como nòs, tinhaõ corpo, & alma: os corpos affogou-os a agua, porque ficáraõ no fundo do mar: as almas tragou-as a terra; porque deſcèraõ ao profundo do inferno. Todos ao inferno, ſem ficar nenhum; porque onde todos perſeguem, & todos cativaõ, todos ſe condemnaõ. Naõ eſtá bom o exemplo? Vá agora a razaõ.

352 Todo o homem, que deve ſerviço, ou liberdade alhea, & podendo-a reſtituir, naõ reſtitue, he certo que ſe condemna: todos, ou quaſi todos os homens do Maranhaõ devem ſerviços, & liberdades alheas; & podendo reſtituir, naõ reſtituem: logo todos, ou quaſi todos ſe condemnaõ. Dirmeheis que ainda que iſto foſſe aſſim, que elles naõ o cuidavaõ, nem o ſabiaõ; & que a ſua boa fè os ſalvaria. Nego tal; ſim cuidavaõ, & ſim ſabiaõ, como tambem vòs o cuidais, & o ſabeis; & ſe o naõ cuidavaõ, nem o ſabiaõ:

biaõ, deveraõ cuidallo, & ſabello. A huns condemna-os a certeza, a outros a duvida, a outros a ignorancia. Aos que tem certeza, condemna-os o naõ reſtituirem: aos que tem duvida, condemna-os o naõ examinarem: aos que tem ignorancia, condemna-os o naõ ſaberem, quando tinhaõ obrigaçaõ de ſaber. Ah ſe agora ſe abríraõ eſſas ſepulturas, & apparecèra aqui algum dos que morrèraõ neſte infelice eſtado, como he certo que ao fogo das ſuas lavaredas havieis de ler claramente eſta verdade! Mas ſabeis, porque Deos naõ permite que vos appareça? He pelo que Abrahaõ diſſe ao rico Avarento, quando lhe pedia que mandaſſe Lazaro a eſte mundo: *Habent Moyſen, & Prophetas*: naõ he neceſſario que vá de cá do inferno quem lhe appareça, & lhe diga a verdade: lá tem a Moyſes, & a ley: lá tem os Profetas, & Doutores. Meus irmãos, ſe ha quem duvide diſto, ahi eſtaõ as leys, ahi eſtaõ os Letrados, perguntelho. Tres Religioens tendes neſte eſtado, onde ha tantos ſugeitos de tantas virtudes, & tantas letras, perguntai; examinai, informaivos. Mas naõ he neceſſario às Religioens, ide a Turquia, ide ao inferno; porque naõ póde haver Turco taõ Turco na Turquia, nem demonio tam endemoninhado no inferno, que diga, que hum homem livre póde ſer cativo. Ha algum de vòs ſó com o lume natural, que o negue? Pois em que duvidais?

Luc. 16. 29.

§. IV.

353 VEjo que me dizeis: Bem eſtava iſſo, ſe nós tiveramos outro remedio; & com o meſmo Euangelho nos quereſmos defender. Qual foi mais apertada tentaçaõ, a primeira, ou a terceira? Nòs entendemos que a primeira; porque na primeira eſtava Chriſto com fome

fome de quarenta dias, & offereceolhe o demonio paõ; na terceira offereceolhe Reynos, & Monarquias: & hum homem póde viver sem Reynos, & sem Imperios, mas sem paõ para a boca, naõ póde viver: & neste aperto vivemos nòs. Este povo, esta Republica, este Estado naõ se póde sustentar sem Indios. Quem nos ha de ir buscar hum pote de agua, ou hum feixe de lenha? Quem nos ha de fazer duas covas de mandioca? haõ de ir nossas mulheres? haõ de ir nossos filhos? Primeiramente naõ saõ estes os apertos, em que vos hei de pòr, como logo vereis; mas quando a necessidade, & a conciencia obriguem a tanto, digo que sim, & torno a dizer que sim: que vòs, que vossas mulheres, que vossos filhos, & que todos nòs nos sustentassemos dos nossos braços; porque melhor he sustentar do suor proprio, que do sangue alheyo. Ah fazendas do Maranhaõ, que se esses mantos, & essas capas se torcèraõ, haviaõ de lançar sangue! A Samaritana hia com hum cantaro buscar agua à fonte, & foi tam Santa como sabemos. Jezabel era mulher d'El-Rey Achab, Rainha de Israel, & foi comida de cães, & sepultada no inferno, porque tomou a Nabot hũa vinha, que naõ lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: Qual he melhor, levar o cantaro à fonte, & ir ao Ceo como a Samaritana; ou ser senhora, servida, & Rainha, & ir ao inferno como Jezabel? Melhor era que nòs Adaõ, & tinha offendido a Deos com menos peccados; & devia ao trabalho de suas mãos o bocado de paõ, que metia na boca. Filho de Deos era Christo, & ganhava com hum instrumento mecanico, o com que sustentava a vida, que depois havia de dar por nòs. Faz isto por nòs o mesmo Deos, & nòs desprezarnos hemos de fazer outro tãto por guardar a sua ley?

Direis

354 Direis que os voſſos chamados eſcravos ſaõ os voſſos pès, & mãos; & tambem podereis dizer q̃ os amais muito, porque os criaſtes como filhos, & porque vos criaõ os voſſos. Aſſim he; mas já Chriſto reſpondeo a eſta replica: *Si oculus tuus ſcandalizat te, erue eum: & ſi manus, vel pes tuus ſcandalizat te, amputa illum.* Não quer dizer Chriſto que arranquemos os olhos, nem que cortemos os pès, & as mãos; mas quer dizer que ſe nos ſervir de eſcandalo aquillo, que amarmos como os noſſos olhos, & aquillo, que havemos miſter como os pès, & as mãos, que o lancemos de nòs, ainda que nos doa, como ſe o cortaramos. Quem ha, que naõ ame muito o ſeu braço, & a ſua maõ; mas ſe nella lhe faltáraõ erpes, permite que lhi cortem, por conſervar a vida. O Mercador, ou Paſſageiro, que vem da India, ou do Japaõ, muito eſtima as drogas, que tanto lhe cuſtáraõ lá; mas ſe a vida periga, vai tudo ao mar, para que ella ſe ſalve. O meſmo digo no noſſo caſo. Se para ſegurar a cõciencia, & para ſalvar a alma, for neceſſario perder tudo, & ficar como hum Job: perca-ſe tudo.

Matth. 5.29. Marc. 9.42.44

255 Mas bom animo, ſenhores meus, que naõ he neceſſario chegar a tanto, nem a muito menos. Eſtudei o ponto com toda a diligencia, & com todo o affecto, & ſeguindo as opinioens mais largas, & mais favoraveis, venho a reduzir as couſas a eſtado, que entendo que com muito pouca perda temporal, ſe podem ſegurar as concienciias de todos os moradores deſte Eſtado, & com muito grandes intereſſes ſe podem melhorar ſuas conveniencias para o futuro. Daime attençaõ.

356 Todos os Indios deſte Eſtado, ou ſaõ os que vos ſervem como eſcravos; ou os que moraõ nas Aldeas d'ElRey como livres; ou os que vivem no Certaõ

Certaõ em ſua natural, & ainda mayor liberdade: os quaes por eſſes rios ſe vaõ comprar, ou reſgatar, (como dizem) dando o piedoſo nome de reſgate a hũa venda tam forçada, & violenta, que tal vez ſe faz com a piſtola nos peitos. Quanto à aquelles, que vos ſervem, todos neſta terra ſaõ herdados, havidos, & poſſuidos de má fè; ſegundo a qual naõ faraõ pouco (ainda que o faraõ facilmente) em vos perdoar todo o ſerviço paſſado. Com tudo, ſe depois de lhes ſer manifeſta eſta condiçaõ de ſua liberdade, por ſerem creados em voſſa caſa, & com voſſos filhos, ao menos os mais domeſticos, eſpontanea, & voluntariamente vos quizerem ſervir, & ficar nella; ninguem, em quanto elles tiverem eſta vontade, os poderá apartar de voſſo ſerviço. E que ſe fará de alguns delles, q̃ naõ quizerem continuar neſta ſugeiçaõ? Eſtes ſeraõ obrigados a ir viver nas Aldeas d'ElRey; onde tambem vos ſerviráõ na fórma, que logo veremos. Ao Certaõ ſe poderáõ fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente ſe reſgatem os que eſtiverem (como ſe diz) em cordas, para ſer comidos: & ſe lhes commutarà eſta crueldade em perpetuo cativeiro. Aſſim ſeraõ tambem cativos todos, os que ſem violencia forem vendidos como eſcravos de ſeus inimigos, tomados em juſta guerra; da qual ſeraõ Juizes o Governador de todo o Eſtado, o Ouvidor gèral, o Vigario do Maranhaõ, ou Pará, & os Prelados das quatro Religioens, Carmelitas, Franciſcanos, Mercenarios, & da Companhia de Jeſu. Todos, os que deſte juizo ſahirem qualificados por verdadeiramente cativos, ſe repartiraõ aos moradores pelo meſmo preço, porque foraõ comprados. E os que naõ conſtar que a guerra, em que foraõ tomados, for juſta, que ſe fa-

rá

rá delles? Todos ſeraõ aldeados em novas povoaçoens, ou divididos pelas Aldeas, que hoje ha; donde repartidos com os demais Indios dellas pelos moradores, os ſerviráõ em ſeis mezes do anno alternadamente de dous em dous, ficando os outros ſeis mezes para tratarem de ſuas lavouras, & familias. Deſorte que neſta fórma todos os Indios deſte Eſtado ſerviráõ aos Portuguezes: ou como propria, & inteiramente cativos, que ſaõ os de corda, os de guerra juſta, & os q̃ livre, & voluntariamente quizerem ſervir, como diſſemos dos primeiros: ou como meyos cativos, que ſaõ todos os das antigas, & novas Aldeas, que pelo bem, & conſervaçaõ do Eſtado me conſta, que ſendo livres, ſe ſugeitáraõ a nos ſervir, & ajudar ametade do tempo de ſua vida. So reſta ſaber qual ſerá o preço deſtes, que chamamos meyos cativos, ou meyos livres, com que ſe lhe pagárá o trabalho do ſeu ſerviço. He materia, de que ſe rirá qualquer outra Naçaõ do mundo, & ſó neſta terra ſe naõ admira. O dinheiro deſta terra he pano de algodaõ; & o preço ordinario porque ſervem os Indios, & ſerviráõ cada mez, ſaõ duas varas deſte pano, que valem dous toſtões. Donde ſe ſegue, que por menos de ſete reis de cobre ſervirá hum Indio cada dia. Couſa, que he indigna de ſe dizer, & muito mais indigna, de que por naõ pagar tam leve preço, haja homens de entendimento, & de Chriſtandade, que queiraõ cõdemnar ſuas almas, & ir ao inferno.

§. V.

357 POde haver couſa mais moderada? Pode haver couſa mais poſta em razaõ, que eſta? Quem ſe naõ contentar, & naõ ſatisfazer diſto, hũa de duas, ou naõ he Chriſtaõ, ou naõ tem entendimento.

E ſe

E senaõ, apertemos o ponto, & pezemos os bens,& os males desta proposta.

358 O mal he hum só, que será haverem alguns particulares de perder alguns Indios, que eu vos prometo, que sejaõ muy poucos. Mas aos que nisto repararem pergunto: Morrèraõvos já alguns Indios? Fugíraõvos já algũs Indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o naõ fará a razaõ? O que faz o successo da fortuna, porque o naõ fará o escrupulo da consciencia? Se vieraõ as bexigas, & volos leváraõ todos, que havieis de fazer? Havieis de ter paciencia. Pois naõ he melhor perdelos por serviço de Deos, que perdelos por castigo de Deos? Isto naõ tem reposta.

359 Vamos aos bens, que saõ quatro, os mais consideraveis. O primeiro he ficares com as consciencias seguras. Vede que grãde bem este. Tirarseha este povo do estado de peccado mortal: vivireis como Christãos, confessar vosheis como Christãos, morrereis como Christãos, testareis de vossos bens como Christãos; em fim hireis ao Ceo, naõ hireis ao inferno, ao menos certamente, que he triste cousa

360 O segundo bem he, que tirareis de vossas casas esta maldiçaõ. Não ha mayor maldiçaõ numa casa, nem numa familia, que servir-se com supor,& com sangue injusto. Tudo vai para traz: nenhũa cousa se logra: tudo leva o diabo. O paõ, que assim se grangea, he como o que hoje offereceo o diabo a Christo; paõ de pedras, que quãdo se naõ atravessa na garganta, naõ se póde digerir. Vede-o nesses, que tiraõ muito paõ do Maranhaõ, vede se o digerio algum, ou se se lhe logrou algum? Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessarse pode.

161 O terceiro bem he, que por este meyo havera muitos resgates, com que

que ſe tiraráõ muitos Indios; que doutra maneira, naõ os haverá. Naõ dizeis vòs que eſte Eſtado naõ ſe póde ſuſtentar ſem Indios? Pois ſe os Certoens ſe fecharem, ſe os reſgates ſe prohibirem totalmente, mortos eſtes poucos Indios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver reſgates, & ſó por eſte meyo ſe poderáõ conceder.

362 Quarto, & ultimo bem; que feita hũa propoſta neſta fórma, ſerá digna de ir às mãos de Sua Mageſtade, & de que Sua Mageſtade a approve, & a confirme. Quem pede o illicito, & o injuſto, merece que lhe neguem o licito, & o juſto; & quem requere com conciencia, cõ juſtiça, & com razaõ, merece que lhá façaõ. Vós ſabeis a propoſta, que aqui fazieis? Era hũa propoſta, que nem os vaſſallos a podiaõ fazer em conciencia: nem os Miniſtros a podiaõ conſultar em conciencia: nem o Rey a podia conceder em conciencia. E ainda que por impoſſivel ElRey tal permitiſſe, ou diſſimulaſſe: de que nos ſervia iſſo, ou que nos importava? Se ElRey permitir que eu jure falſo, deixará o juramento de ſer peccado? Se ElRey permitir que eu furte, deixará o furto de ſer peccado? O meſmo paſſa nos Indios. ElRey poderá mandar que os cativos ſejaõ livres; mas que os livres ſejaõ cativos, naõ chega lá ſua jurdiçaõ. Se tal propoſta foſſe ao Reyno, as pedras da rua ſe haviaõ de levantar contra os homens do Maranhaõ. Mas ſe a propoſta for licita, ſe for juſta, ſe for Chriſtãa, as meſmas pedras ſe poraõ de voſſa parte, & quererá Deos que naõ ſejaõ neceſſarias pedras, nem pedreiras. Todos aſſinaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encomendaremos a Deos, que elle he o Author do bem, & naõ póde deixar de favorecer intentos tanto

to

to de seu serviço. E tenho dito.

§. VI.

363 ORa Christãos, & senhores da minha alma, se nestas verdades, & desenganos, que acabo de vos dizer, se nesta minha breve proposta consiste todo o vosso bem, & toda a vossa esperança espiritual, & temporal; se só por este caminho vos podeis segurar nas consciencias; se por este caminho vos podeis salvar, & livrar vossas almas do inferno; se o que se perde, ainda temporalmente, he tam pouco, & póde ser q̃ não seja nada; & as conveniencias, & bens, que dahi se esperaõ, saõ tam consideraveis, & tam grãdes: que homem haverá tam máo Christaõ, que homem haverá tam mal entendido, que homem haverá tam esquecido de Deos, tam cego, tam desleal, tam inimigo de si mesmo, que se não contente de hũa cousa tam justa, & tam util, que a naõ queira, que a naõ approve, que a naõ abrace? Por reverencia de Jesu Christo, Christãos, & por aquelle amor com que aquelle Senhor hoje permitio ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações; que metamos hoje o demonio debaixo dos pès, & que vençamos animosamente esta cruel tentaçaõ, que a tantos nesta terra tem levado ao inferno, & nos vai levando tambem a nòs. Demos esta vitoria a Christo, demos esta gloria a Deos, demos este triunfo ao Ceo, demos este pezar ao inferno, demos este remedio à terra, em que vivemos, demos esta honra à Naçaõ Portugueza, demos este exemplo à Christandade, demos esta fama ao mundo.

364 Saiba o mundo; saibaõ os Hereges, & os Gentios, que naõ se enganou Deos, quando fez aos Portuguezes Conquistadores, & Prègadores de seu

ſeu Santo nome. Saiba o mundo que ainda ha verdade, que ainda ha temor de Deos, que ainda ha alma, que ainda ha conciencia; & que não he o intereſſe tam abſoluto, & tam univerſal ſenhor de tudo, como ſe cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amor de Deos, & da ſua ſalvaçaõ, meta debaixo dos pès intereſſes. Quanto mais ſenhores, que iſto não he perder intereſſes, he multiplicallos, he acrecentallos, he ſemeallos, he dallos à uſura. Dizeime Chriſtãos, ſe tendes Fè: Os bens deſte mundo, quem he, que os dá; quem he, que os reparte? Dizeiſme, que Deos. Pois pergunto: Qual ſerà melhor diligẽcia para mover a Deos a que vos dè muitos bens, ſervillo, ou offendello? Obedecer, & guardar a ſua ley, ou quebrar todas as leys? Ora tenhamos Fè, & tenhamos uſo de razaõ.

365 Deos para vos ſuſtentar, & para vos fazer ricos, não depende de que tenhais hum Tapùya mais, ou menos. Não vos pòde Deos dar mayor novidade com dez enxadas, que todas as voſſas deligẽcias com trinta? Não he melhor ter dous eſcravos, que vos vivaõ vinte annos, que ter quatro, que vos morraõ ao ſegundo? Não rendem mais dez caixas de aſſucar, que cheguem a ſalvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel, ou Zelanda? Pois ſe Deos he o Senhor das novidades da terra, ſe Deos he o Senhor dos folegos dos eſcravos, ſe Deos he o Senhor dos ventos, dos mares, dos Coſſarios, & das navegações; ſe todo o bem ou mal eſtá fechado na maõ de Deos; ſe Deos tem tantos modos, & tam faceis de vos enriquecer, ou de vos deſtituir: que locura, & que cegueira he cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem voſſos filhos, que ſeja contra o ſerviço de Deos? Faça-ſe o ſerviço de Deos, acuda-ſe à alma, & à conciencia,

&

& logo os interesses temporaes estarão seguros : *Quærite primùm Regnum Dei, & justitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis.* Mas quando não fora, nem se segurarão por esta via nossos interesses, faça se o serviço de Deos, acuda-se à conciencia, acuda-se à alma, & corte-se por onde se cortar, ainda que seja pelo sangue, & pela vida.

arth. 33.

366 Dizeime Christãos: Se vos vireis em poder de hum tyranno, que vos quizesse tirar a vida pela Fè de Christo; que havieis de fazer? Dar a vida, & mil vidas. Pois o mesmo he dar a vida pela Fè de Deos, que dar a vida pelo serviço de Deos. Não ha mais cruel tyranno, que a pobreza, & a necessidade; & padecer às mãos deste tyranno por não offender a Deos, tambem he ser Martyr, diz S. Agostinho. Nada disto hade ser necessario, como já vos tenho dito; mas quem he Christão verdadeiro, hade estar com este animo, & com esta resoluçaõ?

367 Senhor Jesu; este he o animo, & esta a resoluçaõ, com que estaõ de hoje por diante estes vossos tam fieis Catholicos. Ninguem ha aqui, que queira outro interesse mais, que servirvos: ninguem ha, que queira outra conveniencia mais, que amarvos: ninguem ha, que tenha outra ambiçaõ mais, que de estar eternamente obediente, & rendido a vossos pès. A vossos pès está a fazenda, a vossos pès estaõ os interesses, a vossos pès estaõ os escravos, a vossos pès estaõ os filhos, a vossos pès está o sangue, a vossos pès está a vida; para que corteis por ella; & por elles, para que façais de tudo, & de todos o que for mais conforme a vossa Santa Ley. Não he assim, Christãos? Assim he; assim o digo; assim o digo, & prometo a Deos em nome de todos. Vitoria pois por parte de Christo, vitoria, vitoria contra a mayor tentaçaõ do demonio. Mor-

ra o demonio, morraõ ſuas tentações, morra o peccado, morra o inferno, morra a ambiçaõ, morra o intereſſe; & viva ſó o ſerviço de Deos, viva a Fè, viva a Chriſtandade, viva a conciencia, viva a alma, viva a Ley de Deos, & o que ella ordenar, viva Deos, & vivamos todos: neſta vida com muita abundancia de bens, principalmente os da graça; & na outra por toda a eternidade os da Gloria. *Ad quam nos, &c.*

SER-

SERMAÕ
DAS CHAGAS DE
S. FRANCISCO,
PREGADO

Em Roma na Archi-irmandade das meſmas Chagas, anno de 1672.

Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti in carne mea. Coloſſ. 1.

§. I.

368 A Segunda eſtãpa de Chriſto crucificado (q̃ no original Toſcano ſe diz com propriedade, & elegancia, que naõ cabe na noſſa lingua, *Il Crucifiſſo Riſtampato*) por ventura com mayor, & melhor novidade, da q̃e prometem as ſegundas impreſſões, ſerà hoje a materia do meu diſcurſo. O diſcurſo ſerá meu: as palavras, nem minhas, nem voſſas. Naõ minhas, porque de lingua eſtranha; naõ voſſas, porque mal polidas, & duramente pronunciadas. Mas eſta diſſonancia tam

conhecida, a que me obrigaſtes, ſe ſupprirá com vêtagem, & ainda com armonia, nas meſmas Chagas de Franciſco, que celebramos; ſe as ouvirdes a ellas, & naõ a mim.

369 Olhai, ſenhores, para aquellas Chagas. Oh que ſilencio! Oh que vozes! Oh que clamores! Aquellas Chagas abertas ſaõ cinco bocas: aquelle ſangue ardentemente gelado nellas, ſaõ cinco linguas, que ferindo os olhos mais cegos, penetraõ os ouvidos mais ſurdos. Ou as vejais como Chagas de Chriſto impreſſas em Frãciſco, ou como Chagas de Franciſco transformado em Chriſto: de todo o modo ſaõ bocas, ſaõ linguas, ſaõ vozes. Das Chagas de Chriſto diſſe Ruperto: Rupert. *Quot in Chriſti corpore plagæ, tot linguæ*; & das Chagas de hum pobre chagado, como Franciſco, diſſe Chryſologo: Chryſol. *Ut in admonendo divite tot eſſent pauperis ora, quot vulnera.* A eſtas vozes convido hoje, ſenhores, naõ os voſſos ouvidos, ſenaõ os voſſos olhos. Quando Deos dava a Ley a Moyſes no monte Sinay, diz o Texto ſagrado que o povo todo eſtava vendo as vozes: *Populus autem videbat voces.* Exod. 20. 18. Notavel dizer! O ver he acçaõ dos olhos: as vozes ſaõ objecto dos ouvidos; pois como ſe viaõ as vozes? Eſtava o monte Sinay ardendo em chamas: eſtava Moyſes transportado em Deos *facie ad faciem*: eſtava o meſmo Deos feito Eſcultor imprimindo caracteres nas taboas da Ley: & à viſta de hũa viſaõ tam eſtupenda, ſahiraõ os ſentidos humanos fóra de ſua eſfera; & viaõ os homens com os ouvidos, & ouviaõ com os olhos: *Populus autem videbat voces.*

370 Aſſim he. Paſſemos do monte Sinay ao monte Alverno, que vai o amor de monte a monte. Arde o monte todo em labaredas Seraficas: Franciſco arrebatado, & extatico de face a face com Chriſto:

Chriſto

Christo Escultor, Impressor Divino estampando nelle as suas Chagas: Christo fora de si transformado em Frācisco: Frācisco fòra de si transformado em Christo. Sayaõ logo tambem fòra de si os sentidos, & transformando-se os ouvidos em olhos: os olhos ouçaõ, & os ouvidos vejaõ. Os ouvidos, já que não tem que ouvir nas minhas palavras, vejaõ: & os olhos, já que tem tanto que ver nas Chagas de Francisco, ouçaõ. Os olhos ouviráõ bem, vendo bem: os ouvidos veraõ bem, ouvindo mal. E que haõ de ver, & ouvir? O que disse no principio: A Imagem de Christo segunda vez estãpada. Este he o meu assumpto.

§. II.

371 MAs porq̃ razaõ, saibamos, quiz Christo restampar as suas Chagas? porq̃ quiz fazer esta segunda escultura, & esta segunda impressaõ dellas, A razaõ está nas palavras, que tomei pôr thema: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Aquelle, *ad*, no Texto Original he *re*; *reimpleo.* Quando a primeira impressaõ sahe defectuosa, faz-se segunda impressaõ mais correcta, em que se emendaõ os defeitos da primeira. Isto he, o que fez Christo. Tornou a restampar as suas Chagas em Francisco para emendar nesta segunda impressaõ os defeitos da primeira estampa. *Quæ desunt*; eis-ahi os defeitos: *Reimpleo*; eis ahi a reimpressaõ: *Passionum Christi*; eis-ahi as Chagas: *In carne mea*; eis-ahi o corpo de Francisco. Que este lugar se entenda particularmente das Chagas de Christo, & das Chagas de Christo depois de subir ao Ceo communicadas na terra a hum substituto do mesmo Christo, qual era S. Francisco; assim o dizem S. Joaõ Chrysostomo, & Theofilacto: *Quemadmodum si, Duce Exercitus abeunte, Subim-* Chryf. Theophilact.

perator in ejus locum conſtitutus vulnera ipſius recipiat.

372 Mas vejo que me dizem todos: Defeitos nas Chagas de Chriſto? Naquellas Chagas de infinito preço, de infinito valor, de infinito merito, de infinita perfeiçaõ, pòde caber algum defeito? Primeiramente a palavra não he minha, ſenão de S. Paulo, que fallava com muita Theologia, & com muita reverencia. Iſſo quer dizer: *Ea, quæ deſunt.* E na lingua Grega, em que S. Paulo eſcreveo, ainda eſtá mais expreſſa a meſma palavra. Por onde a Verſaõ Syriaca em lugar de *quæ deſunt*, trasladou, *defectus: Adimpleo defectus paſſionum Chriſti.* Pois que defeitos foraõ eſtes das Chagas de Chriſto? Claro eſtá que naõ foraõ, nem podiaõ ſer defeitos do Original, mas foraõ defeitos da impreſſaõ. Na primeira impreſſaõ das Chagas de Chriſto no mõte Calvario, ſe bem ſe conſideraõ todas ſuas circunſtancias, achareis que houve tres defeitos: hum da parte dos Impreſſores, outro da parte dos inſtrumẽtos, outro da parte das meſmas Chagas impreſſas. E todos eſtes defeitos foraõ correctos, & emendados na eſtampa do monte Alverno, quando ſegunda vez ſe reſtampáraõ as meſmas Chagas no corpo de Franciſco: *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti in carne mea.* Agora vos peço attençaõ.

§. III.

373 COmeçando pelo primeiro defeito da parte dos Impreſſores: os Impreſſores das Chagas de Chriſto no Calvario foraõ os Miniſtros da Synagoga, armados de odio, de ira, de enveja, de injuſtiça, de crueldade. E por eſta circunſtancia de tanta impiedade, & horror, a meſma Paixaõ de Chriſto, que da parte do Crucificado era o mais agradavel ſacrificio: da parte dos crucificadores foi o mais abomi-

abominavel ſacrilegio. Eſte foi o fel do Caliz da Paixaõ: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum.* Da parte do ſacrificio era vinho: da parte do ſacrilegio era fel; & por iſſo o Senhor o não quiz beber: *Cùm guſtaſſet, noluit bibere.* E como no Caliz da Paixaõ hia miſturado o vinho com o fel: como na impreſſaõ das primeiras Chagas, pela maldade dos Artifices, o ſacrificio foi miſturado com o ſacrilegio, o amor com o odio, & a innocencia cõ o peccado: eſte foi o primeiro defeito, que Chriſto quiz emendar na ſegũda eſtampa. Por iſſo mudou os Artifices; por iſſo fez que os Impreſſores deſta ſegunda eſtampa foſſem hum Serafim transformado em Chriſto, & o meſmo Chriſto reveſtido de Serafim; para que tudo aqui, & de todas as partes foſſe amor; & para q̃ nós, que não podemos ver as Chagas de Chriſto em Chriſto ſem horror da impiedade humana, viſſemos as Chagas de Chriſto em Franciſco lò cõ admiraçaõ, & paſmo do amor Divino.

Matth. 27. 34.

Ibid.

374 Eſte digo que foi o penſamento de Chriſto, & vede ſe o provo. Morre, & padece Chriſto no Calvario, & naõ contente com haver morto, & padecido hũa vez, torna a renovar a meſma Paixaõ, & a meſma morte no Myſterio ſacroſanto da Euchariſtia. E porque? O ſacrificio da morte de Chriſto hũa vez padecido não baſtava para preço da Redempçaõ, para remedio do mundo, para propiciaçaõ do Padre, para exemplo, & exemplar dos homens? Sim baſtava, & ſim baſtou. Antes eſſa era a differença do Sacerdocio de Chriſto ao Sacerdocio de Araõ, como notou S. Paulo: *Hoc enim fecit ſemel ſe ipſum offerendo.* Araõ como Sacerdote ſómẽte homem multiplicava os ſacrificios, como ſe multiplicavaõ os peccados, porèm Chriſto, q̃ era Sacerdote homẽ, & juntamente Deos, q̃ era Sacerdote, & juntamente

Hebr. 7. 27.

mente sacrificio, q̃ era sacrificio offerecido hũa vez jũtamente por todos os peccados do mundo, bastou q̃ hũa sò vez morresse, & hũa sò vez se sacrificasse: *Hoc enim fecit semel seipsũ offerẽdo.*

375 Pois se bastava, & bastou para remedio do mundo, que Christo se sacrificasse, & morresse hũa só vez; porque renova segunda vez a mesma morte, & a mesma Paixaõ no Sacramento? Disse-o admiravelmente o Profeta Isaias:

Isai. 25 6. *Faciet. Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiæ defæcatæ.* Instituhio Christo em fórma de convite o sacrificio de seu Corpo, & Sangue, diz o Profeta, & tornou a renovar segunda vez no monte Siaõ a mesma morte, & o mesmo sacrificio, que tinha offerecido no monte Calvario; para que aquelle sacrificio, que lá esteve misturado com fezes, aqui ficasse puro, & defecado: *Convivium pinguium vindemiæ defæcatæ.* Ora vede. O Sangue derramado no sacrificio da Cruz, era o mesmo Sangue purissimo consagrado no Sacramento; mas esse Sangue na Cruz esteve misturado, & como envolto nas fezes do odio, da maldade, & do peccado sacrilego dos Ministros, que o derramáraõ. Que fez pois Christo para emendar este defeito? Torna a reiterar, torna a renovar segunda vez o mesmo sacrificio, & a mesma morte no Sacramento, sendo o seu amor, & elle por si mesmo o Ministro; para que o Sangue, que na Cruz, por parte dos Ministros impios, fora misturado com fezes, no Sacramento se tirasse em limpo, & ficasse totalmente puro, & defecado: *Vindemiæ defæcatæ.*

376 Desejei hum Santo Padre, que o dissesse assim; mas darvos hei hum Author, que val por todos os Padres, David. Vio David a Christo com hum Caliz na maõ; & com termos difficultosos de entender diz que este Caliz esta-

va

va cheyo de vinho puro, & misturado: *Calix in manu* Psalm. *Domini vini meri plenus mixto.* Se o vinho do Caliz era puro, *Vini meri*; como era misturado, *Plenus mixto?* & se era misturado, como era puro? Tudo era; porque era o Caliz da Paixaõ de Christo, o qual foi juntamente puro, & misturado: puro, pela santidade, & innocencia do Sangue de Christo: misturado, pelas fezes do peccado, & maldade dos que o derramáraõ. Este Caliz de sua Paixaõ vio David q̃ tinha Christo na maõ: & que fez o Senhor com elle? Ouvi, & pasmai. *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fæx ejus non est exinanita.* O que atègora era hum Caliz, já saõ dous Calices, (como advertidamente notou Euthimio) hum o Caliz da Cruz, outro o Caliz do Sacramento, que em substancia saõ o mesmo. Tendo pois Christo em hũa maõ o Caliz de sua Paixaõ, toma na outra maõ o Caliz, em que havia de consagrar o Sacramento: *Et inclinavit ex hoc in hoc* & lançou, & passou o Caliz da Paixaõ ao Caliz do Sacramento: *Verumtamen fæx ejus non est exinanita*, porèm ficáraõ as fezes de fóra; porque ficou de fóra o peccado, & maldade dos impios Ministros; para que atè aquella parte, que teve na Cruz o odio, a tivesse no Sacramento o amor.

377 O mesmo estilo guardou Christo na segunda impressaõ das suas Chagas. Assim como lá reiterou a sua Paixaõ, & a passou ao Sacramento; assim cá reiterou as suas Chagas, & as sacramentou em Frácisco: & assim como no Sacramento foi elle, & o seu amor o Ministro; assim na impressaõ das Chagas foi elle, & o seu amor o Artifice: para que aquellas cinco brechas da Divindade, que abertas no Corpo do mesmo Christo, por parte dos executores dellas; foraõ assombradas da fealdade, & horror; purificada

Ibid.

da eſta circunſtancia no corpo de Franciſco, ficaſſem nelle por outras tantas partes fermoſas, & viſtas a todas as luzes, amaveis. *Se* vos naõ dais por ſatisfeitos com a paridade, vamos às meſmas Chagas, & ſeja Chriſto o Interprete do ſeu penſamento.

378 Sobe Chriſto triunfante ao Ceo no dia de ſua glorioſa Aſcenſaõ; viraõ os Anjos os ſinaes vermelhos, de que hia matizado o ſagrado Corpo: cuidáraõ ao longe, q̃ eraõ rubís de eſtranha fermoſura; mas diviſando de mais perto que eraõ Chagas, perguntáraõ admirados: Zachar. 13.6. *Quid ſunt plagæ iſtæ in medio manuum tuarum?* Rey, & Senhor noſſo, que he o que vemos? Iſto he o que foſtes buſcar ao mundo? Iſto he o que trazeis de lá? Que Chagas ſaõ eſtas? Eu naõ me admiro do que ſe admiráraõ os Anjos; admirome do que reſpondeo Chriſto: Ibid. *His plagatus ſum in domo eorum, qui diligebant me.* Saõ hũas Chagas, diz Chriſto, que recebi na caſa dos q̃ me amavaõ. Na caſa dos que me amavaõ? Todos eſtais vẽdo a duvida. O monte Calvario patente, & deſcuberto, era caſa? Os homicidas, ou deicidas deshumanos, que crucificáraõ a Chriſto, cheyos de odio, de raiva, de vingança, amavaõ a quem tiráraõ a vida? Claro eſtá que naõ: pois como diz Chriſto que recebeo as Chagas, *In domo eorum, qui diligebant me*, na caſa da quelles, que o amavaõ? Tomára ouvir a reposta; mas eu a darei.

379 Chriſto recebeo duas vezes as Chagas: hũa vez em carne mortal, outra vez depois de reſuſcitado. A primeira vez foraõ recebidas num monte por mãos dos que tanto o aborreciaõ: a ſegunda vez foraõ recebidas numa caſa por mãos dos ſeus mayores amigos. Entrou Chriſto a portas fechadas na caſa, onde eſtavaõ os Apoſtolos: & ahi lhe tornou a abrir as Chagas a incredulidade

dulidade devota, & amorosa de Thomè: *Infer digitum tuum huc, & vide manus meas: & affer manum tuam, & mitte in latus meū.* Mete essa maõ, & vè bem estas Chagas de minhas mãos, & lado. Esta foi a segunda vez, que se rasgáraõ as Chagas de Christo. Ouvi a S. Pedro Chrysologo: *Ea vulnera, quæ manus infixit impia, devota dextera nunc resulcat: latus, quod impii militis lancea patefecit, refodere manus nititur obsequentis.* E como as Chagas de Christo foraõ segunda vez abertas naquella casa, em que estavaõ os Apostolos, que tãto o amavaõ; por isso Christo disse com toda a verdade: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* Está verificada a proposiçaõ; mas a razaõ não está dada. Se as Chagas foraõ abertas hũa vez no Calvario, & outra vez na casa dos Apostolos; porque responde Christo com esta segunda abertura das suas Chagas, & não com a primeira? Porque sendo o dia de seu triunfo, & da sua mayor gala, & magestade, quiz acodir pela formosura, & pelo decoro das suas Chagas: quiz honrar a obra com o nome do Artifice, por isso calou o odio, & publicou o amor.

Joann. 20. 27.

Petr. Chrysol

380 As Chagas recebidas por maõ do odio, ainda que tam Divinas, tinhaõ sombras de fealdade, & de horror; porèm recebidas por maõ do amor, todas, & por todas as partes eraõ bellas, & formosas. Esta foi a razaõ, porque Christo respondeo: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* E este foi o primeiro motivo, porque transformado em hum Serafim de amor, tornou a restampar as mesmas Chagas em Francisco: supprindo desta sorte na segunda estampa o erro, & o defeito, q̃ tinha cometido na primeira o odio dos Impressores: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.*

§. IV.

§. IV.

381 DA parte dos inſtrumẽtos (q̃ he a ſegunda circunſtancia, & o ſegundo defeito) tambem houve muito que emendar na ſegunda impreſſaõ. Os inſtrumentos, com que a primeira vez ſe imprimíraõ em Chriſto as ſuas Chagas, foraõ os cravos, & a lança. Contra eſtes dous inſtrumentos tenho grandes queixas. E bem lenho mais que duro, & bem ferros mais que de ferro, aſſim vos atreveis contra voſſo Deos, contra voſſo Creador? porque vos naõ abrandaſtes? porque vos naõ rompeſtes? porque vos naõ desfizeſtes naquella hora? Nos martyrios dos defenſores deſte meſmo Chriſto, quantas vezes ſe rompèraõ os lenhos nas rodas,& nas cataſtas? Quantas vezes ſe fizeraõ de cera as lanças,& as eſpadas? Mas naõ quero afrontarvos com injurias tam remotas. Neſte meſmo dia, & neſte meſmo monte, & em todo o mundo não tremeo a terra? não ſe rompèraõ as pedras? não ſe eſcureceo o Sol? não ſe raſgou o véo do Templo, confeſſando todas as creaturas que padecia o Author dellas; Pois a Cruz, & os cravos, a quem o caſo tocava de mais perto, porque ſe não abrandaõ? porque ſe não eſpedaçaõ? porque naõ acompanhaõ na dor, & no ſentimento a toda a natureza?

382 Eſte foi o defeito dos inſtrumentos na primeira impreſſaõ das Chagas de Chriſto. Mas vede como o emendou Franciſco na ſegunda eſtampa. Nos pès & mãos de Franciſco não ſó ſe viaõ as Chagas abertas, mas no meyo de cada hũa dellas eſtava hum cravo formado da meſma carne, que as traſpaſſava, negro, ou entre negro,& azul da cor de ferro. Mais admiro eſtes cravos, que as meſmas Chagas. No Crucifixo Chriſto padeciaõ

ciaõ as mãos, padeciaõ os pès, padeciaõ as Chagas; mas os cravos duros, & inſenſiveis naõ padeciaõ. Porèm no Crucifixo Franciſco não ſó os pès, & as mãos, naõ ſó as Chagas em carne viva, mas tambẽ os cravos padecem. No Calvario quebráraõ-ſe as pedras moſtrando dor; mas naõ tinhaõ dor, porque eraõ inſenſiveis: os cravos mais duros que as pedras, nem tinhaõ dor, nem moſtravaõ dor, antes cauſavaõ acerbiſſimas dores; & porque em Chriſto cauſáraõ dores, por iſſo em Fráciſco ſaõ capazes de dor. Cravos vivos, cravos ſenſitivos, cravos racionaes, para que conhecendo a razaõ de ſentir, padeceſſem a dor, & mais a cauſa. Oh Eſpirito! Oh amor mais q̃ miraculoſo!

383 Apprehendeo o amor de Franciſco tam viva, tam forte, tam dolorоſamente o tormento, & offenſa daquelles cravos, que os transformou, & os informou, & os vivificou em ſi meſmo. Naõ tem parelha eſta maravilha: ſó em Moyſes teve hũa ſemelhãça. Eſtava Moyſes com Deos naquelle monte, onde tambem orou, & jejuou outros quarenta dias como Franciſco: reveloulhe Deos o que paſſava no campo, & no Exercito, & como lá eſtava o ingratiſſimo Povo adorando hum bezerro, & publicando a vozes que aquelle era o Deos, que os libertára do Egypto. E que ſuccedeo a Moyſes neſte caſo? Deſce Moyſes do monte, olhaõ todos para elle, & vem que na teſta (foſſe a materia qual foſſe) lhe tinhaõ naſcido, & ſahido duas pontas: *Ignorabat quòd cornuta eſſet facies ſua.* Pois duas pontas, & de tam feyo nome na cabeça de Moyſes neſta occaſiaõ, & naõ em outra? Sim; porque como era taõ amante de Deos, & tam verdadeiro zelador de ſua gloria, transformou em ſi meſmo os inſtrumentos das offenſas de ſeu Senhor. Exod 34.29.

Como

384 Como o Povo offendia brutamente a Deos idolatrando, & o instrumento bruto desta offensa era hum bezerro com duas pontas na testa; foi tal a força da dor, do amor, & do zelo de Moyses, que transformou em si, & informou, & vivificou esses mesmos instrumentos na parte mais sensivel de si mesmo: *Quòd facies ejus esset cornuta.* Ah zelador da honra de Deos, mais zelante que Moyses! Ah amador de Deos, mais amante que Moyses, Francisco! Do vosso adorado Crucifixo disse o Profeta: *Cornua in manibus ejus*: dando este fero nome áquelles duros cravos; mas porque elles forão duros, & feros, vòs os transformastes em vòs, desafiontando a sua dureza no vosso sentimento, & emendando a sua insensibilidade na vossa dor.

Habac. 3.4.

385 Assim supprio Fráncisco o defeito dos cravos, & assim tambẽ o da Cruz, que foi o segundo instrumento, que concorreo duramente à impressaõ das primeiras Chagas. Notou S. Boaventura que os cravos das Chagas de Francisco, não só lhe trasspassavaõ as mãos, & os pès, senaõ que da parte opposta estavaõ torcidos, dobrados, & como rebatidos: *Ipsa verò acumina oblonga, retorta, & quasi repercussa.* Grande mysterio. Os cravos pregaõ-se no Crucificado, mas naõ se dobraõ, nem se rebatem, senaõ na Cruz: logo Saõ Francisco era o Crucificado, & mais a Cruz juntamente. Mas porque era tambem Cruz? Para emendar o defeito da Cruz de Christo. Na Cruz de Christo padecia o Crucificado, mas a Cruz não padecia. Por isso Francisco se fez a si mesmo Cruz, para ser Cruz padecente. Agora reparai na differença de hũa Cruz a outra Cruz. Na Cruz do Calvario padecia Christo, porque estava em carne mortal; mas a Cruz naõ padecia, porque era insen-

inſenſivel : na Cruz de Franciſco, Chriſto não padecia, porque eſtava já immortal, & glorioſo ; mas a Cruz padecia , porque era Cruz viva, Cruz ſenſitiva, Cruz racional: paſſivel , & verdadeiramente padecente. Aſſim o diſſe o meſmo Chriſto por boca de David , gloriando-ſe não pouco deſta nova Cruz. Ouvi o paſſo, em que ha muito, que ouvir.

386 *Infixus ſum in limo profundi, & non eſt ſubſtantia.* Falla o Profeta literalmente de Chriſto,como entendem todos os Padres, & Interpretes: & diz Chriſto que ſe crucificou a ſi meſmo no barro do profundo : *In limo profundi.* Já a Cruz de Chriſto não he de madeira , ſenão de barro. E que Cruz de barro , ou que barro feito em Cruz foi eſte? S. Bernardo diz que foi o barro de Adaõ: aquelle barro , de quẽ diz o Texto ſagrado: *Formavit Deus hominem de limo terræ.* As palavras de Bernardo ſaõ eſtas: *Fortaſſe Crux ipſa nos ſumus , cui Chriſtus memoratur infixus. Homo enim formam Crucis habet ; quam , ſi manus extenderit , exprimit manifeſtius. Loquitur autem Chriſtus in Pſalmo: Infixus ſum in limo profundi: limum quidem nos eſſe manifeſtum eſt , quoniam de limo plaſmati ſumus.* Demaneira q̃ quando Deos , tomando a natureza humana , unio a ſi o noſſo barro, entaõ diz S. Bernardo que ſe crucificou Deos em hũa Cruz de barro ; porque ſe crucificou no homem. A razaõ porque não póde ſubſiſtir a ſegunda parte deſta interpretaçaõ , logo a vereis. Que Cruz de barro foi logo eſta ?

Bernard Serm. 4. in vigil. Nativit.

387 Digo que foi S. Franciſco ; porque ſendo barro como os outros homens , foi o barro do profundo : *Infixus ſum in limo profundi.* Olhar para todo o genero humano, para toda eſta maſſa do barro de Adaõ : na ſuperficie , & no alto eſtaõ os ſoberbos , barro , que todo ſe deſfaz

em vapores: no meyo eſtaõ os que não ſaõ ſoberbos, nem humildes: no fundo eſtaõ os humildes: & no mais profundo deſte fundo quem eſtá? Franciſco, que foi o mais humilde de todos os humildes. Eſte barro pois do profundo foi a Cruz, em que Chriſto ſe crucificou: *Infixus ſum in limo profundi.* O meſmo Profeta o declarou, ajuntando a differença individual de Franciſco: *Infixus ſum in limo profundi, & non eſt ſubſtantia.* Santo Agoſtinho: *Et non eſt ſubſtantia, id eſt, non ſunt divitiæ; quia ipſe ille limus paupertas erat.* Subſtãcia quer dizer, riquezas, & bens temporaes. Aſſim ſe diz do Prodigo: *Diſſipavit omnem ſubſtantiam.* E eſte barro do profundo, em que Chriſto ſe crucificou, era tam pobre, que era a meſma pobreza: *Quia ipſe ille limus paupertas erat.* Vede ſe era Franciſco, & ſe he eſta a ſua differença individual: *Infixus ſum in limo profundi, & non eſt ſubſtantia.*

S. Aug.

Luc. 15. 13.

388 Os que querem engrandecer a ſemelhança deſtas duas eſtampas, dizem: Deſpi a Franciſco, & vereis a Chriſto: veſti a Chriſto, & vereis a Franciſco. Iſto ſignificaõ aquelles dous braços cruzados, hum nù, outro veſtido, ambos chagados. Perdoaime, ſenhores: não pintais bem, ou trocai os penſamentos: O braço veſtido he o de Chriſto, o nù he o de Franciſco. Porque? Porque, *non eſt ſubſtantia.* A pobreza de Chriſto, em quãto exemplar noſſo, foi mais conveniente; mas a pobreza de Franciſco, em quanto pobreza, foi mais nua, & mais pobre; porque Chriſto, alèm do dominio alto de todo o univerſo, he de Fè, & aſſim eſtá deſinido, que ou em particular, ou em commum, teve dominio de algũas couſas. Mas em Franciſco, *Non eſt ſubſtantia*; porque nem em particular, nem em commum, teve dominio de couſa algũa. Os veſtidos de que deſpiraõ a Chriſto na

naCruz, eraõ de Christo: a tunica, de que está vestido Francisco, não he de Francisco. Logo o braço de Francisco he o braço nù, ou se deve tambem despir o braço de Christo. Mas se ambos nùs, ambos chagados, onde acharemos a differença? Só a Fè lha pòde achar, & assim o advertio o mesmo Texto.

389 *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia.* Lè o Grego: *Et non est hypostasis.* A differença de hum Crucificado a outro Crucificado, he, que num ha uniaõ hypostatica, no outro não. A Humanidade de Christo, como dizia S. Bernardo, foi a Cruz de barro, em que se crucificou a Divindade; & o corpo de Francisco foi a Cruz tambem de barro, em que se tornou a crucificar a Humanidade de Christo. E para que? Para supprir na segunda Cruz os defeitos da primeira. Porque a primeira Cruz foi hũa Cruz dura, hũa Cruz cruel, hũa Cruz desumana, hũa Cruz, que mostrando dor, & sentimento atè as pedras, só ella se mostrou insensivel: seja logo Francisco hũa segunda, & nova Cruz, Cruz sensitiva, Cruz humana, Cruz amorosa, Cruz crucificada, Cruz, que tome em si as dores, Cruz, que não cause as penas, mas as padeça: Cruz em fim, que desfaça, & emende os defeitos da primeira: *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi, in carne mea.*

§. V.

390 O Terceiro, & ultimo defeito foi das mesmas Chagas impressas. Porque ainda que as Chagas dos pès, & mãos, foraõ perfeitas Chagas, a Chaga do Lado, que era a que mais pertencia ao coraçaõ, foi Chaga imperfeita, & quasi não foi Chaga, nem Christo a estimou tal; porque foi Chaga sem dor. Na ultima hora, & quasi nas ultimas respirações da vida, disse Chri-

Joann. 19. 28. ſto: *Sitio*: Tenho ſede; & diſſe, *Sitio*, diz o Euangeliſta; porque ſabia o Senhor que já eſtavaõ acabados todos os tormentos da Paixaõ, & compridas todas Ibid. as Eſcrituras: *Sciens, quia omnia conſummata ſunt, dixit: Sitio.* Devagar, Senhor meu: Nas Eſcrituras eſtá profetizado que haveis de padecer o golpe da Job 16. 14. lança: *Circumdedit me lanceis ſuis, convulneravit lumbos meos.* Pois ſe ainda falta a Chaga do Lado, & a ferida da lança; porque dizeis que eſtá tudo acabado: *Omnia conſummata ſunt?* Porque a ferida da lança foi ferida, que a não havia de ſentir Chriſto; porque a havia de receber depois de morto: & feridas, que ſe não ſentem, ainda que ſejaõ no coraçaõ, não ſaõ feridas. A Chaga do Lado era Chaga ſem dor: & Chaga ſem dor, não he Chaga. Por iſſo S. Joaõ diſcreta, & advertidamente não diſſe que feriraõ o Lado a Chriſto, ſenão que lho abriraõ, como agudamente notou S. Agoſtinho: *Vigilanti ver-* S. Aug. *boſuſ eſt, ut non diceret, latus ejus percuſſit, aut vulneravit.* Não diſſe que a lança ferio o Lado, ſenão que o abrio: *Latus ejus* Joann. *aperuit*; porque feridas, & 19.34. Chagas, que não doem, não ſaõ Chagas, ſaõ aberturas: *Aperuit.*

391 Sentio Chriſto tanto eſte defeito, ou eſta falta de dor na Chaga do ſeu coraçaõ, que não pedindo a ſeu Padre, que o diſpenſaſſe de algum outro tormento, ſò do golpe da lança pedio que o livraſſe: *Erue à framea, Deus,* Pſalm. *animam meam.* Senhor, li- 21.21. vraime da lança, que me ha de raſgar o peito, mas não me ha de cauſar dor. E que reſpondeo o Padre a eſta petiçaõ? *Framea ſuſ-* Zachar. *citare ſuper Paſtorem meũ,* 13.7. *& ſuper virum cohærentem mihi.* Ja que, Filho meu, repugnais tanto eſſa lança, porque não haveis de ſentar o golpe della; eu vos prometo que aſſim como vos heide reſuſcitar a vòs,

reſuſ-

resuscitarei tambem a mesma lança, & a meterei no peito de hum homem muito unido comigo, & Pastor do meu rebanho, para que se suppra na sua dor a falta da vossa. Já que vòs não padecestes a dor da lançada, Francisco a padecerá. Assim foi; & para que o vejais com os olhos, ponde-os naquelle galhardo mancebo, suspenso entre o Ceo, & a terra, pendente dos braços de hũa ensinha, espirante, alanceado, morto. Bem entendeis que fallo de Absalaõ, figura de Christo crucificado, como dizem cõmummente os Interpretes. Figura de Christo, porque filho de David: figura de Christo; porque o mais fermoso dos homens; porque morto contra o preceito de seu pay; & finalmente, porque Absalaõ quer dizer, *Filius patris*, o filho do padre. Nem descompoem o primor da figura os peccados de Absalaõ; porque Christo na Cruz tinha sobre si todos os peccados do mundo; & particularmente o da desobediencia de Adaõ.

392 Só Joab parece q̃ a descompoz totalmente; porque diz o Texto sagrado que pregou tres lanças no peito de Absalaõ: *Infixit tres lanceas in corde Absalon.* 2.Reg. 18.14. Pois se Absalaõ era figura de Christo, & o peito de Christo foi aberto com hũa só lança: *Lanceâ latus ejus aperuit*; como se vem tres lanças no peito de Absalaõ? A segunda lança bem suspeito eu qual foi; porque vejo ao pè da Cruz aquella affligidissima Mãy, a quem disse Simeaõ: *Tuam ipsius animam pertranſibit gladius.* Luc.2. 35. Qual foi logo a terceira lança, & qual o peito, que traspassou, & ferio? Claro está que foi o peito de Francisco; mas com admiravel propriedade, & differença. A lança, que abrio o peito de Christo, foi hũa só, mas as lançadas foraõ tres: hũa em Christo, outra em Maria, outra em Francisco. A de Christo ferio o

Corpo, mas nâo ferio a Alma: a de Maria ferio a Alma, mas não ferio o Corpo: a de Franciſco ferio o corpo, & juntamente a alma. Chriſto recebeo o golpe, mas naõ ſentio a dor: Mariaſentio a dor, mas naõ recebeo o golpe: Franciſco recebeo o golpe, & ſentio a dor.

393 Mas, Franciſco meu, ſegunda eſtampa de Chriſto: não baſtará, que ſe conforme a eſtampa cõ o original? Se as voſſas Chagas ſaõ ſenſitivas, & racionaes, ponhamolas em razaõ. As quatro, q̃ Chriſto padeceo, padecei-as: a quinta, que elle recebeo, & não ſentio, tende-a embora no peito, mas não a padeçais. Doeivos com Chriſto vivo, & doloroſo; mas doervos tambem com Chriſto morto, quando já não padece, nem póde padecer dor? Sim; porque a primeira dor foi compaixaõ, a ſegunda he fineza. Moſtráraõ dor, & publicáraõ ſentimento na Paixaõ, & morte de Chriſto; todas as creaturas inſenſiveis do Ceo, & todas as da terra; mas com hũa differença por ventura não advertida. O Sol eſcureceoſe em todas as tres horas, em que Chriſto eſteve vivo na Cruz; tanto que o Senhor eſpirou, tirou o capuz o Sol, & tornou-ſe a reveſtir de luz, & alegrou o mundo, como dantes: *A ſexta autem hora tenebræ factæ ſunt ſuper univerſam terram, uſque ad horam nonam.* A terra não o fez aſſim: em quanto Chriſto eſteve vivo na Cruz, eſtiveraõ ſuſpenſas todas as creaturas do mundo inferior; tanto que o Senhor eſpirou, treme a terra, quebraõ-ſe as pedras, abremſe as ſepulturas, raſga-ſe o veo do Templo: tudo cõfuſaõ, tudo triſteza, tudo dor, tudo ſentimento: *Exclamans voce magna emiſit Spiritum: & ecce velum Templi ſciſſũ eſt in duas partes: terra mota eſt: petræ ſciſſæ ſunt: & monumenta aperta ſunt.* Pergunto agora: E qual foi mayor demonſtra-

Matth. 27. 45.

Ibid. 50. 51. 52.

monstraçaõ de amor, a do Ceo, ou a da terra? Em genero de fineza, naõ ha duvida que a da terra. O Ceo obrou como compassivo: a terra como fina. O Ceo como compassivo; porque se condoeu com quem padecia: a terra como fina: porque se doeu de quem já naõ padecia, nem podia padecer. Como a terra he a patria das dores, naõ he muito que em se saber doer venceſſe ao Ceo.

394 Mas estes extremos, que entre o Ceo, & a terra estiveraõ divididos, ambos se uniraõ, & multiplicáraõ no coraçaõ de Francisco, que póde ensinar amor ao Ceo, & à terra. Naõ se contentou com o conselho do Apostolo: *Hoc enim sentite in vobis, quod & in Christo Jesu.* Sentio o que Christo sentio, & o que naõ sentio tambem: padecente com Christo padecente, & padecente com Christo impassivel. Nas quatro Chagas padecẽte cõ Christo, porq̃ Christo as padeceo: na quinta Chaga padecẽte por Christo, porque ainda que Christo a naõ padeceo, era Chaga de Christo. Este foi o porque. Mas para que? Para que a dor, que faltou no Lado de Christo, se suppriſſe na dor do Lado de Francisco: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.*

§. VI.

295 TEnho acabado o meu discurso, & so quizera que o fim delle foſſe o meſmo fim, que teve Christo nesta segunda impressaõ das suas Chagas. Qual foi o fim em respeito de nòs, porque tornou a estampar Christo as suas Chagas em S. Francisco? Só Roma como interprete de todos os Oraculos Divinos, o podia saber dizer, & ella o disse. *Qui frigescente mundo, ad inflammanda corda nostra tui amoris igne, in carne Beatissimi Francisci passionis tuæ Stigmata renovasti.* Renovou Christo as

ſuas Chagas em Franciſco, para que o mundo, que tanto ſe vai esfriando, ſe accendeſſe no fogo do ſeu amor. Pois para accender, & inflãmar o mundo naquelle fogo, que Chriſto veyo trazer à terra, não ſeriaõ mais efficazes as Chagas do meſmo Chriſto? Não; porque as Chagas de Chriſto, ainda que accendem por hũa parte, por outra parte esfriaõ. Ao exemplo de Chriſto poſſo reſponder que elle era homem, & Deos; mas eu ſou homem ſómente. Eſta eſcuſa da noſſa fraqueza he a que nos esfria. Mas ao exemplo de Franciſco, que era homem como eu, não tenho outra repoſta, ſenão arder como elle. Saõ Paulo, que foi o S. Franciſco do Apoſtolado: *Ego* Gal. 6. 17. *ſtigmata Domini Jeſu in corpore meo porto*; que he o que dizia? que imitaſſemos a Chriſto, & as ſuas Chagas? Não: *Imitatores* 1. Cor. 4. 16. *mei eſtote, ſicut & ego Chriſti:* não dizia que imitaſſemos a Chriſto, ſenão a elle; porque para imitar a Chriſto, podia ter algũa eſcuſa a noſſa fraqueza; mas para imitar a Paulo, puro homem como nós, não podemos ter nenhũa eſcuſa. Os rayos que deſpedidos do corpo do Sol não accẽdem, paſſados por hũa vidraça ferem logo. Por iſſo ſe entrou Chriſto crucificado naquelle eſpelho de Franciſco: *Ut frigeſcente mundo, inſtãmaret corda noſtra.*

396 E ſe he neceſſario que a materia eſteja diſpoſta: em nenhũa parte do mundo ha mais apparelhadas diſpoſições, que nos corações de Italia. Grande caſo he, & tam glorioſo como grande, que imprimindo Chriſto duas vezes as ſuas Chagas, ou viſivel, ou inviſivelmente, ambas eſtas impreſſões ſe fizeſſem em Italia: as Chagas inviſiveis em Catherina de Sena: as Chagas viſiveis em Franciſco de Aſſis. Oh glorioſa Naçaõ, eſcolhida, & amada de Chriſto para ſe transformar nella!

nella ! Eſta he aquella unica Naçaõ, na qual ſe verificou o que tinha profetizado a Sabedoria da Imagem de Chriſto transformada: *Imago bonitatis illius: & in ſe permanens omnia innovat, & per nationes in animas ſanctas ſe transfert.* Arda pois Italia neſte Divino fogo, & arda Roma; que ſe a cabeça do mundo arder, todo o mundo, por mais frio que eſteja, ſe inflãmará. E com eſta ultima efficacia de ſuas Chagas ſupprirá tambem Frãciſco o effeito, que ainda falta às Chagas de Chriſto: *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti, in carne mea.*

Sap. 7. 2. 7.

SER-

SERMAÕ

DE

S. JOSEPH,

Dia em que fez annos ElRey D. Joaõ o IV. na Capella Real, anno de 1642.

Cùm eſſet deſponſata Mater Ieſu Maria Ioſeph.
Matth. 1. 18.

§. I

397 QUeſtaõ foi muy duvidada entre os antigos, qual dia deſta vida era mais felice, ſe o primeiro, ſe o ultimo; ſe o do naſcimento, ſe o da morte. Daqui veyo, que ſeguindo varias gentes varias opiniões, hũas ſe alegravaõ nos naſcimentos, outras os celebravaõ com lagrimas: hũas ſe entriſteciaõ nas mortes, outras as ſolemnizavaõ com feſtas. Chegou finalmẽte a duvida ao Tribunal d'ElRey Salamaõ, o qual inclinando-ſe à parte, que parecia menos provavel, reſolveo que melhor

lhor he o dia da morte, que
Eccles. 7.2. o dia do nascimento : *Melior est dies mortis die nativitatis.* Com isto estar resoluto, & definido assim na Escritura, hoje parece que temos a mesma questaõ ou concordada, ou resuscitada ; porque estamos por mercè de Deos em hũ dia tam glorioso por hũa morte, taõ felice por hum nascimento, que bem se póde competir dentro em si mesmo, ou a vencer felice suas glorias, ou a vencer glorioso suas felicidades. Consagrou-se este dia ás glorias do Ceo com a morte do mayor Santo, que nelle reyna, o Divino Esposo da Virgem Maria, S. Joseph : & consagrou-se outra vez o mesmo dia ás felicidades de Portugal, com o nascimento felicissimo do mais desejado Rey, & mais benemerito, ElRey nosso Senhor Dom Joaõ o IV. para que sobre os trinta & oito, que hoje conta, continue por muitos, & muy compridos annos as prosperidades, que goza. Morre hoje Joseph, & nasce Sua Magestade. Que ventura tam reciproca ! Nem Joseph morrendo podia deixar no mundo melhor Substituto : nem Sua Magestade nascendo podia entrar no mundo cõ melhor Planeta.

398 Estando Christo Redemptor nosso na Cruz olhou para S. Joaõ, o Discipulo amado, & encarregoulhe que tivesse cuidado de servir, & acompanhar a sua Santissima Mãy. Reparaõ alguns Santos em naõ dar o Senhor este cargo a outro Apostolo, senaõ a S. Joaõ ; porque ainda que em Saõ Joaõ concorriaõ todas as qualidades, em algũas era igualado, & em algũa excedido ; & para Mordomo da Rainha dos Anjos todos o excediaõ no attributo da ancianidade. Pois se era mais moço Joaõ, & havia outros amados, & mais parentes, porque naõ escolheo Christo a outro Discipulo, senaõ a S. Joaõ para este officio ? A razaõ foi ;

porque

porque o officio de acompanhar, & servir á Senhora, era officio de S. Joseph, em quanto viveo: & para substituir em ausencias de Joseph, quem havia de ser, senaõ Joaõ? Nã) he menos que de S. Cypriano o pensamento: *Ut non tam Joseph oneretur tanti ministerii præpositura, sed Joanner.* Morrèra Joseph: vagára no mundo aquelle grande lugar; & para substituir em sua morte, para succeder em sua áusencia, ninguem havia no mundo que estivesse a caber, senão, quem? Joaõ, o amado de Deos. Joaõ o amado de Deos substitue a Joseph: *Non tam Joseph, sed Joannes.*

399 E isto quando? No dia de seu nascimento. Parece que não póde ser; porque nem o Real, nem o nascimento podem competir a S. Joaõ aqui. Ora tudo foi. Quando Christo deu a S. Joaõ o cuidado de servir à Senhora, as palavras que disse foraõ estas: *Mulier, ecce filius tuus.* Mulher, eis-ahi teu filho. *Deinde dicit Discipulo: Ecce Mater tua*: Joaõ, eis-ahi tua Mãy. Mãy. & Filho, de que maneira? Mãy tinha S. Joaõ, mas era Maria Salome: Filho era, mas do Zebedeo. Pois se estes eraõ seus pays, como se chama Joaõ filho da Senhora, & a Senhora Mãy de Joaõ? He porque Joaõ tornou a nascer nesta hora, & nasceo só da Virgem por força das palavras de Christo. Authores houve, & entre elles expressamente S. Pedro Damiaõ, que disseraõ, que assim como as palavras, *Hoc est Corpus meum*, ditas hũa vez por Christo, tiveraõ força para converter o paõ em Corpo do mesmo Christo; assim as palavras, *Mulier, ecce filius tuus*, tiveraõ força para fazer a S. Joaõ, & o converterem de filho do Zebedeo em filho de Maria.

Joann. 19.26. Ibid.27.

400 De maneira, que S. Joaõ teve dous nascimentos: hum nascimento natural, com que nasceo filho do Zebedeo; outro nasci-

naſcimento ſobrenatural, com que naſceo filho da Mãy de Deos. Pelo primeiro naſcimento naſceo nas prayas do Tiberiades; pelo ſegundo naſcimento naſceo ao pè da Cruz. Pelo primeiro naſcimento naſceo de geraçaõ humilde; pelo ſegundo naſcimento naſceo da mais illuſtre, & Real proſapia, que havia no mundo, filho de hũa Senhora, herdeira de hum Rey morto à maõ de ſeus inimigos: *Jeſus Nazarenus Rex Judæorum.* Aſſim naſceo S Joaõ ſegunda vez, & aſſim foi neceſſario que naſceſſe, para ſucceder no lugar de S. Joſeph, como ſuccedeo; porque ſó ſe póde ſubſtituir dignamente a morte de Joſeph, com que? com o naſcimento Real de hum Joaõ, o amado de Deos: *Diſcipulum, quem diligebat: Mulier ecce filius tuus: Non tam Joſeph, ſed Joannes.*

§. II.

401 SO vejo me podê reparar os curioſos em fallar no dia de S. Joſeph por termos de morte, ſendo que mais devia com hum, & outro intento chamarlhe naſcimẽto; porque aſſim chama a Igreja ás mortes dos Santos: *Natalitia Sanctorum.* Se eu não fora mais amigo da verdade, que da propriedade, aſſim o fizera; mas as mortes de outros Santos pòdem-ſe chamar naſcimentos; a morte de S. Joſeph não. As mortes de outros Santos podem-ſe chamar naſcimentos; porque quando morrêraõ á vida temporal, naſcêraõ à vida eterna Não aſſim S. Joſeph. Como não eſtava ainda aberta a porta do Ceo, quando Saõ Joſeph morreo, não foi o Santo no dia de ſua morte á Gloria, ſenão ao Limbo. Ao Limbo S. Joſeph neſte dia? Valhame Deos, que duvidoſo horoſcopo! Não ſei eu como poderei provar o que entrei dizendo, que não ſe podia naſcer com melhor Planeta. Dizem os Mathematicos, que naſcer com

Bocarro in Anacephaleosim Reg. Lusit.

com os Planetas debaixo da terra, he prognostico de infelicidades. Pois se S. Joseph neste dia seu o temos todo debaixo da terra, o corpo na sepultura, a alma no Limbo; que influencias podemos esperar deste Planeta em tam funesto sitio? Ora digo que he felicissimo auspicio ter neste nascimento a Saõ Joseph debaixo da terra; porque ainda que os Planetas debaixo da terra tenhaõ perigosas influencias, tiraõ-se por exceiçaõ os Planetas, que saõ Joses: os Planetas que saõ Joses, para influirem felizmente, haõ de estar debaixo da terra.

402 Estava o Patriarca Joseph em Egypto: morreo; & diz o Texto sagrado, que depois de sua morte, crescèraõ muito os Israelitas em numero, & poder: *Quo mortuo, creverunt filii Israel quasi germinantes multiplicati sunt, ac roborati nimis, impleverunt terram.* Que os filhos de Israel crecessem pelos merecimentos de Joseph, não me admira; antes assim havia de ser, que isso quer dizer Ioseph, augmento, & crescimento: *Joseph accrescens.* O que me admira he, que crescessem os Israelitas depois delle morto: *Quo mortuo.* Se Joseph quer dizer crescimento, & os filhos de Israel crescèraõ por sua influencia, porq̃ não crescèraõ em sua vida, senão depois de sua morte? A razaõ he; porque para se lograrem as influencias de Joseph, ha de estar debaixo da terra. Delicadamente o tirou Hugo Cardeal do mesmo Texto. Diz o Texto que: *Creverunt quasi germinantes*, crescèraõ os filhos de Israel, assim como crescem as plantas. Bem dito, diz Hugo: *Uno grano emortuo, multa creverunt*: Crescèraõ os filhos de Israel como as plãtas; porque assim como as plantas, para nascerem, & crescerem, he necessario que a virtude de que nascem, se enterre primeiro debaixo da terra: assim para

Exod. 1. 7.

ra que a virtude de Joseph influisse augmentos nos filhos de Israel, foi necessario, que elle morresse, & se enterrasse primeiro: *Quo mortuo creverunt.* Os outros Planetas hão de estar em cima, mas os Joses debaixo da terra.

403 Grande advertencia de Filo. Pode-se duvidar a razaõ, porque Joseph se mostrou tam benigno, & fez tantos favores, & mercès a seus irmãos, de quem recebèra tantos aggravos. Digo que se póde duvidar; porque bem mostráraõ os primeiros dous irmãos, Caim, & Abel, que não basta a razaõ de irmandade para abrandar corações. E se hum irmaõ respeitado mata; hum irmaõ offendido, que fará? Pois se Joseph estava tam offendido de seus irmãos, como se mostrou tam benigno, & liberal com elles? A razaõ disse Filo, que foi, por hũas palavras que disseraõ a Joseph os irmãos. Quando lhe deraõ conta de si, disseraõ que eraõ doze; os dez que alli estavaõ, hum que ficára com o pay, & outro que morrèra, que era o mesmo Joseph. As palavras foraõ estas: *Duodecim fratres sumus: minimus cum patre nostro est, alius non est super.* O ménor de todos Benjamin ficou com o pay: o outro que era Joseph, *Non est super*, já não está em cima, está debaixo da terra. Já está debaixo da terra Joseph? Por isso se mostrou tam benigno, & liberal com os irmãos, diz Filo: *Alius non est super, de se loquentes audiens, quid anima habere potuit?* Ouvindo dizer Joseph, que já não estava em cima, senão que estava debaixo da terra, que outra cousa pode fazer, senão amar, favorecer, & influir beneficamẽte liberalidades? Os outros Planetas para influirem benignamente, hão de estar em cima; mas Joseph quando não está em cima, senão debaixo da terra, como hoje (assim tem o Hebreo: *Hodie non est super*) no dia em q̃ não está em Genes. 42.13.

em cima, ſenão debaixo da terra; entaõ influe vida, merces, felicidades, & augmentos.

§. III.

404 TEmos viſto o naſciméto Real de Joaõ o amado, & o ſitio do Planeta, em que naſce, debaixo da terra, no meſmo, ou ſemelhante dia; & porque os dias, como diz David, tambem ſe fallaõ, & ſe entendem huns com os outros: *Dies diei eructat verbum*; com razaõ perguntará o dia do naſciméto de Sua Mageſtade ao dia, em que naſce, de S. Joſeph, que influencias póde, ou deve eſperar de tam Divino Planeta. A reposta não he como a dos Mathematicos duvidoſa, & incerta, mas tam certa, & ſem duvida, como tudo o que dizem os Euangeliſtas. Vamos ao noſſo Euangelho, que hè de Saõ Matheus, no Capitulo primeiro, & ouçamos com admiravel propriedade o que diz, como ſe fallára deſte dia, & do noſſo caſo. *Cùm eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.* Eſtava, diz, a Mãy de Jeſus, Maria, deſpoſada com Joſeph. Onde ſe deve advertir, que a palavra, deſpoſada, não ſignifica promeſſa reciproca de vodas futuras, ſenão verdadeiro, & actual matrimonio por contrato, & palavras de preſente como conſta do meſmo Texto: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*; mas a corteſia do Euangeliſta não diſſe, caſada, ſenão deſpoſada; como termo mais decente, & decoroſo. O que ſuppoſto, era a Senhora já Mãy de Jeſu, porque tinha concebido ao Verbo Eterno; mas antes de Mãy, primeiro deſpoſada. E porque? Como era, & havia de ſer ſempre Virgem, tanto importava ſer primeiro deſpoſada, como depois: porque razaõ logo ordenou a Providencia Divina, que não concebeſſe ao Filho de Deos, ſenão depois de deſpoſada: *Cùm eſſet deſponſata Mater*

Pſalm. 18. 3.

Matth. 1. 20.

ter Jesu? A razaõ principal he; porque convinha, & era necessario, que a Conceiçaõ, & parto da mesma Virgem estivesse encuberto: *Ut virgineus partus celaretur.* Assim o dizem S. Jeronymo, S. Basilio, S. Joaõ Damasceno, S. Ambrosio, S. Bernardo, & he commum dos Santos Padres. Constava da sagrada Escritura pelo oraculo, & testemunho do Profeta Isaias, que o Messias, & Rey prometido para Redemptor do mundo havia de nascer de hũa Virgem: *Ecce Virgo concipiet & pariet filium.* E porq̃ este Rey não só na terra, senão no mesmo inferno, havia de ter muitos emulos, & inimigos, esta era a importancia, & necessidade porq̃ convinha, & tinha ordenado a Divina Providencia, que estivesse encuberto a todos, como com effeito se encobrio no Despozorio, ou Matrimonio da Virgem Santissima com S. Joseph, parecendo que não tinha mais mysterio a Cõceiçaõ, & Nascimento daquelle Filho, que o commum, & ordinario dos outros homens.

405 Que semelhança tem agora, ou que propriedade em S. Joseph a providencia de Deos neste mysterio com o nascimento de Sua Magestade, q̃ Deos guarde, no dia do mesmo Santo? Disse-o Ruperto com hũas palavras, que se lhe pediramos as fizesse de encomenda, não vieraõ mais nascidas ao intento: *Ut esset Sponsus, custosque Beatæ Virginis, ac nati ex ea Regis.* Despoza-se Joseph com Maria, & nomeadamente com Maria Mãy de Jesu, porque o fim destes Despozorios foi ser Joseph Espozo da Virgem, & Guarda do Rey nascido: *Custos nati Regis.* Oh grande excellencia! oh grande gloria! oh dignidade superior a todos os Santos a de Joseph! Que os fóros da mesma Omnipotencia nasçaõ debaixo de seu amparo, & que não tendo Christo Anjo da Guarda, porque

he Deos, tenha por Cuſtodio hum homem, que he S. Joſeph: *Cuſtos nati Regis?* Grande gloria de Joſeph, & grande graça tambem do noſſo Rey, & Reyno! Que o amaſſe Deos, & cuydaſſe do ſeu remedio com tam eſpecial providencia, que o patrocinio que deu em ſeu naſcimento ao Rey, que havia de reſtaurar o mundo, eſſe meſmo patrocinio déſſe em ſeu naſcimento ao Rey, que havia de reſtaurar a Portugal! Hum, & outro naſceo debaixo da meſma protecçaõ, hum, & outro naſceo debaixo da tutela, & amparo de S. Joſeph: *Joſeph cuſtos nati Regis.*

406 Sendo pois eſtes dous Reys naſcidos ambos Reys, ambos Redemptores, & ambos encubertos; o primeiro, como diz a profecia de Iſaías: *Vere tu es Deus abſconditus, Deus Iſrael Salvator.* O ſegundo prometido pela profecia, & tradiçaõ de S. Iſidoro a Eſpanha, não com outro nome, ou antonomaſia, ſenão a do Encuberto; vejamos quam particularmente encubrio a hum, & outro, o que a hum, & outro deu Deos por guarda o cuidado, & vigilancia de S. Joſeph. A Chriſto encubrio-o como Eſpoſo de Maria, nove mezes, & treze dias deſde ſua Conceiçaõ atè depois de ſeu Naſcimento, em que o deſcubrio a Eſtrella no Oriente aos Magos, & os Magos em ſeguimento della a toda Judea. E como o encubrio? *Spiritus Sanctus ſuperveniet in te, & virtus Altiſſimi obumbrabit tibi.* A Virgem Senhora noſſa tinha dous Eſpoſos, hum Divino, outro humano. O Eſpoſo Divino era o Eſpirito Santo; o humano, S. Joſeph. Do primeiro Eſpoſo era obra o Filho concebido, como diſſe o Anjo á meſma Virgem: *Spiritus Sanctus ſuperveniet in te*: acrecentando: *Et virtus Altiſſimi obumbrabit tibi*: que a virtude do Altiſſimo lhe faria ſombra. E que ſombra foi eſta? ou quem

Iſai. 45. 15.

Luc. 1. 38.

quem foi esta sombra? Foi sem duvida o segundo Esposo, a cuja sombra esteve a Virgem depois de desposada, & com a sombra, & nome de Pay, encubrio o que verdadeiramente não era seu filho. Assim ficou o Rey, & Redemptor, que havia de ser do mundo, encuberto desde sua Encarnaçaõ nove mezes atè seu Nascimento, & treze dias, atè que a Estrella, & os Magos, & Deos por elles o descubrio ao mundo: *Ubi est, qui natus est Rex Judæorum?* Matth. 2.2.

407 Mas se S. Joseph guardou encuberto a Christo nove mezes, & treze dias; que comparaçaõ tem este tempo, que não chega a hum anno, com mais de trinta & seis annos inteiros em que teve encuberto ao Rey encuberto de Portugal, desde o dia do seu nascimento atè o felicissimo de sua restituiçaõ? Vejo que me respondem, que S. Joseph não só encobrio a Christo naquelle primeiro anno não acabado, mas em outros, cujo numero certo se não sabe, sabendo pelo Anjo que Herodes entre os Innocentes de Bethlem queria tirar a vida a Christo, fugio de Judea para o Egypto, & depois da morte do mesmo Herodes, sabendo tambem por aviso do Ceo, que reynava em Judea Archelao seu filho, retirou-se para Galilea. Deforte que para encobrir o primeiro Rey nascido, tomou por meyo tiralo diante dos olhos dos dous Reys seus inimigos, & escondello em terras estranhas. Porèm para encubrir o segundo Rey não só no seu nascimento, nem na sua infancia, puericia, ou adolescencia, senão na idade de varaõ perfeito em tãtos annos, a traça com que o encobrio a outros dous Reys, que não menos lhe podiaõ tirar a vida, & a Coroa, qual seria? Verdadeiramente milagrosa, & digna da Omnipotencia Divina. Dentro na mesma Espanha, dentro no mesmo Portugal, & diante

dos olhos dos meſmos Reys, eſcondeo, & encubrio de maneira ao encuberto, que vendo-o, o não viaõ, nem viraõ. He certo que aſſim foi, mas duvidoſo, como podia ſer.

408 No dia da Reſurreiçaõ ajuntou-ſe Chriſto aos dous Diſcipulos que hiaõ para Emaús, os quaes em todo aquelle caminho o viaõ, & ouviaõ, ſem o conhecerem. Por ventura transfigurou-ſe Chriſto, ou mudou as feições de roſto? Por nenhum modo. Pois ſe eraõ ſeus Diſcipulos coſtumados a vello todos os dias, & agora o eſtavaõ vendo, & no ſeu roſto não havia mudança, como o não conheciaõ? Reſponde o Euangeliſta: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoſcerent.* A palavra *Tenebantur*, melhor ſe póde entender, do que declarar na noſſa lingua: *Tenebantur*, eſtavaõ detidos: *Tenebantur*, eſtavaõ prezos: *Tenebantur*, eſtavaõ ſuſpenſos: *Tenebantur*, eſtavaõ em ſi, & fóra de ſi, como extaticos os olhos que o viaõ, & não conheciaõ. Fazendo eſte milagre nos Diſcipulos a Omnipotencia de Chriſto; & nos Reys, que tanto podiaõ temer, & acautelar-ſe do que hoje he noſſo, a maõ inviſivel de S. Joſeph. Deſde o principio em que ſe fizeraõ ſenhores de Portugal aquelles Reys eſtranhos; Filippe II. tinha diante dos olhos a Senhora D. Catharina; Filippe III. ao Duque D. Theodoſio; Filippe IV. a Sua Mageſtade, que finalmente lhe tirou da cabeça a Coroa; & vendo-os, não conheciaõ o que nelles deviaõ recear, & temer, cegando-os S. Joſeph com a meſma luz de ſeus olhos: & cubrindo o ſeu, & o noſſo Encuberto com o deſcubrir.

Luc. 24. 16.

409 Aſſim deſempenhou o grande Santo a obrigaçaõ, que tinha de encobrir, & provar o nome de encuberto no novo Rey naſcido no ſeu dia: mas ainda lhe falta, ou nos falta hũa mayor conſideraçaõ, &

& vigilancia deste seu empenho. O odio, a emulaçaõ, a cautela, o receyo de perder o ganhado em Portugal, que tinhaõ os Reys estranhos, a grandeza do poder, & a doçura do possuir, podia lisongear, & adormecer todo este cuidado; mas da nossa parte, & em nòs os Portuguezes, alèm da dor do perdido, estava com os olhos abertos ao remedio o amor, o desejo, & a necessidade. O amor ainda que he cego para ver, he lince para adivinhar: o desejo he hum affecto sempre ardente, & inquieto, que não sabe socegar hum momento: sobre tudo a necessidade da redempçaõ, da liberdade, & de Rey natural, era a que mais apertava os cordeis a este torméto, & tinha com a çoga na garganta todos estes affectos. E como podia ser, que sendo elles tam vigilantes, & tendo sempre o direito da Coroa, & a pessoa do Rey a quem pertencia, diante dos olhos, de tal sorte a encubrisse S. Joseph, que a ninguem viesse ao pensamento ser elle o que o havia de recuperar? Mas em encubrir o nosso Encuberto neste grande perigo de o declararem as evidencias, ou conjecturas de algum destes affectos, mostrou o Santo, quam alta, & delicadamente observou as obrigações do officio de o guardar: *Custos nati Regis*; equivocando milagrosamente hum Rey com outro Rey, & encubrindo hum vivo com outro morto. Perdeo-se, ou morreo na batalha de Africa ElRey D. Sebastiaõ, & podèraõ tanto as saudades de hum Rey, que se tinha perdido a si, & a nós, que sem se divertirem aonde deviaõ, deraõ em esperar delle, & por sua vida, & vinda, a nossa redempçaõ; & este foi o altissimo cõselho, com que S. Joseph debaixo das cinzas do Rey passado, & morto, conservou, & teve encuberto o Rey futuro, & vivo. Não vemos conservar-se vivo o

fogo debaixo das cinzas, que o encobrem? Pois assim conservou, & encubrio S. Joseph a vida d' ElRey, que Deos guarde, debaixo das cinzas d' ElRey D. Sebastião defunto. He o que diz expressamente Isaías no Capitulo 61. Promete Deos alli de alegrar os tristes, de consolar os descõsolados, de libertar os cativos, & conclue que pelas cinzas lhe dará a Coroa: *Ut mederer contritis corde: & prædicarem captivis indulgentiam: ut consolarer omnes lugentes*; & finalmente: *Et darem eis coronam pro cinere.* Assim estava Portugal triste, assim estava desconsolado, assim estava cativo, & assim lhe prometia S. Joseph a Coroa perdida debaixo das cinzas do Rey morto reputado por vivo; & assim conservava vivo, & encuberto aquelle, que verdadeiramente havia de restituir aos tristes, desconsolados, & cativos a Coroa perdida. Demaneira que encubeita a verdade debaixo do engano, a esperança debaixo da desesperação, a vida debaixo da morte, & a Coroa debaixo das cinzas, aos Principes estranhos, que tudo isto tinhaõ por riso, não lhes dava cuidado o remedio; & os vassallos, amigos, & naturaes, que o tinhaõ, pouco menos, quasi por fè, com milagrosa providencia, enganada a sua dor, o seu amor, o seu desejo, & a sua necessidade, se consolavaõ, & animavaõ da falsa, & equivocada esperança, atè que a verdadeira debaixo della encuberta, ao tempo destinado pelo Ceo, lhe trouxe a felicidade que hoje logramos.

Isai. 61. 1. 2. 3.

§. IV.

410 CErto que ponderar cabalmẽte esta felicidade, será causa de não faltar nunca Portugal ao eterno agradecimento a S. Joseph. Que hũa vida, (não sejamos ingratos, por não saber o que devemos

devemos a Deos) que hũa vida , em que eſtavaõ fundadas as conſequencias , que hoje ſe logràõ, a pezar da emulaçaõ de dous Reys, debaixo de ſua meſma jurdiçaõ ſe conſervaſſe. ! Que naſça a decima ſexta geraçaõ de Portugal tam eſperada, & que ſendo decima-ſexta por tres vias , nem o amor dos naturaes , nem os ciumes dos eſtranhos em trinta & ſete annos o deſcubriſſe ! Vivo a pezar de tantas advertencias politicas, encuberto a pezar de tantas evidencias manifeſtas ! Grandes milagres da Providencia Divina ; & eſte ſegundo , a meu ver , ainda mayor. E ſenão, pergunto : Qual foi a razaõ , porque ordenou Deos que o Libertador, que havia de ſer, de Portugal, ſe conheceſſe tantos annos antes no mundo , não pelo nome de Libertador, ſenão pelo nome de Encuberto? A razaõ foi ; porque mayor milagre da Providencia era cõſervallo encuberto , que fazello Libertador. Fazello Libertador , foi deliberarem-ſe os homens a hũa couſa muito util ; conſervallo encuberto , foi cegarem-ſe os homens a hũa couſa muito manifeſta : & mayor milagre he encobrir evidencias ao entendimento, que perſuadir conveniencias á vontade. O que todos pondèraõ, o que todos admiraõ , o de que todos fazem mayor caſo he, que ſe uniſſem, & concordaſſem as vontades de todo hum Reyno, para fazer o que fizeraõ. Muito foi; mas bem conſiderado, não foi muito; porque, que muito que as vontades dos homens ſe perſuadiſſem a hũa couſa tam util, & tam honroſa, como ter Reyno, ter Rey, ter liberdade, viver ſem cativeiro , & ſem oppreſſaõ ? Porèm que o Author feliciſſimo de todo eſte bem naſceſſe, & viveſſe entre nòs tam retratado pelos Oraculos Divinos , & ainda nomeado pelo proprio nome , & o tiveſſe Deos encuberto, ſem que o amor , nem a emula-

çaõ, que saõ os dous affectos mais linces, o descubrissem! Que o vissem os olhos, & que guardasse segredo o entendimento! Que suspirassem os desejos, & que não bastassem as mayores advertencias! Dissimulado a evidencias, & encuberto a olhos vistos! Este he o mayor milagre, esta a mayor maravilha, mas agora exercitada, & muytos seculos antes já ensayada: por quem? Pelo Author da mesma protecçaõ, S. Joseph.

411 Conta o Texto sagrado no quarto livro dos Reys, Capitulo onze, que em hũa occasiaõ quizeraõ tirar a vida tyranicamente os herdeiros do sangue Real de Israel ao menino Joás; porèm que Jozabá o livrou do perigo, & o creou escondidamente: *Abscondit eum, ut non interficeretur*, atè que passados alguns annos, os nobres do povo se uniraõ, & todos com as armas nas mãos entráraõ no Paço Real, & impedindo as guardas em hum Sabbado; acclamáraõ por Rey a Joás, & o metèraõ de posse do Reyno, que lhe pertencia, lançando do Paço a Athalia, hũa senhora que entaõ governava. Desta maneira refere o Texto este caso, & bem se vè, que he tam proprio do que succedeo em Portugal, que se ao nome de Joás se mudára o *s*, em *m*, se pudèra trasladar este Capitulo, & escrever-se em nossas Chronicas. Bem está: mas quem fez isto? a quem se deve esta façanha? quem ha de levar a gloria desta maravilha? Quẽ? S. Joseph. Diz Isidoro Isolano q̃ Jozabá, a cuja industria deve sua vida, & restituiçaõ Joás, foi figura de S. Joseph, Esposo da Virgem: *Joseph profecto in Jozaba præfiguratus est, quæ Joas Infantem clàm nutrivit, & aluit, ac Regem Israel tandem cõstituit.* Hei de construir as palavras ao pè da letra, para mayor gloria de S. Joseph, & mayor evidencia do nosso caso. *Joseph profecto*

4. Reg. 11.

fecto in Jozaba præfiguratus est. Verdadeiramente S. Joseph foi figurado, & representado em Jozabá: *Quæ Joas Infantem clàm nutrivit, & aluit*: que guardou ao Infante Joás vivo, & encuberto: *Ac Regem Israel tandem constituit*: & finalmente o fez Rey de Israel, metendo-o de posse do Reyno, que lhe tocava. E não he isto mesmo, o que fez S. Joseph com o Rey, & Reyno de Portugal? Nem o caso póde ser mais proprio; nem eu quero dizer mais nesta materia.

412 Estas saõ as obrigações em que S. Joseph tem empenhado a Vossa Magestade, Senhor; & as consequencias dellas saõ, que assim como S. Joseph não só foi Salvador do Salvador, senão tambem do mundo; assim não foi só Salvador do nosso Libertador, senão tambem do Reyno libertado. Espero em Deos que o hey de provar literalmente. *Benedictio illius, qui apparuit in rubo, veniat super caput Joseph.* A bençaõ daquelle, que appareceo na C,arça, desça sobre Joseph. Esta bençaõ foi lançada ao Patriarca Joseph, & diz o Pelusiota, & outros, q̃ se comprio em S. Joseph, Esposo da Virgem. E qual foi a bençaõ daquelle, que appareceo na C,arça a Moyses? Elle mesmo o disse: *Vidi afflictionem populi mei, & descendi ut liberem eum.* Vi a afflicçaõ do meu povo debaixo do poder de hum Rey estranho, & desci do Ceo a libertallo. Pois se a bençaõ do que appareceo a Moyses na C,arça, he ser Libertador do povo opprimido do poder de hũ Rey estranho, & esta bençaõ se comprio em Joseph, Esposo da Virgẽ; digaõme agora os Historiadores, quando se comprio esta bençaõ, senão na Restauraçaõ de Portugal. Vio o Santo as afflicções deste povo verdadeiramẽte seu; & desceo do Ceo a libertallo, guardando com particular providencia a vida

Deut. 33.16.

Exod 3. 7.8.

do

do noſſo feliciſſimo Liberrador, como fez à de Chriſto, ſegundo a protecçaõ que tomou em hum, & outro nacimento: *Cuſtos nati Regis*, que foi o fim com que ſe deſpoſou com a Virgem: *Cùm eſſet deſponſata Mater Jeſu Maria Joſeph.*

§. V.

412 TEnho acabado o Sermaõ; de todo elle quizera tirar ſòmente hũa couſa, queira o Senhor que ſeja tam bem recebida nos animos de todos, como he a todos neceſſaria & importantiſſima. O que concluo de todo eſte diſcurſo he, que deve o Reyno de Portugal tomar ſolemnemente a S. Joſeph por particular Avogado, & Protector de ſua conſervaçaõ, & augmẽtos. A razaõ que tenho para iſto, he a mais efficaz, que pòde ſer: Querer Deos que ſeja aſſim, nem nòs devemos querer outra couſa. Sonhou ElRey Faraó que haviaõ de vir a ſeu Reyno aquelles quatorze annos de varia fortuna, & dizendolhe que importava prevenir-ſe de algum varaõ de grande prudencia, que ſuperintendeſſe à conſervaçaõ, & remedio do Rey- Geneſ.
no, *Placuit Pharaoni con-* 41.36.
ſilium, Contentou o conſelho ao Rey, & voltandoſe para Joſeph, diſſe: *Num-* Ibid. 39.
quid ſapientiorem, & conſimilem tui invenire potero? Por ventura, Joſeph, poſſo eu achar algum, que ſeja mais ſabio, mais prudente, & em cujas mãos, & conſelho eſteja mais ſegura minha Monarquia? O Cetro, & a Coroa ponho debaixo do voſſo patrocinio, mandai, ordenai, deſpendei não como vaſſallo, mas como pay. O meſmo digo do noſſo caſo.

412 Iſidoro de Iſolanis já acima allegado, Author, que ha muitos annos que eſcreveo, admirandoſe muito de que em ſeu tempo não foſſe celebrado na Igreja o glorioſo S. Joſeph,

Joseph, conclue assim: *Suscitabit Dominus Sanctum Joseph ad honorem nominis sui, caput, & patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesiæ.* Este ja embora esquecido por agora S. Joseph, & não seja sua memoria tam celebrada como merece; que Deos levantará este grande Santo a seu tempo, para que seja particular Padroeiro do seu Imperio na Igreja militante: *Patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesiæ.* Duas cousas havemos de saber para entendimento destas palavras; hũa, quando se começou a celebrar S. Joseph; outra, qual he no mundo o Imperio de Christo. O tempo, em que se começou a celebrar S. Joseph, foi pontualmente depois da perda d'ElRey D. Sebastiaõ de triste memoria, & antes da felicissima restituiçaõ à Coroa d'ElRey D. Joaõ nosso Senhor; para que posto entre a ruina do Reyno, & o remedio: compadecido da ruina, ã remedisse. E o Imperio de Christo qual he? O mesmo Senhor foi servido de no lo explicar, quando disse a nosso Fundador o Senhor Rey D. Affonso Henrique: *Volo in te, & in semine tuo Imperiũ mihi stabilire.* Quero em vós, & em vossa descendẽcia estabelecer o meu Imperio. Pois se Deos levanta no mundo a S. Joseph, quãdo quer levantar a Sua Magestade por Rey: se o Imperio de Christo na Igreja militãte somos nós; & S. Joseph hade ser particular Padroeiro deste Imperio: que resta, senão, que effectivamente se conclua de nossa parte, que he o constituir, & reconhecer com publica solemnidade a S. Joseph por Protector particular do Reyno de Portugal, & sua conservaçaõ; dizendo a este Joseph, o que os Egypcios disseraõ ao outro: *Salus nostra in manu tua est, respiciat nos tantum Dominus noster, & læti servietmus Regi?* Genes. 47. 25.

SER-

SERMAÕ
DE
S. ANTONIO,

Panegyrico, & Apologetico, contra o nome, que vulgarmente em Roma, na Igreja dos Portuguezes, se lhe dá de S. Antonino.

Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.
Matth. 5.

§. I.

413 DEsgraça he minha, & nossa, & não sei se diga do mesmo Santo que celebramos, que quando haviamos de levãtar trofeos, seja necessario tomar as armas, & defender dentro em Roma, a quem tanto merecia triunfar nella. Eu, que hoje havia de fazer Panegyricos, sou obrigado a desfazer aggravos. E que aggravos? Os aggravos do nome de S. Antonio em Roma. Em Roma, cabeça, & adoraçaõ do mundo, em Roma, mãy universal de todos os peregrinos, os aggravos daquelle

quelle peregrino Portuguez, que a pès deſcalços a viſitou com tanta devaçaõ; a edificou com tantos exemplos; a illuſtrou com ſua doutrina; & a admirou, & fez admiravel com o prodigio eſtupendo de ſeus milagres! Celebra hoje Portugal a Santo Antonio de Lisboa: Italia a S. Antonio de Padua: & já eſte não era pequeno aggravo; mas he força diſſimular os menos grandes, para acudir aos maiores. Não determino diſputar com Padua de tam longe: com Roma he o meu pleito, de Roma he a minha queixa, & não menos bem fundada, que no meſmo Texto do Euangelho, que propuz.

414 *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.* Aquelle, que fizer, & enſinar, (diz Chriſto) eſſe terá o nome de Magno. Não póde ſer a ley mais clara. Agora digame Roma o nome de Antonio Magno a quem o deu. Não o deu ao Antonio de Portugal, ſenão ao Antonio do Egypto. Elle he, o que ſe nomea, & venera com a antonomaſia de Magnus Antonius. Pois ſe o Euangelho tam conhecidamente promete o nome de Magno aos merecimentos do noſſo Antonio, porque lho nega aquella Cidade, que contèm em ſi a regra do meſmo Euangelho? porque lho nega & o dá a outro? Dirmeha por ventura Roma, que o outro Antonio foi muitos annos primeiro: & que quãdo o noſſo veyo ao mundo já o nome eſtava dado. Mas lembrame a eſte propoſito, o que já diſſe Tertulliano à meſma Roma: Não foſtes vòs meu Santo, o que tardaſtes; ſenão ella a que ſe apreſſou. Argue Tertulliano aos primeiros, que canonizáraõ os Deoſes Gentilicos, & diz que ficáraõ ſem altares, & ſem nome os que melhor o mereciãõ: não porque a Antiguidade os quizeſſe excluir; ſenão porque ſe apreſſou: *Properavit opinor.*

Fez

Fez Deos da gũerra a Marte? *properavit*; porq̃ se não se apressára tãto, fora Deos da guerra Scipiaõ. Fez Deos das Musas a Apollo? *properavit*; porque se esperára mais, fora Deos das Musas Homero. Fez Deos da Medicina a Esculapio? *properavit*; porque se aguardára mais tempo, fora Deos da Medicina Hipocrates. Fez Deos das Sciẽcias a Mercurio? *properavit*; porque se não se adiantára tanto, fora Deos das Sciencias Aristoteles. Eu não nego, antes venero, & adoro as excellencias do grande Antonio Africano; Sò tenho para mim que se o mundo, & a cabeça do mundo se não anticipára, pòde ser a grandeza daquelle nome não a consagrára ao da Africa, senão ao da Europa; ao Portuguez, & não ao Egypcio.

415 Mas porque o meu intento não he tirar o direito acquirido, senã defender o tirado: já que o nome de Magno se deu àquelle Antonio; porque senão havia de dar tambem ao nosso: *Hic magnus vocabitur?* Se entre os Capitaens houve hum nome de Magno para Alexandre, & outro para Pompeo: se entre os Pontifices houve hum nome de Magno para Leaõ, & outro para Gregorio: se onde não havia, nem podia haver comparaçaõ, houve hum nome de Magno para Christo: *Hic erit Magnus*, & outro para o Baptista: *Erit Magnus coram Domino*; porque se não daria o nome de Magno ao nosso Antonio, assim como se tinha dado ao outro? Vejo que me pòde responder Roma, que os nomes se fizeraõ para distinçaõ das pessoas, & que havendo dous Antonios, ambos Magnos, não se distinguiaõ. Venho nisso; mas distinguirá Roma aos Antonios, como distinguio aos Fabios, & aos Valerios. Já que ao primeiro Antonio tinha chamado Magno, ao segundo chamáralhe Maximo. E vede se o merecia. A dous

Luc. 1. 32. Ibid. 15.

Heroes

Heroes (como notou Plutarco) deu Roma o nome de Maximos : a Fabio , porque reſtituhio as perdas do Imperio: a Valerio, porque reconciliou o povo com o Senado. Pois ſe Roma dá o nome de Maximo a Fabio , por reſtituidor das perdas ; porque o não daria a Antonio, que tem por graça, & por officio reſtituir todas as couſas perdidas? Tanto o tem por officio, & por obrigaçaõ , que na noſſa terra o prendemos como devedor, para que as reſtitua. E ſe Roma deu o nome de Maximo a Valerio, por reconciliador da plebe com o Senado ; porque o não daria a Antonio, que não ſó reconciliou com Deos tanta infinidade de almas, que andavaõ fóra de ſua graça; mas recõciliou com a meſma Igreja Romana tantos Hereges, tantas ſeitas, tantos Hereſiarcas , que por iſſo lhe chamáraõ Martello das Hereſias : *Perpetuus Hæreticorum malleus* ?

416 Mas tam longe eſteve Roma , (eſte he o mais duro ponto do meu , & do noſſo ſentimento)taõ fóra eſteve Roma de dar a Antonio o nome de Magno , ou Maximo , que lhe dá o de Minimo. Por me não atrever a pronunciar tam grande aggravo , o diſſimulei atègora. Como chama Roma ao noſſo Santo Antonio ? Santo Antonino. Antonino a Antonio ? A Antonio de Liſboa , a Antonio o Portuguez , Antonino ? Eſta admiraçaõ, por lhe não chamar deſde logo abuſo , ſerá hoje a materia do meu diſcurſo, de tal maneira apologetico , que não deixe de ſer panegyrico. Lembrada a Virgem Senhora noſſa da apologia, com que Santo Antonio defendeo a pureza de ſua immaculada Conceiçaõ , quando ainda tanta neceſſidade tinha de ſer defendida , ſe dignará aſſiſtir poderoſamente á que havemos de fazer do meſmo Santo ; & ſeja eſta vez agradecimento a graça. *Ave Maria.*

§. II.

§. II.

Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.

417 CHamar a Santo Antonio Antonino, faõ dous aggravos em hum aggravo. O primeiro da comparaçaõ: o segundo da preferencia. Não ſó he aggravo de Antonio o preferirſelhe outro, ſenão tambem o compararſelhe. Mas já que o aggravo he por comparaçaõ, ſerá tambem por comparaçaõ o deſaggravo. Não me tenhais por temerario, porque heide fazer hũa comparaçaõ incõparavel. Quereis ſaber quam grande Santo foi eſte, a quem chamais Antonino? Olhai para aquelle altar. Foi tam grande Santo Antonio, que Chriſto diante delle parece pequeno. Fallo da grandeza das obras, & tenho licença do meſmo Chriſto para o dizer aſſim.

Joann. 14.12. *Qui credit in me, opera, quæ ego facio, faciet, & maiora faciet.* Algum dos que crerem em mim, diz Chriſto, não ſó fará as obras, que eu faço, ſenão ainda mayores. Não mayores de peſſoa a peſſoa, não mayores de virtude a virtude, não mayores de merecimento a merecimento, que iſſo não póde ſer; mas de obras a obras, ſim. E ſendo as obras de Antonio, ainda cõparadas com as de Chriſto, mayores: *Maiora faciet*; não he muito, que poſto Chriſto à viſta de Antonio, parece Antonio o Grande: *Hic Magnus vocabitur.* Não o Grande, comparado Antonio com Antonio; (como vòs o comparais) mas o Grande, comparado Antonio com Chriſto, como elle quer que o comparemos.

418 Seja a primeira prova deſta incomparavel comparaçaõ a do meſmo Euan-

Euangelho. Duas comparações faz Christo neste Euangelho, ambas de luz, mas muito diversas: hũa o Sol, outra a candea. O Sol: *Vos estis lux mundi*; a candea: *Neque accendunt lucernam, & ponunt eam sub modio, sed supra candelabrum.* E estas luzes tam diversas; este Sol, & esta candea, quem saõ, & a quem significaõ? Eu cuidava que o Sol, por ser fonte da luz, era Christo: & que a candea, por ser luz participada, era Antonio. Mas não he assim. A candea he Christo, o Sol he Antonio. Que a candea seja Christo, disse-o Santo Hilario, & tambem Santo Thomás: *Lucerna Christi ponitur supra candelabrum, id est, in ligno per passionem suspensa.* Que o Sol seja Antonio, não só o dizem os mesmos Santos, & todos, senão o mesmo Christo: *Vos estis lux mundi.* O Sol aqui não sou eu, sois vós: *Vos estis.* Pois Antonio o Sol, & Christo a candea? Sim. He verdade que a candea em si he tal candea, q̃ dá a luz ao Sol; & o Sol em si he tal Sol, q̃ recebe a luz da candea; mas comparada luz a luz, effeitos a effeitos, & obras a obras, as de Christo á vista de seu servo Antonio parecem de candea: as de Antonio à vista de Christo seu Senhor parecem de Sol. E porque não cuideis que exagero, lede-o no Texto, & vede-o na experiencia. A esfera da candea diz o Texto que he hũa casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*: a esfera do Sol diz o mesmo Texto que he o mundo todo: *Vos estis lux mundi.* E tal foi a esfera de Christo, tal foi a esfera de Antonio. A missaõ, q̃ o Eterno Padre sinalou a Christo, como Messias prometido aos Patriarcas, foi a casa de Israel: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel.* Eisahi a esfera da candea, hũa casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* A missaõ, que Christo sinalou a Antonio, como successor dos Apo-

Matth 5.14. Ibid.15

D.Hilar. D.Tho.

Matth. 15.24.

ſtolos, foi o mundo todo: Marc. 16.15. *Euntes in mundum universum, prædicate omni creaturæ.* Eiſ-ahi a esfera do Sol, o mundo todo: *Vos eſtis lux mundi;* & como na comparaçaõ de miſſaõ a miſſaõ, & de esfera a esfera, a de Chriſto he hũa caſa, & a de Antonio o mundo todo: não he muito na comparaçaõ de luz a luz, & de obras a obras, q̃ Chriſto, ſendo a fonte da luz, pareça candea, & Antonio, ſendo luz participada, pareça Sol: Chriſto, ſendo o immenſo, pareça pequeno, & Antonio, ſendo creatura limitada, pareça grande: *Hic Magnus vocabitur.*

§. III.

429 MAs para q̃ procedamos com diſtinçaõ na prova deſta glorioſa grandeza, dividamos os diſcurſos nas meſmas partes, em que o Euangelho divide os fundamentos della. A dous titulos refere o noſſo Texto a grandeza do nome de Santo Antonio, fazer, & enſinar: *Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.* Aos meſmos titulos, & com as meſmas palavras, reduzíraõ os Euangeliſtas as maravilhas de Chriſto: *Cœpit Jeſus facere, & docere:* o *facere* entende-ſe dos milagres, o *docere* da pregaçaõ. Ora comparemos o *facere* de Chriſto com o *fecerit* de Antonio: o *docere* de Chriſto com o *docuerit* de Antonio; & veremos quanto por hum, & outro titulo merece o nome de Grande: *Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.* Act. 1. 1.

420 Começando pelo *fecerit*: quando Chriſto vivia neſte mundo, corriaõ a elle como a fonte da ſaude todos os enfermos, tocavaõ ao Senhor, & ficavaõ ſaõs. Morreo Antonio tal dia como hoje, & com o meſmo prodigio todos os enfermos, que tocavaõ o ſagrado corpo, immediatamẽte cobravaõ ſaude. Grãde maravilha, que obraſſe o corpo de Antonio morto, o que obrava o Corpo

de

de Chriſto vivo. Em Chriſto dava vida a fonte da vida: em Antonio dava vida o deſpojo da morte. Em Chriſto dava vida todo Chriſto: em Antonio dava vida a metade de Antonio, & a menor a metade, o corpo. Elizeu tinha dobrado o eſpirito de Elias; & em que ſe vio? pergunta, & reſponde S. Agoſtinho. Em que Elizeu morto foi tam milagroſo como Elias vivo. Elias reſuſcitou hum morto, eſtando vivo: Elizeu reſuſcitou hũ morto, depois de morto. Eiſ-alli o Elias, & o Elizeu. Menino, porque eſtais deſpido? Porque deu a ſua capa a Antonio, & com ella o ſeu eſpirito dobrado; por iſſo era tam milagroſo Antonio morto, como Chriſto vivo. Mas ainda neſta maravilha havia outra maravilha mayor. Como o concurſo, & o tropel dos enfermos para tocar o corpo do Santo era infinito, huns chegavaõ, outros não podiaõ chegar: mas eſtes, que não podiaõ chegar, diz Surio, baſtava que deſejaſſem tocar o Santo, para ficarem ſaõs. Demancira q̃, para receber a ſaude de Chriſto, era neceſſario tocar a Chriſto: para receber a ſaude de Antonio, baſtava deſejar a ſaude. Chriſto dava ſaude pelo tacto, Antonio pelo deſejo. Chriſto pelo tacto, para fazer mais q̃ Moyſes: Antonio pelo deſejo, não para fazer, mas fazendo mais que Chriſto: *Maiora faciet.* Levantou Moyſes a Serpente de metal no deſerto; & todos os feridos, que olhavaõ para ella, ſararvaõ logo. Pergunto: E ſaavaõ tambem os cegos? Não; porque como a ſaude dependia da viſta, quem não tinha olhos, não tinha remedio. Por iſſo Chriſto não poz a ſaude na viſta, nem em outro ſentido particular, ſenão no tacto, que he ſentido commum. Se Chriſto puzera a ſaude no ver, não ſaráraõ os cegos; ſe a puzera no ouvir, não ſaráraõ os ſurdos; ſe a puzera no fallar, não ſaráraõ os mudos;

dos; & como queria o Senhor que saraſſem todos, poz a ſaude no tacto, que he ſentido univerſal, & de todos: *Omnis turba quærebat eum tangere; quia virtus de illo exibat, & ſanabat omnes.* Luc. 6. 19. Mas com ſer tam univerſal a ſaude milagroſa de Chriſto, ainda a de Santo Antonio era mais univerſal. A ſaude de Chriſto era mais univerſal que a de Moyſes, quanto vai do tacto á viſta: a ſaude de Antonio era mais univerſal que a de Chriſto, quanto vai do deſejo ao tacto. Para ſarar pelo tacto, era neceſſaria preſença, & movimẽto: para ſarar pelo deſejo, nem era neceſſaria preſença, nem movimento, baſtava a vontade: pelo tacto não podia ſarar o tolhido, nem o auſente; pelo deſejo o tolhido, & o auſente todos podiaõ ſarar, & todos ſaravaõ. E iſto he o que fez Antonio: *Qui fecerit.*

421 Mas deixemos a comparaçaõ de deſejo a tacto, vá de deſejo a deſejo. Deſejou Zacheo ver a Chriſto: *Quærebat videre Ieſum*; Luc. 19. 3. mas como a gente foſſe muita, & Zacheo era pequeno do corpo, não o podia ver: *Et non poterat præ turba, quia ſtatura puſillus erat.* Ibid. Oh que boa occaſiaõ para Chriſto fazer hum milagre por hum deſejo! Que não conceda Chriſto milagres ao deſejo de Herodes, era deſejo de curioſidade; que não conceda milagres ao dos Eſcribas, & Fariſeos, era deſejo de malicia; mas ao deſejo de Zacheo, que era deſejo de devaçaõ! Ea Senhor, vejavos Zacheo milagroſamẽte, não ſe diga q̃ ſois como os Grandes da terra, que ſe não deixaõ ver dos pequenos: ou a eſtatura de Zacheo ſuba, ou deſçaõ as eſpecies do voſſo roſto, & vejavos quem tanto deſeja vervos. Com tudo não fez eſte milagre Chriſto; mas ſe Zacheo deſejára ver a S. Antonio, ainda que tivera hum monte diante, eu eſtou certo que o havia de ver. Deſejou hũa ſenhora

rã ir ouvir a S. Antonio, que prègava no campo: mas não devia de ser senhora, porque não tinha liberdade: devia de ser algũa pobre mulher, não lhe deu licença seu marido. E que succedeo? Sem sahir de sua casa, estando tam longe, ouvio o Sermaõ tam distintamente, como se estivera ao pè do pulpito. Fez Antonio por quem o desejava ouvir, o que Christo não fez, por quem o desejava ver. Christo ao devoto não lhe supprio a estatura: Antonio à devota suppriolhe as distancias. As especies do rosto de Christo para satisfazer a hum desejo não se dobráraõ tres dedos: as especies da voz de Antonio para satisfazerem a hum desejo estendèraõ-se duas milhas. E não só a mulher ouvio ao Santo, senão tambem o marido. Christo não quiz dar hum milagre por hum desejo: Antonio por hum desejo fez dous milagres.

422 Mas dirmeheis que tambem Christo algũa vez quiz fazer hum milagre por hum desejo. Por isso na Piscina perguntou ao Paralitico, se desejava a saude: *Vis sanus fieri?* Assim he; mas vede a differença, ou as differenças. Joann. 5. 6. Christo fez milagres por desejos, mas por desejos declarados: Antonio por desejos occultos. Christo ao menos queria ouvir os desejos: Antonio despachava os desejos sem os ouvir. Christo punha o cumpra-se aos desejos, mas com os memoriaes na lingua: Santo Antonio sem sahirem do coraçaõ. Mais ainda: o Paralitico alcançou o remedio por hum desejo, mas por hum desejo de trinta & oito annos: os enfermos de S. Antonio por hum instante de desejo. O desejo do Paralitico, quando Christo nasceo, já havia seis annos, que era desejo: os enfermos de S. Antonio vieraõ depois de Antonio morto, & no ponto, em que tiveraõ desejo, tiveraõ saude. Christo acudio a hum desejo, mas quã-

ão já o deſejo pudèra ſer deſeſperaçaõ : Antonio acudia aos deſejos, antes de chegarem a ſer eſperança ; & quem não eſpera que os deſejos ſejaõ grandes, não póde deixar de ſer grande: *Magnus vocabitur.*

§. IV.

423 HUm milagre fez Chriſto, que foi qualificado pelo mayor milagre do mundo: *A ſæculo non eſt auditum* ; mas neſte meſmo milagre deixou Chriſto materia a S. Antonio para fazer outro milagre mayor: *Maiora faciet.* Era hum cego de ſeu naſcimento, fez Chriſto hum pouco de lodo cõ os dedos, pozlho no lugar dos olhos, mandou-o lavar à fonte de Siloe, & cobrou viſta. Todos aqui reparaõ em Chriſto dar viſta com lodo : eu reparo em Chriſto o mandar lavar. Já que Chriſto fez que o lodo déſſe viſta, porque não fez que o lodo não enlodaſſe? Porque Deòs, quando faz milagres por inſtrumentos naturaes, ainda que eleva as naturezas, não as muda, nem as violenta. A agua do Bautiſmo elevada ſantifica, mas nem por iſſo deixa de molhar. Aſſim foi o lodo : deu viſta, mas enlodou ; porque eſſa he a natureza do lodo. Ouvi hum grande milagre de S. Antonio; & muito mayor ſendo Portuguez. Os Portuguezes enlodaõ ſem lodo : S. Antonio ſendo Portuguez fez que o lodo não enlodaſſe. Hia hũa ſenhora, (eſta o era) hia ouvir a S. Antonio muito perto delle : era inverno : cahio no lodo. Que taes ficariaõ as galas! Diſſelhe o Santo que ſe levantaſſe : & eſtavaõ os veſtidos tam limpos, & aſſeados, como quando ſahíraõ da guardaroupa. Nũca ſe vio tam limpo milagre.

Joann. 9. 32.

424 Nem por ſua propria Eſpoſa o fez Chriſto. Era a Eſpoſa tam polida, que chamada a grandes inſtancias de Chriſto, lhe reſpondeo : *Lavi pedes meos* : Cant. 5. 3.

meos: quomodò inquinabo illos? E ſendo tam ardentes os extremos, com que o Divino Amante ſuſpirava ſua preſença, deixou paſſar todo o inverno, & entaõ lhe diſſe: *Surge amica mea, & veni: jam enim hyems tranſit:* Já agora, Eſpoſa minha, podeis ſahir de caſa; porque já paſſou o inverno. Linda paciencia para tam grande amor! Não era mais facil fazer Chriſto que, ainda que os lodos affogaſſem os campos, paſſaſſe a Eſpoſa por cima delles, ſem lhe offenderem hum fio da roupa? Nem com tanto amor fez Chriſto tal milagre. Que o lodo não enlode, nunca a Omnipotencia de Chriſto o fez, nem em quanto Homem, nem em quãto Deos. Abrio-ſe o mar Vermelho, para que paſſaſſem os filhos de Iſrael, & diz o Texto que mandou Deos hum vento abrazador: *Ventum urentem*, para que ſecaſſe o lodo. Abrio-ſe o mar, para que paſſaſſem a pè, & ſecou-ſe o lodo, para que paſſaſſem a pè enxuto. Pois ſe a Omnipotencia eſtava tam liberal de milagres, & a occaſiaõ era tam apertada, que já os inimigos lhe vinhaõ batendo nas coſtas, & Deos queria que não ſò paſſaſſem a pè, mas a pè enxuto; porque não fez que paſſaſſem pelo lodo, ſem ſe enlodarem? Pelo lodo ſem ſe enlodarem? iſſo não. Profeſſores da limpeza, & da limpeza votada, guardar do lodo: ninguem preſuma que póde entrar no lodo, ſem ſe enlodar. Mas eſte milagre, que não fez Chriſto, nem com tanto amor, nem com tanta neceſſidade; nem em quanto Homem, nem em quanto Deos, foi hum acaſo de S. Antonio: *Qui fecerit.*

Cant. 2. 10. 11.

Exod. 10. 13.

§. V.

425 MAs tiremonos do lodo, ponhamonos em Lisboa. Matou-ſe alli hum homem: acuſaraõ ao pay de S. Antonio, ſem culpa; & o peyor he que lha prováraõ.

Condemnado à morte, (q̃ naquelle bom tempo na noſſa terra, quem matava, morria, & não prevalecia a Miſericordia contra a Juſtiça, ainda que foſſe Procurador das cadeas hum Titulo) ſahio do Limoeiro, & quando chegava já perto de ſua caſa, apparece no adro da Sè S. Antonio. Embargos, nunca ninguem os poz tam de receber. Neſte adro, diſſe o Sãto, eſtá ſepultado o morto, diga elle meſmo, ſe o matou eſte homem. Levãtaſe da ſepultura o morto, teſtemunha que não era aquelle o matador. Inſta a Juſtiça que deſcubra quem era; mas naõ o conſentio S. Antonio. Morreo outra vez o defunto, reſuſcitou o vivo, ficou livre o innocente, & deſappareceo o Author do milagre. O caſo da reſurreiçaõ de Lazaro todos o ſabem. Comparemos hũa com outra, & veremos que onde Chriſto fez hum milagre, fez S. Antonio ſeis milagres, & maravilhas ſem conto.

426 Chriſto teve novas da enfermidade de Lazaro por hum eſcrito de Martha, & Maria: Antonio teve noticia da morte de ſeu pay por revelaçaõ do Ceo; primeiro milagre. Chriſto tardou quatro dias: Antonio não tardou; & ſendo Portuguez não tarda, ſegundo milagre. Chriſto do Jordaõ onde eſtava, a Bethania poz quarenta & oito horas: Antonio de Italia a Portugal foi em hũa noite; terceiro milagre. Chriſto mãdou levantar a campa: Antonio não mandou cavar a terra; quarto milagre. Chriſto pedio fè a Martha, como ſempre pedia: Antonio pedio fè; quarto milagre. Chriſto com hũa reſurreiçaõ deu hũa vida: Antonio com hũa reſurreiçaõ deu tres vidas: hũa ao morto, que reſuſcitou, outra ao innocente, que não morreo, outra ao culpado, que não quiz deſcubrir. Eſte foi o ſexto milagre; & podèra ſer o ſeptimo deſapparecer logo o mila-

milagroſo : obrār a maravilha, & não querer o applauſo. Porque o não perca quem o não quiz, ponderemos mais o caſo. Chriſto diſſe a Martha : *Ego ſum reſurrectio, & vita* : Eu ſou reſurreiçaõ, & vida. Chriſto foi reſurreiçaõ, & vida : Antonio foi vida, & reſurreiçaõ. Chriſto deixou morrer a Lazaro, para reſuſcitar a Lazaro : Antonio não deixou morrer a ſeu pay, para o reſuſcitar depois : reſuſcitou o morto, para que não morreſſe o vivo. Chriſto deu hũa vida, para remediar hũa morte : Antonio deu hũa vida, para conſervar outra vida.

Joann. 11.25.

427 Houve-ſe Santo Antonio com ſeu pay na vida corporal como Chriſto com ſua Mãy na vida eſpiritual : não lha deu por remedio, deulha por preſervaçaõ. Quaſi eſtava para dizer deſte venturoſo pay neſta circunſtancia : que foi mais venturoſo em ter por filho a Antonio, que Adaõ em ter por filho a Chriſto. Adaõ foi ſentenciado à morte : *Morte morieris* ; deulhe a vida ſeu filho Chriſto ; mas quando lha deu ? Depois de executada a ſentença. Não aſſim S. Antonio, meteu-ſe entre a ſentença, & a execuçaõ, & deu a vida a quẽ lha tinha dado ; podendo dizer com palavras de Chriſto : o que o meſmo Chriſto não póde fazer : *Ego vivo propter Patrem, & ipſe vivet propter me.*

Geneſ. 2.17.

Joann. 6.58.

§. VI.

428 ISſo he, o que Santo Antonio em comparaçaõ das obras, & milagres de Chriſto fazia : *Qui fecerit* ; agora ſeguindo a meſma comparaçaõ, paſſemos do fazer ao enſinar : *Et docuerit.* Prègava o Santo na Igreja de hum lugar não muito povoado, quando paſſava por alli acaſo hũa tropa de vinte & dous ladrões vandoleiros, cuja crueldade por coſtume ſe exercitava em matar, & cuja cubiça por vida, & profiſſaõ em roubar quã-

to

to encontrava. Souberaõ que estava alli prègando S. Antonio; & movidos da sua fama, entráraõ por curiosidade a ouvir o que dizia. Ao principio se deixáraõ levar, & enlevar da graça do Prègador, & depois penetrados pouco a pouco da força, & efficacia de suas razões, se rendèraõ de tal sorte a ellas, que todos sem se fallarem se convertèraõ: & confessando seus peccados ao mesmo Santo, & recebendo com promessa da emenda a competente absolviçaõ, assim como tinhaõ entrado a ouvir peccadores, sahíraõ da prègaçaõ penitentes. E que direi eu á vista deste caso tam raro em outro menor no numero, mas, por todas as suas circunstancias, mais notavel na pessoa?

429 Hum anno, & trez mezes havia, que Christo Senhor nosso começára a prègar a Judas, quando disse: *Nonne ego vos duodecim elegi, & ex vobis unus diabolus est?* & em todo este tempo não deixou occasiaõ de lhe bater ao coraçaõ, arguindo o máo, & traidor pensamento, com que já traçava a sua venda; porque já o Senhor se tinha passado de Judea para Galilea, sabendo que os Judeos tratavaõ de lhe tirar a vida: *Quia quærebant eum Judæi interficere.* Finalmente chegado o dia, em que a morte de Christo, & a traiçaõ, & venda de Judas se havia de effeituar, sete vezes (como já tenho notado noutra occasiaõ) o admoestou, & lhe prègou claramente o Senhor, que desistisse de tam impia, & cruel maldade. E sem se deixar render de tam repetidas prègações, como ladraõ sahio do Cenaculo, como ladraõ concertou a venda, como ladraõ recebeo o preço, como ladraõ entregou a seu Mestre, & como ladraõ rebentou, & morreo impenitente. E que não bastando em mais de hum anno tantos dias, & tantas prègações de Christo para cõverter

Joann. 6.71.

Joann. 7.1.

verter hũm ladraõ tam allumiado antes na Fè do verdadeiro Deos, & não podendo ignorar que o era o meſmo Chriſto: S. Antonio em hum ſó dia, & cõ hũa ſó prègaçaõ, ou parte della, converteſſe vinte & dous ladrões, quaſi ſem noticia de Deos, coſtumados a viver de roubos, & homicidios!

430 Duas couſas difficultaõ aos homens de ſemelhante vida a converſaõ, & emenda della: o pejo de confeſſar o peccado, & a obrigaçaõ de reſtituir o alheyo. Judas já tinha confeſſado o ſeu peccado: Matth. 27.4. *Peccavi tradens ſanguinem Juſtum*; mas o alheyo ainda o não tinha reſtituido; porque ainda que tornou a lançar no Templo os Ibid. 5. trinta dinheiros: *Retulit triginta argenteos*; eſtes dinheiros foraõ o preço da venda, mas não a reſtituiçaõ do vendido. O que Judas vendeo, & entregou, foi a liberdade de Chriſto; & eſta não a reſtituhio: antes, porque vio que o levavaõ atado, & prezo, ſem ſe livrar das mãos dos Judeos, como outras vezes tinha feito, deſeſperado ſe enforcou. O meſmo ſuccede a outros ladrões, que nem elles ſe enforcaõ a ſi, nem a juſtiça a elles. Facilmente confeſſaõ o peccado; porq̃ roubar o alheyo já não he acçaõ tam vil, & afrontoſa, depois que a nobreza, & dignidade dos que a uſaõ, a tem feito quaſi honra. Mas tendo tantas artes, & ardís para tomar o alheyo na vida; encommendaõ a reſtituiçaõ a ſeus herdeiros, & nenhũ tem valor para a fazer por ſi meſmo na morte.

431 Dous ladrões teve Chriſto na morte, que nem tinhaõ neceſſidade de confeſſar a culpa, nem obrigaçaõ de reſtituir. Eſtes foraõ aquelles dous, em meyo dos quaes o Senhor foi crucificado. Não tinhaõ neceſſidade de confeſſar a culpa; porque o pregaõ, & o ſupplicio a manifeſtava: nem obrigaçaõ de reſtituir o alheyo; porque

porque prẽgados ã hum pao nús, & deſpidos, a meſma deſnudez, & impoſſibilidade os deſobrigava da reſtituiçaõ. E com tudo deſejando Chriſto converter a ambos, & offerecendo por elles todo o ſeu ſangue, ſó converteo a hũ. Caſo horrendo, eſtupendo, tremendo, & digno, ſe não houvera outra cauſa, de na terra ſe quebrarem as pedras, & no Ceo ſe eſcurecer o Sol. He poſſivel que hum homem condemnado à morte, & tal morte, ſem honra, ſem remedio, ſem eſperança, nem de vida, mais que duas horas, em hum monte cuberto de caveiras, pregado em hũa Cruz, com tantas mortes, & a ſua, & de ſeu companheiro á viſta, ſe não queira converter! O mayor dia, que houve no mundo, foi aquelle, em que o filho de Deos actualmente eſtiva remindo o genero humano deſde Adaõ atè o ultimo homem; & q̃ eſte eſtando tam junto a Chriſto, & Chriſto prometendo o Paraiſo ao companheiro, & o companheiro com o ſeu exemplo, & palavras prègandolhe a Fè, & a ſalvaçaõ; & ſobre tudo, que correndo do Corpo do Salvador quatro fontes de miſericordia em ſeu ſangue, por obſtinaçaõ da propria vontade ſe não queira aproveitar delle! Mas era ladraõ: & he tal, tam cruel, tam impio, & tam deshumano o exercicio de hum homem a outro de ſua propria natureza deſpojar de ſeus trabalhos, & ſuores, tirandolhe tal vez a vida, que não ha dureza de marmore tam dura, nem de diamante tam impenetravel, ainda ao meſmo Sangue de Chriſto, como a de hum tal coraçaõ. Se Chriſto convertèra eſtes dous ladrões, ainda a converſaõ de S. Antonio ficava ſuperior em vinte; ſe convertèra tambem a Judas, em dezanove: mas quando Chriſto no mayor dia, & na mayor acçaõ de ſua vida, de tres ladrões não converte mais que hum:

hum: que de vinte & dous não fique hum sò por converter, mas que todos os vinte & dous se convertaõ a hũa prègaçaõ de Antonio! bem se deixa ver quãto mayores foraõ suas obras, que as do mesmo Christo, assim como no fazer, no ensinar: *Et docuetit.*

§. VII.

432 MAis. Prègava Christo a verdade aos Judeos, mas elles como filhos do pay da mentira, não só a não queriaõ crer, mas de nenhum modo ouvir. Suppunha-os o Senhor creaturas racionaes, que eraõ, ou deviaõ ser: & como taes os quiz persuadir com razões, & dous efficazes argumentos. Primeiro: *Qui ex Deo est, verba Dei audit: propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis*: quem he de Deos, ouve a palavra de Deos: vós não a quereis ouvir: logo não sois de Deos. E se não sois de Deos, de quem sois? Segundo argumento: Se não sois de Deos logo sois do demonio, & do demonio não servos, & seguidores sòmente, senão filhos: *Vos ex patre diabolo estis.* Respondèraõ: Nós somos filhos de Abrahaõ: & replicando Christo: Se sois filhos de Abrahaõ, fazei obras dignas de tal pay: entaõ sahiraõ com a sua, & terceira consequencia: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum*: Tomáraõ pedras para apedrejar o Senhor, o qual escondendo-se dentro em si mesmo, & fazendo-se invisivel, sahio do Templo. Pudera-os cegar, mas teve por melhor fazer-se invisivel, para que com os olhos abertos vissem como espelhos, nas pedras que tinhaõ na maõ, a dureza da sua rebeldia.

Ibid. 44.

Ibid. 59.

433 O mesmo succedeo a S. Antonio com os Hereges, cuja vaidade, & soberba não só fazia pouco caso da sua doutrina, mas se retirava, & fogia de a ouvir. E que faria Antonio neste caso? Farsehia tambem

tambem inviſivel ? Não o ſofria ſeu zelo. Vai-ſe diãte dos meſmos Hereges à ribeira do mar : chama em voz alta aos peixes: Peixes vinde ouvir a palavra de Deos, já que os homens lhe negaõ os ouvidos. A eſta voz (couſa maravilhoſa !) começou a ferver todo o mar , & os peixes em cardumes , cada qual ſegundo ſua eſpecie,a nadar direitamente, aonde os chamava a voz. Os mais pequenos ſe puzeraõ ordenadamente junto à praya ; os outros mais afaſtados hum pouco; & os mayores , que demandavaõ mayor fundo , no ultimo lugar : & todos com as cabeças fóra da agua aguardavaõ attentos o para que aquella voz os chamára. Socegado o mar, & quieto todo o auditorio , começou S. Antonio a lhes prègar aquelles beneficios Divinos , que ſem os entenderem , tinhaõ recebido da maõ de ſeu Creador. Vòs foſtes , dizia , as primeiras creaturas ſenſitivas , que Deos produzio : os voſſos olhõs, õs primeiros que deſcobríraõ , & viraõ a luz do mundo: o voſſo elemento o ſegundo , mais vaſto que toda a terra , diafano , tranſparente , & penetravel : muitos de voſſos corpos os mayores de todos os viventes , veſtidos huns de eſcamas prateadas, & douradas, outros de pelles de differentes cores, aſperas , ou lizas. Emfim , parentes em primeiro grao do ſublime coro das aves , naſcidas na meſma patria das aguas , onde muitas deſprezando as alturas do ar , vivem jũtamente comvoſco ; pelo que rodos deveis infinitas , & continuas graças ao Creador. Tudo iſto viaõ , & ouviaõ os Hereges paſmados , & attonitos do ſilencio , & attençaõ , com que os peixes moſtravaõ por ſeu modo aſſentir a tudo, o que o Santo prègava: desfazendo-ſe pouco a pouco , & abrandando-ſe as pedras , que tinhaõ nas mãos, como os Judeos, mas nos coraçõeſ obſtinados.

Hum

434 Hum chamado Bonivilho, o mais ſubio, & ardente diſputador de ſua Seita, era o que mais admirava o que eſtava vendo; & quaſi não cria. Notava que Antonio para os enſinar a crer, os não mandava como Salamaõ à eſcola das formigas, ou das abelhas, animaes, ou bichinhos, que na pequena eſfera de ſeu corpo, & na grande aſtucia de ſeu engenho, imitaõ as mais bem ordenadas Republicas; mas os enſinava com o exemplo dos peixes, cujo confuſo governo he totalmente deſpotico, & tyranico: comendo os grandes aos pequenos, os mayores aos grandes, & os meſmos mayores ſendo comidos de outros de tam portentoſa grandeza, que os podem engulir, & devorar de hum bocado. Era mais que admiravel neſta condiçaõ de communidade a ordem, quietaçaõ, & ſocego, com que não ſó atendiaõ ao que o Santo prègava, mas depois de receberem ſua bençaõ, ſem ſe lembarem da fome, ou coſtume, ſe apartavaõ em paz, & ſe retirava cada eſpecie no ſeu cardume ao lugar, donde alli tinhaõ vindo. Affim dentro da Arca de Noe olhava o Lobo para o Cordeiro, & o Falcaõ para a Pomba com tal temperança do inſtinto, & appetite natural, como eſquecidos do que eraõ, ou tinhaõ ſido antes.

435 Penetrado pois Bonivilho, como Meſtre dos demais, deſta conſideraçaõ, & cõmunicando-a aos companheiros, todos, ou quaſi todos cedèraõ da ſua dureza, convertendo-ſe, & pedindo perdaõ ao Santo. Chriſto Senhor noſſo de peſcadores de peixes fez peſcadores de homens: mas S. Antonio fez peſcadores dos homens não os peſcadores, ſenão os peixes. E aquelle foi o dia, em que o mar fez o mais fermoſo lanço na terra, do que a terra o tinha feito nunca com as redes no mar. Sendo admiravel a diffe-

differença ; com que no meſmo caſo, de não ſerem ouvidos dos homens, ſe houveraõ no modo de enſinar o ſupremo Meſtre, & o grande Diſcipulo. Chriſto eſcondeo-ſe em ſi meſmo : Antonio não ſe eſcódeo. Chriſto fez-ſe inviſivel ; Antonio fez que viſſem todos, & ouviſſem, como era ouvido. Chriſto ſahio-ſe do Templo: Antonio não ſe ſahio da campanha, ou da eſtacada. Chriſto deſenganou-ſe de não reduzir com razões a homens racionaes: Antonio reſolveo-ſe a convencer racionaes com animaes brutos, & ſem razaõ. Chriſto deixou de gaſtar, & multiplicar palavras como os que as não queriaõ ouvir: & Antonio perſuadio aos meſmos com aquelles animaes, que entre todos ſaõ mudos, & com o ſeu ſilencio. Emfim os Judeos ficáraõ deixados com as pedras na maõ ; & os Hereges com a dureza dos corações convertida de pedras em homens. Aſſim o tinha Deos prometido por Ezequiel aos reduzidos de Babylonia: *Auferam ab eis cor lapideum, & dabo eis cor carneum.* Ezech. 11.19.

§. VIII.

436 TEndo moſtrado S. Antonio a mayoria do ſeu enſinar, *& docuerit*, primeiro em homens, & depois em brutos; ſó lhe reſta em quem fazer clara a meſma demóſtraçaõ. Em quem? Não em outrem, ſenão no meſmo demonio.

437 Aſſombrado o demonio, & raivoſo das maravilhas, com que Santo Antonio entre Catholicos, & Hereges, deſpovoava o inferno, determinou (quem tal imaginára!) deſarmalo. Tinha o Santo reduzido a liçaõ da ſagrada Eſcritura a hum livro de lugares communs, & materias particulares, do qual ſe valia, principalmente quando havia de prègar ſem novo eſtudo, & de repente. Eſte livro lhe deſappareceo

pareceo da cella, & houve mister S. Antonio outro S. Antonio, que perdido lho deparasse. Porque estas graças de Deos, que os Theologos chamaõ gratis datas, ou he fidalguia dos que as recebem, ou limitaçaõ, com que Deos as concede, que nunca as possaõ exercitar comsigo, senão com outros. Assim vemos em S. Roque, que tendo a graça de curar todos os apestados, elle morreo de peste: & em S. Pedro, que dando saude fóra de sua casa a todos, não a deu dẽtro della a sua sogra, que gravemente estava enferma de febres. E pudèramos allegar aqui ao mesmo Christo, que fazendo tantos milagres em toda a parte, só na sua Patria diz o Euangelista expressamẽte que não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.* E q̃ foi feito daquelle livro de S. Antonio? Ainda o demonio com mayor astucia lho tinha não tirado, mas persuadido a outrem, que occultamente õ furtasse. Foi-se ter com hum Noviço, que devia ser pouco humilde, & de altos, ou altissimos pensamentos, & disselhe interiormente: Não ves a grande fama de Fr. Antonio, que leva todo o mundo apoz si com suas prègações? pois eu te ensinarei meyo, com que faças tua toda a sua fama; armãdote a ti, & tirandolhe as suas armas a elle: na sua cella tem hum livro, de que tira quanto prèga; entra lá occultamente, tira-o, & escõde-o onde ninguem te veja, nem o saiba: & logo sahindote da Religiaõ, pois es Noviço, com o teu talento, de que tanto presumes, & com o seu peculio, serás outro S. Antonio.

438 Pareceo bem ao Noviço o conselho, como inventado, & dado por quem lhe conhecia o humor. Deixa o habito: sahese com o livro roubado; & como pela falta, que faz no Noviciado, fosse conhecida, & averiguada a

ſua fugida; entaõ revelou Deos ao Santo todo o engano do demonio, & o extraordinario modo de tentaçaõ, com que o tinha tirado do eſtado Religioſo para o mundo, & poſto no caminho certo do inferno. O intento de deſarmar a S. Antonio com o furto do livro, foi recebido com riſo de todos, os que o ſouberaõ, como ſe S. Antonio foſſe Prégador de cartapacio, & como Arca do Teſtamento, que era, não tiveſſe dentro em ſi meſmo as taboas de ambas as Leys, iſto he, de todas as Eſcrituras, aſſim da Ley Eſcrita, como da Graça. O que ſentio o Santo eſtranhamente compadecido como Pay, & Paſtor, foi a perda daquella ovelha. E como nos parece que procuraria reduzila ao rebanho? Por ventura hiria elle a buſcalo, como o ſeu zelo tam facilmente acudia aos mais eſtranhos? Não: mandaria ao menos algum Religioſo dos mais antigos, & eſpirituaes, que com verdadeiros conſelhos o reduziſſe outra vez? Tambem não. Finalmente encomédaria eſta empreza a hum par de Leigos, robuſtos, & de boas mãos, que, quando não quizeſſe por vontade, o trouxeſſem por força? Nem iſſo fez o Santo; porque em caſo tam extraordinario quiz que foſſe tambem novo, & inaudito o remedio. Quer reduzir, & reſtituir à Religiaõ o Noviço; mas não por meyo de outrem, ſenão do meſmo demonio, que o tinha enganado.

439 Chriſto na ultima tentaçaõ diſſe ao demonio: *Vade retro*: Torna atráz: & aſſim o fez S. Antonio com notavel propriedade: Já que tu, demonio, foſte o que machinaſte deſde ſeu principio toda eſta tramoya: *Vade retro*: Torna agora atraz, & pois tu a começaſte, & fizeſte, tu es, o que a has de deſfazer. Já ſe vè qual ſeria o deſgoſto, & raiva do demonio, conſiderãdo não ſó desfeita a ſua maquina, mas

Juxta codices Græcos, & Latinos apud Maldon. in cap. 4. Matth. v. 10.

mas a afronta de ſer pelo meſmo Author della. Não pode pòrèm deixar de obedecer a S. Antonio pelo poder, que tinha ſobre todo o inferno. Vai, como ſinaladamente lhe era mandado; eſpera o Noviço em hũa ponte, donde ou ſe havia de lançar ao rio, ou tornar atráz: & aſſim prezo, & ambos envergonhados ſe vieraõ lançar aos pès de S. Antonio. Oh maravilha nunca viſta, & com razaõ eſtimada na meſma Eſcritura por impoſſivel!

440 Toda a converſaõ de hũa alma a Deos, depois de o ter deixado, he ſobre toda a natureza; mas nenhũa mais, difficultoſa, que a do Religioſo. Não lhe dá outro nome a Eſcritura ſagrada que de impoſſivel: Hebr. 6. 4. 6. *Impoſſibile eſt eos, qui ſemel ſunt illuminati, & prolapſi ſunt, rurſus renovari ad pœnitentiam.* E que eſte impoſſivel, não ſó confirmado, mas atado, & reatado com tam particulares circunſtancias ſe desfizeſſe por meyo do meſmo demonio; & tornaſſe elle a trazer, & meter na Religiaõ o que por tam extraordinarios meyos tinha tirado della! & que iſto o não obraſſe S. Antonio por ſi meſmo, ou por outro Religioſo, ſenão por meyo de hum demonio! ſó na eſcola de S. Antonio ſe póde achar tal modo de enſinar: *Et docuerit.*

§. IX.

441 E Senão, vejamos o que fez Chriſto, cujo dominio, imperio, & deſprezo em tratar os demonios, tam frequẽtes em ſeu tempo na Judea, & Galilea, foi verdadeiramente admiravel; mas nenhũa acçaõ ſua tam ſoberana, que poſſa fazer parallelo a eſta de S. Antonio. A acçaõ mais devota, & ao parecer mais ſanta do demonio, foi a daquelle, que deu em ſer Prègador de Chriſto, & publicar que era Deos. E que fez entaõ o Senhor? Por ventura converteo,

por meyõ deſta prègaçiõ do demonio, a todo o mundo, que elle lhe tinha
Matth. 4. 9. offerecido no deſerto: *Hæc omnia tibi dabo?* ou quando menos a hum homem? Nem por penſamento. O que fez, foi não ſó mandarlhe que ſe calaſſe; mas e mudeceo-o totalmente:
Marc. 1. 25. *Obmuteſce.* Não aſſim S. Antonio. O que Chriſto não fez por meyo de hum demonio prègador da ſua Divindade, fez S. Antonio por outro demonio depravador da ſua Religiaõ: não o privou do inſtrumẽto da lingua, antes acreſcentou o de hũa eſpada nua, com que ameaçaſſe o Noviço fugitivo. Como ſe diſſera: Tu me quizeſte deſarmar, para tentar o Religioſo; pois eu te armarei, para que tu meſmo desfaças o que tinhas feito. Se depois de lançado Adaõ do Paraiſo, puzera Deos por guarda delle a meſma Serpente q̃ o tentára, fora grande propriedade, & energia do caſtigo; mas não fiou Deos do demõnio tal genero de obediencia. He verdade q̃ tambem deu a eſpada; mas a quem? A hum Cherubim:
Cherubim, & flammeum gladium; porque a acçiõ da eſpada não eſtá na eſpada, ſenão na maõ de quem a menea. Mas não foi aſſim a de S. Antonio. Mete a ſua eſpada na maõ do demonio, ſeguro de que não obraria a eſpada o que quizeſſe a maõ; ſenaõ a maõ, poſto que muito a ſeu pezar, o que quizeſſe a eſpada. Aſſim foi; & não em menor, ou menos difficultoſo caſo, que em hum já qualificado por impoſſivel.
Geneſ. 3. 24.

442 Emfim que não converteo Chriſto por meyo do demonio a peccador algum, nem Gentio, nem Chriſtaõ, & muito menos Religioſo. He grãde o numero de Religioſos, não ſó Noviços, que cada dia deixaõ o habito; ſenaõ tambem dos Profeſſos, que depois de o ſerem, Apoſtatas, & fugitivos renunciaõ, & abominaõ o que

que votáraõ, & prometèraõ a Deos. E quando alguns ſe emendaõ, & tornaõ verdadeiraméte à Religiaõ, quem os converte? Converte-os o meſmo Chriſto com os impulſos de ſua graça, converte-os com os indultos de ſeu Vigario o Summo Pontifice, converte-os emfim com meyos varios, & extraordinarios de ſua Omnipotencia. Porèm que hum Religioſo pervertido ſe converta à Religiaõ por meyo do demonio, & do meſmo demonio, que o perverteo, & incitou a fahir della; eſta maravilha ſó S. Antonio a fez neſte caſo, acabando de moſtrar primeiro nos homens, depois nos brutos, & ultimamente no meſmo demonio a grandeza, & mayoria de ſuas obras, não ſó conſideradas em ſi, mas cõparadas com o meſmo Chriſto, aſſim como já vimos no fazer: *Fecerit*, & agora acabamos de ver no enſinar: *Et docuerit.*

§. X.

443 ESte he aquelle Santo, ou aquelle famoſo Heroe entre todos os Santos, que chamando-ſe Antonio, o vulgo de Roma acreſcentandolhe hũa letra ao nome, & chamandolhe Antonino, de tam grande o fez pequeno. Tireſelhe eſta letra tam injuſtamente acrecentada, & ficará reduzido (que he o que eu ſó pertendo) à ſua natural, ou ſobrenatural grandeza. Aſſim tirou Deos a Sarai aquelle ultimo, i, com que a fez muito mayor, do que era; & aſſim tirado a Antonino o ultimo, n, ficará reſtituhido ao que he, & ſempre foi. Elle ſe fez Menor por amor de Chriſto: & Chriſto lhe pagou eſta grande reſoluçaõ com ſe fazer em ſua preſença menor que elle. Como ſe diſſera com o Baptiſta: *Illum oportet creſcere, me autem minui.* E quando Chriſto ſe diminue, & faz menor Joann. 3. 30.

que Antonio, injuſtiça manifeſta he, por não dizer ſacrilegio, que haja quem o diminua, ou reduza a hum nome diminutivo, para lhe tirar não digo já a mayoria, ſenão a igualdade de grande. Será juſto q̃ nòs lha tiremos, quando o Euangelho lha dá: *Hic Magnus vocabitur?*

444 Só falla com o vulgo Romano a humildade pouco preſumida da minha apologia; mas ſe ella tivera atrevimento para ſe preſentar aos pès de Sua Santidade, tenho por certo que pacificamente ſahiria melhor deſpachada. O Papa Nicolao IV. tinha collocado a eſtatua de S. Antonio na meſma ordem, & ſerie, em que na Baſilica de S. Joaõ de Latraõ ſe vem as dos Apoſtolos; & parecendolhe a Bonifacio VIII. que aquelle lugar tam alto não competia a hum Santo de tam pouca antiguidade, como era em ſeu tempo a de S. Antonio, ordenou que foſſe tirada delle, & poſta alli a de S. Gregorio Magno. Eil-aqui como o ſobrenome de Magno já entaõ ſe impugnava a S. Antonio. Mas vejamos como elle o defendeo. Levantáraõ os officiaes os andaimes por ordem de hum Pontifice, para pôrem naquelle lugar outro; & ao primeiro golpe do picaõ, que tocou no capello a S. Antonio, levantou a maõ a eſtatua com tal impulſo, que os Pedreiros, & os andaimes com ruido, que aſſombrou toda Roma, vieraõ abaixo, tendo-ſe por grande milagre do meſmo Santo, que todos, os que tinhaõ ſubido áquella obra, ſe levantaſſem vivos, & ſem leſaõ; ficando elle porèm no ſeu lugar ſem ſer ſubſtituhido por outro, poſto que ſummo, & tam grande Pontifice, como bem declara o titulo, & ſobrenome de Magno. E ſaõ já tres Pontifices, hum que lho deu, outro q̃ lho quiz tirar, & o terceiro que o não ſubſtituhio.

Ex Damiano Cornejo in Chronic. S. Franc.

445 Em noſſos dias ſe

ſe acreſcentou a eſte numero o quarto, que foi Urbano VIII. Houve tãbem em Roma quem tiveſſe por demaſiada a devaçaõ da Eſcala ſanta, por onde todas as ſegundas feiras deſde a Aurora atè o meyo dia eſtaõ ſubindo de joelhos deſde o pè do Capitolio atè o alto de Ara cæli em continua devaçaõ homens, & mulheres a venerar a Imagem de S. Antonio. Mas que reſponderia a diſcreta urbanidade daquelle grande Pontifice? Reſpõdeo Urbano, que elle não queria pleitos cõ S. Antonio, de que em S. Joaõ de Latraõ tinha já o aviſo. Vede ſe tenho eu razaõ de que a minha apologia ſahiſſe com o merecido deſpacho, ſe chegaſſe a ſe pòr aõs pès de Sua Sãtidade.

446 Tornando ao vulgo, (ſe vulgo ſe póde chamar o Romano, com que ſó fallo) para que lhe não pudeſſe dizer hoje Tertulliano que ſe apreſſou em dar o nome de Magno a S. Antonio do Egypto, (em quem eu tambem o reconheço, & venero) ſaiba que neſta tam juſta reſtituiçaõ imitará não menos que ao meſmo Deos, o qual, depois de começar a ſe povoar o Limbo dos Padres em Abel, eſperou dous mil & trezentos annos, para lhe dar o nome de ſeyo de Abrahaõ, a quẽ entre todos os Patriarcas era tam devido, como a S. Antonio, pelo que fez, & enſinou, o de Magno: *Hic Magnus vocabitur.*

LAUS DEO.

LAUS DEO.

INDICE

DOS LUGARES DA SAGRADA ESCRITURA, que vaõ neste Tomo.

Ex Libro Geneſis.

Cap. 1. *IN principio creavit Deus cœlum, & terram.* Pagina 1.

Maſculum, & fœminam creavit eos, benedixitque illis Deus. pag 95. & 104.

Cap. 2. *Factus eſt homo in animam viventem.* p. 61.

Cap. 3. *Mulier quam dediſti mihi.* p. 97.

Cur præcepit vobis Deus. p. 73.

Vidit lignum. Ibid.

Et cùm audiſſet vocem Dei deambulantis ad auram poſt meridiem, abſcondit ſe. p. 15.

Cap. 7. *In articulo diei illius ingreſſus eſt Nec in arcam.* p. 164.

Cap. 10. *Filii Japhet, Gomer, & Magog, & Madai & Javan, & Thubal.* p. 175.

Cap. 11. *Non deſiſtent à cogitationibus ſuis, donec eas opere compleant.* p. 43.

Cap. 12. *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis, & domum ejus, propter Sarai uxorem Abraham.* p. 90.

Cap. 14. *Da mihi animas, cætera tolle tibi.* p. 147.

Cap. 15. *Ego protector tuus, & merces tua magna nimis.* p. 180.

Cap. 17. *Domine Deus quid dabis mihi; ego vado abſque liberis.* p. 181.

Det tibi Deus de rore cæli, & de pinguedine terræ. p. 212.

Cap. 20. *Abimelech verò non tetigerat eam. Locutus eſt univerſa verba hæc in auribus eorum.* p. 14.

Ecce mille argenteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorem ad omnes, qui tecum ſunt. Ibid.

Cap. 22. *Non extendas manum tuam ſuper puerum.* p. 243.

Cap. 29. *Videbantur illi pauci dies.* p. 70.

Hanc quoque dabo tibi pro opere, quo ſerviturus es mihi ſeptem annis aliis. p. 71.

Cap.

Cap. 30. *Da mihi liberos ; alioquin morior. p.* 179.
Numquid pro Deo ego sum. Ibid.
Cap. 32. *In baculo meo transivi Jordanem. p.* 213.
Et nunc cum duabus turmis regredior. p. 214.

Ex libro Exodi.

Cap. 3. *Quòd rubus arderet, & non combureretur. p.* 36.
Descendi ut liberem eum. p. 37.
Cap. 5. *Nescio Dominum, & Israel non dimittam. p.* 328.
Cap. 12. *Cum lactucis agrestibus. p.* 125.
Cap. 15. *Operuit eos mare. p.* 329.
Devoravit eos terra. Ibid.
Cap. 20. *Populus autem videbat voces. p.* 342.
Cap. 32. *Hi sunt Dii tui, Israel, qui te eduxerunt de terra Ægypti. p.* 304.
Cap. 34. *Cornuta erat facies sua. p.* 292.

Ex libro Levitici.

Cap. 26. *Si in præceptis meis ambulaveritis, & mandata mea custodieritis, dabo vobis pluvias temporibus suis : & terra gignet germen suum, & pomis arbores replebuntur : & comedetis panem vestrum in saturitate : comedetis vetustissima veterum, & vetera, novis supervenientibus, projicietis. Quòd si non audieritis me, nec feceritis omnia mandata mea, dabo vobis cælum desuper sicut ferrum, & terram æneam : consumetur in cassum labor vester : non proferet terra germen : nec arbores poma præbebunt. p.* 207.
Quando fueritis in terra hostili, sabbatizabit, & requiesset in sabbatis solitudinis suæ, eòquod non sabbatizaverit in sabbatis vestris, quando habitabatis in ea. p. 218.

Ex libro Numeri.

Cap. 11. *Nihil aliud respiciunt oculi nostri, nisi Man. p.* 105.
Cap. 12. *Et populus non est motus de loco illo, donec revocata est Maria. p.* 20.
Cap. 13. *Venimus in terram, ad quam misisti nos, quæ revera fluit lacte, & melle. p.* 260.
Cap. 14. *Neque timeatis populum terræ hujus, quia sicut panem, ita eos possumus devorare. p.* 141.
Cap. 23. *Veni mecum in alterum locum, &c. p.* 288.

Ex libro Deuteronomii.

Cap. 5. *Non concupisces uxorem proximi tui. p.* 13.

Ex libro Judicum.

Cap. 2. *Non est hoc aliud, nisi gladius Gedeonis. p.* 142.
Cap. 14. *Proponam vobis problema. p.* 79.
Cap. 15. *Percussi mille viros. p.* 145.
In mandibula delevi eos. Ibid.
Cap. 16. *Pro amissione duorum luminum, unam ultionem recipiam. p.* 66.

Ex primo Regum

Cap. 1. *Domine, si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederisque servæ tuæ sexum virilem : dabo eum Domino omnibus diebus vitæ ejus. p.* 26.

Cap.

Cap. 2. *Visitavit ergo Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios, & duas filias. Ibid.*

Donec sterilis peperit septem. p. 28.

Cap. 10. *Stetit in medio populi, & altior fuit universo populo. p. 262.*

Cap. 30. *Dixeruntque: hæc est præda David. p. 123.*

Ex secundo Regum

Cap. 7. *Thronus tuus erit firmus jugiter, &c. p. 183.*

Cap. 8. *Tulit David frænum tributi de manu Philistiim. p. 186.*

Cap. 11. *Vidit mulierem se lavantem: erat autem mulier pulchra valde. p. 18.*

Misit David, & introduxit eam in domum suam; & facta est ei uxor: & displicuit verbum hoc coram Domino. p. 89.

Cap. 12. *Quamobrem non recedet gladius de domo tua, usque in sempiternum. p. 87.*

Quoniam blasphemare fecisti inimicos Domini: ecce ego Jusciabo super te malum de domo tua, & tollam uxores tuas, & dabo proximo tuo, & dormiet cum uxoribus tuis in oculis solis hujus: tu enim fecisti absconditè, & ego autem faciam verbum istud in conspectu omnis Israel. p. 87. & 88.

Uxorem illus accepisti in uxorem tibi. p. 89.

Et tuleris uxorem Uriæ Hethæi, ut esset uxor tua. Ibid.

Ex tertio Regum.

Cap. 1. *Erat autem pulcher valde. p. 10.*

Cap. 2. *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei. p. 33.*

Cap. 19. *Petivit animæ suæ, ut moreretur. p. 158.*

Cap. 21. *Venumdatus est, ut faceret malum. p. 320.*

Ex quarto Regum.

Cap. 9. *Regnavit Jehu. p. 34.*

Ex libro Tobiæ

Cap. 2. *Videte ne furtivus sit. p. 101.*

Manifestè vana facta est spes tua, & eleemosynæ tuæ modò apparuerunt. p. 102.

Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut & Sancti Job. p. 102.

Cap. 3. *Et nunc Domine secundùm voluntatem tuam fac mecum, & præcipe in pace recipi spiritum meum: expedit enim mihi magis mori, quàm vivere.*

Ex libro Job.

Cap. 1. *Numquid considerasti servum meum Job. p. 51.*

Cap. 2. *Verumtamen animam illius serva. p. 62. & 98.*

Adhuc tu permanes in simplicitate tua: benedic Deo, & morere. pag. 100.

Cap. 7. *Factus sum mihimet ipsi gravis. p. 232.*

Cap. 13. *Posuisti in nervo pedem meum. p. 159.*

Cap. 16. *Circumdedit me laneeis suis: convulneravit lumbos meos. p. 356.*

Cap. 19. *Scio quod in novissimo die de terra surrecturus sum, & rursum circumdabor pelle mea, & in carne*

carne mea videbo Deum, quem visurus sum ego ipse, & non alius. p. 156.

Reposita est hæc spes mea in sinu meo. p. 158.

Derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos p. 62.

Cap. 31. *Quæ est iniquitas maxima. p. 83.*

Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine. pag. 100.

Cap. 38. *De turbine. p. 75.*

Ex libro Psalmorum.

Psalm. 15. *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges. p. 160.*

Psalm. 22. *Dominus regit me, & nihil mihi deerit. p. 212.*

Psalm. 23. *Attollite portas Principes vestras, & introibit Rex gloriæ. p. 240.*

Psalm. 31. *Quoniam tacui, inveteraverunt omnia ossa mea. p. 61.*

Psalm. 33. *Timete Dominum omnes Sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum, &c. p. 208.*

In Domino laudabitur anima mea. p. 87.

Psalm. 36. *Junior fui, etenim senui, & nunquam vidi justum derelictum, nec semen ejus quærens panem. p. 214.*

Psalm. 47. *Ibi dolores, ut parturientis. p. 179.*

Psalm. 49. *Numquid manducabo carnes taurorum, aut sanguinem hircorum potabo. p. 160.*

Psalm. 55. *Ab altitudine diei timebo. p. 164.*

Sacrificium laudis honorificabit me. p. 222.

Psalm. 80. *Non audivit populus meus legem meam, & Israel non intendit mihi; & dimisi eos secundum desideria cordis eorum. p. 73.*

Psalm. 110. *Memoriam fecit mirabilium suorum: escam dedit timentibus se. p. 107.*

Psalm. 140 *Singulariter sum ego, donec transeam. p. 239.*

Ex libro Proverbiorum.

Cap. 10. *Non affliget Dominus fame animam justi. p. 208.*

Cap. 19. *Fœneratur Deo, qui miseretur pauperis. p. 224.*

Cap. 20. *Gubernaculis tractanda sunt bella. p. 135.*

Cap. 31. *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem. p. 222.*

Ex libro Ecclesiastes.

Cap. 10. *Regnum à gente in gentem transfertur propter injustitias. 116.*

Cap. 11. *Mitte panem tuum super transeuntes aquas, quia post tempora multa invenies illum. p. 225.*

Ex Cantico Canticorum.

Cap. 1. *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie. p. 15.*

Si ignoras te, ô pulcherrima inter mulieres. p. 16.

Cap. 4. *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te. p. 18.*

Cap. 5. *Comedite amici, & bibite, & inebriamini charissimi: ego dormio, & cor meum vigilat. p. 117.*

Cap. 6. *Averte oculos tuos à me; quia ipsi me avolare fecerunt. p. 7.*

Pulchra,

Pulchra, ut Luna, electa, ut Sol. p. 18.
Terribilis ut castrorum acies ordinata. p. 141.
Pulchra es amica mea, suavis, & decora, sicut Hierusalem. p. 4.
Cap. 7. *Egrediamur in agrum, & videamus, si flores fructus parturiunt, p.* 195.
Cap. 8. *Quæ habitas in hortis, amici auscultant; fac me audire vocem tuam. p.* 63.
Heu, fuge dilecte mi. Ibid.

Ex libro Sapientiæ.

Cap. 4. *Fascinatio nugacitatis obscurat bona. p.* 287.

Ex libro Ecclesiastici.

Cap. 15. *Cibavit illum pane vitæ, & intellectus. p.* 128.
Cap. 19. *Mulieres apostatare faciunt sapientes p.* 81.

Ex Prophetia Isaiæ.

Cap. 13. *Quasi parturiens dolebunt. p.* 179.
Cap. 21. *Comedentes, & bibentes surgite Principes: arripite clypeum. p.* 134.
Cap. 25. *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiæ defæcatæ. p.* 346.
Cap. 42. *Gloriam meam alteri non dabo. p.* 235.
Cap 54. *Lauda sterilis, quæ non paris: decanta laudem, & hinni, quæ non pariebas p.* 30.
Cap. 58. *In die jejunii vestri invenitur voluntas vestra p.* 163.
Cap. 60. *Filii tui de longe venient, & filiæ tuæ de latere surgent. p.* 28.
Cap. 63. *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum. p.* 239.

Ex Prophetia Jeremiæ

Cap. 6. *Dolores, ut parturientem. p.* 179.

Ex Threnis.

Cap. 4. *Parvuli petierunt panem, & non erat, qui frangeret eis. p.* 143.

Ex Prophetia Ezechielis.

Cap. 27. *Sed & Pygmæi, qui erant in turribus tuis per gyrum, ipsi compleverunt pulchritudinem tuam. p.* 139.
Cap. 28. *Elevatum est cor tuum in decore tuo. p.* 10.

Ex Prophetia Oseæ.

Cap. 10. *Seminate vobis in justitia, & metite in ore misericordiæ. p.* 209.

Ex Prophetia Habacuc.

Cap. 3 *Deus ab Austro veniet, & Sanctus de monte Pharan, &c. p.* 292.
Cornua in manibus ejus p. 352.

Ex Prophetia Sophoniæ.

Cap. 3. *Serviant ei humero uno. pag.* 70.

Ex Prophetia Zachariæ.

Cap. 3. *Framea suscitare super Pastorem meum, & super virum cohærentem mihi. p.* 356.
Ecce enim ego adducam servum meum Orientem. p. 249.
Cap. 9. *Frumentum electorum, & vinum germinans virgines. p.* 128.
Cap. 13. *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum. p.* 348.

Ex primo Machabæorum.

Cap. 3. *Non est differentia in conspectu Dei cæli liberare in multis, vel*

vel in paucis pag. 138.

Ex Divo Matthæo.

Cap. 1. *David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ. p.* 1.

Cap. 2. *Obtulerunt ei aurum, thus, & myrrham. p.* 173.

Cap. 4. *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. p.* 316.

Cap. 5. *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, &c. p.* 252.

Vos estis sal terræ: vos estis lux mũdi. p. 107.

Cap. 9. *Exiit fama hæc in aniversam terram illam p.* 122.

Cap. 12. *Sicut fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis iu corde terræ. p.* 120.

Cap. 14. *Manducaverunt, & saturati sunt. p.* 206.

Cap. 16. *Siquis vult post me venire, abneget semetipsum : tollat Crucem suam, & sequatur me. p.* 55. & 229.

Cap. 17. *Resplenduit facies ejus, sicut Sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba, sicut nix. p.* 157. & 253.

Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis à mortuis resurgat. p. 158.

Cap. 9. *Si ita est causa hominis cũ uxore, non expedit nubere. p.* 104.

Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est. Ibid.

Cap. 20. *Exiit primo mane conducere operarios in vineam suam. p.* 164.

Cap. 22. *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores. p.* 64.

At ille obmutuit. Ibid.

Cap. 24. *Ita ut in errorem inducantur etiam electi. p.* 42.

Cap. 25. *Dormitaverunt omnes, & dormierunt. p.* 32.

Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguntur. Ibid.

Cap. 26. *Omnes, relicto eo, fugerunt. p.* 71.

An putas, quia non possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum p. 237.

Cap. 27. *Monumenta aperta sunt, & multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt, & venerunt in Sanctam Civitatem, & apparuerunt multis. p.* 120.

Dederunt ei vinum cum felle mixtum p. 345,

Cùm gustasset, noluit bibere. Ibid.

Terra mota est. p. 153.

Verè Filius Dei erat iste. p. 313.

In sepulturam peregrinorum. p 48.

Prætereuntes blasphemabant. p. 19.

Cap. 28. *Erat autem ibi Maria Magdalene, & altera Maria, sedentes contra sepulchrum. p.* 148.

Terræmotus factus est magnus. pag. 153.

Exterriti sunt custodes. p. 153.

Angelus enim Domini revolvit lapidem, & sedebat super eum. pag. 167.

Ex Divo Marco.

Cap. 6. *At illi putaverunt phantasma esse p.* 45.

Non

Non licet tibi. p. 105.

Cap. 7. *Non eſt bonum ſumere panem filiorum, & mittere canibus. p* 49.

Cap. 8. *Quia jam triduo ſuſtinent me. p.* 216.

Cap. 15. *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me. p.* 238.

Cap. 16. *Miſit Herodes, ac tenuit Joannem, & vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris ſui, quia duxerat eam, & decollavit eum in carcere. p.*78.

Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jeſum. p. 159.

Nolite expaveſcere: Jeſum quæritis Nazarenum, crucifixum: ſurrexit, non eſt hîc. p. 148.

Quis revolvet nobis lapidem; erat quippe magnus valde. p. 166.

*Cum tranſiſſet Sabbatum, Maria Magdalene, & Maria Jacobi, & Salome emerunt aromata, ut venientes ungerent Jeſum. p.*161.

Valde mane, orto jam Sole. pag. 149.

*At illæ exeuntes fugerunt de monumento; invaſerat enim illas pavor, & tremor. p.*151.

Et nemini quidquam dixerunt; timebant enim. Ibid.

Ex Divo Luca.

Cap. 7. *Capillis capitis ſui tergebat. p.* 161.

Cap. 9. *Neſciens quid diceret p.* 158.

Bonum eſt nos hic eſſe. Ibid.

Cap. 10. *Domine non eſt tibi curæ, quòd ſoror mea reliquit me ſolam miniſtrare. pag.* 9.

Cap. 12. *Expectantibus Dominum ſuum, quando revertatur à nuptiis. p.*34.

Si ſciret Paterfamilias qua hora fur veniret. Ibid.

Qua hora non putatis, Filius hominis veniet. Ibid.

Sint lumbi veſtri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus veſtris. p. 36.

Præcinget ſe, & faciet illos diſcumbere. Ibid.

Perfodi domum ſuam. p. 41.

Cap. 14. *Homo quidam fecit cœnam magnam. p.* 107 110. & 111.

Juga boum emi quinque, & eo probare illa. Ibid.

Villam emi, & neceſſe habeo exire, & videre illam. Ibid.

*Quis Rex iturus committere bellum adverſus alium regem, non ſedens prius cogitat, ſi poſſit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad ſe. p.*138.

Cap. 22. *Accipite, & dividite inter vos. p.* 298.

Cap. 23. *Blaſphemabat eum p.*19.

*Omnis turba eorum, qui ſimul aderant, percutientes pectora ſua revertebantur. p.*153.

Pater in manus tuas cõmendo ſpiritum meum. p. 69.

Hodie mecum eris in Paradiſo. pag. 19.

Nos quidem juſtè, nam digna factis recipimus; hic verò nihil mali geſſit. Ibid.

Domine memento mei, cùm veneris

ris in regnum tuum. Ibid.
Cap. 24. *Mulieres ex n ſtris terruerunt nos. p.* 153.
Coegerunt illum dicentes: Mane nobiſcum, quoniam adveſperaſcit, & inclinata eſt jam dies. p. 164.

Ex Divo Joanne.

Cap. 1. *Confeſſus eſt, & non negavit. &c. p.* 307.
Cap. 6. *Ut autem impleti ſunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cophinos. p.* 203.
Ut raperent eum, & facerent eum regem. p. 146.
Colligite, quæ ſuperaverunt, fragmenta, ne pereant. p. 133.
Ducentorum denariorum panes non ſufficiunt eis, ut unuſquiſque modicum quid accipiat. p. 137.
Eſt puer unus hîc, qui habet quinque panes. Ibid. & 222.
Sed hæc quid inter tantos. Ibid.
Et cùm gratias egiſſet, diſtribuit diſcumbentibus. p. 139.
Unde ememus panes, ut manducent hi? p. 136. *&* 221.
Qui manducat meam Carnem, & bibit meum Sanguinem, habet vitam æternam; & ego reſuſcitabo eum in noviſſimo die. pag. 119. *&* 120.
Verba, quæ ego locutus ſum vobis, ſpiritus, & vita ſunt. p. 128.
Panis enim Dei eſt, qui de cælo deſcendit, & dat vitam mundo. p. 127.
Ego ſum panis vivus, qui de Cælo deſcendi. p. 127.
Panis, quem ego dabo, caro mea eſt pro ſæculi vita. Ibid. & 313.
Siquis manducaverit ex hoc pane vivet in æternum. Ibid.
Niſi manducavertiis carnem filii hominis non habebitis vitam. Ibid.
Sicut miſit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem. Ibid.
Et qui manducat me, ipſe vivet propter me. Ibid.
Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. Ibid.
Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit, ut ſiquis ex ipſo manducet, non moriatur. Ibid, & 295.
Non ſicut manducaverunt Patres veſtri manna, & mortui ſunt. Ibid.
Cap. 8. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi. p.* 302.
Cap. 11. *Tollite lapidem. p.* 167.
Cap. 12. *Nunc judicium eſt mundi: nunc princeps hujus mundi ejicietur foras: & ego, ſi exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipſum. p.* 54.
Cap. 13. *Cùm accepiſſet ille buccellam, continuò exivit, &c. p.* 298.
Magiſter, & Domine p. 108.
Cap. 14. *Tãto tempore vobiſcum ſum, & non cognoviſtis me: Philippe, qui videt me, videt & Patrem meum. p.* 136.
Cap. 15. *Pater meus agricola eſt. p.* 270.
Cap. 16. *Me ſolum relinquatis, ſed ego non ſum ſolus, quia Pater mecum eſt. p.* 239.
Cap. 17. *Glorifica me Pater. pag.* 235.

Cap.

Cap. 18. *Ego sum. p.* 311.
Si ergo me quæritis, finite hos abire. p. 237.
Cap. 19. *Ligaverunt illud linteis cum aromatibus. p.* 159.
Sitio. p. 67. & 356.
Et cùm gustasset, noluit bibere. Ibid.
Cùm vidisset Jesus Matrem, & Discipulum stantem p. 65.
Os non comminuetis ex eo. p. 62.
Non fregerunt ejus crura. Ibid.
Milites ergo acceperunt vestimenta ejus, & tunicam. p. 35.
Cap. 20. *Cum fores essent clausæ. pag.* 156.
Infer digitum tuum huc; & vide manus meas: & affer manum tuam, & mitte in latus meum. p. 157.

Ex libro Actorum.

Cap. 1. *Quod est juxta Hierusalem, Sabbati habens iter. p.* 162.

Ex Epistola ad Romanos.

Cap. 4. *Credidit Abraham Deo, & reputatum est illi ad justitiam. p.* 67.
Cap. 6. *Mors illi ultrà non dominabitur. p.* 155.

Ex prima ad Corinthios.

Cap. 1. *Judæis quidem scandalum: gentibus autem stultitiam. p.* 56.
Cap. 5. *Modicum fermentum totam massam corrumpit. p.* 85.
Cap. 13. *Tunc autem facie ad faciem. p* 6.
Cap. 15. *Seminatur corpus animale, surgit corpus spiritale. p.* 155.

Ex Secunda ad Corinthios

Cap. 11. *Hoc est Corpus meum, quod pro vobis tradetur. p.* 313.

Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 2. *Christo confixus sum Cruci. p.* 60.
Vivo ego, jam non ego: vivit verò in me Christus. p. 241.
Cap. 5. *Qui carnem suam crucifixerunt cum vitiis, & concupiscentiis suis. p.* 55.
Cap. 6. *Mihi mundus crucifixus est, & ego mundo. p.* 69. & 233.

Ex Epistola ad Ephesios.

Cap. 3. *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem, ex quo omnis paternitas in cælis, & in terra nominatur. p.* 189.

Ex Epistola ad Philippenses.

Cap. 3. *Nunc autem & flens dico inimicos Crucis Christi. p.* 56.

Ex Epistola ad Colossenses.

Cap. 2. *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi, in carne mea p.* 341.
Cap. 3. *Avaritiam, quæ est simulacrorum servitus. p.* 328.

Ex secunda ad Timotheum.

Cap. 4. *Tempus resolutionis meæ. p.* 199.

Ex Epistola ad Hebræos.

Cap. 7. *Hoc enim fecit semel se ipsum offerendo. p.* 345.
Cap. 12. *Proposito sibi gaudio sustinuit Crucem. p.* 168.

Ex libro Apocalypſis.

Cap. 6. *Ecce equus albus, & qui ſedebat ſuper eum habebat arcum.* p. 140.
Et data eſt ei corona. Ibid.
Et exivit vincens, ut vinceret. Ibid.
Cap. 7. *Vidi alterum Angelum habentem ſignum Dei vivi* p. 250.
Cap. 12. *Signum magnum apparuit in cælo: Mulier amicta Sole, & Luna ſub pedibus ejus, &c.* pag. 258.

IN-

INDICE

DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS, que eſtaõ neſte Tomo.

Os numeros naõ ſignificaõ folha, nem pagina, nem columna, ſenaõ o numero marginal.

A

Acabar. OS homens edificaõ começando pelos aliceſſes, & acabando pelas abobadas: Deos começa pelas abobadas, & acaba pelos aliceſſes. Num. 1.

Acçaõ. As acções de Chriſto, poſto que encontradas, todas fazem os meſmos effeitos. num. 164.

Acquirir. Varios modos, com que a avareza quer acreſcentar os bens, todos inuteis. 227. 228. Qual ſeja ſó o modo ſeguro de acquirir. 230.

Adorar. Quem adora a idolatra, adorará os ſeus Idolos. 105.

Adulterio. Aſſim como tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza: aſſim tomar a fazenda alhea he adulterio da cubiça. 108.

Alhea. David, & Acab ambos infeliciſſimos, hum, porque tomou o alheyo, & o outro, porque tomou a alhea. 110. 111. 112. 113.

Caſtigos extraordinarios, & admiraveis, com que Deos deſtruhio as mayores potencias do mundo por mulheres alheas, ou porque o eraõ, ou ſó

porque o tinhaõ ſido. 109. 110. 111.112.113.114.115.116.

Alheyo. Vide ſupra verbo *Alheya.* 110.

Alma. Offerèce o demonio hum mundo por hũa alma; porque a conhece. 340.

Amor. Quem ama muito, atè perigos impoſſiveis teme. 48.

Quem padece muito pelo que muito ama, a ſua Cruz he a ſua gloria. 258.

Eſpera quem ſerve: teme quem ama. 44. 45.

Quem chegou a temer impoſſiveis, chegou a amar quanto he poſſivel. 48.

Amor proprio. Só ſe ſabe querer bem, quem ſe ſabe livrar de ſi meſmo. 252.

Anio. Mayor fineza he obedecer á voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99. No *Te Deũ laudamus* ſe daõ graças a Deos a dous Coros: na terra os homens: no Ceo os Anjos. 183. E a eſte coro pertencem os Avòs na alegria do naſcimento dos Netos. Ibid.

Antiguidade. Grande parte do cõſelheiro a antiguidade. 155.

Antigo. Os Antigos nos nomes, que deraõ aos Deoſes, ſe apreſſáõ mais. 414.

Antonio. Milagre dos peixes, com que S. Antonio converteo aos que o não queriaõ ouvir: & Chriſto não converteo aos q̃ o não queriaõ ouvir com a efficacia de ſuas palavras. 432. 433. & deinceps.

Os milagres de S. Antonio mayores que os de Chriſto; porque S. Antonio obrava morto, o que Chriſto obrava vivo. 420.

Differença de S. Antonio a Chriſto fazendo milagres por hum deſejo. 421. 422.

Para receber de Chriſto a ſaude era neceſſario tocar a Chriſto; & para a receber de S. Antonio, baſtava ſó deſejar a ſaude. 419.

Em S. Antonio eſtá o Santiſſimo Sacramento propriamente expoſto; porque S. Antonio he a expoſiçaõ do Santiſſimo Sacramento. 130. 131. 132.

Caſo notavel de hũa Miſſa dita a S. Antonio para ſe conſeguir hũa grande maldade. 151.

S. Antonio em muytos lugares no meſmo tempo como Chriſto no Sacramento. 136.

Mayor maravilha de S. Antonio encubrir a ſua virtude, ſendo tam Santo, & a ſua ſabedoria, ſendo tam douto. 149. 150.

Apear. Quando o Ceo anda prodigioſo, a huns poem a pè, a outros em coche. 38.

Apologia. Materia apologetica do Sermaõ de S. Roque. 43.

Applauſo.

Applauſo. Os applauſos preſentes com que celebramos a S. Antonio, ſaõ prova de que não haviamos de crer, nem ver as ſuas obras, quando elle as fez. 313.

Armas. Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bẽs. 55.

Arrojado. Homens arrojados ſaõ mais para vencer as difficuldades, que para conſultar ſe ſe haõ de emprender. 155.

Atlante. Os moradores do monte Atlante amaldiçoaõ o Sol, quando naſce, & quando ſe poem. 297.

Atrevimento. Do atrevimento dos homens, & do ſofrimento de Deos no Sacramento, ſe confirma a Fè deſte myſterio. 325.

Avareza. Varios modos, com q̃ a avareza quer acreſcentar os bens, todos inuteis. 222. 228. O modo ſeguro de acrecentalos he dar pelo amor de Deos. 230.

Avò. Vide verbo *Anjo.* 99.

Authoridade. Quanto a authoridade do Sacramento perde de reſpeito, tanto a Fè ganha de authoridade. 327.

B

Batalha. BAtalha entre os cinco paens, & cinco mil homens, que Chriſto ſuſtentou no deſerto. 153.

Berſabè. Berſabè tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria; por cuja fermoſura quebrou Deos todas as leys, a que eſtavaõ ſugeitos os filhos de Adaõ. 16.

Bem. Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens. 55.

Beneficio. Baſta que o merecimẽto do beneficio eſteja em algũs, para que Chriſto ſacramentado o communique a muitos; & baſta que eſteja em hum, para que o communique a todos. 143.

Bens. Os meſmos bens dados por Deos, ou não dados por Deos, ſaõ bençaõ, ou maldiçaõ. 226.

Boca. O cuidado de todos os homens he buſcar o paõ para a boca. 111. 112.

Bons. Bons, & máos, todos podem ſervir a Deos. 61.

Bruto. Mayor fineza he obedecer à voz de Deos pronuncia'a por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99.

Buſcar. Quãndo buſcamos a Deos, nos buſcamos, & nos achamos a nòs. 124.

C

Calar. MElhor he calar com certeza da morte, q̃ pedir cõ intereſſe da vida. 80.

Calvario. Todos os homens do mundo, ou ſaõ juſtos, ou peccadores, ou penitentes, & todos tem ſua Cruz; & por iſſo o mundo he como o monte Calvario. 69.

Cambio. Dar eſmola he dar a cambio a Deos. 243.

O cambio de Deos não he a ſeis & quarto por cento, ſenão a cento por hum, & muito mais. 244.

Campanha. As batalhas daõ-ſe na campanha: as vitorias alcançaõ-ſe no gabinete. 154.

Capa. Entaõ reyna o Rey, quando os vaſſallos lhe fazem o throno com as ſuas capas. 38.

Capitaõ. O verdadeiro Capitaõ hade querer para ſi ſó a gloria da vitoria; & para os ſeus os deſpojos. 162.

Caſo. Caſo notavel de hũa Miſſa dita a S. Antonio para ſe conſeguir hũa grande maldade. 151.

Caſtigo. Caſtigos admiraveis, & extraordinarios, com q̃ Deos deſtruhio às mayores potencias do mundo pór mulheres alheas; ou ſó porque eraõ, ou ſó porque o tinhaõ ſido. 109. 111. 113. 114. 115. 116.

Cativeiro. Os cativeiros injuſtos faõ a deſtruiçaõ do Maranhaõ, & de todas as Conquiſtas. Prova-ſe com todas as razões, & propoem-ſe o remedio facil para os evitar. 350.

Mayor cativeiro he eſtar ſugeito à vontade propria, que à alhea 95.

Ceo. Todos queremos ir ao Ceo, & não queremos. 251.

A devaçaõ da puriſſima Conceiçaõ aſſegura o caminho do Ceo. 22.

Chagas. As Chagas de S. Franciſco vem-ſe com os ouvidos, & ouvem-ſe com os olhos. 369.

Chriſto teve hũas Chagas no Corpo, outras na Alma. 273.

O Serafim S. Miguel prova-ſe que foi o que imprimio as Chagas em S. Franciſco. 277.

Nas Chagas de S. Franciſco ſe emendáraõ os defeitos do Calvario. 337. & deinceps. Primeiro defeito da parte dos inſtrumentos: ſegundo da parte dos Miniſtros: terceiro da parte das meſmas Chagas. Ibid.

Chriſtaõ. O verdadeiro Chriſtaõ he hum não eu; porque ſe ha nas couſas proprias como alheas. 252.

Chriſto. Compara-ſe Chriſto a Eſpoſo, & a Ladraõ, & porque? 39.

Chriſto no dia de ſua Reſurreiçaõ, foi o Sol, que amanheceo de madrugada: & em todas as circunſtancias daquelle dia foi como o Sol. 165.

As acções de Chriſto, poſto q̃ encontradas, todas fazem os meſmos effeitos. 164.

Cinto. O remedio para ſuſtentar as tochas, he apertar os cintos. 35.

Começar. Os homens edificaõ começando pelos alicerſes, & acabando pelas abobadas: Deos começa pelas abobadas, & acaba pelos alicerſes. 1.

Companhia. A Cruz da Religiaõ padece-ſe por Chriſto, & com Chriſto; & como Chriſto he a cauſa, & a companhia, iſſo meſmo a faz muito leve. 90.

Conceiçaõ. Da fermoſura da Virgem ſe prova a pureza de ſua Conceiçaõ. Refere-ſe hum caſo famoſo. 12.

A devaçaõ da puriſſima Conceição ſegura o caminho do Ceo. 22. Quanto agradaõ à Virgem Maria os que defendem a pureza de ſua Conceiçaõ. 21. 22.

Deos na Conceiçaõ da Virgem Maria começou pelo fim, iſto he, pela graça, & acabou pelo principio, iſto he, pela natureza. 2.

Berſabé tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria; por cuja fermoſura quebrou Deos todas as leys, a que eſtavaõ ſugeitos os filhos de Adão. 16. 17.

Conſelheiro. He grande parte de cõſelheiro a antiguidade. 155.

Conſelho. As guerras ſe haõ de governar com o conſelho, que he o leme das guerras. 154.

Ha conſelhos, que ſaõ maldições. 119.

Conſervaçaõ. Os Reynos, & os Imperios conſervaõ-ſe como em duas raizes em filhos, & filhas. 29.

De hum Miniſtro de pouca fé, & verdade tal vez ſe podem diſſimular os furtos da fazenda; mas os ſecretos da guerra, de que depende a conſervaçaõ do eſtado, por nenhum modo ſe lhe devem fiar. 154.

Para a conſervaçaõ ſaõ mais ſeguras as raizes do temor, que as da eſperança. 44.

Conſultar. Hão-ſe de conſultar os praticos, poſto que ruſticos; porque ſabem o que os ſabios não podem adivinhar. 154.

Converter. Chriſto de tres ladrões converteo ſó hum; & S. Antonio de vinte & dous converteo todos. 431.

S. Antonio por meyo do demonio converte a hum Religio-

ſo ; q̃ue o̅ meſmo demonio tinha tirado da Religiaõ. 439.
Convite. Uſo antiquiſſimo de ſe proporem problemas nos cõvites. 102.
Crer. Os Hereges crem pelos motivos de negar ; & negaõ pelos motivos de crer. 340. Prova-ſe com hum exemplo do Teſtamento Velho , & com outro do Teſtamento Novo. 331. 332.
Cruz. As Cruzes deſte mundo ſaõ duas : hũa eſpiritual , outra temporal, & qual ſeja cada hũa dellas. 64. 65.
Quem padece muito pelo que muito ama , a ſua Cruz he a ſua gloria. 258.
A Cruz de Chriſto foi a ſua gloria. 257.
Quiz Chriſto tanto ſó para ſi a gloria da ſua Cruz , que nem aos homens , nem aos Anjos , nem ao meſmo Deos quiz por companheiros nella. 259. 260.
Diſcorre-ſe por todos os eſtados , & a cada hum ſe aſſinala a ſua Cruz. 71.
Dous juizos da Cruz : hum , em que hade ſer julgada : outro , em que hade julgar. 69. 70.
Compara-ſe a Cruz de Chriſto com a Cruz da Religião , & a Cruz da Religiaõ com a Cruz do mundo 72.
A Cruz da Religião mais eſtreita que a Cruz de Chriſto por quatro razoẽs. 73. 74.
A Cruz da Religião padece-ſe com Chriſto , & por Chriſto ; & como Chriſto he a cauſa , & a companhia , iſſo a faz muito leve. 90.
Cuida o mundo que a Cruz da Religião he muito pezada , & a ſua he muito mais pezada. 89.
A Cruz material eſteve cativa na Perſia quatorze annos ; a eſpiritual deſdo principio do mundo em todas as Naçoens delle. 66.
Na Cruz de Chriſto eſteve a vontade livre ; na Cruz da Religião eſtá o entendimento cativo. 86.
Todos os homens do mundo , ou ſaõ juſtos , ou peccadores , ou penitentes , & todos tem ſua Cruz ; por iſſo o mundo he como o monte Calvario. 69.
Sem a Cruz de Chriſto , ninguem ſe póde ſalvar: com a noſſa Cruz ninguem ſe póde perder. 65.
Cubiça. Aſſim como tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza : aſſim tomar a fazenda alhea he adulterio da cubiça. 106.
Nem Chriſtãos , nem racionaes ſomos ; porque não encaminhamos a noſſa cubiça pelos caminhos da noſſa Fè ; mas he que não temos Fè. 224.

Dar.

D

Dar. TUdo o que Deos dá neſta vida, he como ſe o não dera, ſenão deu filhos. 192.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

Defeitos. Nas Chagas de S. Franciſco ſe emendàraõ os defeitos do Calvario. 373.

Primeiro defeito da parte dos Miniſtros: ſegundo da parte dos inſtrumentos: terceiro da parte das meſmas Chagas. Ibid.

Demonio. Vide ſupra verbo *Converter.* 439.

Deos. As obras de Deos todas ſaõ boas: os inſtrumentos podem ſer máos, & bons. 60.

Quando buſcamos a Deos, nos buſcamos, & achamos a nòs. 174.

Deos he mais largo em dar, que nòs em pedir. 29.

Não ſervimos a Deos, porque Deos tenha neceſſidade de nòs, ſenão porque nòs temos neceſſidade de o ſervir. 174.

A quem Deos não da filhos, nenhũa couſa lhe pòde dar, porque tudo, o que lhe der he como ſe lho não déſſe, nem he para elle, ſenão para outrem. 192.

Servir a Deos com offenſa de Deos, não he ſervilo; he offendelo. 176.

Deos na Conceiçaõ de Maria Santiſſima começou pelo fim, iſto he, pela graça, & acabou pelo principio, iſto he, pela natureza. 2.

Os homens edificaõ começando pelos aliceſſes, & acabando pelas abobadas: Deos acaba pelos aliceſſes, & começa pelas abobadas. 1.

Dar Deos hum filho varaõ a hũa geraçaõ eſteril, he o olhar, & o ver de Deos. 33.

Mayor fineza he obedecer à voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99.

Deſpir. Se o Rey ſe deſpe para que os ſoldados tenhão que jugar, quanto mais ſe deve deſpir, para que tenhão que comer. 41.

Devaçaõ. Primeiro ſe hade acudir ás obras de obrigação, que ás de devaçaõ. 125. 126.

Acudimos à devação, & não ao preceito; porque na devação fazemos a propria vontade, & no preceito a de Deos. 126.

Dia Santo. Tudo o que ſe trabalha ao Domingo, ou dia Santo he deſtruição do que ſe trabalha pela ſomana. 224.

Difficuldade. Homens arrojados ſaõ mais para vẽcer as difficuldades, que para conſultar ſe ſe haõ de emprender. 155.

As

As difficuldades pequenas correm por noſſa conta : as grandes pelas de Deos. 180.

Dinheiros. As armas de Portugal compoſtas das Chagas de Chriſto , & dos dinheiros de Judas. 57.

Dor. A dor de não ter filhos he mayor que a dor do parto ; & porque? 190.

E

Encarecimento. ENcarecimento da fermoſura dos olhos de Maria tal, q̃ divertiriaõ a Chriſto do cuidado da ſalvação das almas. 8. 9. E podião enſoberbecer ao meſmo Deos. 10.

Encuberto. Joás encuberto , & reſtituhido ao Reyno , que lhe pertencia, com todas as circunſtancias d'ElRey D. Joaõ o IV. 407.

Grande milagre de S. Joſeph em conſervar encuberto a ElRey D. Joaõ não ſó aos olhos dos Reys eſtranhos , ſenão tambem aos deſejos dos Portuguezes. 410.

Encubrir. Mayor maravilha de S. Antonio encubrir a ſua virtude ſendo tam Santo , & a ſua ſabedoria ſendo tam douto. 149.

Engano. O zelo póde ſer muito bom , & póde ſer engano. 52.

Enigma. A mulher do Apocalypſe veſtida do Sol he enigma da Luſitania ; & porque ? 387.

Entendimento. Mayor ſacrificio he cativar o entendimento , q̃ ſugeitar a vontade. 86. 87.

Enveja. A enveja faz q̃ os olhos , q̃ vem o bem , não ſejão bons. 314.

Os olhos da enveja não vem as luzes , ſenão depois de apagadas. 313.

Varias obras ſantas de S. Antonio , que ſe haviaõ de interpretar mal pela enveja. 318.

O que vendo-ſe todo não póde deixar de parecer bem , viſto ſó por algum lado , póde parecer mal. 316.

Os olhos da enveja nunca vem ſem dar olhado. 315.

Os applauſos preſentes , com que feſtejamos a S. Antonio , ſaõ prova , de que não haviamos de crer , nem ver ſuas obras, quando elle as fez. 313.

Eſperança. Para conſervaçaõ ſaõ mais ſeguras as raizes do temor, que as da eſperança. 44.

Eſpera quem ſerve : teme quem ama. 44. 45.

Eſpirito. Mayor circunſtancia da Cruz da Religiaõ , q̃ da Cruz de Chriſto , haver de entregar o eſpirito na mão do Padre ; mas eſſe Padre não hade ſer o que eu eſcolher , ſenão o que me derem. 88.

Eſpoſo. Compara-ſe Chriſto a Eſpoſo, & a Ladraõ ; & porque ? 39.

Eſtado. Diſcorre-ſe por todos os eſtados, & a cada hum ſe aſſinala a ſua Cruz. 71.

Eſcritura. Baſta hũa letra de hum Herege, de hum Judeo, de hum Turco, para entendermos, que nos não faltará couſa algũa ; & não cremos o meſmo do que Deos nos promete com tantas Eſcrituras. 224.

Encaminhar. Nem Chriſtãos, nem racionaes ſomos, porque não encaminhamos a noſſa Fè pela cubiça, ou a noſſa cubiça pela Fè. 224.

Eſmola. Quando o que ſe dá aos pobres cabe em hũa mão, o que ſe recebe, não cabe em duas. 230.

O cambio de Deos não he a ſeis & quarto por cento, ſenão a muito mais. 244.

Dar eſmola, he dar a cambio a Deos. 224.

Eterno Padre. Porque pertence ſó ao Eterno Padre dar filhos ? 199.

Eva. A mulher de Job foi a ſegunda Eva, & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.

Toda a mulher he Eva, & cauſa de todos os males. 122. 123.

Eu. O verdadeiro Chriſtaõ he hum não eu : aſſim como o verdadeiro amigo he outro eu. 225.

Experiencia. Prova-ſe com a experiencia que não póde faltar Deos a quem o buſca : & ſe tal vez parece que falta Deos ao juſto : ou he, porque não he juſto : ou porq̃ quer Deos experimentar ſe o he. 229.

F

Fallar. OS milagres tambem fallaõ. 163.

Melhor he emmudecer com certeza da morte, que pedir com intereſſe da vida. 80.

Se no mundo não ſe fallaſſe, nem ſe viſſe, foraõ mais toleraveis as ſuas Cruzes. 92.

Fallar com eſcuta he mayor pena que não fallar. 78. 79.

Famoſos. Famoſos Varões Portuguezes indignamente tratados da ſua Patria. 285.

Fantaſma. Como ha fantaſmas que parecem remedios, aſſim ha remedios que parecem fantaſmas. 53.

Fazenda. Miniſtros que por poupar a fazenda perdem as acções glorioſas. 154.

Fè. Alcançar a Fè as vitorias, & pagar a infidelidade os ſoldos, he Chriſtandade politica. 56.

Quando naſce o filho prometido por Deos, naſce juntamente com elle a fè da promeſſa Divina. 32.

Fermoſura. Da fermoſura da Virgem ſe prova a pureza de ſua Conceiçaõ : refere-ſe hum famoſo caſo. 12.

Encarecimento da fermoſura dos olhos de Maria tal, que divertiriaõ a Chriſto do cuidado da ſalvação das almas. 8. 9. E podiaõ enſoberbecer ao meſmo Deos. 10.

Na fermoſura, & perfeiçaõ de Maria ſempre ha que ver, & que admirar de novo. 5.

Fermoſura da Virgem Maria comparada à Jeruſalem da terra ; & porque ? 4.

A fermoſura de Maria comparada com a Jeruſalem celeſte, porque he tam fermoſa, que viſta ſem Fè, ſe poderá adorar por Deos. 6.

Filho. A quem Deos não dá filho, nenhũa couſa lhe póde dar, porque tudo o que lhe der não he para elle, ſenão para outrem. 192.

Filhos. Grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos; & tal he a do noſſo Principe. 185.

Os Reynos, & os Imperios conſervaõ-ſe como em duas raizes em filhos, & filhas. 29.

Porque pertence ſó ao Eterno Padre o dar filhos. 199.

Os annos dos pays, & os dos filhos, todos ſãõ dos pays. 205.

Tudo o que Deos dá neſta vida, ſenão deu filhos, he como ſe o naõ dera. 192.

Boa he a fortuna do filho quinto. 186.

Filhas. Se em cinco filhos dous ſaõ do ſexo feminino, os cinco chamaõ-ſe ſete. 30.

Vide ſupra verbo *Filhos.* 29.

S. Franciſco. S. Franciſco pela abnegaçaõ deixou de ſer Franciſco, & pela transformação paſſou a ſer Chriſto. 268.

Frenes. Frenes donzella de Athenas accuſada; & julgada por livre da culpa por ſua fermoſura. 12.

G

Gabinete. AS batalhas daõ-ſe na campanha, as vitorias alcançaõ-ſe no gabinete. 154.

Gemeo. Como póde ſer parto gemeo o de hum ſó filho. 32.

Gigantes. Os que ſe defendem armados das ſuas fortificações, ainda que ſejaõ Pigmeos, em reſpeito dos outros homens ſaõ Gigantes. 156.

Gloria. O verdadeiro Capitaõ hade querer para ſi ſó a gloria da vitoria, & para os ſeus os deſpojos. 162.

Goſto. Na Cruz da Religiaõ, nem a vontade tem exercicio, nem o goſto tem uſo : & Chriſto na ſua

fua Cruz tinha gofto : *Cum guftaffet* : & tinha vontade: *Noluit bibere.* 85.

Guerra. De hum Miniſtro de pouca Fè, & verdade tal vez ſe podem diſſimular os furtos da fazenda ; mas os ſecretos da guerra de que depende a conſervaçaõ do Eſtado , por nenhum modo ſe lhe devem fiar. 154.

Nas guerras de Chriſto primeiro he o vencer que o pelejar. 157.

Paz ſem ſucceſſaõ he guerra. 197.

As guerras haõ-ſe de governar com o leme , & eſte leme he o conſelho. 154.

H

Haver. O Verdadeiro voto haſe de fundar no que he, & no que ha. 155.

Herege. Os Hereges crem pelos motivos de negar : & negaõ pelos motivos de crer. 340.

Prova-ſe com hum exemplo do Teſtamento Velho , & cõ outro do Teſtamento Novo. 331. 332.

Heregia. He Heregia condemnada na ſagrada Eſcritura dizer que Deos ſempre ſe poem da parte , onde ha mais moſqueteiros. 155.

Homem. Não ha para o homem couſa mais vil , que o meſmo homem. 343.

No *Te Deum laudamus* ſe daõ graças a Deos a dous coros : na terra os homens , no Ceo os Anjos. 183. E a eſte Coro pertencem os Avòs na alegria do naſcimẽto dos Netos. Ibid. Dous dias do juizo : hum em q̃ os homens haõ de ſer julgados ; outro, em que julguem. 68.

I

Idolatria. A Idolatria chegou a conhecer Divindade nos ventos , plantas , & animaes : & a obediencia dos Religioſos em hum eſpinheiro , em hũa tempeſtade chega a conhecer a Deos em ſua voz. 100.

Idolo. Quem adora a Idolatria, adora aos ſeus Idolos. 105.

Tam Idolatra era Raquel dos Idolos alheyos , como Labaõ dos proprios. 105.

Igualar. Iſaac , Joſeph , & Lazaro imitáraõ a Chriſto em ſua Paixaõ ; mas não o igualáraõ. 271.

Imagem. Hũa Imagem da Virgem noſſa Senhora , prègando-ſe em ſua preſença que fora concebida em peccado original , lançou a maõ ao manto , & cobrio

cobrio o roſto. 14.

Immortalizar. As vidas dos pays por meyo das vidas dos filhos ſe immortalizaõ. 215.

Impoſſivel. Quem chegou a temer impoſſiveis, chegou a amar quanto he poſſivel. 48.

Quem ama muito, atè perigos impoſſiveis teme. 48.

Infante. Nas meſmas terras, em que Caſtella enterrou dous Infantes, naſcèraõ outros dous a Portugal. 34.

Infidelidade. Alcançar a Fè as victorias, & pagar a infidelidade os ſoldos, he Chriſtandade politica. 56.

Inimigo. Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bẽs. 55.

Inſtrumento. As obras de Deos todas ſaõ boas: os inſtrumentos podem ſer máos, ou bons. 60.

Joaz. Joaz encuberto, & reſtituhido ao Reyno, que lhe pertencia com todas as circunſtãcias d'ElRey D. Joaõ o IV. 411.

Joaõ. S. Joaõ por força das palavras de Chriſto: *Mulier ecce filius tuus*, naſceo naquelle dia. 339.

Encomendou Chriſto ſua Mãy a S. Joaõ, para que ſubſtituhiſſe no officio a S. Joſeph defunto. 398.

Job. A mulher de Job foi a ſegunda Eva, & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.

Joſeph. Com quanta razaõ deve o Reyno de Portugal tomar por Protector de ſua conſervaçaõ a S. Joſeph. 412.

Encomendou Chriſto ſua Mãy a S. Joaõ, &c. Vide ſupra verbo, *Joaõ.* 368.

Os Planetas, que ſaõ Jozes para influirem beneficamente, haõde eſtar debaixo da terra. 401. 402.

Irmãa. A utilidade que tem nos Reynos duas irmandades, hũa de irmãos, outra de irmãs. 28.

Irmaõ. Vide ſupra verbo *Irmãa.* 28.

Irmandade. Vide ſupra verbo *Irmãa.* 28.

A Ley Eſcrita foi fundada em hũa irmãdade de dous irmãos: & a Ley da Graça em hũa de quatro. E porque? 27.

Irracionaes. A quem Deos ſuſtenta com a ſua maõ, quer que o ſirvaõ todas as creaturas racionaes, & irracionaes. 58. 59.

Ir. Todos queremos ir ao Ceo, & não queremos. 251.

Italia. Foi arrebatado S. Antonio da tempeſtade a Italia, para viver entre homens, diante dos quaes ſe pudeſſe luzir. 293.

Juizo. Dous dias do juizo: hum, em que os homens haõ de julgar, outro em que haõ de ſer julgados. 68.

Dous

Dous juizes da Cruz: hum, em que ha de ſer julgada; outro, em que ha de julgar. 69.70.

Juſto. Prova-ſe com a experiẽcia, que não póde faltar Deos a quem o buſca; & ſe tal vez parece que falta Deos ao juſto: ou he porque não hé juſto: ou porque quer Deos experimẽtar ſe o he. 229.

L

Ladraõ. CHriſto de tres ladroens converteo ſó hum, & S. Antonio de vinte & dous converteo todos. 431.

Compara-ſe Chriſto a Eſpoſo, & a Ladraõ: & porque? 39.

Ley. A Ley Eſcrita foi fundada em dous irmãos: a Ley da Graça em quatro. E porque? 27.

Berſabè tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria, por cuja fermoſura quebrou Deos todas as leys, a que eſtavaõ ſugeitos os filhos de Adaõ. 16. 17.

Leme. As guerras ſe haõ de governar com o leme, & eſte leme he o conſelho. 154.

Letra. Baſta hũa letra de hum Hereje, de hum Judeo, de hũ Turco, para entendermos, que nos não faltará couſa algũa; & não cremos o meſmo do que Deos nos promete com tantas eſcrituras. 224.

Levantar. Quando o Ceo anda prodigioſo, a huns deſce, & os poem a pè; a outros levanta, & os poem em coche. 38.

Lingua. Os outros membros ſaõ inſtrumentos do corpo: a lingra he inſtrumẽto da alma. 77.

Libertador. O Rey, que he libertador do Reyno, ſuſtenta-ſe do ſeu, & não do que he dos vaſſallos. 42.

Lodo. Santo Antonio fez que o lodo não enlodaſſe a hũa ſenhora; o que não fez Chriſto. 423. 424.

Luzir. Muy raros ſaõ os homens, diante dos quaes ſe poſſa luzir. 295.

Para luzir he neceſſario poupar. 36.

Luſitania. A mulher do Apocalypſe, veſtida de Sol, enigma da Luſitania. E porque? 287.

A Luſitania eſtá no Occidente do mundo, onde morrem todas as luzes do Ceo. 284.

Luz. No lugar, em que naſce a luz, não ha olhos, que a vejaõ. 308.

Hũa luz baſta para o remedio: para a ſegurança ſaõ neceſſarias muitas. 25.

Não ha luz tam illuſtre no mundo, que rão ande junta com as trevas. 279. 280.

Mal

M

Mal. TIrar as armas do inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens. 55.

Maldiçaõ. Todas as maldiçoes do mundo temporaes, & eternas foraõ cauſadas por hũa mulher: não alhea, mas propria. 120. 121.

O ouro, & prata ſaõ boa parte das maldiçoens. 119.

Ha conſelhos, que ſaõ maldiçoens. 119.

Manto. Porque deu Abimelech a Sara o preço de hum manto. 15. 16.

Hũa Imagem da Virgem noſſa Senhora, prègando-ſe em ſua preſença que fora concebida em peccado original, lançou maõ ao manto, & cubrio o roſto. 14.

Máo. Bons, & máos, todos podem ſervir a Deos. 61.

Maria. Da fermoſura da Virgem Maria ſe prova a pureza de ſua Conceiçaõ. Refere-ſe hum caſo famoſo. 12.

A fermoſura de Maria comparada com a Jeruſalem celeſte; porque he tam fermoſa, que viſta ſem Fè ſe póde adorar por Divina. 6.

Hũa Imagem da Virgem noſſa Senhora, prègando-ſe em ſua preſença que fora concebida em peccado original, lançou a maõ ao manto, & cobrio o roſto. 14.

Encarecimento da fermoſura dos olhos de Maria tal, que divirteriaõ a Chriſto do cuidado da ſalvaçaõ das almas. 8. 9. E podiaõ enſoberbecer ao meſmo Deos. 10.

A fermoſura da Virgem Maria comparada à Jeruſalem da terra. E porque? 4.

Deos na Conceiçaõ da Virgem começou pelo fim, iſto he, pela graça: & acabou pelo principio, iſto he, pela natureza. 2.

Na fermoſura, & perfeiçaõ de Maria ſempre ha que ver, & que admirar de novo. 5.

Marias. Quatro actos de perfeiçaõ, com que as Marias buſcáraõ a Chriſto. 118. & deinceps.

Maravilha. Varias ſemelhanças de S. Antonio ao Sacramento: & qual foi a mayor de todas. 149.

Martyrios. Prociſſaõ dos martyrios da Paixaõ repartidos por varios eſtados do mundo. 71.

Matrimonio. Razoens de ſer a mulher propria mais perniciosa ao homem que a alhea. 127.

Milagre. Para S. Antonio fazer milagres na ſua Patria, foi neceſſario ter outro naſcimento na Omnipotencia Divina. 305. 306.

Não

Não póde Chriſto na ſua Patria fazer milagre algum ; & porque? 301. 302.
Differença de Santo Antonio a Chriſto fazendo milagres por hum deſejo. 421. 422.
Os milagres tambem fallaõ. 163.
Os milagres de S. Antonio mayores que os de Chriſto ; porque S. Antonio obrava morto o que Chriſto obrava vivo. 419. 420.
Miguel. O Serafim S. Miguel prova-ſe que foi o q̃ imprimio as Chagas de S. Franciſco. 277.
Miniſtro. De hum Miniſtro de pouca Fè , & verdade tal vez ſe podem diſſimular os furtos da fazenda : mas os ſecretos da guerra, de que depende a conſervaçaõ do Eſtado , por nenhum modo ſe lhe devem fiar. 154.
Miniſtros ; que por poupar a fazenda perdem as acções glorioſas. 154.
Miſſa. Caſo notavel de hũa Miſſa dita a S. Antonio para ſe conſeguir hũa grande maldade. 151.
Mulher. Problema : Se ſaõ mais perniciosas as mulheres proprias , ou as alheas. 103. 104. 105.
Razoens porque a mulher propria he mais perniciosa ao homem, que alhea 127.
Caſtigos extraordinarios , & admiraveis , com que Deos deſtruhio as mayores potencias do mũdo por mulheres alheas : ou ſó porque o eraõ , ou tinhaõ ſido. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116.
Toda a mulher he Eva, & cauſa de todos os males. 122. 123.
Todas as maldiçoens do mundo temporaes , & eternas foraõ cauſadas por hũa mulher , não alhea, mas propria. 120. 121.
Em que ſe ſymboliza a mulher, & o vinho. 104.
Mais perniciosas ſaõ as mulheres alheas , que as proprias. 107.
Morte. Mais para temer he a reſurreiçaõ , que a morte. 166. E porque? 167.
Moſqueteiros. He hereſia condemnada na ſagrada Eſcritura dizer q̃ Deos ſempre ſe poem da parte , onde ha mais Moſqueteiros. 155.
Multidaõ. Multidaõ deſordenada he confuſaõ : ordenada , he exercito. 158.
Mundo. Offerece o demonio hum mundo por hũa alma , porque a conhece. 340.
Cuida o mundo que a Cruz da Religiaõ he muito pezada ; & a ſua he muito mais pezada. 8. 9.
Compara-ſe a Cruz de Chriſto com a Cruz da Religiaõ , & a

Cruz da Religiaõ com a Cruz do mundo. 72.

N

Naſcimento. QUando naſce o filho prometido por Deos, naſce juntamente com elle a Fè da promeſſa Divina. 32.

Nas meſmas terras, em que Caſtella enterrou dous Infantes, naſcèraõ dous a Portugal. 34.

Negar. Os Hereges crem pelos motivos de negar, & negaõ pelos motivos de crer. 340. Prova-ſe com hum exemplo do Teſtamento Velho, & com outro do Teſtamento Novo. 331. 332.

Netos. No *Te Deum laudamus*, ſe daõ graças a Deos a dous Coros: na terra os homens, no Ceo os Anjos. 183. E a eſte Coro pertencem os Avòs na alegria do naſcimento dos Netos. Ibid.

Nome. Os Antigos nos nomes, que deraõ aos Deoſes, ſe apreſſáraõ; devendo-os dar a outros, ſe eſperàraõ mais. 414.

O

Obediencia. A Idolatria chegou a conhecer Divindade nos ventos, plantas, & animaes: & a obediencia dos Religioſos em hum Eſpinheiro, & em hũa tempeſtade chega a conhecer a Deos em ſua voz. 100.

Obra. As obras de Deos todas ſaõ boas; os inſtrumentos podem ſer bons, & mãos. 60.

Occidente. A Luſitania eſtá no Occidente do mundo, onde morrem todas as luzes do Ceo. 284.

Olhos. As Chagas de S. Franciſco vem-ſe com os ouvidos, & ouvem-ſe com os olhos. 369.

Os olhos da enveja não vem as luzes, ſenão depois de apagadas. 313.

A enveja faz que os olhos, que vem o bem, não ſejão bós. 314.

Olhado. Os olhos da enveja nunca vem, ſem dar olhado. 315.

Olhar. Dar Deos hum filho varaõ a hũa geração eſteril, he o olhar, & ver de Deos. 33.

Omnipotencia. Começar pelos fins, & acabar pelos principios ſaõ primores da Omnipotencia Divina. 1.

Ordem. Multidaõ com ordem he exercito; ſem ordem, he confuſaõ. 158.

Ouro. O ouro, & prata ſaõ boa parte das maldições. 119.

Ouvidos. As Chagas de S. Franciſco vem-ſe com os ouvidos, & ouvem-ſe com os olhos. 369.

P

Padre. MAyor circunſtancia da Cruz da Religiaõ, que da Cruz de Chriſto, haver de entregar o eſpirito na maõ do Padre; mas eſte não ſer da propria eleição, ſenão aſſinalado por outrem. 88.

Paens. Batalha entre os cinco paens, & cinco mil homens, que Chriſto ſuſtentou com elles. 153.

Pay. Os homens, que ſaõ pays, tem duas vidas. 207.

As vidas dos pays por meyo da vida dos filhos ſe immortalizão. 205.

Os annos do pay, & os do filho, todos ſaõ do pay. 205.

Paõ. Remedio certo para ter paõ, & induſtria infallivel para ter muito. 216. Prova-ſe o primeiro com todas as Eſcrituras; & finalmente com a meſma experiencia. 218. 219.

A falta do paõ provem de que não ha quem o parta, & reparta com os pequenos. 160.

O cuidado de todos os homens he buſcar paõ para a boca. 211. 212.

Partir. Vide verbo *Paõ.* 160.

Parto. Os partos heroicos participaõ do mez decimo. 200.

A dor de não ter filhos he mayor que a dor do parto; & porque? 190

Como póde ſer parto gemeo o de hum ſó filho? 32.

Patria. Para S. Antonio fazer milagres na ſua Patria, foi neceſſario ter outro naſcimento na Omnipotencia Divina. 305.

Não pode Chriſto na ſua Patria fazer milagre algum: & porque? 301. 302.

No lugar, onde naſce a luz, não ha olhos, que a vejão. 308.

Paz. Paz ſem ſucceſſaõ he guerra. 192.

Pedir. A quem Deos dá ſucceſſaõ, não lhe reſta mais que pedir ao meſmo Deos. 196.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

Perigo. O mayor perigo he quando ſe teme o remedio. 53.

Quẽ teme os perigos poſſiveis, eſtá acautelado: quem teme os impoſſiveis, eſtá ſeguro. 50.

O verdadeiro zelo teme o perigo, & trata dos remedios. 46.

Perfeiçaõ. Quatro actos de perfeição, com que as Marias buſcárão a Chriſto. 172.

Peixes. Milagre dos peixes, com que S. Antonio converteo aos que o não querião ouvir: & Chriſto não converteo aos que tambem o não querião ouvir com a efficacia de ſuas palavras. 432. 433.

Pigmeos. Os que ſe defendem armados

mados das ſuas fortificaçoens, ainda que ſejão Pigmeos, a reſpeito dos outros homens ſaõ Gigantes. 156.

Planeta. Os Planetas, que ſaõ Jozes, para influirem beneficamente, hão de eſtar debaixo da terra. 401. 402.

Pobres. Quando o que ſe dá ao pobre cabe em hũa mão, o que ſe recebe, não cabe em duas. 230.

Portuguez. O primeiro Portuguez Thubal quer dizer, *Mũdanus*, ou *Orbis*; & porque? 187.

Portugal. O Reyno de Portugal com quanta razão deve tomar por Protector de ſua conſervação a S. Joſeph. 412.

Famoſos Varoens Portuguezes indignamente tratados na Patria. 285.

A terra de Portugal he como a terra de Promiſſaõ nas influẽcias, & em gerar Gigantes: mas tambem na deshumanidade de comer os que nella habitaõ. 288.

Poupar. Para luzir he neceſſario poupar. 36.

Prata. O ouro, & prata ſaõ boa parte das maldiçoes. 119.

Pratico. Haõ-ſe de conſultar os Praticos, poſto que ruſticos; porque ſabem o que os ſabios não podem adivinhar. 144.

Preceito. Acudimos á devação, & não ao preceito; porque na devação fazemos a propria vontade, & no preceito a de Deos. 176.

Primeiro ſe hade acudir ás obras de preceito, que às de devação. 175. 176.

Primeiro. Tem Deos por brazaõ; & honra de ſua juſtiça fazer dos primeiros ultimos, & dos ultimos primeiros. 185.

Primores. Tem Deos por primores de ſua Omnipotencia começar pelos fins, & acabar pelos principios. 1.

Primogenita. Em Deos primeiro he a Primogenita, que o Primogenito. 202.

Primogenito. Vide verbo *Primogenita.* 202.

Principe. Grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos, & tal he o noſſo Principe. 185.

Problema. Uſo antiquiſſimo de ſe proporem problemas nos convites. 102.

Problema: Se ſaõ mais perniciozas as mulheres proprias, ou as alheas. 103. 104. 106.

Prociſſaõ. Dos myſterios da Paixão repartidos por varios eſtados do mundo. 71.

Prodigio. Quando o Ceo anda prodigioſo, a huns poem a pè, a outros em coche. 38.

Promeſſa. Quando naſce o filho prometido por Deos, naſce junta-

juntamente com elle a Fè da promeſſa Divina. 32.

Propria. Razoens porque a muher propria he mais perniciosa ao homem, que a alhea. 127.

Provar. Em Deos não ha prover, ſem provar. 230.

Prover. Vide verbo *Provar.* 230.

Providencia. A quem Deos ſuſtenta com a ſua mão, quer que o ſirvaõ todas as creaturas racionaes, & irracionaes. 58. 59.

Q

Quatro. NUmero de quatro venturoſo. 27.

Quinto. Boa he a fortuna do filho quinto. 186.

R

Rachel. TAõ idolatra era Rachel dos Idolos alheyos, como Labaõ dos proprios. 105.

Racionaes. A quem Deos ſuſtenta com a ſua mão, quer que o ſirvaõ todas as creaturas racionaes, & irracionaes. 58. 59.

Rey. O Rey libertador ſuſtentaſe do ſeu, & não do que he dos vaſſallos. 42.

Se o Rey ſe deſpe, para que os ſoldados tenhaõ que jugar; quanto mais ſe deve deſpir, para que tenhão que comer. 41.

Porque não farão os vaſſallos pelo Rey, o que o Rey faz pelos vaſſallos. 41.

Os vaſſallos haõde dar ao Rey as capas dadas, & não tornalas a tomar. 40.

Entaõ reyna o Rey, quando os vaſſallos lhe fazem o throno das ſuas capas. 38.

Reyno. Os Reynos, & os Imperios conſervaõ-ſe como em duas raizes em filhos, & filhas. 29.

Religiaõ. Na Cruz de Chriſto eſteve a vontade livre: na Cruz da Religião eſtá o entendimento cativo. 86.

Compara-ſe a Cruz de Chriſto com a Cruz da Religião; & a Cruz da Religião com a Cruz do mundo. 72.

Cuida o mundo que a Cruz da Religião he muito pezada, & a ſua he muito mais pezada. 89.

A Cruz da Religião padece-ſe por Chriſto, & com Chriſto; & como Chriſto he a cauſa, & a companhia, iſſo a faz muito leve. 90.

A Cruz da Religião mais eſtreita que a dè Chriſto por quatro razoens. 73. 74.

Religioſo. Todo o Religioſo eſtá livre da vontade humana; & porque? 97.

O Religioſo em premio de ſe deſpir da propria vontade, a eſtá ſempre fazendo. 97.

Remedio. Como ha fãtaſmas, q̃ parecẽ remedios, aſſim ha remedios, q̃ parecem fantaſmas. 53.

O mayor perigo he, quando ſe teme o remedio. 53.

O verdadeiro zelo teme os perigos, & trata dos remedios. 46.

Repartir. A falta de paõ naſce de que não ha quem o reparta aos pequenos. 160.

Reſurreiçaõ. Todos havemos de reſuſcitar em virtude do Sacramento; que por iſſo ſe chama, *Semen reſurrectionis.* 140. 141.

Muito mais para temer he a reſurreiçaõ, que a morte.; & porque? 166. 167.

Quatro dotes glorioſos, com que Chriſto reſuſcitou. 170.

Devem temer, & tremer da Reſurreição de Chriſto, os que o offendem, & não os que o buſcaõ. 168.

Não ha couſa mais para temer neſta vida, que a certeza da reſurreição. 166.

Havemos de ficar tam differentes depois de reſuſcitados, que he neceſſario Fè para crer que ſeremos os meſmos. 169.

Chriſto no dia da ſua Reſurreição foi o Sol, que amanheceo de madrugada: & em todas as circunſtancias daquelle dia foi Sol. 165.

Mayores movimentos cauſou na terra a Reſurreição, que a morte de Chriſto. 167.

Reverencia. Nos templos dos Hereges ha reverencia, poſto que exterior, & não ha Sacramento, & nos dos Catholicos ha o Sacramento, & falta a reverencia. 153.

S

Sacramento. SAnto Antonio em muitos lugares no meſmo tempo, como Chriſto no Sacramento. 136.

Baſta que o merecimento do beneficio eſteja em alguns, para que Chriſto ſacramentado o communique a muitos. E baſta que eſteja em hum, para que o communique a todos. 143.

Chriſto no Sacramento eſtá dormindo. 137.

Do atrevimento dos homens, & do ſofrimento de Deos no Sacramento ſe confirma a Fè deſte myſterio. 325.

Em S. Antonio eſtá o Sacramẽto propriamente expoſto; porque S. Antonio he a expoſiçaõ do Santiſſimo Sacramento. 130. 131. 132.

Nos templos dos Hereges ha reverencia, poſto que exterior, & não há Sacramento; &

nos

honras com tam Real magnificencia, que em todas as quatro partes do mundo se póde ver a piramide da sua memoria: & se a sorte invejosa nolo quiz roubar ao nosso Emisferio, escondendo nos desertos da America este thesouro; V. Magestade o desenterra, para lhe mandar fabricar a sepultura em todo o mundo, porque só toda a terra he adequado tumulo para homem tam raro.

O Portuguez no parecer do Padre Vieyra he homem de todo o mundo; todo o mundo lhe deu o ser, porque todo o mundo he o seu berço, toda a terra a sua patria; & se tudo se resolve no seu principio, não será novidade, que em todo o mundo se veja a resoluçaõ do Padre Antonio Vieyra, quando todo o mundo para a estimaçaõ, deu o ser a este Portuguez illustre. No Sermaõ do *Te Deũ.*

Mais se conhece o Portuguez, dizia o Padre Vieyra, pelo lugar aonde morre, que pelo lugar aonde nasce: & para que o Padre Vieyra fosse conhecido como singular entre todos os Portuguezes, era justo, que pelos seus escritos vivesse em todo o mundo, para assim morrer em toda a terra. Sermaõ de S. Antonio. prègado em Roma.

Depois de morto levantáraõ em Roma para as exequias de Tullio duas urnas: hũa para as lagrimas dos que tinhaõ ouvido as suas vozes, & lido os seus escritos; outra para as cinzas em que se resolveo tanta eloquencia. Para o Padre Antonio Vieyra duas urnas he pouco tumulo, porque lhe contaremos as piras pelos corações aonde vivirá a sua saudade. A vida eterna, que mereciaõ as suas prendas, se eternizará na nossa dor, para viver perpetuamente nas saudades dos nossos suspiros.

Nos seus doze Tomos nos deixou doze fontes para as nossas lagrimas por hũa tal perda; mas em cada hũa destas fontes multiplicou Deos como no deserto de Helim as palmas: *Duodecim fontes, & septuaginta palmæ*; porque em cada hum dos Tomos se vem multiplicados os triunfos do Padre Vieyra. E se não foi novidade haver setenta palmas em doze fontes, menor admiraçaõ será em doze Tomos, fontes Exod. c. 15. n. 27

perennes da eloquencia, levantarem-se ão Padre Antonio Vieyra setenta triunfos. E se cada Tomo contèm quinze Sermões, multiplicando pelos Sermões as palmas, serão quinze os triunfos do Padre Vieyra em cada Tomo. Cada hũa das fontes do deserto, na opiniaõ de Hugo, eraõ os Sermões dos Prègadores: *Sunt Prædicatores, duodecim fontes Helim.* No Padre Vieyra as fontes da sua erudiçaõ, não foraõ doze Sermões, mas doze Tomos, porque se nos outros Prègadores, não passou de doze o numero dos seus Sermões mais celebres; no Padre Antonio Vieyra foraõ doze os Tomos dos seus Sermões.

Hug. in 4. Josue §. Moraliter.

Absalaõ para a sua memoria ainda vivo, levantou hum arco triunfal para perpetuar depois da morte a sua lembrança, & nelle gravou a sua maõ, para eternizar o seu nome: *Hoc erit monimentum nominis mei. Vocavitque titulum nomine suo, & appellatur Manus Absalom.* O Padre Antonio Vieyra para a sua maõ levantou doze piramides, porque em doze Tomos erigio a lembrança do seu nome, aonde nos deixou os admiraveis partos da sua penna. A sua maõ será sempre o seu titulo, porque vivirá eternamente na sua penna a memoria do seu nome. E se para a maõ de tam grande Principe, em Absalaõ bastou hum triunfo; para a penna de Antonio Vieyra foraõ necessarios doze Tomos, para lerem as idades futuras, os voos do seu juizo nos triunfos do seu nome.

2. Reg. cap. 18. n. 18.

Doze pedras mandou Josue levantar em o Jordaõ, & se estas doze pedras, no parecer de Hugo, eraõ a memoria de doze Prègadores: *Duodecim lapides, sunt duodecim Prædicatores*; quem não vè nos doze Tomos do Padre Vieyra, clamar hum só Prègador mais que os doze de Josue nas doze pedras do Jordaõ? Porque nestas a estabilidade proporcionava a voz à distancia; no Padre Antonio Vieyra se lhe ouve em todo o espaço a voz, porque em todo o mundo pela volubilidade dos Tomos lhe responde o ecco.

Hug. ubi sup.

As doze pedras do Racional, que tambem na sentença de Hugo saõ as vozes dos Prègadores, mais propriamente

Ubi sup.

saõ

saõ os doze Tomos deste Prègador insigne ; não só pörque todas foraõ preciosas , mas porque no peito do Summo Sacerdote tiveraõ toda a estimaçaõ , pois no juizo do Vaticano , foi o Padre Antonio Vieyra aquelle Orador Euangelico , em quem a verdade da doutrina Catholica fez irreprehensivel a sua sciencia. *Ob sanctatẽ doctrinæ* , disse em hũ Breve do P. Vieyra Clemẽt. X.

Aquellas doze Estrellas , que coroavaõ a mulher do Apocalypse , no commento de Hugo , significaõ as vozes dos Ministros do Euangelho ; mas com mayor propriedade symbolizaõ os doze Tomos deste admiravel homem , porque de semelhante argumento , não tem a Igreja Catholica de outros doze Tomos mais rica coroa. Hugo ubi sup.

Antigamente , diz o sagrado Texto , que era o Sermaõ precioso : *Sermo pretiosus* , porque era raro , diz Laureto : *Quia rarus.* O Padre Antonio Vieyra com o seu engenho pode tirar ao Sermaõ o ser raro , pois nos deixou doze Tomos ; mas não pode fazer com todo o seu engenho , que não fosse precioso o Sermaõ , porque em tam grande numero , soube unir o precioso , & mais o raro. 1. Reg. c. 3. n. 1.

O numero de doze em quem se comprehende toda a obra deste Orador admiravel , diz Laureto , he numero superfluo , porque he superabundante : *Numerus duodecimus est superfluus , quia superabundans.* O Padre Antonio Vieyra com os seus Sermões soube fazer o numero de doze eficaço , porque para o nosso desejo he ainda diminuto o numero de doze Tomos. Sylva. Allegor verb. 12.

O redundante do numero de doze , diz o mesmo Author , que para todos he afortunado : *Felix illa redundantia* ; mas se fallar do numero de doze em ordem aos Tomos do Padre Antonio Vieyra , he para nòs disgraçado este numero , porque para a nossa liçaõ desejaramos mais livros , & só entaõ se daria por satisfeita a nossa curiosidade , quando para cada instante tivessemos para o nosso ensino hum Tomo. Ibid.

Aonde chegou a voz de doze Apostolos repartida em doze bocas , chegou a voz deste Apostolo duvidida em doze Tomos. Esta voz , & aquella voz corrèraõ o mesmo espaço , porque

porque hũa, & outra ſe ouvio em todo o mundo: mas aquella foi voz de doze em doze, & eſta foi voz de doze em hum. Hũa voz em cada hum dos doze não prègou em todo o mundo, nem a voz de hum ſó ſe ouvio em toda a terra. Do Padre Antonio Vieyra ouvio-ſe em todo o mundo a meſma voz, porque foi a meſma em cada hum Tomo, & prègou com a meſma em cada hum livro. Nos Apoſtolos ouvia cada hum a ſua voz, mas ſó ouviaõ eſta aquelles, a quem elles prègavaõ: deſte Apoſtolo todos ouvíraõ a meſma voz, & a meſma lingua, tanto os que ouviaõ, como os que não ouviaõ: os que ouviaõ, porque na ſua lingua articulava; os que não ouviaõ, porque no ſeu idioma o leraõ.

Os Padres da Companhia em Portugal ſe chamaõ Apoſtolos.

Aos doze Apoſtolos cuſtoulhes a vida a ſua prègaçaõ: & a eſte Apoſtolo não cuſtou menor preço a ſua prègaçaõ, que a ſua vida. Morreo com eſte ultimo Tomo nas mãos o Padre Antonio Vieyra; mas ſe eſte perfeito Religioſo na vida, foi hum Sermaõ vivo, ou pelo heroico exemplo das ſuas virtudes, ou pela ſingular reſoluçaõ do ſeu deſengano, como o não havia de colher a morte entre mãos com os ſeus Sermões? Se cada hum morre, como vive, o Padre Vieyra para morrer como viveo, devia morrer como morreo.

Juſtamente eſte ſeu ultimo Tomo devia ſer o ſeu Benjamin, porque foi o ſeu ultimo parto. Mas ſe para o Padre Antonio Vieyra eſte Tomo foi o ſeu ditoſo filho: *Benjamin, id eſt, filius dexteræ*, porque o tresladou do deſterro para a Patria; para nòs foi, & ſempre ſerá filho infelice, porque o levou da vida para a morte.

Gen. c. 35. n. 18

O duodecimo filho de Jacob, foi para a mãy o filho da ſua dor, porque a deixou morta: *Filius doloris*; para o pay, com tudo, foi o ſeu filho ditoſo, porque o deixou vivo: *Filius dexteræ*. O Benjamin do Padre Antonio Vieyra foi eſte Tomo; porque foi o ſeu duodecimo filho: mas ainda que foi filho da ſua dor, porque a ſua geraçaõ lhe cuſtou a vida; foi tambem filho da ſua bençaõ: *Filius dexteræ*, porque nelle ſatisfez a palavra dos ſeus doze Tomos. E he couſa, que póde cauſar

Ibid.

grande

nos dos Catholicos ha Sacramento, & falta a reverencia. 135.
O Sacramento fempre, & para todos he vida, & para nenhum morte. 146.
Quanto a authoridade do Sacramento perde de refpeito, tanto a Fè ganha de authoridade. 327.
Todos havemos de refufcitar em virtude do Sacramento; & por iffo fe chama, *Semen refurrectionis.* 140. 141.
Varias femelhanças de S. Antonio ao Sacramento; & qual foi a mayor de todas. 149.
'aude. Para receber de Chriſto a ſaude, era neceſſario tocar a Chriſto; para a receber de S. Antonio, baſtava deſejala. 419.
egurança. Quem teme os perigos poſſiveis, eſtá acautelado: quem teme os impoſſiveis, eſtá ſeguro. 50.
O melhor meyo de conſervar a ſeguridade, he temela. 50.
Hũa luz baſta para o remedio; para a ſegurança ſaõ neceſſarias muitas. 25.
Hum ſó ſucceſſor he eſtado perigoſo, & não ſeguro. 26.
melhança. Varias ſemelhanças de S. Antonio com o Sacramento, & qual foi a mayor de todas. 149.
ntidos. Antes de S. Antonio vir ao mundo, era o Sacramento ſó myſterio de Fè: depois de S. Antonio, he tambem myſterio dos ſentidos. 133. 134.
Serpente. A Serpente de Moyſes dava ſaude ſó pela viſta: Chriſto pelo tacto: S. Antonio pelo deſejo. 419. 420.
Servir. Servir a Deos com offenſa de Deos, não he ſervilo, he offendelo. 126.
Não ſervimos a Deos, porque tenha neceſſidade de nòs, ſenão porque nòs temos neceſſidade de o ſervir a elle. 144.
Sete. Se em cinco filhos, dous ſaõ do ſexo feminino, os cinco chamaõ-ſe ſe ſete. 30.
Silencio. He tam grande tormento o callar, que calla atè os oſſos. 75.
Melhor he emmudecer com certeza da morte, que pedir com intereſſe da vida. 80.
Fallar com eſcuta he mayor pena, que callar. 78. 79.
Saõ mais exceſſivos os rigores do ſilencio, que os da morte. 76.
Sinco. Se em ſinco filhos dous ſaõ do ſexo feminino, os ſinco chamaõ-ſe ſete. 30.
Sol. Chriſto no dia da ſua Reſurreição, foi o Sol, que amanheceo de madrugada. E em todas as circunſtancias daquelle dia foi Sol. 165.
Os moradores do Atlante amaldiçoaõ

diçoaõ ão Sol, quando naſce, & quando ſe poem. 292.

Soldados. Se o Rey ſe deſpe para que os ſoldados tenhaõ que jugar; quanto mais ſe deve deſpir, para que tenhaõ que comer. 41.

Sombra. Não ha luz tam illuſtre que no mundo não ande junta com as ſombras. 279.

Succeſſaõ. Paz ſem ſucceſſaõ he guerra. 197.

A quem Deos dá ſucceſſaõ, não lhe reſta mais que pedir ao meſmo Deos. 196.

Succeſſor. Hum ſó ſucceſſor he eſtado perigoſo, & não ſeguro. 26.

T

Te Deum. NO *Te Deum laudamus* ſe daõ graças a Deos a dous coros: na terra os homens, no Ceo os Anjos. 183.

E a eſte coro pertencem os Avòs, na alegria do naſcimento dos Netos. Ibid.

Temor. Devem temer, & tremer da Reſurreiçaõ de Chriſto, os q̃ o offendem; mas não os que o buſcaõ. 168.

O melhor meyo de conſervar a ſeguridade, he temela. 50.

Para a conſervaçaõ ſaõ mais ſeguras as raizes do temor, que as da eſperança. 44.

Não ha couſa mais para temer neſta vida, que a certeza da reſurreiçaõ. 166.

Eſpera quem ſerve, teme quem ama. 44. 45.

Tentaçaõ. As meſmas tentações, que nos ſervem de ruina, nos podem ſervir de exemplo. 339.

Terra. Mayores movimẽtos cauſou na terra a Reſurreiçaõ, que a morte de Chriſto. 162.

Terra de Promiſſaõ. A terra de Portugal he como a terra de Promiſſaõ nas influencias, & em gerar Gigantes: mas tambem na deshumanidade de comer ſeus habitadores. 288.

Thubal. O primeiro Portuguez Thubal quer dizer, *Mundanus*, ou *Orbis.* 187.

Tobias. A mulher de Job foi a ſegunda Eva, & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.

Tochas. Porque manda Chriſto que os ſervos do Euangelho eſtejaõ todos com as tochas acezas nas mãos? 25.

Remedio para ſuſtentar as tochas apertar os cintos. 35.

Tyranno: O mayor tyranno do mundo he a vontade propria. E porque? 96.

V

Vaſſalio. POrque não farão os vaſſallos pelo Rey, o que

que o Rey faz pelos vaſſallos. 41.
Vencer. Nas guerras de Chriſto primeiro he o vencer, que o pelejar. 152.
Ver. Dar Deos hum filho varaõ a hũa geraçaõ eſteril, he o olhar, & o ver de Deos. 33.
Se no mundo não ſe fallaſſe; nem ſe viſſe, foraõ mais toleraveis as ſuas Cruzes. 91.
O que vendo-ſe todo não póde deixar de parecer bem; viſto ſó por algum lado, póde parecer mal. 316.
Vida. O Sacramento ſempre, & para todos he vida, & para nenhum morte. 146.
Mayor tormento he carecer da viſta, que da vida. 82. 83. 84.
Os homens, que ſaõ pays, tem duas vidas. 207.
Vileza. Não ha para o homem couſa mais vil, que o meſmo homem. 343.
Vinho. Em que ſe ſymboliza a mulher, & o vinho. 104.
Ultimo. Tem Deos por brazaõ, & honra de ſua juſtiça fazer dos primeiros ultimos; & de ſua grandeza, fazer dos ultimos primeiros. 185.
Vontade. O Religioſo em premio de ſe deſpir da propria vontade, a eſtá ſempre fazendo. 97.
O mayor tyranno do mundo he a propria vontade. 96.
Mayor cativeiro he eſtar ſugeito à vontade propria, que à alhea. 25.
Mayor ſacrificio he cativar o entendimento, que ſugeitar a vontade. 86. 67.
Todo o Religioſo eſtá livre da vontade humana; & porque? 97.
Na Cruz da Religiaõ nem a vontade tem exercicio, nem o goſto tem uſo; & Chriſto na ſua Cruz, teve goſto: *Cùm guſtaſſet*; & teve vontade: *Noluit bibere.* 85.
Voto. O voto verdadeiro ha-ſe de fundar no que he, & no que ha. 155.

Z

Zelo. O Verdadeiro zelo teme os perigos, & trata dos remedios. 46.
O zelo póde ſer muito bom, & póde enganar-ſe. 52.

FINIS.

68-339
R. B. Rosenthal
3-25-68

LISBOA,
Na Officina de MIGVEL DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade.
M·DC·XCIX·

CA679
V657h
12